STEPHEN
KING
duma key
N

STEPHEN
KING
duma key

STEPHEN

KING

Tradução

Fabiano Morais

Para Barbara Ann e Jimmy

A memória... é um rumor interno.

— GEORGE SANTAYANA

Há mais na vida do que amor e prazer,

Eu vim aqui em busca de tesouro.

Se você quiser jogar, precisa pagar

Você sabe que sempre foi assim,

Todos estamos em busca de tesouro.

— SHARK PUPPY

Como fazer um desenho (I)

Comece com uma superfície em branco. Não precisa ser papel ou tela, mas acredito que deva ser branca. Chamamos de branco porque precisamos de uma palavra, porém o verdadeiro nome é nada. O preto é a ausência de luz, já o branco é a ausência de memória, a cor da não lembrança.

Como nos lembramos de lembrar? Eis uma pergunta que venho fazendo a mim mesmo desde o tempo que passei em Duma Key, geralmente nas primeiras horas da madrugada, com os olhos erguidos para a ausência de luz, recordando amigos ausentes. Nessas horas, às vezes eu penso no horizonte. É preciso delimitá-lo. Marcar o branco. Um ato bastante simples, você diria. No entanto, qualquer ato que recria o mundo é heroico. Ou pelo menos foi nisso que eu passei a acreditar.

Imagine uma garotinha, praticamente um neném. Ela caiu de uma carrocinha quase noventa anos atrás, bateu com a cabeça em uma pedra e se esqueceu de tudo. Não apenas seu nome; tudo! Então, um dia se recordou do suficiente para pegar um lápis e fazer aquele primeiro traço hesitante no papel. Um horizonte, sem dúvida. Mas também uma festa através da qual a escuridão poderia vazar.

Imagine ainda aquela mãozinha erguendo o lápis... hesitando... e finalmente riscando o branco. Imagine a coragem desse primeiro esforço para reconstruir o mundo através de um desenho. Eu sempre amarei essa garotinha, apesar de tudo o que ela me custou. É meu dever. Não tenho escolha.

Desenhos são mágicos, como você bem sabe.

1 - Minha outra vida

i

Meu nome é Edgar Freemantle. Eu costumava ser um figurão no ramo de construção. Isso foi em Minnesota, na minha outra vida. Aprendi esse negócio de minha-outra-vida com Wireman. Quero lhes contar sobre Wireman, mas primeiro vamos cuidar da parte de Minnesota.

Não vou mentir: fui um genuíno jovem americano de sucesso lá. Suei a camisa para subir na empresa em que comecei e, quando não tinha mais para onde subir, caí fora e abri meu próprio negócio. O chefe da firma que abandonei riu da minha cara e falou que dali a um ano eu estaria falido. Acho que é isso que a maioria dos chefes diz quando um jovem fenômeno decide tentar a própria sorte.

Para mim, deu tudo certo. Durante o *boom* da região de Minneapolis-St. Paul, a Companhia Freemantle foi pelo mesmo caminho. Na época das vacas magras, nunca tentei apostar alto. Mas apostei nos meus palpites, e a maioria rendeu bons frutos. Quando cheguei aos 50, Pam e eu valíamos 40 milhões de dólares. E ainda nos dávamos bem. Tínhamos duas filhas e, no final da nossa Era Dourada particular, Ilse estava na Universidade de Brown e Melinda lecionava na França, como parte de um programa de intercâmbio. Quando as coisas deram errado, minha mulher e eu estávamos planejando ir visitá-la.

Eu sofri um acidente em um canteiro de obras. Foi muito simples; quando uma picape — mesmo sendo uma Dodge Ram com tudo o que tem direito — discute com um guindaste do tamanho de um prédio de 12 andares, a picape sempre vai sair perdendo. O lado direito do meu crânio apenas rachou. O esquerdo foi jogado com tanta força contra o batente da porta da Ram que sofreu fraturas em três lugares. Ou talvez cinco. Minha memória está bem melhor agora, mas ainda muito longe de ser o que já foi um dia.

Os médicos chamaram o que aconteceu com a minha cabeça de lesão de contragolpe, e esse tipo de coisa geralmente causa mais dano do que o impacto original. Minhas costelas quebraram. Meu quadril direito foi estilhaçado. E, embora tenha mantido setenta por cento da visão do meu olho direito (mais, em um dia bom), perdi o braço direito inteiro.

Eu deveria ter perdido a vida, mas não perdi. Deveria ter ficado mentalmente comprometido graças ao tal contragolpe e, a princípio, fiquei — mas passou. Mais ou menos. Quando melhorei, minha mulher já havia me deixado, e ela não foi "mais ou menos" embora. Fomos casados por 25 anos, mas é como dizem: de vez em quando dá merda. Acho que não tem importância; não adianta chorar pelo leite derramado. E acabou, já era. Às vezes, isso é uma boa coisa.

Quando digo que fiquei mentalmente comprometido, quero dizer que, no começo, eu não sabia quem eram as pessoas — nem minha mulher — ou o que tinha acontecido. Não entendia por que estava sentindo tanta dor. Agora, quatro anos depois, não me lembro que tipo de dor ela era. Sei que a sofri e que era excruciante, mas isso soa teórico demais. Na época, não foi nada teórico. Foi como estar no inferno sem ter ideia de onde se está.

Primeiro, o seu medo é de morrer, depois, é de continuar vivo. É o que diz Wireman, que pode falar de cadeira; ele teve sua própria temporada no inferno.

Tudo doía o tempo todo. Eu sentia uma dor de cabeça permanente, retumbante; atrás da minha testa, era sempre meia-noite na maior relojoaria do mundo. Uma vez que meu olho direito estava ferrado, eu via o mundo através de uma película de sangue — e mal sabia o que era o mundo. Lembro-me de um dia em que Pam estava no quarto — eu ainda estava no hospital —, parada do lado da minha cama. Eu estava puto da vida por ela estar de pé quando havia algo em que podia se sentar bem ali.

— Traz a amiga — disse eu. — Senta na amiga.

— Do que você está falando, Edgar? — perguntou ela.

— A *amiga,* a *colega*! — gritei. — Traz a porra da *companheira* pra cá, sua piranha zurra! — Minha cabeça me matava e ela estava começando a chorar. Eu a odiei por isso. Pam não tinha nada que chorar, porque não era ela que estava dentro da gaiola, vendo tudo através de um borrão vermelho. O macaco na gaiola não era ela. E então, me ocorreu: "Traz a *chaleira* e senta o *ralo*!" Foi o mais perto que meu cérebro embaralhado e fodido conseguiu chegar de cadeira.

Eu passava o tempo todo irritado. Havia duas enfermeiras velhas que eu chamava de Xereca Seca Um e Xereca Seca Dois, como se fossem personagens de um conto do dr. Seuss, versão pornô. Havia também uma enfermeira gostosa que eu chamava de Pilch Lozenge — não faço ideia do porquê, mas este apelido também tinha uma espécie de conotação sexual. Para mim, pelo menos. Quando fiquei mais forte, comecei a tentar bater nas pessoas. Tentei esfaquear Pam duas vezes e, em uma delas, consegui, embora apenas com uma faca de plástico. Ainda assim, ela precisou levar uns dois pontos no antebraço. Em alguns momentos, eu precisava ser amarrado ao leito.

Eis do que me lembro com mais clareza da minha outra vida: uma tarde quente, perto do fim da minha estada de um mês em uma casa de repouso cara, com o ar-condicionado caro quebrado, amarrado na minha cama, com uma novela passando na tevê, mil sinos badalando a meia-noite na minha cabeça, a dor queimando e enrijecendo meu lado direito como um atiçador de lareira, meu braço perdido coçando, meus dedos perdidos da mão direita se contorcendo, a próxima dose de oxicodona ainda longe (não sei quanto tempo mais, pois sou incapaz de ler relógios) e, então, uma enfermeira que sai nadando de dentro do vermelho, uma criatura vindo observar o macaco na gaiola, e diz:

— O senhor está pronto para receber uma visita da sua esposa?

Ao que respondo:

— Só se ela tiver trazido uma arma para atirar em mim.

Você não imagina que uma dor daquelas vá passar, mas ela passa. Então, eles o mandam para casa e a substituem pela agonia da reabilitação física. O vermelho começou a sumir da minha vista. Um psicólogo especializado em hipnoterapia me ensinou alguns truques ótimos para lidar com as dores fantasmas e as coceiras no meu braço perdido. O nome dele era Kamen. Foi Kamen quem me trouxe Reba: uma das poucas coisas que levei comigo quando saí mancando da minha outra vida para adentrar a que vivi em Duma Key.

— Esta não é uma terapia de controle da raiva aprovada — falou o dr. Kamen, embora eu imagine que tenha mentido para tornar Reba mais atraente. Ele me disse que eu deveria lhe dar um nome detestável, de modo que, embora ela se parecesse com Lucy Ricardo, eu a

batizei em homenagem a uma tia que costumava beliscar meus dedos quando eu era pequeno se eu não comesse toda a minha cenoura. Então, menos de dois dias depois de ser apresentado a ela, esqueci seu nome. Só conseguia pensar em nomes masculinos, cada um me deixando mais irado do que o outro: Randall, Russell, Rudolph, o merda do River Phoenix.

Àquela altura, eu já estava em casa. Pam chegou com meu lanche da manhã e deve ter visto a expressão no meu rosto, pois eu notei que ela estava se preparando para uma explosão. Porém, embora tivesse esquecido o nome da bonequinha fofa e vermelha que o psicólogo me dera para extravasar minha raiva, me lembrei de como deveria usá-la naquela situação.

— Pam — falei —, preciso de cinco minutos para me controlar. Eu vou conseguir.

— Tem certeza...

— Tenho, agora tire essa gororoba daqui e vá atochar sua maquiagem. Eu vou conseguir.

Não sabia ao certo se conseguiria, mas era o que eu devia falar. Não me lembrava do nome da porra da boneca, mas me lembrava deste *Eu vou conseguir.* Isso é uma coisa clara sobre o final da minha outra vida: eu dizia o tempo todo *Eu vou conseguir,* mesmo quando sabia que não era verdade, mesmo quando sabia que estava fodido, duas vezes fodido, fodido até o cu fazer bico no meio do temporal.

— Eu vou conseguir — falei, e só Deus sabe como estava a minha cara, pois ela recuou sem dizer uma palavra, com a bandeja ainda nas mãos e a xícara tilintando contra o prato.

Depois que ela foi embora, segurei a boneca de frente para o meu rosto, olhando bem dentro dos seus olhos azuis imbecis enquanto meus polegares se afundavam no seu corpo submisso igualmente imbecil.

— Qual o seu nome, sua puta com cara de morcego? — gritei com a boneca. Nem me passou pela cabeça que Pam pudesse estar escutando aquilo no interfone da cozinha, ela e a enfermeira diurna. Mas, acredite, se o interfone da cozinha estivesse quebrado, elas teriam me ouvido por detrás da porta. Minha voz estava boa naquele dia.

Comecei a chacoalhar a boneca para a frente e para trás. Sua cabeça sacudia e seu cabelo sintético estilo *I Love Lucy* esvoaçava. Seus olhos azuis grandes, cartunescos, pareciam dizer *Aaiii, seu malvado!,* como Betty Boop em um daqueles desenhos animados antigos que ainda passam de vez em quando na tevê a cabo.

— Qual o seu nome, vadia? Qual o seu nome, sua piranha? Qual o seu nome, sua puta imprestável recheada de trapos? Me diga o seu nome! Me diga o seu nome! Me diga o seu nome ou eu arranco seus olhos, corto fora o seu nariz e rasgo a sua...

Então, minha mente fez uma interseção, coisa que acontece até hoje, quatro anos depois, aqui na cidade de Tamazunchale, estado de San Luis Potosí, no México, local da terceira vida de Edgar Freemantle. Por um instante, eu estava na minha picape, a prancheta tamborilando contra minha velha marmita de aço no vão para os pés do carona (duvido que eu fosse o único milionário na ativa dos Estados Unidos a carregar uma marmita, mas provavelmente não passávamos de algumas dezenas), meu PowerBook ao meu lado no banco. E, no rádio, a voz de uma mulher gritava "*Era VERMELHO!*" com fervor evangélico. Apenas duas palavras, mas elas foram o suficiente. Era aquela canção sobre uma mulher pobre que coloca a filha para se prostituir. "Fancy", de Reba McEntire.

— Reba — sussurrei, apertando a boneca contra o meu corpo. — Seu nome é Reba. Reba-Reba-Reba. Nunca me esquecerei novamente. — Acabei esquecendo, na semana seguinte, mas, dessa vez, não fiquei com raiva. Não. Eu a abracei como se amasse aquela coisinha, fechei os olhos e visualizei a picape que tinha sido demolida no acidente. Visualizei minha marmita de aço tamborilando contra o prendedor de aço da prancheta e a voz da mulher surgiu novamente do rádio, exultando com aquele mesmo fervor evangélico: *“Era VERMELHO!”*

O dr. Kamen chamou isso de um avanço. Ficou entusiasmado. Minha mulher pareceu bem menos entusiasmada do que ele, e o beijo que dava na minha bochecha era do tipo burocrático. Se não me engano, dois meses depois ela me disse que queria o divórcio.

ii

Àquela altura, a dor tinha diminuído ou minha mente fizera alguns ajustes cruciais no que dizia respeito a como lidar com ela. As dores de cabeça continuavam, porém eram menos frequentes e raras vezes tão violentas quanto antes; já não era mais *sempre* meia-noite na maior relojoaria do mundo entre meus ouvidos. Eu estava sempre mais do que preparado para o Vicodin das cinco e a oxicodona das oito — mal conseguia andar com minha muleta canadense vermelho-viva antes de engolir esses comprimidos mágicos —, mas meu quadril reconstruído estava começando a sarar.

Kathi Green, a Rainha da Reabilitação, vinha até a Casa Freemantle em Mendota Heights às segundas, quartas e sextas. Eu podia tomar um Vicodin extra após as nossas sessões e meus gritos ainda ecoavam pela casa depois que terminávamos. Nossa sala de jogos no porão foi transformada em uma suíte para terapia, com direito a uma banheira com água quente adaptada para deficientes. Após dois meses de tortura, já conseguia descer até lá sozinho à noite para exercitar minhas pernas e começar a fazer alguns abdominais. Kathi dizia que umas duas horas daquilo antes de ir para a cama liberariam endorfina e me fariam dormir melhor.

Foi durante uma dessas noites de exercício — Edgar em busca daquelas fugazes endorfinas — que a mulher que era minha esposa há um quarto de século desceu para me dizer que queria o divórcio.

Parei o que estava fazendo — abdominais — e a encarei. Eu estava sentado numa esteira. Ela estava parada ao pé da escada, cautelosamente do outro lado do porão. Eu poderia ter perguntado se ela estava falando sério, mas a luz lá embaixo era muito boa — aquelas lâmpadas fluorescentes enfileiradas — e não houve necessidade. De qualquer forma, não acho que uma mulher brincaria com esse tipo de coisa seis meses depois de seu marido quase morrer em um acidente. Poderia ter lhe perguntado o motivo, mas eu sabia. Conseguia ver a pequena cicatriz branca no braço, em que eu a esfaqueara com a faca de plástico da minha bandeja de jantar, lá no hospital — e, na verdade, isso foi café pequeno. Lembrei daquela vez, pouco tempo antes, em que lhe falei para tirar aquela gororoba dali e ir atochar a maquiagem. Pensei em pedir a ela que pelo menos reconsiderasse, mas então a raiva voltou. Naquela época, o que o dr. Kamen chamava de *raiva inadequada* era minha amiga infame. E, bem, o que eu senti naquele instante não me pareceu nem um pouco inadequado.

Eu estava sem camisa. Meu braço direito terminava 7,5 centímetros depois do ombro. Eu fiz um espasmo em direção a ela — aquilo era o máximo que eu conseguia fazer com o músculo que sobrara.

— Isto sou eu — falei —, mostrando o dedo do meio para você. Dê o fora daqui se é assim que se sente. Dê o fora, sua picanha traidora.

As primeiras lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto, porém ela tentou sorrir. Foi uma tentativa bastante medonha.

— Piranha, Edgar — disse ela. — A palavra é *piranha.*

— A palavra é a que eu bem entender — falei, voltando aos abdominais. É difícil pra diabo fazê-los sem um braço; seu corpo fica querendo puxar e enroscar você para o lado coxo. — Eu não teria deixado *você,* a questão é essa. Eu não teria deixado *você.* Teria enfrentado a lama, o sangue, o mijo e a cerveja derramada por sua causa.

— É diferente — disse ela, sem fazer menção de limpar o rosto. — É diferente e você sabe disso. Eu não poderia partir você em dois se tivesse um acesso de raiva.

— Eu teria um trabalho dos infernos para quebrar você em dois com um braço só — falei, aumentando a velocidade dos abdominais.

— Você me esfaqueou. — Como se essa fosse a questão. Não era, e nós dois sabíamos disso.

— Com um raio de uma faca de plástico. Eu estava praticamente louco e essas vão ser suas últimas palavras na porra do seu peito de sorte: "Eddie me esfafeou com uma fafa de plástico, adeus mundo cruel."

— Você me estrangulou — disse ela em uma voz que eu mal conseguia escutar.

Parei de fazer abdominais e a encarei, boquiaberto. A relojoaria disparou na minha cabeça.

— Como assim estrangulei você? Eu nunca fiz isso!

— Sei que você não se lembra, mas estrangulou, sim. E você não é mais o mesmo.

— Ah, corta essa. Guarde essa baboseira New Age para o... aquele cara... o seu... — Eu sabia a palavra e conseguia visualizar o homem a que ela se referia, mas ela não me vinha à cabeça. — Para aquele careca de merda com quem você se consulta.

— Meu analista — disse ela, e é claro que aquilo me deixou mais nervoso: ela tinha a palavra e eu não. Porque seu cérebro não tinha sido chacoalhado como uma gelatina.

— Se você quer o divórcio, vá em frente. Jogue tudo fora, por que não? Só vá dar uma de jacaré em algum outro lugar. Caia fora daqui.

Ela subiu a escada e fechou a porta sem olhar para trás. E somente depois de Pam ter ido embora eu notei que minha intenção tinha sido dizer lágrimas de crocodilo. Vá chorar suas lágrimas de crocodilo em algum outro lugar.

Bem, fazer o quê? Já dava pro gasto, como diz Wireman.

E quem acabou indo embora fui eu.

iii

Com a exceção de Pam, eu nunca tive sócios na minha outra vida. As Quatro Regras para o Sucesso de Edgar Freemantle (sinta-se livre para anotar): nunca peça emprestada uma quantia cem vezes maior do que o seu QI; nunca pegue dinheiro emprestado com um homem que chama você pelo primeiro nome em um primeiro encontro; nunca beba enquanto o sol ainda está no céu; e *nunca* seja sócio de alguém que você não gostaria de abraçar nu em um colchão d'água.

Eu tinha, no entanto, um contador no qual confiava, e seu nome era Tom Riley. Foi ele quem me ajudou a transferir as poucas coisas de que eu precisava de Mendota Heights para nossa casa menor em Lake Phalen. Tom, que já saíra perdendo duas vezes no jogo do casamento, se preocupou comigo desde o início.

— Numa situação dessas, você não pode desistir da casa — falou ele. — A não ser que o juiz te expulse aos pontapés. É como desistir do mando de campo em uma final de campeonato.

Não me importava com o mando de campo; só queria que ele dirigisse com mais cuidado. Eu me encolhia todas as vezes que um carro vindo na direção oposta parecia se aproximar um pouco demais da faixa central. Às vezes, eu ficava tenso e pisava no freio invisível do passageiro. Quanto a mim, a ideia de me aventurar atrás do volante novamente nunca me soou muito bem. É claro que Deus adora surpresas. Como diz Wireman.

Kathi Green, a Rainha da Reabilitação, havia se divorciado apenas uma vez, porém ela e Tom estavam na mesma sintonia. Eu me lembro dela sentada de pernas cruzadas com sua malha de ginástica, segurando meu pé e olhando para mim com uma indignação grave.

— Aqui está você, recém-saído do Motel da Morte, com um braço a menos. E ela quer pedir as contas, porque você meteu uma faca de plástico nela quando mal conseguia se lembrar do próprio nome? Que porra é essa? Ela não entende que mudanças bruscas no humor e perda de memória são *comuns* no pós-trauma?

— O que ela entende é que está com medo de mim.

— Ah, é? Bem, então ouça o que eu vou lhe dizer: se você arranjar um bom advogado, pode fazê-la pagar por ser tão covarde. — Um pouco de cabelo escapou do seu rabo de cavalo estilo Centro Gestapo de Reabilitação e ela o soprou de cima da testa. — Ela *tem* que pagar por isso. Leia os meus lábios: *nada disso é culpa sua.*

— Segundo ela, eu tentei estrangulá-la.

— Mesmo que seja verdade, ser estrangulada por um inválido de um braço só deve ter sido uma experiência de molhar as calças. Qual é, Eddie, faça essa mulher pagar. Tenho certeza de que estou me metendo onde não sou chamada, mas não me importo. Ninguém deveria fazer o que ela está fazendo.

— Acho que tem algo mais além desse negócio de estrangulamento e do episódio da faca de plástico.

— O quê?

— Não consigo me lembrar.

— O que *ela* diz?

— Nada. — No entanto, eu e Pam estávamos juntos há um bom tempo e, mesmo que o amor tivesse desembocado em um delta de aceitação passiva, eu achava que ainda a conhecia bem o suficiente para saber que, sim, havia algo mais, *ainda* havia algo mais, e era daquilo que ela queria fugir.

iv

Pouco depois de eu me instalar na casa de Lake Phalen, as meninas vieram me visitar; digo, as jovens. Elas me trouxeram um cesto de piquenique. Nós nos sentamos na varanda, que cheirava a pinheiros, olhamos para o lago e mordiscamos nossos sanduíches. O Dia do Trabalho já havia passado àquela altura e a maioria dos brinquedos flutuantes já tinha sido guardada por mais um ano. Havia também uma garrafa de vinho no cesto, mas eu só bebi um pouco. Misturado à medicação para dor, o álcool me pegava de jeito; bastava uma cerveja para me deixar com a língua enrolada de tão bêbado. As meninas — *as jovens* — terminaram o que sobrou entre elas, o que as deixou relaxadas. Melinda, de volta da França pela segunda vez desde o meu embate com o guindaste, me perguntou se todos os adultos na faixa dos 50 passavam por aqueles interludios regressivos desagradáveis, se deveria ficar alerta para esse tipo de coisa. Ilse, a mais nova, começou a chorar, se recostou em mim e perguntou por que não poderia ser como antes, por que *nós* — referindo-se à mãe dela e a mim — não poderíamos ser como antes. Lin disse a Illy que não era hora de fazer seu número patenteado de Bebê Chorona e ela lhe mostrou o dedo do meio. Eu ri. Não pude evitar. Então todos rimos.

O temperamento de Lin e as lágrimas de Ilse não foram agradáveis, mas eram sinceros, e tão familiares para mim quanto a marca de nascença no queixo da última ou a linha vertical discreta, que com o tempo se aprofundaria até virar um sulco, entre os olhos da primeira.

Linnie perguntou o que eu iria fazer e eu lhe disse que não sabia. Depois de muito refletir, estava bastante inclinado a acabar com a minha própria vida, porém sabia que, se fizesse aquilo, deveria parecer, sem sombra de dúvida, um acidente. Eu não deixaria aquelas duas jovens, que estavam apenas começando suas vidas, carregarem a culpa residual pelo suicídio do pai. Tampouco deixaria um fardo de culpa nas costas da mulher com a qual eu já havia dividido um milk-shake na cama, nós dois nus, rindo e escutando a Plastic Ono Band no aparelho de som.

Depois que elas tiveram uma chance de desabafar — após uma *troca completa e irrestrita de sentimentos,* na língua do dr. Kamen — lembro-me de que passamos uma tarde agradável, olhando álbuns de fotografia antigos e relembrando o passado. Acho que até rimos mais um pouco, porém nem todas as lembranças da minha outra vida são confiáveis. Como diz Wireman, quando o assunto é o passado, a gente nunca joga limpo.

Ilse queria que nós saíssemos todos juntos para jantar, mas Lin tinha que encontrar alguém na biblioteca pública antes que ela fechasse e eu disse que não estava muito a fim de sair mancando para lugar nenhum; estava pensando em ler alguns capítulos do último romance de John Sandford e depois ir para a cama. Elas me beijaram — totalmente amigas de novo — e foram embora.

Dois minutos depois, Ilse voltou.

— Falei para Linnie que esqueci minhas chaves — disse ela.

— Suponho que não tenha esquecido — falei.

— Não. Papai, o senhor machucaria a mamãe? Digo, agora? De propósito?

Eu balancei a cabeça, mas aquilo não bastou para ela. Dava para notar pela simples maneira como ficou parada ali, me olhando nos olhos.

— Não — falei. — Jamais. Eu preferiria...

— O senhor preferiria o quê, papai?

— Eu ia falar que preferiria cortar meu braço antes, mas de repente isso me pareceu uma péssima ideia. Jamais faria uma coisa dessas, Illy. Vamos deixar por isso mesmo.

— Então por que ela ainda está com medo do senhor?

— Acho... que é porque estou aleijado.

Ela se jogou nos meus braços com tanta força que quase nos derrubou no sofá.

— Oh, papai. Tudo isso é tão *chato*.

Eu acariciei um pouco seus cabelos.

— Eu sei, mas lembre-se do seguinte: não tem como piorar. — Isso não era verdade, mas se eu tomasse cuidado, Ilse jamais saberia que era uma mentira deslavada.

Uma buzina soou, vinda da entrada para carros.

— Vá andando — falei, beijando-a na bochecha. — Sua irmã está impaciente.

Ela franziu o nariz.

— Grande novidade. O senhor não está exagerando nos analgésicos, está?

— Não.

— Ligue se precisar de mim, papai, que eu pego o primeiro voo para cá.

E era verdade. Por isso mesmo eu não ligaria.

— Pode apostar. — Dei um beijo na sua outra bochecha. — Entregue esse para a sua irmã.

Ela assentiu e foi embora. Eu me sentei no sofá e fechei os olhos. Atrás deles, os relógios badalavam, badalavam e badalavam.

v

Meu próximo visitante foi o dr. Kamen, o psicólogo que me apresentou Reba. Eu não o convidei. Era a Kathi, a *dominatrix* responsável pela minha reabilitação, que eu deveria agradecer por aquilo.

Embora certamente não passasse dos 40, Kamen andava como um homem muito mais velho e sempre resfolegava ao sentar, observando o mundo através dos seus enormes óculos de armação de chifre e por sobre uma barriga imensa em formato de pera. Era um homem muito alto e muito negro, com feições tão exageradas que pareciam irreais. Seus globos oculares grandes e atentos, o nariz digno de uma carranca de navio e os lábios totêmicos eram impressionantes. Xander Kamen parecia um excelente candidato a um ataque cardíaco ou derrame fatal antes de completar 50 anos.

Ele recusou quando lhe ofereci um refresco, disse que não poderia demorar, e então largou sua maleta no sofá, contradizendo-se. Naufragou ao lado do braço do sofá (e não parava de afundar — temi pelas molas do negócio), olhando para mim e resfolegando com benevolência.

— A que devo sua visita? — perguntei.

— Oh, Kathi me disse que você está pensando em se matar — disse ele. Aquele era um tom que poderia ter usado para falar: *Kathi me disse que você vai dar uma festa e que vão ter rosquinhas frescas.* — Alguma verdade nesse boato?

Eu abri a boca e então a fechei novamente. Uma vez, quando eu tinha 10 anos e morava em Eau Claire, peguei um gibi do display de uma loja, o enfiei pela frente da minha calça jeans e joguei a camisa por cima dele. Quando estava passando pela porta, me sentindo pilhado e muito esperto, uma balconista me agarrou pelo braço. Ela levantou minha camisa com a outra mão e revelou meu tesouro adquirido de forma ilícita.

— Como *isso* foi parar aí? — perguntou ela.

Desde aquele dia, quarenta anos atrás, que uma pergunta simples não me deixava tão completamente sem resposta.

Finalmente — muito depois de uma reação como esta ter algum valor — eu disse:

— Isso é ridículo. Não sei de onde ela pode ter tirado uma ideia dessas.

— Não?

— Não. Tem certeza de que não quer uma Coca?

— Obrigado, mas vou passar.

Eu me levantei e peguei uma Coca na geladeira da cozinha. Enfiei a garrafa entre o meu coto e a parede torácica com firmeza — possível, porém doloroso; não sei o que você viu nos filmes, mas costelas quebradas doem por um bom tempo — e girei a tampa com a mão esquerda. Sou canhoto. Dessa vez você deu sorte, *muchacho,* como diz Wireman.

— De qualquer forma, fico surpreso que você a tenha levado a sério — falei, enquanto

voltava. — Kathi é uma excelente fisioterapeuta, mas não é psicanalista. — Fiz uma pausa antes de me sentar. — Nem você, na verdade. Tecnicamente falando.

Kamen fez uma concha com sua mão enorme, colocando-a atrás de uma orelha que parecia mais ou menos do tamanho de uma gaveta.

— Você está ouvindo... um barulho de engrenagem? Eu acho que estou.

— Do que você está falando?

— É aquele som medieval fascinante que as defesas de uma pessoa fazem quando estão se erguendo. — Ele tentou dar uma piscadela irônica, mas o tamanho do rosto daquele homem tornava qualquer ironia impossível; o máximo que conseguia era parecer caricato. Ainda assim, entendi a mensagem. — Quanto a Kathi Green, você tem razão, ela não sabe de nada. A única coisa que faz é trabalhar com paraplégicos, tetraplégicos, pessoas que foram mutiladas em acidentes, como você, e que sofreram lesões traumáticas na cabeça, mais uma vez, como você. Durante os 15 anos em que Kathi fez esse trabalho, ela teve a oportunidade de observar mil pacientes aleijados refletirem sobre como nem mesmo um único segundo do tempo pode ser recuperado, então, como ela teria *a menor condição* de reconhecer os sinais de depressão pré-suicida?

Eu me sentei na poltrona encaroçada diante do sofá e olhei para ele, emburrado. Aquilo significava problema. E Kathi Green, mais ainda.

Ele se inclinou para a frente... embora, graças ao tamanho da sua cintura, não tenha

conseguido mais do que alguns centímetros.

— Você vai ter que esperar — disse.

Eu o encarei boquiaberto.

Ele assentiu.

— Eu o surpreendi. Claro. Mas não sou cristão, muito menos católico, e tenho a mente aberta em relação ao suicídio. Porém, acredito que temos responsabilidades, e sei que você também acredita, então deixe-me lhe falar o seguinte: se você se matar agora... ou daqui a seis meses até... sua mulher e suas filhas saberão. Mesmo que o faça do jeito mais inteligente possível, elas saberão.

— Eu não...

Ele ergueu a mão.

— E a empresa que cuida do seu seguro de vida, que sem dúvida é uma bolada e tanto, vai saber também. Pode ser que não consigam provar, mas vão tentar bastante. Suas filhas ficarão magoadas com os boatos que eles irão espalhar, por mais bem armadas que você pense que elas são contra esse tipo de coisa.

Melinda era bem armada. Ilse, no entanto, era outra história. Quando Melinda ficava com raiva dela, dizia que Ilse era um caso de desenvolvimento truncado, mas eu não achava que aquilo fosse verdade. Achava que Ilse era apenas meiga.

— E, no fim das contas, podem acabar provando. — Kamen encolheu seus ombros enormes. — Não faço ideia de quanto de imposto sobre herança isso pode acarretar, mas tenho certeza de que faria sumir boa parte do seu patrimônio.

Eu não estava pensando no dinheiro. Estava pensando em um bando de investigadores de seguradora farejando qualquer coisa que eu armasse. E, de repente, comecei a rir.

Kamen ficou sentado com suas imensas mãos marrom-escuras nos joelhos do tamanho de duas soleiras, olhando para mim com seu pequeno sorriso *já-vi-de-tudo.* Exceto que, no seu rosto, nada era pequeno. Ele deixou minhas risadas chegarem ao fim e então me perguntou qual era a graça.

— Você está me dizendo que eu sou rico demais para me matar — falei.

— Estou dizendo que agora não, Edgar, só isso. Também vou lhe sugerir algo que vai contra boa parte da minha própria experiência. Porém, tenho uma intuição forte quanto ao seu caso, do mesmo tipo que me levou a lhe dar a boneca. Sugiro que você tente mudar de geografia.

— Perdão?

— É uma forma de recuperação que muitos alcoólatras em estágio avançado tentam. Eles esperam que uma mudança de ares possa lhes oferecer um recomeço. Causar uma reviravolta.

Senti a fagulha de algo. Não vou chamar de esperança, mas foi algo.

— Raramente funciona — disse Kamen. — Os veteranos dos Alcoólicos Anônimos, que têm uma resposta para tudo, o que é ao mesmo tempo a maldição e a bênção deles, embora muito poucos se dêem conta disso, costumam dizer: "Coloque um babaca em um avião em Boston e um babaca vai sair dele em Seattle."

— E eu, onde fico nessa história? — perguntei.

— Por enquanto, nos subúrbios de St. Paul. O que eu sugiro é que escolha um lugar distante daqui e vá para lá. Você está numa posição privilegiada para fazer isso, graças a seu estado financeiro e conjugal.

— Por quanto tempo?

— Um ano, pelo menos. — Ele me encarou de um jeito inescrutável. Seu rosto grande era

feito para aquele tipo de expressão; se estivesse entalhado na tumba de Tutancâmon, acredito que teria feito até mesmo Howard Carter pensar duas vezes. — E se você fizer qualquer coisa no final desse ano, Edgar, pelo amor de Deus, não, pelo amor de suas *filhas,* faça direito.

Ele tinha quase desaparecido dentro do sofá velho; então, começou a lutar para se levantar de volta. Adiantei-me para ajudá-lo e ele me afastou com um gesto. Finalmente, conseguiu ficar de pé, resfolegando mais alto do que nunca, e pegou sua maleta. Baixou os olhos para mim do alto do seu metro e oitenta e três, aqueles globos oculares atentos com suas córneas amareladas — mais ampliados ainda por conta dos óculos, de lentes muito grossas.

— Edgar, existe alguma coisa que o deixe feliz?

Refleti sobre o que havia na superfície daquela pergunta (a única parte que parecia segura) e falei:

— Eu costumava desenhar. — Na verdade, tinha sido um pouco mais do que isso, mas já fazia muito tempo. Desde então, outras coisas haviam entrado no caminho. Casamento, uma carreira. Ambos perto do fim, ou acabados, àquela altura.

— Quando?

— Quando era mais novo.

Pensei em dizer que eu já havia sonhado em cursar uma escola de artes — chegara a comprar um livro de reproduções quando tive dinheiro para tanto — mas desisti. Nos últimos trinta anos, minha contribuição ao mundo da arte consistira em fazer pouco mais que rabiscos enquanto falava ao telefone e, provavelmente, há mais de dez anos não comprava aquele tipo de livro de arte feito para ficar em mesinhas de centro, onde ele pode impressionar os amigos.

— E continuou?

Cheguei a pensar em mentir — não quis parecer um completo fissurado em trabalho —, mas me ative à verdade. Homens de um braço só devem ser sinceros sempre que possível. Não é Wireman quem diz isso; sou eu.

— Não.

— Então retome o hábito — aconselhou Kamen. — Você precisa de proteção.

— Proteção — falei, confuso.

— Sim, Edgar. — Ele pareceu surpreso e um pouco desapontado, como se eu não tivesse conseguido entender um conceito muito simples. — Proteção contra a noite.

vi

Mais ou menos uma semana depois, Tom Riley veio me visitar novamente. Aquela altura, as folhas já haviam começado a mudar de cor e eu me lembro dos balconistas colocando cartazes de Dia das Bruxas no Wal-Mart em que comprei meus primeiros blocos de desenho desde a faculdade... que diabo, talvez desde o ginásio.

Minha lembrança mais clara sobre aquela visita era como Tom parecia constrangido e desconfortável.

Eu lhe ofereci uma cerveja e ele aceitou. Quando voltei da cozinha, Tom estava olhando para um desenho a caneta-tinteiro que eu tinha feito — a silhueta de três palmeiras contra um corpo-d'água, com o pedaço de uma varanda telada projetando-se à esquerda, em primeiro plano.

— Muito bom — disse ele. — Foi você quem desenhou?

— Não, foram os duendes. Eles aparecem à noite. Consertam meus sapatos, desenham de vez em quando.

Ele soltou uma risada forte demais e colocou o desenho de volta na mesa.

— Não parece muito Minnesota, não — disse ele, fazendo um sotaque sueco.

— Eu copiei de um livro — falei. Na verdade, tinha usado uma fotografia de um panfleto de imobiliária. A foto havia sido tirada de dentro do solário — que eles chamam de “Florida Room” — de Salmon Point, a casa que eu acabara de alugar por um ano. Eu nunca tinha ido para a Flórida, nem mesmo de férias, porém aquela foto calou fundo em mim e, pela primeira vez desde o acidente, senti uma verdadeira expectativa. Era pequena, mas estava lá. — O que posso fazer por você, Tom? Se for sobre a empresa...

— Na verdade, a Pam me pediu para vir. — Ele abaixou a cabeça. — Eu não estava muito a fim, mas não achei que pudesse negar isso a ela. Pelos velhos tempos, sabe?

— Claro. — Eu conhecia Tom desde a época em que a Companhia Freemantle não passava de três picapes, um trator Caterpillar D9 e um monte de sonhos ambiciosos. — Então fale comigo. Não vou morder você.

— Ela arranjou um advogado. Está disposta a ir em frente com essa história de divórcio.

— Nunca pensei o contrário. — Era verdade. Ainda não me lembrava de tê-la estrangulado, mas me lembrava da expressão nos seus olhos quando ela me disse que eu havia feito aquilo. E tinha o seguinte: quando Pam tomava um rumo, dificilmente dava meia-volta.

— Ela quer saber se você vai usar o Bozie.

Tive que sorrir ao escutar aquilo. William Bozeman III era um cão de caça do escritório de advocacia de Minneapolis que minha empresa usava. Tinha 65 anos, era elegante, fazia as unhas, usava gravata-borboleta e, se soubesse que Tom e eu o chamávamos há vinte anos de Bozie, provavelmente teria uma embolia.

— Não tinha pensado nisso. Qual é, Tom? O que ela quer exatamente?

Ele bebeu metade da sua cerveja, então colocou o copo em uma estante ao lado do meu desenho meia-boca. Suas bochechas tinham assumido um tom vermelho-tijolo opaco.

— Ela disse que espera que isso não precise ser desagradável. Falou: "não quero ficar rica e nem quero brigar. Só quero que ele seja justo comigo e com as meninas, como sempre foi, você pode lhe dizer isso?" Então é isso que estou fazendo. — Ele encolheu os ombros.

Eu me levantei, fui até a janela grande entre a sala de estar e a varanda e olhei para o lago. Em breve poderia estar no meu próprio "Florida Room", o que quer que fosse isso, olhando para o golfo do México. Perguntei-me se faria alguma diferença, se seria melhor do que olhar para o lago Phalen. Concluí que diferente estava de bom tamanho, pelo menos como ponto de partida. Diferente seria um começo. Quando me virei de volta, Tom Riley parecia outro homem. A princípio, pensei que estivesse passando mal do estômago, mas então percebi que estava lutando para não chorar.

— Tom, qual o problema? — perguntei.

Ele tentou falar e produziu apenas um grasnido choroso. Pigarreou e tentou novamente.

— Chefe, não consigo me acostumar a vê-lo assim, com um braço só. Sinto muito.

Foi algo natural, improvisado e terno: um tiro certeiro no coração. Acho que houve um momento em que estávamos os dois quase aos prantos, como uma dupla de Homens Sensíveis no *Oprah Winfrey Show*.

A ideia me ajudou a entrar nos eixos.

— Eu também sinto muito — falei —, mas estou tocando o barco. Sério. Agora beba sua cerveja antes que ela vire uma água choca.

Ele riu e esvaziou o resto da sua Grain Belt no copo.

— Vou te fazer uma oferta para apresentar a ela — disse. — Se ela gostar, podemos trabalhar os detalhes depois. Um acordo estilo "faça você mesmo". Sem necessidade de

advogados.

— Está falando sério, Eddie?

— Estou. Faça uma contabilidade geral para termos um valor líquido como ponto de partida. Então, a gente divide o montante em quatro partes. Ela fica com três, ou seja, setenta e cinco por cento, para ela e as meninas. Eu fico com o resto. Quanto à separação em si... ora, no estado de Minnesota vigora a lei do divórcio "sem culpa", depois do almoço vamos à livraria para comprar *Divórcio para Leigos*.

Ele pareceu estupefato.

— Esse livro existe mesmo?

— Não cheguei a pesquisar, mas se não existir, eu como suas camisas.

— Acho que a frase é "eu como meus sapatos".

— Não foi o que eu disse?

— Esqueça. Eddie, um acordo desses vai arruinar o seu patrimônio.

— Estou pouco me lixando. Ainda me importo com a empresa, e ela está bem, intacta e sendo administrada por gente que sabe o que está fazendo. Quanto ao meu patrimônio, minha proposta é apenas abrirmos mão do ego que acaba deixando o melhor para os advogados. Tem o suficiente para todos nós, se formos razoáveis.

Ele terminou sua cerveja, sem desgrudar os olhos de mim por um instante.

— Às vezes eu me pergunto se você é o mesmo homem para quem eu costumava trabalhar — falou Tom.

— Aquele homem morreu na picape dele — eu respondi.

vii

Pam aceitou o acordo, e acho que teria me aceitado de volta em vez dele se eu tivesse feito a

proposta — era um olhar que ia e vinha no seu rosto como a luz do sol através das nuvens quando almoçamos juntos para falar dos detalhes —, porém não a fiz. Estava com a Flórida na cabeça, aquele refugio dos recém-casados e dos quase enterrados. E acho que, bem no fundo do seu coração, até mesmo Pam sabia que aquela era a melhor saída — que um homem que tinha sido retirado da sua Dodge Ram destruída com o capacete de obras de aço esmagado em volta das orelhas como uma latinha de ração amassada não era o mesmo que havia entrado nela antes. A vida com Pam, as meninas e a empreiteira estava acabada; não havia mais nenhum aposento nela para se conhecer. Havia, no entanto, portas. Naquele momento, a que dizia SUICÍDIO era uma opção ruim, conforme mostrara o dr. Kamen. Restava, então, a que dizia DUMA KEY.

Porém, aconteceu uma outra coisa na minha outra vida antes de eu atravessar aquela porta. O incidente com Gandalf, o terrier Jack Russell de Monica Goldstein.

viii

Caso você tenha imaginado meu retiro para convalescença como um chalé à margem de um lago, em um isolamento esplêndido ao fim de uma estrada de terra solitária nas florestas do norte, é melhor tirar essa ideia da cabeça — estamos falando de um subúrbio como qualquer outro. Nossa casa à beira do lago ficava no final da Aster Lane, uma rua asfaltada que vinha desde a East Hoyt Avenue até a água. Nossos vizinhos mais próximos eram os Goldstein.

Em meados de outubro, finalmente aceitei o conselho de Kathi Green e comecei a caminhar. Não eram as Grandes Caminhadas pela Praia que eu faria mais tarde — e eu voltava de cada uma dessas saídas breves com meu quadril bichado implorando por misericórdia (e mais de uma vez com lágrimas nos olhos) —, porém eram passos na direção certa. Eu estava retornando de uma dessas caminhadas quando a sra. Fevereau atropelou o cachorro da Monica.

Já havia feito três quartos do caminho até minha casa quando a tal Fevereau passou por mim em seu ridículo Hummer cor de mostarda. Como sempre, segurava o celular em uma das mãos e um cigarro na outra; como sempre, andava rápido demais. Mal notei aquilo, e certamente não vi Gandalf correr para a rua mais adiante, com minha atenção voltada apenas para Monica, que vinha descendo pela outra calçada, toda vestida de escoteira. Eu estava concentrado no meu quadril reconstruído. Como sempre no final das minhas pequenas caminhadas, essa suposta maravilha da medicina parecia repleta de cerca de 10 mil caquinhos de vidro. Então, os pneus uivaram e o grito de uma garotinha se juntou a eles:

— GANDALF, NÃO!

Por um instante, tive uma visão clara e sobrenatural do guindaste que tinha quase me matado, o mundo em que eu sempre vivera engolido de repente por um amarelo muito mais forte do que o do Hummer da sra. Fevereau, com letras pretas flutuando nele, inchando, ficando maiores: **LINK-BELT**

Então, Gandalf começou a gritar também, e o flashback — o que o dr. Kamen teria chamado de *memória recuperada,* imagino — desapareceu. Até aquela tarde de outubro quatro anos atrás, eu não sabia que cachorros *podiam* gritar.

Comecei a correr de lado, mancando e batendo com a muleta vermelha na calçada. Tenho certeza de que devo ter parecido ridículo, mas ninguém estava prestando atenção em mim. Monica Goldstein se ajoelhara no meio da rua ao lado do seu cachorro, que estava diante da grade alta e retangular do Hummer. Seu rosto estava branco sobre o uniforme verde-floresta, do qual pendia uma faixa de distintivos e medalhas. A ponta dessa faixa estava mergulhada em uma poça, que se espalhava, do sangue de Gandalf.

A sra. Fevereau meio saltou e meio caiu do banco do motorista ridiculamente alto do Hummer. Ava Goldstein veio correndo da porta de entrada da sua casa, gritando o nome da filha. Sua blusa estava abotoada pela metade. Seus pés, descalços.

— Não toque nele, meu bem, não toque nele — disse a sra. Fevereau. Ela ainda segurava o cigarro, dando tragadas nervosas.

Monica não deu atenção, acariciando um lado de Gandalf. O cachorro gritou novamente quando ela fez isso — *foi* um grito — e Monica cobriu os olhos com a base das mãos. Começou a balançar a cabeça. Eu entendia.

A sra. Fevereau estendeu o braço para tocar a menina, porém mudou de ideia. Ela deu dois passos para trás, recostou-se contra a parte alta do seu Hummer e olhou para o céu.

A sra. Goldstein se ajoelhou ao lado da filha.

— Querida, oh, querida, por favor, não faça isso.

Gandalf estava caído na rua, em uma poça de sangue que se espalhava, uivando. E, então, consegui me lembrar também do som que o guindaste fizera. Não do *bip-bip-bip* que deveria ter feito (o alarme de ré dele estava quebrado), mas o gaguejar vibrante do seu motor a diesel e o som das suas bandas de rodagem mastigando a terra.

— Leve-a para dentro, Ava — falei. — Leve-a para casa.

A sra. Goldstein colocou um braço em volta dos ombros da filha e pediu para ela se levantar:

— Venha, querida. Vamos entrar.

— Não sem *Gandalf* ! — Monica tinha 11 anos e era madura para a sua idade, contudo, naquela situação, regredira aos 3. — Não sem meu *cachorrinho*! — A faixa do seu uniforme, com seus últimos oito centímetros já encharcados de sangue, *emplastrou-se* à lateral da saia e um filete longo de sangue escorria pela sua panturrilha.

— Monica, vá para casa e ligue para o veterinário — eu disse a ela. — Diga que Gandalf foi atropelado por um carro e que ele tem que vir imediatamente. Enquanto isso, eu fico com o seu cachorro.

Monica me encarou com olhos mais que sofridos, mais que chocados. Eles estavam enlouquecidos. Eu conhecia bem aquele olhar. Já o havia visto muitas vezes no meu próprio espelho.

— Você promete? Jura de montão? Pela sua mãe?

— Juro de montão, pela minha mãe. Agora vá.

Ela foi embora com a mãe, lançando um último olhar para trás por sobre o ombro e soltando mais um gemido desolado antes de começar a subir os degraus até sua casa. Eu me ajoelhei ao lado de Gandalf, apoiando-me no pára-choque do Hummer e agachando como sempre o fazia, dolorosamente e pendendo ao máximo para a esquerda, tentando evitar que o meu joelho direito dobrasse mais do que o estritamente necessário. Ainda assim, emiti meu próprio gritinho de dor e me perguntei se conseguiria me levantar de volta sem ajuda. Que provavelmente não viria da sra. Fevereau. Ela andou até o lado da mão esquerda da rua com as pernas duras e muito separadas, então se inclinou, como se estivesse fazendo uma mesura para a realeza, e vomitou na sarjeta. Afastou a mão que segurava o cigarro para o lado durante o processo.

Eu voltei minha atenção para Gandalf. Ele tinha sido atingido na traseira. Sua coluna estava destroçada. Sangue e merda brotavam lentamente do meio de suas pernas de trás quebradas. Ele ergueu os olhos para mim e eu vi neles uma expressão terrível de esperança. Sua língua se arrastou para fora e lambeu a parte de baixo do meu punho esquerdo. Estava seca como um carpete e fria. Gandalf iria morrer, mas talvez não a tempo. Logo Monica estaria de volta e eu não o queria vivo para lamber seu pulso quando ela chegasse.

Compreendi o que deveria fazer. Não havia ninguém para testemunhar meu ato. Monica e sua mãe estavam dentro de casa. A sra. Fevereau ainda estava de costas. Caso outras pessoas

naquela ruazinha minúscula tivessem ido para suas janelas (ou para os seus gramados), o Hummer impediria que elas me vissem agachado ao lado do cachorro, com minha perna esquerda bichada estranhamente estendida. Eu tinha alguns instantes, mas não muitos, e, se parasse para pensar no que estava fazendo, perderia a chance.

Então, peguei a parte de cima do corpo de Gandalf nos braços e, imediatamente, me vi de volta ao canteiro de obras da Sutton Avenue, onde a Companhia Freemantle está se preparando para construir um prédio bancário de quarenta andares. Estou na minha picape. Reba McEntire está no rádio, cantando "Fancy". De repente, percebo que o barulho do guindaste está alto demais, apesar de não ter ouvido o alarme de ré, e quando olho para a direita a parte do mundo que deveria estar naquela janela não está lá. O mundo daquele lado fora substituído pelo amarelo. Letras pretas flutuavam nele: **LINK-BELT.** Elas incham. Eu giro o volante da Ram para a esquerda, até não poder mais, sabendo que já era tarde. O grito do metal sendo amassado começa, abafando o rádio e encolhendo o interior da cabine para a esquerda — porque o guindaste está invadindo meu espaço, *roubando* meu espaço — e a picape começa a se inclinar. Tento alcançar a porta do carona, mas não adianta. Deveria ter feito aquilo imediatamente, mas ficou tarde demais, rápido demais. O mundo à minha frente desaparece à medida que o pára-brisa se transforma em leite congelado cortado por milhões de rachaduras. Então, o canteiro de obra reaparece e ainda está girando em torno de um eixo quando o pára-brisa salta para fora. Salta? Ele sai *voando,* dobrado no meio como uma carta de baralho, e eu estou apertando a buzina com as pontas dos meus dois cotovelos, meu braço direito executando sua última função. Mal consigo ouvir a buzina em meio ao som do motor do guindaste. O **LINK-BELT** não para de entrar, empurrando a porta do carona, fechando o vão para os pés daquele lado, estilhaçando o painel em placas tectónicas de plástico. Os objetos do porta-luvas flutuam ao meu redor, o rádio morre, minha marmita faz barulho contra a prancheta, e lá vem o **LINK-BELT.** Então, o **LINK-BELT** está bem em cima de mim, eu poderia esticar minha língua e lamber a porra do seu hífen. Começo a gritar porque é aí que a pressão começa. A pressão é meu braço direito sendo forçado contra a lateral do meu corpo, depois se dilatando e depois se rompendo. O sangue se espalha pelo meu colo como um balde de água quente e eu escuto algo quebrando. Provavelmente minhas costelas. Parecem ossos de galinha esmagados pelo salto de uma bota.

Eu seguro Gandalf contra o meu corpo e penso Traz a amiga, senta na amiga, senta na porra da companheira, sua piranha zurra!

E então eu estou sentado na chaleira, sentado na porra da *companheira,* estou em casa, mas não parece minha casa com todos os relógios da Europa badalando dentro da minha cabeça quebrada e eu não consigo me lembrar do nome da boneca que Kamen me deu, só me lembro de nomes masculinos: Randall, Russell, Rudolph, o merda do River Phoenix. Eu a mando embora quando ela aparece com as frutas e a porra do queijo cottage e falo que preciso de cinco minutos. *Eu vou conseguir,* digo, porque é a frase que Kamen me deu, é o "cai fora", é o *bip-bip-bip* que diz cuidado, Pammy, Edgar está dando ré. Porém, em vez de ir embora ela pega o guardanapo da bandeja para limpar o suor da minha festa e, enquanto faz isso, eu a agarro pela garganta, porque naquele instante me parece que é por sua culpa que eu não consigo lembrar o nome da boneca, tudo é culpa dela, inclusive o **LINK-BELT.** Eu a agarro com minha mão esquerda boa. Por alguns segundos, quero matá-la e, quem sabe, talvez tente. O que eu sei é que preferiria me lembrar de todos os acidentes deste mundo a recordar a expressão nos seus olhos enquanto ela se debate sob minha mão. Então eu penso *Era VERMELHO!* e a solto.

Eu apertei Gandalf contra o meu peito como segurara minhas filhas quando eram bebês e pensei: *eu vou conseguir. Eu vou conseguir. Eu vou conseguir.* Senti o sangue de Gandalf encharcar minha calça como água quente e pensei: *Vamos, seu miserável, saia logo dessa furada.*

Apertei Gandalf e pensei na sensação de ser esmagado vivo à medida que a cabine da sua picape devora o ar ao seu redor, o fôlego deixa seu corpo e o sangue jorra do seu nariz; e os estalos que você ouve enquanto perde a consciência são o som dos ossos quebrando dentro do seu próprio corpo: suas costelas, seu quadril, sua perna, sua bochecha, a porra do seu crânio.

Apertei o cachorro da Monica e pensei, sentindo uma espécie de triunfo perverso: *era VERMELHO!*

Por um instante, eu estava em uma escuridão salpicada daquele vermelho; então, abri os olhos. Eu estava forçando Gandalf contra o meu peito com o braço esquerdo e os olhos dele fitavam meu rosto...

Não, para além dele. E para além do céu.

— Sr. Freemantle? — Era John Hastings, o velho que morava duas casas depois dos Goldstein. Com seu gorro de tweed inglês e suéter sem mangas ele parecia pronto para um passeio nos pântanos escoceses. Quero dizer, exceto pela expressão consternada no rosto.

— Edgar, você pode largá-lo agora. O cachorro está morto.

— Sim — falei, soltando um pouco Gandalf. — O senhor pode me ajudar a levantar?

— Não sei se consigo — disse John. — É mais provável que eu derrube nós dois.

— Então vá até a casa dos Goldstein e veja se eles estão bem — falei.

— É o cachorro dela — disse ele. — Eu estava torcendo para... — Ele balançou a cabeça.

— É o dela, sim. E não quero que a Monica saia e o veja desse jeito.

— Claro, mas...

— Eu o ajudo — disse a sra. Fevereau. Ela parecia um pouco melhor e tinha jogado o cigarro fora. Estendeu o braço para pegar minha axila, então hesitou. — Isso vai machucar você?

Machucaria, porém bem menos do que ficar do jeito que eu estava, então falei que não. Enquanto John se encaminhava para a casa dos Goldstein, eu segurei firme o pára-choque do Hummer. Juntos, conseguimos me colocar de volta em pé.

— Você não teria nada para cobrir o cachorro, teria?

— Na verdade, tenho um tapete sobrando no porta-malas.

— Ótimo. Maravilha.

Ela começou a dar a volta no carro — seria uma longa volta, considerando o tamanho do

Hummer —, e então retornou.

— Graças a Deus que ele morreu antes de a menininha voltar.

— É — falei. — Graças a Deus.

ix

O fim da estrada, onde ficava meu chalé, não era muito distante, porém ainda assim o trajeto foi penoso. Quando cheguei, já havia desenvolvido uma dor na minha mão que batizara de Síndrome da Muleta, e o sangue de Gandalf endurecia na minha camisa. Havia um cartão enfiado entre a tela e o batente da porta de entrada. Eu o puxei. Debaixo de uma garota sorridente fazendo a saudação das escoteiras havia a seguinte mensagem:

UMA AMIGA DA VIZINHANÇA VEIO VISITÁ-LO

TRAZENDO DELICIOSOS BISCOITOS DAS ESCOTEIRAS!

EMBORA NÃO TENHA ENCONTRADO

VOCÊ EM CASA HOJE,

Monica VOLTARÁ OUTRA HORA!

ATÉ LOGO!

Monica tinha feito o pingo do *i* no seu nome na forma de um *smiley.* Eu amassei o cartão e o joguei na lata de lixo enquanto mancava até o chuveiro. A camisa, a calça jeans e a roupa de baixo manchada de sangue, joguei fora. Nunca mais queria vê-las novamente.

x

Meu Lexus de 2 anos de idade estava na entrada para carros, mas eu não sentava atrás de um volante desde o dia do acidente. Um rapaz que fazia faculdade na região resolvia minhas coisas de rua três vezes por semana. Kathi Green também se dispunha a dar uma passada no mercado mais próximo se eu pedisse, ou me levava até a Blockbuster antes das nossas pequenas sessões de tortura (depois delas eu ficava sempre esgotado demais). Se tivessem me dito que eu estaria dirigindo novamente naquele outono, eu teria achado graça. Não por causa da minha perna bichada; a própria ideia de dirigir me fazia suar frio.

No entanto, pouco depois de tomar meu banho, era isso que eu estava fazendo: entrando no banco, dando partida no motor e olhando por sobre meu ombro direito enquanto descia de ré a entrada para carros. Tomara quatro dos comprimidinhos cor-de-rosa de oxicodona no lugar dos dois de sempre, na esperança de que eles me permitissem ir e voltar do Stop & Shop perto da interseção da East Hoyt com a Eastshore Drive sem que eu pirasse ou matasse alguém.

Não demorei no supermercado. Não estava, de forma alguma, fazendo compras no sentido normal da expressão, era apenas um ataque rápido: uma passada pela prateleira de carnes, seguida por uma excursão claudicante pelo caixa rápido para dez itens ou menos, sem cupons, nada a declarar. Ainda assim, quando cheguei de volta à Aster Lane, estava oficialmente chapado. Se um policial tivesse me parado, eu jamais teria passado por um teste de sobriedade.

Contudo, nenhum policial me parou. Passei pela casa dos Goldstein, onde vi quatro carros estacionados na entrada, no mínimo mais meia dúzia parados no acostamento e luzes jorrando de cada janela. A mãe de Monica pedira reforços através da linha-direta de emergência familiar e, pelo jeito, vários parentes tinham atendido à chamada. Bom para eles. E bom para Monica.

Menos de um minuto depois, eu entrava na minha própria entrada para carros. Apesar da medicação, minha perna direita latejava de tanto passar do acelerador para o freio, e minha cabeça doía — uma boa e velha dor de cabeça de tensão. Meu maior problema, no entanto, era a fome. Era o que me havia feito sair, em primeiro lugar. Só que fome era uma palavra muito branda para o que eu sentia. Eu estava faminto e o resto de lasanha na geladeira não bastaria. Ela levava carne, mas não o suficiente.

Entrei mancando em casa com minha muleta, a cabeça nas nuvens por conta da oxicodona, peguei uma frigideira da gaveta debaixo do fogão e a joguei em cima de uma das bocas. Liguei o fogo em ALTO, mal escutando o barulho do gás se acendendo. Estava ocupado demais rasgando a embalagem de plástico da carne moída. Atirei-a na frigideira, achatando-a com a palma da mão antes de pegar uma espátula na gaveta ao lado do fogão.

Ao voltar para casa pela primeira vez, enquanto tirava a roupa e entrava debaixo do chuveiro, eu conseguira confundir a agitação no meu estômago com enjoo — parecia uma explicação razoável. Porém, quando estava enxaguando o sabão do corpo, a agitação já havia se tornado um ronco grave, como o de um motor poderoso em marcha lenta. O remédio havia amortecido um pouco a fome, mas, àquela altura, ela estava de volta, pior do que nunca. Se já havia me sentido tão faminto na vida, não me lembrava quando.

Virei o bolo de carne de tamanho grotesco e tentei contar até trinta. Calculei que trinta segundos em fogo alto cumpririam minimamente aquilo que as pessoas querem dizer quando falam em “cozinhar carne”. Se eu tivesse pensado em ligar o ventilador para dissipar o cheiro, talvez tivesse conseguido. Do jeito que foi, não cheguei nem até vinte. Aos 17, apanhei um prato de papel, passei o hambúrguer para ele e devorei a carne moída quase crua, recostado

no armário da cozinha. Quando cheguei mais ou menos na metade, vi o suco vermelho escorrer de dentro da carne e tive um vislumbre momentâneo, porém claro, de Gandalf erguendo os olhos para mim enquanto sangue e merda brotavam dos destroços da sua traseira, manchando o pelo das suas pernas quebradas. Meu estômago não chegou nem a estremecer, apenas gritou impacientemente por mais comida. Eu estava faminto.

Faminto.

xi

Naquela noite, sonhei que estava no quarto que dividira por tantos anos com Pam. Ela estava adormecida ao meu lado e não conseguia ouvir o grasnido que vinha subindo de algum lugar da casa escura: "*Recém-casado, quase enterrado, recém-casado, quase enterrado"* Soava como algum aparelho mecânico preso em um loop. Sacudi minha mulher, mas ela apenas virou para o outro lado. Deu as costas para mim. Os sonhos quase sempre dizem a verdade, não é mesmo?

Eu me levantei e desci as escadas, segurando o corrimão para compensar minha perna ruim. E havia algo de estranho na maneira como eu segurava aquele pedaço familiar de madeira lustrada. Quando já estava nos últimos degraus, notei o que era. Injusto ou não, o mundo é dos destros: guitarras são feitas para eles, carteiras escolares e os painéis de controle dos carros americanos também. O corrimão da casa em que eu havia morado com

minha família não era exceção; ele ficava à direita porque, embora minha empresa tivesse construído o imóvel de acordo com os meus planos, minha mulher e minhas duas filhas eram destras, e é a maioria quem manda.

No entanto, ainda assim minha mão descia por ele.

É claro, pensei. Porque é um sonho. Assim como esta tarde. Sabia?

Gandalf não foi um sonho, respondi em pensamento e a voz do estranho na minha casa — que estava mais próxima do que nunca — repetia: "*Recém-casado, quase enterrado",* sem parar. Quem quer que fosse, a pessoa estava na sala de estar. E eu não queria entrar ali.

Não, Gandalf não foi um sonho, pensei. Talvez fosse o fantasma da minha mão direita que estivesse tendo aqueles pensamentos. *O sonho o estava matando.*

Ele tinha morrido sozinho, então? Era isso que a voz estava tentando me dizer? Porque eu não achava que Gandalf tivesse morrido sozinho. Achava que ele havia precisado de ajuda.

Entrei na minha antiga sala de estar. Não estava ciente do movimento dos meus pés; entrei lá do jeito que você se move nos sonhos, como se, na verdade, o mundo estivesse se movendo ao seu redor, correndo para trás como em uma espécie de truque de projeção extravagante. E bem ali, sentada na cadeira de balanço velha de Pam, estava Reba, a Boneca de Extravasamento da Raiva, que havia crescido até o tamanho de uma criança de verdade. Seus pés, calçados com sapatinhos pretos, balançavam para a frente e para trás logo acima do chão, na ponta de duas pernas cor-de-rosa terrivelmente desossadas. Seus olhos fundos me

encaravam. Seus cachos cor de morango, sem vida, iam e vinham. Sua boca estava manchada de sangue e, no meu sonho, eu sabia que não era sangue humano ou de cachorro, e sim a coisa que havia escorrido do meu hambúrguer praticamente cru — a coisa que eu tinha lambido do prato de papel depois de terminar a carne.

O sapo mau nos perseguiu!, exclamou Reba. Ele tem DENTE!

xii

Aquela palavra — *DENTE!* — ainda estava ecoando na minha cabeça quando me sentei na cama com uma poça fria do luar de outubro no colo. Estava tentando gritar, mas só conseguia produzir uma série de arquejos silenciosos. Meu coração estava disparado. Estendi o braço na direção do abajur e, misericordiosamente, consegui não derrubá-lo no chão, embora tenha visto, depois que o acendi, que empurrara metade da sua base para além da beirada. O rádio-relógio afirmou serem 3h19 da manhã.

Girei minhas pernas para fora da cama e estiquei a mão para apanhar o telefone. *Se precisar de verdade, me ligue,* dissera Kamen. *Qualquer hora, dia ou noite.* E, se o número dele estivesse na memória do aparelho do quarto, eu provavelmente teria feito isso. Contudo, à medida que a realidade se reafirmava — o chalé à beira do lago Phalen, não a casa de Mendota Heights, sem grasnidos no andar de baixo —, a necessidade passou.

Reba, a Boneca de Extravasamento da Raiva na cadeira de balanço, e do tamanho de uma criança de verdade. Bem, por que não? Eu *tinha* ficado com raiva — embora da sra. Fevereau, não do pobre Gandalf — e não fazia ideia do que sapos dentuços tinham a ver com o preço do feijão em Boston. A verdadeira questão, ao que me parecia, dizia respeito ao cachorro de Monica. Eu assassinara Gandalf ou ele tinha simplesmente morrido?

Ou talvez a questão fosse por que eu fiquei tão faminto depois. Talvez fosse essa a pergunta.

Tão faminto por carne.

— Eu o peguei nos meus braços — sussurrei.

No seu braço, você quer dizer, porque agora só tem um. A sua esquerda boa.

Porém, minha lembrança era de pegá-lo nos *braços,* no plural. E aquilo transferia minha raiva.

(era VERMELHO)

daquela mulher idiota com o cigarro e o celular e, de alguma forma, a conduzia de volta para *mim mesmo,* em uma espécie de circuito fechado louco... pegando-o nos meus braços... sem dúvida era uma alucinação, mas, sim, era essa a minha lembrança.

Pegando-o nos meus *braços.*

Aninhando seu pescoço com meu cotovelo esquerdo para poder estrangulá-lo com a mão direita.

Para estrangulá-lo e acabar com seu sofrimento.

Eu dormia sem camisa, então era fácil olhar para o meu coto. Bastava virar a cabeça. Eu podia balançá-lo, porém não muito mais que isso. Fiz isso algumas vezes, então olhei para o teto. Meu coração estava desacelerando um pouco.

— O cachorro morreu por conta dos ferimentos — falei. — E do choque. Uma autópsia confirmaria isso.

Só que ninguém faria autópsia em um cachorro esmagado até virar um monte de ossos e gelatina por um Hummer guiado por uma mulher descuidada e distraída.

Olhei para o teto e desejei que aquela vida acabasse. Aquela vida infeliz que havia

começado tão cheia de confiança. Achei que não iria dormir mais naquela noite, mas acabei dormindo. No fim das contas, sempre conseguimos vencer nossas preocupações pelo cansaço.

É o que diz Wireman.

Como fazer um desenho (II)

Lembre-se de que a verdade está nos detalhes. Não importa qual sua visão de mundo ou que estilo ela impõe ao seu trabalho como artista, a verdade está nos detalhes. É claro que o diabo também está neles — é o que todos dizem —, mas talvez a verdade e o diabo sejam sinônimos. Quem sabe?

Imagine aquela menininha novamente, a que caiu da carrocinha. Ela bateu com o lado direito da cabeça, mas foi o lado esquerdo do seu cérebro que sofreu o pior dano — contragolpe, está lembrado? O lado esquerdo é onde fica a área de Broca — embora ninguém soubesse disso na década de 1920. É essa área que processa a linguagem. Se você sofrer uma pancada forte o suficiente nela, perde a fala; às vezes por pouco tempo, outras para sempre. Porém, embora a relação entre as duas coisas seja próxima, falar não é o mesmo que enxergar.

A garotinha ainda enxerga.

Ela vê suas cinco irmãs. Seus vestidos. Como seus cabelos estão desgrenhados pelo vento quando elas chegam lá de fora. Vê o bigode do pai, já riscado de fios grisalhos. Vê Nan Melda — que não é apenas a governanta, mas também a coisa mais próxima de uma mãe que esta menininha conhece. Ela vê o lenço que Nanny enrola em volta da cabeça quando está limpando a casa; vê o nó na frente dele, bem no topo da testa alta e marrom da governanta; vê seus braceletes prateados e como eles refletem pontas de estrelas sob o sol que atravessa as janelas.

Detalhes, detalhes, a verdade está nos detalhes.

E será que o ato de ver clama pelo ato de falar, mesmo em uma mente danificada? Em um cérebro ferido? Oh, é bem provável, é bem provável.

Ela pensa Minha cabeça dói.

Ela pensa Algo de ruim aconteceu, e não sei quem eu sou. Ou onde estou. Ou o que são todas essas imagens brilhantes à minha volta.

Ela pensa Libbit? Meu nome é Libbit? Eu costumava saber disso. Eu conseguia falar na época do costumava-saber-disso, mas agora minhas palavras são como peixes na água. Eu quero o homem que tem pelos na boca.

Ela pensa Aquele é meu papai, mas, quando eu tento dizer o nome dele, falo “Piu! Piu!” no lugar, porque passa um voando pela minha janela. Eu vejo cada pena. Vejo seu olho que parece de vidro. Vejo sua perna, a maneira como ela se dobra como se estivesse quebrada, e a palavra para isso é *trota*. Minha cabeça dói.

Meninas chegam. Maria e Hannah chegam. A garotinha não gosta tanto delas quanto das gêmeas. As gêmeas são pequenas, como ela.

Ela pensa Eu chamava Maria e Hannah de Malvadonas na época do costumava-saber-disso *e percebe que voltou a saber. E outra coisa lhe vem à memória. O nome de outro detalhe. Ela se esquecerá de novo, porém, da próxima vez que recordar, a lembrança durará mais tempo. Tem quase certeza.*

Ela pensa Quando tento dizer Hannah, falo "Piu! Piu!". Quando tento dizer Maria, falo "Ri! Ri!". E elas riem, as malvadas. Eu choro. Quero meu papai e não me lembro como chamá-lo; a palavra sumiu de novo. Palavras são como pássaros, elas saem voando, voando e voando. Minhas irmãs conversam. Conversam sem parar. Minha garganta está seca. Eu tento dizer sede. Falo "Xeti! Xeti!". Mas elas só fazem rir, as malvadas. Estou enfaixada, sentindo o cheiro de iodo, o ceiro de checê, escutando as risadas delas. Eu grito para elas, grito alto, e elas fogem. Nan Melda chega, com a cabeça toda vermelha porque seu cabelo está enrolado no lento. Os redondinhos dela brilham brilham brilham no sol e esses redondinhos se chamam *braceletes*. Eu falo "Xeti! Xeti!" e Nan Melda não entende. Então falo "Inho! Inho!" e Nan me leva para o troninho, mas eu não quero usar o troninho. Estou sentada nele quando vejo e aponto. "Inho! Inho!" Papai chega. "Que gritaria é essa?", com o rosto cheio de espuma branca e só uma parte limpa. É ali que ele passa a coisa que faz os pelos sumirem. Ele vê como eu estou apontando. Entende o que quero. "Ora, ela está com sede." Então, enche o copinho. O lugar está cheio de ensolarado. A poeira flutua pelo ensolarado e a mão dele atravessa o ensolarado com o copo e o nome disso é bonito. Eu engulo até o último gole. Peço mais depois, só que do melhor. Ele me beija me beija me beija, me abraça me abraça me abraça e eu tento dizer — "Papai" — e ainda não consigo. Então eu dobro meu pensamento até chegar ao nome dele e John aparece, daí eu visualizo a palavra na minha cabeça e, enquanto penso John, faço "Papai" saltar da minha boca e ele me abraça me abraça um pouco mais.

Ela pensa Papai é a primeira palavra que eu digo deste lado do negócio ruim.

A verdade está nos detalhes.

2 — O Casarão Rosa

i

A mudança geográfica de Kamen deu certo, porém, no que diz respeito a consertar o que havia de errado com a minha cabeça, acho que o fato de estar na Flórida foi uma coincidência. É verdade que eu morei lá, mas nunca *morei* de fato. Não, a mudança geográfica de Kamen deu certo por conta de Duma Key e do Casarão Rosa. Para mim, esses lugares passaram a constituir um mundo à parte.

Fui embora de St. Paul no dia 10 de novembro com esperança no coração, mas sem expectativas reais. Kathi Green, a Rainha da Reabilitação, veio se despedir. Ela me beijou na boca, me deu um abraço apertado e sussurrou no meu ouvido:

— Que todos os seus sonhos se realizem, Eddie.

— Obrigado, Kathi — respondi. Fiquei comovido, embora o sonho que não me saía da cabeça fosse o de Reba, a Boneca de Extravasamento da Raiva, do tamanho de uma criança de

verdade, sentada sob a luz da lua na sala de estar da casa que eu dividira com Pam. Não fazia questão de que *aquele* sonho se realizasse.

— E me mande uma foto da Disney. Estou louca para te ver com orelhas de rato.

— Pode deixar — falei, porém nunca fui à Disney. Nem ao Sea World, ao Busch Gardens ou ao Daytona Speedway.

Quando saí de St. Paul, a bordo de um Lear 55 (uma aposentadoria de sucesso tem seus privilégios), fazia um frio de -4,5°C e os primeiros flocos de neve de mais um longo inverno setentrional começavam a cair. Quando aterrissei em Sarasota, a temperatura era de 29,5°C e fazia sol. Mesmo enquanto atravessava a pista de decolagem do aeroporto particular, mancando com a minha fiel muleta vermelha, era como se eu conseguisse sentir meu quadril dizendo "obrigado".

Quando olho para trás e vejo essa época, é com a mais estranha mistura de emoções: amor, saudades, terror, horror, arrependimento e a doçura profunda que somente aqueles que estiveram perto da morte conhecem. Acho que é assim que Adão e Eva devem ter se sentido. Você não acha que eles certamente se viraram para olhar o Eden enquanto começavam a seguir descalços até onde estamos agora, neste nosso mundo politicamente sombrio, feito de balas, bombas e tevê por satélite? Não acha que olharam para além do anjo que guardava o portão fechado com sua espada flamejante? Sem dúvida. Acho que eles provavelmente quiseram dar uma última olhada no mundo verde que tinham perdido, com sua água doce e seus animais de bom coração. Além da serpente, é claro.

ii

Um conjunto de ilhotas se estende pela costa oeste da Flórida como uma pulseira da sorte. Se você tivesse uma bota de sete léguas, poderia saltar de Longboat Key para Lido Key, de lá para Siesta Key e, então, para Casey Key. O passo seguinte o levaria até Duma Key, que fica entre Casey Key e a ilha Don Pedro, com seus cerca de 15 quilômetros de comprimento e 800 metros de largura no ponto mais largo. A maior parte dela é inabitada, um emaranhado de figueiras-de-bengala, palmeiras e casuarinas com uma praia irregular, repleta de dunas, que corre ao longo da beira do golfo. A praia é protegida por uma faixa de aveias-do-mar que chega até a sua cintura. “A aveia-do-mar é nativa”, disse-me Wireman certa vez, “mas o resto daquela porcaria toda não tinha nada que crescer aqui sem irrigação”. Durante a maior parte do tempo que passei em Duma Key, não havia ninguém morando na ilha além de Wireman, a Noiva do Poderoso Chefão e eu.

Sandy Smith era minha corretora de imóveis em St. Paul. Eu lhe pedira para encontrar um lugar tranquilo para mim — não tenho certeza se usei a palavra *isolado,* mas é possível —, mas que ainda tivesse acesso aos serviços essenciais. Pensando no conselho de Kamen, eu disse a Sandy que pretendia alugar o imóvel durante um ano e que o preço não era problema, desde que não limpassem demais minha conta bancária. Mesmo deprimido e mais ou menos sob dor constante, não gostava que montassem nas minhas costas. Sandy jogou meus requisitos no computador e o Casarão Rosa foi o resultado. Pura sorte.

Só que não acredito muito nisso. Porque mesmo nos meus desenhos mais antigos parecia haver, sei lá, alguma coisa.

Alguma coisa.

iii

No dia em que cheguei no meu carro alugado (dirigido por Jack Cantori, o rapaz que Sandy Smith contratara através da agência de empregos de Sarasota), eu não conhecia nada sobre a história de Duma Key. Sabia apenas que se chegava até lá através de Casey Key, cruzando uma ponte levadiça da época da WPA.[1] Depois de atravessada a ponte, notei que a região norte da ilha era livre da vegetação que se emaranhava pelo resto dela. Em vez disso, havia um verdadeiro projeto paisagístico (na Flórida, isso significa palmeiras e gramados sob irrigação quase constante). Eu conseguia ver meia dúzia de casas alinhadas ao longo do trecho asfaltado estreito e irregular que seguia para o sul, a última delas um sítio enorme e inegavelmente elegante.

E, próximo de onde estávamos, a menos de um campo de futebol americano de distância da extremidade da ponte levadiça que ficava em Duma Key, eu conseguia ver uma casa rosa pairando sobre o golfo.

— É aquela? — perguntei, pensando: Por favor, permita que seja essa. É ela que eu quero. — É, não é?

— Não sei, sr. Freemantle — falou Jack. — Conheço Sarasota, mas esta é a primeira vez que venho para Duma. Nunca tive motivo para vir aqui. — Ele parou em frente à caixa de correio, que trazia impresso um **13** grande e vermelho. Olhou para o folheto largado no banco, entre nós dois. — É ela mesma. Salmon Point, número 13. Espero que o senhor não seja supersticioso.

Balancei a cabeça, sem desgrudar os olhos da casa. Não ligo para espelhos quebrados ou cruzar o caminho de gatos pretos, mas acredito muito em... bem, talvez não amor à primeira vista, isso é um pouco Rhett-e-Scarlett demais para mim, mas atração imediata? Claro. Foi assim que me senti em relação a Pam quando a conheci, em um encontro duplo (ela estava com o outro cara). E foi assim que me senti em relação ao Casarão Rosa desde o início.

Ele ficava sobre palafitas, com a beirada projetando-se sobre a linha da maré alta. Havia uma placa torta de NÃO INVADIR sobre um pau cinzento e velho ao lado da entrada para carros, mas imaginei que aquilo não se aplicasse a mim.

— Depois de assinado o contrato, ela é sua por um ano — disse-me Sandy. — Mesmo se for vendida, o dono não pode expulsar você antes de esse período acabar.

Jack levou o carro lentamente até a porta dos fundos... exceto que, como a frente da casa pendia sobre o golfo do México, aquela era a única porta.

— Fico surpreso que eles tenham conseguido permissão para construir tão perto do mar assim — falou Jack. — Imagino que antigamente as coisas não fossem como hoje em dia. — Para ele, antigamente provavelmente significava a década de 1980. — Ali está o seu carro. Espero que goste.

O carro estacionado no quadrado de calçamento rachado à direita da casa era o tipo de veículo americano anônimo, tamanho médio, no qual as locadoras se especializavam. Eu não dirigia desde o dia em que a sra. Fevereau atropelara Gandalf e mal olhei para ele. Estava mais interessado no elefante rosa quadrangular que eu havia alugado.

— Não existe uma lei que proíba construir perto demais do golfo do México?

— Agora, com certeza, mas não na época em que esse lugar foi erguido. Do ponto de vista prático, o problema é simplesmente a erosão litorânea. Duvido que essa casa pendesse para a frente desse jeito quando foi construída.

Ele sem dúvida estava certo. Tive a impressão de ver pelo menos um metro e oitenta das palafitas que sustentavam a varanda telada — o solário, também conhecido como “Florida Room”. A não ser que aquelas palafitas estivessem a 18 metros de profundidade no leito de rocha abaixo, fatalmente a casa iria parar dentro do golfo do México. Era apenas uma questão de tempo.

Enquanto eu pensava naquilo, Jack Cantori o dizia. Então ele sorriu.

— Mas não se preocupe; tenho certeza de que o senhor receberá avisos de sobra. Vai ouvir os gemidos dela.

— Como a Casa de Usher — disse eu.

O sorriso dele ficou mais largo.

— Provavelmente ela ainda aguenta mais uns cinco anos. Ou então estaria condenada.

— Não tenha tanta certeza — falei. Jack tinha dado a ré até a porta da entrada para carros, para que fosse mais fácil descarregar o bagageiro. Não havia muita coisa nele; três malas, uma bolsa para roupas, uma maleta de aço com meu laptop dentro e uma mochila contendo alguns materiais artísticos primários — em sua maioria blocos de desenho e lápis de cor. Trouxe pouca bagagem quando deixei minha outra vida. Calculei que os artigos mais importantes da minha nova vida seriam meu talão de cheques e meu cartão American Express.

— O que o senhor quer dizer? — perguntou ele.

— Uma pessoa que tem dinheiro para construir aqui provavelmente conseguiria passar alguns fiscais de O e P na conversa.

— O e P? O que é isso?

Por um instante, não soube lhe dar uma resposta. Conseguia *visualizar* o que queria dizer: homens de camisa branca e gravatas, usando capacetes de plástico de alto-impacto na

cabeça e carregando pranchetas nas mãos. Conseguia ver até as canetas nos bolsos de suas camisas e os protetores de plástico aos quais ficavam presas. O diabo está nos detalhes, certo? Porém, era incapaz de me lembrar o que significavam O e P, embora conhecesse aquilo tão bem quanto meu próprio nome. E fiquei instantaneamente furioso. Instantaneamente, me pareceu que fazer um punho com a mão esquerda e atirá-la na diagonal contra o pomo de adão desprotegido do rapaz era a coisa mais razoável do mundo. Quase obrigatória. Pois foi a pergunta dele que me fez empacar.

— Sr. Freemantle?

— Só um instante — falei, pensando: *Eu vou conseguir.*

Pensei em Don Field, o cara que tinha fiscalizado pelo menos metade dos meus prédios na década de 90 (ou pelo menos era o que me parecia), e minha mente fez aquele lance de interseção. Eu percebi que estava empertigado no banco do carona, com as mãos cerradas no colo. Conseguia entender por que o garoto me soara preocupado. Eu estava parecendo um homem prestes a sofrer um distúrbio gástrico. Ou um infarto.

— Me desculpe — falei. — Eu sofri um acidente. Bati com a cabeça. Às vezes minha mente dá uma rateada.

— Deixe pra lá — disse Jack. — Não tem importância.

— O e P significa Obras e Posturas. Basicamente, eles são os caras que decidem se o seu prédio vai desabar ou não.

— O senhor está falando de suborno? — Meu jovem recém-contratado pareceu aborrecido. — Bem, não tenho dúvidas de que acontece, especialmente por aqui. O dinheiro fala mais alto.

— Não seja tão cínico. Às vezes, é só uma questão de amizade. Os seus construtores, seus empreiteiros, seus fiscais de obras e posturas, até o pessoal do Departamento de Saúde e Segurança Ocupacional... eles geralmente bebem nos mesmos bares e frequentaram as mesmas escolas. — Eu ri. — Reformatórios, às vezes.

Jack falou:

— Eles condenaram umas casas de praia na região norte de Casey Key quando a erosão acelerou por lá. Uma delas acabou *afundando,* mesmo.

— Bem, como você diz, eu provavelmente vou ouvir os gemidos, e ela parece segura o bastante por enquanto. Vamos levar minhas coisas lá para dentro.

Eu abri minha porta, saí e dei um passo em falso quando meu quadril bichado travou. Se não tivesse plantado minha muleta no chão a tempo, teria me apresentado ao Casarão Rosa me estatelando na sua soleira de pedra.

— *Eu* levo as coisas lá para dentro — falou Jack. — É melhor entrar e se sentar, sr.

Freemantle. Uma bebida gelada também não faria mal. O senhor parece muito cansado.

iv

A viagem cobrara seu preço e eu estava mais do que cansado. Quando me acomodei em uma poltrona na sala de estar (pendendo para a esquerda, como sempre, e tentando manter minha perna esquerda o mais esticada possível), eu já estava disposto a admitir a mim mesmo que me sentia exausto.

Porém, não tinha saudades de casa, pelo menos ainda não. Enquanto Jack ia de um lado para outro, guardando minhas malas no maior dos dois quartos e colocando o laptop na mesa do menor, meu olho continuava sendo atraído para a parede oeste da sala de estar, que era toda de vidro, e para o solário atrás dela e o golfo do México mais além. Era uma vastidão azul, plana como uma chapa naquela tarde quente de novembro, e, mesmo com a janela panorâmica de vidro deslizante fechada, eu conseguia ouvir seu suspiro suave e constante. Pensei: *o golfo não tem memória.* Era um pensamento curioso e estranhamente otimista. Quando o assunto era memória — e raiva —, eu ainda tinha questões mal resolvidas.

Jack voltou do quarto de hóspedes e se sentou no braço do sofá — a pose, pensei, de um jovem que quer ir embora.

— Aqui você tem todos os artigos básicos — disse ele —, além de salada pronta, hambúrgueres e uma daquelas galinhas cozidas em uma cápsula de plástico que costumamos chamar lá em casa de Galinha Astronauta. Espero que esteja a contento do senhor.

— Está ótimo.

— Leite semidesnatado...

— Ótimo também.

— ...e creme com leite. Da próxima vez, posso trazer creme de verdade, se o senhor quiser.

— Você quer entupir a única artéria que me resta?

Ele riu.

— Tem uma despensa pequena com todo tipo de mer... de produtos enlatados. A tevê a cabo está instalada, o computador está conectado à internet... coloquei Wi-Fi para o senhor, custa um pouco mais, mas é excelente, e posso providenciar uma conexão a satélite, se o

senhor quiser.

Balancei a cabeça. Ele era um bom rapaz, mas eu queria escutar o golfo conversar com doçura comigo, usando palavras das quais não me lembraria no minuto seguinte. E queria escutar a casa, ver se ela tinha algo a dizer. Eu suspeitava que talvez tivesse.

— As chaves estão em um envelope na mesa da cozinha, as do carro também, e tem uma lista de números de telefone que podem ser úteis na geladeira. Eu tenho aula todos os dias na Universidade Estadual da Flórida, em Sarasota, exceto segunda, mas estarei com meu celular e vou passar aqui às terças e quintas às cinco, a não ser que combinemos algo diferente antes. Está bem assim?

— Está. — Enfiei a mão no bolso e tirei meu porta-notas. — Deixe-me lhe dar uma gorjeta. Você foi ótimo.

Ele recusou o dinheiro com um gesto.

— Não precisa. Esse serviço é uma mamata, sr. Freemantle. Estão pagando bem e os horários são bons. Eu me sentiria um pilantra se aceitasse gorjeta.

Aquilo me fez rir e eu coloquei a grana de volta no bolso.

— Certo.

— Talvez o senhor devesse tirar um cochilo — ele falou, levantando-se.

— Talvez eu faça isso. — Era estranho ser tratado como um vovô, mas achei melhor me acostumar. — O que aconteceu com a outra casa na zona norte de Casey Key?

— Hã?

— Você disse que uma afundou. O que aconteceu com a outra?

— Até onde eu sei, ainda está lá. Mas no dia em que uma tempestade tão forte quanto o Charley bater de frente com esta parte da costa, vai ser como uma loja em queima de estoque: não vai sobrar nada. — Ele andou até onde eu estava e estendeu a mão. — De qualquer forma, sr. Freemantle, bem-vindo à Flórida. Espero que tenha uma boa estada.

Trocamos um aperto de mãos.

— Obrigado... — Eu hesitei, provavelmente não o tempo suficiente para ele notar, e não fiquei com raiva. Não dele, pelo menos. — Obrigado por tudo.

— Não tem de quê. — Ele me lançou um olhar intrigado dos mais discretos enquanto ia embora, então talvez tivesse notado. Deve ter notado, de qualquer forma. Não dei importância. Estava finalmente sozinho. Escutei conchinhas e cascalhos estalarem sob os pneus à medida que seu carro começava a andar. Escutei o som do motor desaparecer. Mais baixo, quase inaudível, não mais lá. Então, havia apenas o sussurro suave e constante do golfo. E as batidas do meu próprio coração, brandas e tênues. Nenhum relógio. Nenhuma campainha, nenhuma badalada, nem mesmo um tique-taque. Respirei fundo e senti o cheiro de mofo, ligeiramente úmido, de um lugar que passara um tempo consideravelmente longo fechado, com a exceção dos arejamentos semanais (ou duas vezes por semana) de praxe. Achei que podia sentir o aroma de sal e de gramíneas subtropicais cujos nomes ainda não sabia.

Principalmente, eu escutava o sussurrar das ondas — tão semelhante à respiração de uma grande criatura adormecida — e olhava para além da parede de vidro que dava para a água. Uma vez que o Casarão Rosa era elevado, eu não conseguia ver a praia de onde estava sentado, bem no fundo na sala de estar; da minha poltrona, era como se eu fosse um daqueles navios-tanque que se arrastam por suas rotas petrolíferas da Venezuela até Galveston. Uma neblina alta se alastrara pelo firmamento, obscurecendo os pontinhos de luz sobre a água. À esquerda, havia três palmeiras recortadas contra o céu, suas folhas ondulando na mais suave das brisas: as protagonistas do primeiro desenho que me arrisquei a fazer após o acidente. *Não parece muito Minnesota, não,* dissera Tom Riley.

Olhar para elas me fez querer desenhar novamente — era como uma mistura de fome e sede, mas não exatamente na barriga; fazia minha mente coçar. E, estranhamente, o coto do meu braço amputado também.

— Agora não — falei. — Mais tarde. Estou no bagaço.

Ergui-me da poltrona na segunda tentativa, grato pelo rapaz não estar ali para me ver cair

para trás na primeira e ouvir meu grito infantil (Cheira-*rola*!) de irritação. Assim que me levantei, fiquei cambaleando, apoiado na minha muleta por um instante, impressionado com o tamanho do meu cansaço. Geralmente, estar "no bagaço" é apenas uma expressão, porém, naquele momento, era exatamente como eu me sentia.

Movendo-me devagar — não pretendia cair ali no meu primeiro dia —, consegui chegar ao quarto principal. A cama era King size e tudo o que eu queria era ir até lá, me sentar nela, jogar aqueles travesseiros decorativos idiotas (um deles com a gravura de dois cocker spaniels saltitantes e a mensagem um tanto perturbadora de que TALVEZ CACHORROS SEJAM APENAS PESSOAS NO QUE ELAS TÊM DE MELHOR, no chão com minha muleta, deitar e dormir por duas horas. Talvez três. No entanto, primeiro fui até o banco na beirada da cama — ainda me movendo com cuidado, sabendo como seria fácil tropeçar nos próprios pés e cair, considerando o meu nível de esgotamento —, onde o rapaz havia empilhado duas das minhas três malas. A que eu queria estava embaixo, é claro. Empurrei a de cima para o chão sem titubear e abri o zíper do compartimento da frente da outra.

Olhos azuis vidrados fitaram lá de dentro com sua expressão de eterna surpresa condenatória. *Aaiii, seu malvado! Eu fiquei aqui dentro esse tempo todo!* Uma mecha de cabelo vermelho-alaranjado e sem vida saltou da sua prisão. Reba, a Boneca de Extravasamento da Raiva, com seu melhor vestido azul e sapatinhos pretos.

Eu me deitei na cama com ela torta entre meu coto e as minhas costelas. Quando consegui abrir um espaço adequado para mim entre os travesseiros ornamentais (eram basicamente os cocker spaniels saltitantes que eu queria ver no chão), a coloquei do meu lado.

— Eu me esqueci do nome dele — falei. — Lembrei-me durante todo o caminho até aqui, e então me esqueci. — Reba olhava para o teto, onde as pás do ventilador estavam impassíveis. Eu me esquecera de ligá-lo. Reba não se importava se o meu novo empregado de meio expediente se chamava Ike, Mike ou Andy Van Slyke. Dava no mesmo para ela, que era apenas um monte de trapos enfiados em um corpo rosa, provavelmente por algum pobre trabalhador infantil no Camboja ou na porra do Uruguai.

— Como ele se chama? — perguntei para ela. Por mais cansado que estivesse, eu conseguia sentir o velho pânico sombrio se instalar. A velha raiva sombria. O medo de que aquilo continuasse acontecendo pelo resto da minha vida. Ou que piorasse! Sim, provavelmente! Eles me levariam de volta para a casa de repouso, que era, na verdade, apenas o inferno com uma demão de tinta nova.

Reba não respondeu, aquela puta desossada.

— Eu vou conseguir — disse, embora não acreditasse naquilo. E pensei: *Jerry. Não, Jeff*. E então: *Você está pensando em Jerry Jeff Walker, seu babaca. Johnson? Gerald? Josafá, o Grande Saltador?*

Começando a derivar. Começando a cair no sono apesar da raiva e do pânico. Entrando em sintonia com a respiração branda do golfo.

Eu vou conseguir, pensei. Interseção. Como quando você se lembrou o que significava O e P.

Pensei no rapaz dizendo *Eles condenaram umas casas de praia na região norte de Casey Key* e havia algo ali. Meu coto estava coçando feito um louco. Mas finja que é o cotoco de outro cara em algum outro universo e, enquanto isso, siga aquilo, aquele pedaço de pano, aquele osso, aquela conexão...

— derivando —

Mas, no dia em que uma tempestade tão forte quanto o Charley bater de frente com esta parte da costa...

E bingo.

Charley era um furacão e, quando os furacões atacavam, eu dava uma conferida no Weather Channel, como todo o resto da América, e o nome do cara que anunciava os furacões era....

Eu levantei Reba. Ela parecia pesar no mínimo 9 quilos no meu estado grogue, semiadormecido.

— O nome do cara que anuncia os furacões é Jim Cantore — falei. — Meu ajudante se chama *Jack* Cantori. E a porra do caso está encerrado. — Eu a deixei cair de volta na cama e fechei os olhos. Talvez tenha escutado aquele sussurro distante que vinha do golfo por outros dez ou 15 segundos. Então adormeci.

Dormi até o pôr do sol. Foi o sono mais profundo e revigorante que tive em oito meses.

v

Não tinha feito mais do que beliscar no avião, de modo que acordei faminto. Fiz uma dúzia de exercícios de deslizamento do calcanhar em vez dos habituais 25 para soltar o quadril, dei um pulo no banheiro e então fui mancando em direção à cozinha. Estava me apoiando na muleta, mas não tanto quanto esperava, considerando o tamanho da minha soneca. Meu plano era fazer um sanduíche para mim, talvez dois. Tinha esperança de encontrar mortadela fatiada, mas qualquer frio que achasse na geladeira estaria de bom tamanho. Ligaria para Use depois de comer para lhe dizer que havia chegado bem. Com certeza ela mandaria e-mails para qualquer outra pessoa interessada no bem-estar de Edgar Freemantle. Então, estaria liberado para tomar a dose da noite de analgésicos e explorar o restante do meu novo ambiente. O segundo andar inteiro me aguardava.

O que meu plano não levara em consideração era como a vista na direção oeste tinha mudado.

O sol já havia se posto, porém ainda se via uma faixa laranja brilhante sobre o horizonte plano do golfo. Ele era quebrado apenas em um lugar, pela silhueta de algum navio grande. Seu vulto era tão simples quanto o de um desenho de uma criança no primeiro ano primário. Um cabo se estendia retesado da proa até o que eu supus ser a torre de rádio, criando um triângulo iluminado. À medida que a luz subia para o céu, o laranja escurecia, dando lugar a um azul-esverdeado de tirar o fôlego — digno de uma pintura de Maxfield Parrish — que eu nunca tinha visto com meus próprios olhos... e, ainda assim, tive uma sensação de *déjà-vu,* como se talvez o *tivesse* visto, nos meus sonhos. Talvez todos vejamos céus como aquele nos

nossos sonhos, mas nossas mentes despertas jamais consigam traduzi-los para cores que possuem nomes.

Acima, na escuridão cada vez mais profunda, as primeiras estrelas.

Já não tinha fome e tampouco queria telefonar para Ilse. Tudo o que queria era desenhar o que estava vendo. Sabia que não conseguiria reproduzir tudo o que havia ali, mas não me importava — essa era a parte bonita. Estava cagando e andando.

Meu novo empregado (por um instante, me esqueci do nome dele novamente, então pensei *Weather Channel* e, em seguida, *Jack:* e a porra do caso estava encerrado) tinha colocado minha mochila de materiais artísticos no segundo quarto. Fui, claudicante, até o solário com ela, carregando-a desajeitado e tentando usar a muleta ao mesmo tempo. Uma brisa ligeiramente intrigante levantou meu cabelo. A ideia de que uma brisa daquelas e neve em St. Paul pudessem existir ao mesmo tempo, no mesmo mundo, me parecia absurda — ficção científica.

Larguei a mochila na mesa de madeira longa e rústica, pensei em acender uma luz, mas achei melhor não. Desenharia até não poder enxergar mais e então fecharia o expediente. Sentei do meu jeito esquisito, abri a mochila, peguei meu bloco. A capa dizia ARTISAN, artesão. Considerando o nível em que eu estava, *aquilo* era uma piada. Cavei mais fundo e retirei minha caixa de lápis de cor.

Desenhei e colori rápido, mal prestando atenção no que estava fazendo. Fiz o sombreamento a partir de um horizonte arbitrário, passando meu lápis amarelo de uma ponta à outra com um desembaraço frenético, às vezes passando por cima do navio (seria o primeiro petroleiro do mundo a ter icterícia, calculei), sem dar a mínima importância. Quando consegui dar ao pôr do sol a profundidade que me pareceu correta — ele estava sumindo depressa

àquela altura —, peguei o lápis laranja e sombreei mais, com mais força. Então, voltei ao navio, sem pensar, apenas traçando uma série de linhas pretas angulosas no papel. Era isso que eu via.

Quando terminei, já havia praticamente anoitecido.

A minha esquerda, as três palmeiras faziam barulho.

Abaixo e além de onde eu estava — mas não muito além àquela altura, a maré estava subindo — o golfo do México suspirou, como se tivesse enfrentado um dia longo e ainda houvesse mais trabalho a fazer.

No céu, havia milhares de estrelas, e mais outras apareciam enquanto eu olhava.

Isto estava aqui o tempo todo, pensei e me lembrei de algo que Melin-da costumava dizer quando ouvia uma canção que adorava no rádio: *Ela me cativou desde o olá.* Debaixo do meu petroleiro rudimentar, rabisquei a palavra **OLÁ** em letras pequenas. Até onde me lembro (e estou melhor nisso agora), foi a primeira vez na minha vida que batizei um desenho. E não é um nome tão ruim, você não acha? Apesar de todo o estrago que aconteceu em seguida, ainda creio ser o nome perfeito para um desenho feito por um homem que estava tentando ao máximo não ficar mais triste — que estava tentando se lembrar de como era se sentir feliz.

Estava pronto. Larguei meu lápis e foi então que o Casarão Rosa falou comigo pela primeira vez. Sua voz era mais suave do que o sussurro da respiração do golfo, porém eu a

escutei muito bem assim mesmo.

Eu estava esperando por você, ele disse.

vi

Aquele foi o meu ano de falar comigo mesmo e responder de volta. Às vezes, outras vozes respondiam também, contudo, naquela noite, foi somente eu e mim mesmo, mais ninguém.

— Houston, aqui é Freemantle, está ouvindo, Houston? — Recostado na geladeira. Pensando, *Meu Deus, se isso são artigos básicos, não queria nem ver como seria caso o rapaz decidisse encher a despensa; eu poderia esperar a Terceira Guerra Mundial.*

— Câmbio, Freemantle, estamos na escuta.

— Nós temos mortadela, Houston, mortadela operante, entendido?

— Câmbio, Freemantle, estamos captando você em alto e bom som. E quanto à maionese?

A maionese estava operante também. Fiz dois sanduíches de mortadela com pão branco — onde eu fui criado, as crianças crescem acreditando que maionese, mortadela e pão branco são o manjar dos deuses — e os comi à mesa da cozinha. Na despensa, encontrei uma pilha de tortas Table Talk, tanto de maçã quanto de mirtilo. Comecei a pensar em mudar meu testamento em favor de Jack Cantori.

Quase estourando de tanto comer, voltei para a sala de estar, acendi todas as luzes e olhei para o *Olá*. Não estava muito bom. Mas era interessante. O crepúsculo rabiscado tinha um aspecto sombrio, parecido com uma fornalha, que era espantoso. O navio não era o que eu tinha visto, mas o meu era intrigante de uma maneira um tanto assustadora. Era pouco mais que um barco-espantalho, e os traços amarelos e laranja sobrepostos o haviam transformado, também, em um navio-fantasma, como se aquele pôr do sol estranho estivesse brilhando através dele.

Eu o coloquei em cima da tevê, apoiado contra o aviso que dizia: O DONO SOLICITA QUE VOCÊ E SEUS CONVIDADOS NÃO FUMEM DENTRO DA CASA. Fiquei olhando para ele por mais um instante, pensando que precisava de algo em primeiro plano — um barco menor, talvez, só para dar um pouco de perspectiva para o que estava no horizonte —, mas já não queria mais desenhar. Além disso, acrescentar mais alguma coisa poderia ferrar com o pequeno charme dele. Em vez disso, testei o telefone, pensando que, se ainda não estivesse funcionando, eu poderia ligar para Ilse do celular, mas Jack cuidara daquilo também.

Achei que poderia cair na secretária eletrônica — universitárias costumam ser garotas ocupadas —, mas ela atendeu no primeiro toque.

— Papai? — Aquilo me assustou de tal forma que a princípio não consegui falar, ao que ela repetiu: — Pai?

— Sim — falei. — Como você sabia?

— O código de área que está no identificador de chamadas é 941. É o desse Duma não sei o quê. Eu conferi.

— Tecnologia moderna. Não consigo acompanhar. Como você está, filhota?

— Bem. Mas a questão é: como o *senhor* está?

— Estou bem. Mais do que bem, na verdade.

— O rapaz que o senhor contratou...?

— Ele é dos bons. A cama está feita e a geladeira está cheia. Cheguei aqui e tirei um cochilo de cinco horas.

Houve uma pausa e, quando ela falou novamente, pareceu mais preocupada do que nunca.

— O senhor não está abusando daqueles analgésicos, está? Porque a oxicodona é tipo um cavalo de troia. Não que eu esteja dizendo algo que o senhor já não saiba.

— Não, estou me atendo à dosagem prescrita. Na verdade... — me interrompi.

— O quê, papai? O quê? — Agora ela soava quase pronta para chamar um táxi e pegar um avião.

— Acabei de me tocar que esqueci do Vicodin das cinco... — Conferi o relógio. — E a oxicodona das oito também. Quem diria.

— A dor está muito forte?

— Nada que dois Tylenol não resolvam. Pelo menos até meia-noite.

— Deve ser a mudança de clima — disse ela. — E a soneca.

Não tinha dúvidas de que essas coisas faziam parte do que aconteceu, mas não achava que eram os únicos motivos. Talvez estivesse maluco, mas achava que *desenhar* tinha ajudado de alguma forma. Na verdade, aquilo era algo que eu mais ou menos sabia.

Ficamos um tempo conversando e, aos poucos, fui ouvindo a preocupação sumir da sua voz. O que a substituiu foi tristeza. Ela estava compreendendo, imagino, que aquilo estava acontecendo de verdade, que sua mãe e seu pai não iriam simplesmente acordar uma bela manhã e reatarem. No entanto, ela prometeu que ligaria para Pam e mandaria um e-mail para Melinda, para informá-las de que eu ainda estava na terra dos vivos.

— O senhor não tem e-mail aí, papai?

— Tenho, mas hoje à noite você é meu e-mail, Cookie.

Ela riu, fungou e riu novamente. Pensei em perguntar se estava chorando, então reconsiderei. Talvez fosse melhor não.

— Ilse? É melhor eu desligar, querida. Quero tomar um banho para tirar a sujeira do dia.

— O.k., mas... — Uma pausa. Então, ela explodiu: — Eu *odeio* pensar no senhor sozinho em um lugar tão distante quanto a Flórida! Talvez caindo de bunda no chuveiro. Não está *certo*!

— Cookie, eu estou bem. Sério. O rapaz, ele se chama.... — *Furacões,* pensei. *Weather Channel.* — Ele se chama Jim Cantori. — Mas acabei acertando uma no cravo e outra na ferradura. — Quero dizer, Jack.

— Não é a mesma coisa, e o senhor sabe disso. Quer que eu vá para aí?

— Não, a não ser que você queira que sua mãe tire o nosso couro — falei. — O que eu quero é que você fique bem onde está e cuide das coisas, meu bem. Vou manter contato.

— Certo. Mas cuide-se. Nada de fazer bobagem.

— Nada de fazer bobagem. Entendido, Houston.

— Hã?

— Esqueça.

— Ainda estou esperando o senhor prometer, pai.

Por um momento terrível e infinitamente sinistro, eu vi Ilse aos 11 anos de idade, usando um uniforme de escoteira e me encarando com os olhos chocados de Monica Goldstein. Antes de poder impedir as palavras, me ouvi dizendo:

— Eu prometo. Juro de montão. Pela minha mãe.

Ela deu uma risadinha.

— Nunca tinha ouvido essa antes.

— Tem muita coisa a meu respeito que você não sabe. Sou um cara profundo.

— Se o senhor diz. — Uma pausa. E então: — Eu te amo.

— Eu também te amo.

Coloquei o telefone de volta no gancho com cuidado e fiquei olhando para ele por um bom tempo.

vii

Em vez de tomar um banho, fui para a praia e andei até a água. Não tardei a descobrir que minha muleta não servia de nada na areia — era, na verdade, um estorvo —, mas, assim que dei a volta na casa, a beira da água estava a menos de 12 passos de distância. Aquilo era fácil e eu fui devagar. A maré estava calma e as ondas que chegavam à areia tinham poucos centímetros de altura. Era difícil imaginar aquela água revolvendo-se em um frenesi ciclônico de destruição. Impossível, na verdade. Mais tarde, Wireman me diria que Deus sempre nos pune pelo que não conseguimos imaginar.

Essa era uma das melhores tiradas dele.

Dei meia-volta para retornar à casa, então me detive. Havia luz apenas o suficiente para revelar um tapete de conchas profundo — um *depósito* de conchas — debaixo do solário proeminente. Na maré alta, percebi, a metade da frente da minha nova casa seria quase como a coberta de proa de um navio. Lembrei-me de Jack falando que eu receberia vários avisos se o golfo do México decidisse engolir aquele lugar, que o ouviria gemer. Ele provavelmente tinha razão... mas, por outro lado, eu também deveria ter recebido vários avisos em um canteiro de obras quando um veículo pesado estivesse dando ré.

Fui mancando de volta até a lateral da casa, onde minha muleta estava recostada, e usei o pequeno caminho de tábua para contorná-la até a porta da frente. Pensei em tomar uma chuveirada, mas, em vez disso, me decidi por um banho de banheira, entrando e saindo de lado, do jeito cauteloso que Kathi Green me ensinara na minha outra vida; nós dois usando roupas de banho, eu com a perna direita parecendo uma peça de carne mal cortada. Agora, aquilo era coisa do passado; meu corpo estava operando seu milagre. As cicatrizes ficariam pelo resto da vida, mas mesmo elas estavam sumindo. Tão rápido.

Seco e com os dentes escovados, fui com a muleta até o quarto principal e inspecionei a cama *king size,* já livre dos travesseiros decorativos.

— Houston — falei. — Nós temos uma cama.

— Entendido, Freemantle — respondi — Cama operante.

Claro, por que não? Não conseguiria dormir de jeito nenhum, não depois daquele cochilo exagerado, mas poderia me deitar um pouco. Minha perna ainda estava muito boa, mesmo depois daquela pequena expedição até a água, porém havia um nó na parte de baixo das minhas costas e outro na nuca. Não, dormir estava fora de questão, mas apaguei a luz assim mesmo. Só para descansar os olhos. Ficaria deitado ali até minhas costas e meu pescoço melhorarem, então desencavaria um livro da minha mala e ficaria lendo.

Apenas me deitar um pouco, aquilo era...

Foi só até onde consegui chegar, então apaguei novamente. Não tive sonhos.

viii

Retornei a alguma espécie de consciência no meio da noite com o braço direito coçando e um formigamento na mão direita, sem fazer ideia de onde estava, apenas que algo enorme *rangia* e *rangia* e *rangia* lá embaixo. A princípio, achei que fosse alguma máquina, porém era irregular demais. E, de certa forma, *orgânico* demais. Então, pensei em dentes, mas nada tinha dentes tão grandes. Pelo menos nada no mundo conhecido.

É uma respiração, pensei, e aquilo parecia fazer sentido, mas que tipo de animal rangeria com tanta força ao aspirar? E, meu Deus, aquela coceira estava me *enlouquecendo;* ela subia por todo o meu antebraço até a dobra do cotovelo. Tentei coçar, estendendo a mão esquerda por sobre meu peito, e, obviamente, não havia cotovelo ou antebraço algum, e a única coisa que cocei foi o lençol.

Aquilo me despertou por completo e eu me sentei na cama. Embora o quarto ainda estivesse bastante escuro, a luz das estrelas que entrava pela janela que dava para o oeste era suficiente para eu ver a beirada da cama, onde uma de minhas malas descansava sobre um banco. Aquilo fez com que eu me localizasse. Eu estava em Duma Key, a poucos quilômetros da costa oeste da Flórida — lar dos recém-casados e dos quase enterrados. Estava na casa que, na minha cabeça, já chamava de Casarão Rosa e aquele rangido...

— São as conchas — murmurei, deitando-me de volta. — As conchas debaixo da casa. A maré está alta.

Adorei aquele som desde o começo, quando acordava e o escutava na calada da noite, quando não sabia onde estava, quem eu era, ou quais partes minhas ainda estavam no lugar. Era meu.

Ele me cativou desde o olá.

3 - Empregando novos recursos

i

O que veio em seguida foi um período de recuperação e transição da minha outra vida para a que tive em Duma Key. O dr. Kamen provavelmente sabia que, em momentos como aquele, a maioria das grandes mudanças está acontecendo dentro da gente: agitação civil, revolta, revolução e, finalmente, execuções em massa, com as cabeças do antigo regime caindo no cesto ao pé da guilhotina. Tenho certeza de que aquele homenzarrão já havia visto revoluções desse tipo saírem vitoriosas e também fracassarem. Afinal, nem todo mundo consegue chegar até a outra vida. E os que conseguem nem sempre descobrem a costa dourada do paraíso.

Meu novo hobby me ajudou na transição; Ilse também. Serei eternamente grato por isso. Porém, me envergonho de ter mexido na sua bolsa enquanto ela dormia. Tudo que posso dizer é que, na hora, não me parecia haver outra escolha.

ii

Acordei na manhã do dia seguinte à minha chegada me sentindo melhor do que nunca desde o acidente — embora não a ponto de ignorar meu coquetel matinal de analgésicos. Tomei os comprimidos com suco de laranja, então saí. Eram sete horas. Em St. Paul, o ar estaria frio o suficiente para mordiscar a ponta do meu nariz, porém, em Duma Key, ele parecia beijá-la.

Apoiei minha muleta onde a havia apoiado na noite anterior e andei novamente até aquelas ondas dóceis. À minha direita, qualquer sinal da ponte levadiça e Casey Key era bloqueado pela minha própria casa. À esquerda, no entanto...

Naquela direção, a praia parecia se estender indefinidamente, uma orla branca deslumbrante entre o golfo azul-acinzentado e a aveia-do--mar. Eu conseguia ver um pontinho bem ao longe, ou talvez fossem dois. Afora isso, aquela praia de cartão-postal era totalmente deserta. Nenhuma das outras casas ficava perto da orla e, quando me virei para o sul, enxerguei apenas um telhado — que parecia consistir em um acre de telhas cor de laranja, a maioria escondida por palmeiras. Era o sítio que eu notara no dia anterior. Dava para tapá-lo com a palma da minha mão e me sentir como Robinson Crusoé.

Andei para lá, em parte porque, sendo canhoto, me virar para a esquerda sempre foi algo natural para mim. Mas, principalmente, porque era aquele lado que me dava visão. E não fui longe, nada de Grande Caminhada pela Praia naquele dia — queria ter certeza de que conseguiria voltar até a muleta —, porém, aquela era apenas a primeira. Lembro-me de dar meia-volta e olhar fascinado para minhas próprias pegadas na areia. Sob a luz da manhã, as esquerdas eram firmes e nítidas, como algo feito por uma prensa. Já as direitas eram quase todas indistintas — pois eu tendia a arrastar aquele pé —, mas, no começo, até elas tinham ficado nítidas. Recontei meus passos. Trinta e oito, no total. Àquela altura, meu quadril latejava. Estava mais do que pronto para entrar na casa, apanhar um copinho de iogurte na

geladeira e ver se a tevê a cabo funcionava tão bem quanto Jack Cantori dizia.

E não é que funcionava?

iii

E aquela se tornou minha rotina matinal: suco de laranja, caminhada, iogurte, atualidades. Fiquei muito amigo de Robin Meade, a moça que apresenta o *Headline News* das seis às dez da manhã. Que saco de rotina, certo? Porém, os acontecimentos superficiais de um país sob ditadura também podem parecer entediantes — ditadores gostam de tédio, eles *adoram* tédio —, mesmo quando grandes mudanças se aproximam sob a superfície.

Um corpo e uma mente feridos não parecem uma ditadura; eles *são* uma ditadura. Não existe tirano mais impiedoso do que a dor, déspota mais cruel do que a desorientação. Só fui perceber que minha mente estava tão gravemente ferida quanto o meu corpo depois que fiquei sozinho e todas as outras vozes desapareceram. O fato de ter tentado estrangular a mulher que era minha esposa há 25 anos, simplesmente porque ela tentara secar o suor da minha testa depois de eu pedir para ela sair do quarto, era o de menos. O fato de não termos feito amor uma única vez nos meses entre o acidente e a separação — de não termos nem ao menos tentado — também não era o xis da questão, embora eu o tenha achado um indicativo do problema mais grave. Nem mesmo os acessos de raiva repentinos e perturbadores eram o xis da questão.

O xis da questão era uma espécie de alheamento. Não sei descrever de outra forma. Minha mulher tinha começado a parecer... outra. Quase todas as pessoas na minha vida também pareciam *outras* — e o espantoso era que eu não me importava muito com isso. A princípio, tentei me convencer de que a alteridade que eu sentia quando pensava na minha mulher e na minha vida era provavelmente mais que natural em um homem que não conseguia lembrar o nome daquela coisa que você puxa para cima para fechar as calças — o *zípel,* o *zípeto,* o *zípeti-du-dá.* Tentei me convencer de que aquilo passaria e, quando não passou e Pam pediu o divórcio, depois da raiva, o que senti foi alívio. Porque aquela sensação de alteridade já não era problema, pelo menos não em relação a ela. Ela passara a *ser* outra. Havia tirado o uniforme dos Freemantle e abandonado a equipe.

Durante minhas primeiras semanas em Duma, essa sensação de *alteridade* me possibilitou mentir com facilidade e desembaraço. Respondi a cartas e e-mails de pessoas como Tom Riley, Kathi Green e William Bozeman III — o imortal Bozie — com comentários breves (*estou bem, o tempo está ótimo, os ossos estão sarando)* que em pouco se assemelhavam a minha vida real. E quando as mensagens primeiro diminuíram e depois cessaram, não fiquei triste.

Apenas Ilse parecia continuar na minha equipe. Apenas Ilse se recusava a devolver o uniforme. Nunca tive aquela sensação de que ela era *outra.* Ilse ainda estava do meu lado da janela de vidro, sempre estendendo a mão. Se eu não lhe mandasse um e-mail por um dia, ela telefonava. Se eu não telefonasse para ela de três em três dias, ela me ligava. E para minha filha eu não mentia, inventando planos de pescar no golfo ou visitar os Everglades. Para Ilse, eu contava a verdade, ou o máximo dela que podia contar sem parecer maluco.

Contei-lhe, por exemplo, sobre minhas caminhadas matinais pela praia e que estava indo um pouco mais longe a cada dia, mas não sobre o Jogo dos Números, pois me soava bobo demais... ou talvez obsessivo--compulsivo seja o termo que estou procurando.

Somente 38 passos desde o Casarão Rosa naquela primeira manhã. Na segunda, me servi de mais um copo enorme de suco de laranja e então caminhei para o sul pela orla novamente. Dessa vez, andei 45 passos, o que para mim, sem muletas, era uma longa distância na época. Consegui me convencer de que, na verdade, tinham sido apenas nove. Esse truque mental é a base do Jogo dos Números. Você anda um passo, então dois, três, quatro, girando seu velocímetro mental de volta ao zero sempre que chega a nove. E quando soma os números de um a nove sucessivamente, o resultado é 45. Se isso lhe parece maluquice, não vou nem discutir.

Na terceira manhã, me preparei para andar dez passos desde o Casarão Rosa *sem* muleta, o que na verdade são 55, ou cerca de 80 metros, ida e volta. Uma semana depois, conseguia chegar a 17... e se você somar *todos* esses números o total é 153. Eu chegava ao fim do caminho, olhava para a casa e me impressionava em ver como ela parecia distante. A ideia de ter que andar tudo aquilo de volta também me era um pouco desanimadora.

Você vai conseguir, dizia a mim mesmo. *É moleza. São só 17 passos, mais nada.*

Era o que eu dizia a mim mesmo, mas não a Ilse.

Um pouco mais longe a cada dia, deixando pegadas às minhas costas. Na época em que o Papai Noel apareceu no Beneva Road Mali, onde às vezes Jack Cantori me levava para fazer compras, notei uma coisa extraordinária: todas as minhas pegadas direitas estavam nítidas. A marca do tênis direito só começava a ficar arrastada e indistinta no caminho de volta.

Exercício vicia e dias chuvosos não impediam que eu fizesse o meu. O segundo andar do Casarão Rosa era um salão, com um carpete industrial colorido no piso e uma janela enorme

com vista para o golfo do México. E só. Jack sugeriu que eu fizesse uma lista com os móveis que pretendia colocar lá em cima, dizendo que os conseguiria com a mesma locadora que providenciara a mobília do andar de baixo... isto é, se eu estivesse satisfeito com aqueles móveis. Garanti a ele que estava, mas acrescentei que não precisaria de muita coisa no segundo andar. Gostava do vazio daquele salão. O que eu queria, falei, eram três coisas: uma cadeira comum de espaldar reto, um cavalete de pintor e uma esteira de ginástica Cybex. Será que Jack poderia consegui-las? Não só podia, como conseguiu. Em três dias. Dali em diante até o final, o segundo piso se tornou o lugar para mim quando eu queria desenhar ou pintar, ou me exercitar nos dias em que o tempo fechava. A cadeira de espaldar reto foi o único móvel de verdade que esteve lá em cima durante todo o meu período no Casarão Rosa.

Em todo caso, não havia tantos dias chuvosos assim — não é à toa que o apelido da Flórida é *Sunshine State,* o estado ensolarado. À medida que minhas caminhadas rumo ao sul ficavam mais longas, o pontinho — ou pontinhos — que eu vira naquela primeira manhã se tornou duas pessoas; pelo menos na maior parte dos dias eram duas. Uma ficava sentada numa cadeira de rodas e usava o que imaginava ser um chapéu de palha. A outra a empurrava e então se sentava ao lado dela. Elas apareciam na praia por volta das sete da manhã. Às vezes, a que podia andar deixava a da cadeira de rodas ali por alguns instantes, voltando em seguida com algo que brilhava sob o sol matutino. Suspeitei que se tratasse de um bule de café, uma bandeja de café da manhã, ou ambos. Também suspeitei que aquelas pessoas viessem do sítio imenso, com seu telhado cor de laranja de mais ou menos um acre de extensão. Aquela era a última casa visível em Duma Key antes de a estrada adentrar a vegetação frondosa que cobria quase toda a ilha.

iv

Eu não conseguia me acostumar direito com o *vazio* daquele lugar.

— Teoricamente, é um lugar muito sossegado — dissera-me Sandy Smith, porém, mesmo assim, eu tinha visualizado a praia enchendo por volta do meio-dia: casais tomando sol em cima de toalhas e se lambuzando de bronzeador, universitários jogando vôlei com iPods presos nos bíceps, criancinhas em trajes de banho com os fundilhos caídos chapinhando na beira da água enquanto jet skis zuniam para lá e para cá a 12 metros da orla.

Jack me recordou que só era daquele jeito em dezembro.

— Em termos de turismo — disse ele —, a Flórida vira um necrotério no mês entre o dia de Ação de Graças e o Natal. Não é tão ruim quanto agosto, mas a cidade ainda fica bem morta. Além disso... — Ele gesticulou com o braço. Estávamos parados diante da caixa de correio com o 13 vermelho pintado, eu apoiado na muleta, Jack parecendo estiloso com sua calça de sarja cortada e camisa elegantemente puída dos Tampa Devil Rays. — Isso aqui não é exatamente o paraíso dos turistas. Está vendo algum golfinho treinado? O que temos aqui são sete casas, contando aquela grandona ali... e a selva. Onde tem outra casa caindo aos pedaços, por sinal. Isso de acordo com algumas das teorias que escutei em Casey Key.

— Qual o *problema* com Duma, Jack? Quinze quilômetros de terreno de primeira na Flórida, uma praia maravilhosa e nunca desenvolveram este lugar? Qual a explicação?

Ele deu de ombros.

— A única coisa que eu sei é que existe uma disputa judicial de longa data no meio. Quer

que eu tente descobrir?

Pensei no assunto, então balancei a cabeça.

— Incomoda o senhor? — Jack parecia sinceramente curioso. — Esse silêncio todo? Porque, para ser sincero, ele me dá um pouco nos nervos.

— Não — respondi. — Nem um pouco. — E era verdade. A convalescença é uma espécie de rebelião, e, conforme acredito já ter falado, todas as rebeliões bem-sucedidas começam em segredo.

— O que o senhor faz, se não se importa que eu pergunte?

— Me exercito pela manhã. Leio. Durmo à tarde. E desenho. Talvez um dia tente pintar, mas ainda não estou pronto para isso.

— Alguns trabalhos do senhor são muito bons para um amador.

— Obrigado, Jack, é muita gentileza sua.

Não sabia se ele estava sendo apenas gentil ou se estava me contando a sua versão da verdade. Talvez não importasse. Quando o assunto é desenho ou coisa parecida, é sempre apenas uma questão de opinião, não é? Eu só sabia que algo estava acontecendo comigo. *Dentro* de mim. Às vezes, a sensação era um pouco assustadora. Na maior parte do tempo, era simplesmente maravilhosa.

Eu fazia a maioria dos desenhos no andar de cima, no salão que passara a chamar, na minha cabeça, de Casinha Rosa. Ela dava vista somente para o golfo e para aquele horizonte plano. Mas eu tinha uma câmera digital e tirava fotografias de outras coisas de vez em quando. Então as imprimia, prendendo-as no meu cavalete (que eu e Jack colocamos num ângulo em que a luz forte da tarde pudesse bater ao longo do papel), e desenhava o que fosse. Não havia rima ou motivo para aquelas fotos, embora, quando contei isso a Kamen por e-mail, ele tenha respondido que o inconsciente escreve poesia se nós o deixarmos em paz.

Talvez *sí,* talvez *no.*

Eu desenhei minha caixa de correio. Desenhei as coisas que cresciam em volta do Casarão Rosa, então pedi que Jack comprasse um livro para mim — *Plantas Nativas da Costa da Flórida* — para que eu pudesse dar nome aos meus desenhos. Batizá-los parecia ajudar — acrescentar algum poder a eles, de certa forma. Àquela altura, já estava na minha segunda caixa de lápis de cor... e tinha uma terceira de prontidão. Havia babosas; lavandas-do-mar com seus brotos de florezinhas amarelas (cada qual possuindo um pequeno núcleo de um violeta muito escuro); ervas-de-laca com suas folhas longas em forma de pá; e minha favorita, o feijão-da-praia, que o *Plantas Nativas da Costa da Flórida* também identificava como rosário, por causa dos seus pequenos "cordões" em forma de vagem, que se parecem com um terço.

Desenhava conchas também. Obviamente. Havia conchas em toda parte, um sem-fim de conchas somente no perímetro restrito em que eu andava. Duma Key era feita de conchas, e, logo, eu estava trazendo dezenas delas de volta para casa.

E, quase todas as noites, quando o sol se punha, eu o desenhava. Sei que pores do sol são um clichê e é por isso que quis desenhá-los. Tinha a impressão de que, se quebrasse aquela parede do "isso eu já fiz" pelo menos uma vez, talvez acabasse chegando a algum lugar. Então, produzi pilhas de desenhos e nenhum deles me pareceu grande coisa. Arrisquei sobrepor o amarelo com o laranja novamente, porém as tentativas subsequentes não deram resultado. Nunca alcançava aquele efeito sombrio de fornalha. Cada pôr do sol era apenas uma porcaria feita a lápis em que as cores diziam *estou tentando convencê-lo de que o horizonte está em chamas*. Sem dúvida, você poderia comprar quarenta desenhos melhores em qualquer exposição de rua num sábado em Sarasota ou Venice Beach. Guardei alguns daqueles desenhos, mas estava tão aborrecido com a maior parte deles que os joguei fora.

Um fim de tarde, depois de outro monte de fracassos, novamente observando o arco superior do sol desaparecer, deixando aquele jorro cor de abóbora do Dia das Bruxas como rastro, pensei: *Foi o navio. Foi o que deu ao primeiro desenho um pequeno toque de mágica. A maneira como o pôr do sol parecia brilhar através dele.* Talvez, mas agora não havia navio ali para quebrar o horizonte; ele era uma linha reta com o mais escuro azul por baixo e um amarelo-alaranjado brilhante por cima, escurecendo até uma delicada sombra esverdeada que eu conseguia ver, mas não reproduzir, não com minha pobre caixa de lápis de cor.

Havia vinte ou trinta fotografias impressas espalhadas no chão em volta do meu cavalete. Meu olhar caiu por acaso em um close de um feijão-da-praia. Ao olhar para ele, meu braço direito fantasma começou a coçar. Prendi o lápis amarelo entre os dentes, me agachei, apanhei a foto e comecei a estudá-la. A luz já estava esmaecendo, mas aos poucos — o salão do andar de cima que eu chamava de Casinha Rosa retinha luminosidade por bastante tempo —, e havia mais do que o suficiente para eu admirar os detalhes; os closes da minha câmera digital eram excelentes.

Sem pensar no que estava fazendo, prendi a foto na beirada do cavalete e acrescentei o cordão do feijão-da-praia ao meu pôr de sol. Eu trabalhei rápido, primeiro esboçando — na verdade, apenas uma série de arcos, o feijão-da-praia não passa disso — e então colorindo:

marrom sobre preto, então um traço forte de amarelo, os resquícios de uma flor. Lembro-me da minha concentração se afunilando até virar um cone luminoso, como acontecia às vezes assim que abri meu negócio, quando cada prédio (cada concorrência, na verdade) era ou vai ou racha. Lembro-me de ter prendido um lápis na boca novamente em algum momento para poder coçar o braço que não estava lá; vivia esquecendo que tinha perdido uma parte de mim. Se estivesse distraído enquanto carregava algo com a mão esquerda, às vezes estendia a direita para abrir a porta. Amputados se esquecem, só isso. Suas mentes se esquecem e, à medida que vão sarando, o corpo deixa isso acontecer.

O que eu mais me lembro sobre aquele fim de tarde é da sensação magnífica, jubilosa de ter prendido um relâmpago de verdade em uma garrafa por três ou quatro minutos. Aquela altura, o quarto já havia começado a escurecer, as sombras pareciam nadar para a frente por sobre o carpete cor-de-rosa, em direção ao retângulo que se apagava da janela panorâmica. Mesmo com a última luz do dia incidindo ao longo do meu cavalete, eu não conseguia ver bem o que tinha feito. Levantei-me, contornei mancando a esteira até o interruptor ao lado da porta e acendi a lâmpada. Então voltei, girei o cavalete e prendi a respiração.

O cordão do feijão-da-praia parecia se erguer sobre o horizonte como o tentáculo de uma criatura marinha grande o suficiente para engolir um superpetroleiro. O único botão amarelo poderia ser um olho alienígena. E o que era mais importante para mim: de alguma forma, ele tinha devolvido ao pôr do sol a autenticidade de sua beleza corriqueira, estilo “eu faço isso todo fim de tarde”.

Aquele desenho eu separei. Então, desci até o primeiro andar, esquentei uma refeição congelada de galinha frita no microondas e comi até a última migalha.

Na noite seguinte, contornei o pôr do sol com capim-mimoso, e o laranja forte que brilhava através do verde transformou o horizonte em um incêndio florestal. Depois, na outra noite, tentei desenhar palmeiras, mas não ficou bom: era outro clichê, quase dava para ver garotas dançando hula-hula e ouvir o som de guitarras havaianas. Em seguida, coloquei uma grande concha no horizonte com o pôr do sol irradiando em volta dela como uma coroa e o resultado foi — pelo menos para mim — quase insuportavelmente sinistro. Esse eu virei para a parede, achando que, quando o olhasse no dia seguinte, ele teria perdido sua magia, mas não perdeu. Não para mim, quero dizer.

Tirei uma foto dele com a minha câmera digital e anexei a um e-mail. Ela acarretou a seguinte troca de mensagens, que eu imprimi e guardei em uma pasta:

EFree 19 para KamenDoc

10:14

9 de dezembro

Kamen: eu falei antes que estava desenhando novamente. A culpa é sua, então o mínimo que você pode fazer é dar uma olhada no anexo e me dizer o que acha.

É a vista da minha casa aqui. Não poupe meus sentimentos.

Edgar

KamenDoc para E Free 19

12:09

9 de dezembro

Edgar: acho que você está melhorando.

E MUITO.

Kamen

P.S.: Na verdade, o desenho é incrível. Parece um Dali desconhecido. Está claro que você fez um achado. Qual o tamanho dele?

EFree 19 para KamenDoc

13:13

9 de dezembro

Não sei. Grande, talvez.

EF

KamenDoc para E Free 19 13:22

9 de dezembro

Então VÁ FUNDO!

Kamen

Dois dias depois, quando Jack veio me perguntar se eu queria resolver alguma coisa na rua, eu disse que queria ir a uma livraria comprar um livro com as pinturas de Salman Dali.

Ele riu.

— Acho que o senhor quer dizer *Salvador* Dali — disse ele. — A não ser que esteja pensando no cara que escreveu aquele livro que transformou a vida dele num inferno. Não consigo lembrar o nome.

— *Os Versos Satânicos* — falei sem titubear. A mente é engraçada, não é mesmo?

Quando voltei com meu livro de reproduções — ele custou inacreditáveis 119 dólares, mesmo com meu cartão de desconto da Barnes & Noble; foi uma boa coisa eu ter separado alguns milhões do divórcio para mim —, a luz de MENSAGEM RECEBIDA da minha secretária eletrônica estava piscando. Era Ilse, e a mensagem soava misteriosa apenas em um primeiro momento.

— A mamãe vai ligar para o senhor — disse ela. — Joguei minha melhor conversa, papai, cobrei todos os favores que ela me devia, caprichei no "por favor" e praticamente implorei a Lin, então diga que aceita, o.k.? Diga que aceita. Por mim.

Eu me sentei, comi uma torta Table Talk pela qual aguardara an-siosamente, porém não queria mais, e folheei meu livro de arte caro, pensando — e tenho certeza de que isso não é original — *E dá-lhe Dali.* Nem sempre me impressionei. Muitas vezes, tive a impressão de estar olhando para a obra de algum espertinho talentoso que estava fazendo pouco mais do que matar o tempo. No entanto, fiquei empolgado com alguns quadros e um ou outro me assustou da mesma forma que minha concha pairando no horizonte. Tigres flutuando sobre uma mulher nua reclinada. Uma rosa flutuante. E uma pintura, *Cisnes que Refletem Elefantes,* que era tão estranha que eu mal conseguia olhar para ela... porém, continuava voltando as páginas para olhá-la mais um pouco.

E o que eu estava fazendo, na verdade, era esperar a ligação daquela que logo seria minha ex-mulher me convidando para passar o Natal com as meninas em St. Paul. Algum tempo depois, o telefone tocou, e quando ela disse *Por mais que não queira, estou fazendo este convite* eu resisti ao impulso de rebater aquela indireta em especial com toda a força: *Ey por mais que não queira, eu o estou aceitando.* No entanto, o que falei foi *Entendo perfeitamente. Pode ser na véspera de Natal?* E quando ela disse *Por mim, tudo bem,* parte

daquele tom estou-armada-e-pronta-pra-briga havia desaparecido da sua voz. A discussão que poderia ter cortado o Natal em Família pela raiz tinha sido evitada. O que não tornou aquela viagem de volta para casa uma boa ideia.

VÁ FUNDO, tinha dito Kamen, e em letras maiúsculas. Eu suspeitava que, em vez disso, se saísse de lá naquele momento, acabaria matando o que quer que fosse. Eu poderia voltar para Duma Key... mas isso não significava que recuperaria minha rotina. As caminhadas, os desenhos. Uma coisa estava alimentando a outra. Não sabia exatamente como, e nem precisava saber.

Porém, tinha Illy: *Diga que aceita. Por mim.* Ela sabia que eu diria, não por ser minha favorita (era Lin que sabia disso, acho eu), mas por sempre ter ficado satisfeita com tão pouco e quase nunca ter pedido nada. E porque, quando escutei sua mensagem, eu me lembrei de como ela havia começado a chorar no dia em que me visitara com Melinda em Lake Phalen, se apoiando em mim e perguntando por que as coisas não podiam ser como antes. *Porque elas nunca são,* acho que foi minha resposta, porém, talvez por dois dias, elas pudessem ser as mesmas... ou uma cópia razoável do que haviam sido. Ilse tinha 19 anos, provavelmente velha demais para o último Natal da infância, mas sem dúvida nova o suficiente para merecer mais um deles junto da família com a qual havia crescido. E o mesmo valia para Lin. Suas habilidades de sobrevivência eram melhores, porém ela estava voltando da França novamente, o que me dizia algo.

Então, estava decidido. Eu iria até lá, seria bonzinho e não me esqueceria de colocar Reba na bagagem, caso fosse acometido por um dos meus acessos de raiva. Eles estavam diminuindo, mas, obviamente, não havia nada em Duma Key digno de raiva, exceto meus esquecimentos periódicos e a chatice que era ficar mancando. Liguei para o serviço de táxi aéreo que usava há 15 anos e confirmei um Learjet de Sarasota para o MSP International, partindo às nove da manhã do dia 24 de dezembro. Telefonei para Jack e ele disse que me levaria com prazer até o Dolphin Aviation, o aeroporto de Sarasota, e me buscaria no dia 28. E então, assim que eu acabei de mexer todos os meus pauzinhos, Pam me ligou para dizer que estava tudo cancelado.

vi

O pai de Pam era um fuzileiro naval reformado. Ele e sua mulher tinham se mudado para Palm Desert, na Califórnia, no último ano do século XX, se instalando em uma daquelas comunidades fechadas em que há um casal negro e quatro casais judeus simbólicos. É proibida a entrada de crianças e vegetarianos. Os moradores devem votar nos republicanos e ter cachorrinhos com coleiras de imitação de diamante, um olhar idiota e nomes que terminam com *i.* Taffi já está bom, Cassi é melhor ainda e algo como Rififi é o máximo. O pai de Pam foi diagnosticado com câncer no reto. Não fiquei surpreso. É o que acontece quando você coloca um monte de cuzões juntos.

Não falei isso para a minha mulher, que no início segurou a barra e depois se desmanchou em lágrimas.

— Ele começou a quimio, mas mamãe está dizendo que talvez já tenha metas... messas... ah, sei lá como se fala essa porra, estou parecendo até você! — E então, ainda fungando, mas parecendo chocada e envergonhada: — Desculpe, Eddie, isso foi horrível.

— Não, não foi — disse eu. — Não foi nada horrível. E a palavra é metástase.

— Isso. Obrigada. Enfim, eles vão fazer a cirurgia para retirar o tumor hoje à noite.

— Fique tranquila — falei. — Eles fazem milagres hoje em dia. Eu sou a Prova A.

Ou ela não me considerava um milagre, ou não queria entrar nesse mérito.

— Enfim, o Natal aqui foi cancelado.

— Claro. — E, querem saber a verdade? Eu fiquei feliz. Feliz pra cacete.

— Vou pegar um avião para Palm amanhã. Ilse chega na sexta, Melinda no dia 20. Eu imagino... levando em conta que você e meu pai nunca se entenderam direito...

Levando em conta que, certa vez, nós quase saímos no braço depois que meu sogro chamou os Democratas de "Bando de Comunas", eu achei que ela estava deixando por menos. Então, falei:

— Se você está pensando que eu não quero passar o Natal em Palm Desert com você e as meninas, está certa. Você vai ajudar financeiramente e espero que seus pais entendam que eu

tive alguma coisa a ver com isso...

— Não acho que seja hora de você trazer a porra do seu *talão de cheques* para a conversa!

E então a raiva voltou, num piscar de olhos. Como um palhaço quase saltando da sua caixinha escrota. Eu quis dizer: *Por que você não vai se foder, sua piranha linguaruda?* Mas não disse. Ao menos em parte porque teria saído *piranga linguajuda,* ou talvez *linguaranha piranhuda.* De alguma forma, sabia disso.

Ainda assim, foi por pouco.

— Eddie? — Ela soou truculenta, mais do que disposta a cair dentro se eu quisesse.

— Não estou trazendo meu talão de cheques para lugar nenhum — falei, ouvindo com atenção cada palavra. Elas saíram certinhas. O que foi um alívio. — Só estou dizendo que minha cara do lado da cama do seu pai provavelmente não vai apressar a recuperação dele. — Por um momento a raiva, *a fúria,* quase me fez acrescentar que eu também não vi a cara dele ao lado da minha cama, tampouco. Mais uma vez, consegui impedir as palavras, mas àquela altura já estava suando.

— Certo. Ponto para você. — Ela fez uma pausa. — O que você *vai* fazer no Natal, Eddie?

Pintar o pôr do sol, pensei. *Quem sabe acertar a mão*.

— Creio que, se eu for um bom menino, serei convidado para a ceia de Natal da família de Jack Cantori — falei, sem acreditar nisso. — Jack é o rapaz que trabalha para mim.

— Você parece melhor. Mais forte. Continua esquecendo as coisas?

— Não sei, não me lembro.

— Muito engraçadinho.

— Rir é o melhor remédio. Foi o que eu li no *Reader's Digest*.

— E quanto ao seu braço? Continua tendo aquelas sensações fantasmas?

— Não — menti —, elas praticamente pararam.

— Que bom. Ótimo. — Uma pausa. Então: — Eddie?

— Ainda estou aqui — falei. E com meias-luas vermelho-escuras nas palmas das mãos, de tanto cerrar os punhos.

Fez-se uma longa pausa. As linhas de telefone já não chiam e estalam como quando eu era criança, mas eu conseguia ouvir todos aqueles quilômetros suspirando baixinho entre nós. Parecia o golfo quando a maré está baixa. Então, ela disse:

— Sinto muito que as coisas tenham acabado desse jeito.

— Eu também — respondi e, quando ela desligou, peguei uma das minhas maiores conchas e cheguei muito perto de arremessá-la contra a tela da tevê. Em vez disso, atravessei a sala mancando, abri a porta e a atirei pela estrada deserta. Eu não odiava Pam, não exatamente, mas ainda parecia odiar alguma coisa. Talvez aquela outra vida.

Talvez apenas eu mesmo.

vii

garotinhacrescida88 para E Free 19

9:05

23 de dezembro

Querido papai, os médicos ainda não estão falando muita coisa, mas não estou sentindo vibrações muito boas quanto à cirurgia do vovô. Claro que pode ser apenas a mamãe. Ela o visita todos os dias, leva Nana junto e tenta se manter "para cima", mas sabe como ela é, não exatamente o tipo que vê o lado bom das coisas. Eu queria lhe fazer uma visita. Conferi os voos disponíveis e posso apanhar um para Sarasota no dia 26. Ele chega às 18h15, horário daí. Poderia ficar dois ou três dias. Por favor, diga que sim! Eu também poderia levar meus presentinhos em vez de mandá-los pelo correio.

Beijos...

Ilse

P.S.: Tenho grandes notícias.

Terei eu parado para pensar, ou apenas consultado meu instinto? Não me lembro. Talvez nenhum dos dois. Talvez a única coisa importante na hora tenha sido o fato de eu querer vê-la. De qualquer forma, respondi quase imediatamente.

EFree19 para garotinhacrescida88

9:17

23 de dezembro

Ilse: pode vir! Termine as preparações da

viagem e eu pego você com Jack Cantori, que é meu duende natalino particular. Espero que goste da minha casa, que eu chamo de Casarão Rosa. Só uma coisa: não faça isso sem o conhecimento & aprovação da sua mãe. Nós passamos por períodos difíceis, como você bem sabe. Quero que eles sejam coisa do passado. Você entende, não é?

Papai

Sua resposta foi tão rápida quanto a minha. Ela deve ter ficado esperando.

garotinhacrescida88 paraEFreel9

9:23

23 de dezembro

Já falei com a mamãe, que concordou. Tentei convencer Lin, mas ela prefere ficar aqui antes de voltar para a França. Não fique chateado com ela.

Ilse

P.S.: Iupiii! Estou empolgadíssima!!

Não fique chateado com ela. Parecia que minha Garotinha Crescida vinha dizendo isso sobre a irmã mais velha desde que aprendera a falar. Lin não quer ir ao churrasco de salsicha porque não gosta de cachorros-quentes... mas não fique chateado com ela. Lin não pode usar esse tipo de tênis porque ninguém na turma dela usa mais cano longo... então não fique chateado com ela. Lin quer que o pai de Ryan leve os dois para o baile... mas não fique chateado com ela. E sabe o que é pior? Eu nunca fiquei. Poderia ter contado para Linnie que preferir Use era como crescer canhoto — algo que escapava ao meu controle —, mas aquilo só pioraria as coisas, embora fosse a verdade. Talvez, *especialmente* porque era a verdade.

viii

Ilse estava a caminho de Duma Key, do Casarão Rosa. Iupiii, ela estava empolgadíssima e,

iupiii, eu também. Jack me arranjou uma senhora corpulenta chamada Juanita para fazer faxina duas vezes por semana e eu pedi para ela arrumar o quarto de hóspedes. Também lhe perguntei se poderia trazer algumas flores frescas na véspera de Natal. Sorrindo, ela sugeriu algo que soou aos meus ouvidos como "frô de xepa". Meu cérebro, àquela altura bastante habituado à sutil arte da interseção, não se intimidou por mais de cinco segundos; falei para Juanita que estava certo de que Ilse adoraria uma flor-de-seda.

Na véspera de Natal, eu me peguei relendo o e-mail original de Ilse. O sol se encaminhava para o Oeste, irradiando um caminho longo e reluzente através da água — embora ainda faltassem pelo menos duas horas para ele se pôr —, e eu estava no solário. A maré estava alta. Sob meus pés, o depósito profundo de conchas oscilava e chiava, fazendo aquele som tão parecido com uma respiração ou com um sussurro rouco, confidencial. Passei meu polegar sobre o P.S. — *tenho grandes notícias* — e meu braço direito, o que já não estava mais lá, começou a formigar. A localização daquele formigamento era precisa, de uma exatidão quase perfeita. Ela começou na dobra do cotovelo e desceu em espiral até a parte de cima do punho. Então ficou mais forte, tornando-se uma coceira que eu queria atacar com a mão esquerda.

Fechei os olhos e esfreguei o meu polegar direito contra o dedo médio. Não fez som, mas eu consegui *sentir* o estalo. Arrastei o braço contra o lado do corpo e consegui sentir o atrito. Baixei a mão direita, queimada tempos atrás num incinerador hospitalar em St. Paul, até o braço da minha cadeira e tamborilei os dedos. Não houve som algum, porém a sensação estava lá: pele contra vime. Eu poderia ter jurado em nome de Deus.

Imediatamente, quis desenhar.

Pensei no salão do andar de cima, mas a Casinha Rosa me pareceu longe demais. Fui até a sala de estar e peguei um bloco Artisan de uma pilha que havia na mesa de centro. A maioria do meu material artístico estava no segundo piso, porém havia algumas caixas de lápis coloridos em uma das gavetas da mesa da sala de estar, então peguei também uma delas.

De volta ao solário (que, na minha cabeça, eu sempre chamaria de varanda), eu me sentei e fechei os olhos. Fiquei ouvindo as ondas trabalhando sob meus pés, erguendo as conchas e girando-as, formando novas disposições, cada qual diferente da anterior. Com os olhos fechados, aquele barulho era mais parecido com uma conversa do que nunca: a água concedendo ao litoral uma língua temporária. Sendo que o próprio litoral era temporário, pois, de um ponto de vista geológico, Duma não duraria muito. Nenhuma das ilhas duraria; no fim das contas, o golfo engoliria todas elas e outras surgiriam em novas localidades.

Isso provavelmente também valia para a Flórida. A região era baixa e seu verdadeiro dono era o mar.

Ah, mas aquele som era relaxante. Hipnótico.

Sem abrir os olhos, tateei em busca do e-mail de Ilse e passei as pontas dos dedos por ele novamente. Fiz isso com a mão direita. Então, abri os olhos, coloquei a impressão do e-mail de lado com a mão que estava lá e pus o bloco no meu colo. Virei a capa, despejei os lápis já apontados na mesa à minha frente e comecei a desenhar. A princípio, imaginei que queria desenhar Ilse — afinal de contas, não era nela que eu estava pensando? — e achei que faria um péssimo trabalho, pois nunca havia arriscado uma figura humana desde que voltara a desenhar. Mas não era Ilse e não ficou ruim. Talvez não tenha ficado ótimo — não era nenhum Rembrandt (nem mesmo um Norman Rockwell) —, mas não ficou ruim.

Era um rapaz de calça jeans e uma camiseta dos Minnesota Twins. O número na blusa era 48, o que não significava nada para mim; na minha vida anterior, eu costumava ir ao maior número de jogos dos T-Wolves que podia, contudo nunca fui um fã de beisebol. O sujeito tinha cabelos loiros, o que eu sabia não estar muito certo; não tinha as cores necessárias para conseguir exatamente o tom mais para o castanho que queria. Ele carregava um livro em uma

das mãos. Sorria. Eu sabia quem ele era. Era a grande notícia de Ilse. Era aquilo que as conchas estavam dizendo à medida que a maré as erguia, girava e largava novamente. *Noivado, noivado*. Ela tinha uma aliança, com um diamante, que ele havia comprado na...

Eu estava sombreando a calça jeans do rapaz com o lápis azul. Então o larguei, peguei o preto e escrevi a palavra

ZALES

na parte de baixo do papel. Era uma informação; e também o nome do desenho. Batizar uma coisa dá poder a ela.

Então, sem parar, larguei o lápis preto, apanhei o cor de laranja e acrescentei botas. O laranja era forte demais, fazia as botas parecerem novas, quando elas não eram, mas a *ideia* estava correta.

Fui coçar meu braço direito e o *atravessei,* coçando, em vez dele as costelas. Murmurei “porra” baixinho. Sob meus pés, as conchas pareciam sussurrar um nome. Seria Connor? Não.

E havia alguma coisa errada. Não sabia de onde vinha aquela sensação, porém, de repente, a coceira fantasma no meu braço direito se tornou uma dor fria.

Virei a primeira folha do bloco para trás e fiz outro esboço, dessa vez usando o lápis vermelho. Vermelho, vermelho, era *VERMELHO!* O lápis correu, esguichando uma figura humana como sangue de uma ferida. Ela estava com as costas viradas, usando um manto vermelho com uma espécie de colarinho bordado. Colori o cabelo de vermelho, também, porque sugeria sangue e aquela pessoa sugeria sangue. Sugeria perigo. Não para mim, mas...

— Para Ilse — murmurei. — Perigo para Ilse. É esse o cara? O cara da grande notícia?

Havia algo de errado com aquele cara da grande notícia, mas eu não achava que era isso que estava me assustando. Para começar, a figura de manto vermelho não parecia um homem. Era difícil ter certeza, mas sim — ela me parecia... feminina. Então talvez não fosse um manto. Um vestido talvez? Um longo vermelho?

Voltei à folha do primeiro desenho e olhei para o livro que o cara da grande notícia estava segurando. Atirei meu lápis vermelho no chão e colori o livro de preto. Então olhei novamente para o sujeito e escrevi de repente

HUMMINGBIRDS

com bonitinhas letras cursivas em cima dele. Então, atirei o lápis preto no chão. Ergui minhas mãos trêmulas e cobri o rosto com elas. Gritei o nome da minha filha, do jeito que você gritaria ao ver alguém perto demais de um barranco ou em uma rua agitada.

Talvez eu estivesse apenas louco. *Provavelmente* estava louco.

Algum tempo depois, percebi que estava — é claro — com apenas uma das mãos sobre os olhos. A dor e a coceira fantasmas tinham sumido. A ideia de que eu poderia estar enlouquecendo — poderia é o cacete, de que eu já havia enlouquecido — continuava lá. De uma coisa não podia ter dúvida: eu estava com fome. Faminto.

ix

O avião de Ilse chegou dez minutos antes da hora. Ela estava radiante em seu jeans desbotado e blusa da Universidade de Brown e não entendi como Jack conseguiu não se apaixonar por ela logo ali, no Terminal B. Ela se atirou nos meus braços, cobriu meu rosto de beijos e então

riu e me agarrou quando comecei a pender para bombordo na minha muleta. Apresentei-a para Jack e fingi não ver o pequeno diamante (comprado na Zales, eu não tinha dúvidas) brilhando no dedo anular da sua mão esquerda quando eles apertaram as mãos.

— O senhor me parece *ótimo,* papai — disse ela enquanto saíamos em direção à agradável noite de dezembro. — Está bronzeado. É a primeira vez desde que construiu aquele centro recreativo no Lilydale Park. E ganhou peso. No mínimo uns 4, 5 quilos. Você não acha,

— A senhorita saberia melhor do que eu — disse Jack, sorrindo. — Vou pegar o carro. Se incomoda de esperar em pé, chefe? Pode demorar um pouco.

— Estou bem.

Aguardamos no meio-fio com suas duas maletas e seu computador. Ela me encarava com um sorriso.

— O senhor viu, não viu? — perguntou ela. — Não adianta fingir que não.

— Se você está falando do anel, sim. A não ser que o tenha ganhado em uma daquelas máquinas de apanhar bichinhos, acho que devo lhe dar os parabéns. Lin já sabe?

— Sabe.

— E sua mãe?

— O que o *senhor* acha, papai? Melhor palpite?

Meu melhor palpite é que... não. Porque está preocupada demais com o vovô agora.

— Não foi só por causa do vovô que eu mantive o anel na bolsa o tempo todo que fiquei na Califórnia, quero dizer, a não ser quando mostrei para Lin. Fiz isso principalmente porque queria contar primeiro para o senhor. Foi maldade minha?

— Não, querida. Fico sensibilizado.

E fiquei mesmo. Mas também temi por Ilse, e não só porque ainda faltavam três meses para ela fazer 20 anos.

— O nome dele é Carson Jones e estuda teologia ainda por cima dá pra acreditar? Eu estou apaixonada por ele, papai, simplesmente apaixonada...

— Que maravilha, meu bem — eu disse, porém conseguia sentir o medo subindo pelas minhas pernas. *Só não se apaixone* demais *por ele* era o que eu pensava. *Não,* demais, *não. Porque...*

Ela estava me encarando de perto, seu sorriso desaparecendo.

— O quê? O que houve?

Tinha me esquecido de como ela era rápida, e como sabia me ler bem. O amor tem sua própria paranormalidade, não é mesmo?

— Nada, querida. Bem... meu quadril está doendo um pouco.

— O senhor tomou seus analgésicos?

— Na verdade... estou diminuindo um pouco mais a dose. Pretendo largá-los de vez em janeiro. É minha resolução de ano-novo.

— Que maravilha, papai!

— Embora resoluções de ano-novo sejam feitas para serem quebradas.

— Não no seu caso. O senhor faz o que diz que vai fazer. — Ilse fechou o rosto. — Essa é uma das coisas que a mamãe nunca gostou no senhor. Acho que ela sente inveja.

— Querida, o divórcio foi uma coisa que simplesmente aconteceu. Não tome nenhum partido, o.k.?

— Bem, deixe-me contar ao senhor outra coisa que está acontecendo. — Os lábios dela tinham se afinado. — Desde que foi para Palm Desert, a mamãe tem saído até dizer chega com um cara lá da rua. Ela me diz que não passa de cafezinho e afinidade, porque o Max perdeu o pai *dele* no ano passado e gosta muito do vovô e blá-blá-blá, mas eu vejo o jeito como ela olha para ele e não... estou... gostando! — Àquela altura, seus lábios tinham quase sumido e achei que ela estava assustadoramente parecida com a mãe. O pensamento que veio em seguida foi estranhamente consolador: *acho que ela vai ficar bem. Acho que se o carola desse Jones der um pé na bunda da minha filha, ainda assim ela vai segurar as pontas.*

Eu conseguia ver meu carro alugado, mas Jack ainda iria demorar um pouco. O tráfego para pegar os veículos estava lento. Apoiei a muleta contra o diafragma e abracei minha filha, que tinha vindo lá da Califórnia para me ver.

— Pegue leve com a sua mãe, o.k.?

— O senhor nem se importa que...

— O que mais me importa hoje em dia é que você e Melinda estejam felizes.

Havia círculos debaixo dos seus olhos e eu percebia que, por mais jovem que fosse, todas aquelas viagens a haviam deixado cansada. Imaginei que ela iria acordar tarde no dia seguinte, o que não tinha problema. Se meu palpite quanto ao seu namorado estivesse certo — eu esperava que não, mas achava que estava —, ela passaria algumas noites em claro no próximo ano.

Jack estava na altura do terminal da Air Florida, o que significava que ainda tínhamos algum tempo.

— Você tem uma foto do seu namorado? A Comissão de Inquérito dos Pais quer saber.

Ilse abriu um sorriso.

— Pode apostar. — A foto que Ilse tirou da sua carteira de couro vermelha estava em um daqueles envelopes de plástico transparente. Ela a puxou de dentro dele e a entregou para mim. Imagino que dessa vez minha reação não tenha transparecido, pois seu sorriso terno (na verdade, um pouco abobado) não mudou. E eu? Era como se eu tivesse engolido algo que não tinha sido feito para descer por uma garganta humana. Um pedaço de chumbo, talvez.

Não foi o fato de Carson Jones se parecer com o homem que eu havia desenhado na

véspera de Natal. Eu estava preparado para aquilo desde que vira a pequena aliança cintilando belamente no dedo de Ilse. O que me chocou foi a foto ser quase idêntica ao desenho. Era como se, em vez do instantâneo de um feijão-da-praia, de uma lavanda-do-mar, ou de uma erva-de-laca, eu tivesse prendido exatamente aquela fotografia ao lado do meu cavalete. Ele usava a mesma calça jeans e as botas amarelas surradas que eu não conseguira acertar direito; seu cabelo loiro-acastanhado caía-lhe sobre as orelhas e a testa; ele carregava um livro que eu sabia ser a Bíblia em uma das mãos. O mais evidente era a camisa dos Minnesota Twins, com o número 48 sobre o peito esquerdo.

— Quem é o número 48 e como você foi conhecer um torcedor dos Twins na Brown? Achei que lá fosse território dos Red Sox.

— O número 48 é Torii *Hunter* — disse ela, olhando para mim como se eu fosse o maior idiota do mundo. — A faculdade tem uma tevê enorme na área de recreação principal e eu entrei ali um dia, em junho passado, quando os Sox e os Twins estavam jogando. O lugar estava lotado, mesmo sendo a época dos cursos de verão, mas Carson e eu éramos os únicos vestindo alguma coisa dos Twins: ele com a camisa do Torii e eu com meu boné. Então é claro que nos sentamos juntos e... — Ela encolheu os ombros para indicar que o resto era história.

— Qual é a dele, religiosamente falando?

— Batista. — Ela me encarou um pouco desafiadoramente, como se tivesse falado *canibal*. No entanto, como membro prestigioso da Primeira Igreja de Nada em Particular, eu não guardava rancor contra os batistas. As únicas religiões de que não gosto são aquelas que insistem que o Deus delas é maior do que o seu. — Estamos indo ao culto juntos três vezes por semana há pelo menos quatro meses.

Jack chegou com o carro e ela se abaixou para pegar as alças de suas várias malas.

— Ele vai tirar o semestre da primavera de folga para viajar com uma banda gospel maravilhosa. Vai ser uma turnê de verdade, com agente e tudo. O grupo se chama The Hummingbirds. O senhor tem que ouvir, ele canta como um anjo.

— Aposto que sim — falei.

Ela me beijou novamente, de leve, na bochecha.

— Estou feliz de ter vindo, papai. O senhor também está?

— Mais do que você jamais poderia imaginar — falei e me peguei desejando que ela se apaixonasse perdidamente por Jack. Aquilo teria resolvido tudo... ou pelo menos era o que me parecia na época.

x

Não tivemos nada tão grandioso quanto uma ceia de Natal, mas havia uma das Galinhas Astronautas de Jack, além de molho de *cranberry,* salada pronta e arroz-doce. Ilse comeu dois pratos de cada. Depois que trocamos presentes e soltamos nossas exclamações ao vê-los — tudo *exatamente* o que queríamos —, levei Ilse até a Casinha Rosa e lhe mostrei minha produção artística. O desenho que eu tinha feito do namorado dela e o da mulher (se é que *era* uma mulher) de vermelho estavam guardados em uma gaveta alta do armário do meu quarto e lá continuariam até minha filha ir embora.

Eu havia grampeado cerca de uma dúzia de outros desenhos — em sua maioria pores do sol — em quadrados de papelão e os encostado contra as paredes da sala. Ela deu uma volta por eles. Parou e então deu outra. Já era noite, a escuridão enchia minha janela do andar de cima. A maré estava completamente retraída; a única maneira de ao menos saber que o golfo se encontrava ali era através do seu suspiro baixinho e contínuo, à medida que as ondas corriam em direção à areia e morriam.

— O senhor fez mesmo esses desenhos? — disse ela por fim. Então, se virou e me olhou de um jeito que me deixou desconfortável. Era o tipo de olhar que você dá quando está reavaliando seriamente a outra pessoa.

— Fiz — disse eu. — O que você acha?

— São bons. Talvez mais do que bons. Este aqui... — Ela se abaixou e pegou com muito cuidado o que mostrava a concha sobre o horizonte, com o pôr do sol amarelo-alaranjado irradiando ao seu redor. — Isso é sinistro pra caralh... desculpe, pra caramba.

— Eu também acho — falei. — Mas, francamente, não é nada de novo. A única coisa que eu fiz foi enfeitar o pôr do sol com um pouco de surrealismo. — E então exclamei feito um idiota: — E dá-lhe Dali!

Ela colocou o Pôr *do Sol com Concha* de volta e apanhou o *Pôr do Sol com Feijão-da-Praia.*

— Quem já viu esses desenhos?

Só você e Jack. Ah, e Juanita. Ela os chama de *asustadores.* Ou algo parecido.

— Eles são um pouco sinistros — admitiu ela. — Mas papai... esses lápis que o senhor está usando vão manchar. E acho que a cor vai sumir também se o senhor não fizer alguma coisa com os desenhos.

— O quê?

— Não sei. Mas acho que o senhor deveria mostrá-los para alguém que saiba. Alguém que possa lhe dizer o quanto eles são bons.

Aquilo me deixou lisonjeado, mas também constrangido. Quase consternado.

— Eu não saberia para quem mostrar ou onde...

— Pergunte ao Jack. Talvez ele conheça alguma galeria de arte que possa dar uma olhada neles.

— Claro, é só eu sair mancando por aí e dizendo: “Eu moro em Duma Key e tenho uns desenhos a lápis. A maioria é de pores do sol, um tema muito incomum na costa da Flórida. Minha faxineira diz que eles são *muy asustadores*.”

Ela colocou as mãos no quadril e entortou a cabeça para um lado. Era como Pam ficava quando não tinha intenção de arredar pé de alguma coisa. Quando, na verdade, pretendia levar seu argumento até as últimas consequências.

— Pai...

— Ih, rapaz... lá vem encrenca.

Ela fingiu não ouvir.

— O senhor transformou duas picapes, um buldôzer usado da Guerra da Coreia e um empréstimo de 20 mil em um negócio de um milhão de dólares. E ainda tem coragem de falar para mim que não consegue fazer com que algumas galerias de arte dêem uma olhada nos seus desenhos se quiser de verdade?

Ela abrandou o tom.

— Quero dizer, eles são bons, papai. *Bons*. *Eu,* que só tenho como base um curso de Apreciação Artística fajuto da época do ginásio, sei disso.

Eu falei alguma coisa, mas não sei ao certo o quê. Estava pensando em meu esboço rápido e frenético de Carson Jones, também conhecido como O Beija-Flor Batista.[2] Será que ela também acharia aquele desenho bom, se o visse?

No entanto, ela não o veria. Aquele não, e nem o da pessoa com o manto vermelho. Ninguém os veria. Era o que eu pensava na época.

— Papai, se o senhor tinha esse talento o tempo todo, onde ele estava?

— Não sei — disse eu. — E de quanto talento estamos falando ainda é uma questão em aberto.

— Então encontre alguém que lhe diga, o.k.? Alguém que entenda do assunto. — Ela apanhou o desenho que fiz da caixa de correio. — Até este aqui... não é nada de especial, exceto que *é,* sim. Por causa... — Ela tocou o papel. — Do cavalo de balanço. Por que o senhor colocaria um cavalo de balanço no desenho, papai?

— Não sei — respondi. — Ele apenas quis estar ali.

— O senhor desenhou de memória?

— Não. Parece que eu não consigo fazer isso. Ou por conta do acidente, ou porque já não tinha essa habilidade específica antes. — Só que às vezes eu desenhava dessa forma. No caso de rapazes com camisas dos Twins, por exemplo. — Encontrei a foto de um na internet, então imprimi...

— Ah, merda, eu borrei! — exclamou ela. — Ah, *merda*!

— Ilse, tudo bem. Não tem importância.

— *Não* está tudo bem. E tem importância, *sim*! Porra, o senhor precisa comprar *tintas!* — Ela repetiu na sua cabeça o que acabara de dizer e tapou a boca com uma das mãos.

— Você provavelmente não vai acreditar — falei —, mas eu já ouvi essa palavra uma ou

outra vez na vida. Embora tenha a impressão de que talvez seu namorado... não exatamente...

— O senhor tem razão — disse ela. Um pouco emburrada. Então, sorriu. — Mas ele consegue me sair com um “vai se danar” muito bom quando alguém fecha o carro dele no trânsito. Papai, quanto aos desenhos...

— Fico feliz que você tenha gostado deles.

— Mais que gostei. Estou impressionada. — Ela bocejou. — Também estou mortinha.

— Acho que você precisa é de uma xícara de chocolate quente e depois cama.

— Me parece maravilhoso.

— Qual deles?

Ilse riu. Era maravilhoso ouvir sua risada. Ela enchia o ambiente.

— Os dois.

xi

Na manhã seguinte, ficamos na praia com canecas de café nas mãos e os tornozelos na espuma das ondas. O sol acabara de se erguer por sobre o relevo baixo da ilha atrás de nós, e nossas sombras pareciam se estender por quilômetros pela água tranquila afora. Ilse me encarou de forma solene.

— Este é o lugar mais bonito do mundo, pai?

— Não, mas você é jovem e não posso culpá-la por achar que ele talvez seja. É o quarto colocado na lista dos Mais Bonitos, na verdade, mas os três primeiros têm nomes que ninguém consegue soletrar.

Ela sorriu por sobre a borda da caneca.

— Diga quais são.

— Se você insiste. Primeiro colocado, Machu Picchu. Segundo colocado, Marrakesh. Terceiro colocado, Monumento Nacional do Pe-tróglifo. Então, na quarta posição, Duma Key, a poucos quilômetros da costa oeste da Flórida.

O sorriso dela se alargou por um ou dois segundos. Então desapareceu e ela me lançou aquele olhar solene novamente. Lembrei-me da vez em que ela me encarou daquele jeito aos 4 anos, perguntando se existia magia como nos contos de fadas. Eu lhe dissera que sim, claro, pensando que era uma mentira. Já não tinha tanta certeza. Porém, o ai estava quente, meus pés descalços estavam no golfo e eu só queria que Ilse não fosse magoada. Achava que ela seria. Mas todo mundo recebe sua cota de mágoa, não é mesmo? Claro. Pimba, bem no nariz. Pimba, bem no olho. Pimba, abaixo da cintura, e daí pra baixo, sendo que c juiz saiu do ringue para comer um cachorro-quente. Só que as pessoas que você ama podem multiplicar essa mágoa e passá-la adiante. O sofrimento é o maior poder do amor. Como diz Wireman.

— Algum problema, querida? — perguntei.

— Não, só estava pensando de novo em como eu estou feliz por ter vindo. Imaginei o senhor apodrecendo entre um asilo de velhos e algum bar havaiano terrível, com concursos de camisetas molhadas às quintas-feiras. Acho que estou lendo Carl Hiaasen demais.

— Tem um monte de lugares assim por aqui — falei.

— E tem outros lugares como Duma?

— Não sei. Alguns, talvez. — No entanto, baseado no que Jack me contara, imaginava que não.

— Bem, o senhor merece este aqui — disse ela. — É a sua hora de descansar e sarar. E se tudo isso — ela gesticulou em direção ao golfo — não curar o senhor, não sei o que curaria. A única coisa...

— Siiim? — disse eu, fingindo pegar algo no ar com dois dedos. Toda família tem seu próprio dialeto interno, o que inclui linguagem dos sinais. Meu gesto não teria significado nada para alguém de fora, mas Ilse o conhecia e riu.

— Certo, espertinho. A única mosca na sopa é o barulho que a maré faz quando fica cheia. Eu acordei no meio da noite e quase gritei antes de perceber que eram as conchas se mexendo na água. Quer dizer, é isso mesmo, não é? Por favor, diga que sim.

— É isso mesmo. O que você achou que fosse?

Ela chegou a tremer.

— A primeira coisa que me veio à cabeça... não ria... foi uma procissão de esqueletos. Centenas, marchando ao redor da casa.

Nunca tinha pensado naquilo daquela maneira, porém sabia o que ela queria dizer.

— Eu acho mais ou menos relaxante.

Ela encolheu ligeiramente os ombros, sem botar fé.

— Bem... então, está certo. Cada um na sua. O senhor está pronto para voltar? Posso fazer uns ovos mexidos pra gente. Coloco até uma pimentinha e uns cogumelos.

— Vamos nessa.

— Não vejo o senhor tanto tempo sem a muleta desde o acidente.

— Meu plano é estar andando 400 metros para o Sul pela orla no meio de janeiro.

Ela assobiou.

— Quatrocentos metros na ida e mais 400 na *volta*?

Balancei a cabeça.

— Não, não. Só 400 metros. Pretendo voltar planando. — Estendi os braços para demonstrar.

Ela deu uma risadinha, começou a andar de volta para casa e então parou quando uma luz piscou na nossa direção, vinda do Sul. Uma vez e depois outra. Os dois pontinhos estavam ali.

— É gente — falou Ilse, fazendo sombra nos olhos.

— Meus vizinhos. Meus *únicos* vizinhos, no momento. Pelo menos é o que eu acho.

— O senhor já os conhece?

— Não. Tudo que sei é que são um homem e uma mulher numa cadeira de rodas. Acho que ela toma o café à beira do mar quase todos os dias. Parece que é a bandeja que fica brilhando.

— O senhor deveria comprar um carrinho de golfe. Então poderia dirigir até lá para dar um oi.

— Com o tempo, eu vou *andar* até lá para dar um oi — falei. — Nada de carrinho de golfe para o menino. O dr. Kamen me disse para traçar metas, é o que eu estou fazendo.

— O senhor não precisa de um psiquiatra para lhe ensinar a traçar metas, papai — disse ela, ainda olhando para o Sul. — Qual é a casa deles? A grandona que parece um rancho de faroeste?

— Tenho quase certeza que sim.

— E não mora mais ninguém lá?

— Agora, não. Segundo Jack, tem gente que aluga algumas das outras casas em janeiro e fevereiro, mas por enquanto acho que somos apenas eu e eles. O resto da ilha é a maior pornografia botânica. As plantas perdem as estribeiras.

— Meu Deus, *por quê*?

— Não faço a menor ideia. Pretendo descobrir, tentar pelo menos, mas, por enquanto, ainda estou tentando andar com as próprias pernas. Literalmente.

Então, estávamos andando de volta para casa. Ilse falou:

— Uma ilha ensolarada quase vazia... deve ter uma história por trás disso. Quase *tem* que ter uma história, o senhor não acha?

— Acho — respondi. — Jack Cantori se ofereceu para bisbilhotar, mas eu disse a ele para não se dar o trabalho, achando que talvez eu pudesse investigar sozinho. — Agarrei minha muleta, passei o braço pelas duas mangas de aço, o que era sempre reconfortante depois de um tempo na praia sem sua ajuda, e comecei a subir o calçamento. Porém, Ilse não estava comigo. Dei meia-volta e olhei para trás. Ela olhava para o Sul, fazendo sombra nos olhos com a mão novamente. — Você vem, querida?

— Sim — Outro lampejo vindo da outra ponta da praia; a bandeja de café da manhã. Ou um bule. — Talvez *eles* conheçam a história — falou Ilse, me alcançando.

— Talvez sim.

Ela apontou em direção à estrada.

—E quanto a ela? Até onde vai?

— Não sei — respondi.

— Gostaria de pegá-la hoje à tarde para ver?

— Você está disposta a pilotar um Chevy Malibu alugado na Hertz?

— Claro — disse ela. Então, colocou as mãos no quadril magro, fingiu cuspir e falou com um sotaque arrastado do Sul: — Vou dirigir até esse raio de estrada acabar.

xii

No entanto, não chegamos nem perto do fim da Duma Road. Não naquele dia. Nossa expedição para o Sul começou bem e terminou mal.

Estávamos os dois nos sentindo bem quando saímos. Eu tinha ficado uma hora com as pernas para cima, além de ter tomado minha oxicodona do meio-dia. Minha filha havia colocado uma bermuda e uma blusa de frente única e riu quando eu insisti para que passasse protetor solar no nariz. “Estou igual a uma palhaça”, disse ela, olhando-se no espelho. Ela estava de ótimo humor, eu estava mais feliz do que nunca, desde o acidente, de modo que o que nos aconteceu naquela tarde foi uma surpresa total. Ilse botou a culpa no almoço — maionese estragada na salada de atum, talvez — e eu não discuti, embora não achasse que tivesse sido isso. Magia negra é mais provável.

A estrada era estreita, acidentada e cheia de buracos. Até alcançarmos a parte em que ela adentrava a vegetação alta que cobria a maior parte da ilha, também era encrespada por dunas de areia cor de osso que aviam sido sopradas da praia até ali. O Chevy alugado passava corajosamente, aos solavancos, por cima de quase todas elas. Porém, quando a estrada dobrou para um pouco mais perto da praia — isso foi logo antes de chegarmos ao sítio que Wireman chamava de *Palacio de Asesinos* —, as dunas ficaram mais grossas e o carro passou a derrapar em vez de sacolejar. Ilse, que aprendera a dirigir no país da neve, deu conta do recado sem reclamar ou fazer qualquer comentário.

As casas entre o Casarão Rosa e *El Palacio* eram todas no estilo que eu passei a chamar, na minha cabeça, de Feiura Pastel da Flórida A maioria estava com as venezianas fechadas e as garagens de todas elas exceto uma, estavam com os portões fechados. A garagem da única exceção tinha sido barrada por dois cavaletes, trazendo o seguinte aviso estampado: **CÃES FEROZES CÃES FEROZES.** Depois da casa do Cão Feroz, começava o terreno do sítio. Ele era delimitado por um muro de estuque sólido de cerca de 3 metros, umas duas fileiras de telhas cor de laranja por cima. Mais telhas laranja — no teto da mansão lá dentro — formavam ângulos contra o impecável céu azul.

— Misericórdia — falou Ilse, que só podia ter aprendido aquilo com seu namorado batista. — Este lugar deveria estar em Beverly Hills.

O muro seguia ao leste da estrada estreita e irregular por uns 70 metros no mínimo. Não

havia placas de PROIBIDA A ENTRADA; aquele muro já deixava bem claro a atitude do dono quanto a vendedores de porta em porta e mórmons evangelizadores. No meio dele, havia um portão de ferro de duas partes entreaberto. E logo atrás da fresta entre suas metades...

— Lá está ela — murmurei. — A mulher do outro lado da praia. Puta merda, é a Noiva do Poderoso Chefão.

— *Papai!* — falou Use, rindo e chocada ao mesmo tempo.

A mulher era velha pra caramba, 85 anos no mínimo. Estava na sua cadeira de rodas. Dois tênis azuis de cano alto se sustentavam no cromado descanso para os pés. Embora a temperatura estivesse por volta dos 25°C, ela usava um conjunto de malha cinza de duas peças. Em uma das mãos retorcidas, um cigarro queimava. O chapéu de palha que eu tinha visto nas minhas caminhadas estava preso à sua cabeça, porém não havia notado como ele era enorme — não era um simples chapéu, mas um maltratado sombreiro mexicano. A semelhança dela com Marlon Brando no final de *O Poderoso Chefão* — quando ele está brincando com o neto no jardim — era indiscutível. Havia algo em seu colo que não parecia exatamente uma pistola.

Ilse e eu acenamos. Por um instante, ela não fez nada. Então, ergueu uma das mãos com a palma virada para nós, como num cumprimento indiano, e abriu um sorriso radiante e quase desdentado. Mil rugas vincaram seu rosto, transformando-a em uma bruxa boa. Nem cheguei a olhar para a casa atrás dela; ainda estava tentando digerir sua aparição repentina, seus tênis azuis descolados, seu delta de rugas e sua...

— Papai, aquilo era uma *arma*? — Ilse fitava o espelho retrovisor com os olhos arregalados. — Aquela senhora estava com uma *arma*?

O carro estava deslizando para o lado e eu vi uma possibilidade real de batermos de raspão na quina do muro. Dei uma batidinha no volante e corrigi o trajeto.

— Acho que sim. De algum tipo. Dirija com atenção, meu bem. Não sobrou muita estrada nesta estrada.

Ela olhou de volta para a frente. Vínhamos dirigindo sob um sol forte, porém o muro do sítio o bloqueou.

— Como assim de algum tipo?

— Parecia... sei lá, uma besta. Ou algo do gênero. Talvez ela use para matar cobras.

— Graças a Deus que ela sorriu — falou Ilse. — E foi um sorriso *e tanto,* não foi?

Eu assenti.

— Foi sim.

O sítio era a última casa na região norte de Duma Key. Para além dali, a estrada serpeava ilha adentro e a vegetação se aglomerava de uma maneira que, a princípio, achei interessante, depois espantosa e, por fim, claustrofóbica. As massas de verde se erguiam a uma altura de pelo menos 3,5 metros, suas folhas arredondadas riscadas por um vermelho forte e escuro que parecia sangue seco.

— Que planta é aquela, papai?

— Baga-da-praia. A verde com folhas amarelas é chamada de mar-garidão. Cresce em toda parte. Tem também os rododendros. As árvores são quase todas pinheiros comuns, acho, embora...

Ela desacelerou até quase parar e apontou para a esquerda, esticando o pescoço para olhar pelo canto do pára-brisa.

— Aquelas são algum tipo de palmeira. E olhe... bem ali na frente...

A estrada dobrava mais para dentro da ilha ainda e, ali, os troncos que ladeavam a estrada pareciam massas entrelaçadas de corda cinza. Suas raízes haviam deformado o asfalto. Parecia-me que ainda conseguiríamos passar, mas os carros que fossem tentar fazê-lo dali a alguns anos? Sem chance.

— Figueira estranguladora — disse eu.

— Nome simpático, bem Alfred Hitchcock. E elas simplesmente crescem sem controle?

— Não sei — respondi.

Ela passou cautelosamente com o Chevy por cima das raízes subterrâneas e seguiu adiante. Andávamos no máximo a 8 quilômetros por hora. Havia mais figueiras estranguladoras crescendo em meio ao aglomerado de bagas-da-praia e rododendros. A vegetação alta lançava a estrada em sombras espessas. Não se enxergava nada a qualquer distância em ambos os lados. Com a exceção de uma ou outra lasca de azul ou raio de sol errante, até mesmo o céu tinha desaparecido. E então começamos a ver ramos de capim-navalha e pau-de-viola crescendo através das próprias rachaduras no asfalto.

Meu braço começou a pinicar. O que não estava lá. Estiquei a mão para coçá-lo sem pensar e cocei apenas minhas costelas ainda doloridas, como sempre. Ao mesmo tempo, senti uma comichão no lado esquerdo da cabeça. Aquilo eu podia coçar, e foi o que fiz.

— Papai?

— Estou bem. Por que você está parando?

— Porque... sou eu quem não está se sentindo muito bem.

Notei que não parecia, mesmo. Sua pele tinha ficado quase tão branca quanto a camada de protetor solar no seu nariz.

— Ilse, qual o problema?

— Meu estômago. Estou começando a duvidar seriamente daquela salada de atum que fiz para o almoço. — Ela me lançou um sorriso abatido, estilo "estou ficando gripada". — Também estou me perguntando como vou tirar a gente daqui.

Era uma boa pergunta. De repente, as bagas-da-praia davam a impressão de estar se fechando à nossa volta e as palmeiras entrelaçadas lá no alto pareciam mais grossas. Notei que conseguia sentir o cheiro da vegetação que nos cercava, um aroma viscoso que parecia ganhar vida no meio da minha garganta. E por que não? Afinal, ele vinha de criaturas vivas; elas se amontoavam nos dois lados. E acima de nós.

— Pai?

A coceira tinha piorado. Era vermelha, aquela coceira, tão vermelha quanto o fedor no meu nariz e na garganta era verde. Do tipo que você tinha quando ficava preso na *brasa,* preso no *jarro.*

— Papai, me desculpe, mas acho que vou vomitar.

Não era uma *brasa,* não era um *jarro,* era um *carro,* ela abriu a porta do carro e se inclinou para fora, segurando o volante com uma das mães, e então eu a escutei gromitar.

Meu olho direito passou a enxergar vermelho e eu pensei. *Vou conseguir. Vou conseguir. Só preciso colocar minha pobre cabeça no lugar.*

Abri minha porta, estendendo a mão ao longo do corpo para fazê-lo, e saí. *Joguei-me* para fora, segurando a parte de cima da porta para não cair de cara em uma parede de bagas-da-praia e nos galhos entrelaçados das figueiras-de-bengala semienterradas. Os arbustos e galhos estavam tão próximos da lateral do carro que me arranharam quando fui até a frente dele. Metade da minha visão

(*VERMELHO*)

parecia estar sangrando um líquido escarlate. Eu poderia jurar que senti a ponta de um ramo de pinheiro roçando o punho do meu braço direito e pensei: *Eu vou conseguir, PRECISO conseguir,* enquanto ouvia Ilse vomitar novamente. Percebia que estava muito mais quente na pista estreita do que deveria estar, mesmo com aquele telhado verde acima de nós. Ainda me restava clareza de pensamento o suficiente para me perguntar onde estávamos com a cabeça quando pegamos aquela estrada, para começo de conversa. Mas é claro que aquilo nos pareceu uma simples brincadeira na hora.

Ilse ainda estava debruçada para fora, segurando-se ao volante com a mão direita. O suor

pendia da sua testa em forma de contas transparentes. Ela ergueu os olhos para mim.

— Minha nossa...

— Vá para o lado, Ilse.

— Papai, o que você vai fazer?

Como se ela não pudesse ver. E, de qualquer forma, as palavras *levar* e *de volta* ficaram subitamente indisponíveis para mim. Tudo o que eu poderia ter articulado naquele momento era *nós,* a palavra mais inútil da língua quando deixada sozinha. Senti a raiva subir até a minha garganta como água quente. Ou sangue. Sim, sangue era melhor. Por que a raiva era, é claro, *vermelha.*

— Tirar a gente daqui. Vá para o lado. — Pensando: Não ouse ficar puto com ela. Aconteça o que acontecer, não comece a gritar. Oh, pelo amor de Deus, não faça isso.

— Papai, você não vai...

— Vou. Eu vou conseguir. Vá para o lado.

O hábito da obediência não morre fácil — especialmente, talvez, entre pais e filhas. E, além disso, Ilse estava passando mal, claro. Ela foi para o lado e eu me enfiei atrás do volante, sentando daquele meu jeito troncho e idiota, usando a mão para levantar minha perna direita bichada. Todo o lado direito do meu corpo zumbia, como se estivesse sofrendo um choque elétrico de baixa voltagem.

Fechei os olhos com força e pensei: *Eu VOU conseguir, cacete, e não preciso de nenhuma vagabunda de pano cheia de trapos para isso.*

Quando olhei para o mundo novamente, parte daquela vermelhidão — e parte da raiva, graças a Deus — havia sido drenada dele. Engatei a ré e comecei a voltar lentamente. Não podia me inclinar para fora como Ilse havia feito, pois não tinha mão direita para guiar. Em vez disso, usei o espelho retrovisor. Na minha cabeça, fantasmagoricamente, escutei: *bip-bip-bip*.

— Por favor, não tire a gente da estrada — falou Ilse. — Não podemos andar. Eu estou passando mal demais e o senhor está ferrado demais.

— Não vou fazer isso, Monica — falei, porém, naquele instante, ela se debruçou na janela para vomitar de novo e não acho que tenha me ouvido.

Lentamente, bem lentamente, voltei de ré de onde Ilse havia parado, dizendo a mim mesmo: *Vá com calma* e *É devagar e sempre que se ganha a corrida.* Meu quadril rosnou quando passamos aos solavancos por cima das raízes da figueira estranguladora que se entocavam debaixo da estrada. Escutei alguns galhos de bagas-da-praia raspando a lateral do carro O pessoal da Hertz não gostaria daquilo, mas eles eram a última das minhas preocupações naquela tarde.

Aos poucos, a luz foi ficando mais forte à medida que a folhagem se abria sobre as nossas cabeças. Aquilo era bom. Minha visão também estava clareando e aquela coceira violenta diminuía. O que era ainda melhor.

— Estou vendo o casarão com o muro em volta — disse Ilse, olhando por sobre o ombro.

— Está se sentindo melhor?

— Talvez um pouco, mas meu estômago ainda está revirando feito uma máquina de lavar roupas. — Ela fez um barulho de golfada. — Oh, meu Deus, eu não devia ter falado isso. — Então, inclinou-se para fora, vomitou novamente e se deixou cair de volta no banco, rindo e gemendo. Sua franja estava grudada na testa em nacos grossos. — Acabei de emporcalhar a lateral do seu carro. Por favor, me diga que o senhor tem uma mangueira.

— Não se preocupe com isso. Só fique sentada e respire fundo e devagar.

Ela assentiu debilmente e fechou os olhos.

Não via a senhora com o chapéu de palha enorme em lugar nenhum, porém as duas metades do portão de ferro estavam escancaradas, como se ela estivesse esperando visitas. Ou soubesse que precisávamos de um lugar para dar meia-volta.

Não perdi tempo pensando sobre aquilo, apenas entrei de ré com o Chevy pelo portal. Vi por um instante um pátio coberto de ladrilhos azuis, uma quadra de tênis e uma imensa porta dupla com argolas de ferro. Então, manobrei para o Casarão Rosa. Chegamos cinco minutos depois. Minha vista estava tão clara quanto ao acordar naquela manhã, se não mais. Exceto pela pequena coceira que subia e descia pelo meu lado direito, me sentia bem.

Também sentia uma vontade forte de desenhar. Não sabia o quê, mas *saberia,* assim que me sentasse na Casinha Rosa com um dos meus blocos presos no cavalete. Tinha certeza disso.

— Deixe-me limpar o lado do seu carro — falou Ilse.

— Vá se deitar. Você parece mortinha.

Ela me ofereceu um sorriso fraco.

— Só esqueceram de me enterrar. Lembra como a mamãe costumava dizer isso?

Eu assenti.

— Agora, vá andando. Eu passo uma água no carro. — Apontei para onde a mangueira estava enrolada, no lado do Casarão Rosa que dava para o Norte. — Já está tudo arrumado e pronto para usar.

— Tem certeza de que *o senhor* está bem?

— Em plena forma. Acho que você comeu mais daquela salada de atum do que eu.

Ela conseguiu abrir outro sorriso.

— Sempre fui fã da minha própria culinária. O senhor foi ótimo ao trazer a gente de volta para cá, papai. Eu lhe daria um beijo, mas meu *hálito*...

Eu a beijei. Na testa. Sua pele estava fria e úmida.

— Coloque os pés para cima, srta. Cookie, ordens do quartel-general.

Ela foi fazer isso. Eu girei a torneira e limpei com a mangueira o lado do Malibu, levando mais tempo do que o necessário, querendo me certificar de que ela já havia beijado a lona. E não deu outra. Quando bisbilhotei pela porta entreaberta do quarto de hóspedes, vi que Ilse estava deitada de lado, dormindo exatamente como quando era criança: uma das mãos enfiada debaixo da bochecha e um joelho levantado quase até o peito. Gostamos de achar que mudamos, mas não mudamos de verdade — é o que diz Wireman.

Talvez *sí,* talvez *no* — é o que diz Freemantle.

xiv

Algo me atraía — talvez algo que já estivesse dentro de mim desde o acidente, mas que certamente tinha voltado da Duma Key Road comigo. Deixei que me atraísse. De qualquer

forma, não sei ao certo se teria conseguido resistir, mas nem cheguei a tentar; estava curioso.

A bolsa da minha filha estava em cima da mesa de centro na sala de estar. Eu a abri, peguei sua carteira e folheei as fotografias que estavam dentro dela. Aquilo fez com que eu me sentisse um pouco cafajeste, mas só um pouco. *Você não está roubando nada,* disse a mim mesmo, mas é claro que existem várias maneiras de se roubar, não é?

Ali estava a foto de Carson Jones que ela me mostrara no aeroporto mas eu não queria aquilo. Não queria vê-lo sozinho. Queria vê-lo com ela. Queria uma foto dos dois como casal. E encontrei. Parecia ter sido tirada em um mercado de beira de estrada; havia cestos de pepino e milho atrás deles. Os dois estavam sorridentes, jovens e belos. Estavam com os braços em volta um do outro e a palma de uma das mãos de Carson Jones parecia estar em cima do volume do traseiro vestido de jeans da minha filha. Ah, seu cristão safado. Meu braço direito ainda pinicava: um formigamento leve, constante, como se ele estivesse cheio de brotoejas. Fui coçá-lo, o atravessei, e acabei coçando as costelas pela décima milionésima vez. Aquela foto também estava em um envelope protetor transparente. Tirei-a de dentro dele, olhei por cima do ombro — tão nervoso quanto um assaltante no seu primeiro serviço — para a porta entreaberta do quarto em que Ilse estava dormindo e então virei a fotografia.

Te amo, Docinho!

“Smiley”

Será que eu podia confiar em um pretendente que chamava minha filha de Docinho e assinava como Smiley? Achava que não. Podia ser injustiça, mas não — eu achava que não. De qualquer forma, eu *tinha* encontrado o que estava procurando. Não só um deles, mas os dois. Virei a foto novamente, fechei os olhos e fingi estar tocando suas imagens com a mão direita. Embora não parecesse que eu estava fingindo; imagino que não precise dizer isso a essa altura.

Depois de algum tempo — não saberia precisar quanto — devolvi a fotografia ao seu invólucro de plástico e afundei a carteira de Ilse debaixo dos lenços e cosméticos até chegar aproximadamente à mesma profundidade em que a havia encontrado. Então, coloquei a bolsa de volta na mesa de centro e fui até o banheiro pegar Reba, a Boneca de Extravasamento da Raiva. Subi mancando até a Casinha Rosa com ela presa entre meu coto e as costelas. Lembro-me de ter dito: "Vou transformar você na Monica Seles" quando coloquei Reba diante da janela mas pode muito bem ter sido Monica Goldstein; quando o assunto é memória, a gente nunca joga limpo. O evangelho segundo Wireman.

Lembro-me, com mais clareza do que gostaria, da maior parte do que aconteceu em Duma, porém aquela tarde em especial me parece muito vaga. Sei que desenhei como se tivesse caído em um transe, e que a coceira enlouquecedora no meu braço direito inexistente desapareceu por completo enquanto eu trabalhava; *não* sei, mas tenho quase certeza de que aquela névoa avermelhada que sempre cobria a minha vista naquela época — tornando-se mais espessa quando eu ficava cansado — sumiu por alguns instantes.

Não sei dizer quanto tempo permaneci nesse estado. Acredito que tenha sido bastante. O suficiente para eu estar cansado e faminto ao terminar.

Voltei para o andar de baixo e devorei os frios sob a luz gelada da geladeira. Não quis fazer um sanduíche, pois não queria que Ilse soubesse que eu estava me sentindo bem o suficiente para comer. Ela que continuasse achando que a causa dos nossos problemas tinha sido maionese estragada. Assim, não teríamos que gastar nosso tempo buscando outras explicações.

Nenhuma das outras que me vinham à mente eram racionais.

Depois de comer quase metade de uma embalagem de salame fatiado e entornar cerca de meio litro de chá doce, fui para o meu quarto, me deitei e caí em um sono pesado.

XV

Pores do sol.

Às vezes tenho a impressão de que minhas lembranças mais claras de Duma Key são os céus crepusculares que sangram no fundo e vão se apagando no topo, passando do verde para o preto. Quando acordei naquele fim de tarde, outro dia se punha gloriosamente. Batendo com a muleta no chão, fui até a espaçosa sala principal, travado e me encolhendo de dor (os primeiros dez minutos eram sempre os piores). A porta do quarto de Ilse estava aberta e sua

cama, vazia.

— Ilse — chamei.

Por um instante, não houve resposta. Então, ela chamou de volta do andar de cima:

— Papai? Pela madrugada, o senhor desenhou isto? *Quando* desenhou isto?

Todo e qualquer pensamento sobre dor ou desconforto sumiu da minha cabeça. Subi o mais rápido que pude até a Casinha Rosa, tentando me lembrar o que tinha desenhado. O que quer que fosse, eu não fizera nenhum esforço para deixá-lo longe de vista. E se fosse algo realmente terrível? E se eu houvesse tido a ideia brilhante de fazer uma caricatura da crucificação, com O Beija-Flor Evangélico pregado na cruz?

Ilse estava diante do meu cavalete, e eu não conseguia ver o que estava ali. Mesmo que ela estivesse parada em um dos lados, a única luz que entrava no salão vinha daquele pôr do sol sangrento; o bloco teria sido apenas um retângulo preto contra o brilho dele.

Acendi as luzes, rezando para não ter feito nada que magoasse a filha que tinha viajado até ali para se certificar de que eu estava bem. Era impossível saber pelo tom da sua voz.

— Ilse?

Ela se virou para mim, seu rosto confuso em vez de irritado.

— Quando o senhor fez este desenho?

— Bem... — falei. — Chegue um pouquinho para lá, por favor?

— A sua memória está pregando peças no senhor de novo? Está, não é?

— Não — respondi. — Bem, sim. — Era a praia do outro lado da janela, conseguia distinguir isso, e mais nada. — Assim que eu o vir, com certeza vou... Chegue para lá, querida, você está mais para porta do que para janela.

— Eu sou mesmo uma chata, não é? — Ela riu. Raras vezes o som de uma risada me aliviou tanto. Independente do que tivesse encontrado no cavalete, aquilo não a deixara brava, e meu estômago voltou ao seu devido lugar. Se ela não estava com raiva, diminuía o risco de *eu* ficar com raiva e estragar o que vinha sendo, relativamente, uma visita muito boa.

Ela chegou para a esquerda e eu vi o que havia desenhado durante meu estado entorpecido, de pré-cochilo. Tecnicamente falando talvez fosse a melhor coisa que eu tinha feito desde a minha primeira tentativa com caneta-tinteiro em Lake Phalen; no entanto, pensei que não era de surpreender que ela tivesse ficado intrigada. Eu fiquei também.

Era o trecho da praia que eu conseguia ver através da janela da Casinha Rosa, que cobria quase uma parede inteira. O riscado casual da luz na água, alcançado com um tom que a companhia que fabricava os lápis chamava de Cromo, marcava o horário como sendo o começo da manhã. Havia uma garotinha com um vestido de tenista parada no meio do desenho. Ela estava de costas, porém seu cabelo vermelho entregava totalmente o jogo: era Reba, meu pequeno amor, a namorada da minha outra vida. O vulto era mal desenhado, mas dava para perceber, de alguma forma, que tinha sido de propósito, que aquela não era de maneira alguma uma garotinha de verdade, apenas uma figura onírica em uma paisagem onírica.

Em volta dos seus pés, caídas na areia, havia bolas de tênis de um verde forte.

Outras flutuavam em direção ao litoral em ondas suaves.

— Quando o senhor fez esse desenho? — Ilse ainda estava sorrindo, quase ria. — E que diacho ele significa?

— Você gostou? — perguntei. Porque *eu* não tinha gostado. As bolas de tênis estavam da cor errada, pois eu não tinha o tom correto de verde, mas não era esse o motivo; detestava aquele desenho porque ele parecia completamente errado. Parecia desgostoso.

— Eu *adorei!* — disse ela, e então *riu* de fato. — Ora essa, quando o senhor o desenhou? Diga pra mim.

— Quando você estava dormindo. Eu fui deitar, mas me senti enjoado de novo, daí achei que seria melhor ficar um tempo na vertical. Então decidi desenhar um pouco, para ver se as coisas entravam nos eixos. Não percebi que estava com *aquilo* nas mãos até chegar aqui em cima. — Apontei para Reba, que estava recostada na janela, com as pernas estofadas estendidas para a frente.

— Aquela é a boneca com a qual o senhor deve gritar quando se esquece das coisas, não é?

— Algo assim. Enfim, eu fiz o desenho. Levei mais ou menos uma hora. Quando terminei, já estava me sentindo melhor. — Embora me lembrasse muito pouco do desenho, eu me lembrava o suficiente para saber que aquela história era mentira. — Então fui me deitar e tirei um cochilo. Fim da história.

— Posso ficar com ele?

Senti uma onda de desânimo, mas não consegui pensar em uma maneira de dizer não que não ferisse seus sentimentos ou parecesse loucura.

— Se quiser de verdade. Mas não é grande coisa. Você não preferiria ficar com um dos Famosos Pores do Sol de Freemantle? Ou a caixa de correio com o cavalo de balanço! Eu poderia...

— É este que eu quero — disse ela. — Ele é engraçado, meigo e até um pouco... sei lá... sinistro. Você olha para ela de um ângulo e fala: “É uma boneca.” Então olha de outro e fala: “Não, é uma garotinha, afinal, ela não está de pé?” É impressionante quanto o senhor aprendeu a fazer com lápis de cor. — Ela meneou a cabeça, decidida. — É este que eu quero. Só que você precisa dar um nome a ele. Artistas têm que batizar suas criações.

— Concordo, mas não faço a menor ideia...

— Ah, pare com isso, nada de sair pela tangente. A primeira coisa que vier à sua cabeça.

Eu disse:

— Tudo bem... *O Fim do Jogo*.

Ela bateu palmas.

— Perfeito. *Perfeito!* E precisa assinar também. Eu sou uma mandona, não sou?

— Sempre foi — falei. — *Três* mandona. Você deve estar se sentindo melhor.

— Estou, sim. E o senhor?

— Estou — respondi, mas não estava. De repente, fui acometido por um acesso grave de vermelho-raiva. O fabricante não fazia aquele tipo de cor, porém havia um lápis preto novo e bem apontado no sulco do cavalete. Eu o peguei e assinei meu nome ao lado de uma das pernas cor-de-rosa da boneca virada de costas. Para além dela, uma dúzia de bolas de tênis de um tom de verde errado flutuava em uma onda suave. Não sabia o que significavam aquelas bolas perniciosas, mas não gostava delas. Também não gostei de assinar aquele desenho; no entanto, depois que o fiz, escrevi *O Fim do Jogo* em um dos lados. E o que senti foi o que Pam ensinara às meninas a dizer quando elas eram pequenas, depois de terminarem alguma tarefa desagradável. Acabado e enterrado.

xvi

Ela ficou mais dois dias, e foram dias bons. Quando Jack e eu a levamos de volta ao aeroporto, Ilse já havia pegado um pouco de sol no rosto e nos braços e parecia irradiar sua própria energia benevolente: juventude, saúde, bem-estar.

Jack arranjara um canudo para ela carregar seu novo desenho.

— Papai, prometa que o senhor vai se cuidar e telefonar caso precise de mim — disse ela.

— Entendido — respondi, sorrindo.

— E prometa que vai procurar alguém para dar uma opinião sobre os seus desenhos. Alguém que entenda do riscado.

— Bem...

Ela baixou o queixo e franziu o cenho para mim. Quando, fez aquilo, novamente senti que era como olhar para Pam quando a conheci.

— É melhor prometer, ou então...

E, por ela estar falando sério — era o que dizia a linha vertical entre suas sobrancelhas —, eu prometi.

A linha ficou mais tênue.

— Ótimo, estamos conversados. O senhor merece melhorar, sabia? Às vezes me pergunto se acredita mesmo nisso.

— É claro que acredito — falei.

Ilse prosseguiu como se não tivesse me ouvido.

— Porque o que aconteceu não foi culpa sua.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas ao ouvir aquilo. Acho que eu *sabia,* mas era bom escutar outra pessoa falando em voz alta. Quero dizer, alguém que não fosse Kamen, cujo trabalho era raspar sujeira incrustada daquelas panelas que entulhavam as pias do subconsciente.

Ela meneou a cabeça para mim.

— O *senhor* vai melhorar. Eu estou dizendo que sim, e sou *très* mandona.

O alto-falante grasniu: voo Delta 559, para Cincinnati e Cleveland. A primeira parte da

viagem de Ilse para casa.

— Vá andando, querida, é melhor deixar aqueles caras passarem o detector em você e fuçarem seus sapatos.

— Tenho uma coisa para dizer ao senhor antes.

Joguei a mão que me restava para cima.

— O que foi *agora,* tesouro da minha vida?

Ela sorriu ao ouvir aquilo: era como eu chamava minhas duas filhas quando minha paciência estava finalmente perto do fim.

— Obrigada por não ter me dito que Carson e eu somos jovens demais para estarmos noivos.

— Teria adiantado alguma coisa?

— Não.

— Pois é. Além do mais, imagino que sua mãe vá cuidar muito bem disso por nós dois.

Ilse contorceu a boca em uma careta de dor, então riu.

— Linnie também... mas só porque eu saí na frente dela pela primeira vez na vida.

Ela me deu mais um abraço apertado. Respirei fundo, inalando o cheiro dos seus cabelos — aquele aroma doce de xampu e mulher jovem, saudável. Ela se afastou e olhou para o meu faz-tudo, que estava parado do nosso lado, a uma distância considerável.

— É melhor cuidar bem dele, Jack. Ele vale ouro.

Eles não tinham se apaixonado — essa não teve jeito, *muchacho*, porém ele lhe abriu um sorriso caloroso.

— Farei o meu melhor.

— E ele prometeu conseguir a opinião de alguém sobre os desenhos. Você é testemunha.

Jack sorriu, assentindo.

— Ótimo. — Ela me deu mais um beijo, dessa vez na ponta do nariz. — Seja bonzinho, papai. Cura a ti mesmo. — Então, atravessou as portas, pendurada de sacolas, mas andando depressa assim mesmo. Olhou para trás logo antes de elas se fecharem. — E compre tintas!

— Pode deixar! — gritei de volta, mas não sei se ela me escutou; na Flórida, as portas se fecham rápido para conservar o ar-condicionado. Por um ou dois segundos, o mundo inteiro ficou indistinto e mais brilhante; senti um latejar nas têmporas e um formigamento úmido no nariz. Baixei a cabeça e esfreguei vigorosamente os olhos com o polegar e o indicador enquanto Jack fingia mais uma vez estar vendo algo de interessante no céu. Havia uma palavra que eu não conseguia me lembrar. Pensei em *certeza,* depois em *presteza.*

Tenha paciência, não se irrite, diga a si mesmo que vai conseguir e as palavras geralmente vêm. Às vezes você não as quer, mas elas vêm de qualquer forma. A que eu buscava era *tristeza.*

Jack falou:

— O senhor quer esperar enquanto eu pego o carro ou...

— Não, estou bem para andar. — Fechei os dedos em volta do cabo da muleta. — Só fique de olho no trânsito. Não quero ser atropelado ao atravessar a rua. Já cansei de fazer isso.

xvii

No caminho de volta, paramos na Art & Artifacts, uma loja de material artístico de Sarasota, e, enquanto estávamos lá, perguntei a Jack se ele sabia alguma coisa sobre as galerias de arte da cidade.

— Quando o senhor está indo, eu já estou voltando, chefe. Minha mãe costumava trabalhar em uma chamada Scoto. Fica na Palm Avenue.

— Isso deveria significar algo para mim?

— Ela é *a* galeria metida a besta no lado artístico da cidade — disse ele, reconsiderando em seguida. — Quero dizer, no bom sentido. E as pessoas que cuidam dela são gente boa... pelo menos sempre foram com a minha mãe, mas... sabe como é...

— Ela *é* uma galeria metida a besta.

— É.

— Isso quer dizer preços altos?

— É o ponto de encontro da elite. — Jack falou em um tom solene, porém, quando eu disparei a rir, ele me acompanhou. Foi naquele dia, acho, que Jack Cantori se tornou meu amigo, em vez de funcionário de meio expediente.

— Então está resolvido — falei —, porque eu sem dúvida sou da elite. Deixe pra lá, filho.

Levantei a mão e Jack bateu nela.

De volta ao Casarão Rosa, ele me ajudou a levar as compras para dentro — cinco sacolas, duas caixas e uma pilha de nove telas emolduradas. Quase mil dólares de material. Eu lhe disse que só no dia seguinte a gente se daria o trabalho de levar as coisas para o andar de cima. Pintar era a última coisa que eu queria fazer naquela noite.

Atravessei mancando a sala de estar em direção à cozinha, pretendendo fazer um sanduíche, quando vi piscando a luz de mensagem na secretária eletrônica. Imaginei que fosse Ilse, dizendo que seu voo tinha sido cancelado por conta do mau tempo ou de problemas técnicos.

Não era. A voz era agradável, porém trincada pela idade, e eu soube imediatamente quem era. Quase conseguia ver os enormes tênis azuis apoiados no brilhante descanso para os pés da sua cadeira de rodas.

— Olá, sr. Freemantle, bem-vindo a Duma Key. Foi um prazer vê-lo naquele dia, mesmo que brevemente. É de se imaginar que a jovem que estava com o senhor era sua filha, levando-se em conta a semelhança. O senhor a levou de volta ao aeroporto? Espero muito que sim.

Fez-se uma pausa. Eu conseguia ouvi-la respirar, aquela respiração ruidosa, quase enfisêmica, de quem provavelmente passou grande parte da vida com um cigarro em uma das mãos. Então, ela voltou a falar.

— No fim das contas, Duma Key nunca foi um lugar de sorte para filhas.

Eu me peguei pensando em Reba em um vestidinho de tênis muito improvável, cercada de bolinhas felpudas, enquanto outras delas eram trazidas pela onda seguinte.

— Espero que possamos nos conhecer algum dia. Adeus, sr. Freemantle.

Ouviu-se um clique. Então, ficamos apenas eu e o ranger incansável das conchas debaixo da casa.

A maré estava alta.

Como fazer um desenho (III)

Não mate a fome. Funcionou para Michelangelo, funcionou para Picasso e funciona para centenas de milhares de artistas que não pintam por amor (embora ele possa ter sua importância), mas sim para colocar comida na mesa. Se você quer traduzir o mundo, precisa usar seus apetites. Isso o surpreende? Pois não deveria. Não há nada mais humano do que a fome. Não existe criação sem talento, concordo, mas talento é barato. Talento todo mundo tem. A fome é o motor da arte. Sabem aquela garotinha de quem eu estava falando? Ela encontrou o seu apetite e o usou.

Ela pensa Agora chega de cama o dia inteiro. Eu vou quarto do papai, escritório do papai. Às vezes eu falo escritório e às vezes falo estrivório. Lá tem uma janela grande e bonita. Eles me põem na madeira. Eu consigo ver lá nas funduras. Os passarinhos são bonitos. Bonitos demais pra mim, então eu fico sentada. Algumas nuvens têm asas. Outras têm olhos azuis. Todo pôr do sol me deixa sentada e aí eu choro. Dói de ver. Dói lá nas funduras de mim. Nunca consigo falar o que eu vejo e isso me faz ficar mais sentada ainda.

Ela pensa CHATEADA, a palavra é CHATEADA. Sentada é como a gente fica na madeira.

Ela pensa Se eu pudesse parar a dor. Se eu pudesse fazer sair igual xixi. Eu choro e peço peço peço para dizer o que quero. Nana não consegue ajuntar. Quando eu falo "De cor!" ela toca o rosto e sorri e fala "Sempre fui, sempre vou ser". As meninas grandes também não ajudam. Fico com tanta raiva delas, por que vocês não ouvem, SUAS MALVADONAS ! Então

um dia as gêmeas aparecem, Tessie e Lo-Lo. Eas falam de um jeito especial uma com a outra, me escutam de um jeito especial. No começo, elas não me entendem, mas depois. Tessie me traz papel. Lo-Lo me traz os lápis e eu faço “Ná-pis!” sair da minha boca e isso faz elas baterem salvas com as mãos.

Ela pensa EU QUASE CONSIGO FALAR O NOME DO LÁPIS!

Ela pensa Eu consigo fazer o mundo no papel. Consigo desenhar que as palavras significam. Eu vejo árvore, aí faço árvore. Vejo passarinho, aí faço passarinho. É bom, igual água no copinho.

Eis uma garotinha com a cabeça enfaixada, usando um roupão rosa e sentada diante da janela do escritório do seu pai. Noveen, sua boneca, está ao seu lado no chão. Ela tem uma prancheta e na prancheta há um pedaço de papel. A garotinha acabou de conseguir desenhar uma garra que tem mesmo alguma semelhança com o pinheiro morto lá fora.

Ela pensa Eu quero mais papel, por favor.

Ela pensa Eu sou ELIZABETH.

Isso deve ter sido como receber a língua de volta depois de achar que ela tinha sido calada para sempre. E mais. Melhor. O dom era seu, de ELIZABETH. Mesmo durante aqueles primeiros desenhos de extraordinária bravura, ela deve ter compreendido o que estava acontecendo. E queria mais.

Seu dom estava faminto. Os melhores dons — e os piores — sempre estão.

4 - Amizade colorida

i

Na tarde de ano-novo, eu acordei de uma soneca curta, porém revigorante, pensando em um determinado tipo de concha — alaranjada, com manchas brancas. Não sei se havia sonhado com ela ou não, mas a queria. Estava pronto para começar a fazer experiências com tintas e achei que uma daquelas conchas cor de laranja seria a coisa perfeita para sapecar bem no meio de um pôr do sol do golfo do México.

Comecei a procurar ao longo da praia, na direção sul, acompanhado apenas pela minha sombra e duas ou três dúzias de passarinhos — Ilse os chamava de bisbilhoteiros —, que buscavam eternamente comida à beira do mar. Mais adiante, pelicanos voavam, dobrando em seguida as asas e caindo feito pedras. Não estava pensando em me exercitar naquela manhã, não monitorava a dor no meu quadril e não contava os passos. Na verdade, não estava pensando em nada; minha mente planava como os pelicanos antes de avistarem comida no *caldo largo* abaixo deles. Consequentemente, quando por fim topei com o tipo de concha que queria e olhei para trás, me espantou como o Casarão Rosa tinha ficado pequeno.

Fiquei parado, fazendo a concha laranja quicar na minha mão e sentindo de repente o latejar no meu quadril, que parecia cheio de cacos de vidro. Ele começava ali e descia

pulsando toda a minha perna. Ainda assim, as pegadas que se estendiam em direção à minha casa mal pareciam arrastadas. Então, me ocorreu que eu vinha me paparicando — talvez só um pouco, talvez bastante. Eu e meu Jogo dos Números idiota. Naquele dia, me esquecera de fazer um pequeno e aflito exame físico mais ou menos de cinco em cinco minutos. Eu simplesmente... sai para caminhar. Como qualquer pessoa normal.

Então, eu tinha uma escolha. Poderia me paparicar na volta, parando de vez em quando para fazer um dos alongamentos laterais de Kathi Green que doíam pra cacete e não pareciam fazer muita coisa fora isso, ou poderia simplesmente caminhar. Como qualquer pessoa saudável normal.

Decidi pela segunda alternativa. Porém, antes de começar, olhei por cima do ombro e vi uma cadeira de praia listrada um pouco mais ao sul. Havia uma mesa ao lado dela, com um guarda-sol listrado igual à cadeira. O que era apenas um pontinho, quando visto do Casarão Rosa se tornara um homem alto e corpulento de calça jeans e camisa branca com as mangas enroladas até os cotovelos. Seu cabelo era longo e esvoaçava na brisa. Não conseguia distinguir os seus traços; ainda estávamos muito distantes um do outro para tanto. Ele me viu olhando e acenou. Eu devolvi o aceno, então me virei e comecei a andar penosamente para casa, retraçando minhas próprias pegadas. Aquele foi meu primeiro contato com Wireman.

ii

Meu último pensamento antes de dormir naquela noite foi que provavelmente me arrastaria pelo segundo dia do novo ano, quase incapaz de andar de tanta dor. Fiquei maravilhado ao descobrir que aquilo não era verdade; um banho quente deu conta dos resquícios de rigidez muscular.

Então, é claro que fui caminhar novamente na tarde seguinte. Nada de metas estabelecidas; nada de Resoluções de Ano-novo; nada de Jogo dos Números. Apenas um cara andando na praia, às vezes se aproximando o suficiente do ir e vir suave das ondas para fazer os bisbilhoteiros se espalharem em uma nuvem disforme. Às vezes, apanhando uma concha e colocando-a no bolso (na semana seguinte, eu estaria carregando uma sacola plástica para guardar meus tesouros). Quando cheguei perto o bastante para divisar o homem corpulento com alguns detalhes — naquele dia, ele usava uma blusa azul e calças cáqui e quase certamente estava descalço —, novamente dei meia-volta e retornei para o Casarão Rosa. Porém, não sem antes acenar para ele, que devolveu o aceno.

Aquele foi o verdadeiro começo das Grandes Caminhadas pela Praia. A cada tarde que passava, elas ficavam um pouco mais longas e eu via o homem corpulento em sua cadeira de praia listrada com um pouco mais de clareza. Era óbvio para mim que ele tinha sua própria rotina; pela manhã, saía com a senhora de idade, empurrando-a por uma passarela de madeira que eu não conseguira ver do Casarão Rosa. Às tardes, saía sozinho. Nunca tirava a camisa, porém seus braços e seu rosto eram tão escuros quanto a mobília antiga de uma casa tradicional Ao seu lado, na mesa, havia um copo alto e uma jarra que poderia conter água gelada, limonada ou gim-tônica. Ele sempre acenava, eu sempre devolvia o aceno.

Um dia, no final de janeiro, quando eu já havia reduzido a distância entre nós a pouco mais de 200 metros, uma segunda cadeira listrada apareceu na areia. Um segundo copo, vazio (porém alto e terrivelmente convidativo), também apareceu na mesa. Quando acenei, ele primeiro devolveu o aceno e então apontou para a cadeira vazia.

— Obrigado, mas ainda não! — gritei.

— Ora, venha para cá! — gritou ele de volta. — Eu lhe dou uma carona de volta no carrinho de golfe.

Sorri ao ouvir aquilo. Ilse tinha sido uma grande defensora do carrinho de golfe, para eu poder subir e descer correndo a praia, assustando os bisbilhoteiros.

— Tenho outros planos — gritei —, mas eu chego aí com o tempo! Seja o que for que tenha nesse jarro, mantenha gelado para mim.

— Você é quem sabe, *muchacho!* — Ele esboçou um pequeno brinde- — Enquanto isso, cuide do seu dia e deixe o seu dia cuidar de você!

Eu me lembro de todas as coisas que Wireman costumava falar, mas acho que essa é a que associo mais intensamente a ele, talvez porque o escutei dizê-la antes de saber seu nome, ou mesmo de apertar sua mão: *Cuide do seu dia e deixe o seu dia cuidar de você!*

iii

Andar não era a única coisa pela qual Freemantle se interessava naquele inverno; Freemantle começou a se interessar por viver novamente. E a sensação era boa pra caralho. Tomei uma decisão em uma noite tempestuosa, na qual as ondas batiam com força e as conchas discutiam em vez de conversar: quando tivesse certeza de que aquela sensação era real, levaria Reba, a Boneca de Extravasamento da Raiva, até a praia, a encharcaria de fluido para isqueiro e tacaria fogo nela. Daria à minha outra vida um verdadeiro funeral viking. E por que diabos não?

Enquanto isso, havia a pintura, e eu me lancei a ela como os bisbilhoteiros e os pelicanos se lançam à água. Depois de uma semana, me arrependi de ter perdido tanto tempo com lápis de cor. Mandei um e-mail para Ilse lhe agradecendo por ter puxado minha orelha e ela me respondeu dizendo que não precisava de incentivo naquele departamento Também me disse que os Hummingbirds tinham tocado em uma igreja grande em Pawtucket, Rhode Island — algo como um aquecimento para a turnê — e que a congregação fora à loucura, batendo palmas e gritando aleluias. "Teve bastante gente se balançando entre os bancos da igreja", escreveu ela. "É o que os batistas fazem em vez de dançar."

Naquele inverno, também desenvolvi com a internet em geral e o Google em particular uma amizade íntima, navegando à vontade só com a mão esquerda. No que dizia respeito a Duma Key, encontrei pouco mais que um mapa. Poderia ter cavado mais fundo e com mais afinco, porém algo me disse para deixar aquilo quieto por ora. O que me interessava de fato eram os acontecimentos estranhos que se seguiam à perda de membros, e, sobre isso, achei coisa pra cacete.

Devo dizer que, embora olhasse para todas as histórias às quais o Google me conduzia com um pouco de ceticismo, não desdenhava nem mesmo as mais fantasiosas por completo, pois jamais duvidei de que minhas próprias experiências estranhas estivessem relacionadas aos ferimentos que sofri — a lesão na área de Broca, meu braço perdido, ou ambos. Eu podia recorrer a meu desenho de Carson Jones com sua camisa do Torii Hunter a qualquer hora, e

não tinha a menor dúvida de que o sr. Jones comprara o anel de noivado de Use na Zales. Menos concretas, porém igualmente persuasivas para mim, eram minhas ilustrações cada vez mais surreais. Os rabiscos em bloquinho de anotações da minha vida anterior não sugeriam em nada os pores do sol tenebrosos que eu vinha fazendo.

Eu não era o primeiro a perder uma parte do corpo e ganhar algo em troca. Em Fredonia, Nova York, um lenhador cortou sua mão fora na floresta e então salvou a própria vida ao cauterizar o coto do punho, que jorrava sangue sem parar. A mão ele levou para casa, colocou em um jarro de álcool e guardou no porão. Três anos depois, começou a sentir um frio terrível na mão que não estava mais na extremidade do seu punho. Ele foi até o porão e descobriu que uma das janelas lá de baixo tinha se quebrado e o vento de inverno estava batendo no jarro em que o membro preservado flutuava. Quando o ex-lenhador colocou o jarro perto da fornalha, parou de sentir aquele frio terrível.

Um camponês russo de Tura, nos confins da Sibéria, perdeu o braço esquerdo até o cotovelo numa máquina agrícola e passou o resto da vida como hidróscopo. Quando parava sobre um local em que houvesse água, sua mão e seu braço esquerdos — embora não estivessem mais lá — ficavam frios e ele tinha, em seguida, uma sensação de umidade. De acordo com os artigos que eu li (havia três deles), sua habilidade nunca falhou.

Havia um sujeito em Nebraska que era capaz de prever tornados através dos calos do seu pé perdido. Um marinheiro perneta na Inglaterra que era usado por seus colegas como uma espécie de radar humano para peixes. Um japonês que, depois de perder os dois braços, se tornou um poeta de renome — uma façanha e tanto para um cara que era analfabeto quando sofreu o acidente de trem que o mutilou.

De todas essas histórias, talvez a mais estranha tenha sido a de Kearney Jaffords, de Nova Jersey, uma criança que *nascera* sem braços. Pouco depois do seu aniversário de 13 anos, esse rapaz anteriormente bem adaptado à sua deficiência ficou histérico, insistindo com os pais que seus braços estavam "doendo e enterrados em uma fazenda". Disse também que podia lhes mostrar onde eles estavam. A família viajou por dois dias, finalmente chegando a

uma estrada de terra em Iowa entre Lugar Algum e Nenhum Lugar em Especial. O menino os levou até um milharal, bateu os olhos em um celeiro com um anúncio do tabaco para mascar MAIL POUCH no telhado e insistiu que eles cavassem ali. Os pais cavaram, não porque esperassem encontrar alguma coisa, mas na esperança de que aquilo acalmasse a mente e o corpo do filho. A menos e um metro de profundidade, acharam dois esqueletos. Um pertencia a uma menina de 12 ou 13 anos de idade. O outro era de um homem, idade determinada. De acordo com a estimativa do legista do condado de Adair, os corpos estavam enterrados há aproximadamente 12 de anos... mas sem dúvida poderiam ter sido 13, o que era o tempo de vida de Kearney Jaffords. Nenhum dos dois foi identificado. Os braços do esqueleto da criança tinham sido removidos. Os ossos deles estavam misturados aos do esqueleto do homem não identificado.

Por mais fascinante que fosse essa história, havia outras duas que me interessavam mais ainda, especialmente quando eu pensava em como tinha revirado a bolsa da minha filha.

Eu as encontrei em um artigo chamado "Eles Veem com as Partes que Perderam", do *North American Journal of Parapsychology.* Ele relatava a história de dois paranormais: uma mulher de Phoenix e um homem de Rio Galegos, na Argentina. A mulher não tinha a mão direita, enquanto o homem perdera todo o braço direito. Ambos haviam ajudado com muito sucesso a polícia a encontrar pessoas desaparecidas (provavelmente tiveram fracassos também, mas esses não eram relatados na matéria).

Segundo o artigo, os dois paranormais amputados utilizavam a mesma técnica. Eles recebiam uma peça do vestuário da pessoa desaparecida, ou um exemplo da sua caligrafia. Então, fechavam os olhos e visualizavam a si mesmos tocando o objeto com a mão perdida (neste ponto, havia uma nota de rodapé escondida sobre algo chamado Mão da Glória, também conhecida como Mão de Magia Negra). Em seguida, a mulher de Phoenix "recebia uma imagem", que repassava aos seus interlocutores. Já o argentino era acometido, após aquelas sessões, por um acesso furioso de escrita automática com a mão remanescente, um processo que eu considerei análogo às minhas pinturas.

E, conforme disse anteriormente, eu posso ter duvidado de algumas das histórias mais absurdas com as quais topei durante minha pesquisa na internet, porém jamais duvidei de que algo estivesse acontecendo comigo. Mesmo sem o desenho de Carson Jones, acho que teria acreditado nisso. Por causa do silêncio, principalmente. Exceto quando Jack aparecia, ou quando Wireman — cada vez mais perto — acenava e gritava “*Buenos dias, muchacho!”,* eu não via ou falava com ninguém fora eu mesmo. As influências externas haviam desaparecido quase por completo e, quando isso acontece, você começa a ouvir a si próprio com clareza. E a comunicação clara entre os eus — estou falando do eu superficial e do eu profundo — é inimiga da insegurança. Ela liquida a confusão mental.

No entanto, para me certificar, eu iniciei o que disse a mim mesmo ser uma experiência.

iv

EFree 19 para Pamorama667

9:15

24 de janeiro

Querida Pam: tenho um perdido incomum para lhe fazer. Tenho pintado ultimamente e os temas são estranhos, porém um tanto divertidos (pelo menos eu acho). É mais fácil mostrar o que quero dizer do que descrevê-lo, então, envio anexos alguns jpegs neste e-mail. Ando pensando naquelas suas luvas de jardinagem antigas, as que tinham TIRE escrito em uma e AS MÃOS na outra. Eu adoraria colocá-las em um pôr do sol. NÃO me pergunte por quê; esse tipo de ideia simplesmente me vem à cabeça. Você ainda as tem? Se tiver, poderia mandá-las para mim? Eu posso enviá-las de volta sem problemas se você quiser.

Preferiria que você não mostrasse as imagens para ninguém da "turma das antigas". Especialmente para Bozie, que provavelmente riria pra macete se visse um negócio DESSES.

Eddie

P.S.: Caso você não se sinta confortável em mandar as luvas, não tem o menor problema. É só um castiço.

E.

A seguinte resposta chegou naquela mesma tarde, de uma Pam que estava, àquela altura, de volta a St. Paul.

Pamorama667 para EFree19

17:00

24 de janeiro

Olá, Edgar: Ilse me contou sobre os seus desenhos, é claro. Eles sem dúvida são diferentes. Espero que este hobby dure mais do que aquele de restaurar carros.

Acho que se não fosse pelo eBay, aquele Mustang antigo ainda estaria atrás da casa. Vc estava certo quando disse que era um pedido estranho, mas, depois de olhar seus desenhos, meio que consigo ver o que vc está querendo (colocar coisas diferentes juntas para as pessoas olharem para elas de uma nova maneira, certo?) e eu estou precisando de um par novo de qualquer maneira, então “divirta-se”. Vou mandá-las por correio expresso e só peço que vc me mande um jpg do “Produto Final” (□) se ele chegar a sair.

Ilse falou que a viagem foi maravilhosa. Espero que tenha lhe enviado um cartão de agradecimento e não só um e-mail, mas conheço a peça.

Tenho mais uma coisa para lhe dizer, Eddie, embora não saiba se você vai gostar. Eu encaminhei uma cópia do seu e-mail com as fotos em jpg para Zander Kamen, tenho certeza de que vc se lembra dele.

Achei que ele gostaria de ver os desenhos, mas, principalmente, queria que ele

desse uma olhada na mensagem para ver se deveríamos ficar preocupados, porque vc está fazendo na escrita o que costumava fazer falando: "perdido" em vez de "pedido", "rir pra macete" em vez de "rir pra cacete". E, no final da mensagem, você escreveu "É só um castiço". Não sei o que isso significa, mas o dr. Kamen disse que talvez seja "capricho".

Só estou pensando no seu bem-estar.

Pam

P.S.: Meu pai está um pouco melhor, enfrentou bem a cirurgia (os médicos dizem que "tiraram tudo", mas aposto que sempre dizem isso). Parece estar lidando bem com a quimio e está em casa. Já está andando.

Obrigada por perguntar.

Sua alfinetada no PS. era um exemplo perfeito do seu lado mais desagradável: ela começa pegando leve... pegando leve... pegando leve... e então *morde* e grita “dê o fora daqui”. Porém, ela estava certa. Eu deveria ter lhe falado para transmitir os melhores votos do comuna aqui, quando ela falou sobre o pai ao telefone. Esse negócio de câncer no cu é foda.

O e-mail inteiro era um sintoma de irritação, desde a menção ao Mustang que eu jamais tivera tempo para terminar até sua preocupação com meus erros na escolha de palavras. Isso vindo de uma mulher que achava que *Xander* era com *Z*.

E, depois de retirar aquela raiva mesquinha do meu sistema (verba-lizando-a para a casa vazia, e aos gritos, se você faz questão de saber), eu revisei o e-mail que tinha enviado a ela e, sim, fiquei preocupado. Um pouco, pelo menos.

Por outro lado, talvez fosse apenas um castiço.

v

A segunda cadeira de praia listrada se tornou um artigo fixo ao lado da mesa do homem

corpulento e, à medida que eu me aproximava mais dela, às vezes nós gritávamos algumas palavras um para o outro. Era uma maneira estranha, porém agradável, de se conhecer alguém. Um dia depois do e-mail de Pam, com sua preocupação de fachada e subentendidos (*Você pode estar tão doente quanto o meu pai, Eddie, talvez até mais*), o sujeito do outro lado da praia gritou:

— Quanto tempo você acha que leva para chegar até aqui?

— Quatro dias! — gritei de volta. — Talvez três!

— Você está tão determinado assim a ir e voltar?

— Estou! — falei. — Qual o seu nome?

Seu rosto muito bronzeado, embora estivesse ficando pelancudo ainda era bonito. Dentes brancos surgiram ali e sua papada incipiente desapareceu quando ele sorriu.

— Eu lhe digo quando você chegar aqui! E o seu?

— Está na caixa de correio! — respondi.

— Sabe quando eu vou me abaixar para ler o que está escrito em uma caixa de correio? No dia em que eu começar a saber das notícias através de programa de rádio AM!

Acenei para ele, que acenou para mim de volta, dizendo: “*Hasta mañana!*” Então, me virei para encarar novamente a água e os pássaros voando.

Quando cheguei ao Casarão Rosa, a bandeirinha da caixa de entrada do meu computador estava levantada e eu encontrei o seguinte:

KamenDoc para Efree19

14:49

25 de janeiro

Edgar: Pam me encaminhou uma copia do seu último e-mail e dos seus desenhos. Deixe-me dizer antes de tudo que estou PASMO com a rapidez do seu avanço como artista. Posso ver você se esquivando da palavra com aquela sua carranca enviesada de praxe, mas não existe outra. NEM PENSE EM PARAR. Sobre as preocupações dela: provavelmente são infundadas. Ainda assim, uma ressonância magnética não seria má ideia. Você tem algum médico por ai? Está na hora de fazer um exame físico — e dos completos, meu amigo.

Kamen

EFree 19 para KamenDoc

15:58

25 de janeiro

Kamen: bom ter notícias suas. Se você quer me chamar de artista (ou até de "artiste"), quem sou eu para discutir? No momento, estou sem nenhum médico na Flórida. Você pode me indicar algum ou prefere que eu me consulte com Todd Jamieson, o último doutor a meter as mãos no meu cérebro?

Edgar

Achei que ele iria indicar alguém, e talvez eu até fosse à consulta, porém, àquela altura, algumas palavras erradas e esquisitices linguísticas não eram uma prioridade. Caminhar era, e chegar até a cadeira de praia listrada que havia sido armada para mim também era outro tipo de prioridade; porém, as principais delas, à medida que o mês janeiro chegava ao fim, eram minhas pesquisas na internet e pintar meus quadros. Eu tinha acabado de chegar ao *Pôr do Sol com Concha No. 16* na noite anterior.

No dia 27 de janeiro, depois de dar meia-volta a menos de 200 metros da cadeira de praia que me esperava, cheguei ao Casarão Rosa e descobri que recebera um pacote pelo correio. Dentro dele, havia duas luvas de jardinagem, um com TIRE estampado em letras vermelhas apagadas no verso e outra com AS MÃOS escrito da mesma forma. Estavam surradas por conta das várias estações no jardim, porém limpas ela as lavara, conforme eu já

havia imaginado. Conforme tinha, na verdade, esperado. Não era a Pam que as usara durante nossos anos de casados que me interessava, nem mesmo a Pam que talvez as tivesse colocado no jardim de Mendota Heights no outono anterior, enquanto eu estava em Lake Phalen. Aquela Pam eu conhecia de sobra. Porém... *deixe-me contar ao senhor outra coisa que está acontecendo,* minha Garotinha Crescida tinha dito, sem saber o quanto ficara assustadoramente parecida com a própria mãe ao falar aquelas palavras. *A mamãe tem saído até dizer chega com um cara lá da rua.*

Aquela era a Pam que me interessava — a que tinha saído até dizer chega com um cara lá da rua. O cara chamado Max. As mãos *daquela* Pam tinham lavado as luvas, pegando-as em seguida para colocá-las na caixa branca dentro do pacote do correio expresso.

Aquela Pam era a experiência... ou pelo menos era o que eu dizia a mim mesmo. Porém, nós nos enganamos tanto que poderíamos viver disso. É o que diz Wireman — e não é incomum ele ter razão. Talvez seja comum até demais. Mesmo agora.

vi

Eu não esperei pelo pôr do sol, pois pelo menos não estava me enganando que queria pintar uma imagem; queria pintar uma *informação.* Levei as luvas de jardinagem artificialmente limpas da minha esposa (ela deve ter realmente caprichado no alvejante) até a Casinha Rosa e me sentei diante do cavalete. Havia uma tela nova ali, esperando. À esquerda, havia duas

mesas. Uma era para as fotos da minha câmera digital e vários objetos que eu encontrara. A outra ficava sobre uma pequena lona impermeável verde. Ela continha duas dúzias de potes de tinta, diversos jarros com aguarrás até a metade e várias garrafas d'água Zephyr Hills que eu usava para enxaguar o material. Em suma, um local de trabalho bastante caótico e agitado.

Segurei as luvas no colo, fechei os olhos e fingi estar tocando-as com a mão direita. Não senti nada. Nenhuma dor, nenhuma coceira, nenhuma sensação de dedos fantasmas acariciando o tecido grosseiro e gasto. Fiquei sentado ali, *forçando* a coisa a vir — o que quer que essa *coisa* fosse — e continuei sem sentir nada. Era como se estivesse forçando meu corpo a cagar sem necessidade. Depois de longos cinco minutos, abri os olhos novamente e os baixei para as luvas no meu colo: TIRE... AS MÃOS.

Luvas inúteis. Luvas inúteis de merda.

Não fique com raiva, revide, pensei. E então: *Tarde demais. Estou com raiva. Dessas luvas e da mulher que as usou. E quanto a revidar?*

— Tarde demais para isso, também — falei, olhando para o meu braço. — Nunca mais vou ver vidro novamente.

A palavra errada. Sempre a palavra errada, e seria a mesma bosta para sempre. Tive vontade de derrubar tudo que estava naquelas minhas porcarias de mesas de recreação idiotas.

— Revidar — falei, em uma voz deliberadamente baixa e lenta. — Nunca mais vou ser *equiii*-librado novamente. Sou um João sem braço. — Aquilo não era muito engraçado (e nem

muito sensível da minha parte), porém a raiva começou a ir embora de qualquer forma. Ouvir a mim mesmo dizendo a palavra certa ajudou. Geralmente ajudava.

Desliguei o pensamento do meu coto e das luvas da minha mulher. TIREI AS MÃOS, de fato.

Com um suspiro — talvez tenha havido algum alívio nele, não me lembro ao certo, mas é provável — eu as larguei na mesa em que deixava meus modelos, peguei um pincel do jarro de aguarrás, limpei-o com um pano, o enxaguei e olhei para a tela em branco. Eu pretendia pintar as luvas assim mesmo? Por que, pelo amor de Deus? *Por quê?*

De repente, o simples fato de eu estar pintando me pareceu ridículo. O de eu não saber como me pareceu bem mais plausível. Se eu mergulhasse aquele pincel no preto, colocando-o em seguida naquele espaço em branco proibitivo, certamente o máximo que conseguiria fazer seria uma fila de bonecos de pauzinhos marchando: *dez indiozinhos foram passear de bote, um se afogou e então ficaram nove. Nove indiozinhos encheram a pança de biscoito...*

Aquilo era sinistro. Levantei-me da cadeira, e rápido. De repente, não queria mais estar ali, não na Casinha Rosa, ou no Casarão, ou em Duma Key; não naquela vida debilóide idiota, sem sentido e claudicante de aposentado. Quantas mentiras eu estava contando a mim mesmo? Eu, um artista? Que ridículo. Kamen podia exclamar PASMO e NEM PENSE EM PARAR com suas maiúsculas de praxe no e-mail, porém ele era especializado em convencer vítimas de acidentes terríveis de que as imitações insossas de vida que elas viviam eram tão boas quanto a vida real. Quando o assunto era incentivo, Kamen e Kathi Green, a Rainha da Reabilitação, eram uma locomotiva. Eles eram BRILHANTES e a maioria dos seus agradecidos pacientes gritava: NEM PENSE EM PARAR. Eu estava tentando me convencer de que era paranormal? Que estava possuído por um braço fantasma capaz de vislumbrar o desconhecido? Aquilo não era ridículo, era lamentável e uma sandice.

Havia uma loja de conveniência 7-Eleven em Nokomis. Decidi testar minha habilidade como motorista, comprar uma dúzia de cervejas e tomar um porre. As coisas talvez parecessem melhores no dia seguinte, através da névoa de uma ressaca. Não via como poderiam parecer piores. Estendi a mão para pegar a muleta e meu pé — o esquerdo meu pé bom, por incrível que pareça — ficou preso debaixo da cadeira. Tropecei. Minha perna direita não era forte o suficiente para me segurar de pé e eu me estatelei no chão, esticando o braço direito para amortecer a queda.

Foi puro instinto, é claro... porém, ele amorteceu o tombo. Sério. Eu não vi — tinha fechado os olhos com força, daquele jeito que a gente faz quando sabe que vai levar a pior —, mas, se não tivesse sido o caso, eu certamente teria me machucado bastante, com ou sem carpete. Poderia ter torcido o pescoço, ou talvez até o quebrado.

Fiquei deitado ali por um instante, me certificando de que ainda estava vivo, então me ajoelhei, sentindo uma dor terrível no quadril e segurando a mão direita latejante diante dos olhos. Não havia um braço ali. Coloquei a cadeira de pé, apoiando-me nela com o antebraço esquerdo... então, atirei a cabeça para a frente e mordi o braço direito.

Senti as luas dos meus dentes se afundarem logo abaixo do cotovelo. A dor.

Senti mais ainda. Senti a carne do meu antebraço contra meus lábios. Então me afastei, ofegante.

— Meu Deus! Meu Deus! O que está acontecendo? O que é *isso?*

Quase esperei que meu braço surgisse rodopiando do nada. Aquilo não aconteceu, mas ele estava lá, sem dúvida. Estendi a mão por sobre o assento da cadeira para pegar um dos meus pincéis. Conseguia sentir meus dedos agarrando-o, mas o pincel não se moveu. Pensei: *Então é essa a sensação de ser um fantasma.*

Sentei-me aos tropeços na cadeira. Meu quadril rosnava, porém aquela dor parecia muito distante. Com a mão esquerda, agarrei o pincel que havia limpado e o coloquei atrás da orelha esquerda. Limpei outro e o coloquei no sulco do cavalete. Então, limpei um terceiro e o coloquei ali, também. Pensei em limpar um quarto, mas decidi que não queria perder tempo. Estava tomado por aquela febre novamente, aquela fome. Ela era repentina e violenta como meus acessos de raiva. Se os detectores de fumaça tivessem disparado no andar de baixo, anunciando que a casa estava em chamas, eu não teria dado atenção. Arranquei o celofane de um pincel novo em folha, o mergulhei no preto e comecei a pintar.

Como com o desenho que batizei de *O Fim do Jogo,* não me lembro bem da criação de *Amizades Coloridas.* A única coisa que sei é que a pintura se deu em uma explosão violenta — e não tinha nada a ver com pores do sol. Ela era basicamente preta e azul — a cor dos hematomas — e, quando terminei, meu braço esquerdo doía por conta do esforço. Minha mão estava manchada de tinta até o punho.

Depois de completa, a tela me fazia lembrar um pouco daquelas capas de livros *noir* que eu costumava ver quando criança e que sempre traziam alguma mulher fácil prestes a ir para o inferno. Só que, nas capas daqueles livros, a mulher era sempre uma loura de 20 e poucos anos. Na minha pintura, seus cabelos eram pretos e ela parecia ter 40 e tantos. Era minha ex-esposa.

Ela estava sentada em uma cama desfeita, usando apenas uma calcinha azul. A alça de um sutiã da mesma cor se estendia sobre uma das pernas. Sua cabeça estava um pouco inclinada, porém seus traços eram inconfundíveis; eu a havia capturado de forma BRILHANTE em

algumas poucas pinceladas bruscas de preto que eram quase como ideogramas chineses. No volume de um dos seus seios, via-se o único ponto verdadeiramente claro da pintura: uma rosa tatuada. Perguntei-me quando ela a havia feito, e por quê. Pam com uma tatuagem era como se Pam fosse fazer motocross em Mission Hill; no entanto, eu não tinha a menor dúvida de que era verdade; era simplesmente um fato, como a camisa do Torii Hunter de Carson Jones.

Havia também dois homens na pintura, ambos nus. Um estava de pé diante da janela, meio virado para dentro. Seu corpo era típico de um cinquentão branco de classe média, no estilo que eu imaginava ser fácil de encontrar em qualquer vestiário de academia de ginástica: barriga protuberante, uma bunda murcha e reta, peitinhos de tamanho razoável. Seu rosto era inteligente e refinado. Nele, havia uma expressão melancólica que dizia: "ela está prestes a ir embora." Uma expressão de "nada pode mudar isso". Aquele era Max, de Palm Desert. Era como se estivesse com um cartaz pendurado no pescoço. Max, que tinha perdido o pai *dele* no ano anterior, Max, que começara oferecendo café para Pam e acabou lhe oferecendo algo mais. Ela aceitara o café e o algo mais, porém não todo o mais que ele poderia ter dado. Seu rosto dizia isso. Não dava para vê-lo inteiro, mas a parte visível estava muito mais nua do que seu traseiro.

O outro homem estava recostado na porta com os tornozelos cruzados, uma posição que apertava suas coxas uma contra a outra e empurrava o volume considerável do seu membro para a frente. Ele poderia ser dez anos mais velho do que o homem na janela, porém estava em melhor forma. Nada de barriga. Nada de pneus. Músculos longos nas coxas. Seus braços estavam dobrados abaixo do peito e ele olhava para Pam com um sorrisinho no rosto. Eu conhecia aquele sorriso muito bem, pois Tom Riley era meu contador — e amigo — há 35 anos. Se nossa família não tivesse o costume de o filho convidar o pai para ser o padrinho de casamento, eu teria convidado Tom.

Olhei para Tom parado sem roupa no batente da porta, olhando para minha mulher na cama, e me lembrei de quando ele me ajudou a fazer a mudança para Lake Phalen. Lembrei-me dele me falando: *Você não pode desistir da casa. É como desistir do mando de campo em uma final de campeonato.*

Então, me lembrei de pegá-lo com lágrimas nos olhos. *Chefe, não consigo me acostumar a vê-lo assim.*

Ele já estava trepando com Pam naquela época? Achei que não. Porém...

Vou lhe dar uma oferta para apresentar a ela, dissera eu. E ele fez isso. Só que talvez tenha feito mais do que lhe apresentar minha oferta.

Fui mancando até a janela grande, sem usar a muleta. Faltavam horas para o pôr do sol, mas a luz estava pendendo bastante para o oeste, arrancando um reflexo da água. Obriguei-me a olhar diretamente para aquele caminho reluzente, secando os olhos sem parar.

Tentei me convencer de que a pintura poderia ser apenas a criação de uma mente que ainda estava tentando se curar. Não conseguia engolir aquilo. Todas as minhas vozes falavam de forma clara e coerente umas com as outras e eu sabia o que sabia. Pam tinha trepado com Max lá em Palm Desert e, quando ele sugeriu um compromisso mais longo e profundo, ela recusara. Pam também tinha trepado com meu amigo mais antigo e sócio, e talvez ainda estivesse trepando. A única pergunta sem resposta era qual deles a havia convencido a tatuar a rosa no peito.

— Preciso esquecer isso — falei, apoiando minha testa latejante contra o vidro. À minha frente, o sol queimava no golfo do México. — Preciso esquecer isso de vez.

Então estale os dedos, pensei.

Eu estalei os dedos da mão direita e escutei o som — um breve e pequeno clique.

— Pronto, acabado e enterrado! — falei alegremente. Mas então, fechei os olhos e vi Pam sentada na cama — na cama de alguém — de calcinha, com uma alça de sutiã estendida sobre a perna como uma cobra morta.

Amizade colorida.

Amizade colorida pra cacete.

vii

Naquela noite, eu não assisti ao pôr do sol da Casinha Rosa. Deixei minha muleta encostada no canto da casa, manquei em direção à praia e entrei andando na água até ela chegar à altura dos meus joelhos. A água estava gelada, do jeito que ela fica alguns meses depois de a

temporada dos furacões já ter passado, porém eu mal percebi aquilo. O caminho que se refletia ao longo do golfo era de um laranja intenso, e era para ele que eu estava olhando.

— Porra de experiência — falei, e então a água se agitou ao meu redor. Balancei, perdendo o equilíbrio e esticando o braço para recuperá-lo. — Porra fodida de experiência.

Uma garça atravessou planando o céu crepuscular, um projétil silencioso de pescoço longo.

— O que eu estava fazendo era bisbilhotar, não tem *outro* nome, e paguei o preço.

Era verdade. Se eu tinha uma certa vontade de estrangulá-la novamente, a culpa era só minha. *Não bisbilhote pelo buraco da fechadura se não quiser se aborrecer,* minha mãezinha querida costumava dizer. Eu bisbilhotei e estava aborrecido, fim da história. A vida era de Pam agora, e o que Pam fazia disso era problema dela. Eu deveria deixar aquilo para trás. A *questão* era se eu iria conseguir. Era mais difícil do que estalar os dedos; até do que estalar os dedos de uma mão que não estava lá.

Uma onda se ergueu, grande o suficiente para me derrubar. Por um instante, fiquei submerso, inalando a água. Vim à tona balbuciando. O refluxo tentou me puxar para o golfo junto com a areia e as conchas. Lancei-me em direção à praia com o pé bom, chegando até a chutar débilmente com o bichado, e consegui avançar um pouco. Eu podia estar confuso em relação a algumas coisas, mas não queria me afogar no golfo do México. Quanto a isso, não estava nada confuso. Arrastei-me de dentro d’água com os cabelos caídos sobre os olhos, cuspindo e tossindo, puxando a perna direita atrás de mim como uma mala encharcada.

Quando finalmente cheguei à areia seca, rolei de barriga para cima e fitei o céu. Uma gorda lua crescente navegava no veludo escuro acima do telhado do Casarão Rosa. Parecia muito sereno lá no alto. Aqui embaixo havia um homem que sentia o oposto da serenidade: trêmulo, infeliz e com raiva. Virei a cabeça para olhar o coto do meu braço, então ergui os olhos para a lua novamente.

— Chega de bisbilhotar — falei. — O novo acordo começa hoje à noite. Chega de bisbilhotar e chega de experiências.

E estava falando sério. Porém, como eu disse antes (e como Wireman falara antes de mim), nós nos enganamos tanto que poderíamos viver disso.

5 – Wireman

i

Quando Wireman e eu nos conhecemos de fato, ele riu tanto que quebrou a cadeira na qual estava sentado e eu ri tanto que quase desmaiei — na verdade, cheguei a entrar naquele estado de semidesfalecimento chamado de "apagão cinza". Aquela era a última coisa que eu teria esperado um dia depois de descobrir que Tom Riley estava tendo um caso com minha ex-mulher (não que algum tribunal fosse aceitar minha prova), porém era um presságio do que estava por vir. Não foi a única vez em que rimos juntos. Wireman foi muitas coisas para mim — meu destino, entre elas —, mas, acima de tudo, ele foi meu amigo.

ii

— Então — disse ele quando eu finalmente alcancei a mesa debaixo da sombra do guarda-sol e com a cadeira vazia de frente para a sua —, eis que chega o estranho manquejante, portando um saco de pão repleto de conchas. Senta-te, estranho manquejante. Mata tua sede. Aquele copo já te espera há dias.

Coloquei minha sacola plástica — era mesmo um saco de pão — na mesa e estendi a mão para cumprimentá-lo. — Edgar Freemantle.

Sua mão era pequena, com dedos grossos e um aperto forte.

— Jerome Wireman. Geralmente, atendo por Wireman.

Olhei para a cadeira de praia reservada para mim. Era do tipo com espaldar alto e assento dobrável baixo, como o banco reclinável de um Porsche.

— Algo de errado com ela, *muchacho*? — perguntou Wireman levantando uma sobrancelha. Ele tinha bastante sobrancelha para levantar, densa e grisalha.

— Não, desde que você não ria quando eu tiver que sair dela — respondi.

Ele sorriu.

— Viva como você tem que viver, meu bem.[3] Chuck Berry, 1969.

Posicionei-me ao lado da cadeira vazia, fiz uma pequena oração e me deixei cair. Como sempre, joguei o corpo para a esquerda, para proteger meu quadril bichado. Não foi uma aterrissagem perfeita, mas consegui agarrar os braços de madeira, fiz pressão com meu pé forte e a cadeira apenas balançou. Um mês antes, teria me estatelado, porém estava mais forte àquela altura. Conseguia imaginar Kathi Green aplaudindo.

— Bom trabalho, Edgar — disse ele. — Ou você é um Eddie?

— Tanto faz, atendo pelos dois. O que você teria para oferecer naquele jarro?

— Chá-verde gelado. Muito refrescante. Quer um pouco?

— Eu adoraria.

Wireman me serviu um copo, então completou o dele e o ergueu. O verde do chá era muito claro. O dos seus olhos, presos em meio a teias finas de rugas, era mais forte. Tinha cabelos pretos que estavam ficando brancos nas têmporas e eram bastante longos. Quando o vento os levantou, pude ver uma cicatriz no topo da sua testa, do lado direito, no formato de uma moeda, porém menor. Estava com um traje de banho naquele dia e suas pernas eram tão

escuras quanto os braços. Ele parecia em forma; no entanto, achei que também parecia cansado.

— À sua, *muchacho*. Você conseguiu.

— Certo — falei. — À minha.

Batemos os copos e bebemos. Já havia tomado chá-verde antes e achado bom, mas aquele era divino — como beber seda gelada, com um gosto ligeiramente adocicado.

— Está sentindo o mel? — perguntou ele, sorrindo quando fiz que sim. — Nem todo mundo sente. Coloco apenas uma colher de sopa por jarra. Ele realça a doçura natural do chá. Aprendi isso quando era cozinheiro de um navio mercante no mar da China. — Ele ergueu seu copo e fitou através dele, apertando os olhos. — Enfrentamos muitos piratas e nos envolvemos com muitas mulheres exóticas e misteriosas sob os céus tropicais.

— Isso está me cheirando um pouco a conversa fiada, sr. Wireman.

Ele riu.

— Na verdade, eu li sobre esse truque do mel em um dos livros de receitas da srta. Eastlake.

— Ela é a senhora com quem você sai de manhã? A da cadeira de rodas?

— Exatamente.

E, sem pensar muito no que estava dizendo — era nos seus tênis azuis enormes apoiados no descanso cromado para os pés da sua cadeira de rodas que eu estava pensando —, eu falei:

— A Noiva do Poderoso Chefão.

Wireman ficou boquiaberto, aqueles olhos verdes tão arregalados que eu quase me desculpei pela minha gafe. Então ele começou a rir *de verdade*. Era o tipo de gargalhada retumbante que você solta naquelas raras ocasiões em que alguém passa sorrateiramente por todas as suas defesas e acerta o botão do riso bem na mosca. Quero dizer, o sujeito estava estourando de rir e, quando viu que eu não fazia a menor ideia do que tinha dado nele, gargalhou ainda mais forte, com sua barriga de tamanho considerável subindo e descendo. Ele tentou colocar o copo na mesinha e errou. O copo caiu direto na areia e ficou *preso* ali, perfeitamente na vertical, como uma guimba de cigarro naqueles vasos de areia que costumavam ficar do lado dos elevadores nos saguões de hotel. Ele achou aquilo mais engraçado ainda, apontando para o copo.

— Nem *tentando* eu conseguiria fazer isso! — conseguiu dizer, e então disparou a rir novamente, uma gargalhada depois da outra, balançando-se na cadeira com uma das mãos agarrando a barriga e a outra em cima do peito. O trecho de uma poesia que eu lera no ginásio, mais de trinta anos antes, me veio à cabeça de repente, com uma clareza assustadora: *Os*

homens não fingem convulsão, ou simulam um espasmo.

Eu também sorria, sorria e dava risadinhas, pois esse tipo de hilaridade extrema é contagioso, mesmo quando você não sabe qual é a piada. E o copo ter caído daquele jeito, com cada gota do chá de Wireman ainda dentro... aquilo *foi* engraçado. Como uma piada em um desenho do Papa-Léguas. Porém, Wireman não estava tendo um ataque de riso por causa do copo que caiu.

— Não estou entendendo. Quero dizer, me desculpe se...

— Ela meio que *é* mesmo! — exclamou Wireman, rindo tão loucamente que quase não fazia sentido. — Ela meio que *é*; essa é a graça! Só que é *filha,* claro, ela é A *Filha* do Podero...

No entanto, ele estava balançando de um lado para outro e também para cima e para baixo — sem fingir, era um espasmo autêntico —, e foi então que sua cadeira de praia finalmente bateu as botas com um *crrraque* alto, jogando-o primeiro para a frente com uma expressão de surpresa extremamente cômica no rosto e, em seguida, despejando-o na areia. Um de seus braços ficou preso na haste do guarda-sol e virou a mesa. Uma rajada de vento apanhou o guarda-sol, inflando-o como a uma vela, e começou a arrastar a mesa pela praia. O que me fez rir não foi o olhar arregalado de espanto de Wireman — com sua cadeira de praia desmantelada tentando se fechar sobre ele como uma mandíbula listrada —, ou o fato de vê-lo rolar de repente como um barril na areia. Não foi nem mesmo a cena daquela mesa tentando escapar, arrastada pelo seu próprio guarda-sol. O que me levou às gargalhadas foi o copo de Wireman, ainda tranquilamente de pé entre o lado do corpo e o braço esquerdo do homem.

Companhia de Chá Acme, pensei, ainda com aqueles desenhos antigos do Papa-Léguas na cabeça. *Bip-bip!* E isso, é claro, me fez pensar no guindaste que tinha feito o estrago em

mim — com seu alarme de ré quebrado que não apitou — e, de repente, me vi como o Coiote Coió na cabine da minha picape que se desfazia, com os olhos arregalados de perplexidade, as orelhas esfarrapadas saltando para fora em direções opostas e talvez soltando um pouco de fumaça nas pontas.

Aquilo foi a gota d'água. Gargalhei até rolar desconjuntado para fora da minha própria cadeira e cair na areia ao lado de Wireman... mas também não acertei o copo, que ainda estava retinho, como uma guimba de cigarro em um vaso de areia. Era impossível rir com mais força, mas foi o que eu fiz. Lágrimas corriam pelas minhas bochechas e o mundo começou a se apagar, à medida que meu cérebro entrava no modo de privação de oxigênio.

Wireman, ainda às gargalhadas, saiu engatinhando atrás da mesa fujona, usando os joelhos e cotovelos para se locomover. Ele tentou agarrar a base dela, que correu para longe como se tivesse percebido sua aproximação. Eu rolei de barriga para cima e tentei recuperar o fôlego, prestes a desmaiar, porém ainda rindo.

Foi assim que conheci Wireman.

iii

Vinte minutos depois, a mesa havia sido quase restaurada à sua posição original. Até aí, tudo bem, mas nenhum de nós dois conseguia olhar para o guarda-sol sem cair na risada. Um de seus gomos tinha rasgado e agora se erguia torto da mesa, parecendo um bêbado em pose de sóbrio. Wireman havia transferido a cadeira restante para o final da passarela de madeira e se sentara nela à minha insistência. Eu estava sentado na própria passarela, que, embora não tivesse recosto, tornaria o trabalho de me levantar mais fácil (e, além disso, mais digno). Wireman se oferecera para substituir a jarra derramada de chá gelado por uma nova. Recusei a proposta, porém concordei em dividir o copo miraculosamente não derramado com ele.

— Agora somos irmãos de água — disse ele quando acabamos com o chá.

— Isso é algum ritual indiano? — perguntei.

— Não, é de *Um Estranho numa Terra Estranha,* de Robert Heinlein. Deus o tenha.

Ocorreu-me que nunca tinha visto Wireman lendo quando ele estava sentado na cadeira listrada, mas fiquei quieto. Muita gente não lê na praia; a claridade lhes dá dor de cabeça. Eu simpatizava com pessoas que tinham dores de cabeça.

Ele começou a rir novamente. Cobriu a boca com as duas mãos, como uma criança, porém as risadas romperam aquela barreira.

— Chega. Meu Deus, chega. Parece que distendi todos os músculos da barriga.

— Eu também.

Por um instante, não falamos mais nada. A brisa que vinha do golfo estava fresca naquele dia, com um cheiro melancólico de sal. O rasgo no guarda-sol se agitava. A mancha escura na areia, onde o jarro de chá gelado tinha derramado, já estava quase seca.

Ele deu uma risada.

— Você viu a mesa tentando fugir. A porra da *mesa*?

Também ri. Meu quadril doía e os músculos do meu estômago também; no entanto, me sentia muito bem para um homem que tinha quase desmaiado de tanto gargalhar.

— "Alabama Getaway"[4] — disse.

Ele assentiu, ainda limpando areia do rosto.

— Grateful Dead. 1979. Ou por aí. — Wireman soltou uma risadinha, que se tornou um riso de verdade que, por sua vez, virou outra gargalhada estrondosa. Ele segurou a barriga e

gemeu. — Não dá, tenho que parar, mas... A Noiva do Poderoso Chefão! *Meu Deus!* — E lá foi ele novamente.

— Nunca conte para ela que eu disse isso — falei.

Ele parou de gargalhar, mas não de sorrir.

— Não sou tão indiscreto assim, *muchacho.* Mas... foi o chapéu, certo? Aquele chapelão de palha que ela usa. Igual ao Marlon Brando no jardim, brincando com o garotinho.

Na verdade, tinha sido também pelos tênis, mas eu assenti e nós rimos mais um pouco.

— Se você cair na gargalhada quando eu lhe apresentar — falou ele (caindo na gargalhada de novo, provavelmente por conta da ideia de cair na gargalhada; é assim que funciona quando você está tendo um ataque de riso) —, vou ter que dizer que é porque eu quebrei minha cadeira, combinado?

— Combinado — respondi. — O que você quis dizer quando disse "ela meio que é mesmo"?

— Jura que você não sabe?

— Não faço ideia.

Ele apontou para o Casarão Rosa, que parecia muito pequeno ao longe. Parecia estar a uma caminhada e tanto de distância.

— De quem você acha que é aquele lugar, *amigo*! Quero dizer, tenho certeza de que pagou a um corretor de imóveis, ou a uma imobiliária, mas onde você acha que o seu cheque vai parar depois de descontado?

— Eu diria que na conta bancária da srta. Eastlake.

— Correto. Srta. Elizabeth Eastlake. Dada a idade da senhorita em questão, 85 anos, acho que você poderia chamá-la de Senhora Senhorita. — Ele recomeçou a rir, balançou a cabeça e disse: — Preciso parar. Mas, para ser sincero, fazia tempo que eu não tinha motivo para rir até a barriga doer.

— Digo o mesmo.

Ele olhou para mim — sem um braço, com o cabelo cheio de falhas de um lado — e assentiu. Então, por um breve momento, apenas olhou para o golfo. Sei que as pessoas vão para a Flórida quando estão velhas e doentes porque lá é quente quase o ano inteiro, mas acho que o golfo do México também tem algo a ver com isso. Só olhar para aquela calmaria branda,

plana e iluminada pelo sol já cura você. É uma palavra das grandes, não é? Digo, *golfo.* Grande o bastante para se poder jogar um monte de coisas nela e observá-las desaparecer.

Algum tempo depois, Wireman disse:

— E de quem você acha que são as casas entre a sua e aquela ali? — Ele jogou o polegar por cima do ombro, apontando os muros brancos e as telhas cor de laranja. — Que, por sinal, está listada no mapa territorial do condado como *Heron's Roost,* o Poleiro da Garça, e que eu chamo de *El Palacio de Asesinos.*

— Seriam também da srta. Eastlake?

— Acertou duas de duas — falou ele.

— Por que você chama aquela casa de *Palácio dos Assassinos?*

— Bem, quando penso em inglês, é "*Outlaw Hideouf",* o "Esconderijo dos Bandidos" — disse Wireman, com um sorriso tímido. — Porque parece o tipo de lugar em que o vilão principal de um faroeste de Sam Peckinpah penduraria o chapéu. Enfim, existem seis casas muito boas entre o Heron's Roost e Salmon Point...

— Que eu chamo de Casarão Rosa — falei. — Big Pink, quando penso em inglês.

Ele assentiu.

— *El Rosado Grande.* Bom nome. Eu gostei. Você vai ficar nela até quando?

— Aluguei a casa por um ano, mas, para ser franco, não sei. Não tenho medo do que acho que as pessoas chamam de estação ruim, por causa do calor, mas tenho que levar em conta os furacões.

— É, aqui todos temos que levar em conta a temporada dos furacões, especialmente desde o Charlie e o Katrina. Mas as casas entre Salmon Point e o Heron's Roost estarão vazias bem antes dessa época. Como o resto de Duma Key. Que poderia muito bem se chamar Eastlake Island, por sinal.

— Você está dizendo que isso aqui é tudo dela?

— É uma questão complicada até para um cara como eu, que era advogado na minha outra vida — disse Wireman. — Houve um tempo em que o *pai* dela era dono de tudo isso, além de um belo pedaço da Flórida continental a leste daqui. Ele vendeu tudo na década de 30, com exceção de Duma. A srta. Eastlake é dona da região norte, não há dúvida quanto a isso. — Wireman meneou o braço para indicar a região norte da ilha, a parte que mais tarde ele caracterizaria como sendo tão careca quanto a boceta de uma stripper. — Do terreno e das casas construídas nele, do Heron's Roost, que é a mais luxuosa, até o seu Casarão Rosa, a mais perigosa. Isso lhe dá uma renda da qual ela mal precisa, pois seu pai também deixou para a srta. Eastlake e o resto da filharada *mucho dinero.*

— Quantos irmãos e irmãs dela ainda estão...

— Ninguém — falou Wireman. — A Filha do Poderoso Chefão é a última. — Ele riu e balançou a cabeça. — Preciso parar de chamá-la assim — disse ele, mais para si mesmo do que para mim.

— Se você diz. O que realmente me intriga é por que o restante da ilha não foi desenvolvido. Levando-se em conta o eterno boom residencial e imobiliário na Flórida, isso me pareceu uma loucura desde o primeiro dia em que atravessei a ponte.

— Você fala como um especialista. O que era na sua outra vida, Edgar?

— Empreiteiro.

— E isso é passado para você agora?

Eu poderia ter sido ambíguo — não o conhecia o suficiente para me definir totalmente —, mas não fui. Tenho certeza de que nosso acesso mútuo de histeria teve muito a ver com isso.

— Sim — respondi.

— E o que você é nesta vida?

Eu suspirei, afastando o olhar. Fitei o golfo, onde você poderia depositar todas as suas velhas tristezas e observá-las desaparecer sem deixar vestígio.

— Ainda não sei ao certo. Tenho pintado um pouco. — E esperei que ele risse.

Ele não riu.

— Você não é o primeiro pintor que eu vejo em Salm... no Casarão Rosa. Ele tem um passado artístico e tanto.

— Você está brincando. — Não havia nada na casa que sugerisse algo parecido.

— É verdade — disse ele. — Alexander Calder morou ali. Keith Haring. Marcel Duchamp. Todos antes de a erosão litorânea colocar a casa em risco de desabar na água. — Ele fez uma pausa. — Salvador Dalí.

— Tá de sacalhagem! — exclamei, ruborizando quando ele entortou a cabeça. Por um instante, senti aquela velha raiva frustrada me invadir, parecendo entupir minha cabeça e a garganta. *Vou conseguir,* pensei. — Desculpe. Eu sofri um acidente faz algum tempo e... — Então, parei de falar.

— Não é tão difícil de notar — disse Wireman. — Caso não tenha percebido, falta uma peça no seu lado direito, *muchacho.*

— Pois é. E às vezes fico meio... sei lá... afásico, eu acho.

— Ã-hã. De qualquer forma, não estou mentindo sobre o Dalí. Ele passou três semanas na sua casa em 1981. — Então, quase sem se interromper: — Sei pelo que você está passando.

— Duvido muito. — Não quis parecer hostil, mas não teve outro jeito. Era como eu estava me sentindo, na verdade.

Wireman ficou calado por alguns instantes. O guarda-sol rasgado se agitou. Tive tempo para pensar: *Bem, esta foi uma amizade potencialmente interessante que não vai se concretizar,* porém, quando ele falou novamente, sua voz estava calma e agradável. Era como se nosso pequeno desvio na rota nunca tivesse acontecido.

— Parte dos problemas de desenvolvimento de Duma se resume ao excesso de vegetação. A aveia-do-mar é nativa, mas o resto daquela porcaria toda não tinha nada que crescer aqui sem irrigação. Alguém deveria é investigar isso, a meu ver.

— Eu e minha filha saímos explorando a ilha um dia desses. Parecia uma verdadeira selva ao sul daqui.

Wireman pareceu alarmado.

— Um sujeito nas suas condições não deveria pegar a Duma Key Road. Ela está um cacareco.

— Eu que o diga. O que eu quero saber é como ela não tem quatro pistas de largura com ciclovias dos dois lados e prédios de 800 em 800 metros.

— Porque ninguém sabe quem é o dono das terras? Que tal isso para começar?

— Sério?

— Sério. A região desde a ponta da ilha até o Heron's Roost ao sul é de posse completa e absoluta da srta. Eastlake desde 1950. Quanto a isso, não há a menor dúvida. Está nos testamentos.

— *Testamentos?* No plural?

— Três deles. Todos de próprio punho, todos testemunhados por pessoas diferentes e todos conflitantes quando se trata de Duma Key. Os três testamentos estipulam que o pai da srta. Eastlake, John, lhe deixou a região norte da ilha como herança sem nenhuma condição atrelada. O resto está no tribunal até hoje. Sessenta anos de uma briga que faz *A Casa Abandonada,* de Dickens, parecer brincadeira de criança.

— Pensei que você tinha dito que a srta. Eastlake era a única filha viva.

— E é, mas ela tem sobrinhos e sobrinhas e sobrinhas-netas e sobri-nhos-netos. Como a tinta Sherwin-Williams, eles estão em toda parte. São *eles* que estão brigando, mas brigam entre si, não com ela. A única menção à srta. Eastlake nos múltiplos testamentos do pai estava relacionada a esta parte de Duma Key, que foi cuidadosamente demarcada por duas companhias de levantamento topográfico, uma logo antes da Segunda Guerra Mundial e outra logo depois. Está tudo nos arquivos públicos. E sabe de uma coisa, *amigo*?

Eu balancei a cabeça.

— A srta. Eastlake acha que era exatamente isso que o seu pai queria que acontecesse. E, depois de lançar meu olho de advogado sobre as cópias dos testamentos, eu também.

— Quem paga os impostos?

Ele pareceu surpreso, e então riu.

— Estou gostando cada vez mais de você, *vato*.

— Minha outra vida — eu o recordei. Já estava gostando de como aquele negócio de outra vida soava.

— Certo. Então, vai gostar disto — falou ele. — É engenhoso. Todos os três últimos testamentos de John Eastlake continham cláusulas idênticas que estabeleciam um fundo fiduciário para pagar os impostos. A companhia de investimentos que administrava o fundo originalmente sofreu uma fusão depois daquela época; na verdade, a empresa que *fez a fusão* também sofreu outra...

— É o jeito americano de se fazer negócios — disse eu.

— Sem dúvida. De qualquer forma, o fundo nunca correu risco de quebrar e os impostos são pagos com pontualidade suíça todos os anos.

— O dinheiro sempre fala mais alto

— É a verdade. — Ele se levantou, pôs as mãos na base da coluna e girou as costas. — Você gostaria de ir até a casa para conhecer a chefe? Ela deve estar acordando do seu cochilo por agora. Tem lá seus problemas, mas está inteiraça para quem tem 85 anos.

Aquela não era a hora para lhe dizer que eu já a havia conhecido — brevemente —, graças à minha secretária eletrônica.

— Vamos deixar pra outro dia. Quando a vontade de rir passar.

Ele assentiu.

— Apareça amanhã à tarde, se quiser.

— Talvez eu apareça. Foi um prazer. — Estendi a mão novamente. E ele a apertou novamente, olhando para o coto do meu braço direito enquanto o fazia.

— Você não usa prótese? Ou apenas tira quando não está no meio do povão?

Eu tinha uma história para contar às pessoas a respeito disso — dor nos nervos no coto —, mas era mentira, e eu não queria mentir para Wireman. Em parte porque ele tinha um faro apurado para o cheiro suave da conversa fiada, mas especialmente pelo simples fato de não querer mentir para ele.

— Tiraram minhas medidas para fazer uma enquanto eu ainda estava no hospital, é claro, e quase todo mundo tentou me convencer a usá-la — principalmente minha fisioterapeuta e um psicólogo amigo meu. Eles falaram que quanto mais cedo eu começasse a usá-la, mais rápido eu conseguiria retomar minha vida...

— Deixe tudo o que aconteceu para trás e saia para dançar...

— Isso.

— Só que, às vezes, deixar algo para trás não é fácil.

— Não.

— Às vezes, não é nem a coisa certa — disse Wireman.

— Não é isso, não exatamente, mas... — Deixei a frase inacabada e agitei a mão no ar.

— Já dá pro gasto?

— É — falei. — Obrigado pelo refresco.

— Volte para tomar outro. Eu só pego sol entre as duas e as três da tarde, uma hora por dia já é o suficiente para mim, mas a srta. Eastlake ou dorme ou reorganiza seus bibelôs de porcelana a tarde inteira. E, é claro, ela nunca perde a Oprah, então tenho tempo livre. Tanto que nem sei o que fazer com ele, na verdade. Quem sabe? Talvez a gente encontre bastante assunto para conversar.

— Certo — falei. — Me parece ótimo.

Wireman sorriu. Ficava bonito com um sorriso no rosto. Ele ofereceu sua mão e eu a apertei novamente.

— Sabe o que eu acho? Amizades que se criam em meio a risadas são sempre auspiciosas.

— Talvez seu próximo emprego seja escrever mensagens em biscoitos da sorte chineses — disse eu.

— Existem trabalhos piores, *muchacho*. Muito piores.

iv

Durante o caminho de volta, meus pensamentos se voltaram para a srta. Eastlake, uma senhora que usava grandes tênis azuis e um chapéu de palha enorme e calhava de ser (mais ou menos) dona da sua própria ilha na Flórida. No fim das contas, não era nenhuma Noiva do Poderoso Chefão, mas Filha do Barão de Terras e, aparentemente, Patrona das Artes. Minha mente tinha sofrido outro daqueles lapsos estranhos e eu não conseguia recordar o nome do pai dela (era algo simples, com apenas duas sílabas), porém me lembrava da situação básica, conforme Wireman a resumira. Nunca tinha ouvido falar de nada parecido e, quando você vive de construir imóveis, vê todo tipo de acordo estranho. Na verdade, achava aquilo muito engenhoso... isto é, se a intenção fosse manter a maior parte do seu pequeno reino em um estado de graça subdesenvolvida. A pergunta era: por quê?

Já estava quase chegando ao Casarão Rosa quando percebi que minha perna doía como o diabo. Entrei mancando na casa, bebi água direto da torneira da cozinha e então atravessei a sala de estar até o quarto principal. Vi que a luz na secretária eletrônica estava piscando, mas não queria saber de mensagens vindas do mundo exterior naquele momento. Tudo que queria era me esticar.

Deitei-me e olhei para as pás do meu ventilador de teto, que giravam lentamente. Não tinha me saído muito bem ao explicar por que não tinha um braço falso. Fiquei imaginando se Wireman teria se virado melhor com *O que um advogado está fazendo como enfermeiro de uma velha solteirona rica? Que tipo de outra vida é essa?*

Ainda pensando naquilo, caí em um cochilo sem sonhos e muito gratificante.

V

Depois de acordar, tomei um banho quente e então fui até a sala de estar para verificar minha secretária eletrônica. Não estava tão dolorido quanto pensava que fosse ficar, levando em conta minha caminhada de mais de 3 quilômetros. Talvez acordasse mancando no dia seguinte, mas passaria bem aquela noite.

A mensagem era de Jack. Ele disse que sua mãe o colocara em contato com alguém chamado Dario Nannuzzi, que adoraria dar uma olhada nos meus quadros na sexta, entre as quatro e as cinco da tarde — será que eu poderia levar no máximo dez dos que eu considerasse os melhores para a Scoto Gallery? Nada de esboços; Nannuzzi estava interessado apenas em trabalhos finalizados.

Senti um pouco de nervosismo ao ouvir aquilo...

Não, isso não chegava nem perto do que eu senti.

Meu estômago se contraiu e eu poderia ter jurado que meus intestinos despencaram uns 8 centímetros. E isso não foi o pior. Aquela coisa meio coceira, meio dor tomou conta do meu lado direito, descendo pelo braço que não estava mais lá. Disse a mim mesmo que aquelas sensações — que não passavam de frio na barriga com três dias de antecedência — eram ridículas. Certa vez, fiz uma proposta de 10 milhões de dólares para a Câmara Municipal de St. Paul, sendo que um de seus membros naquela época se tornaria mais tarde governador de Minnesota. Tinha visto duas meninas passarem por seus primeiros recitais de dança, testes para animadora de torcida, aulas de direção e pelo inferno da adolescência. O que era mostrar alguns dos meus quadros para um sujeito de uma galeria de arte comparado com aquilo?

Ainda assim, subi as escadas até a Casinha Rosa com pés de chumbo.

O sol estava se pondo, enchendo o salão com uma luz cor de tangerina deslumbrante e improvável; no entanto, não senti vontade de tentar capturá-lo — não naquele fim de tarde. Porém, a luz me chamou assim mesmo. Como lhe chamaria a fotografia de um amor há muito perdido, encontrada por acaso ao mexer numa caixa antiga de lembranças. E a maré estava alta. Mesmo lá de cima, eu conseguia ouvir a voz rascante das conchas. Sentei-me e comecei a remexer o aglomerado de objetos em cima da minha mesa de entulho — uma pena, um seixo, um isqueiro descartável descolorido até um cinza indistinto. Naquele momento, não foi em Emily Dickinson que eu pensei, mas em uma antiga canção folk: *Don't the sun look good, Mama, shinin through the trees.*[5] Não havia árvores ali, é claro, mas eu podia colocar uma no horizonte se quisesse. Poderia colocar uma lá fora para o sol vermelho brilhar através dela. E dá-lhe Dalí.

Não tinha medo de ouvir que *não* tinha talento. O que temia era que o *signor* Nannuzzi me dissesse que eu tinha *um pouquinho* de talento. Ou vê-lo segurar o polegar e o indicador talvez a meio centímetro de distância um do outro e me aconselhar a reservar um espaço no Festival de Arte de Rua de Venice Beach, dizendo que eu certamente faria sucesso ali. Sem dúvida conquistaria muitos turistas com minhas fascinantes imitações de Dalí.

E se ele fizesse isso — segurar o polegar e o indicador a meio centímetro de distância um do outro e dizer *um pouquinho* —, o que eu faria? Poderia o veredicto de um estranho acabar com a nova confiança que sentia em mim mesmo, roubar minha nova alegria peculiar?

— Talvez — falei.

Sim. Porque pintar quadros não era como construir shopping centers.

A saída mais fácil seria simplesmente cancelar o encontro... só que eu mais ou menos prometera aquilo para Ilse, e não tinha o hábito de quebrar as promessas que fazia para minhas filhas.

Meu braço direito ainda estava coçando — quase a ponto de doer — mas eu mal percebia. Havia oito ou nove telas alinhadas contra a parede à minha esquerda. Virei-me na direção delas, pensando que talvez pudesse tentar decidir quais eram as melhores, mas nem cheguei a olhar para elas.

Tom Riley estava parado no topo da escada. Ele estava nu, exceto por uma calça de pijama azul, mais escura na virilha e na parte de dentro de uma das pernas, onde ele a havia molhado. Seu olho direito não estava lá. Havia uma órbita opaca coberta por uma massa vermelha e preta no lugar dele. Sangue seco se espalhava para trás ao longo da sua têmpora direita como uma pintura de guerra, desaparecendo em meio ao cabelo grisalho sobre a orelha. Seu outro olho fitava o golfo do México. O pôr do sol deslizava pelo seu rosto fino e pálido.

Gritei de susto e horror, recuei e caí da cadeira. Bati no chão com o quadril bichado e soltei outro berro, dessa vez de dor. Tive um espasmo e meu pé bateu na cadeira em que eu estava sentado, derrubando-a. Quando olhei para a escada novamente, Tom havia sumido.

vi

Dez minutos depois, eu estava no andar de baixo, discando o número da casa de Tom. Descera as escadas da Casinha Rosa sentado, batendo com a bunda em um degrau depois do outro. Não porque tinha machuçado o quadril quando caí da cadeira, mas porque minhas pernas tremiam tanto que eu não me sentia seguro o bastante para ficar de pé. Tinha medo de que fosse cair de cabeça, mesmo descendo de costas para poder agarrar o corrimão com a mão esquerda. Que diabo! Eu estava com medo de acabar desmaiando.

Não parava de me lembrar daquele dia em Lake Phalen, quando eu me virei e vi Tom com aquele brilho estranho nos olhos, ele tentando não me envergonhar ao chorar de vez. *Chefe, não consigo me acostumar a vê-lo assim... Sinto muito.*

O telefone começou a tocar na bela casa de Tom em Apple Valley. Tom, que já havia se casado e divorciado três vezes, Tom, que me aconselhara a não sair da casa de Mendota

Heights — *É como desistir do mando de campo em uma final de campeonato,* dissera ele. Tom, que tinha passado ele mesmo a tomar um gostinho pelo meu campo, se é que eu podia acreditar na pintura que chamava de *Amizade Colorida*... e eu *acreditava.*

Acreditava no que tinha visto no andar de cima também.

Um toque... dois... três.

— Vamos — murmurei. — Atenda à porra do telefone. — Não sabia o que poderia dizer se ele atendesse e não me importava. Tudo o que queria naquele instante era ouvir sua voz.

E ouvi, mas em uma gravação.

— Olá, você ligou para Tom Riley — disse ele. — Meu irmão George e eu estamos viajando com mamãe, em nosso cruzeiro anual; fomos para Nassau este ano. O que a senhora costuma dizer mesmo, mamãe?

— Que eu sou uma Bahama Mama! — disse uma voz estragada pelo cigarro, porém inegavelmente alegre.

— É isso mesmo que ela é — voltou a falar Tom. — Estaremos de volta no dia 8 de fevereiro. Até lá, você pode deixar uma mensagem... quando, George?

— Ao *zom* do *zip*! — exclamou uma voz masculina.

— Exatamente! — concordou Tom. — Ao zom do zip. Ou pode ligar para o meu escritório. — Ele deu o número e então os três falaram: — *BON VOYAGE!*

Eu desliguei sem falar nada. Aquilo não tinha parecido a mensagem de um homem pensando em se matar, mas é claro que ele estava entre seus parentes mais próximos e queridos (os que, posteriormente, estariam mais aptos a dizer: “Ele parecia bem”) e...

— Quem disse que vai ser suicídio? — perguntei à sala vazia... e então olhei apavorado ao redor para me certificar de que ela estava *mesmo v*azia. —Quem disse que não pode ser um acidente? Ou até mesmo assassinato? Partindo do princípio de que já não tenha acontecido?

No entanto, se já tivesse acontecido, alguém quase certamente teria me telefonado. Talvez Bozie; ou Pam, o que era mais provável. Além disso...

— É suicídio. — Desta vez, afirmei à sala. — É suicídio e ainda não aconteceu. Aquilo foi um alerta.

Levantei-me e fui de muleta até o quarto. Vinha usando-a menos nos últimos tempos, mas queria usá-la aquela noite, e muito.

Minha garota preferida estava recostada contra os travesseiros do lado da cama que teria pertencido a uma mulher de verdade, se eu ainda tivesse uma. Sentei-me, peguei a boneca e olhei para aqueles olhos azuis grandes, tão cheios de surpresa cartunesca: *Aaiii, seu malvado!* Minha Reba, que parecia Lucy Ricardo.

— Foi como Scrooge sendo visitado pelo Fantasma do Natal Futuro — falei para ela. — Essas são as coisas que *podem* acontecer.

Reba não opinou sobre essa ideia.

— Mas o que eu devo fazer? Aquilo não foi como os quadros. Não foi nem um pouco parecido com eles!

No entanto, tinha sido, sim. E eu sabia disso. Tanto os quadros quanto as visões vinham do cérebro humano, e o meu cérebro tinha mudado. Eu achava que a mudança havia sido o resultado da combinação certa de lesões. Ou da combinação errada. Contragolpe. Área de Broca. E Duma Key. A ilha estava... o quê?

— Amplificando o efeito — falei para Reba. — Não é?

Ela não opinou.

— Tem alguma coisa aqui, e ela está agindo em mim. Será possível que esteja até me chamando?

A ideia me encheu de arrepio. Debaixo dos meus pés, as conchas rilharam juntas à medida que eram jogadas para cima e para baixo pelas ondas. Era fácil demais imaginar caveiras em vez de conchas, milhares delas, todas rangendo os dentes em uníssono quando chegavam as ondas.

Foi Jack quem tinha dito que havia outra casa em algum lugar lá no meio do mato, caindo aos pedaços? Achei que sim. Quando Ilse e eu tentamos ir com o carro por aquele caminho, a estrada ficou ruim de uma hora para outra. Assim como o estômago de Ilse. Não senti nada na minha barriga, porém o fedor da vegetação que se fechava ao nosso redor tinha sido terrível e a coceira no meu braço perdido pior ainda. Wireman parecera alarmado quando lhe falei sobre nossa tentativa de explorar a ilha. *Um sujeito nas suas condições não deveria pegar a Duma Key Road,* ele tinha dito. A questão era, em que condições eu estava?

Reba continuou sem opinar.

— Não quero que isso continue acontecendo — falei baixinho.

Reba ficou apenas olhando para mim. Eu era um homem malvado, essa era a *sua* opinião.

— Para que serve você? — perguntei, atirando-a de lado. Ela aterrissou com a cabeça enfiada no seu travesseiro, com a bunda para cima e suas perninhas rosa de algodão abertas, parecendo uma bela de uma putinha. *Aaiii, seu malvado,* sem dúvida.

Baixei a cabeça, olhei para o carpete entre os meus joelhos e esfreguei a nuca. Os músculos dali estavam tensos e contraídos. Pareciam de ferro. Fazia algum tempo que não tinha uma das minhas dores de cabeça fortes, mas se aqueles músculos não relaxassem logo, eu teria uma de lascar naquela noite. Precisava comer alguma coisa, aquilo seria um começo. Algo reconfortante. Um daqueles pratos congelados abarrotados de calorias parecia o ideal — do tipo que você rasga a embalagem de cima da carne e do molho congelados, enfia por sete minutos no microondas e então manda tudo pra dentro feito um condenado.

Porém, fiquei sentado ali mais um pouco. Tinha muitas perguntas, e a maioria provavelmente estava além da minha capacidade de dar respostas. Reconheci e aceitei isso. Tinha aprendido a aceitar bastante coisa desde o dia em que tive meu confronto com o guindaste. No entanto, precisava tentar responder pelo menos uma antes de poder me forçar a comer, por mais faminto que estivesse. O telefone no criado-mudo tinha vindo junto com a casa. Era charmosamente antiquado, um modelo Princesa com dial giratório. Ficava sobre um catálogo que consistia, em grande parte, de Páginas Amarelas. Abri na parte branca fina, achando que não encontraria Elizabeth Eastlake listada, mas encontrei. Disquei o número. Dois toques depois, Wireman atendeu.

— Alô, residência Eastlake.

Quase não havia traço do homem que tinha gargalhado com força o suficiente para quebrar sua cadeira naquela voz perfeitamente modulada e, de repente, aquilo me pareceu a pior ideia do mundo. No entanto, não via outra opção.

— Wireman? Aqui é Edgar Freemantle. Preciso de ajuda.

6 - A dama da casa

i

Na tarde seguinte, me vi novamente sentado à mesinha na beirada da passarela de madeira do *Palacio de Asesinos*. O guarda-sol listrado, embora rasgado, ainda era útil. Soprava das águas uma brisa fria o bastante para exigir um moletom. Pequenas cicatrizes de luz dançavam pelo tampo da mesa à medida que eu falava. E eu falei à beça — durante quase uma hora, me refrescando com goles de chá-verde de um copo que Wireman mantinha sempre cheio. Finalmente parei e, por um instante, não se ouviu nada além do sussurro das ondas que chegavam, quebrando e correndo pelo litoral acima.

Na noite anterior, minha voz deve ter soado estranha o bastante aos ouvidos de Wireman para preocupá-lo, pois ele se dispôs a vir imediatamente com o carrinho de golfe do *Palacio.* Disse que poderia manter contato com a srta. Eastlake através do walkie-talkie. Eu falei que podia esperar. Era importante, mas não urgente. Não no sentido 911, pelo menos. E era verdade. Se Tom fosse cometer suicídio durante o seu cruzeiro, não havia muito que eu pudesse fazer para evitar. Porém, não achava que ele fosse se matar enquanto estivesse junto da mãe e do irmão.

Não pretendia contar a Wireman sobre a busca furtiva que havia feito pela bolsa da

minha filha; aquilo era algo de que eu sentia cada vez mais, e não menos, vergonha. No entanto, depois que comecei — com o **LINK-BELT** não consegui parar. Contei-lhe quase tudo, terminando com Tom Riley parado no topo da escada que levava à Casinha Rosa, pálido, morto e sem um olho. Acho que um dos motivos que me mantiveram falando foi a simples noção de que Wireman não poderia me internar no hospício mais próximo — ele não tinha autoridade legal para isso. E outro foi que, por mais atraído que eu estivesse pela sua gentileza e bom humor cínico, ele ainda era um estranho. Às vezes — muitas, creio eu —, é mais fácil contar histórias constrangedoras ou mesmo completamente malucas para um desconhecido. Em grande parte, no entanto, eu continuei por uma questão de puro alívio: sentia-me como um homem extraindo veneno de uma mordida de cobra.

Wireman se serviu de um novo copo de chá com mãos não exatamente firmes. Achei aquilo interessante e perturbador. Então, ele conferiu seu relógio, que usava no estilo enfermeiro, com o visor na parte de baixo do punho.

— Daqui a meia hora, mais ou menos, tenho que subir para dar uma olhada nela, sem falta — disse ele. — Tenho certeza de que ela está bem, mas...

— E se não estiver? — perguntei. — Se tiver caído, ou algo assim?

Ele puxou um walkie-talkie do bolso de sua calça caqui**.** Era tão fino quanto um telefone celular.

— Me certifico de que ela sempre esteja com o dela. Também temos campainhas por toda a casa, mas... — ele cutucou o peito com um polegar. — Eu sou o verdadeiro sistema de alarme, certo? O único em que confio.

Ele olhou para a água e suspirou.

— Ela tem Alzheimer. Ainda não está tão mal, mas, segundo o dr. Hadlock, provavelmente vai evoluir mais rápido agora que a doença já se instalou. — Ele deu de ombros de um jeito quase acabrunhado, então se animou. — Tomamos chá todos os dias às quatro. Chá com *Oprah.* Por que você não vem comigo para conhecer a dama da casa? Posso até oferecer uma fatia de torta de lima-da-pérsia.

— O.k. — disse. — Combinado. Você acha que foi ela quem deixou aquela mensagem na minha secretária eletrônica, dizendo que Duma Key não era um lugar de sorte para filhas?

— Sem dúvida. Só que, se você estiver esperando uma explicação, ou mesmo que ela se lembre disso, boa sorte. Mas talvez eu possa lhe ajudar um pouco. Você disse alguma coisa sobre irmãos e irmãs ontem, e eu não tive a chance de corrigi-lo. Na verdade, Elizabeth só teve irmãs. A mais velha nasceu em 1908, ou por aí. Elizabeth entrou em cena em 1923. A sra. Eastlake morreu uns dois meses depois de ela nascer. Algum tipo de infecção. Ou talvez tenha tido um coágulo... quem vai saber a essa altura do campeonato? Isso aconteceu aqui, em Duma Key.

— O pai se casou novamente? — Eu ainda não conseguia me lembrar do seu nome.

Wireman me ajudou:

— John? Não.

— Você não vai me dizer que ele criou seis filhas aqui? Isso é gótico demais.

— Ele tentou, com a ajuda de uma governanta. Só que a mais velha fugiu com um rapaz. A srta. Eastlake sofreu um acidente quase fatal. E as gêmeas... — Ele balançou a cabeça. — Elas eram dois anos mais velhas do que Elizabeth. Em 1927, desapareceram. Presume-se que elas tenham tentado nadar, foram arrastadas por uma contracorrente e se afogaram lá no *caldo grande.*

Ele olhou para a água por algum tempo — aquelas ondas enganosamente suaves correndo pelo litoral acima como cachorrinhos — e ficou calado. Então, eu perguntei se Elizabeth havia lhe contado tudo aquilo.

— Parte. Não tudo. E até as coisas de que Elizabeth se lembra não são claras para ela. Eu encontrei menção a um incidente que não poderia ser outro em um site da internet sobre a história da costa do golfo. Troquei alguns e-mails com um cara que é bibliotecário em Tampa. — Wireman ergueu as mãos e balançou os dedos como se digitasse. — Tessie e Laura Eastlake. O bibliotecário me enviou um exemplar do jornal de Tampa do dia 19 de abril de 1927. A manchete na primeira página é muito dura, muito desoladora, muito arrepiante. Três palavras. ELAS SE FORAM.

— Meu Deus — falei.

— Seis anos de idade. Elizabeth teria 4, idade o bastante para entender o que aconteceu. Talvez o bastante para ler uma manchete de jornal simples, como ELAS SE FORAM. As gêmeas mortas e Adriana, a mais velha, fugida para Atlanta com um dos gerentes de fábrica dele... não é de espantar que John tenha cansado de Duma por um tempo. Ele e as três restantes se mudaram para Miami. Muitos anos depois, ele voltou para cá para morrer e a srta. Eastlake cuidou dele. — Wireman deu de ombros. — Mais ou menos como eu estou cuidando dela. Então... você entende agora por que uma senhora com início de Alzheimer pode considerar Duma um lugar ruim para filhas?

— Imagino que sim, mas como uma senhora com início de Alzheimer descobre o número de telefone do seu novo inquilino?

Wireman me lançou um olhar malicioso.

— Inquilino novo, número antigo, função de discagem automática em todos os telefones de lá. — Ele jogou o polegar por sobre o ombro. — Alguma outra pergunta?

Eu o encarei, boquiaberto.

— Ela tem meu número na *discagem automática?*

— Não me culpe; eu cheguei tarde neste filme. Meu palpite é que o corretor que cuida dessas coisas para ela programou os números das propriedades para locação nos telefones. Ou talvez o contador da srta. Eastlake. Ele vem de St. Petersburg mais ou menos de seis em seis semanas para se certificar de que ela não está morta e de que eu não estou metendo a mão

no dinheiro. Vou perguntar na próxima vez em que ele aparecer.

— Então ela pode ligar para qualquer casa na região norte de Duma Key simplesmente apertando um botão?

— Bem... sim. Quero dizer, as casas *são* todas dela. — Ele deu um tapinha na minha mão. — Mas sabe de uma coisa, *muchacho?* Acho que o seu botão vai ter um pequeno colapso nervoso hoje à noite.

— Não — falei, sem nem pensar no que estava dizendo. — Não faça isso.

— Ah — respondeu Wireman, exatamente como se tivesse entendido. E, quem sabe, talvez tivesse mesmo. — Enfim, isso explica seu telefonema misterioso; embora eu deva alertá-lo que as explicações tendem a minguar em Duma Key. Conforme demonstra sua história.

— O que você quer dizer? Você já teve... experiências?

Ele me encarou diretamente, seu rosto grande e bronzeado inescrutável. O vento gelado de fim de janeiro soprou forte, revolvendo areia em volta dos nossos tornozelos. Ele também levantou os cabelos de Wireman, revelando a cicatriz em forma de moeda em cima da sua têmpora direita. Eu me perguntei se alguém o teria atacado com o gargalo de uma garrafa, talvez em uma briga de bar, e tentei imaginar alguém ficando com raiva daquele homem. Era difícil.

— Sim, eu tive... *experiências* — disse ele, fazendo ganchos com os indicadores das duas mãos, transformando-os em aspas. — São elas que transformam as crianças em... *adultos*. Além de darem aos professores de inglês algo para encherem linguiça durante os... *cursos de literatura* do primeiro ano. — Repetindo todas as vezes aquelas aspas no ar.

Certo, ele não queria falar a respeito, pelo menos não naquela hora. Então, perguntei em quanto da minha história ele acreditava. Ele girou os olhos e se recostou na cadeira.

— Não teste minha paciência, *vato*. Você pode estar enganado quanto a algumas coisas, mas não é doido. Eu tenho uma senhora lá em cima... ela é a senhora mais doce do mundo, mas às vezes pensa que eu sou o pai dela e que está em Miami por volta de 1934. Às vezes, ela enfia um dos seus bibelôs de porcelana em uma lata de biscoitos Sweet Owen e o joga no lago de peixes ornamentais atrás da quadra de tênis. Tenho que tirá-los de lá durante os seus cochilos, senão ela tem um ataque. Não faço ideia do porquê. Acho que quando chegar o verão ela já estará usando uma fralda geriátrica em tempo integral.

— E daí?

— E daí que de *loco* eu entendo, de Duma também, e estou começando a entender você. Estou perfeitamente disposto a crer que teve uma visão do seu amigo morto.

— Sem sacanagem?

— Sem sacanagem. *Verdad.* A questão é: o que você vai fazer a respeito? Partindo do princípio de que você não queira vê-lo comendo grama pela raiz por, se me permite a vulgaridade, amanteigar o que costumava ser o seu pão.

— Eu não quero. Tive um impulso momentâneo... não sei como descrevê-lo.

— Foi um impulso momentâneo no qual você teve vontade de cortar o pau dele fora e depois arrancar os seus olhos com um garfo quente? Foi *esse* tipo de impulso momentâneo, *muchacho?* — Wireman fez uma arma com o polegar e o indicador de uma das mãos e a apontou para mim. — Eu fui casado com uma garota mexicana e entendo de ciúme. É normal. Como um reflexo incondicionado.

— A sua mulher já... — parei de falar, voltando a me dar conta, de repente, de que havia conhecido aquele homem apenas um dia antes. Era fácil de esquecer. Wireman era *intenso.*

— Não, *amigo,* não que eu saiba. O que ela fez foi morrer antes de mim. — Seu rosto estava perfeitamente impassível. — Não vamos falar sobre isso, o.k.?

— O.k.

— O que você deve manter em mente sobre o ciúme é que ele vem e vai. Como as pancadas de chuva à tarde que nós temos aqui durante a estação ruim. Você está dizendo que já superou isso. E deveria, porque não é mais o *campesino* dela. A questão é: o que vai fazer

a respeito daquela outra coisa? Como vai evitar que aquele cara se mate? Porque você sabe o que vai acontecer quando o cruzeiro da família feliz acabar, não sabe?

Por um instante, não falei nada. Estava traduzindo aquele último pedacinho de espanhol, ou tentando. Você não é mais o agricultor dela, não era isso? Se fosse, tinha um gosto amargo de verdade.

— *Muchacho?* Qual a sua próxima jogada?

— Não sei — respondi. — Ele tem e-mail, mas o que eu vou escrever? “Caro Tom, estou preocupado que você possa estar pensando em se matar, por favor, responda o mais rápido possível”? De qualquer forma, duvido que ele esteja conferindo os e-mails durante as férias. Ele tem duas ex-mulheres, ainda paga pensão alimentícia para uma, mas não é próximo de nenhuma delas. Tinha um filho, mas ele morreu ainda criança, espinha bífida, eu acho, e... o quê? *O quê?*

Wireman tinha se virado para o lado oposto e sentava-se largado na cadeira, olhando para a água, onde os pelicanos mergulhavam para tomar seu próprio chá da tarde. Sua linguagem corporal sugeria aborrecimento.

Ele se virou de volta.

— Deixe de embromação. Você sabe muito bem quem o conhece. Ou acha que sabe.

— Pam? Você quer dizer *Pam*?

Ele apenas me encarou.

— Você vai falar alguma coisa, Wireman, ou vai ficar só sentado ai?

— Preciso dar uma olhada na minha senhora. Ela já deve estar acordada e vai precisar dos seus remédios das quatro.

— Pam acharia que eu estou louco! Porra, ela *ainda* acha que eu estou louco!

— Convença-a. — Então, ele cedeu um pouco. — Veja bem, Edgar. Se ela foi tão próxima dele como você pensa, terá visto os sinais E tudo o que você pode fazer é tentar. *Entiendes?*

— Não sei o que isso significa.

— Significa ligue para a sua esposa.

— Ela é minha ex.

— Não. Até a sua cabeça mudar, o divórcio é apenas uma ficção legal. É por isso que você se importa com o que ela pensa sobre o seu estado mental. Mas se você também se importa com aquele cara, vai ligar para ela e lhe dizer que tem motivos para achar que ele está pensando em cantar para subir.

Ele se ergueu da cadeira estendendo a mão em seguida.

— Chega de confabular. Venha conhecer a chefe. Você não vai se arrepender. Para uma patroa, até que ela é ótima.

Eu peguei a mão dele e o deixei me puxar do que imaginava ser uma cadeira de praia substituta. Sua pegada era forte. Aquela era outra coisa que eu jamais esqueceria a respeito de Jerome Wireman: o homem tinha uma pegada forte. A largura da passarela até o portão do muro dos fundos era suficiente apenas para uma pessoa, de modo que eu o segui, mancando corajosamente pelo caminho. Quando chegamos ao portão — que era uma versão reduzida do que ficava na frente e parecia tão hispânico quanto o dialeto improvisado de Wireman —, ele se virou na minha direção, sorrindo um pouco.

— Josie vem fazer faxina às terças e quintas e está sempre disposta a ficar de olho na srta. Eastlake enquanto ela tira sua soneca da tarde; o que significa que eu poderia dar um pulo até sua casa para ver seus quadros amanhã, por volta das duas da tarde, se for bom para você.

— Como sabia que eu quero que você faça isso? — Ainda estava criando coragem para lhe pedir.

Ele deu de ombros.

— Está na cara que você quer que *alguém* dê uma olhada antes de você os mostrar para o cara daquela galeria. Além da sua filha e do rapaz que resolve suas coisas, quero dizer.

— Vou encontrá-lo na sexta. Estou com medo.

Wireman balançou a mão no ar e sorriu.

— Não se preocupe — disse ele. Então, fez uma pausa. — Se achar que o seu trabalho é uma merda, eu vou falar.

— Folgo em saber.

Ele assentiu.

— Só queria deixar isso bem claro.

Então, abriu o portão e me conduziu até o pátio do Heron's Roost, também conhecido como *Palacio de Asesinos*.

ii

Eu já havia visto o pátio no dia em que usei a entrada da frente para dar meia-volta, porém, naquela ocasião, tive pouco mais do que um relance dele. Estava mais concentrado em levar a mim mesmo e à minha filha pálida e suarenta de volta ao Casarão Rosa. Enxergara a quadra de tênis e os ladrilhos azuis, mas tinha ignorado completamente o lago de peixes ornamentais. A quadra de tênis estava limpa e pronta para um jogo, sua superfície pavimentada dois tons mais escura do que o piso do pátio. Um giro da alavanca cromada deixaria a rede esticada e pronta para o uso. Havia um cesto de bolas cheio em um suporte de arame, o que me fez pensar brevemente no desenho que Ilse levara de volta para Providence com ela: *O Fim do Jogo*.

— Qualquer dia desses, *muchacho* — falou Wireman, apontando o pátio enquanto passávamos. Ele diminuiu o ritmo para eu poder alcançá-lo. — Você e eu. Vou pegar leve contigo, só voleio e saque, mas estou louco para girar uma raquete.

— É esse o seu preço pela avaliação dos quadros?

Ele sorriu.

— Tenho um preço, mas não é esse. Mais tarde eu falo. Entre.

iii

Wireman me conduziu pela porta dos fundos, através de uma cozinha mal iluminada com móveis brancos grandes e um fogão Westinghouse enorme e, então, para o interior sussurrante da casa, que brilhava com madeiras escuras — carvalho, nogueira, teca, sequoia, cipreste. Aquilo era realmente um *Palacio,* no velho estilo da Flórida. Passamos por um cômodo com as paredes cobertas de livros e uma armadura de verdade pairando em um canto. A biblioteca se conectava a um escritório onde havia quadros — não retratos a óleo enfadonhos, mas obras abstratas radiantes e até alguns exemplos de *op art* que saltavam à vista — pendurados nas paredes.

A luz caía sobre nós como uma chuva branca enquanto andávamos pelo corredor principal (*Wireman* andava; eu mancava) e eu notei que, apesar de toda a grandiosidade da

mansão, aquela parte dela era apenas um passadiço metido a besta — do tipo que separa as alas de moradias mais velhas e muito mais humildes da Flórida. Aquele estilo, quase sempre feito de madeira (às vezes de aglomerado) em vez de pedra, tinha até um nome: Caixote da Flórida.

Aquele passadiço, cheio de luz graças ao seu longo teto de vidro, era ladeado por jarros de plantas. No final dele, Wireman pegou a direita. Eu o segui até um salão enorme e frio. Uma fileira de janelas dava para um pátio lateral coberto de flores — minhas filhas saberiam dizer o nome de metade delas, Pam de todas, mas eu só sabia o dos ásteres, das comelinas, dos sambucos e das dedaleiras. Ah, e dos rododendros. Havia muitos deles. Além do emaranhado de plantas, em uma calçada de ladrilho azul que provavelmente se conectava com o pátio principal, uma garça de olhos atentos espreitava. Parecia ao mesmo tempo pensativa e carrancuda; contudo, nunca vi nenhuma parada no solo que não parecesse um ancião puritano refletindo sobre quem deveria queimar em seguida.

No centro do salão, estava a mulher que Ilse e eu tínhamos visto no dia em que tentamos explorar a Duma Key Road. Naquele dia, ela estava em uma cadeira de rodas, seus pés calçados com tênis de cano longo azuis. Já ali, estava de pé com as mãos plantadas nas alças de um andador, com os pés — grandes e pálidos — descalços. Usava uma calça bege de cintura alta e uma blusa de seda marrom-escura com ombros comicamente largos e mangas longas. Era o tipo de roupa que me fazia pensar em Katharine Hepburn naqueles filmes antigos que às vezes passam no TCM: *A Costela de Adão* ou *A Mulher do Dia.* Só que eu não conseguia me lembrar de Katharine Hepburn tão velha assim, nem quando era velha.

O salão era dominado por uma mesa longa e baixa do tipo que meu pai tinha no porão para seus trens elétricos, porém aquela era coberta por algum um tipo de madeira leve — parecia bambu — em vez de grama sintética Estava entulhada de maquetes de prédios e bibelôs de porcelana: homens, mulheres, crianças, animais de fazenda, de zoológico, criaturas mitológicas. E, por falar em seres míticos, vi dois sujeitos com as caras pintadas de preto que não teriam passado pelo crivo da NAACP.[6]

Elizabeth Eastlake olhava para Wireman com uma expressão de doce encanto que eu teria gostado de desenhar... embora não ache que alguém fosse levá-la a sério. Não sei bem se chegamos a acreditar nas emoções mais simples na nossa arte, embora sempre as vejamos à nossa volta, todos os dias.

— Wireman! — disse ela. — Acordei cedo e estou me divertindo horrores com meus bibelôs! — A srta. Eastlake tinha um sotaque forte do Sul. — Olhe, a família está em casa!

Em uma extremidade da mesa, havia a maquete de uma mansão. Do tipo com pilares. Imagine Tara, a fazenda de *E o Vento Levou,* e você vai ter uma ideia. Em volta dela, havia um círculo de quase uma dúzia de figuras. O arranjo era estranhamente cerimonial.

— E não é que estão? — concordou Wireman.

— E a escola! Olhe só como eu coloquei as crianças do lado de fora da escola! Venha ver!

— Eu vou, mas não gosto quando a senhora se levanta sem mim, e a senhora sabe disso — disse ele.

— Não estava com vontade de chamá-lo naquele velho walkie-talkie. Na verdade, estou me sentindo muito bem. Venha ver. O seu novo amigo também. Ah, eu sei quem você é. — Ela sorriu e entortou um dedo para mim, chamando-me para perto. — Wireman me contou tudo a seu respeito. Você é o novo morador de Salmon Point.

— Ele a chama de Casarão Rosa — falou Wireman.

Ela riu. Era uma risada de fumante, do tipo que se dissolve em tosse Wireman teve que correr para a frente para endireitá-la. A srta. Eastlake não pareceu se importar com a tosse ou com a ajuda de Wireman.

— *Gostei* disso! — disse ela assim que conseguiu fazê-lo. — Oh, meu querido, *eu gostei* disso! Venha ver o novo arranjo da minha escola senhor...? Tenho certeza de que já me disseram o seu nome, mas não me lembro, ando tão esquecida ultimamente, seu nome é senhor...?

— Freemantle — falei. — Edgar Freemantle.

Eu me juntei aos dois na sua mesa de recreação; ela me ofereceu a mão. Não era musculosa, porém, como seus pés, era grande. A srta. Eastlake não havia se esquecido da arte dos cumprimentos e apertou a minha mão da melhor maneira possível. Gostei dela por admitir com franqueza seus problemas de memória. E, com ou sem Alzheimer, eu rateava muito mais — verbal e mentalmente — do que a havia visto fazer até então.

— É um prazer conhecê-lo, Edgar. Já o vi antes, mas não recordo quando. Daqui a pouco eu me lembro. Casarão Rosa. Que extravagante!

— Eu gosto da casa, senhora.

— Ótimo. Fico feliz que ela lhe agrade. É uma casa de artistas, sabia? Você é artista, Edgar?

Ela me encarava com seus olhos azuis sem malícia.

— Sim — respondi. Era a coisa mais fácil e rápida a dizer, e talvez fosse a verdade. — Creio que sim.

— Claro que é, querido, eu soube desde o início. Vou precisar de um dos seus quadros. Wireman irá acertar um preço com você. Ele é advogado, além de um excelente cozinheiro, ele lhe contou isso?

— Sim... não... quero dizer... — Estava perdido. Sua conversa parecia ter se desdobrado em caminhos demais, e todos de uma vez só. Wireman, aquele cachorro, parecia estar lutando para não cair na gargalhada. O que me deu vontade de rir, é claro.

— Eu tento conseguir quadros de todos os artistas que ficaram no seu Casarão Rosa. Tenho um Haring que foi pintado lá. E também um desenho de Dalí.

Aquilo interrompeu qualquer impulso de rir que eu estivesse sentindo.

— É mesmo?

— Sim! Já vou lhe mostrar, não consigo resistir, ele está na sala de tevê e nós sempre assistimos à *Oprah.* Não é, Wireman?

— É — respondeu ele, olhando para o visor do seu relógio na parte de baixo do punho.

— Mas não precisamos ver na hora exata, porque temos um negócio maravilhoso chamado... — Ela se interrompeu, franziu o cenho e levou um dedo à covinha de um lado do seu queixo gorducho. — Vito? É Vito que se chama, Wireman?

Ele sorriu.

— TiVo, srta. Eastlake.

Ela soltou uma gargalhada.

— TiVo, que palavra mais engraçada, não? E não é engraçado como somos formais? Ele é Wireman para mim, eu sou srta. Eastlake para ele. A não ser que eu esteja irritada, como

fico às vezes, quando as coisas me fogem à memória. Somos como personagens numa peça de teatro! Uma peça feliz, em que a gente sabe que logo a banda vai começar a tocar para todos os atores da companhia cantarem! — Ela riu para mostrar como a ideia era adorável, mas havia um quê de desvario naquilo. Pela primeira vez, seu sotaque me fez pensar em Tennessee Williams, e não em Margaret Mitchell.

Suavemente — muito suavemente —, Wireman falou:

— Talvez seja melhor irmos para a outra sala para assistirmos ao programa da *Oprah* agora. Acho que a senhora deveria se sentar. Pode fumar um cigarro enquanto estiver vendo o programa; a senhora gostaria disso, não gostaria?

— Só um minuto, Wireman. Só um minuto. Temos tão pouca *companhia* por aqui. — Então, novamente para mim: — Que tipo de artista você é, Edgar? Acredita na arte pela arte?

— Arte pela arte, sem dúvida, senhora.

— Fico feliz. É esse o tipo preferido de Salmon Point. Como você a chama mesmo?

— Minha arte?

— Não, querido, Salmon Point.

— Casarão Rosa, senhora.

— Casarão Rosa é como iremos chamá-la. E eu serei Elizabeth para você.

Eu sorri. Foi inevitável, pois ela parecia mais determinada do que paqueradora.

— Elizabeth está ótimo.

— Maravilha. Daqui a pouco nós iremos para a sala de tevê, mas antes... — Ela voltou sua atenção para a mesa de recreação novamente — E então, Wireman? E então, Edgar? Estão vendo como eu arrumei as crianças?

Havia cerca de uma dúzia delas, todas viradas para o lado esquerdo da escola. Poucos alunos matriculados.

— O que isso lhes diz? — perguntou ela. — Wireman? Edward? Alguém?

Aquele foi um deslize muito pequeno, mas, obviamente, eu tinha um ouvido bom para deslizes. E, naquela ocasião, meu próprio nome foi a casca de banana.

— Recreio? — perguntou Wireman, dando de ombros.

— É claro que não — disse ela. — Se fosse recreio, eles estariam *brincando,* jamais todos juntos e boquiabertos desse jeito.

— É um incêndio ou um treinamento de incêndio — falei.

Ela se esticou por sobre o andador (Wireman, atento, agarrou seu ombro para evitar que ela perdesse o equilíbrio) e plantou um beijo na minha bochecha. Aquilo me surpreendeu pra cacete, mas não de um jeito ruim.

— Muito bem, Edward — exclamou ela. — Agora, qual dos dois você acha que é?

Pensei a respeito. Era fácil, se você levasse a pergunta a sério.

— Um treinamento.

— Isso! — Seus olhos azuis se acenderam de prazer. — Diga a Wiring por quê.

— Se fosse um incêndio, elas estariam espalhadas por todo lado. Em vez disso, estão...

— Esperando para entrar de volta, exatamente. — Porém, quando ela se virou para Wireman, eu vi uma mulher diferente, muito assustada. — Eu chamei você pelo nome errado de novo.

— Não tem importância, srta. Eastlake — falou Wireman, beijando-a na concavidade da sua têmpora com uma ternura que me **fez** gostar muito dele.

Ela sorriu para mim. Era como ver o sol sair deslizando de trás de uma nuvem.

— Enquanto ele continuar se dirigindo a mim pelo sobrenome, posso saber que... — A partir dali, no entanto, ela pareceu perdida e seu sorriso começou a vacilar. — Posso saber que...

— Que está na hora de assistir ao programa da Oprah — falou Wireman, pegando seu braço. Juntos, eles viraram o andador para longe da mesa de recreação. Então, Elizabeth começou a andar com ele até a porta do outro lado do salão a uma velocidade surpreendente. Wireman seguia, vigilante, a seu lado.

Sua “sala de tevê” era dominada por uma Samsung tela plana grande. Na outra ponta do cômodo, havia uma pilha de aparelhagem de som cara. Mal notei ambas. Estava olhando para

o desenho emoldurado na parede sobre as prateleiras de CD e, por alguns instantes, me esqueci de respirar.

O desenho era a lápis, acrescido de apenas duas linhas escarlates, provavelmente feitas por nada mais que uma caneta esferográfica vermelha comum — do tipo que professores usam para dar nota às provas. Aqueles rabiscos, não exatamente espontâneos, tinham sido traçados ao longo do horizonte do golfo para indicar o pôr do sol. Eram perfeitos. Eram a palavra gênio escrita em letras miúdas. Aquele era o *meu* horizonte, o que eu via da Casinha Rosa. Sabia disso da mesma forma que sabia que o artista ouvira o ranger constante das conchas sob os seus pés enquanto transformava o papel branco e vazio no que seu olho enxergava e sua mente traduzia. No horizonte, havia um navio, provavelmente um petroleiro. Poderia ser exatamente o mesmo que eu desenhara na minha primeira noite no número 13 da Duma Key Road. O estilo não tinha nada a ver com o meu, porém a escolha do tema era quase idêntica.

Escrito de modo quase descuidado no fundo, havia um nome: *Salv Dalí*.

iv

A srta. Eastlake — Elizabeth — fumou seu cigarro enquanto Oprah interrogava Kirstie Alley sobre o assunto sempre fascinante da perda de peso. Wireman preparou sanduíches de ovo cozido com maionese que estavam deliciosos. Meus olhos continuavam se desviando para o desenho emoldurado de Dalí e eu não parava de pensar — é claro — *Dá-lhe Dalí* Quando o

dr. Phil apareceu e começou a repreender duas mulheres gordas da plateia que aparentemente haviam se oferecido para serem repreendidas, eu disse a Wireman e a Elizabeth que realmente precisava voltar

Elizabeth usou o controle remoto para silenciar o dr. Phil e então estendeu o livro sobre o qual o controle estava largado. Seus olhos pareciam ao mesmo tempo humildes e esperançosos.

— Wireman disse que você viria ler para mim, de vez em quando, à tarde, Edmund, isso é verdade?

Às vezes somos forçados a tomar certas decisões em uma fração de segundo, e foi o que eu fiz naquele momento. Decidi não olhar para Wireman, que estava sentado à esquerda de Elizabeth. A lucidez que ela havia demonstrado na sua mesa de recreação estava desaparecendo, até eu conseguia notar isso, porém tive a impressão de que ainda lhe restava bastante. Um olhar na direção de Wireman bastaria para lhe dizer que aquilo era novidade para mim, o que a deixaria constrangida. E eu não queria constrangê-la, em parte porque gostava dela e, em parte, porque suspeitava que a vida lhe reservaria inúmeros constrangimentos dali a um ou dois anos. Logo, não estaria apenas esquecendo nomes.

— Nós conversamos a respeito — falei.

— Talvez você possa ler um poema para mim esta tarde — disse ela. — Você escolhe. Sinto tanta falta deles. Eu poderia passar sem a Oprah, mas uma vida sem livros é uma vida sedenta e, sem poesia, ela é... — Ela riu. Era um som delirante que cortou meu coração. — É como uma vida sem imagens, você não acha? Ou não?

A sala estava muito silenciosa. Em algum outro lugar, um relógio tiquetaqueava, mas isso era tudo. Pensei que Wireman fosse dizer algo, mas ele não disse; ela o deixara temporariamente sem fala, o que era um truque nada desprezível em se tratando daquele *hijo de madre.*

— Pode escolher — repetiu ela. — Ou, se já estiver tarde para você, Edward...

— Não — falei. — Não tem problema, estou sem pressa.

O livro era intitulado simplesmente: *Bons Poemas.* O editor era Garrison Keillor, um homem que provavelmente poderia se candidatar a governador e ser eleito lá na minha terra. Abri a esmo e encontrei um poema de alguém chamado Frank O'Hara. Era curto. Aquilo o tornava um bom poema na minha opinião e eu pus mãos à obra.

Você já se esqueceu como éramos

quando ainda estávamos na flor da idade

e os dias vinham carnudos, com uma maçã na boca

é inútil se preocupar com o Tempo

mas nós tínhamos de fato alguns truques na manga

e dobramos, sim, algumas curvas fechadas

a pastagem inteira parecia nosso banquete

e não precisávamos de velocímetros

conseguíamos fazer drinques de puro gelo e água...

Algo aconteceu comigo naquele momento. Minha voz tremulou e as palavras dobraram, com se a palavra água, ao sair da minha boca, tivesse invocado um pouco dela para os meus olhos. Levantei a cabeça e disse:

— Perdão. — Minha voz estava roufenha. Wireman parecia preocupado, mas Elizabeth Eastlake sorria para mim com uma expressão perfeitamente compreensiva.

— Tudo bem, Edgar — disse ela. — A poesia às vezes faz isso comigo também. Não há o menor motivo para nos envergonharmos de sentimentos sinceros. Os homens não fingem convulsão.

— Ou simulam um espasmo — acrescentei. Minha voz parecia sair de outra pessoa.

Ela abriu um sorriso radiante.

— O homem conhece Dickinson, Wireman!

— É o que parece — concordou Wireman. Ele me observava com atenção.

— Você poderia terminar, Edward?

— Sim, senhora.

Não me interessaria ser mais veloz

ou mais jovem que agora se você estivesse comigo Ó você

foi o melhor de todos os meus dias.

Eu fechei o livro.

— Isso é tudo.

Ela assentiu.

— Quais foram os melhores de todos os seus dias, Edgar?

— Estes, talvez — respondi. — Eu espero.

Ela assentiu novamente.

— Então, espero que sim, também. Imagino que sempre se possa ter esperança. E Edgar?

— Senhora?

— Deixe-me ser Elizabeth para você. Não suporto ser uma senhora a essa altura da minha vida. Estamos entendidos?

Eu assenti.

— Acredito que sim, Elizabeth.

Ela sorriu e as lágrimas que estavam em seus próprios olhos caíram. As faces em que elas aterrissaram eram velhas e devastadas por rugas, porém os olhos eram jovens. Jovens.

v

Dez minutos depois, Wireman e eu estávamos sentados na beirada da passarela do *Palacio* novamente. Ele tinha deixado a dama da casa com uma fatia de torta de lima-da-pérsia, um copo de chá e o controle remoto. Eu levava dois dos sanduíches de ovo de Wireman em uma sacola. Ele disse que eles iriam estragar se eu não os levasse para casa, e não precisou insistir muito. Também lhe pedi duas aspirinas.

— Olhe — disse ele. — Me desculpe por aquilo. Eu iria perguntar antes, acredite em mim.

— Relaxe, Wireman.

Ele assentiu, porém não olhou diretamente para mim. Estava olhando para o golfo.

— Só quero que você saiba que não prometi nada a ela. Mas ela está... infantil agora. Então supõe as coisas, do mesmo jeito que as crianças fazem, baseada no que quer, e não nos fatos.

— E o que quer é que alguém leia para ela.

— Isso.

— Poemas em fitas cassete e CDs não adiantam?

— Não. Ela diz que a diferença entre um poema gravado e outro lido ao vivo é a mesma entre cogumelos enlatados e frescos. — Ele sorriu, mas ainda não olhava para mim.

— Por que você não lê para ela, Wireman?

Ainda olhando para a água, ele disse:

— Porque eu não consigo mais.

— Não consegue... por que não?

Ele considerou a pergunta, então balançou a cabeça.

— Hoje, não. Wireman está cansado, *muchacho,* e ela vai ficar acordada à noite. Acordada e falante, cheia de lamentos e desorientação, sujeita a pensar que está em Londres ou St. Tropez. Eu reconheço os sinais.

— Você vai me contar algum outro dia?

— Vou. — Ele suspirou pelo nariz. — Se você pode me mostrar o seu, acho que posso lhe mostrar o meu, embora não me agrade. Tem certeza de que está bem para voltar sozinho?

— Sem dúvida — falei, embora meu quadril estivesse latejando como um motor de grande porte.

— Eu levaria você no carrinho de golfe, de verdade, mas quando fica assim, o termo clínico do dr. Wireman para essa condição é Esperta Virando Tapada, ela é capaz de enfiar na cabeça que precisa lavar as janelas... ou espanar umas gavetas... ou dar uma volta sem o andador. — Ao dizer isso, ele chegou a tremer. Pareceu-me o tipo de tremor que começa como exagero e acaba se tornando real.

— Todo mundo fica tentando me enfiar em um carrinho de golfe — falei.

— Você vai ligar para a sua mulher?

— Não vejo outra opção — respondi.

Ele assentiu.

— Bom garoto. Pode me contar tudo quando eu for ver seus quadros. Qualquer hora serve para mim. Posso ligar para uma enfermeira em domicílio, Annmarie Whistler, se pela manhã for melhor para você.

— O.k. Obrigado. E obrigado por me escutar, Wireman.

— Obrigado por ler para a patroa. *Buena suerte, amigo.*

Comecei a descer a praia e, somente quando estava a uns 50 metros de distância, algo me ocorreu. Eu me virei, pensando que Wireman já tivesse ido embora, mas ele ainda estava parado ali com as mãos nos bolsos e o vento que soprava do golfo — cada vez mais gelado — penteando para trás seus longos cabelos grisalhos.

— Wireman!

— O quê?

— A Elizabeth já foi uma artista também?

Ele não falou nada por um bom tempo. Ouvia-se apenas o som das ondas, mais alto naquela noite com o vento para empurrá-las. Então disse:

— É uma pergunta interessante, Edgar. Se você lhe perguntar, e eu o aconselho a não fazer isso, ela diria que não. Mas não acho que seja a verdade.

— Por que não?

No entanto, ele disse apenas:

— É melhor ir andando, *muchacho*. Antes que esse seu quadril fique travado. — Wireman me acenou um breve *até logo,* se virou e subiu de volta a passarela, seguindo sua sombra espichada, quase antes de eu perceber que ele estava partindo.

Fiquei ali por mais alguns instantes, então me voltei para o Norte, mirei o Casarão Rosa e segui para casa. Era uma longa viagem e, antes de eu chegar lá, minha própria sombra absurdamente alongada se perdeu em meio às aveias-do-mar, porém, no fim das contas, consegui. As ondas não paravam de crescer e, debaixo da casa, o murmúrio das conchas tornou-se novamente uma discussão.

Como fazer um desenho (IV)

Comece com o que você conhece, então reinvente. A arte é mágica, isso é indiscutível, porém toda arte, por mais estranha que seja, começa na humildade do cotidiano. Não fique surpreso se flores estranhas brotarem de solo comum. Elizabeth sabia disso. Ninguém a ensinou; ela aprendeu sozinha.

Quanto mais ela desenhava, mais via. Quanto mais via, mais queria desenhar. É assim que funciona. E, quanto mais ela via, mais sua linguagem lhe voltava: primeiro as quatrocentas ou quinhentas palavras que sabia quando caiu da carrocinha e bateu com a cabeça e depois muito, muito mais.

Papai ficou impressionado com a rapidez com que seus desenhos se sofisticavam. Assim como suas irmãs — tanto as Malvadonas quanto as gêmeas (Adie, não; Adie estava na Europa com três amigos e duas acompanhantes de confiança — Emery Paulson, o rapaz com quem ela irá se casar, ainda não havia entrado em cena). A babá/governanta ficou pasma com ela e a chamava de la petite obéah fille.

O médico que cuidava do seu caso alertou que a menininha deveria tomar muito cuidado para não se esforçar ou se entusiasmar demais e cair de febre, porém, em janeiro de 1926, ela já estava zanzando por toda a região sul da ilha, carregando seu bloquinho e agasalhada com sua "jaqueta bonita e cachecol", desenhando tudo.

Foi neste inverno que ela viu sua família se cansar dos seus desenhos — primeiro as Malvadonas Maria e Hannah, depois Tessie e Lo-Lo, depois o Papai e depois até Nan Melda. Terá ela entendido que mesmo a genialidade enjoa, quando ingerida em excesso? Talvez sim, de alguma maneira infantil, instintiva.

O que veio em seguida, a consequência do cansaço deles, foi uma determinação em fazê-los ver a maravilha do que ela via, reinventando-a.

Sua fase surrealista teve início; primeiro, os pássaros voando de cabeça para baixo; então, os animais andando na água; em seguida, os Cavalos Sorridentes que lhe renderam uma pequena dose de reconhecimento. E foi aí que tudo mudou. Foi aí que algo sombrio apareceu sorrateiramente, usando a pequena Libbit como veículo.

Ela começou a desenhar sua boneca e, quando o fez, a boneca começou a falar.

Noveen.

Àquela altura, Adriana havia voltado de Gay Paree e, no começo, Noveen falava na maior parte do tempo com a voz aguda e alegrinha de Adie perguntando a Elizabeth se ela podia hinky-dinky-parley-voo e mandando-la fechar a matraca. Às vezes, Noveen cantava para ela dormir enquanto desenhos do rosto da boneca — grande, redondo e todo marrom, com exceção dos lábios vermelhos — se espalhavam sobre sua colcha.

Noveen canta Frère Jacques, frère Jacques, você está drumindo? Você está drumindo? Dormay-voo, dormay-voo?

Às vezes, Noveen lhe contava histórias — misturadas, porém deslumbrantes — nas quais a Cinderela usava os sapatinhos vermelhos de Oz e os Bobbsey Twins[7] *se perdiam na Floresta Mágica e encontravam uma casa de guloseimas com telhado de doce de menta.*

Mas então a voz de Noveen mudou. Ela parou de ser a voz de Adie. Parou de ser a voz de qualquer pessoa que Elizabeth conhecia e continuava a falar mesmo depois que Elizabeth a mandou fechar a matraca. No começo, talvez aquela voz tenha sido agradável. Talvez tenha sido divertida. Estranha, porém divertida.

Então as coisas mudaram, não foi? Porque a arte é mágica, e nem toda magia é branca.

Nem mesmo para garotinhas.

7 - Arte pela arte

i

Havia uma garrafa de puro malte no armário de bebidas da sala de estar. Eu queria um trago, mas não o tomei. Queria esperar, talvez comer um dos meus sanduíches de ovo duro e planejar o que iria dizer a ela, mas também não fiz isso. Às vezes, a única maneira de fazer uma coisa é fazê-la de uma vez. Levei o telefone sem fio para o solário. Estava frio até mesmo com as portas de vidro deslizantes fechadas, mas, de certa forma, aquilo era bom. Achei que o ar gelado poderia me estimular um pouco. E, talvez, a visão do sol descendo em direção ao horizonte e pintando seu caminho dourado pela água me acalmasse. Porque eu não estava calmo. Meu coração batia forte demais, eu sentia as bochechas quentes, meu quadril doía como o diabo, e me dei conta de repente, com verdadeiro horror, de que o nome da minha esposa me fugira da cabeça. Todas as vezes que mergulhava em busca dele, trazia à tona apenas a palavra *peligro,* perigo em espanhol.

Decidi que havia uma coisa que eu precisava *mesmo* fazer antes de ligar para Minnesota.

Larguei o telefone no sofá estofado demais, manquei até o quarto (usando minha muleta; não nos separaríamos até a hora de dormir) e peguei Reba. Bastou um olhar nos seus olhos azuis para trazer o nome de Pam de volta, e meu coração desacelerou. Com minha garota

favorita presa entre o lado do corpo e meu coto, suas pernas desossadas balançando, eu voltei até o solário e me sentei novamente. Reba caiu no meu colo e eu a virei de lado com um tabefe, de modo que ela ficou acarando o sol poente.

— Se você olhar demais para ele, vai ficar cega — falei. — Mas é claro que é aí que está a graça.[8] Bruce Springsteen, 1973, ou por aí, *muchacha.*

Reba não respondeu.

— Eu deveria estar lá em cima, pintando aquilo — disse a ela — Fazendo a porra da arte pela arte.

Nenhuma resposta. Os olhos arregalados de Reba sugeriam ao mundo em geral que ela estava presa com o homem mais malvado da América.

Peguei o telefone sem fio e o balancei na sua cara.

— Vou conseguir — falei.

Reba continuou calada, mas eu achei que ela parecia incrédula. Debaixo de nós, as conchas continuavam sua discussão impulsionada pelo vento: *Você fez, não fiz, ah, fez sim.*

Eu queria continuar discutindo o problema com minha Boneca de Extravasamento da Raiva. Em vez disso, disquei o número da minha antiga casa. Não tive problema algum para recordá-lo. Estava torcendo para cair na secretária eletrônica de Pam. No entanto, quem atendeu foi a própria, parecendo sem fôlego.

— Oi, Joanie, graças a Deus você ligou de volta. Estou atrasada e queria saber se em vez de 3h15 a gente podia...

— Não é Joanie — falei, estendendo a mão para apanhar Reba e trazendo-a de volta para o meu colo sem nem pensar no que estava fazendo. — É o Edgar. E acho que você vai ter que cancelar seu compromisso de 3h15. Tenho um negócio para falar com você, e é importante.

— Qual o problema?

— Comigo? Nenhum. Estou bem.

— Edgar, a gente pode conversar mais tarde? Eu tenho que cortar meu cabelo e estou atrasada. Volto às seis.

— É sobre Tom Riley.

Silêncio vindo da terra de Pam. Ele deve ter durado uns dez segundos. Naquele meio-tempo, o caminho dourado na água escureceu só um pouquinho. Elizabeth Eastlake conhecia bem Emily Dickinson; perguntei-me se ela também conhecia Vachel Lindsay.

— O que tem ele? — perguntou finalmente Pam. Havia cautela em sua voz, uma cautela profunda. Não tinha dúvidas de que ela se esquecera completamente do seu compromisso.

— Tenho motivos para crer que ele esteja pensando em se matar. — Enganchei o fone contra o ombro e comecei a acariciar o cabelo de Reba. — Você sabe alguma coisa a respeito disso?

— O que... O que *eu*... — Ela soava afrontada, ofegante. — Deus do céu, como eu *poderia*... — Pam começou a reunir um pouco de força, tentando se agarrar à indignação. Ela vem a calhar nesse tipo de circunstância, imagino. — Você me liga do nada e espera que eu saiba informá-lo sobre o estado mental de Tom Riley? Eu achei que você estava melhorando, mas parece que era ilusão minh...

— Trepar com ele deveria lhe dar alguma noção. — Afundei a mão no cabelo laranja falso de Reba e o apertei como se quisesse arrancá-lo pelas raízes. — Ou estou enganado?

— Isso é *loucura*! — quase gritou ela. — Você precisa de *ajuda,* Edgar! Ligue para o dr. Kamen ou arranje ajuda por aí, e *rápido!*

A raiva — e a certeza de que eu começaria a perder as palavras que a acompanhavam — desapareceu de repente. Soltei um pouco o cabelo de Reba.

— Acalme-se, Pam. A questão aqui não é você. E nem eu. Estamos falando de Tom. Você notou sinais de depressão? Deve ter notado.

Nenhuma resposta. Porém, nenhum clique do telefone sendo desligado, tampouco. E eu conseguia ouvir sua respiração. Por fim, ela disse:

— O.k. O.k., tudo bem. Já sei de onde você tirou essa ideia. Foi a senhorita Dramalhão, certo? Imagino que Ilse tenha lhe contado sobre Max Stanton, lá em Palm Desert. Oh, Edgar, você *sabe* como ela é!

Ao ouvir aquilo, minha raiva ameaçou voltar. Estendi a mão e agarrei o centro macio do corpo de Reba. *Vou conseguir, pensei. A questão aqui também não é Ilse. E Pam? Pam está apenas assustada, porque eu a peguei desprevenida. Ela está assustada e com raiva, mas eu vou conseguir.* Tenho *que conseguir.*

Vamos esquecer que, por alguns momentos, eu quis matá-la. Ou que, se ela estivesse no solário comigo, eu talvez tivesse tentado.

— Ilse não me contou.

— Chega de loucura, vou desligar agora...

— A única coisa que eu não sei é qual dos dois convenceu você fazer a tatuagem no seu peito. A rosinha.

Ela gritou. Nada mais que um grito baixinho, mas foi o suficiente Houve outro momento de silêncio. Ele pulsou como feltro preto. Então, Pam explodiu:

— Aquela vaca! Ela viu e lhe contou! É o único jeito que você poderia saber! Bem, isso não significa *nada*! Não prova *nada*!

— Não estamos no tribunal, Pam — falei.

Ela não respondeu, mas eu conseguia escutar sua respiração.

— Ilse *teve* lá suas suspeitas quanto a esse tal de Max, mas nem desconfia de Tom. Se você lhe contar, vai partir o coração dela. — Fiz uma pausa. — E isso vai partir o meu.

Ela estava chorando.

— O seu coração que se foda. Você que se foda. Eu queria que você estivesse morto, sabia? Seu desgraçado mentiroso e intrometido, queria que você estivesse morto.

Pelo menos eu não me sentia mais daquela forma a respeito dela. Graças a Deus.

O caminho na água escureceu até um tom de cobre queimado. Logo, o laranja começaria a se insinuar.

— O que você sabe sobre o estado mental de Tom?

— Nada. E, só para você saber, não estamos tendo um caso. Se é que *tive* algo com ele, não durou mais que três semanas. Deixei isso claro para Tom quando voltei de Palm Desert. Por vários motivos, mas basicamente ele é muito... — Ela voltou atrás bruscamente. — Ilse deve ter lhe contado. Melinda não teria feito isso, mesmo se soubesse. — E, com uma malícia absurda: — *Ela* sabe o que eu passei com você.

Era surpreendente, na verdade, como eu estava pouco interessado em ir por aquele caminho com ela. Meu interesse era outro.

— Ele é muito o quê?

— *Quem* é muito o quê? — exclamou ela. — Meu Deus, eu odeio isso! Esse interrogatório!

Como se eu estivesse adorando.

— Tom. Você disse: “Basicamente ele é muito”, e então parou.

Muito instável. Ele é uma caixinha de surpresas emocional. Um dia para cima, outro dia para baixo, um dia os dois, especialmente quando não toma os seus...

Ela se calou repentinamente.

— Quando não toma os seus remédios — concluí para ela.

— Sim, bem, eu não sou a psiquiatra dele — disse Pam, e a petulância na sua voz não era maleável; tenho certeza de que era inflexível. Meu Deus. A mulher com quem eu tinha sido casado poderia ser durona quando a situação pedia, mas tive a impressão de que aquela inflexibilidade rancorosa era novidade: a sua cota do meu acidente. Achava que era a sequela de Pam.

— Já tive o suficiente dessa maluquice psicanalítica de merda com você, Edgar. Pelo menos uma vez queria conhecer um homem *de verdade,* que não fosse uma bola mágica

viciada em pílulas. “Não posso lhe dizer agora, pergunte mais tarde quando eu não estiver tão irritado.”

Ela fungou no meu ouvido e eu a esperei assoar o nariz em seguida. E foi o que ela fez. Pam chorava da mesma forma que antes; pelo jeito, algumas coisas não tinham mudado.

— Vá à merda, Edgar, por estragar o que na verdade estava sendo um ótimo dia.

— Não me importa com quem você vai para a cama — falei. — Estamos divorciados. Tudo o que quero é salvar a vida de Tom Riley.

Dessa vez, ela gritou tão alto que eu tive que afastar o fone do ouvido.

— *Eu não sou RESPONSÁVEL pela vida dele! NÓS TERMINAMOS! Você não ouviu isso?* — Então, um pouco mais baixo (mas não muito): — Ele nem está em St. Paul. Está em um cruzeiro com a mãe e aquele irmão veadinho dele.

De repente, entendi, ou achei ter entendido. Era como se eu estivesse sobrevoando a questão, tendo uma visão aérea. Talvez porque tivesse pensado em me matar, alertando a mim mesmo o tempo todo de que deveria parecer, sem sombra de dúvida, um acidente. Não só para que o dinheiro do seguro fosse pago, mas para que minhas filhas não tivessem que passar o resto da vida marcadas pelo fato de todos saberem que...

E essa era a solução, não é mesmo?

— Diga a ele que você sabe. Quando Tom voltar, diga que sabe que ele está planejando se matar.

— Por que ele acreditaria em mim?

— Porque *está* planejando. Porque você o conhece. Porque ele está perturbado e provavelmente acha que está andando com um cartaz que diz **PLANEJANDO SUICÍDIO** colado nas costas. Diga que sabe que ele parou de tomar os antidepressivos. Você sabe disso, não é? Tem certeza.

— Sim. Mas dizer a ele para tomá-los nunca adiantou.

— Você já falou que vai entregá-lo se ele não começar a tomar o remédio? Que vai sair fofocando para todo mundo?

— Não, e não vou fazer isso agora! — Ela soou horrorizada. — Você acha que todo mundo em St. Paul sabe que eu dormi com Tom Riley? Que eu tive um *caso* com ele?

— E que tal se St. Paul inteira ficar sabendo que você se importa com ele? Isso seria tão terrível assim?

Ela ficou calada.

— Tudo o que eu quero é que você o confronte quando ele voltar...

— Tudo o que você quer! Certo! A sua vida inteira tem sido uma questão de tudo o que você quer! Quer saber, Eddie, se isso é tão importante para você, então vá confrontar Tom *você mesmo.* — Lá estava aquela inflexibilidade histérica novamente, porém, dessa vez, com medo por trás dela.

Eu falei:

— Se foi você quem terminou, provavelmente ainda tem poder sobre ele. Inclusive, talvez, o poder de fazê-lo salvar a própria vida. Sei que é assustador, mas a obrigação é sua.

— Não, não é. Vou desligar.

— Se ele se matar, duvido que você passe o resto da vida com a consciência pesada... mas acho que *vai* ter um ano muito ruim. Ou dois.

— Não vou. Vou dormir como um bebê.

— Me desculpe, Panda, mas não acredito nisso.

Era um apelido antigo, que eu não usava há anos, e não sei de onde ele saiu, mas arrasou suas defesas. Ela começou a chorar novamente. Dessa vez, não havia raiva ali.

— Por que você tem que ser tão sacana? Por que não me deixa em paz?

Eu não queria mais aquilo. O que queria eram dois analgésicos. E talvez me esparramar na cama e chorar também, não tinha certeza.

— Diga a ele que sabe. Diga para ele ir ao psiquiatra e voltar a tomar os antidepressivos. E, o que é mais importante, diga que, se ele se matar, você vai contar para todo mundo, a começar pela mãe e pelo irmão dele. Que não importa o quanto ele capriche, todos vão saber que, na verdade, foi suicídio.

— Eu não posso fazer isso! Não *posso*! — Ela parecia desolada.

Pensei a respeito e decidi que colocaria a vida de Tom Riley inteiramente em suas mãos — simplesmente a passaria pelo fio telefônico para ela Aquele tipo de renúncia não estava no repertório do antigo Edgar Freemantle, mas aquele Edgar Freemantle jamais teria considerado a hipótese de passar seu tempo pintando pores do sol. Ou brincando com bonecas.

— Você decide, Panda. Talvez não adiante nada se ele não gostar mais de você, mas...

— Ah, ele se importa. — Ela soou mais desolada do que nunca.

— Então, diga a Tom que ele precisa começar a viver a vida novamente, quer ele goste ou não.

— O bom e velho Edgar, ainda no controle de tudo — disse ela, enfastiada. — Mesmo do seu reino na ilha. O bom e velho Edgar. Edgar, o monstro.

— Isso dói — falei.

— Maravilha — retrucou ela, desligando. Fiquei sentado no sofá por mais algum tempo, observando o pôr do sol ficar mais brilhante e o ar no solário, mais gelado. Quem pensa que a Flórida não tem inverno está muito enganado. Em 1977, houve 2,5 centímetros de neve em Sarasota. Acho que faz frio em toda parte. Aposto que neva até no inferno, embora eu duvide que por muito tempo.

ii

Wireman telefonou no dia seguinte pouco depois do meio-dia e perguntou se ainda estava convidado a olhar meus quadros. Tive um pouco de receio, recordando sua promessa (ou ameaça) de me dar sua opinião sem rodeios, porém falei que podia vir.

Escolhi o que achei serem minhas 16 melhores obras... embora sob a luz clara e fria daquela tarde de janeiro todas me parecessem bem ruins. O desenho que eu havia feito de Carson Jones ainda estava no armário do quarto. Eu o peguei, grampeando-o a um pedaço de com pensado e colocando-o no fim da fila. As cores feitas a lápis pareciam vulgares e sem graça se comparadas às telas a óleo e, obviamente, o de senho era menor do que o resto, mas eu ainda achava que ele tinha algo que faltava aos demais.

Pensei em apanhar o desenho da figura de manto vermelho, então desisti. Não sei por quê. Talvez simplesmente porque ela me dava arrepios. Peguei o *Olá* — o desenho a lápis do petroleiro — no lugar dele.

Wireman veio zumbindo em um carrinho de golfe azul-claro com listrinhas amarelas chamativas. Ele não precisou tocar a campainha. Eu estava na porta para recebê-lo.

— Você está me parecendo um pouco abatido, *muchacho* — disse ele, entrando. — Relaxe. Não sou o médico e não estamos em um consultório.

— Não consigo evitar. Se estivéssemos em um prédio e você fosse um inspetor de obras eu não me sentiria assim, mas...

— Mas isso seria na sua outra vida — falou Wireman. — Esta é a sua nova, na qual você ainda não se adaptou aos seus tênis de corrida.

— É mais ou menos por aí.

— Pode crer que sim. Falando em sua existência anterior, você ligou para sua mulher sobre aquele pequeno problema que conversou comigo?

— Liguei. Quer ouvir os detalhes?

— Não. Só quero saber se você está tranquilo com o resultado da conversa.

— Não tenho uma conversa tranquila com Pam desde que acordei no hospital. Mas tenho quase certeza de que ela vai falar com Tom.

— Então acho que está de bom tamanho, porquinho. *Babe, o Porquinho Atrapalhado,* 1995. — Ele já estava dentro da casa àquela altura, e olhava em volta com curiosidade. — Gostei do que você fez com o ambiente.

Caí na gargalhada. Não tinha nem tirado o aviso de não fumar de cima da tevê.

— Pedi para Jack colocar uma esteira no andar de cima, o que é novidade. Você já esteve aqui antes, imagino?

Ele me deu um sorrisinho enigmático.

— *Todos* já estivemos aqui antes, *amigo;* isso é maior do que a liga profissional de futebol americano. Peter Straub, *circa* 1985.

— Não estou acompanhando.

— Já trabalho com a srta. Eastlake há mais ou menos 16 meses, com um breve e desconfortável hiato em St. Pete, para onde as ilhas foram evacuadas por conta do furacão Frank. Enfim, as últimas pessoas que alugaram Salmon Point — me desculpe, o Casarão Rosa — ficaram apenas duas das 18 semanas do contrato e então deram tchauzinho. Ou elas não gostaram da casa, ou a casa não gostou delas. — Wireman ergueu as mãos por cima da cabeça como uma assombração e deu passos de fantasma grandes e oscilantes pelo carpete azul-claro

da sala de estar. O efeito foi bastante prejudicado pela sua blusa, que era coberta de pássaros e flores tropicais. — Depois disso, o que quer que tenha andado pelo Casarão Rosa... *andou sozinho!*

— Shirley Jackson — falei. — *Circa* sei lá quando.

— Isso aí. Enfim, Wireman estava provando algo, ou tentando. Casarão Rosa NAQUELA ÉPOCA! — Ele abriu os braços em um gesto abrangente. — Mobiliado naquele estilo popular da Flórida, conhecido como Casa para Alugar do Século XXI! Casarão Rosa AGORA! Mobiliado no estilo Casa para Alugar do Século XXI, com uma esteira Cybex no andar de cima e... — Wireman apertou os olhos. — Aquilo é uma boneca da Lucille Ball que eu estou vendo sentada no sofá do solário?

— Aquela é Reba, a Rainha do Extravasamento da Raiva. Foi meu amigo psicólogo, Kramer, quem me deu. — Porém, aquilo não estava certo. Meu braço perdido começou a coçar intensamente. Pela décima milionésima vez, tentei coçá-lo e acabei coçando minhas costelas ainda em processo de recuperação. — Espere — falei, olhando para Reba, que fitava o golfo. *Vou conseguir, pensei. É igual àquele lugar em que você coloca o dinheiro di nheiro quando quer escondê-lo do governo.*

Wireman esperava com paciência.

Meu braço coçou. O que não estava lá. O que às vezes queria desenhar. Queria desenhar naquele instante. Achei que ele queria desenhar Wireman.

Deixe de maluquice, pensei.

Eu vou conseguir, pensei.

Você esconde dinheiro do governo em paraísos fiscais, pensei. *Nassau. Bahamas. As ilhas Cayman*. E, bingo, lá estava a resposta.

— Kamen — falei. — Esse é o nome dele. Kamen me deu Reba. Xander Kamen.

— Bem, agora que já resolvemos isso — disse Wireman —, vamos dar uma olhada na arte.

— Se é que podemos chamá-la disso — falei, seguindo para o andar de cima, mancando com minha muleta. Na metade do caminho algo me ocorreu e eu parei. — Wireman — disse, sem olhar para trás —, como você sabia que minha esteira era uma Cybex?

Por um instante, ele ficou calado. Então:

— É a única marca que eu conheço. Agora, você consegue voltar a subir sozinho ou precisa de um chute na bunda para pegar no tranco?

Soa bem, mas parece mentira, pensei, enquanto voltava a subir a escada. *Acho que você está mentindo e, sabe de uma coisa, acho que você sabe que eu sei.*

iii

Meu trabalho estava encostado contra a parede norte da Casinha Rosa, com o sol da tarde dando às pinturas bastante luz natural. Olhando para elas de trás de Wireman — à medida que ele andava lentamente pela fileira de quadros, às vezes parando e, uma vez, chegando a voltar atrás para estudar algumas telas uma segunda vez —, pensei que era muito mais luz do que mereciam. Tinha recebido elogios de Ilse e Jack, mas uma era minha filha e o outro era meu empregado.

Quando chegou ao desenho a lápis do petroleiro no final da fila, Wireman se agachou e ficou olhando para ele por uns trinta segundos com os antebraços apoiados nas coxas e as mãos pendendo entre as pernas.

— O que... — comecei a perguntar.

— Shhh — disse ele, fazendo-me aturar mais trinta segundos de silêncio. Finalmente, se levantou. Seus joelhos estalaram. Quando se virou para me encarar, seus olhos pareciam muito grandes e o esquerdo estava inflamado. Água — e não uma lágrima — descia por um de seus cantos. Ele tirou um lenço do bolso de trás e a secou, o gesto automático de um homem que faz a mesma coisa uma dúzia de vezes por dia, ou mais.

— Deus do céu — falou Wireman, andando em direção à janela, enfiando o lenço de volta no bolso de trás.

— Deus do céu o quê? — perguntei. — Deus do céu o *quê*?

Ele ficou parado, olhando para fora.

— Você não sabe como esses quadros são bons, sabe?

— Eles são? — perguntei. Nunca tinha me sentido tão inseguro na vida. — Você está falando sério?

— Você os colocou em ordem cronológica? — quis saber ele, ainda olhando para o golfo. O Wireman piadista, debochado e brincalhão tinha ido dar uma volta. Imaginei que o que eu estava ouvindo tinha muito mais a ver com o que os juízes costumavam escutar... partindo do princípio de que ele tivesse sido esse tipo de advogado. — Colocou, não foi? A não ser pelos dois últimos, quero dizer. É óbvio que eles são muito anteriores.

Não conseguia ver como qualquer coisa minha pudesse ser qualificada como “muito anterior”, quando eu só havia começado a desenhar há poucos meses; no entanto, quando passei os olhos pelos quadros, vi que ele estava certo. Não tivera a intenção de colocá-los em ordem cronológica — não conscientemente —, mas era o que eu tinha feito.

— Sim — falei. — Do mais antigo ao mais recente.

Ele indicou as quatro últimas pinturas — as que eu passara a chamar de pores do sol compostos. A uma delas, eu havia acrescentado um caracol do mar; à outra, um CD com a palavra **Memorex** escrita nele (e o sol brilhando vermelho através do buraco); à terceira, uma gaivota morta que eu havia encontrado na praia, porém ampliada até o tamanho de um pterodátilo. A última era do leito de conchas debaixo do Casarão Rosa, pintada através de uma fotografia digital. A esta, eu tive por algum motivo o impulso de acrescentar rosas. Elas não cresciam em volta da casa, mas meu novo amigo Google tinha muitas fotos para oferecer.

— Este último grupo de pinturas — disse ele. — Alguém já as viu?

— Não. Essas quatro foram feitas depois que ela foi embora.

— O cara que trabalha para você?

— Não.

— E é claro que você nunca mostrou para sua filha o desenho que fez do namor...

— Deus, não! Você está brincando?

— Não, é claro que não mostrou. Aquele tem um certo poder, por mais que tenha sido feito obviamente às pressas. Quanto ao resto desses negócios... — Wireman riu. Percebi de repente que ele estava entusiasmado, e foi então que comecei a me entusiasmar eu mesmo. Mas estava com um pé atrás, também. *Lembre-se de que ele era um advogado,* disse a mim mesmo. *Não é nenhum crítico de arte.*

— Cacete, o resto desses negócios... — Ele deu outra daquelas risadinhas agudas. Andou em círculo pela sala, subindo na esteira e passando por cima dela com uma naturalidade impensada que eu invejei amargamente. Colocou as mãos nos cabelos grisalhos e os puxou para cima, como se quisesse alongar o cérebro.

Finalmente, ele voltou. Parou na minha frente. Quase me confrontou.

— Olhe. Já faz mais ou menos um ano que o mundo vem te castigando bastante, e eu sei que isso murcha pra caramba o velho airbag da autoestima. Mas não me diga que você nem mesmo *sente* como esses quadros são bons.

Lembrei-me de nós dois nos recuperando do nosso violento ataque de riso enquanto o sol

brilhava através do guarda-sol rasgado, depositando pequenas cicatrizes de luz sobre a mesa. Wireman tinha dito: *Sei pelo que você está passando.* E eu respondera: *Duvido muito.* Não duvidava mais. Ele sabia. Essa lembrança daquele dia foi seguida por um desejo mordaz — não uma fome, mas uma comichão — de colocar Wireman no papel. Uma combinação de retrato com natureza morta, *Advogado com Fruta e Arma.*

Ele deu um tapinha no meu rosto com sua mão de dedos rombudos.

— Terra para Edgar. Responda, Edgar.

— Ah, entendido, Houston — ouvi a mim mesmo dizendo. — Edgar na escuta.

— Então, o que você me diz, *muchacho*? Estou mentindo? Você sentiu ou não sentiu que eles eram bons quando os estava pintando?

— Senti — falei. — Me senti como se estivesse botando pra quebrar e mandando bronca.

Ele assentiu.

— É o fato mais simples da arte: quando ela é boa, quase sempre parece boa para o artista. E para o espectador, desde que ele esteja *comprometido* e olhando de verdade...

— Imagino que esse seja o seu caso — falei. — Você olhou bastante.

Ele não sorriu.

— Quando ela é boa e a pessoa que está olhando se abre para ela, acontece um baque emocional. Eu senti o baque, Edgar.

— Que bom.

— Pode apostar. E quando aquele cara da Scoto der uma olhada nisso, acho que ele vai sentir também. Na verdade, aposto que vai.

— Eles também não são tudo isso. No fim das contas, não passam de Dalí requentado.

Ele colocou um braço em volta dos meus ombros e me conduziu em direção às escadas.

— Eu não vou dar corda para isso. E também não vamos discutir o fato de você aparentemente ter pintado o namorado da sua filha através de algum estranho tipo de telepatia

de amputado. Eu *bem* que queria poder ver aquele desenho das bolas de tênis, mas o que foi embora, já era.

— E já vai tarde — falei.

— Mas você tem que ter muito cuidado, Edgar. Duma Key é um lugar perigoso para... certos tipos de pessoas. Essa ilha *amplifica* certos tipos de pessoas. Como você.

— E você? — perguntei. Ele não respondeu de imediato, então eu apontei para o seu rosto. — Esse seu olho está enchendo d'água de novo.

Ele tirou o lenço e o secou.

— Quer me contar o que aconteceu contigo? — perguntei. — Por que você não pode ler? Por que até olhar quadros por muito tempo te deixa esquisito?

Ele ficou calado um bom tempo. As conchas debaixo do Casarão Rosa tinham muito a dizer. Com uma onda, elas disseram *a fruta.* Com a seguinte, disseram *a arma.* Indo e vindo desse jeito. A fruta, a arma, a arma, a fruta.

— Não — falou ele. — Agora, não. E, se quiser me desenhar, não tem problema. Divirta-se.

— Quanto da minha mente você consegue ler, Wireman?

— Não muito. Dessa você se safou, *muchacho.*

— Você ainda conseguiria lê-la se não estivéssemos em Duma Key? Se estivéssemos numa lanchonete em Tampa, por exemplo?

— Ah, talvez conseguisse um pouquinho. — Ele sorriu. — Principalmente depois de passar mais de um ano aqui, absorvendo a... bem, a radiação.

— Você vai comigo à galeria? A tal de Scoto?

— *Amigo,* eu não perderia isso nem por todo o chá da China.

iv

Naquela noite, uma borrasca veio soprando da água e choveu forte por duas horas. Relâmpagos lampejaram e ondas bateram contra as palafitas debaixo da casa. O Casarão Rosa gemeu, porém se manteve firme. Eu descobri uma coisa interessante: quando o golfo perdia um pouco o juízo e aquelas ondas vinham com tudo, as conchas se calavam. As ondas as levantavam alto demais para elas conversarem.

Eu fui para o andar de cima no auge estrondoso e brilhante da festança e — me sentindo um pouco como o dr. Frankenstein animando seu monstro na torre do castelo — desenhei Wireman, usando um bom e velho lápis preto comum. Quero dizer, até chegar ao finalzinho. Então, usei vermelho e laranja para as frutas na bandeja. Ao fundo, esbocei um umbral e, nele, coloquei Reba, minha representante no mundo do desenho. Talvez *sí,* talvez *no.* A última coisa que fiz foi pegar o azul-celeste para colorir seus olhos idiotas. Então, estava pronto. O nascimento de mais uma obra-prima de Freemantle.

Fiquei sentado olhando para o desenho enquanto os trovões cada vez mais fracos se afastavam e os relâmpagos balbuciavam alguns lampejos de despedida sobre o golfo. Lá estava Wireman, sentado à mesa. Sentado, eu não tinha dúvidas, no limiar da sua outra vida. Sobre a mesa, havia uma bandeja de frutas e a pistola que ele usava para praticar tiro (naquela época, seus olhos eram bons), proteger sua casa, ou ambos. Eu esboçara a pistola e então a preenchi com rabiscos, dando-lhe uma aparência sinistra ligeiramente adiposa. Aquela outra casa estava vazia. Em algum lugar daquela outra casa, um relógio tiquetaqueava. Em algum lugar daquela outra casa, um refrigerador chiava. O cheiro de flores deixava o ar pesado. O aroma era terrível. Os sons eram piores. A marcha do relógio. O chiado contínuo do refrigerador à medida que ele fazia gelo em um mundo sem esposa e sem filhos. Logo, o homem à mesa fecharia os olhos, estenderia a mão e pegaria uma fruta da bandeja. Se fosse uma laranja, ele iria para a cama. Se fosse uma maçã, colocaria o cano da arma sobre a têmpora direita, apertaria o gatilho e arejaria seu cérebro dolorido.

Foi uma maçã.

v

Jack apareceu no dia seguinte com uma van emprestada e bastante pano macio para embrulhar minhas telas. Disse-lhe que tinha feito amizade com um sujeito do casarão do outro lado da praia e que ele iria com a gente.

— Sem problema — falou Jack alegremente, subindo as escadas até a Casinha Rosa e puxando um carrinho de mão atrás de si. — Tem bastante espaço na... uau! — Ele parou no topo da escada.

— O que foi? — perguntei.

— Esses são novos? Só podem ser.

— São. — Nannuzzi, da Scoto, pedira para ver meia dúzia de quadros, não mais que dez, então tirei a média e separei oito. Quatro eram os que haviam impressionado Wireman na

noite anterior. — O que você acha?

— Cara, eles são *demais*!

Era difícil duvidar da sua sinceridade; ele nunca tinha me chamada de cara antes. Subi mais dois degraus e cutuquei sua bunda vestida de jeans com a ponta da muleta.

— Com licença.

Jack abriu passagem, puxando o carrinho junto, para que eu pudesse subir o restante dos degraus até a Casinha Rosa. Ele ainda estava olhando para os quadros.

— Jack, esse cara da Scoto é gente boa mesmo? Você tem certeza?

— Minha mãe diz que sim, o que para mim já basta. — O que significava, acho eu, que deveria bastar para mim, também. Teria que bastar, imaginei. — Ela não me falou nada sobre os outros sócios, acho que são mais dois, mas, segundo ela, o sr. Nannuzzi é tranquilo.

Jack tinha pedido um favor por mim. Fiquei comovido.

— E se não gostar desses quadros — concluiu Jack —, ele é doido.

— Você acha, é?

Ele assentiu.

Lá de baixo, Wireman chamou, animado:

— Toc, toc! Estou aqui para a excursão. Nós ainda vamos? Quem ficou com o meu crachá? Era para eu ter trazido marmita?

vi

Eu tinha imaginado um homem careca, magrelo e professoral com olhos castanhos flamejantes — um Ben Kingsley italiano —, porém Dario Nannuzzi acabou se mostrando um quarentão gorducho, cortês e dono de uma cabeleira cheia. Quase acertei quanto aos olhos, no entanto. Eles não perdiam nada. Eu os vi se arregalarem uma vez — só um pouco, mas

perceptivelmente —, quando Wireman desembrulhou com cuidado a última pintura que eu havia trazido, *Rosas Crescendo das Conchas*. Os quadros estavam recostados em fila contra a parede dos fundos da galeria, que no momento estava consagrada em grande parte a fotografias de Stephanie Shachat e telas a óleo de William Berra. Não conseguiria fazer melhor, pensei, nem em um século.

Embora ele *tenha* arregalado um pouco os olhos.

Nannuzzi desceu a fileira do primeiro quadro ao último, e então voltou. Eu não fazia ideia se aquilo era bom ou ruim. A verdade sórdida é que eu nunca tinha entrado em uma galeria de arte até aquele dia. Virei-me para perguntar a Wireman o que ele achava, porém Wireman afastado e conversava baixinho com Jack, os dois observando Nannuzzi analisar minhas pinturas.

Elas tampouco eram as únicas, percebi. O fim de janeiro era uma temporada agitada para as lojas careiras ao longo da costa oeste da Flórida. Havia mais ou menos uma dúzia de abelhudos na espaçosa Galeria Scoto (mais tarde, Nannuzzi usaria o termo mais digno “clientes em potencial”) observando as dálias de Shachat; as maravilhosas, porém algo turísticas, telas a óleo de William Berra sobre a Europa; e algumas esculturas espantosas e alegremente febris que eu perdera na ânsia de desembrulhar logo minhas próprias obras — estas de autoria de um cara chamado David Gerstein.

A princípio achei que eram as esculturas — músicos de jazz, nadadores alucinados, cenas urbanas pulsantes — que estavam atraindo os visitantes ocasionais. Alguns até olhavam para elas, porém a maioria nem isso. Era para minhas pinturas que eles estavam olhando.

Um homem com o que os moradores da Flórida chamam de bronzeado de Michigan — que pode ser tanto um branco chapado quanto um vermelho tipo lagosta queimada — bateu no

meu ombro com a mão livre. A outra estava entrelaçada aos dedos da sua mulher.

— Você sabe quem é o artista? — perguntou ele.

— Sou eu — murmurei, sentindo meu rosto ficar quente. Eu me senti como se estivesse confessando ter passado a última semana inteira baixando fotos de Lindsay Lohan na internet.

— Que *maravilha*! — disse a mulher, calorosamente. — Você vai expor?

Então, todos olharam para mim. Mais ou menos do jeito que você olharia para uma nova espécie de baiacu que poderia ou não ser o *sushi du jour*. Pelo menos foi como eu me senti.

— Não sei se vou repor. Expor. — Senti mais sangue se acumular nas minhas bochechas. Sangue de vergonha, o que era ruim. Sangue de raiva, o que era pior. Se ele espirrasse, seria raiva de mim mesmo, mas aquela gente não saberia disso.

Eu abri a boca para articular algumas palavras, então a fechei. *Vá com calma,* pensei, querendo ter Reba à mão. Aquelas pessoas provavelmente achariam um artista com uma boneca a tiracolo normal. Afinal de contas, tinham passado por Andy Warhol.

Vá com calma. Eu vou conseguir.

— O que quero dizer é que não pinto há tanto tempo assim, então não conheço o procedimento.

Pare de se enganar, Edgar. Você sabe no que eles estão interessados Não é nos seus quadros, é na sua manga vazia. Você é Jacó, o Artista de um Braço Só. Por que não vai logo ao que interessa e manda essa gente dar o fora?

Aquilo era ridículo, é claro, porém...

Mas eu poderia jurar que a galeria inteira estava parada ao meu redor. Os que antes estavam na frente, olhando para as flores da sra Shachat, tinham sido atraídos por mera curiosidade. Eu estava habituado àquele tipo de aglomeração; tinha visto grupos parecidos em volta de buracos nos muros de tábua de uma centena de canteiros de obras.

— Vou lhe dizer qual é o procedimento — disse outro sujeito com um bronzeado de Michigan. Ele tinha uma barriga caída, ostentava um nariz cheio de veias estouradas e usava uma camisa tropical que batia quase nos seus joelhos. Seus sapatos brancos combinavam com o cabelo branco penteado com esmero. — É simples. São apenas dois passos. Passo um: você me diz quanto quer por aquele. — Ele apontou para o *Pôr do sol com Gaivota.* — Passo dois: eu faço o cheque.

A pequena multidão riu. Dario Nannuzzi, não. Ele me chamou com um gesto.

— Com licença — falei para o homem de cabelos brancos.

— O jogo acabou de ficar mais caro, meu amigo — alguém disse para o Nariz de Bebum, e as pessoas riram. O Nariz de Bebum se juntou a elas, mas não parecia estar se divertindo muito.

Eu percebia tudo aquilo como se estivesse em um sonho.

Nannuzzi sorriu para mim, então se voltou para os clientes, que ainda olhavam para minhas pinturas.

— Senhoras e senhores, o sr. Freemantle não veio vender nada hoje, mas apenas para ter uma opinião sobre o seu trabalho. Por favor, respeitem a privacidade dele e minha situação profissional. — *Seja lá qual for ela,* pensei, atônito. — Posso lhes sugerir que observem as obras em exposição enquanto nos retiramos para os fundos por um instante? O sr. Aucoin, o sr. Brooks e o sr. Castellano terão prazer em tirar suas dúvidas.

— A *minha* opinião é que você deveria contratar este homem — disse uma mulher de aparência sisuda, com seu cabelo grisalho preso em um coque e uma espécie de beleza devastada ainda perdurando no rosto. Houve até uma ligeira salva de palmas. Minha sensação de estar em um sonho ficou mais intensa.

Um rapaz delicado veio flutuando dos fundos na nossa direção. Nannuzzi deve tê-lo

chamado, mas eu não fazia a menor ideia de como. Eles conversaram brevemente e o rapaz surgiu com um rolo grande de adesivos. Eram ovais, com as letras IPV estampadas neles em prateado. Nannuzzi tirou um, se agachou diante do primeiro quadro e então hesitou, lançando-me um olhar de reprovação.

— Eles não foram selados de nenhuma forma.

— Hã... acho que não — falei. — Não... sei exatamente o que significa isso.

— Dario, acho que você está lidando com um legítimo americano primitivo aqui — disse a mulher de aparência sisuda. — Se ele estiver pintando há mais de três anos, eu lhe pago um jantar no Zoria, com direito a uma garrafa de vinho. — Ela voltou seu rosto devastado, porém ainda quase deslumbrante, para mim.

— Quando e se houver alguma coisa para você escrever a respeito, Mary — disse Nannuzzi —, eu mesmo lhe telefonarei.

— Acho melhor — falou ela. — E não vou nem perguntar o nome dele... está vendo como eu sou boazinha? — Ela balançou seus dedos para mim e escapou por entre a pequena multidão.

— Nem precisava perguntar — disse Jack e, obviamente, ele tinha razão. Eu assinara cada uma das telas a óleo no canto inferior esquerdo, com o mesmo capricho com que havia assinado todas as faturas, ordens de serviço e contratos na minha outra vida: *Edgar Freemantle.*

vii

Nannuzzi decidiu colar seus adesivos IPV no canto superior direito das pinturas, onde eles sobressaíam como etiquetas de pastas de arquivo. Então, me conduziu para o seu escritório junto com Wireman. Jack foi convidado, mas preferiu ficar com os quadros.

Uma vez lá, Nannuzzi nos ofereceu café, que nós recusamos, e água, que aceitamos. Eu também aceitei dois comprimidos de Tylenol.

— Quem era aquela mulher? — perguntou Wireman.

— Mary Ire — respondeu Nannuzzi. — Ela é frequentadora assídua da cena artística da costa oeste da Flórida. Publica um jornal cultural gratuito chamado *Boulevard.* Ele sai uma vez por mês durante o ano quase todo e quinzenalmente durante a alta temporada. Mora em Tampa, em um caixão, segundo os engraçadinhos do ramo. Novos artistas locais são os preferidos dela.

— Ela parece muito esperta — disse Wireman.

Nannuzzi deu de ombros.

— Mary é legal. Já ajudou um monte de artistas, e está no ramo há séculos. Isso a torna importante em uma cidade onde vivemos, basicamente, de negócios sazonais.

— Entendo — falou Wireman. Fiquei feliz que alguém tivesse entendido. — Ela é uma facilitadora.

— Mais que isso — disse Nannuzzi. — É uma espécie de professora. Gostamos de mantê-la feliz. Sempre que possível, é claro.

Wireman meneava a cabeça.

— Existe uma boa relação comercial artista-galeria aqui na costa oeste. Mary Ire entende e estimula isso. Então, se uma galeria qualquer descobrir que pode vender pinturas de Elvis em macarrão sobre veludo por 10 mil dólares a peça, Mary...

— Vai colocá-la para correr — completou Nannuzzi. — Ao contrário do que acreditam os esnobes do meio artístico, que são reconhecíveis por suas roupas pretas e celulares minúsculos, não somos mercenários.

— Acabou seu desabafo? — perguntou Wireman, não exatamente sorrindo.

— Quase — disse ele. — Só estou dizendo que Mary compreende nossa situação. A maioria de nós vende bons trabalhos e, às vezes, trabalhos ótimos. Fazemos o máximo para descobrir e aprimorar novos artistas, mas alguns dos nossos clientes são mais ricos do que deveriam ser. Estou pensando em sujeitos como o sr. Costenza, que estava sacudindo seu talão de cheques lá fora, e nas senhoras que pintam o pelo dos seus cachorros para combinar com seus casacos novos. — Nannuzzi mostrou os dentes em um sorriso, e eu apostaria que poucos dos seus clientes mais ricos já o tivessem visto.

Fiquei fascinado. Aquele era outro mundo.

— Mary resenha toda exposição nova em que consegue entrar, ou seja, a maioria, e, acredite, nem todas as suas resenhas são elogiosas.

— Mas a maioria é? — perguntou Wireman.

— Claro, mas porque a maioria das exposições é boa. É muito raro ela lhe dizer que algo que viu é ótimo, porque não é isso que regiões turísticas costumam produzir, mas bom? Sim. Obras que qualquer um pode pendurar na parede, apontar e dizer “Eu comprei isso” sem um pingo de constrangimento.

Achei que Nannuzzi tinha acabado de dar uma definição perfeita de mediocridade — eu já havia visto aquele princípio em ação em centenas de desenhos de arquitetura —, porém fiquei calado novamente.

— Muitos compartilham do nosso interesse em novos artistas. Pode ser que, em algum momento, seja interessante para o senhor conversar com ela, sr. Freemantle. Antes de uma exibição das suas obras, digamos.

— Você se interessaria em fazer uma exposição desse tipo aqui na Scoto? — me perguntou Wireman.

Meus lábios estavam secos. Eu tentei umedecê-los com a língua, mas ela estava seca também. Então, tomei um gole da minha água e disse:

— Isso seria colocar o barro na frente dos dois. — Fiz uma pausa. Dei um tempo a mim mesmo. Bebi outro gole d'água. — Perdão. O carro na frente dos bois. Eu vim descobrir o que *o senhor* acha, Signor Nannuzzi. O senhor é o especialista.

Ele desenlaçou os dedos diante do seu colete e se inclinou para a frente. O ranger da sua cadeira no pequeno escritório me pareceu muito alto. Porém, ele sorriu e seu sorriso era caloroso. Aquilo iluminou seus olhos, tornando-os cativantes. Eu conseguia entender por que aquele homem era bom em vender pinturas, mas não acho que estivesse vendendo naquele momento. Ele estendeu o braço sobre a mesa e pegou minha mão — a que eu usava para pintar, a única que me restava.

— Sr. Freemantle, fico honrado, mas meu pai Augustino é que é o Signor da nossa família. Basta-me ser chamado de senhor. Quanto aos seus quadros, sim, eles são bons. Levando-se em conta que vem pintando há pouco tempo, são muito bons mesmo. Talvez mais que bons.

— O que os *torna* bons? — perguntei. — Se eles são bons, o que os torna bons?

— A verdade — disse ele. — Ela fica clara em cada pincelada sua.

— Mas a maioria não passa de pores do sol! As coisas que eu acrescentei... — Eu levantei a mão e então a deixei cair. — São só artifícios.

Nannuzzi riu.

— O senhor aprendeu palavras tão cruéis! Onde? Lendo o caderno de artes do *New York Times?* Escutando Bill O'Reilly? Os dois? — Ele apontou para o teto. — Lâmpada? Artifício! — Então, apontou para o próprio peito. — Marca-passo? Artifício! — Ele atirou as mãos ao ar. O sortudo tinha as duas para atirar. — Jogue suas palavras cruéis no lixo sr. Freemantle. A arte deveria ser um lugar de esperança, não de dúvida. E suas dúvidas nascem da inexperiência, o que não é desonra alguma. Ouça o que eu digo. O senhor faria isso?

— Claro — respondi. — Foi para isso que eu vim.

— Quando falo verdade, quero dizer beleza.

— John Keats — disse Wireman. — “Ode a uma Urna Grega”. É tudo o que a gente sabe e precisa saber. Do arco da velha, mas ainda manda bronca.

Nannuzzi não deu atenção àquilo. Estava inclinado para a frente sobre a mesa, me encarando.

— Para mim, sr. Freemantle...

— Edgar.

— Para mim, Edgar, isso resume todo o propósito da arte e a única maneira pela qual podemos julgá-la.

Ele sorriu — um tanto na defensiva, pensei.

— Eu não quero pensar muito sobre arte, entende? Não quero criticá-la. Não quero participar de simpósios, ouvir palestras ou discutir em coquetéis, embora às vezes meu ramo de trabalho me obrigue a fazer todas essas coisas. O que quero é agarrar meu coração e cair duro quando olho para ela.

Wireman disparou a rir e levantou as duas mãos para o ar.

— *É isso aí!* — proclamou ele. — Não sei se aquele cara lá fora estava agarrando o coração e caindo duro, mas com certeza estava pronto para agarrar seu talão de cheques.

Nannuzzi disse:

— No fundo, acho que ele caiu duro, sim. Acho que todos eles caíram.

— Na verdade, eu também acho — falou Wireman. Ele não estava mais sorrindo.

Nannuzzi continuava me olhando fixamente.

— Não me venha com essa de artifício. O que você quer com a maioria daquelas pinturas está perfeitamente claro: está buscando uma maneira de reinventar o mais popular e banal de todos os temas da Flórida: o pôr do sol tropical. Está tentando ir além do clichê.

— É bem isso mesmo. Então, eu copiei Dalí...

Nannuzzi brandiu a mão no ar.

— Aqueles quadros lá fora não têm nada a ver com Dalí. E não vou discutir escolas artísticas com você, Edgar, ou ficar usando palavras que terminem com *ismo.* Você não pertence a nenhuma escola artística, porque não *entende* de nenhuma.

— Entendo de prédios — falei.

— Então por que não *pinta* prédios?

Eu balancei a cabeça. Poderia ter lhe dito que nunca me passou pela cabeça, porém seria mais próximo da verdade dizer que nunca tinha me passado pelo braço.

— Mary tinha razão. Você é um americano primitivo. Não há nada de errado nisso. A Vovó Moses era uma americana primitiva. Jackson Pollock também. A questão é: você é talentoso Edgar.

Eu abri a boca. Então a fechei. Simplesmente não conseguia encontrar algo para dizer. Wireman me ajudou.

— Agradeça ao homem, Edgar — falou ele.

— Obrigado — disse.

— Disponha. E, se você *decidir* expor, Edgar, por favor, venha primeiro a Scoto. Farei um acordo com você melhor do que o de qualquer galeria da Palm Avenue. Eu prometo.

— Você está brincando? É claro que eu virei primeiro aqui.

— E é claro que eu avaliarei o contrato — disse Wireman, com um sorriso de coroinha.

Nannuzzi retribuiu o sorriso.

— Você deveria mesmo e não vejo problema algum. Não que vá encontrar muita coisa para avaliar; o contrato padrão da Scoto para artistas iniciantes tem uma página e meia.

— Sr. Nannuzzi — falei. — Realmente não sei como lhe agradecer.

— Você já agradeceu — disse ele. — Eu agarrei meu coração, o que resta dele, e caí duro. Antes de você ir, tem mais uma coisa. — Ele encontrou um bloco na sua mesa, escreveu nele, então arrancou a folha e a entregou para mim, como um médico dando uma receita a um paciente. A palavra escrita em maiúsculas grandes e inclinadas parecia até o tipo que você veria em uma receita médica: ***LIQUIN***.

— O que é Liquin? — perguntei.

— Um conservante. Sugiro que você comece a aplicá-lo nas suas obras terminadas com uma toalha de papel. Basta uma camada fina. Deixe-a secar por 24 horas, depois aplique uma segunda. Isso deixará os seus pores do sol vivos e nítidos por séculos. — Ele olhou para mim com tanta solenidade que senti meu estômago subir um pouco em direção ao peito. — Não sei se eles são bons o suficiente para merecer tamanha longevidade, mas talvez sejam. Quem sabe? Talvez sejam.

viii

Nós jantamos no Zoria, o restaurante que Mary Ire havia mencionado, e eu deixei Wireman me pagar um bourbon antes da refeição. Aquela foi a primeira bebida forte que tomei desde o acidente, e o efeito foi curioso. Tudo pareceu ficar mais nítido, até o mundo estar mergulhado em luz e cor. Os ângulos das coisas — portas, janelas, até os cotovelos levantados dos garçons — pareciam aguçados o bastante para cortar o ar e permitir que uma atmosfera mais

escura e espessa saísse escorrendo de dentro dele como melaço. O peixe-espada que eu pedi estava uma delícia, a vagem estalava entre os meus dentes e o *creme brûlée* estava quase saboroso demais para terminar de comer (porém, também estava saboroso demais para deixar no prato). A conversa entre nós três foi animada; rimos bastante. Ainda assim, eu queria que o jantar terminasse. Minha cabeça ainda doía, embora o latejar tivesse migrado para o fundo do meu crânio (como um peso em uma daquelas máquinas de boliche de bar) e o tráfego intenso que víamos na Main Street tirava a atenção. Cada buzinada parecia mal-humorada e ameaçadora. Eu queria Duma. Queria a escuridão do golfo e a conversa baixinha das conchas debaixo de mim enquanto eu ficava deitado na cama com Reba no outro travesseiro.

E quando o garçom veio perguntar se queríamos mais café, Jack conduzia a conversa quase sozinho. Em meu estado de hiperconsciência, eu percebia que não era o único que precisava de uma mudança de ambiente. Graças à luz fraca do restaurante e ao bronzeado cor de mogno de Wireman, era difícil perceber que ele havia empalidecido — e bastante. E aquele seu olho esquerdo estava lacrimejando novamente.

— Só a conta — disse Wireman, conseguindo dar um sorriso. — Me desculpe por abreviar a comemoração, mas quero voltar para a minha senhora. Se vocês não se importam.

— Por mim, tudo bem — falou Jack. — Rango de graça e voltar para casa a tempo do *SportsCenter*? Perfeito.

Wireman e eu esperamos em frente ao estacionamento enquanto Jack foi buscar a van alugada. Ali, a luz era mais forte, mas o que ela mostrava não fez com que eu me sentisse melhor a respeito do meu novo amigo. Sob o brilho que vinha da garagem, sua pele parecia quase amarela. Perguntei se ele estava bem.

— Wireman está na ponta dos cascos — disse ele. — A srta. Eastlake, por outro lado,

tem me saído com umas noites agitadas, duras de roer. Chamando pelas irmãs, pelo Pai, por tudo o que tem direito. Tem alguma coisa a ver com essa porra de lua cheia. Não faz sentido, mas tem. Diana chama em uma frequência sonora que só as mentes claudicantes conseguem escutar. Agora que ela está no seu último quarto, a srta. Eastlake vai começar a dormir a noite inteira de novo. O que significa que eu também. Espero.

— Ótimo.

— Se eu fosse você, Edgar, deixaria essa história de galeria de molho, e por mais de uma noite. E continue pintando, também. Você tem andado ocupado, mas duvido que já tenha pinturas o suficiente para...

Havia uma coluna azulejada atrás dele. Ele cambaleou para trás, recostando-se contra ela. Se a coluna não estivesse ali, tenho quase certeza de que Wireman teria caído. O efeito do bourbon estava começando a passar, porém o que me restava daquela hiper-realidade bastou para eu ver o que aconteceu com seus olhos quando ele perdeu o equilíbrio. O direito olhou para baixo, como se quisesse conferir os sapatos, enquanto o esquerdo, injetado e lacrimoso, girou para cima na sua órbita até a íris não passar de um arco. Tive tempo de pensar que o que estava vendo era sem dúvida impossível, os olhos não podiam ir em direções totalmente diferentes daquele jeito. O que talvez fosse verdade para pessoas saudáveis. Então, Wireman começou a deslizar para baixo.

Eu o agarrei.

— Wireman? *Wireman!*

Ele balançou a cabeça e depois me encarou. Os olhos apontando para a frente e nos seus devidos lugares. O esquerdo estava brilhando e injetado, e só. Ele pegou seu lenço e secou a bochecha. Então riu.

— Já ouvi falar de pessoas tão chatas que colocam os outros pra dormir, mas a si mesmas? Isso é ridículo.

— Você não estava cochilando. Estava... Não sei *o que* foi aquilo.

— Não seja bobo, meu caro — disse Wireman.

— Não, seus olhos ficaram muito esquisitos.

— O nome disso é pegar no sono, *muchacho.* — Ele me lançou outro daqueles seus olhares patenteados: cabeça inclinada, sobrancelhas erguidas, cantos da boca retorcidos em um princípio de sorriso. No entanto, eu achava que ele sabia exatamente no que eu estava pensando.

— Preciso ir a um médico para um checkup — falei. — Fazer a tal da ressonância magnética. Prometi ao meu amigo Kamen. Que tal se eu conseguir duas pelo preço de uma?

Wireman ainda estava recostado na coluna. Então, se endireitou.

— Ei, lá está Jack com a van. Essa foi rápida. Olho vivo, Edgar: o último ônibus para Duma Key está de partida.

ix

Aconteceu de novo no caminho de volta, e pior, embora Jack não tenha notado — ele estava ocupado dirigindo a van pela Casey Key Road — e eu esteja quase convencido de que o próprio Wireman jamais percebeu. Eu perguntara a Jack se ele não se importaria de ir pelo caminho mais estreito e sinuoso, em vez de pegar a Tamiami Trail, que era a charmosamente malcuidada rua principal da costa oeste da Flórida. Eu queria ver a lua na água, falei.

— Já está começando a ter aquelas maniazinhas de artista, *muchacho* — disse Wireman do banco de trás, onde estava esticado com os pés para cima. Não era nenhum grande entusiasta dos cintos de segurança, ao que parecia. — Daqui a pouco vai usar uma boina.

— Vá se foder, Wireman — disse.

— Já me foderam de tudo quanto é jeito — recitou Wireman em tom de recordação sentimental —, mas quando o assunto é foder, sua mãe é quem faz direito. — Depois disso, ele ficou calado.

Fiquei observando a lua nadar pela água negra à minha direita. Era hipnótico. Eu me perguntei se seria possível pintá-la da maneira como a enxergava da van: uma lua em movimento, uma bala de prata logo abaixo da superfície da água.

Estava com esses pensamentos na cabeça (talvez começando a cochilar) quando notei um movimento fantasmagórico sobre a lua na água. Era o reflexo de Wireman. Por um instante, tive a ideia maluca de que ele estava batendo punheta lá atrás, porque suas coxas pareciam estar abrindo e fechando e seu quadril, subindo e descendo. Lancei um olhar para Jack, porém a Casey Key Road era uma sinfonia de curvas e ele estava concentrado na direção. Além disso, Wireman estava quase totalmente atrás do banco de Jack, nem mesmo visível no espelho retrovisor.

Olhei por sobre meu ombro esquerdo. Wireman não estava se masturbando. Tampouco estava dormindo e tendo um sonho muito real. Ele estava tendo uma crise epilética. Era branda, provavelmente um pequeno mal, mas uma crise epilética, sem dúvida. Durante os primeiros dez anos de existência da Companhia Freemantle, eu tive um desenhista epilético como funcionário e reconhecia uma crise quando via uma. O tronco de Wireman subia e descia uns 10 centímetros, enquanto suas nádegas se contraíam e relaxavam. Suas mãos tremiam sobre a barriga. Ele fazia bico com os lábios como se estivesse provando algo especialmente gostoso. E seus olhos estavam como em frente ao estacionamento, um para cima e o outro para baixo. À luz das estrelas, pareciam mais estranhos do que eu jamais poderia descrever. Baba escorria do canto esquerdo da sua boca; uma lágrima pingava do seu olho esquerdo sobre a costeleta desgrenhada.

Aquilo durou cerca de vinte segundos, então parou. Wireman piscou e seus olhos voltaram para o lugar certo. Ele ficou totalmente imóvel por um minuto. Talvez dois. Viu que eu estava olhando para ele e disse:

— Eu mataria por mais um drinque ou por um doce de pasta de amendoim, mas acho que um drinque está fora de questão, não é?

— Acho que sim, se você quiser ter certeza de que vai ouvi-la tocando a campainha no meio da noite — falei, esperando ter soado casual.

— Ponte para Duma Key logo em frente — nos informou Jack — Estamos quase chegando, pessoal.

Wireman se endireitou no banco e espreguiçou.

— Foi um dia e tanto, mas não vou ficar triste em ver minha cama hoje à noite, rapazes. Acho que estou ficando velho, hein?

Embora minhas pernas estivessem doloridas, eu saí da van e me aproximei de Wireman enquanto ele abria a porta da caixinha de ferro ao lado do portão, revelando o teclado de segurança de última geração.

— Obrigado por me acompanhar, Wireman.

— Sem problema — disse ele. — Mas se você me agradecer de novo, *muchacho,* vou ter que dar um soco na sua boca. Sinto muito, mas não vai ter outro jeito.

— Bom saber — falei. — Obrigado por compartilhar.

Ele riu e me deu um tapinha no ombro.

— Eu gosto de você, Edgar. Você tem classe, você tem garbo, você tem a boca perfeita pra beijar meu rabo.

— Que lindo. Acho que vou chorar. Ouça, Wireman...

Eu poderia ter lhe contado o que acabara de acontecer com ele. Cheguei perto. No fim das contas, decidi não fazê-lo. Não sabia se aquela era a decisão certa ou errada, porém sabia que ele provavelmente teria uma longa noite com Elizabeth Eastlake pela frente. Além disso, ainda estava com aquela dor de cabeça alojada no fundo do meu crânio. Contentei-me em lhe perguntar de novo se ele pensaria em me deixar transformar a consulta médica que eu havia prometido fazer em um encontro duplo.

— Vou pensar no assunto — disse ele. — E depois eu falo com você.

— Bem, não demore muito, porque...

Ele levantou uma das mãos, me silenciando e, pela primeira vez, não havia um sorriso no seu rosto.

— Já chega, Edgar. Já chega por uma noite, o.k.?

— O.k. — respondi. Fiquei observando-o entrar, então voltei para a van.

Jack tinha aumentado o volume. Estava tocando “Renegade”. Ele fez menção de diminuir o som e eu disse:

— Não, tudo bem. Pode aumentar.

— Sério? — Ele deu meia-volta e voltou a subir a estrada. — Ótima banda. Já tinha ouvido antes?

— Jack — eu disse —, isso é Styx. Dennis DeYoung? Tommy Shaw? Onde você esteve a vida inteira? Numa caverna?

Jack sorriu com um ar de culpa.

— Eu meu amarro em country e mais ainda nos clássicos — disse ele. — Para falar a verdade, faço mais o tipo Rat Pack.

A ideia de Jack Cantori andando com Dino e Frank fez com que eu me perguntasse — e não pela primeira vez naquele dia — se tudo aquilo estava mesmo acontecendo. Também me perguntei como eu podia me lembrar que Dennis DeYoung e Tommy Shaw tinham tocado no Styx — que Shaw havia, na verdade, composto a música que ribombava das caixas de som da van — e às vezes me esquecer do nome da minha própria ex-esposa.

xi

As duas luzes na secretária eletrônica ao lado do telefone da sala de estar estavam piscando: a que indicava que eu tinha mensagens e a que indicava que a fita para gravá-las estava cheia. No entanto, na janela de MENSAGENS RECEBIDAS havia apenas o número um. Pensei sobre aquilo com um mau pressentimento, enquanto a bola com minha dor de cabeça dentro se aproximava um pouco mais da parte da frente do meu crânio. Só conseguia pensar em duas pessoas que poderiam me ligar e deixar uma mensagem longa o bastante para gastar a fita inteira. Pam e Ilse. E, em nenhum dos dois casos, apertar PLAY estaria fadado a me trazer boas notícias. Não é preciso gastar cinco minutos de gravação para dizer: *Está tudo bem, me ligue assim que puder.*

Deixe para amanhã, pensei, e uma voz covarde que eu nem sabia fazer parte do meu repertório mental (talvez fosse nova) estava disposta a ir além. Ela sugeriu que eu simplesmente apagasse a mensagem sem nem sequer ouvi-la.

— Ah, sim, claro — falei. — E quando uma das duas ligar novamente, eu posso dizer que o cachorro comeu minha secretária eletrônica.

Apertei PLAY. E , como geralmente acontece quando estamos certos de que sabemos o que esperar, eu tirei a sorte grande. Não era Pam nem Ilse. A voz ofegante, ligeiramente enfisêmica, que saía da secretária eletrônica pertencia a Elizabeth Eastlake.

— Olá, Edgar — disse ela. — Imagino que tenha tido uma tarde proveitosa com Wireman tanto quanto foi minha noite com a senhora... bem, não lembro qual o seu nome, mas ela é muito agradável. E imagino que tenha notado que eu me *lembrei* do *seu* nome. Estou em um dos meus momentos de lucidez. Eu os adoro e guardo com carinho, mas eles também me entristecem. É como estar em um planador, subindo numa rajada de vento acima da neblina rasteira. Por um instante, vemos tudo com muita clareza... e, ao mesmo tempo, sabemos que o vento irá morrer e que o planador afundará na neblina novamente. Entende?

Eu entendia perfeitamente. As coisas andavam melhores para mim, porém aquele era o mundo no qual eu havia acordado, onde as palavras retiniam sem sentido e lembranças se espalhavam como móveis de jardim após um vendaval. Era um mundo no qual eu tentara me comunicar batendo nas pessoas e em que as únicas emoções das quais eu parecia ser de fato capaz eram medo e fúria. Imagina-se que a pessoa vá progredir desse estado (como diria Elizabeth), mas depois ela nao consegue perder a convicção de que a realidade é tênue. E o que há além de sua fina teia? Caos. Loucura. A verdade genuína, talvez, e a verdade genuína é vermelha.

— Mas chega de falar de mim, Edgar. Eu liguei para fazer uma pergunta. Você é do tipo que cria arte por dinheiro, ou acredita na arte pela arte? Estou certa de que lhe perguntei isso quando nos conhecemos tenho quase certeza absoluta, mas não me lembro qual foi sua resposta. E acredito que deva ser arte pela arte, ou Duma não o teria chamado. Porém, se você ficar aqui por muito tempo...

Uma clara ansiedade se infiltrou na sua voz.

— Edgar, estou certa de que você será um ótimo vizinho, não tenho dúvidas quanto a isso, mas precisa tomar precauções. Acho que você tem uma filha, e acredito que ela o tenha visitado. Não foi? Parece que eu me lembro de vê-la acenar para mim. Uma coisinha linda de cabelos loiros? Posso estar confundindo-a com minha irmã Hannah — tendo a fazer isso, sei que sim —, mas, neste caso, acho que tenho razão. Se você pretende ficar, Edgar, não deve convidar sua filha de volta. Sob hipótese alguma. Duma Key não é um lugar seguro para filhas.

Fiquei parado ali, olhando para o gravador. Não é um lugar seguro. Antes, ela havia dito que não era um lugar de sorte, ou pelo menos era essa a *minha* lembrança. As duas coisas davam na mesma, ou não?

— E a sua arte. Tem a questão da sua arte. — Ela soava receosa e um pouco ofegante. — Não que eu goste de dizer a um artista o que deve fazer; na verdade, ninguém *pode* dizer a um artista o que deve fazer, mas, ainda assim... ai, ai... — Ela caiu naquela tosse solta e chacoalhante de quem fumou uma vida inteira. — Não faz bem falar esse tipo de coisa sem rodeios... nem sabemos *como* dizê-las sem rodeios... mas você me permite lhe dar um conselho, Edgar? Como uma pessoa que apenas gosta de arte para outra que cria? Permite que eu faça isso?

Eu esperei. A máquina ficou silenciosa. Pensei que talvez a fita tivesse acabado. Sob os meus pés, as conchas murmuravam baixinho, como se trocassem segredos. *A arma, a fruta. A fruta, a arma.* Então, ela voltou a falar.

— Se as pessoas que administram a Scoto ou a Avenida lhe oferecerem uma oportunidade de mostrar seu trabalho, eu o aconselharia a aceitar. Para que outros possam usufruir dele, é claro, mas principalmente para removê-lo de Duma na medida do possível, o quanto antes. — Pude ouvi-la inspirar fundo, como uma mulher se preparando para concluir uma tarefa árdua. Ela também soava total e completamente sã, segura do local e do momento em que estava. — *Não o deixe acumular*. Esse é o meu conselho para você, bem-intencionado e sem qualquer... qualquer interesse pessoal? Sim, é isso que quero dizer. Acumular obras de arte aqui é como acumular muita energia em uma bateria. Se você fizer isso, ela pode explodir.

Não sabia se aquilo era verdade ou não, porém entendi o que ela queria dizer.

— Não sei lhe dizer por que isso acontece, mas é assim — prosseguiu ela... e eu tive um súbito pressentimento de que aquilo era mentira — E certamente, se você acredita na arte pela arte, pintar é o mais importante, não é? — Sua voz passara a soar quase bajuladora. — Mesmo que não precise vender seus quadros para comprar o pão de cada dia, compartilhar sua obra... oferecê-la ao mundo... sem dúvida os artistas se preocupam com esse tipo de coisa, não é?

Como eu saberia o que é importante para os artistas? Tinha acabado de descobrir naquele mesmo dia que tipo de verniz devia aplicar aos meus quadros para conservá-los depois de terminar. Eu era... do que Nannuzzi e Mary Ire tinham me chamado? Um americano primitivo.

Outra pausa. E então:

— Acho que vou parar por aqui. Já disse o que tinha para falar. Mas, por favor, pense nas minhas palavras se pretende ficar, Edward. E estou ansiosa para ouvi-lo ler para mim. Muitos poemas. Seria uma delícia. Adeus, por ora. Obrigado por escutar uma velha. — Fez-se uma pausa. Então, ela disse: — A mesa está pingando. Deve estar. Sinto muito.

Aguardei vinte segundos, e então trinta. Tinha acabado de decidir que ela se esquecera de desligar o telefone e estava estendendo a mão para apertar a tecla STOP da secretária eletrônica quando ela voltou a falar. Apenas cinco palavras — que não fizeram mais sentido do que o negócio sobre a mesa pingando —, mas, ainda assim, elas fizeram meus braços se arrepiarem e eriçaram os pelos da minha nuca.

— Meu pai era um mergulhador — disse Elizabeth Eastlake. Cada palavra foi enunciada com clareza. Em seguida, ouvi o clique límpido do telefone sendo desligado na sua ponta da linha.

— Não há mais mensagens — o robô do telefone disse. — A fita de mensagens está cheia.

Fiquei parado, olhando para a secretária eletrônica, pensando em apagar a fita, então decidi guardá-la e mostrá-la para Wireman. Tirei a roupa, escovei os dentes e fui para a cama. Deitei-me no escuro, sentindo o latejar fraco na minha cabeça, enquanto, lá embaixo, as conchas sussurravam sem parar a última coisa que ela me dissera: *Meu pai era um mergulhador*.

8 - Retrato de família

i

As coisas desaceleraram por um tempo. Às vezes, é assim que acontece. A chaleira ferve e então, logo antes de transbordar, alguém — Deus, o destino, ou talvez mera coincidência — abaixa o fogo. Eu mencionei isso a Wireman certa vez e ele disse que a vida é como o capítulo de sexta-feira de uma novela de tevê. Ele lhe dá a ilusão de que tudo vai se resolver, daí, na segunda, tudo volta à mesma merda.

Pensei que ele iria comigo ao médico e nós descobriríamos qual era o seu problema. Pensei que ele contaria por que deu um tiro na própria cabeça e como um homem sobrevive a uma coisa dessas. A resposta parecia ser: "ficando epilético e com muita dificuldade para enxergar letras pequenas." Talvez ele até pudesse me contar por que sua patroa estava tão interessada em manter Ilse longe da ilha. E para completar: eu decidiria o que viria em seguida na vida de Edgar Freemantle, o Grande Americano Primitivo.

Nenhuma dessas coisas aconteceu de fato, pelo menos por um tempo. A vida produz mudanças, e os resultados finais às vezes são explosivos, porém, tanto nas novelas quanto na vida real, grandes explosões geralmente têm pavio longo.

Wireman concordou em ir ao médico comigo para “examinar a cuca”, mas somente em março. Fevereiro era agitado demais, disse ele. Moradores de inverno — que Wireman chamava de “mensalistas”, como se fossem faxineiros, em vez de locatários — começariam a se mudar para todas as propriedades Eastlake no fim de semana seguinte. As primeiras aves migratórias a chegar seriam aquelas de que Wireman menos gostava. Eram os Godfrey, de Rhode Island, conhecidos por Wireman (e consequentemente, por mim) como Joe e Rita Cão Feroz. Todo inverno, eles vinham passar dez semanas e ficavam na casa mais próxima da mansão Eastlake. As placas alertando sobre seus rottweilers e seu pitt bull estavam à mostra; Ilse e eu as tínhamos visto. Wireman disse que Joe Cão Feroz era um ex-boina-verde, em um tom de voz que parecia indicar que aquilo dizia tudo.

— O sr. Dirisko nem sai do carro quando tem uma encomenda para eles — disse Wireman. Ele se referia ao gordo e alegre representante dos Correios para a extremidade sul da Casey Road e para toda Duma Key Estávamos sentados nos cavaletes em frente à casa do Cão Feroz um ou dois dias antes da previsão de chegada dos Godfrey. A entrada de conchas trituradas emitia um brilho rosa fosco. Wireman tinha ligado os sprinklers. — Ele simplesmente deixa o que quer que seja debaixo do poste da caixa de correio, buzina e depois segue para *El Palacio.* E eu o culpo, por acaso? *Non, non,* Nannette.

— Wireman, quanto ao médico...

— Março, *muchacho,* e antes dos Idos. Eu prometo.

— Você está só adiando — falei.

— Não estou, não. Eu só tenho uma temporada agitada, e é esta. Fui pego um pouco desprevenido no ano passado, mas isso não vai acontecer dessa vez. Não *pode* acontecer dessa vez, porque, este ano, a srta. Eastlake estará muito menos apta a ajudar. Pelo menos os Cães Ferozes são clientes antigos, e vêm em quantidades conhecidas, assim como os Baumgarten. Eu gosto dos Baumgarten. Eles têm dois filhos.

— Alguma menina? — perguntei, pensando no preconceito de Elizabeth contra garotas em Duma Key.

— Não, os dois são o tipo de garoto que deveria ter SOMOS O MÁXIMO, MAS NÃO FIQUEM RESSENTIDOS COM A GENTE estampado na testa. Os que estão vindo para as outras quatro casas são todos novos. Espero que nenhum deles faça o tipo rock-and-roll a noite inteira e festa todo dia, mas sabe qual é a probabilidade?

— Grande, mas você pode ao menos torcer para eles esquecerem os CDs do Slipknot em casa.

— Quem é Slipknot? *O que é* Slipknot?

— Nem queira saber, Wireman. Principalmente quando você está entrando num estado de irritação.

— Não estou me irritando. Wireman está apenas explicando como é fevereiro em Duma Key, *muchacho*. Eu vou ter que atender tudo, desde consultas de emergência sobre o que fazer se um dos filhos dos Baumgarten sofrer uma queimadura de água-viva até onde Rita Cão Feroz

pode arranjar um ventilador para sua avó, que mais uma vez eles provavelmente enfiarão no quarto dos fundos por cerca de uma semana. Você acha que a srta. Eastlake está ficando gagá? Eu já vi múmias mexicanas sendo puxadas pelas ruas de Guadalajara no Dia dos Mortos mais inteiras do que a Vovó Cão Feroz. Ela tem basicamente dois tipos de conversa. O tipo inquisitivo: "Você trouxe um biscoito para mim?" E o tipo afirmativo: "Me traz uma toalha, Rita, acho que aquele último peido veio com um barro junto."

Caí na gargalhada.

Wireman raspou um tênis pelas conchas, criando um sorriso com o pé. Diante de nós, nossas sombras se estendiam pela Duma Key Road, que era asfaltada e plana. Ali, pelo menos. Mais ao sul, a história era outra.

— A resposta para a questão do ventilador, caso você esteja interessado, é uma loja chamada Dans Fan City. É ou não é um ótimo nome? E deixe-me lhe dizer uma coisa: eu *gosto* de resolver esses problemas. Solucionar pequenas crises. Deixo as pessoas muito mais felizes aqui em Duma Key do que jamais deixei no tribunal.

Mas não perdeu o jeito para desviar os outros dos assuntos que não quer discutir, pensei.

— Wireman, não levaria mais de meia hora para um médico dar uma olhada nos seus olhos e uma batidinha na sua cabeça...

— Você está enganado, *muchacho* — disse ele, com paciência. — Nesta época do ano,

você leva pelo menos duas horas para ser atendido em um consultório de beira de estrada fajuto se estiver com uma simples faringite. Se acrescentar uma hora de viagem, mais agora, pois estamos na Temporada de Migração e ninguém sabe para onde está indo, estamos falando de três horas do dia que eu simplesmente não posso perder. Não com hora marcada para receber o cara do ar-condicionado na casa 17... o da companhia elétrica na 27... o sujeito da tevê a cabo bem ali, se ele aparecer. — Ele apontou para a próxima casa da rua, que calhava de ser a 39. — Uma garotada de Toledo vai ficar com aquela até 15 de março e estão pagando 700 dólares a mais por um negócio chamado Wi-Fi, que eu nem sei o que é.

— É a onda do futuro, isso sim. Eu tenho. Jack arranjou para mim. É a porra da onda do futuro.

— Seja lá o que for, viva a porra da onda do futuro. Isso não muda o fato de eu estar mais ocupado do que um perneta em uma competição de chute de bunda... além do mais, francamente, Edgar. Você *sabe* que não vai ser só uma batidinha e uma olhadinha com a boa e velha lanterna do doutor. Isso é só o começo.

— Mas se você está precisando...

— Por enquanto, eu estou muito bem.

— Claro. É por isso que sou eu quem lê poemas para ela toda tarde.

— Um pouco de cultura literária não vai lhe fazer mal algum, seu canibal.

— Eu sei que não, e *você* sabe que não é disso que eu estou falando.

Então eu pensei — e não pela primeira vez — que Wireman era um dos pouquíssimos homens que conheci na vida adulta que podia constantemente dizer não para mim sem me deixar nervoso. Ele era um gênio da negação. Às vezes, achava que o motivo era ele; às vezes, que o acidente tinha mudado algo em mim; e, às vezes, que eram as duas coisas.

— Eu *consigo* ler, sabia? — disse Wireman. — De pouquinho em pouquinho. O suficiente para me virar. Rótulos de remédios, números de telefone, coisas assim. E vou me consultar com um médico, então dê um tempo com essa sua compulsão Tipo-A de endireitar o mundo inteiro. Meu Deus, você deve ter enlouquecido a sua mulher. — Ele olhou de esguelha para mim e falou: — Oops. Wireman pisou na bola?

— Já está pronto para falar sobre essa pequena cicatriz redonda na sua cabeça?

Ele sorriu.

— Touché, touché. Mil perdões.[9]

— Kurt Cobain — falei. — 1993. Ou por aí.

Ele piscou.

— É mesmo? Eu teria dito 95, mas faz tempo que o rock me deixou para trás. Wireman ficou velho; é triste, mas é a verdade. Quanto àquele negocio de crise epilética... me desculpe, Edgar, mas não acredito.

No entanto, ele acreditava, sim. Eu conseguia ver nos seus olhos. Porém, antes que eu pudesse falar qualquer outra coisa, ele desceu do cavalete e apontou para o Norte.

— Olhe! Uma van branca! Acho que as Forças da Tevê a Cabo chegaram!

ii

Acreditei em Wireman quando ele disse que não sabia sobre o que Elizabeth Eastlake estava falando na fita da secretária eletrônica depois que eu a toquei para ele. Ele continuava pensando que sua preocupação com a minha filha estava de alguma forma relacionada às suas irmãs mortas. Alegou estar completamente intrigado quanto ao motivo de ela não querer que

eu acumulasse meus quadros na ilha. Quanto àquilo, disse ele, não fazia a menor ideia.

Joe e Rita Cão Feroz chegaram; os latidos implacáveis da cachorrada deles começaram. Os Baumgarten também deram entrada na casa deles e eu comecei a passar com frequência por seus filhos, que jogavam Frisbee na praia. Eles eram exatamente como Wireman havia dito: robustos, bonitos e bem-educados, um devia ter 11 anos e o outro uns 13, com corpos que logo os tornariam motivo de risadinhas entre as animadoras de torcida da escola, se já não fosse o caso. Estavam sempre dispostos a dividir seu Frisbee comigo para uma ou outra jogada quando eu passava mancando. O mais velho, Jeff, geralmente gritava algo encorajador como "*Yo*, sr. Freemantle, belo arremesso!".

Um casal que tinha um carro esporte se mudou para a casa logo ao sul do Casarão Rosa e as melodias angustiantes de Toby Keith começaram a flutuar na minha direção por volta da hora do drinque. De modo geral, eu talvez preferisse Slipknot. O quarteto de jovens de Toledo tinha um carrinho de golfe que usavam para correr para cima e para baixo na praia quando não estavam jogando vôlei ou pescando em algum lugar.

Wireman estava mais do que ocupado; ele rodopiava como um dervixe. Por sorte, tinha ajuda. Certa vez, Jack desentupiu os sprinklers do gramado do Cão Feroz junto com ele. Um ou dois dias depois, eu o ajudei a empurrar o carrinho de golfe dos visitantes de Toledo para fora de uma duna, na qual ele atolara — os responsáveis o haviam deixado ali para comprar cerveja e a maré estava ameaçando levá-lo embora. Meu quadril e minha perna ainda estavam sarando, mas não havia nada de errado com o braço que me restava.

Independente do quadril e perna bichados, eu dei minhas Grandes Caminhadas pela Praia. Alguns dias — especialmente quando a névoa aparecia no fim da tarde, primeiro apagando o golfo com sua amnésia fria e depois encobrindo também as casas —, eu tomava analgésicos do meu estoque cada vez menor. Na maioria deles, não tomava. Foram poucas as vezes que Wireman estacionou na sua cadeira de praia para beber chá-verde durante aquele fevereiro, porém Elizabeth Eastlake estava sempre na sua sala de estar. Quase sempre me reconhecia e, geralmente, tinha um livro de poesias ao alcance da mão. Nem sempre era *Bons*

Poemas, de Keillor, mas aquele era o seu preferido. Eu também gostava dele, Merwin, Sexton e Frost, uau!

Também fiz muitas leituras durante aqueles meses de fevereiro e março. Há anos que não lia tanto: romances, contos, três livros grandes de não ficção sobre como tínhamos nos metido naquela bagunça no Iraque (a resposta mais curta parece ter um W como inicial do nome do meio e um idiota como vice-presidente). No entanto, o que eu mais fazia era pintar. Toda tarde e noite eu pintava até mal conseguir erguer o braço, que estava ficando cada vez mais forte. Paisagens litorâneas, oceânicas, naturezas-mortas e inúmeros pores do sol.

Mas aquele pavio continuava queimando. O fogo baixara, mas não apagara. O caso Candy Brown não foi o próximo acontecimento; foi apenas o próximo acontecimento mais óbvio. E ele só veio no Dia dos Namorados. Uma ironia terrível, se você pensar bem.

Terrível.

iii

garotinhacrescida88 para EFree19

10:19

3 de fevereiro

Querido papai, adorei saber que as suas pinturas foram bem recebidas! Urrú! E se eles oferecerem MESMO uma exposição ao senhor, eu pego o próximo avião e apareço aí com o meu “vestidinho preto” (eu tenho um, acredite se quiser). Por enquanto, preciso ficar quietinha e meter a cara nos estudos, pois — vou contar um segredo — estou querendo fazer uma surpresa para Carson quando chegarem as Férias de Primavera, por volta de abril. Os Hummingbirds estarão no Tennessee e no Arkansas por essa época (segundo ele, a turnê começou muito bem).

Estava pensando que, se me der bem nas provas da metade do período, eu poderia alcançar a turnê em Memphis ou Little Rock.

O que o senhor acha?

Ilse

Meus receios quanto ao Beija-Flor Batista não tinham desaparecido, e o que eu achava era que ela estava procurando sarna para se coçar. No entanto, se Ilse estivesse cometendo um erro em relação a ele, talvez fosse melhor que descobrisse cedo do que tarde. Então — pedindo a Deus que *eu* não estivesse cometendo um erro —, respondi ao e-mail dizendo-lhe que me parecia uma ideia interessante, desde que ela estivesse em dia com os trabalhos da faculdade. (Não conseguia me obrigar a chutar o pau da barraca e dizer à minha filha querida que passar uma semana na companhia do seu namorado — mesmo sabendo que o dito-cujo estava cercado de batistas ferrenhos — era uma *boa* ideia). Também sugeri que poderia ser um passo em falso contar seus planos para a mãe. Isso gerou uma resposta imediata.

garotinhacrescida88 paraEFree19

12:02

3 de fevereiro

papaizinho querido: Você acha que eu fiquei MALUCA???

Illy

Não, eu não achava aquilo... porém, se pegasse seu tenor cantando na horizontal com uma das contraltos do grupo quando chegasse a Little Rock, ela passaria a ser uma Garotinha Crescida bastante infeliz. Não tenho dúvidas de que, caso isso acontecesse, tudo iria chegar à sua mãe — o noivado, etc. — e Pam teria muito a dizer sobre a questão da minha própria sanidade. Eu já tinha feito algumas perguntas a mim mesmo sobre o assunto e, de forma geral, decidido me dar um desconto. Quando são seus filhos que estão em jogo, você se vê fazendo algumas escolhas estranhas de vez em quando e simplesmente torcendo para que eles dêem certo — as escolhas *e* os filhos. Ser pai é o maior exercício de improvisação que existe.

Então, eis que surge Sandy Smith, a Corretora de Imóveis. Na minha secretária eletrônica, Elizabeth tinha dito que eu deveria ser um daqueles que acreditavam na arte pela arte, ou Duma Key não teria me chamado. O que eu queria de Sandy era uma confirmação de

que a única coisa que havia me chamado era um folheto em papel-cuchê, que provavelmente tinha sido mostrado para locatários em potencial com a carteira recheada em todo o país. Talvez em todo o mundo.

A resposta que recebi não foi a que eu esperava, mas estaria mentindo se dissesse que fiquei *completamente* surpreso. Afinal de contas, minha memória não tinha sido lá essas coisas naquele ano. E, além disso, sempre há o desejo de se acreditar que as coisas tenham acontecido de certa maneira; quando o assunto é o passado, a gente nunca joga limpo.

SmithRealty9505 paraEFree19

14:17

8 de fevereiro

Caro Edgar: fico feliz que você esteja gostando da casa. Em resposta à sua pergunta, não lhe mandei apenas o folheto de Salmon Point. Ele foi um dos nove que detalhavam as oportunidades de aluguel na Flórida e na Jamaica. Até onde me lembro,

Salmon Point foi o único imóvel pelo qual você demonstrou interesse. Na verdade, me lembro que você disse: “Não fique regateando, feche o negócio logo.” Espero ter ajudado.

Sandy

Eu li a mensagem duas vezes, então murmurei: “Cuide do negócio e deixe o negócio cuidar de você, *muchacha.*”

Mesmo agora, não consigo me lembrar dos outros folhetos, porém me lembro do de Salmon Point. O folder em que ele veio era rosa-shocking. Um *baita* rosa, você poderia dizer, e as palavras que chamaram minha atenção não foram *Salmon Point,* mas sim as que estavam debaixo delas, em relevo dourado: O SEU REFÚGIO SECRETO À BEIRA DO GOLFO. Então, talvez Duma tivesse me chamado.

Talvez sim, no fim das contas.

iv

Kamen Doe para EFree19

13:46

10 de fevereiro

Edgar: há quanto tempo não ouço de você, como disse o índio surdo para o seu filho prodígio (por favor, me desculpe; só conheço piadas ruins). Como anda a arte? Sobre a ressonância magnética, sugiro que você ligue para o Centro de Estudos Neurológicos no Sarasota Memorial Hospital. O número é 941-555-5554.

Kamen

EFree19 para KamenDoc

14:19

10 de fevereiro

Kamen: obrigado pela recomendação. Centro de Estudos Neurológicos me parece sério pra cacete! Porém, marcarei a consulta muito em breve.

Edgar

KamenDoc para EFree19

16:55

10 de fevereiro

Em breve está de bom tamanho. Desde que você não esteja tendo crises epiléticas.

Kamen

Ele havia pontuado o “desde que você não esteja tendo crises epiléticas” com um daqueles convenientes *emoticons* de e-mail. O dele era uma cara redonda risonha, com a boca cheia de dentes. Depois de ter visto Wireman se sacudindo todo no banco de trás escuro de uma van alugada, com os olhos apontando em direções diferentes, não senti vontade de rir. No entanto, sabia que, sem a ajuda de correntes e de um guincho, não conseguiria levar Wireman para ser examinado muito antes de 15 de março — a não ser que ele tivesse um *grande mal* dos brabos. E, é claro, Wireman não era problema de Xander Kamen. Eu também não era, estritamente falando, e fiquei comovido por ele ainda se importar. Por impulso, cliquei no botão de RESPONDER e digitei:

EFree19 para KamenDoc

17:05

10 de fevereiro

Kamen: nada de crises epiléticas. Estou bem. Pintando até dizer chega. Levei alguns dos meus quadros para uma galeria de Sarasota e um dos donos deu uma olhada neles. Talvez me ofereça uma exposição. Se ele fizer isso, e se eu concordar, você viria?

Seria bom ver um rosto conhecido da terra do gelo e da neve.

Edgar

Eu iria desligar a máquina depois disso e preparar um sanduíche para mim, porém, antes que eu pudesse fazê-lo, ouvi o toque de mensagem recebida.

KamenDoc para EFree19

17:09

10 de fevereiro

Informe a data e eu estarei aí.

Eu estava sorrindo quando desliguei o computador. E com os olhos um pouco marejados, também.

v

No dia seguinte, fui para Nokomis com Wireman comprar um sifão novo para o pessoal da casa 17 (carro esporte; música country ruim) e algumas cercas de plástico na loja de ferragens para os Cães Ferozes. Wireman não precisava da minha ajuda e certamente não precisava de alguém mancando atrás dele na TruValue de Nokomis, mas estava um dia feio, chuvoso, e eu queria sair da ilha. Nós almoçamos no Ophelias e conversamos sobre rock-and-roll, o que deixou o passeio animado. Quando voltei, a luz de mensagem recebida da minha secretária eletrônica estava piscando. Era Pam.

— Ligue para mim — falou ela, desligando em seguida.

Eu liguei, mas antes — isso me parece uma confissão, e das mais covardes ainda por cima — entrei na internet, naveguei até a edição daquele dia do *Star Tribune* de Minneapolis e cliquei em OBITUÁRIOS. Desci a barra de rolagem pelos nomes rapidamente e me certifiquei de que Thomas Riley não estava entre eles, sabendo que aquilo não provava nada; ele poderia ter se matado tarde demais para pegar a edição matinal.

Às vezes ela deixava o telefone no mudo e tirava um cochilo à tarde; se fosse o caso, eu cairia na secretária eletrônica e ganharia uma pequena folga. Mas não naquela tarde. A própria Pam atendeu, com um tom de voz brando, porém não cordial:

— Alô.

— Sou eu, Pam. Retornando a sua ligação.

— Imaginei que você estivesse tomando sol — falou ela. — Está nevando aqui. Nevando e frio como a fivela do cinto de um escavador de poços.

Eu relaxei um pouco. Tom não estava morto. Se estivesse, não estaríamos preparando o terreno para uma pequena torração de paciência improvisada.

— Na verdade, está frio e chuvoso onde eu estou — falei.

— Que bom. Espero que você pegue bronquite. Hoje de manhã, Tom Riley saiu daqui fazendo um escândalo depois de me chamar de puta enxerida e atirar um vaso no chão. Imagino que eu deva ficar feliz por ele não tê-lo jogado em mim. — Pam começou a chorar. Ela assoou o nariz, então me surpreendeu ao rir. Era uma risada amarga, mas também surpreendentemente bem-humorada. — Quando você acha que sua estranha capacidade de me levar às lágrimas vai acabar?

— Conte-me o que aconteceu, Panda.

— E pare com isso. Se me chamar assim de novo, eu desligo. Então, você vai poder ligar para Tom e perguntar a *ele* o que aconteceu. Talvez eu devesse mandar você fazer isso mesmo. Seria bem feito.

Levei a mão à cabeça e comecei a massagear as têmporas: o polegar na cavidade esquerda, os dois primeiros dedos na direita. É meio impressionante que uma simples mão possa englobar tantos sonhos e tanta dor. Isso sem falar na sua capacidade de gerar tanta aporrinhação pura e simples.

— Conte para mim, Pam. Por favor. Eu vou ouvir sem me irritar.

— Já está superando essa fase, não é? Só um segundo. — Ouviu-se um baque quando o fone foi largado, provavelmente no balcão da cozinha. Por um instante, escutei o murmúrio da tevê e então ele desapareceu. Quando Pam retornou, disse: — Pronto, agora consigo ouvir meus próprios pensamentos. — Ela assoou o nariz de novo, fazendo outra barulheira. Quando voltou a falar, estava recomposta, sem sinal de lágrimas na voz.

— Pedi para Myra me ligar quando ele chegasse em casa; Myra Devorkian, que mora em frente à casa dele. Falei para ela que estava preocupada com a saúde mental de Tom. Não há motivo para manter segredo quanto a isso, certo?

— Não.

— E não deu outra! Myra disse que *ela* andava preocupada também; ela e Ben. Disse que ele está bebendo demais, para começo de conversa, e que às vezes vai para o escritório com a barba por fazer. Embora tenha me falado que ele parecia bastante animado quando foi viajar. É impressionante quanta coisa os vizinhos notam, mesmo quando não são exatamente amigos íntimos. Ben e Myra não sabiam sobre... nós dois, é claro, mas sabiam muito bem que Tom

andava deprimido.

Você acha que eles não sabiam, deixei de falar.

— Enfim, encurtando a história, eu o chamei para vir aqui em casa. Ele estava com uma expressão nos olhos quando entrou... uma expressão... como se estivesse pensando que talvez eu pretendesse... você sabe...

— Recomeçar de onde tinha parado — falei.

— Quem está contando a história, eu ou você?

— Me desculpe.

— Bem, você está certo. Claro que está. Eu quis convidá-lo para um café na cozinha, mas nem chegamos a passar do corredor. Ele tentou me beijar. — Ela disse isso com uma espécie de orgulho provocativo. — Eu deixei... uma vez... mas quando ficou óbvio que ele queria mais, eu o empurrei para trás e disse que tinha algo para falar. Ele disse que sabia que era ruim pela expressão no meu rosto, mas que nada poderia magoá-lo mais do que quando eu falei que deveríamos parar de nos encontrar. Para você ver como são os homens; e ainda dizem que somos *nós* que sabemos fazer os outros se sentirem culpados.

“Eu disse que o fato de não podermos continuar com nosso romance não significava que eu não me importasse mais com ele. Então falei que muitas pessoas tinham me dito que ele estava agindo estranho, como se não fosse ele mesmo, daí juntei essa informação ao fato de ele não estar tomando seus antidepressivos e comecei a ficar preocupada. Falei que estava pensando que ele tinha planos de se matar.”

Ela parou por um instante, então prosseguiu.

— Antes de ele chegar, eu não pretendia falar assim, de cara. Mas é estranho... no momento em que ele passou pela porta eu tive quase certeza e, quando ele me beijou, minhas dúvidas se acabaram. Os lábios dele estavam frios. E secos. Foi como beijar um cadáver.

— Aposto que sim — falei, tentando coçar meu braço direito.

— O rosto dele se contraiu, literalmente. Todas as linhas se suavizaram e a boca quase desapareceu. Ele me perguntou quem tinha colocado uma ideia daquelas na minha cabeça. E então, antes que eu pudesse responder, disse que era uma merda sem tamanho. Foi essa a palavra que ele usou, e isso não é nem um pouco do feitio de Tom Riley.

Ela tinha razão quanto àquilo. O Tom que eu conhecera nos velhos tempos não teria dito merda nem se estivesse com a boca cheia dela.

— Não quis entregar o nome de ninguém, certamente não o seu, porque ele teria pensado que eu estava maluca, e nem o de Illy, porque não sei o que ele poderia dizer a ela se...

— Eu já falei que Illy não teve nada a ver com...

— Cale a boca. Estou quase acabando. Eu disse apenas que essas pessoas que estavam falando como ele estava agindo estranho nem sabiam dos remédios que ele vinha tomando desde o segundo divórcio ou que havia parado de tomá-los em maio passado. Ele os chama de comprimidos idiotas. Eu falei que se ele achava que estava conseguindo manter tudo que havia de errado com ele debaixo dos panos, estava enganado. Então disse que, se ele fizesse algo consigo mesmo, eu contaria à mãe e ao irmão dele que foi suicídio, o que partiria o coração dos dois. A ideia foi sua Edgra, e funcionou. Espero que esteja orgulhoso. Foi então que ele quebrou meu vaso e me chamou de piranha intrometida, entendeu? Ele estava branco feito um lençol. Aposto... — Ela engoliu em seco. Eu consegui ouvir o clique na sua garganta através de todos aqueles quilômetros. — Aposto que tinha planejado exatamente como iria fazer tudo.

— Não duvido — disse eu. — O que você acha que ele vai fazer agora?

— Não sei. Não sei mesmo.

— Talvez seja melhor eu ligar para ele.

— Acho melhor não. Talvez descobrir que nós nos falamos dê o empurrão de que ele precisa. — Com um toque de malícia, ela acrescentou: — Então *você é* quem ficaria sem dormir.

Aquela era uma possibilidade que eu não havia considerado, mas Pam tinha razão. Tom e Wireman eram parecidos em um sentido: os dois precisavam de ajuda e eu não tinha como forçá-los a aceitá-la. Um velho *bon mot* me veio à cabeça, talvez apropriadamente, talvez não: você pode apresentar uma vagabunda à cultura, mas não pode fazê-la pensar.[10] Talvez Wireman pudesse me dizer quem disse isso. E quando.

— Então, como você sabia que ele estava pensando em se matar? — perguntou ela. — Eu quero saber e, por Deus, você vai me dizer antes que eu desligue. Eu fiz minha parte e agora você vai me contar.

Lá estava ela, a pergunta que Pam não tinha feito antes; estava muito obcecada em saber como eu soube dela e Tom, para início de conversa. Bem, Wireman não era o único que tinha ditados; meu pai tinha alguns, também. Um deles era: quando uma mentira não dá conta do recado, o negócio é se virar com a verdade.

— Desde o acidente, eu venho pintando — disse eu. — Você sabe disso.

— E daí?

Eu lhe contei sobre o desenho que fiz dela, com Max de Palm Desert e Tom Riley. Sobre minhas pesquisas na internet sobre o mundo dos fenômenos dos membros fantasmas. E sobre ter visto Tom Riley parado no topo da escada do que agora teria que chamar, àquela altura, de o meu ateliê, nu exceto por uma calça de pijama e sem um olho, que fora substituído por uma órbita cheia de sangue coagulado.

Quando terminei, fez-se um longo silêncio. Eu não o quebrei. Finalrnente ela disse, em um tom novo e cauteloso:

— Você acredita mesmo nisso, Edgar... em *alguma parte* que seja?

— Wireman, o cara que mora do outro lado da praia... — Eu me detive enfurecido a contragosto. E não porque me faltavam palavras. Ou não exatamente. Eu pretendia mesmo dizer que o cara que morava do outro lado da praia era telepata nas horas vagas, então *ele* acreditava em mim?

— O que tem o cara que mora do outro lado da praia, Edgar? — Sua voz estava calma e branda. Eu a reconheci de cerca do primeiro mês após meu acidente. Era sua voz “Edgar Está a Caminho do Pinel”.

— Nada — falei. — Não tem importância.

— Você precisa ligar para o dr. Kamen e contar a ele sobre essa sua nova ideia — disse ela. — Essa ideia de que você é paranormal. Não mande um e-mail, *ligue* para ele. *Por favor.*

— Tudo bem, Pam. — Eu me senti muito cansado. Isso sem falar frustrado e puto da vida.

— Tudo bem o quê?

— Tudo bem, estou ouvindo. Alto e bom som. Nenhuma espécie de mal-entendido. Esqueça o que eu disse. Tudo o que eu queria era salvar a vida de Tom.

Ela não teve nenhuma resposta para oferecer àquilo. E tampouco nenhuma explicação racional para o que eu sabia sobre Tom. Então, nós deixamos por isso mesmo. O pensamento na minha cabeça quando desliguei o telefone era: *Nenhuma boa ação fica impune.*

Talvez ela estivesse pensando a mesma coisa.

vi

Eu me sentia furioso e perdido. O clima abafado e melancólico não ajudou. Tentei pintar e não consegui. Fui até o andar de baixo, peguei um dos meus blocos de rascunho e me vi reduzido a rabiscar o tipo de criatura orelhuda de desenho animado que eu costumava produzir na minha outra vida enquanto falava ao telefone. Eu estava prestes a atirar o bloco longe, indignado, quando o telefone tocou. Era Wireman.

— Você vem hoje à tarde? — perguntou ele.

— Claro — respondi.

— Achei que talvez com a chuva...

— Pensei em me arrastar até aí com o carro. Certamente não estou fazendo nada aqui.

— Ótimo. Só esqueça a Hora da Poesia. Ela está zureta.

— Muito?

— Pior do que nunca. Desconexa. Desorientada. Confusa. — Ele inspirou fundo e soltou o ar. Era como ouvir uma rajada de vento pelo telefone. — Ouça, Edgar, odeio pedir isso, mas será que você poderia ficar com ela por um tempo? Quarenta e cinco minutos, no máximo. Os Baumgarten estão tendo um problema com a sauna, é o maldito aquecedor, e o cara que está vindo consertar precisa me mostrar um disjuntor ou coisa parecida. E tenho que assinar a ordem de serviço dele, é claro.

— Sem problema.

— Você é um príncipe. Eu te beijaria, se não fosse por essa sua beiça toda estropiada.

— Vá à merda, Wireman.

— Eu sei, todos me amam, é minha maldição.

— Pam me telefonou. Ela falou com meu amigo Tom Riley. — Levando-se em conta o que os dois andaram aprontando, era estranho chamar Tom de amigo, mas fazer o quê? — Acho que ela frustrou seus planos de suicídio.

— Isso é bom. Então por que eu estou ouvindo esse peso na sua voz?

— Ela perguntou como eu sabia.

— Não como você sabia que ela estava botando pra foder com esse cara, mas...

— Como eu diagnostiquei a depressão suicida dele a 2.500 quilômetros de distância.

— Ah! E o que você disse?

— Uma vez que estava sem um advogado no local, fiquei reduzido a dizer a verdade.

— E ela achou que você estava *un poco loco*.

— Não, Wireman, ela achou que eu estava *muy loco*.

— E isso tem importância?

— Não. Mas ela vai ficar encucada com isso, e pode acreditar quando eu digo que Pam faz parte da Equipe Olímpica Americana de Encucação, portanto, estou com medo de que minha boa ação exploda na cara da minha filha caçula.

— Supondo que sua mulher esteja procurando alguém para culpar.

— Garanto que sim. Eu conheço Pam.

— Isso seria ruim.

— Uma coisa dessas abalaria o mundo de Ilse mais do que ele merece ser abalado. Tom tem sido como um tio para ela e Melinda desde que as duas se entendem por gente.

— Então, você precisa convencer sua mulher de que realmente viu o que viu e que sua filha não teve nada a ver com isso.

— Como eu vou fazer *isso?*

— E se você lhe dissesse algo a respeito dela que não tem como saber?

— Wireman, você é louco! Não tenho como simplesmente *fazer* uma coisa dessas acontecer!

— Como você sabe? Tenho que desligar o telefone, *amigo,* pelo que estou ouvindo, o almoço da srta. Eastlake acabou de parar no chão. Nos vemos mais tarde?

— Sim — falei. Estava prestes a acrescentar um até logo, mas ele não estava mais lá. Eu

desliguei, me perguntando onde havia colocado as luvas de jardinagem de Pam, as que diziam TIRE AS MÃOS. Talvez, se as tivesse comigo, a ideia de Wireman não parecesse tão maluca no fim das contas.

Procurei-as pela casa inteira, sem sucesso. Talvez as tivesse jogado fora depois de fazer o desenho chamado *Amizades Coloridas,* porém não me lembrava de ter feito isso. Tudo o que sei é que jamais vi aquelas luvas novamente.

vii

O cômodo que Wireman e Elizabeth chamavam de Salão das Porcela-estava banhado em uma luz de inverno triste e subtropical naquela tarde. A chuva estava mais forte, rufando em ondas contra as paredes e janelas, e o vento aumentara, ressoando entre as palmeiras que cercavam *El Palacio* e fazendo sombras voarem pelas paredes. Pela primeira vez desde que eu começara a visitar, não conseguia ver sentido nos bibelôs de porcelana em cima da mesa longa; não havia encenação alguma apenas um amontoado de pessoas, animais e construções. Um unicórnio e um dos sujeitos com a cara pintada de preto estavam lado a lado, perto da escola tombada. Se houvesse alguma história na mesa naquele dia, seria a de um filme-catástrofe. Próximo da mansão estilo Tara, havia uma lata de biscoitos Sweet Owen. Wireman já havia me explicado qual rotina eu deveria seguir se Elizabeth a pedisse.

A dama em si estava na sua cadeira de rodas, um pouco caída de lado, examinando

despreocupadamente o caos em sua mesa de recreação, geralmente mantida em uma ordem impecável. Ela usava um vestido azul que quase combinava com os tênis azuis enormes nos seus pés. Seus ombros caídos haviam deixado escorregar a gola canoa do vestido, formando uma bocarra torta que revelava uma alça de sutiã cor de marfim. Quando me dei conta, estava imaginando quem a havia vestido naquela manhã, se ela mesma ou Wireman.

A princípio, ela falou racionalmente, chamando-me pelo nome certo e perguntando sobre a minha saúde. Despediu-se de Wireman quando este saiu para a casa dos Baumgarten e pediu que ele colocasse um chapéu e levasse um guarda-chuva. Até ali, tudo bem. No entanto, quando eu trouxe seu lanche da cozinha 15 minutos depois, algo havia mudado. Ela estava olhando para um canto e eu a ouvi murmurar:

— Volte, volte, Tessie, você não pertence a este lugar. E mande o garotão embora.

Tessie. Eu conhecia aquele nome. Usei minha técnica de pensar transversalmente, procurando por associações, e encontrei uma: uma manchete de jornal que dizia: ELAS SE FORAM. Tessie era uma das irmãs gêmeas de Elizabeth. Wireman me contara aquilo. Eu o ouvi dizendo: *Presume-se que elas tenham se afogado,* e um arrepio deslizou pelo lado do meu corpo como uma faca.

— Traga aquilo para mim — disse ela, apontando para a lata de biscoitos, e eu obedeci. Do seu bolso, ela puxou uma estatueta embrulhada em um lenço. Tirou a tampa da lata, me lançou um olhar que combinava astúcia e desorientação de uma forma que tornava difícil encará-lo, e então atirou o bibelô lá dentro. Ele produziu um baque surdo e discreto. Ela colocou a tampa de volta desajeitadamente, afastando minha mão quando tentei ajudá-la. Então, entregou a lata para mim.

— Você sabe o que deve fazer com isso? — perguntou ela. — E... E... — Conseguia

perceber sua luta. A palavra estava lá, porém dançava a poucos centímetros do seu alcance. Zombando dela. Eu poderia dizê-la mas me lembrei de como ficava furioso quando as pessoas faziam aquilo, então aguardei. — *Ele* lhe disse o que fazer com ela?

— Sim.

— Então o que você está esperando? *Leve* a vadia.

Eu carreguei a lata por um dos lados da quadra de tênis, até o pequeno lago. Os peixes saltavam na superfície, muito mais empolgados com a chuva do que eu. Havia um montinho de pedras ao lado do banco, exatamente onde Wireman havia dito. Joguei uma delas no lago ("Você pode achar que ela não conseguiria escutar o barulho, mas a srta. Eastlake tem ouvidos muito atentos", dissera-me Wireman), tomando cuidado para não acertar uma das carpas. Então, levei a lata, com a estatueta ainda dentro dela, de volta para a casa. Porém, não para o Salão das Porcelanas. Fui até a cozinha, tirei a tampa e apanhei o bibelô embrulhado. Aquilo não fazia parte da série de instruções de Wireman, mas eu estava curioso.

Era uma mulher de porcelana, mas o rosto havia sido raspado. Havia apenas um espaço vazio e áspero no seu lugar.

— *Quem está aí?* — berrou Elizabeth, me dando um susto. Quase derrubei aquela coisinha sinistra no chão, onde ela certamente teria se despedaçado no assoalho.

— Sou eu, Elizabeth — gritei de volta, largando o bibelô no balcão.

— Edmund? Ou Edgar, ou sei lá qual o seu nome?

— Isso. — Voltei para o salão.

— Você cuidou daquele meu assunto?

— Sim, senhora, sem dúvida.

— Eu já tomei meu lanche?

— Já.

— Certo. — Ela suspirou.

— Deseja mais alguma coisa? Tenho certeza de que poderia...

— Não, obrigada, querido. Estou certa de que logo o trem vai chegar e você sabe que eu não gosto de viajar com o estômago cheio. Sempre acabo sentando em um daqueles lugares que ficam ao contrário, e se estiver com comida na barriga certamente vou ficar enjoada. Você viu minha lata? Minha lata de biscoitos Sweet Owen?

— Acho que ela está na cozinha. Quer que eu a traga para cá?

— Não em um dia tão chuvoso — disse ela. — Pensei em mandar você jogá-la no lago, o que já estaria de bom tamanho, mas mudei de ideia. Me parece desnecessário em um dia tão chuvoso. A virtude da misericórdia não se impõe. Ela cai como a chuva suave.

— Do céu — disse eu.

— Sim, sim. — Ela abanou a mão como se aquela parte não tivesse importância.

— Por que você não arruma seus bibelôs, Elizabeth? Eles estão todos misturados hoje.

Ela fitou a mesa. Então, lançou um olhar para a janela quando uma rajada especialmente forte de vento a golpeou com a chuva.

— Porra — disse ela. — Estou confusa pra cacete. — E então, com um rancor que eu jamais teria imaginado existir dentro dela. — Todos eles morreram e me deixaram *nesta*

situação.

Eu seria o último a me sentir ofendido pelo seu acesso de vulgaridade; era capaz de entendê-lo muito bem. Talvez a virtude da misericórdia não se imponha; milhões de nós vivem e morrem por essa ideia, no entanto... somos passíveis desse tipo de coisa. Sem dúvida.

Ela disse:

— Ele nunca deveria ter pegado aquele negócio, mas não sabia.

— Que negócio?

— Que negócio — concordou ela, assentindo. — Eu quero o trem. Quero ir *embora* daqui antes que o garotão chegue.

Depois disso, nós dois caímos em silêncio. Elizabeth fechou os olhos e pareceu cochilar na sua cadeira de rodas.

Apenas para fazer alguma coisa, levantei-me da minha poltrona, que não teria destoado em um clube de grã-finos, e me aproximei da mesa. Apanhei uma garota e um garoto de porcelana, olhei para eles e então os larguei de lado. Cocei distraído meu braço que não estava lá, analisando a bagunça sem sentido à minha frente. Deveria ter pelo menos cem

bibelôs sobre aquele pedaço envernizado de carvalho. Talvez duzentos. Entre eles, havia uma mulher com um chapéu antiquado na cabeça — um chapéu de leiteira, pensei —, mas também não era ela que eu queria. O chapéu estava errado e, além disso, ela era jovem demais. Encontrei outra mulher com um cabelo longo pintado, que me pareceu melhor. O cabelo era um pouco longo e escuro demais, mas...

Não, não era, porque Pam tinha ido ao salão de beleza, às vezes conhecido como Fonte da Juventude da Crise de Meia-idade.

Fiquei segurando a mulher de porcelana, desejando ter uma casa para colocá-la dentro e um livro para ela ler.

Tentei passar o bibelô para a mão direita — o que era perfeitamente natural, pois minha mão direita estava ali, eu conseguia senti-la — e ele caiu na mesa, fazendo barulho. Não quebrou, porém os olhos de Elizabeth se abriram.

— Dick! Isso foi o trem? Ele apitou? Ele gritou?

— Ainda não — falei. — Por que você não tira um cochilo?

— Oh, você poderá encontrá-lo na plataforma do segundo piso — disse ela, como se eu tivesse perguntado alguma outra coisa, e voltou a fechar os olhos. — Me chame quando o trem chegar. Estou de saco cheio desta estação. E cuidado com o garotão, aquele filho da puta pode estar em qualquer lugar.

— Pode deixar — disse eu. Meu braço direito coçava terrivelmente. Enfiei a mão no meu bolso de trás, na esperança de que meu bloco de anotações estivesse ali. Não estava. Eu o havia deixado no balcão da cozinha do Casarão Rosa. Porém, isso me fez pensar na cozinha do *Palacio*. Havia um bloco para recados no balcão onde eu deixara a lata. Voltei depressa para lá, apanhei o bloco, o prendi entre os dentes e então quase corri de volta para o Salão das Porcelanas, já puxando minha caneta esferográfica do bolso da camisa. Sentei-me na minha poltrona e comecei a esboçar rapidamente a boneca de porcelana enquanto a chuva fustigava as janelas e Elizabeth ficava recostada em sua cadeira de rodas na outra ponta da mesa, cochilando com a boca entreaberta. As sombras das palmeiras, movidas pelo vento, voavam pelas paredes como morcegos.

Não demorei muito e percebi algo enquanto trabalhava: eu estava dando vazão à coceira pela ponta da caneta, decantando-a na página. A mulher no meu desenho era o bibelô de porcelana; no entanto, era também Pam. A mulher era Pam, mas também era o bibelô de porcelana. Seu cabelo estava mais longo do que da última vez em que a havia visto, e espalhava-se sobre os ombros. Ela estava sentada em

(uma CHALEIRA, uma MADEIRA)

uma cadeira. Que cadeira? Uma cadeira de balanço. Não tinha nada parecido com aquilo em nossa casa quando eu fui embora, mas passara a ter. Havia algo na mesa ao lado dela. A princípio, não soube o que era porém, o objeto emergiu da ponta da caneta, tornando-se uma caixa com algo escrito em cima. Sweet Owen? Era Sweet Owen que estava escrito? Não, era “Grandmas”. Minha caneta colocou algo na mesa, ao lado da caixa. Um biscoito de aveia. O favorito de Pam. Enquanto eu olhava para ele, a caneta desenhou o livro na sua mão. Não dava para ler o título, porque o ângulo estava errado. Porém, minha caneta estava acrescentando linhas entre a janela e os seus pés. Ela dissera que estava nevando, no entanto a neve já havia parado de cair. As linhas eram para ser raios de sol.

Achei que o desenho estava terminado, mas, aparentemente, havia mais dois detalhes. Minha caneta se moveu para o canto esquerdo do papel e acrescentou uma tevê, rápido como um raio. A televisão era nova, de tela plana, como a de Elizabeth. E debaixo dela...

A caneta terminou e se deixou cair. A coceira tinha acabado. Meus dedos estavam rígidos. Na outra ponta da mesa longa, o cochilo de Elizabeth havia se tornado um sono de verdade. No passado, ela poderia ter sido jovem e bonita. No passado, poderia ter sido a garota dos sonhos de algum rapaz. Ali, ela roncava com a boca quase totalmente desdentada apontando para o teto. Se existe um Deus, eu acho que Ele deveria se esforçar um pouco mais.

viii

Eu tinha visto um telefone na biblioteca, e na cozinha também, mas a biblioteca ficava mais perto do Salão das Porcelanas. Decidi que Wireman e Elizabeth não ficariam ressentidos comigo por conta de uma ligação de longa distância para Minnesota. Peguei o fone, então me detive com ele enroscado contra o peito. Em uma parede próxima da armadura, destacada por várias pequenas e engenhosas luzes no teto, havia uma série de armas antigas: uma espingarda de carregar pela boca, que parecia da época da Guerra da Independência; uma pistola de pederneira; uma *derringer* que se sentiria à vontade escondida na bota de daqueles apostadores profissionais que frequentavam os barcos a vapor no rio Mississippi; e uma carabina Winchester. Pendurada sobre a carabina estava a engenhoca que Elizabeth trazia no colo no dia em que Ilse e eu a havíamos visto. Dos seus dois lados, fazendo um V invertido, havia quatro projéteis para a arma. Não se podia chamá-los de flechas; eram curtos demais. Miniarpões me parecia a palavra certa. Suas pontas eram muito brilhantes e davam a

impressão de ser bastante afiadas.

Eu pensei: *Você poderia fazer um belo estrago com uma coisa daquelas. E então: Meu pai era um mergulhador*.

Empurrei aquilo para fora da minha cabeça e telefonei para o que costumava ser minha casa.

ix

— Oi, Pam, sou eu de novo.

— Eu não quero mais falar com você, Edgar. Já terminamos nossa conversa.

— Não exatamente. Mas não vou me estender. Tenho uma velhinha para cuidar. Ela está dormindo agora, mas não gosto de deixá-la sozinha por muito tempo.

Pam, curiosa a contragosto:

— Que velhinha?

— O nome dela é Elizabeth Eastlake. Tem uns 85 anos e já está com Alzheimer bem avançado. A pessoa que geralmente toma conta dela esta resolvendo um problema elétrico na sauna de alguém, e eu estou ajudando.

— Você quer uma estrelinha dourada para colar na página de Ajudar o Próximo do seu caderno escolar?

— Não, eu liguei para convencê-la de que não estou louco. — Eu havia trazido meu desenho. Então, enganchei o fone entre o ombro e a orelha para apanhá-lo.

— E por que isso?

— Porque você está convencida de que tudo isso começou com Ilse, e não é verdade.

— Meu Deus, você é inacreditável. Se ela telefonasse de Santa Fé para dizer que

arrebentou um cadarço, você pegaria um avião para levar um novo para ela!

— Também não me agrada que você pense que eu estou enlouquecendo aqui quando não estou. Então... você vai ouvir?

Apenas silêncio do outro lado da linha, mas silêncio já era bom o suficiente. Ela estava ouvindo.

— Você acabou de sair do banho há dez ou 15 minutos. Acho isso porque seu cabelo está caído atrás do roupão. Imagino que ainda não goste de secadores.

— Como...

— Não *sei* como. Você estava em uma cadeira de balanço quando eu liguei. Deve ter comprado depois do divórcio. Lendo um livro e comendo um biscoito. Um biscoito de aveia Grandma's. O sol saiu agora e está entrando pela janela. Você comprou uma televisão nova, de tela plana. — Fiz uma pausa. — E um gato. Você tem um gato. Ele está dormindo debaixo da tevê.

Silêncio sepulcral na ponta de lá da linha. Na minha ponta, o vento soprava e a chuva esbofeteava as janelas. Eu estava prestes a perguntar se ela estava ali quando Pam voltou a falar com uma voz insensível, que não parecia nem um pouco a sua. Eu tinha achado que ela não poderia mais ferir meu coração, mas estava enganado.

— Pare de me espionar. Se você me amou algum dia, pare de me espionar.

— Então pare de botar a culpa em mim — falei com uma voz rouca, não exatamente hostil. De repente, me lembrei de Ilse se preparando para voltar para Brown, Ilse parada sob o sol forte em frente ao terminal Delta, erguendo os olhos para mim e dizendo: *O senhor merece melhorar, sabia? Às vezes me pergunto se acredita mesmo nisso.* — O que aconteceu comigo não foi culpa minha. O acidente não foi culpa minha, e nem isso. Eu não pedi por isso.

Ela gritou:

— *Você acha que eu pedi?*

Eu fechei os olhos, implorando que algo, qualquer coisa, me impedisse de retribuir raiva com raiva.

— Não, é claro que não.

— *Então me deixe fora disso! Pare de me telefonar. Pare de METER MEDO em mim!*

Ela desligou. Eu fiquei parado com o fone no ouvido. Fez-se um silêncio, e então um clique alto. Ele foi seguido pelo zumbido ondulante característico de Duma Key. Naquele dia, ele parecia um tanto subaquático. Talvez por conta da chuva. Coloquei o fone no gancho e fiquei olhando para a armadura.

— Acho que correu tudo muito bem, sir Lancelot — falei.

Nenhuma resposta, o que era exatamente o que eu merecia.

x

Atravessei o corredor ladeado de plantas até a entrada do Salão das Porcelanas, olhei para Elizabeth lá dentro e vi que ela dormia na mesma posição, com a cabeça torta. Seus roncos, que antes eu achara patéticos em sua indisfarçável senilidade, soavam reconfortantes aos meus ouvidos; não fosse por eles, teria sido fácil demais imaginá-la morta, com o pescoço quebrado. Perguntei-me se deveria acordá-la e decidi deixá-la dormir. Então, olhei para a direita, em direção à ampla escada principal, e pensei nela dizendo: *Oh, você poderá encontrá-lo na plataforma do segundo piso.*

Encontrar o quê?

Provavelmente aquilo tinha sido apenas mais um pouco de conversa mole, porém eu não tinha nada melhor para fazer, de modo que desci o corredor que teria sido apenas um passadiço em uma casa mais humilde — a chuva tamborilando no teto de vidro — e, em seguida, subi a escadaria. Parei a cinco degraus do topo para olhar, então subi lentamente o restante do caminho. Havia algo, no fim das contas: uma fotofrafia em preto e branco enorme, numa moldura fina de ouro. Perguntei depois a Wireman como uma foto em P&B da década de 20 pôde ter sido tão ampliada — tinha pelo menos um metro e meio de altura por um e vinte de largura — e embaçado tão pouco. Ele respondeu que ela devia ter sido tirada com uma Hasselblad, a melhor câmera não digital de todos os tempos.

Havia oito pessoas na fotografia, paradas na areia branca com o golfo do México ao fundo. O homem era alto e bonito e parecia ter uns 45 anos. Usava um traje de banho preto que consistia em uma camisa regata e calções que pareciam o tipo de roupa de baixo apertada que os jogadores de basquete usam hoje em dia. Enfileiradas dos seus dois lados, havia cinco garotas: a mais velha uma adolescente madura e as mais novas, duas loiras que me fizeram pensar nos Bobbsey Twins das primeiras aventuras com a leitura que tive na vida. As gêmeas usavam maios com saiotes idênticos e estavam de mãos dadas. Em suas mãos livres, seguravam bonecas de pano de pernas frouxas e avental que me trouxeram à mente Reba... e os cabelos de lã escura sobre os rostos das bonecas, que sorriam despreocupadas, eram certamente *VERMELHOS*. Na dobra de um dos braços, o homem — John Eastlake, sem dúvida — segurava a garota número seis, o bebezinho que se tornaria, com o tempo, a anciã que roncava no andar de baixo. Atrás dos brancos, havia uma negra que poderia ter uns 22 anos, com o cabelo preso em um lenço. Ela segurava uma cesta de piquenique que, a julgar pela maneira como os músculos não desprezíveis de seus braços estavam flexionados, era pesada. Três braceletes de prata pendiam de um de seus antebraços.

Elizabeth sorria, estendendo as mãozinhas gorduchas para quem quer que houvesse tirado o retrato daquela família. Ninguém mais estava sorrindo, embora talvez o fantasma de um sorriso espreitasse nos cantos da boca do homem; ele tinha bigode, o que tornava difícil ter certeza. A jovem babá negra parecia definitivamente emburrada.

Na mão que não estava ocupada segurando o bebê, John Eastlake trazia dois objetos. Um deles era uma máscara de mergulho. O outro era o lança-arpão que eu vira pendurado na parede da biblioteca com as demais armas. A questão, ao que me parecia, era se uma Elizabeth racional tinha ou não saído da neblina mental por tempo suficiente para me enviar lá para cima.

Antes que eu pudesse refletir mais sobre o assunto, a porta da frente se abriu no andar de baixo.

— Voltei! — exclamou Wireman. — Missão cumprida! Agora quem quer um drinque?

Como fazer um desenho (V)

Não tenha medo de experimentar; descubra sua musa e deixe-a guiá-lo. À medida que seu talento crescia, a musa de Elizabeth passou a ser Noveen, a maravilhosa boneca falante. Ou pelo menos era o que ela pensava. E quando descobriu seu equívoco — assim que a voz de Noveen mudou —, era tarde demais. Porém, no começo deve ter sido formidável. Descobrir uma musa sempre é.

O bolo, por exemplo.

Jogue ele no chão, *diz Noveen.* Jogue ele no chão, Libbit!

E, porque pode, ela o faz. Desenha o bolo de Melda no chão. Esparramado no chão. Rá! E Nan Melda em cima dele, com as mãos nas cadeiras, indignada.

E será que Elizabeth ficou envergonhada quando aquilo aconteceu de verdade? Envergonhada e um pouco assustada? Acho que sim.

Tenho certeza que sim. Para as crianças, a crueldade geralmente é divertida apenas quando imaginada.

Ainda assim, houve outros jogos. Outros experimentos. Até que, finalmente, em 27...

Na Flórida, todos os furacões fora de temporada se chamam Alice. É uma espécie de piada. No entanto, o que veio gritando do golfo em março daquele ano deveria ter se chamado furacão Elizabeth.

A boneca sussurrou para ela em uma voz que deve ter soado como o vento nas palmeiras à noite. Ou como a maré vazante raspando através das conchas sob o Casarão Rosa. Sussurrando enquanto Libbit permanecia no limiar do sono. Dizendo-lhe como seria divertido pintar uma grande tempestade. E mais.

Noveen fala Existem coisas secretas. Tesouros enterrados que serão revelados por uma grande tempestade. Coisas que Papai gostaria de descobrir e olhar.

E aquilo deu conta do recado. Elizabeth não se interessava muito em pintar uma tempestade, mas agradar seu Papai? Aquela ideia era irresistível.

Porque Papai estava bravo naquele ano. Bravo com Adie, que não queria voltar para a escola mesmo depois do seu tour pela Europa. Adie não ligava para conhecer as pessoas certas ou frequentar os bailes de debutante certos. Ela estava inebriada pelo seu Emery... que não era o Tipo Certo nem de longe, na opinião de Papai.

Papai fala Ele não é do nosso tipo, é um zé-povinho, *e Adie responde* Ele é o *meu* tipo, independente do que seja, *e Papai fica furioso.*

Houve discussões violentas. Papai bravo com Adie e vice-versa. Hannah e Maria bravas com Adie por ter um namorado bonito que era ao mesmo tempo Mais Velho e Inferior a ela. As gêmeas se assustaram com toda aquela brabeza. Libbit se assustou também. Nan Melda declarava sem parar que, se não fosse por Tessie e Lo-Lo, ela teria voltado para a sua família em Jacksonville há muito tempo.

Elizabeth também desenhou essas coisas, então eu as vi.

O furúnculo finalmente estourou. Adie e seu Rapaz Incompatível partiram para Atlanta, onde haviam prometido a Emery um emprego no escritório de um concorrente. Papai ficou possesso. As Malvadonas, de volta da Escola Braden para o fim de semana, o escutaram falar ao telefone no seu escritório, dizendo a alguém que mandaria trazer Emery Paulson de lá e chicoteá-lo quase até a morte. Mandaria chicotear os dois.

Então ele diz Não. Por Deus. Deixe estar. Ela fez sua cama; que deite nela.

Depois disso, veio a tempestade. Alice.

Libbit a sentiu vindo. Sentiu o vento soprar e surgir de traços de carvão simples e tão negros quanto a morte. O tamanho da tempestade de verdade, quando ela chegou — o tamborilar da chuva, o vendaval gritando como um trem de carga —, a apavorou terrivelmente, como se ela tivesse assobiado por um cão e recebido um lobo.

Mas então o vento parou, o sol saiu e tudo ficou bem. Mais que bem, porque, depois de Alice, Adie e seu Rapaz Incompatível foram esquecidos por um tempo. Elizabeth até ouviu Papai assobiando enquanto ele e o sr. Shannington limpavam os escombros no quintal da frente, Papai guiando tratorzinho vermelho e o sr. Shannington jogando folhas de palmeira encharcadas e galhos partidos no pequeno trailer que seguia atrás dele.

A boneca sussurrou, a musa contou sua história.

Elizabeth ouviu e pintou o lugar perto da Pedra da Bruxa naquele mesmo dia, onde Noveen sussurrara que o tesouro enterrado agora estava exposto.

Libbit implora a seu Papai que ele vá olhar, implora e implora e implora Papai diz NÃO, Papai diz que está cansado, dolorido demais de tanto trabalhar no quintal.

Nan Melda diz Um tempo na água pode relaxar o senhor, sr. Eastlake.

Nan Melda diz Posso levar comida para um piquenique e as meninas.

E, por fim, Melda diz O senhor sabe como ela é agora. Se está dizendo que tem alguma coisa lá fora, então talvez...

Então eles desceram a praia da Pedra da Bruxa — papai com o traje de banho que não serve mais nele e Elizabeth, as gêmeas e Nan Melda. Hannah e Maria estavam de volta à escola e Adie... mas é melhor não falar nela. Adie está ENCRENCADA. Nan Melda carregava a cesta de piquenique vermelha. Dentro dela, havia o almoço, chapéus de sol para as meninas, o material de desenho de Elizabeth, o lança-arpão de Papai e alguns arpões para ele.

Papai coloca suas nadadeiras e entra no caldo *até os joelhos, dizendo* Está gelada! É melhor não demorar muito, Libbit. Diga-me onde está este tesouro fabuloso.

Libbit fala Eu digo, mas o senhor promete que eu posso ficar com a bonequinha de porcelana?

Papai diz Qualquer boneca é sua — butim justo.

A musa viu e a garota pintou. Então, o futuro está decidido.

9 - Candy Brown

i

Duas noites depois, eu pintei o navio pela primeira vez.

No início, chamei o quadro de *Garota e Navio,* então, de *Garota e Navio No.1,* embora nenhum dos dois fosse seu nome de verdade; seu nome de verdade era *Ilse e Navio No. 1.* Foi mais a série *Navios* do que o caso Candy Brown que me fez decidir se deveria ou não expor meu trabalho. Se Nannuzzi quisesse, eu aceitaria. Não porque estivesse buscando o que Shakespeare chamou de “a vã celebridade” (essa eu devo a Wireman), mas porque passei a compreender que Elizabeth tinha razão: era melhor não deixar as obras se acumularem em Duma Key.

Os quadros da série *Navios* eram bons. Talvez ótimos. Certamente me pareceram assim quando os terminei. Eles também eram um remédio ruim, poderoso. Acho que percebi isso desde o primeiro, pintado na madrugada do Dia dos Namorados. Durante a última noite da vida de Tina Garibaldi.

ii

O sonho não foi exatamente um pesadelo, porém foi real além da minha capacidade de descrevê-lo com palavras, embora eu tenha capturada parte da sensação na tela. O suficiente, talvez. O sol estava se pondo. Naquele sonho, e em todos que se seguiram a ele, o sol estava sempre se pondo. Uma luz vermelha descomunal preenchia o oeste, estendendo-se para as alturas, onde esmaecia até ficar laranja e assumir, por fim, um estranho tom de verde. O golfo estava quase inerte; somente as menores e mais serenas das ondas atravessavam sua superfície como uma respiração. No brilho refletido do sol ele parecia uma órbita gigantesca, cheia de sangue.

Recortado contra aquela luz de fornalha, havia um navio de três mastros abandonado. Suas velas apodrecidas pendiam frouxas, com fogo vermelho brilhando através dos buracos e rasgos. Não tinha ninguém vivo a bordo. Bastava olhar para saber disso. Havia uma sensação de perigo em relação àquele navio, como se alguma praga nele tivesse assolado a tripulação, deixando apenas aquele cadáver de madeira, cânhamo e lona em decomposição. Lembro-me de ter pensado que se uma gaivota ou pelicano o sobrevoasse, o pássaro cairia morto no convés com as penas fumegando.

Flutuando a cerca de 40 metros do navio, havia um barquinho a remo. Uma garota estava sentada nele, de costas para mim. Seu cabelo era vermelho, mas parecia falso — nenhuma garota de carne e osso teria um emaranhado de lã daqueles na cabeça. O que entregava sua identidade era o vestido. Ele era cheio de linhas de jogo da velha com as palavras EU GANHO, VOCÊ GANHA escritas repetidamente. Ilse usava aquele vestido quando tinha 4 ou 5 anos... por volta da idade das gêmeas no retrato de família que eu havia visto no segundo

piso do *Palacio de Asesinos.*

Eu tentei gritar e avisá-la para não se aproximar do navio abandonado. Não conseguia. Estava sem ação. De qualquer forma, não parecia fazer diferença. Ela estava apenas sentada ali com seu pequenino e singelo barco a remo sobre as ondas vermelhas suaves, observando e usando o vestido de jogo da velha de Illy.

Eu caí da cama, e em cima do meu lado bichado. Gritei de dor e rolei de barriga para cima, escutando as ondas lá fora e o raspar baixinho das conchas debaixo da casa. Elas me disseram onde eu estava, mas não me trouxeram conforto. *Eu ganho, você ganha. Você ganha, eu ganho. A arma, eu ganho. A fruta, você ganha. Eu ganho, você ganha.*

Meu braço perdido parecia estar em chamas. Eu precisava dar um basta naquilo ou iria enlouquecer, e só havia uma maneira de fazer isso. Fui para o andar de cima e passei três horas pintando como um louco. Não havia modelo algum na minha mesa, nenhum objeto à vista na minha janela. E não havia necessidade. Estava tudo na minha cabeça. E, à medida que trabalhava, percebi que chegava naquilo que os quadros vinham lutando para alcançar. Nao necessariamente a garota no barco a remo; ela era provavelmente uma atração a mais, um pedaço de realidade. Era o navio que eu vinha buscando por todo aquele tempo. O navio e o pôr do sol. Quando pensei em retrospecto, percebi a ironia daquilo: *Olá*, o desenho a lápis que eu fizera no dia em que cheguei, tinha sido o que chegou mais perto.

iii

Desabei na cama por volta das três e meia e dormi até as nove. Acordei me sentindo revigorado, limpo, novo em folha. O tempo estava bom: sem nuvens e mais quente do que tinha estado em uma semana. Os Baumgarten se preparavam para voltar para o Norte, mas consegui jogar uma animada partida de Frisbee com seus filhos na praia antes de eles partirem. Estava com bastante apetite e pouca dor. Era bom me sentir como um sujeito normal de novo, mesmo que apenas por uma hora.

A mente de Elizabeth também tinha clareado. Li em voz alta vários poemas enquanto ela organizava suas porcelanas. Wireman estava lá, finalmente em dia com suas obrigações e de bom humor. O mundo parecia bom naquele dia. Somente mais tarde me ocorreu que George "Candy" Brown poderia muito bem estar raptando Tina Garibaldi, de 12 anos de idade, na mesma hora em que eu lia o poema de Richard Wilbur sobre roupa suja, "O Amor nos Convoca às Coisas do Mundo", para Elizabeth. Eu o escolhi porque tinha lido por acaso um artigo no jornal daquele dia dizendo que ele se tornara uma espécie de favorito para o Dia dos Namorados. O rapto de Garibaldi acabou sendo filmado. Ele ocorreu exatamente às 15h36, de acordo com a etiqueta de horário da fita, e deve ter sido por essa hora que eu parei para dar um gole no chá-verde de Wireman e desdobrar o poema de Wilbur, que havia imprimido da internet.

Havia câmeras de circuito fechado instaladas para vigiar a área de carga e descarga atrás do Crossroads Mall. Para proteção contra roubos, imagino. O que elas registraram neste caso foi o roubo da vida de uma criança. Ela surge na imagem atravessando da direita para a esquerda, uma garota magra, de calça jeans e mochila nas costas. Provavelmente queria dar uma passada no shopping antes de andar o resto do caminho para casa. Na fita, que as estações de tevê repetiram obsessivamente, você o vê emergir de uma rampa e agarrá-la pelo pulso. Ela olha para ele, para cima, e parece fazer uma pergunta. Brown assente uma resposta e a leva embora. A princípio, ela não resiste, mas então — logo antes de os dois desaparecerem atrás de uma caçamba de lixo — tenta se libertar. Porém, ele ainda a segura firme pelo pulso quando eles desaparecem do alcance da câmera. Ele a matou menos de seis horas depois, de acordo com o legista do condado, mas, a julgar pelo horrível testemunho do seu corpo, aquelas horas devem ter parecido muito longas para a menininha, que nunca havia feito mal a ninguém. Elas devem ter parecido intermináveis.

Para além da janela aberta, O ar da manhã está coalhado de anjos, escreve Richard Wilbur em “O Amor nos Convoca às Coisas do Mundo”. Mas não, Richard. Não.

Eram apenas lençóis.

iv

Os Baumgarten partiram. Os cães dos Godfrey se despediram deles com seus latidos. Uma equipe de faxineiras profissionais foi até a casa que os Baumgarten haviam ocupado e deu-lhe uma boa limpeza. Os cães dos Godfrey as receberam (*e* se despediram delas) com seus latidos. O corpo de Tina Garibaldi foi encontrado em uma vala perto do campo de beisebol da Liga Juvenil do Wilk Park, nu da cintura para baixo e descartado como um saco de lixo. Sua mãe apareceu no Canal 6 gritando e arranhando o rosto. Os Kintner substituíram os Baumgarten. Os rapazes de Toledo vagaram a casa 39 e três senhoras simpáticas de Michigan se mudaram para lá. As senhoras riam bastante e juro que faziam *Urrú* quando eu ou Wireman chegávamos. Não faço ideia se elas usaram ou não o Wi-Fi recém-instalado da casa 39, porém, na primeira vez em que eu joguei Scrabble com elas, me deram almoço. Os cães dos Godfrey latiam incansavelmente quando as senhoras iam dar suas caminhadas à tarde. Um homem que trabalhava no lava a jato E-Z de Sarasota chamou a policia e disse que o cara na fita de Tina Garibaldi se parecia muito com um dos seus colegas de trabalho, um sujeito chamado George Brown, conhecido por todos como Candy. Candy Brown havia saído do

trabalho por volta das 14h30 na tarde do Dia dos Namorados, segundo o homem, e voltara apenas na manhã seguinte. Disse que não estava se sentindo bem. O lava a jato E-Z fica a apenas um quarteirão do Crossroads Mall. Dois dias depois do Dia dos Namorados, eu entrei na cozinha do *Palacio* encontrei Wireman com a cabeça jogada para trás, tremendo todo. Depois que os tremores passaram, ele me disse que estava bem. Quando eu disse que não parecia, ele me falou para guardar minhas opiniões para mim mesmo, em um tom ríspido que lhe era estranho. Eu levantei três dedos e perguntei quantos ele estava vendo. Ele disse três. Levantei dois e ele disse dois. Decidi — não sem receio — deixar passar. Mais uma vez. Afinal de contas, eu não era o guardião de Wireman. Pintei *Garota e Navio No. 2* e *No. 3*. No quadro *No.* 2, a criança no barco a remo usava o vestido azul de bolinhas de Reba, porém eu tinha quase certeza de que ainda era Ilse. E no *No. 3* não havia dúvida. Seu cabelo havia retornado à bela cor de milho que eu me recordava daquela época, e ela usava uma blusa de marinheiro com arabescos azuis bordados no colarinho da qual eu tinha motivo para me lembrar muito bem: ela a usara no domingo em que tinha caído da macieira no nosso quintal dos fundos e quebrado o braço. No quadro *No.* 3, o navio estava um pouco virado e eu conseguia ver as primeiras letras do seu nome pintadas na proa com tinta descascada: *PER*. Não fazia ideia do que poderia ser o resto. Aquela também foi a primeira pintura com o lança-arpão de John Eastlake. Ele jazia, carregado, em um dos assentos do barco a remo. No dia 18 de fevereiro, um amigo de Jack apareceu para ajudar na reforma de alguma das casas para locação. Os cães dos Godfrey latiram em bando para ele, convidando-o a aparecer sempre que estivesse a fim de perder um naco da bunda vestida de jeans de cantor de hip-hop. A polícia interrogou a mulher de Candy Brown (ela também o chamava de Candy, todos o chamavam de Candy, ele provavelmente pediu que Tina Garibaldi o chamasse de Candy antes de torturá-la e matá-la) sobre o seu paradeiro na tarde do Dia dos Namorados. Ela disse que ele poderia até ter passado mal, mas não em casa. Só havia chegado por volta das oito da noite naquele dia. Falou também que ele lhe dera uma caixa de chocolates. Acrescentou que ele era um amor com esse tipo de coisa. No dia 21 de fevereiro, o pessoal da música country pegou seu carro esporte e arrastou a bunda de volta para o Norte, de onde tinham vindo. Ninguém se mudou para a casa deles. Wireman afirmou que aquilo sinalizava a mudança no fluxo das aves migratórias. Disse também que ele sempre mudava mais cedo em Duma Key, que não tinha nenhum restaurante ou atração turística (nem uma fazenda de jacarés que fosse!). Os cães dos Godfrey latiam sem parar, como se proclamassem que o fluxo dos turistas de inverno poderia ter mudado, mas estava longe de acabar. No mesmo dia em que os arrastadores de bunda deixaram Duma, a polícia bateu à porta da casa de Candy Brown em Sarasota com um mandado de busca. No dia seguinte as três senhoras da casa 39 me serviram almoço novamente durante a partida de Scrabble; não cheguei *nem perto* de conseguir a pontuação tripla, mas aprendi que *qiviut é* uma palavra. Quando voltei para casa e liguei a tevê, o Canal 6 exibia seu logo de NOTÍCIAS DE ÚLTIMA HORA, que diz Toda a Costa da Flórida, o Tempo Todo. Candy Brown tinha sido preso. De acordo com "fontes próximas à investigação", dos itens apreendidos na busca na casa de Brown, dois tinham sido roupas de baixo, uma delas manchada de sangue. O teste de DNA seria feito, naturalmente, em seguida. Candy Brown não esperou. De acordo com o jornal do dia seguinte, ele teria dito à polícia: "Eu fiquei doidão e fiz uma coisa terrível." Foi isso que li enquanto bebia meu suco matinal.

Acima da matéria, havia A Foto, àquela altura tão familiar para mim quanto a imagem de Kennedy levando um tiro em Dallas. A Foto mostrava Candy com a mão agarrada ao punho de Tina Garibaldi, que o encarava com o rosto virado para cima e um olhar interrogativo. O telefone tocou. Eu o tirei do gancho sem olhar e disse alô. Estava com a cabeça em Tina Garibaldi. Era Wireman. Ele me perguntou se eu poderia dar um pulo na casa. Eu falei que sim, claro, comecei a me despedir e, então, notei que estava ouvindo algo — não na sua voz, mas algo subliminar —- que estava muito longe de ser normal. Perguntei-lhe qual era o problema.

— Parece que eu fiquei cego do meu olho esquerdo, *muchacho.*

Ele deu uma risadinha. Era um som estranho, perdido.

— Eu sabia que estava para acontecer, mas não deixa de ser um choque. Acho que vamos todos nos sentir assim quando acordarmos m-m... — Ele deu um suspiro tremulante. — Você pode vir? Eu tentei chamar Annmarie, da Bay Area Private Nursing, mas ela está atendendo a uma chamada e... você pode vir, Edgar? Por favor?

— Já estou chegando. Aguente firme, Wireman. Fique onde está e aguente firme.

V

Há semanas que eu não tinha problemas com a minha própria vista. O acidente danificara um pouco minha visão periférica e eu tendia a me virar para a esquerda para ver coisas que antes percebia com facilidade se olhasse direto para a frente, mas, fora isso, estava bem no quesito visão. Enquanto me encaminhava para o meu impessoal Chevy alugado, perguntei a mim mesmo como me sentiria se aquela vermelhidão sanguinolenta voltasse a se alastrar por cima das coisas novamente... ou se acordasse uma bela manhã com nada além de um buraco negro em um dos lados do meu mundo. Aquilo me fez imaginar como Wireman pôde ter conseguido rir. Ainda que só um pouquinho.

Estava com a mão na maçaneta do Malibu quando me lembrei dele falando que Annmarie Whistler, a pessoa com quem contava para ficar com Elizabeth quando tinha que sair pelo tempo que fosse, estava atendendo a uma chamada. Voltei correndo para casa e liguei para o celular de Jack, rezando para ele atender e poder vir. Ele atendeu, e podia. Ponto para o time da casa.

vi

Saí da ilha dirigindo pela primeira vez naquela manhã, e perdi esse cabaço em grande estilo, me juntando ao engarrafamento no sentido norte da Tamiami Trail. Nosso destino era o Sarasota Memorial Hospital. Essa foi a recomendação do médico de Elizabeth, para o qual liguei apesar dos débeis protestos de Wireman. E, no caminho, ele ficou me perguntando se *eu*

estava certo de que conseguiria fazer aquilo, se não era melhor ter deixado Jack levá-lo para eu poder ficar com Elizabeth.

— Eu estou bem — falei.

— Ora, você me parece apavorado. Isso eu consigo ver. — Seu olho direito se movera na minha direção. O esquerdo tentou segui-lo, mas sem muito sucesso. Estava injetado, ligeiramente virado cima e acumulando lágrimas indiferentes. — Você vai perder a cabeça *muchacho*?

— Não. Além disso, você ouviu Elizabeth. Se não tivesse ido por conta própria, ela teria pegado uma vassoura e expulsado você na base da pancada.

Wireman não quis que a "srta. Eastlake" soubesse que havia algo de errado com ele, porém ela havia entrado na cozinha com seu andador e ouvido parte da nossa conversa. E, além do mais, tinha um pouco do mesmo que Wireman tinha. Não era algo que admitíssemos, mas estava lá.

— Se eles quiserem interná-lo... — comecei a falar.

— Ah, eles vão querer, é uma porra de um reflexo condicionado deles, mas não vou deixar. Se pudessem dar um jeito, seria outra conversa. Só estou indo porque Hadlock talvez possa me dizer que isto não é um estrago permanente, mas só um defeito temporário no radar. — Ele abriu um sorriso fraco.

— Wireman, qual o problema com você?

— Tudo no seu tempo, *muchacho*. O que você anda pintando ultimamente?

— Isso não importa agora.

— Minha nossa — disse Wireman —, parece que eu não sou o único cansado de perguntas. Você sabia que, durante os meses de inverno, um em cada quarenta usuários constantes da Tamiami Trail sofre um acidente de trânsito? É verdade. E, de acordo com algo que eu escutei no noticiário um dia desses, as chances de um asteroide do tamanho do Planetário de Houston atingir a Terra são na verdade maiores do que as de...

Estendi a mão em direção ao rádio e falei:

— Por que não ouvimos uma música?

— Boa ideia — disse ele. — Mas nada de country.

Por um instante não entendi, mas então me lembrei dos recém-partidos arrastadores de bunda. Encontrei a estação de rock mais barulhenta e idiota da região, que se autointitula The Bone. Nela, Nazareth errava “Hair of the Dog”.

— Ah rock-and-roll de vomitar em cima dos próprios sapatos — disse Wireman. — Agora sim, *mi hijo.*

vii

Aquele foi um longo dia. Sempre que você deita seu corpinho na esteira rolante da medicina moderna — especialmente da maneira como ela é praticada em uma cidade repleta de turistas de inverno idosos e muitas vezes doentes — tem que se preparar para um longo dia. Eles realmente quiseram internar Wireman. Ele se recusou.

Passei a maior parte do tempo no purgatório daquelas salas de espera, onde as revistas são antigas, as almofadas das poltronas são finas e a tevê está sempre parafusada no alto de um canto. Fiquei sentado ali, ouvindo as conversas preocupadas competirem com o ramerrame da televisão e, de vez em quando, ia para uma das áreas onde telefones celulares eram permitidos e usava o de Wireman para ligar para Jack. Ela estava bem? Estava ótima. Eles estavam jogando ludo. Depois, reordenando a Cidade de Porcelana. Na terceira vez, comiam sanduíches e assistiam ao programa da Oprah. Na quarta, ela estava dormindo.

— Diga a Wireman que ela foi ao banheiro todas as vezes — disse Jack. — Até agora.

Eu disse. Wireman ficou feliz em saber. E a esteira rolante se arrastava lentamente.

Três salas de espera, uma na entrada da Clínica Geral, onde Wireman se recusou até mesmo a aceitar uma prancheta com um formulário — possivelmente porque não conseguia lê-lo (eu preenchi as informações necessárias) —, outra na entrada da Ala de Neurologia, onde conheci tanto Gene Hadlock, o médico de Elizabeth, quanto um sujeito pálido, de cavanhaque, chamado Herbert Principe. O dr. Hadlock afirmava que Principe era o melhor neurologista de Sarasota. Principe não negou, nem disse "bobagem". A última sala de espera ficava no segundo piso, lar dos Aparelhos Grandes e Extravagantes. Ali, Wireman foi levado não para a Ressonância Magnética, um processo que eu conhecia muito bem, mas sim para tirar radiografias no final do corredor em uma sala que eu imaginava estar empoeirada e negligenciada, em nossa era moderna. Wireman me pediu para segurar sua medalha de Virgem Maria e eu fiquei sozinho, me perguntando por que o melhor neurocirurgião de Sarasota recorreria a uma tecnologia tão ultrapassada. Ninguém se deu o trabalho de me esclarecer aquilo.

As televisões em todas as três salas de espera estavam ligadas Canal 6, onde fui submetido, repetidas vezes, à Foto: Candy Brown com sua mão agarrada ao punho de Tina Garibaldi, que o encarava com o rosto virado para cima, congelado numa expressão terrível, pois qual quer um que tivesse sido criado em um lar ao menos um pouco decente sabia, no seu íntimo, exatamente o que ela significava. Você dizia a seus filhos para terem cuidado, *muito* cuidado, que estranhos podem ser perigosos — e talvez eles até acreditassem —, mas crianças vindas de lares seguros também crescem acreditando que, para elas, a segurança é um direito de nascença. Então, aqueles olhos diziam: *Claro, senhor, diga-me o que eu devo fazer*. Aqueles olhos diziam: *O senhor é o adulto, eu sou a criança, então me diga o que quer*. Aqueles olhos diziam: *Fui criada para respeitar os mais velhos*. E, acima de tudo, e era isso que acabava com você, aqueles olhos diziam: *Ninguém nunca me machucou antes*.

Não acho que aquela cobertura interminável e circular e a repetição quase constante da Foto tenham sido responsáveis por tudo o que aconteceu em seguida, mas, se você me perguntar se teve o seu papel... eu diria que sim.

Sem dúvida.

viii

Já era noite quando finalmente tirei o carro do estacionamento e peguei o sentido sul na Trail, me encaminhando de volta para Duma. A princípio, mal pensei em Wireman; estava completamente concentrado em dirigir, de alguma forma convencido de que, daquela vez, minha sorte acabaria e eu sofreria um acidente. Assim que ultrapassei as saídas para Siesta Key e o tráfego diminuiu um pouco, comecei a relaxar. Quando chegamos ao Crossroads Mali, Wireman disse:

— Estacione.

— Está precisando de alguma coisa da Gap? Da Joe Boxers? De algumas camisas com

bolso na frente?

— Não seja engraçadinho. Pare debaixo de um poste.

Eu estacionei debaixo de um dos postes e desliguei o motor. Achei o lugar ligeiramente sinistro, embora mais da metade do estacionamento estivesse cheia e eu soubesse que Candy Brown tinha pegado Tina Garibaldi do outro lado, na área de carga e descarga.

— Acho que posso contar isso uma vez — disse Wireman. — E você merece ouvir. Porque tem sido bom comigo. E tem sido bom *para* mim.

— Posso dizer o mesmo, Wireman.

Suas mãos estavam descansando sobre uma pasta cinza fina que ele trouxera consigo do hospital. Seu nome estava na etiqueta. Ele levantou um dedo de cima dela para me calar sem olhar para mim — olhava direto para a frente, para a loja de departamentos Bealls que ancorava aquela extremidade do shopping.

— Quero colocar tudo pra fora de uma vez só. Por você, tudo bem?

— Claro.

— Minha história é como... — Ele se virou para mim, subitamente animado. Seu olho esquerdo estava vermelho-vivo e lacrimejava sem parar, mas pelo menos estava apontando para mim junto com o outro. — *Muchacho,* você já leu alguma daquelas matérias sobre um sujeito ganhando 200 ou 300 milhões de dólares no Powerball, aquele *game show* que passa na tevê?

— Quem nunca leu?

— Eles levam o sujeito para o palco, lhe dão um cheque de cartolina enorme, e ele fala alguma coisa quase sempre sem sentido, o que não tem problema, pois, numa situação dessas, a *intenção* é essa mesma. Porque acertar todos aqueles números é loucura. Um absurdo. Numa atuação dessas, o melhor que você pode fazer é falar "Eu vou pra Disneylândia, porra!". Está me acompanhando até aqui?

— Até aqui, sim.

Wireman voltou a estudar as pessoas que saíam e entravam da Bealls, atrás da qual Tina Garibaldi conhecera Candy Brown para sua agonia e tristeza.

— Eu ganhei *la loteria,* também. Só que não no bom sentido. Na verdade, eu diria que foi no pior sentido do mundo. Na minha outra vida, eu exercia minha profissão de advogado em Omaha. Trabalhei para uma firma chamada Fineham, Dooling e Allen. Os engraçadinhos, dos quais eu achava fazer parte, às vezes a chamavam de Finitus, Fudidus e Falidus. Na verdade, era uma ótima empresa, honestíssima. Fazíamos bons negócios e eu tinha um bom cargo. Era

solteiro e, na época — eu tinha 37 anos —, achava que provavelmente aquela era minha sina. Então, o circo chegou à cidade, Edgar. Digo, um circo de verdade com grandes felinos e equilibristas. A maioria dos artistas vinha de outros países, como era de se esperar. A trupe de acrobatas e suas famílias eram mexicanas. Uma das contadoras do circo, Julia Tavares, também era. Além de cuidar da contabilidade, ela servia de tradutora para os trapezistas.

Ele pronunciou seu nome com um sotaque hispânico — *Hulia.*

— Eu não fui ao circo. Wireman vai de vez em quando a um show de rock; não frequenta circos. Mas é aí que entra a loteria novamente. Mais ou menos de dois em dois dias, os funcionários administrativos do circo tiravam papeizinhos de um chapéu para ver quem iria sair para comprar os lanches do escritório: batatas, pastinhas, café, refrigerantes. Um dia em Omaha, Julia pegou o papelzinho marcado. Enquanto andava de volta pelo estacionamento do supermercado até a van, um caminhão de hortifrutigranjeiros que estava vindo estacionar em alta velocidade bateu em uma fileira de carrinhos de compras; sabe como eles empilham aqueles negócios, não sabe?

— Sei.

— O.k. Bum! Os carrinhos rolam uns 10 metros, atingem Julia e quebram a perna dela. Ela foi pega de surpresa, não teve chance de desviar. Calhou de haver um policial por perto e ele a ouviu gritando. Chamou uma ambulância. Também fez o teste do bafômetro no motorista do caminhão. Ele acusou 0,7g/l.

— Isso é ruim?

— Sim, *muchacho*. Em Nebraska, com 0,7g/l não tem conversa, você já está de pileque. Julia, a conselho do médico que a atendeu na Emergência, nos procurou. Havia 35 advogados na Finitus, Fudidus e Falidus na época, e o caso de lesões corporais dela poderia ter acabado com 15 deles. Caiu na minha mão. Está vendo os números começarem a se encaixar?

— Estou.

— Eu fiz mais do que representá-la; me casei com ela. Ela ganha o processo e uma bolada. O circo vai embora da cidade, como eles costumam fazer, mas com uma contadora a menos. Preciso lhe dizer que éramos muito apaixonados?

— Não — falei. — Eu percebo toda vez que você diz o nome dela.

— Obrigado, Edgar. Obrigado. — Ele ficou sentado ali com a cabeça curvada e as mãos sobre a pasta. Então, puxou uma carteira surrada e gorda do bolso de trás da calça. Não fazia ideia de como ele aguentava ficar sentado em um pedregulho daqueles. Ele folheou as janelinhas para fotografias e documentos importantes, então parou e tirou a foto de uma mulher de cabelos e olhos negros usando uma blusa branca sem manga. Parecia ter uns 30 anos. Era estonteante.

— *Mi Julia* — disse ele. Fiz menção de lhe devolver a foto e ele balançou a cabeça. Estava escolhendo outra fotografia. Tive medo de vê-la. Ainda assim, peguei-a quando ele a entregou para mim.

Era Julia Wireman em miniatura. O mesmo cabelo preto, moldando o mesmo rosto branco, perfeito. Aqueles mesmos olhos negros solenes.

— Esmeralda — disse Wireman. — A outra metade do meu coração.

— Esmeralda — falei. Pensei que os olhos que me encaravam naquela fotografia e os que se erguiam para Candy Brown na Foto eram quase os mesmos. Porém, talvez os olhos de todas as crianças sejam iguais. Meu braço começou a coçar. O que tinha sido queimado em um incinerador hospitalar. Fui coçá-lo e acertei as costelas. Até aí, nada de novo.

Wireman pegou as fotos de volta, beijou ambas com um ardor breve e seco que era terrível de se ver e as devolveu para suas capinhas de plástico. Demorou um pouco para conseguir, pois suas mãos haviam começado a tremer. E imagino que estivesse com dificuldades para enxergar.

— Na verdade, você nem precisa ficar observando aqueles velhos números, *amigo.* Se fechar os olhos, consegue ouvi-los se encaixando nas casas. *Clique, clique, clique.* Tem gente que tira a sorte grande. *Bingo!* — Ele estalou a língua contra o céu da boca. Dentro do pequeno sedã, o som foi surpreendentemente alto.

— Quando Ez estava com 3 anos, Julia passou a trabalhar durante meio expediente em uma organização chamada Work Fair, Soluções para Imigrantes, no centro de Omaha. Ela ajudava hispânicos com ou sem visto a arranjarem emprego e a colocar os imigrantes ilegais que queriam cidadania no caminho certo. Era uma organização pequena, discreta mas que, na prática, fazia muito mais bem do que todas as marchas e protestos que a gente vê por aí. Na humilde opinião de Wireman.

Ele pressionou as mãos contra os olhos e deu uma inspirada funda trêmula. Então, deixou as palmas abertas caírem sobre a pasta com um baque.

— Quando aconteceu, eu estava em Kansas City a trabalho. Julia passava as manhãs de segunda a quinta na Work Fair. Ez ia para uma creche. Das boas. Eu poderia ter processado e acabado com aquele lugar, tornado a dona uma mendiga, mas não fiz isso. Porque, mesmo sofrendo, entendi que o que aconteceu com Esmeralda poderia ter acontecido com a filha de qualquer um. É só *la loteria, entiendes*? Uma vez, nossa firma processou uma empresa de venezianas — não me envolvi pessoalmente no processo — quando um bebê que estava no berço pegou a corda de puxar, engoliu o negócio e morreu sufocado. Os pais ganharam e conseguiram uma indenização, mas o bebê deles continuou morto do mesmo jeito. E se não tivesse sido a corda, poderia ter sido alguma outra coisa. Um carrinho de brinquedo. A etiqueta da coleira do cachorro. Uma bolinha de gude. — Wireman deu de ombros. — No caso de Ez, foi a bolinha de gude. Ela a empurrou goela abaixo enquanto brincava e morreu sufocada.

— Meu Deus, Wireman! Sinto muito!

— Ela ainda estava viva quando chegou ao hospital. A mulher da creche ligou tanto para o trabalho de Julia quanto para o meu. Estava histérica, falando como uma louca. Julia saiu chorando da Work Fair, entrou no carro e fez miséria ao volante. A três quarteirões do hospital bateu de frente com um caminhão da construção civil. Morreu na hora. Àquela altura, nossa filha provavelmente já estava morta há vinte minutos. A medalha da Virgem Maria que você segurou para mim... era de Julia.

Wireman ficou calado, e o silêncio se estendeu. Não o quebrei; não se pode acrescentar nada a uma história dessas. Algum tempo depois, ele prosseguiu.

— É só mais uma versão do Powerball. Cinco números, mais aquele importantíssimo Número de Bônus. Clique, clique, clique, clique, clique. E então *claque,* para completar. Se eu pensei que uma coisa dessas podia acontecer comigo? Não, *muchacho,* nem nos meus sonhos mais loucos, e Deus nos pune pelo que não podemos imaginar. Mamãe e papai me imploraram que eu fosse me consultar com um psiquiatra e, por algum tempo, até oito meses depois dos funerais, eu fui. Estava cansado de flutuar pelo mundo como um balão amarrado a um metro da minha própria cabeça.

— Conheço a sensação — falei.

— Sei que você conhece. Nós demos entrada no inferno em turnos diferentes, eu e você. E voltamos, imagino eu, embora meus calcanhares ainda estejam soltando fumaça. E os seus?

— Também.

— O psiquiatra... era um bom sujeito, mas eu não conseguia falar com ele. Ficava mudo. Na frente dele, eu me via sorrindo o tempo todo. Esperava que uma belezinha de maio surgisse com meu cheque de cartolina gigante. A plateia o veria e começaria a aplaudir. E, com o tempo, ele *veio.* Quando nos casamos, eu fiz um seguro de vida conjunto. Quando Ez nasceu, apliquei mais dinheiro nele. Então eu ganhei mesmo *la loteria.* Principalmente se você acrescentar a indenização que Julia recebeu do acidente no estacionamento do supermercado. O que nos leva a isto aqui.

Ele ergueu a pasta cinza fina.

— O pensamento do suicídio ficou rondando lá fora, se aproximando cada vez mais. O primeiro atrativo foi a ideia de que Julia e Esmeralda também pudessem estar lá, me esperando chegar... mas que talvez não esperassem para sempre. Não sou um homem religioso, convencionalmente falando, mas acho que existe pelo menos uma chance de que *haja* vida após a morte e de que sobrevivamos... você sabe, a nós mesmos. Mas é claro que... — Um sorriso gélido roçou os cantos da sua boca. — No geral eu estava só deprimido. Tinha uma arma no meu cofre. Uma calibre 22. Comprei para proteger a casa depois que Esmeralda nasceu. Uma noite, me sentei com ela à mesa de jantar e... acho que você já deve conhecer essa parte da história, *muchacho.*

Levantei a mão e a balancei em um gesto de talvez *si,* talvez *no*

— Me sentei à mesa de jantar na minha casa vazia. Havia bandeja de frutas ali, cortesia do sujeito que eu tinha contratado para fazer as compras para mim. Coloquei a arma na mesa e então fechei olhos. Girei a bandeja de frutas duas ou três vezes. Disse a mim mesmo que, se pegasse uma maçã de dentro dela, encostaria a arma na minha têmpora e me mataria. Mas se fosse uma laranja... eu pegaria o meu prêmio da loteria e iria para a Disneylândia.

— Você conseguia ouvir o som do refrigerador — falei.

— Isso mesmo — disse ele, sem surpresa. — Eu conseguia escutar a geladeira... tanto o zumbido do motor quanto os estalos do freezer. Estendi a mão e peguei uma maçã.

— Você trapaceou?

Wireman sorriu.

— É uma pergunta justa. Se você está perguntando se eu olhei, a resposta é não. Mas se está perguntando se eu memorizei a disposição das frutas na bandeja... — Ele deu de ombros. — *Quién sabe?* Seja como for, peguei uma maçã: com a queda de Adão, pecamos todos nós.[11] Eu não precisei mordê-la ou cheirá-la; consegui reconhecê-la pela casca. Então, sem abrir os olhos — ou dar a mim mesmo qualquer-chance de pensar —, apanhei a arma e a encostei contra minha têmpora. — Ele fez o gesto com a mão que eu não tinha mais, dobrando o polegar e colocando o indicador sobre a pequena cicatriz circular que seu cabelo longo e grisalho geralmente escondia. — Meu último pensamento foi: "Pelo menos não terei mais que ouvir aquela geladeira, ou comer mais um empadão *gourmet* que está dentro dela." Não me lembro de nenhum estampido. Mesmo assim, o mundo inteiro ficou branco, e aquele foi o fim da outra vida de Wireman. Agora... você quer saber da parte alucinógena?

— Sim, por favor.

— Quer ver se ela combina com a sua, não é?

— É. — E uma pergunta me veio à cabeça. Uma que talvez fosse um pouco importante. — Wireman, você teve algum desses acessos telepáticos... recepções estranhas... seja lá como você chama... antes de vir para Duma Key? — Estava pensando no cachorro de Mónica Goldstein, Gandalf, e em como eu parecia tê-lo esganado com um braço que não estava mais la.

— Sim, umas duas ou três vezes — disse ele. — Talvez eu lhe conte a respeito disso

outra hora, Edgar, mas não quero deixar Jack tempo demais com a srta. Eastlake. Independente de qualquer outra coisa, ela deve estar preocupada comigo. É um amor de pessoa.

Eu poderia ter dito que Jack — de certa forma, também um amor de pessoa — provavelmente também estaria preocupado, mas, em vez disso, pedi que ele prosseguisse.

— Muitas vezes eu percebo uma vermelhidão em você, *muchacho* — disse Wireman. — Não acho que seja exatamente uma aura, e também não é exatamente um pensamento... só de vez em quando. Eu a recebi de você tanto na forma de uma palavra quanto na forma de uma cor umas três ou quatro vezes. E, sim, uma delas aconteceu fora de Duma Key. Quando nós estávamos na Scoto.

— Quando eu fiquei tentando lembrar uma palavra.

— Você ficou? Não me lembro.

— Nem eu, mas tenho certeza de que foi isso. *Vermelho* é uma técnica mnemônica para mim. Um gatilho. Vem de uma música de Reba McEntyre, por incrível que pareça. Eu descobri quase por acaso. E acho que tem outra coisa. Quando me esqueço das coisas, eu tendo a ficar... você sabe...

— Meio puto?

Pensei em como eu havia agarrado Pam pela garganta. E em como tentara estrangulá-la.

— É. — falei. — Podemos dizer que sim.

— Ah.

— Enfim, imagino que o vermelho deve ter vazado e manchado minha... indumentária mental? É assim que acontece?

— Por aí. E sempre que eu percebo isso ao seu redor, *dentro* de você, eu penso em quando acordei depois de enfiar uma bala na minha têmpora e vi que o mundo inteiro estava vermelho-escuro. Achei que estava no inferno e que ele seria daquele jeito: uma eternidade do profundo escarlate. — Ele fez uma pausa. — Então percebi que era apenas a maçã. Ela estava bem na minha frente, a uns dois centímetro dos meus olhos. Caída no chão junto comigo.

— Que diabo — falei.

— É, foi o que *eu* pensei, mas não era o diabo, era só uma maçã. "Com a queda de Adão, pecamos todos nós", eu falei em voz alta. E então disse: "Bandeja de frutas." Me lembro de tudo o que aconteceu e de tudo o que foi dito durante as 96 horas seguintes com perfeita clareza. De cada detalhe. — Ele riu. — É claro que sei que algumas das minhas recordações não são reais, mas, ainda assim, me lembro delas com uma precisão cristalina. Até hoje, nenhum interrogatório cruzado poderia me derrubar, nem mesmo no que diz respeito às baratas cobertas de pus que eu vi saindo dos olhos, boca e narinas do velho Jack Fineham.

“Eu tive uma dor de cabeça das brabas, mas, no geral, depois que superei o choque do close da maçã, me senti muito bem. Eram quatro da manhã. Tinham se passado seis horas. Eu estava deitado em uma poça de sangue coagulado. Ele estava incrustado na minha bochecha direita como geleia. Me lembro de sentar e dizer: ‘Eu sou um dândi em *aspic’*,[12] tentando me lembrar se *aspic* era algum tipo de gelatina. Então falei: ‘Não tinha gelatina na bandeja de frutas.’ E dizer aquilo me parecia tão racional que era como passar em um teste de sanidade: Comecei a duvidar que tivesse dado um tiro em mim mesmo. Parecia mais provável que eu tivesse pegado no sono na mesa da sala de jantar apenas *pensando* em fazer isso, caído da cadeira e batido com a cabeça. Daí o sangue. Na verdade, me parecia quase certo, levando-se em conta que eu estava me movendo e falando. Disse a mim mesmo para falar outra coisa. O nome da minha mãe. Em vez disso, falei: ‘Quando sai espiga do chão, o senhorio logo vem meter a mão.’ ”

Eu assenti, empolgado. Tivera experiências semelhantes, não só uma, mas inúmeras vezes, depois de acordar do coma. Senta na *amiga,* senta na *colega.*

— Você ficou nervoso?

— Não, fiquei tranquilo. Aliviado! Podia aceitar um pouco de desorientação depois de bater com a cabeça. Só aí notei a arma no chão. Eu a apanhei e cheirei a boca. O cheiro de uma pistola recém-disparada fundível. Ele é acre, parece que tem garras. Ainda assim, continuei acreditando que tinha caído no sono e batido com a cabeça até chegar ao banheiro e ver o buraco na minha têmpora. Um buraquinho redondo com uma coroa de marcas de queimadura em volta.

Ele riu novamente, do jeito como as pessoas riem quando se lembram de alguma burrada maluca que fizeram, como se esquecer de abrir a porta da garagem e acabar batendo nela de

ré, por exemplo.

— Foi então que eu ouvi o último número se encaixando, Edgar; o número premiado! E soube que iria para a Disneylândia, no fim das contas.

— Ou algo parecido — falei. — Meu Deus, Wireman.

— Eu tentei limpar as marcas de queimadura, mas fazer pressão nelas com uma toalha de rosto doía muito. Era como dar uma mordida com um dente podre.

De repente, compreendi por que eles o levaram para tirar radiografias em vez de enfiá-lo em uma máquina de ressonância magnética. A bala ainda estava na sua cabeça.

— Wireman, posso lhe fazer uma pergunta?

— Pode.

— Os nervos óticos da gente ficam... sei lá... ao contrário?

— Isso mesmo.

— Então é por isso que o seu olho *esquerdo* é que é todo fodido. É como... — Por um instante, a palavra não quis vir e eu cerrei os punhos. Então, ela surgiu. — É como um contragolpe.

— É acho que sim. Eu dei um tiro no lado direito da minha cabeça idiota, mas o meu olho esquerdo é que é todo fodido. Tapei o buraco com um Band-Aid. E tomei aspirina.

Eu ri. Não pude evitar. Wireman abriu um sorriso e assentiu.

— Depois, fui para a cama e tentei dormir. Era como se estivesse tentando pegar no sono no meio de uma banda de metais. Não preguei os olhos por quatro dias. Tinha a sensação de que nunca mais conseguiria dormir. Minha mente estava a seis mil quilômetros por hora. Aquilo fazia cocaína parecer Xanax. Não conseguia nem ficar parado por muito tempo. Aguentava vinte minutos, então saltava de pé e colocava um disco de *mariachi.* Eram cinco e meia da manhã. Passei trinta minutos na bicicleta ergométrica, pela primeira vez desde que Julia e Ez tinham morrido, tomei um banho e fui trabalhar.

“Nos três dias seguintes, eu fui um pássaro, um avião, o Superadvogado. Meus colegas primeiro ficaram preocupados comigo, depois passaram a temer por mim e, finalmente, começaram a temer por eles mesmos. Os *non sequiturs* estavam piorando, assim como minha tendência a cair tanto em um espanhol misturado quanto em uma espécie de francês estilo Pepe Le Gambá. Mas ninguém pode negar que eu movi uma montanha de papel durante aqueles dias; e quase nada voltou para a firma. Eu conferi. Os sócios nos escritórios com vista dupla e os advogados nas trincheiras estavam unidos na crença de que eu estava tendo um colapso nervoso e, de certa forma, tinham razão. Era um colapso nervoso *orgânico.* Várias pessoas

tentaram me convencer a voltar para casa, sem sucesso. Dion Knightly, um dos meus bons amigos de lá, só faltou me implorar para que eu o deixasse me levar ao médico. Sabe o que eu falei para ele?”

Balancei a cabeça.

— “Milho cultivado, negócio quase fechado.” Eu me lembro perfeitamente! E então saí andando. Só que estava quase aos pulos. Andar era lento demais para Wireman. Emendei duas noites seguidas. Na terceira, o segurança me conduziu, protestando, para fora do recinto. Eu lhe informei que um pênis ereto tem um milhão de vasos capilares, mas nenhum escrúpulo. Também o chamei de um dândi em *aspic* e disse que o pai dele o odiava. — Ele baixou os olhos pensativamente para a pasta por um instante. — Acho que o que falei sobre seu pai mexeu com ele. Na verdade, tenho certeza. — Ele cutucou a cicatriz em sua têmpora. — Recepção estranha, *amigo*. Recepção estranha.

“No dia seguinte, fui chamado à sala de Jack Fineham, o grande rajá do nosso reino. Me mandaram tirar uma licença. Não pediram, mandaram. Jack acreditava que eu tinha voltado cedo demais após ‘minha lamentável tragédia familiar’. Eu lhe disse que aquilo era bobagens que eu não havia passado por nenhuma tragédia familiar. ‘Digamos apenas que minha mulher e minha filha comeram uma maçã podre’, falei. ‘Digamos isso, ó grisalho líder, pois de fato ela estava repleta de karvas mortais.’ Foi então que as baratas começaram a sair dos seus olhos e nariz. E duas apareceram debaixo da sua língua, derramando espuma branca pelo queixo dele enquanto desciam pelo seu lábio inferior.

“Eu comecei a gritar. E fui para cima dele. Se não fosse pelo botão de alarme na mesa (eu nem sabia que aquele velho paranóico tinha um), eu poderia ter matado o sujeito. Além disso, era impressionante como ele corria rápido. Digo, ele *disparou* pelo escritório, Edgar. Deve ser por causa de todos aqueles anos de tênis e golfe.”

Ele remoeu aquilo por um instante.

— Ainda assim, eu tinha tanto a loucura quanto a juventude a meu favor. Quando o bando invadiu a sala, eu já estava com as mãos nele. Foi preciso meia dúzia de advogados para me arrancar de cima do cara, e eu rasguei o casaco do terno Paul Stuart dele em dois. De cima a baixo, bem no meio das costas. — Ele balançou a cabeça lentamente. — Você precisava ouvir aquele *hijo de puta* gritando. E precisava ter *me* ouvido. Foi a coisa mais louca que você pode imaginar, incluindo acusações, berradas a plenos pulmões sobre a preferência de Jack por roupas de baixo femininas. E, como o negócio sobre o pai do segurança, acho que pode muito bem ter sido verdade. Engraçado, não? E, independente de estar louco ou não, ou de ter uma valiosa mente jurídica, aquele foi o fim da minha carreira na Finitus, Fudidus e Falidus.

— Sinto muito — falei.

— *De nada,* foi melhor assim — disse ele, sério. — Enquanto os advogados brigavam para me tirar do escritório, que, aliás, estava destruído, eu tive um ataque. O maior *dos grand mals.* Se não fosse por um assistente que tinha algum treinamento médico, eu poderia ter morrido ali mesmo. Mesmo assim, fiquei três dias apagado. E, de qualquer forma, eu bem que precisava dormir. Então, agora...

Ele abriu a pasta e me entregou três radiografias. Não eram tão boas quanto às fatias corticais produzidas por uma ressonância magnética, mas eu, como leigo esclarecido, entendia o que estava vendo graças à minha própria experiência.

— Aí está, Edgar, algo que muitos afirmam não existir: o cérebro de um advogado. Você também tem fotografias como essas?

— Vamos colocar da seguinte forma: se eu quisesse fazer um álbum...

Ele sorriu.

— Mas quem iria querer um álbum com fotos assim? Está vendo a bala?

— Estou. Você deve ter segurado a arma... — Eu ergui a mão, dobrando o dedo em um ângulo bastante inclinado para baixo.

— Foi por aí. E o disparo só pode ter falhado um pouco. Ele teve força o suficiente para fazer a bala atravessar meu crânio e desviá-la para baixo a um ângulo ainda mais pronunciado. Ela se enfiou no meu cérebro e parou lá dentro. Mas, antes disso, produziu uma espécie de... sei lá...

— Onda de proa?

Os olhos dele se iluminaram.

— Exatamente! Só que a textura do cérebro está mais para fígado de bezerro do que para

água.

— Eeeeca. Que maravilha.

— Eu sei. Wireman sabe ser eloquente, ele admite. A bala produziu uma onda de proa para baixo que causou um edema e pressão no quiasma ótico. Este é o ponto de interseção visual do cérebro. Você está percebendo a beleza da coisa? Eu dei um tiro na minha têmpora e não só continuei vivo, como a bala acabou causando problemas no aparelho localizado *aqui* atrás. — Ele cutucou o pedaço de osso acima da orelha direita. — E os problemas estão piorando, pois a bala está se movendo. Ela entrou pelo menos mais meio centímetro de dois anos para cá. Provavelmente mais. Não preciso de Hadlock ou Príncipe para saber disso; dá para ver nas próprias imagens.

— Então deixe que eles operem você e retirem a bala, Wireman. Jack e eu vamos garantir que Elizabeth fique bem até você voltar à... — Ele estava balançado a cabeça. — Não? Por que não?

— Ela já afundou demais para cirurgia, *amigo.* É por isso que não deixei que eles me internassem. Você achou que era porque eu tenho complexo de Homem de Marlboro? De jeito nenhum. Meus dias de *querer* estar morto já acabaram. Ainda sinto falta da minha mulher e da minha filha, mas agora tenho a srta. Eastlake para cuidar, e passei a amar a ilha. E tem você, Edgar. Quero saber como sua historia vai terminar. Se me arrependo do que fiz? Às vezes *si,* às vezes *no.* Quando é *si,* me lembro de que não era o mesmo homem que sou agora e que preciso dar um desconto para o meu velho eu. Aquele cara estava tão magoado e perdido que não pode ser responsabilizado. Esta é minha outra vida e eu tento encarar meus problemas nela como... bem... defeitos de nascença.

— Wireman, isso e bizarro.

— É? Pense na sua própria situação.

Pensei nela. Eu era um homem que tinha estrangulado a própria esposa e depois se esquecido do que fizera. Um homem que dormia com uma boneca na outra metade da cama. Decidi manter minhas opiniões para mim mesmo.

— O dr. Principe só quer me internar porque eu sou um caso interessante.

— Você não tem como saber isso.

— Mas eu *sei* — falou Wireman, com uma paixão contida. — Conheci pelo menos quatro Principes desde que fiz isso comigo mesmo. Eles são terrivelmente parecidos: brilhantes, mas indiferentes, incapazes de empatia; na verdade, a uma ou duas portas dos sociopatas sobre os quais John D. MacDonald costumava escrever. Principe não pode me operar assim como não poderia operar um paciente que apresenta um tumor maligno naquele mesmo local. Com um tumor, eles pelo menos podem tentar radiação. Uma bala de chumbo não responde a esse tipo de tratamento. Principe sabe disso, mas está fascinado. E não vê nada de errado em me dar um pouco de falsa esperança se ela me colocar numa cama de hospital em que ele possa me perguntar se dói quando faz... *isso.* E, depois, quando eu estiver morto, talvez a experiência ainda lhe renda um artigo. Então ele poderá ir para Cancún beber *sangria* na praia.

— Isso é cruel.

— Não tanto quanto os olhos daquele tal de Principe: *eles sim* são cruéis. Só de olhar dentro deles eu tenho vontade de sair correndo na direção oposta enquanto ainda posso. E foi exatamente o que eu fiz.

Eu balancei a cabeça e desisti do assunto.

— Então, quais são as perspectivas?

— Por que você não vai andando? Este lugar está começando a me dar arrepios. Acabei de notar que foi aqui que aquele maluco pegou a garotinha.

— Eu poderia ter lhe dito assim que nós chegamos. Talvez tenha sido melhor guardar a informação para você. — Ele bocejou. — Meu Deus, como estou cansado.

— É o estresse. — Olhei para os dois lados, então voltei para a Tamiami Trail. Ainda não conseguia acreditar que estava dirigindo, mas começava a gostar daquilo.

— As perspectivas não são exatamente promissoras. Estou falando de Doxepin e Zonegran o suficiente para derrubar um cavalo. Elas são drogas anticonvulsivas, e vêm funcionando muito bem, mas eu sabia que estava encrencado naquela noite em que jantamos no Zoria's. Tentei negar, mas você sabe o que dizem: a negação afogou o faraó e Moisés libertou os Filhos de Israel.

— Hã... acho que foi o mar Vermelho que fez isso. Existem outras drogas que você possa tomar? Que sejam mais fortes?

— Principe sem dúvida balançou seu bloco de receitas na minha direção, mas ele queria oferecer Neurontin e essa eu não vou nem tentar.

— Por causa do seu trabalho.

— Exato.

— Wireman, não vai adiantar nada para Elizabeth se você ficar cego feito um morcego.

Ele ficou um ou dois minutos sem responder. A estrada, praticamente deserta, se desenrolava diante dos meus faróis. Então, disse:

— Logo, a cegueira será o menor dos meus problemas.

Arrisquei olhar de esguelha para ele.

— Quer dizer que isso pode matar você?

— Sim. — Ele falou com uma falta de sentimentalismo muito convincente. — E Edgar?

— O quê?

— Antes que isso aconteça, e enquanto ainda tenho um olho bom para enxergar, eu gostaria de ver um pouco mais do seu trabalho. A srta. Eastlake também. Ela me pediu para lhe pedir isso. Pode usar o carro para levá-los até *El Palacio;* você me parece estar se saindo muito bem ao volante.

A saída para Duma Key estava logo à frente. Liguei a seta.

— Vou lhe dizer o que eu acho às vezes — falou ele. — Acho que essa maré de sorte maravilhosa que eu estou tendo vai ter que virar e correr na outra direção. Não há o menor motivo estatístico para eu pensar uma coisa *dessas,* mas é algo em que se agarrar. Entende?

— Entendo — respondi. — E Wireman?

— Ainda estou aqui, *muchacho.*

— Você ama a ilha, mas também acha que existe algo de errado com ela. O que há com este lugar?

— Não sei o que é, mas tem alguma coisa aqui. Você não acha?

— Claro que acho. Você sabe que sim. No dia em que Ilse e eu tentamos descer a estrada, nós dois passamos mal. Ela ficou pior do que eu.

— E não é a única, segundo as histórias que eu ouvi.

— Existem histórias?

— Ah, sim. A praia é segura, mas o interior da ilha... — Ele balançou a cabeça. — Acho que pode ser algum tipo de poluição no lençol freático. A mesma coisa que faz a flora crescer como louca em um clima no qual você precisa de irrigação só para manter a droga dos gramados vivos. Não sei. Mas é melhor passar longe. Imagino que isso valha principalmente para mocinhas que gostariam de ter filhos um dia. Do tipo que não tenha defeitos de nascença.

E lá estava uma ideia desagradável que ainda não tinha me ocorrido. Fiquei calado pelo restante do caminho.

ix

A questão aqui é memória, e poucas das que conservo daquele inverno sao tão claras quanto à da minha chegada ao *Palacio* naquela noite de fevereiro. As duas metades do portão de ferro estavam abertas. Sentada entre elas em sua cadeira de rodas, assim como estava no dia em que Ilse e eu partimos em nossa expedição malograda rumo ao Sul, estava Elizabeth Eastlake. Ela não trazia o lança-arpão consigo, mas usava novamente seu conjunto de malha de duas peças (dessa vez, com o que parecia um casaco antigo de alguma escola por cima) e seus tênis grandes — que pareciam pretos em vez de azuis sob o brilho dos faróis do Malibu — se apoiavam sobre o cromado descanso para pés. O andador estava do seu lado e, do lado dele, Jack Cantori esperava com uma lanterna na mão.

Quando viu o carro, ela começou a lutar para levantar. Jack fez menção de impedi-la. Então, quando viu que ela estava decidida a fazer aquilo, largou a lanterna no chão de paralelepípedos para ajudá-la. Logo que estacionei próximo do portão de entrada, Wireman abriu sua porta. Os faróis do Malibu iluminavam Jack e Elizabeth como atores em um palco.

— Não, srta. Eastlake! — exclamou Wireman. — Não tente se levantar! Eu a empurro para dentro de casa!

Ela não deu ouvidos. Jack a ajudou a chegar ao andador — ou ela o conduziu até lá — e Elizabeth agarrou os dois cabos dele. Então, começou a vir em direção ao carro, batendo-o no chão. Àquela altura, eu brigava para sair de trás do volante, lutando contra meu quadril bichado para escapar, como sempre. Estava do lado do capo quando ela largou o andador de lado e estendeu os braços para Wireman. A carne sobre os seus cotovelos pendia frouxa e morta, branca como massa de pão sob a luz dos faróis, mas seus pés estavam bem separados e plantados com firmeza no solo. Uma brisa repleta de perfumes noturnos soprou seus cabelos para trás e eu não fiquei nem um pouco surpreso em ver uma cicatriz — bastante antiga — vincando o lado direito da sua cabeça. Poderia muito bem ser a gêmea da minha.

Wireman deu a volta na porta do carona e ficou simplesmente parado ali por um ou dois segundos. Acho que estava decidindo se ainda poderia receber conforto, além de oferecê-lo. Então, foi na direção dela com uma passada de urso, cambaleante, a cabeça baixa, os cabelos longos escondendo as orelhas e agitando-se contra as bochechas. Ela colocou os braços ao seu redor e empurrou a cabeça dele para baixo, até seu busto de tamanho considerável. Por um instante, ela balançou e eu tive medo, apesar da firmeza dos seus pés separados, mas então Elizabeth se endireitou e eu vi aquelas mãos retorcidas pela artrite começarem a acariciar as costas dele, que tinham começado a arfar.

Andei até os dois, um pouco titubeante, e os olhos dela se voltaram na minha direção. Estavam perfeitamente lúcidos. Aquela não era a mulher que tinha perguntado quando o trem iria chegar, que dissera estar confusa pra cacete. Todos os seus disjuntores haviam voltado à posição LIGADO. Ao menos por enquanto.

— Nós ficaremos bem — disse ela. — Pode voltar para casa, Edgar.

— Mas...

— Nós ficaremos bem. — Acariciou as costas dele com seus dedos retorcidos. Acariciando-as com uma ternura infinita. — Wireman vai me empurrar para casa. Daqui a pouco. Não vai, Wireman?

Ele assentiu contra o seu peito, sem erguer a cabeça ou emitir um único som.

Pensei melhor e decidi fazer o que ela queria.

— Então, está bem. Boa noite, Elizabeth. Boa noite, Wireman. Vamos, Jack.

O andador era do tipo que vinha com uma bandeja. Jack colocou a lanterna em cima dela, olhou para Wireman — que ainda estava parado com o rosto escondido no busto da senhora de idade — e então veio andando até a porta do carona aberta do meu carro.

— Boa noite, senhora.

— Boa noite, meu jovem. Você precisa ter mais paciência para jogar ludo, mas promete. E Edgar? — Ela olhou com calma para mim por sobre a cabeça pendida de Wireman e suas costas ofegantes. — A água está mais rápida agora. Daqui a pouco a correnteza vai chegar. Você está sentindo?

— Estou — respondi. Eu não sabia do que ela estava falando. Mas *sabia* do que ela

estava falando.

— Fique. Por favor, fique na ilha, aconteça o que acontecer. Nós precisamos de você. *Eu* preciso, e Duma Key também. Lembre-se de que falei isso, quando eu derivar novamente.

— Eu me lembrarei.

— Procure pela cesta de piquenique de Nan Melda. Tenho quase certeza de que ela está no sótão. É vermelha. Você vai encontrar. Eles estão lá dentro.

— O que são eles, Elizabeth?

Ela assentiu.

— Sim. Boa noite, Edward.

E, simples assim, eu soube que ela estava derivando mais uma vez. Porém, Wireman a levaria para dentro. Wireman tomaria conta dela. No entanto, até ele estar capaz de fazê-lo, ela tomaria conta deles dois. Eu os deixei ali, sobre os paralelepípedos debaixo do arco do portão, entre o andador e a cadeira de rodas, ela com os braços ao redor dele, ele com a cabeça no seu peito. Essa memória é clara.

Clara.

x

Eu estava exausto por conta do estresse de dirigir — acho que tarnbém por ter passado o dia entre tantas pessoas depois de estar tanto tempo sozinho —, mas a ideia de me deitar, quanto mais de dormir, estava fora de questão. Conferi meus e-mails e encontrei comunicados das minhas duas filhas. Melinda havia contraído uma infecção por estafilococos em Paris e a estava encarando como sempre o fazia com qualquer doença: como se fosse pessoal. Ilse me enviara um link do *Citizen-Times* de Asheville, Carolina do Norte. Cliquei nele e me deparei com uma ótima resenha dos Hummingbirds, que haviam se apresentado na Primeira Igreja Batista da cidade e feito os fiéis gritarem aleluia. Havia também uma foto de Carson Jones e de uma loira muito bonita diante do resto do grupo, ambos com as bocas abertas no meio de uma canção e os olhares fixos um no outro. **Carson Jones e Bridget Andreisson cantam juntos "How Great Thou Art"**, dizia a legenda. Hummm. Minha Garotinha Crescida tinha escrito: "Não estou nem um pouco enciumada." Hummmm duas vezes.

Preparei um sanduíche de mortadela e queijo (depois de três meses em Duma Key eu ainda não tinha enjoado de mortadela) e então subi. Olhei para os quadros da série *Garota e Navio,* que na verdade eram *Ilse e Navio.* Pensei em Wireman me perguntando o que eu estava pintando ultimamente. Pensei na longa mensagem que Elizabeth tinha deixado na secretária eletrônica. A ansiedade na sua voz. Ela havia dito que eu deveria me precaver.

Cheguei subitamente a uma decisão e voltei para o andar de baixo, descendo o mais rápido que podia sem cair.

xi

Ao contrário de Wireman, eu não carrego minha velha Lord Buxton inchada comigo; geralmente enfio um cartão de crédito, minha carteira de motorista e um pequeno maço de dinheiro no bolso da frente e fico satisfeito. A carteira ficava trancada na gaveta da mesa da sala de estar. Eu a apanhei, corri os dedos pelos cartões de visita e encontrei o que tinha **GALERIA SCOTO** impresso em relevo com letras douradas. Ouvi a gravação de após o expediente que eu já esperava. Depois que Dario Nannuzzi terminou sua pequena fala e o bipe soou, eu disse: "Óla, sr. Nannuzzi, aqui é Edgar Freemantle, de Duma Key. Eu sou..." Me interrompi por um instante, querendo dizer *cara,* mas sabendo que não era isso que eu era para ele. "Eu sou o artista que pinta pores do sol com conchas grandes, plantas e outras coisas em cima deles. O senhor falou sobre a possibilidade de expor meu trabalho. Se ainda estiver interessado, poderia me dar uma ligada?" Recitei meu número de telefone e desliguei, me sentindo um pouco melhor. Sentindo-me como se tivesse finalmente *feito* alguma coisa.

Peguei uma cerveja na geladeira e liguei a tevê, achando que talvez pudesse encontrar algum filme que valesse a pena assistir na HBO antes de ir para a cama. As conchas debaixo da casa tinham começado a fazer um som agradável, relaxante, sua conversa civilizada e baixinha naquela noite.

Elas foram engolidas pela voz de um homem em meio a uma floresta de microfones. A tevê estava no Canal 6 e a estrela em cartaz era o advogado designado pelo tribunal para Candy Brown. Ele devia ter dado sua coletiva de imprensa mais ou menos na mesma hora em que a cabeça de Wireman estava sendo examinada. O homem parecia ter uns 50 anos e tinha o cabelo preso em um rabo de cavalo estilo advogado inglês, mas não dava a menor impressão de estar no piloto automático. Ele parecia e soava *comprometido.* Dizia aos repórteres que seu cliente se declararia não culpado devido à insanidade.

Ele disse que o sr. Brown era viciado em drogas, em pornografia e em sexo, além de esquizofrênico. Não falou nada sobre compulsão por sorvete ou coletâneas do tipo *Now That's What I Call Music,* mas é claro que o júri ainda não tinha sido formado. Além do microfone do Canal 6, eu vi os logotipos da NBC, CBS, ABC, Fox e CNN. Tina Garibaldi não teria conseguido uma cobertura daquelas ganhando uma gincana de soletração ou uma feira de ciências, nem mesmo por salvar o cachorro da família de um rio em cheia, mas é só ser estuprada e morta que você entra em cadeia nacional, querida. Todo mundo sabe que seu assassino guardava uma calcinha sua na gaveta.

— Ele fala abertamente sobre seus vícios — disse o advogado. — Sua mãe e seus dois padrastos eram viciados em drogas. Sua infância foi um horror durante a qual ele sistematicamente sofreu espancamentos e abusos sexuais. Ele já foi internado em instituições psiquiátricas. Sua esposa é uma mulher de bom coração, mas que também sofre de problemas mentais. Ele nunca deveria estar nas ruas, para começo de conversa.

Ele encarou as câmeras.

— Sarasota é responsável por este crime, não George Brown. Meu coração está com os Garibaldi, eu choro por eles — ele ergueu seu rosto sem lágrimas para as câmeras, como se quisesse prová-lo de alguma forma —, mas tirar a vida de George Brown na prisão de Starke

não vai trazer Tina Garibaldi de volta e não vai consertar o sistema em frangalhos que colocou este ser humano em frangalhos nas ruas sem supervisão. Isso é o que eu tenho a dizer, obrigado por escutarem e, agora, se vocês me permitem...

Ele começou a se afastar, ignorando as perguntas gritadas, e as coisas ainda poderiam ter continuado bem — diferentes, no máximo — se eu tivesse desligado a tevê ou mudado de canal naquele instante. Mas eu não fiz isso. E, quando a transmissão voltou aos estúdios, assisti ao âncora do Canal 6 dizendo:

— Royal Bonnier, um paladino da justiça que ganhou meia dúzia de casos *pro bono* considerados invencíveis, disse que fará todo o possível para excluir do julgamento o seguinte vídeo, filmado por uma câmera de segurança nos fundos da loja de departamentos Bealls.

E aquele negócio maldito começou novamente. A garota atravessa da direita para a esquerda com a mochila nas costas. Brown surge da rampa de acesso e a agarra pelo punho. Ela ergue os olhos para ele e parece lhe fazer uma pergunta. E foi então que a coceira desceu pelo meu braço perdido como um enxame de abelhas.

Eu gritei — tanto de surpresa quanto de agonia — e caí no chão, derrubando o controle remoto e meu prato de sanduíche no tapete, coçando o que não estava lá. Ou o que eu não conseguia alcançar. Ouvi a mim mesmo gritando para que a coceira parasse, para que, *por favor,* parasse. Mas é claro que só havia uma maneira de pará-la. Fiquei de quatro e me arrastei em direção à escada, registrando o barulho que o controle remoto fez ao ser esmagado por um dos meus joelhos, mudando de canal antes de quebrar. Para o canal CMT: Country Music Television. Alan Jackson estava cantando sobre assassinato na Music Row.[13] Enquanto subia a escada, tentei agarrar por duas vezes o corrimão, para você ter uma ideia de como minha mão estava *lá.* Eu conseguia sentir a palma suada ranger na madeira antes de passar por ela como fumaça.

De alguma forma, cheguei ao topo e me levantei, cambaleando. Acendi todos os interruptores com meu antebraço e manquei em uma corrida meia-boca até o cavalete. Havia nele um quadro da série *Garota e Navio* não terminado. Eu o atirei de lado sem olhá-lo e estampei uma tela branca nova no seu lugar. Respirava em pequenos gemidos ardentes. Suor escorria dos meus cabelos. Agarrei um pano de limpeza e o joguei sobre o ombro do mesmo jeito que costumava fazer com panos sujos de golfada quando as meninas eram pequenas. Prendi um pincel entre os dentes, coloquei um segundo atrás da orelha, fiz menção de apanhar um terceiro e então decidi pegar um lápis. Assim que me pus a esboçar a imagem, a coceira monstruosa no meu braço começou a diminuir. À meia-noite, a pintura estava pronta e a coceira tinha acabado. Só que não era apenas uma pintura; era *A Foto,* e tinha ficado boa, se é que me atrevo a dizer isso. E me atrevo. Eu era mesmo um filho da puta talentoso. Ela mostrava Candy Brown com a mão fechada em volta do punho de Tina Garibaldi. Mostrava Tina olhando para ele com aqueles olhos escuros, terríveis em sua inocência. Eu tinha capturado seu olhar de forma tão perfeita que, se dessem uma só olhada no produto final, seus pais iriam querer se matar. Porém, seus pais jamais veriam aquilo.

Não, aquela tela, não.

Minha pintura era uma cópia quase exata da fotografia que vinha aparecendo em todos os jornais da Flórida pelo menos uma vez desde 15 de fevereiro e, provavelmente, na maioria dos jornais dos Estados Unidos. Havia apenas uma grande diferença. Tenho certeza de que Dario Nannuzzi a teria considerado uma marca registrada — Edgar Freemantle, o Americano Primitivo, lutando corajosamente contra o clichê, esforçando-se para reinventar Candy e Tina, uma união que o diabo aprovaria —, mas Nannuzzi jamais a veria tampouco.

Larguei meus pincéis de volta em seus frascos de maionese A tinta cobria meu braço até o cotovelo (e o lado esquerdo do meu rosto inteiro), mas me limpar era a última coisa que passava pela minha cabeça.

Eu estava faminto demais.

Tinha hambúrguer, mas não estava descongelado. O porco assado que Jack comprara no Mortons na semana anterior, também não. E eu comera o resto do meu estoque de mortadela no jantar. Havia, no entanto, uma caixa de sucrilhos Special K com Frutas e Iogurte. Comecei despejar um pouco dele em uma tigela de cereal, porém, diante da minha voracidade, uma tigela daquelas parecia mais ou menos do tamanho de um dedal. Eu a atirei de lado com tanta força que ela ricocheteou no porta-pão. Decidi pegar uma das tigelas de mistura do armário em cima do fogão e joguei a caixa de cereal inteira nela. Então, o afoguei em 125ml de leite, acrescentei sete ou oito colheres de sopa cheias de açúcar e caí dentro, parando apenas para acrescentar mais leite. Comi tudo, então me arrastei até a cama, parando diante da tevê para silenciar o caubói urbano da vez. Desabei na diagonal em cima da colcha e me vi face a face com Reba, enquanto as conchas debaixo do Casarão Rosa murmuravam.

— O que você fez? — perguntou Reba. — *O que você fez desta vez, seu malvado?*

Eu tentei dizer *Nada,* mas adormeci antes de a palavra poder sair. E, além do mais... sabia que não era verdade.

xii

O telefone me acordou. Eu consegui apertar o botão certo na segunda tentativa e disse algo que

lembrava vagamente um alô.

— *Muchacho,* acorde e venha tomar café! — exclamou Wireman. — Bife com ovos! Estamos comemorando! — Ele fez uma pausa. — Quero dizer, pelo menos eu estou. A srta. Eastlake está nas nuvens de novo.

— O que estamos comemo... — Então eu entendi o que era, a única coisa que *poderia* ser, e me levantei de um pulo, derrubando Reba no chão. — A sua visão voltou?

— A notícia não é tão boa assim, infelizmente, mas ainda é boa. É algo que Sarasota inteira pode comemorar. Candy Brown, *amigo.* Os guardas que fazem a contagem matinal de presos o encontraram morto na cela.

Por um instante, aquela coceira desceu correndo pelo meu braço direito, e ela era vermelha.

— O que eles estão dizendo que foi? — Ouvi a mim mesmo perguntando. — Suicídio?

— Não sei, mas, de qualquer forma, suicídio ou causa natural, ele fez o estado da Flórida economizar bastante dinheiro e poupou os pais da dor de um julgamento. Venha pra cá e vamos tocar o rebu juntos, que tal?

— Deixe-me só colocar uma roupa — falei. — E tomar um banho. — Olhei para meu braço esquerdo. Estava respingado de várias cores. — Fiquei acordado até tarde.

— Pintando.

— Não, comendo a Pamela Anderson.

— Suas fantasias são de uma pobreza deprimente, Edgar. Eu comi a Vênus de Milo na noite passada, e ela tinha *braços*. Não demore. Como você quer seus *huevos?*

— Hã. Mexidos. Estarei aí em meia hora.

— Ótimo. Devo dizer que você não me parece muito empolgado com meu boletim jornalístico.

— Ainda estou tentando acordar. No geral, tenho que dizer que fico muito feliz por ele estar morto.

— Pegue uma senha e entre na fila — falou ele, desligando em seguida.

xiii

Uma vez que o controle remoto estava quebrado, eu tive que ligar a tevê manualmente, uma habilidade ancestral, mas que eu descobri ainda possuir. No Canal 6, Tudo sobre Tina, o Tempo Todo, fora substituído por uma nova atraçao: Tudo sobre Candy, o Tempo Todo. Aumentei o som até um volume de estourar os tímpanos e fiquei ouvindo enquanto esfregava a tinta do corpo.

Aparentemente, George “Candy” Brown morreu dormindo. Um guarda que foi entrevistado disse: “Nunca tivemos um cara que roncasse tão alto... costumávamos brincar que ele teria sido morto pelos companheiros de cela só por isso, se estivesse na ala coletiva.” Um disse que parecia um caso de apneia do sono e sugeriu que Brown poderia ter morrido de alguma complicação resultante dela. Falou também que esse tipo de morte era incomum em adultos, mas longe de sem precedentes.

Apneia do sono me parecia um bom palpite, mas eu achava que a complicação tinha sido eu. Depois de tirar a maior parte da tinta, subi até a Casinha Rosa para dar uma olhada na minha versão da Foto sob a luz alongada da manhã. Não achava que ela seria tão boa quanto me tinha parecido quando eu manquei escada abaixo para comer uma caixa inteira de cereal

— não poderia ser, levando-se em conta a velocidade com que eu havia trabalhado.

Só que era. Lá estava Tina, usando jeans e uma blusa rosa, com sua mochila nas costas. E lá estava Candy Brown, também de calça jeans, com a mão sobre o seu punho. Tina erguia os olhos para os dele e sua boca estava entreaberta, como se quisesse fazer uma pergunta: “O que você quer, senhor?”, sendo a mais provável. Candy baixava os olhos na direção dela, e eles estavam repletos de intenções sombrias, porém o restante da sua face não revelava absolutamente nada, pois não estava lá. Eu não tinha pintado a boca ou o nariz.

Dos olhos para baixo, minha versão de Candy Brown era um vazio perfeito.

10 - A vã celebridade

i

Eu havia entrado no avião que me trouxe até a Flórida com um paletó de baeta pesado, e o usava novamente naquela manhã enquanto descia mancando a praia desde o Casarão Rosa até *El Palacio de Asesinos*. Fazia frio e um vento forte soprava do golfo, onde a água parecia aço partido sob um céu vazio. Se eu soubesse que aquele seria o último dia de frio que eu teria em Duma Key, talvez tivesse aproveitado... mas provavelmente não. Havia perdido minha capacidade de encarar o frio com prazer.

De qualquer forma, eu mal sabia onde estava. Trazia minha bolsa de lona pendurada no ombro, pois carregá-la quando estava na praia já se tornara um hábito, mas não coloquei nela uma concha ou resto de navio que fosse. Apenas segui adiante, movimentando minha perna bichada sem exatamente senti-la, ouvindo o vento soprar pelos meus ouvidos sem exatamente escutá-lo e observando os bisbilhoteiros passarem depressa pela arrebentação sem exatamente vê-los.

Pensava: *Eu o matei tão certamente quanto matei o cachorro de Mônica Goldstein. Sei que isso parece besteira, mas...*

Só que *não* parecia besteira. Não *era* besteira.

Eu tinha parado sua respiração.

ii

Havia um jardim de inverno na ala sul do *Palacio*. Ele dava para o emaranhado de vegetação tropical superdesenvolvida em uma direção e para o azul metálico do golfo na outra. Elizabeth estava sentada ali em sua cadeira de rodas, com uma bandeja de café da manhã presa aos braços da cadeira. Pela primeira vez desde que a havia conhecido, ela estava amarrada. A bandeja estava cheia de coágulos de ovos mexidos e pedaços de torrada; era como se um bebê tivesse comido nela. Wireman chegara até a lhe dar suco em um copinho de neném. A pequena televisão de mesa no canto estava ligada no Canal 6. E ainda passava Tudo sobre Candy, o Tempo Todo. Ele estava morto e o Canal 6 chutava o corpo. Sem dúvida não merecia nada melhor, mas ainda assim era grotesco

— Acho que ela acabou — disse Wireman —, mas fica com ela enquanto eu faço uns ovos mexidos e queimo uma fatia de pão para você?

— Com prazer, mas não precisa se incomodar comigo. Trabalhei até tarde e fiz uma boquinha depois. — Uma boquinha. Isso. Ao sair de casa eu tinha visto a tigela de misturar vazia na pia da cozinha.

— Não é incômodo algum. Como está sua perna hoje?

— Nada mal. — Era a verdade. — *Et tu, Brute?*

— Estou bem, obrigado. — Porém, ele parecia cansado; seu olho esquerdo ainda estava vermelho e lacrimejante. — Volto em menos de cinco minutos.

Elizabeth estava quase completamente AWOL.[14] Quando lhe ofereci o copinho de neném ela bebeu um pouco e então virou a cabeça. Seu rosto parecia velho e desorientado sob a luz de inverno inclemente. Pensei que fazíamos um trio e tanto: a mulher senil, o ex-advogado com a bala na cabeça e o ex-empreiteiro mutilado. Todos com cicatrizes de batalha no lado direito da cabeça. Na tevê, o advogado de Candy Brown — àquela altura, ex-advogado, na verdade — exigia uma investigação completa. Talvez Elizabeth tenha falado por toda Sarasota sobre aquele assunto, quando fechou os olhos, deixou-se cair contra a amarra que a prendia, o que empurrou seu busto de tamanho considerável para cima, e dormiu.

Wireman voltou com ovos o bastante para nós dois e eu os comi com um prazer surpreendente. Elizabeth começou a roncar. Uma coisa era certa; se ela tivesse apneia do sono, não iria morrer jovem.

— Faltou um pedaço na sua orelha, *muchacho* — disse Wireman, cutucando o lóbulo da sua com o garfo.

— Hã?

— Tinta. Na sua zoreia.

— Ah, sim — falei. — Eu vou ficar uns dois dias esfregando tinta do corpo. Acabei me lambuzando bastante.

— O que você estava pintando no meio da noite?

— Não quero falar sobre isso agora.

Ele deu de ombros e assentiu.

— Você está começando a botar banca de artista. A ficar todo metido.

— Não mete essa.

— A que ponto as coisas chegaram quando você oferece respeito e recebe sarcasmo de volta.

— Desculpe.

Ele afastou minhas desculpas com um gesto.

— Coma seus *huevos*. Cresça para ficar grande e forte como Wireman.

Eu comi meus *huevos*. Elizabeth roncava. A tevê tagarelava. Daquela vez, era a tia de Tina Garibaldi que estava no centro do ringue eletrônico, uma garota não muito mais velha do que minha filha Melinda. Ela dizia que Deus tinha decidido que o estado da Flórida seria lento demais e quis Ele mesmo punir "aquele monstro". Eu pensei: *Você tem alguma razão,* muchacha, *só que não foi Deus.*

— Desligue esse carnaval de merda — falei.

Ele apagou a tevê, então se voltou para mim com atenção.

— Talvez você esteja certo sobre esse negócio de banca de artista. Eu decidi exibir meus trabalhos na Scoto, se aquele tal de Nannuzzi ainda quiser.

Wireman sorriu e bateu palmas baixinho, para não acordar Elizabeth.

— Excelente! Edgar busca a vã celebridade! E por que não? Por que diabos não?

— Não estou buscando vã coisíssima nenhuma — falei, me perguntando se aquilo era totalmente verdade. — Mas se eles me oferecerem um contrato, você abandonaria sua aposentadoria por tempo o suficiente para dar uma olhada nele?

O sorriso dele sumiu.

— Abandono se estiver por aqui, mas não sei por quanto isso vai ser. — Ele viu a expressão no meu rosto e ergueu a mão. — Não estou colocando o motor em Ponto Morto ainda, mas pergunte-se o seguinte, *mi amigo:* eu ainda sou a pessoa certa para tomar conta da srta. Eastlake? Nas minhas atuais condições?

E, porque aquela era uma lata de minhocas que eu não queria abrir — não naquela manhã —, perguntei:

— Como você conseguiu esse trabalho, para início de conversa?

— Isso tem importância?

— Talvez sim — respondi.

Eu estava pensando em como tinha começado minha temporada em Duma Key partindo de um princípio — de que eu tinha escolhido aquele lugar — e, desde então, passara a acreditar que talvez ele tivesse me escolhido. Chegara até a me perguntar, geralmente deitado na cama e ouvindo o sussurro das conchas, se meu acidente tinha sido de fato um acidente. É claro que tinha sido, *só podia* ter sido, mas ainda era fácil ver semelhanças entre o meu acidente e o de Julia Wireman. No meu caso foi o guindaste; no dela, o caminhão da construção civil. Por outro lado, é claro que existem pessoas — seres humanos funcionais na maioria dos aspectos — que lhe dirão ter visto o rosto de Cristo em um taco.

— Bem — disse ele —, se você está esperando outra longa história, esqueça. Não é nada fácil tirar histórias de mim, mas, por enquanto, o poço está quase seco. — Ele lançou um olhar taciturno para Elizabeth. E, talvez, com uma ponta de inveja. — Não dormi muito bem na noite passada.

— Então, conte a versão reduzida.

Ele deu de ombros. Seu bom humor febril tinha desaparecido como a espuma do topo de um copo de cerveja. Seus ombros grandes estavam curvados para a frente, o que fazia seu peito parecer afundado.

— Depois que Jack Fineham me colocou de “licença”, eu decidi que Tampa era próximo o suficiente da Disneylândia. Só que, depois que cheguei lá, eu fiquei entediado pra cacete.

— É claro que sim — falei.

— Também senti que estava na hora de algum tipo de expiação. Não queria ir para Darfur, ou para Nova Orleans, e abrir um escritorio para trabalhar *pro bono,* embora isso tenha passado pela minha cabeça. Achava que talvez as bolinhas com os números premiados ainda estivessem girando em algum lugar e que havia mais um para ser sorteado. O último número.

— Entendo — falei. Um dedo gelado tocou minha nuca. Muito de leve. — Um número a mais. Sei como é.

— *Sí*, *señor.* Sei que você sabe. Eu pretendia fazer o bem, queria acertar as contas novamente. Porque sentia que elas precisavam ser acertadas. E, um dia, vi um anúncio no *Tribune* de Tampa. “Precisa-se: Acompanhante para uma senhora de idade e Caseiro para várias propriedades para locação em terreno nobre de ilha particular. O candidato deve enviar currículo e cartas de recomendação condizentes com excelente salário e benefícios. Trata-se de um cargo desafiante que a pessoa certa achará recompensador. Seguro-fidelidade obrigatório.” Bem, eu tinha seguro-fidelidade e gostei da proposta. Fiz uma entrevista com o advogado da srta. Eastlake. Ele me disse que o casal que havia preenchido a vaga anteriormente tinha sido chamado de volta à Nova Inglaterra depois que o pai de um dos dois sofreu um acidente grave.

— E você conseguiu o emprego. E quanto a...? — Eu apontei mais ou menos na direção da sua têmpora.

— Nunca contei nada. Ele já tinha dúvidas o suficiente. Imagino que estivesse se perguntando por que um advogado de Omaha iria querer passar um ano colocando uma senhora de idade para dormir e conferindo as fechaduras de casas que ficam a maior parte do tempo vazias. Mas a srta. Eastlake... — Ele estendeu o braço e acariciou sua mão retorcida. — A gente se entendeu logo de primeira, não foi, querida?

Ela apenas roncou, mas eu vi a expressão no rosto de Wireman e senti aquele toque gelado na minha nuca novamente, um pouco mais forte dessa vez. Eu sentia e sabia: nós três estávamos ali porque algo nos queria ali. Minha certeza não se baseava no tipo de lógica com a qual eu havia crescido e sobre a qual tinha construído meu negócio, mas isso não era problema. Lá em Duma Key, eu era uma pessoa diferente e a única lógica de que eu precisava estava nas extremidades dos meus nervos.

— Eu gosto demais dela, sabia? — disse Wireman. Ele pegou seu guardanapo com um suspiro, como se fosse algo pesado, e secou os olhos. — Quando eu cheguei aqui, toda aquela merda de loucura febril de que eu te falei tinha passado. Estava escaldado, um homem sombrio em um clima de céu azul e dias de sol, que só podia ler o jornal aos poucos se não quisesse ter uma dor de cabeça de rachar. Eu estava me agarrando a uma ideia básica: tinha uma dívida a pagar. Trabalho a fazer. Eu iria encontrá-lo e fazê-lo. Depois disso, pouco me importava. A srta. Eastlake não me contratou, não exatamente; ela me acolheu. Quando cheguei aqui, ela não era assim, Edgar. Era inteligente, engraçada, esnobe, paqueradora, caprichosa, exigente... ela podia me deixar triste da vida ou acabar com a minha tristeza se quisesse, e geralmente era isto que ela queria.

— Parece que ela era demais.

— E *era*. Outra mulher teria se resignado completamente à cadeira de rodas a esta altura. Ela não. Empurra a cadeira até aquele andador e sai zanzando por este museu com ar-condicionado, pelo pátio lá fora... costumava até praticar tiro ao alvo, às vezes com uma das pistolas antigas do seu pai, mas geralmente com aquele lança-arpão, porque o coice é menor. E porque ela diz que gosta do som que ele faz. Quando você a vê com aquele negócio, ela parece *mesmo* a Noiva do Poderoso Chefão.

— Foi assim que eu a vi da primeira vez — falei.

— Gostei dela logo de cara e, depois, passei a amá-la. Julia costumava me chamar de *mi compañero*. Penso muito nisso quando estou com a srta. Eastlake. Ela é *mi compañera, mi amiga*. Ela me ajudou a encontrar meu coração quando eu achei que o havia perdido.

— Eu diria que você tirou a sorte grande.

— Talvez *sí,* talvez *no*. Sinceramente, vai ser difícil deixá-la. O que ela vai fazer quando uma pessoa nova chegar? Uma pessoa nova não vai saber que ela gosta de tomar café na beirada da passarela pela manhã... ou que precisa fingir jogar aquela porra de lata de biscoitos no lago dos peixes dourados... e a srta. Eastlake também não vai ser capaz de explicar, porque agora está entrando de vez na neblina.

Ele se virou para mim, parecendo exausto e um tanto desvairado.

— Vou colocar tudo no papel, é isso que eu vou fazer: toda a nossa rotina. De manhã à noite. E você vai se certificar de que a nova pessoa que vai cuidar dela siga as instruções. Não vai, Edgar? Quero dizer, você gosta dela também, não gosta? Não quer que ela sofra. E Jack! Talvez ele pudesse ajudar um pouco. Sei que não é correto pedir isso, mas...

Um novo pensamento lhe veio à cabeça. Ele se levantou e olhou para fora em direção à água. Tinha perdido peso. A pele estava tão esticada nas maçãs do seu rosto que chegava a brilhar. Seu cabelo pendia sobre as orelhas em chumaços, precisando urgentemente ser lavado.

— Se eu morrer, o que não é difícil, posso ir num piscar de olhos como o *señor* Brown, você vai ter que assumir até a imobiliária achar outra pessoa para morar na casa. Não vai ser um estorvo tão grande, você pode pintar aqui mesmo. A luz é ótima, não é? É excelente!

Ele estava começando a me assustar.

— Wireman...

Ele deu meia-volta e seus olhos estavam em chamas, o esquerdo por detrás de uma teia de sangue.

— Prometa para mim, Edgar! Precisamos ter um plano! Se não tivermos, eles vão levá-la embora à força e colocá-la em um asilo onde ela vai morrer em um mês! Em uma semana! Então, prometa!

Achava que ele talvez tivesse razão. E achava que se eu não conseguisse tirar um pouco da pressão da sua caldeira, ele seria capaz de ter outro ataque epilético na minha frente. De modo que eu prometi. E então disse:

— Você pode acabar vivendo muito mais do que pensa, Wireman.

— Claro. Mas vou colocar tudo no papel assim mesmo. Por via das dúvidas.

iii

Ele me ofereceu novamente o carrinho de golfe para minha viagem de volta ao Casarão Rosa. Eu lhe disse que iria andando sem problemas, mas que gostaria de um copo de suco antes de sair.

Agora, eu gosto de suco de laranja da Flórida fresquinho como qualquer um, mas confesso que meus motivos eram outros naquela manhã em especial. Ele me deixou sozinho na

pequena sala de recepção no lado que dava para a praia do hall central envidraçado do *Palacio.* Wireman usava aquele cômodo como escritório, embora eu não conseguisse entender como um homem que não conseguia ler por mais de cinco minutos pudesse lidar com correspondências. Supus — o que me deixou comovido — que Elizabeth talvez o ajudasse, e bastante, antes de a sua própria saúde começar a piorar.

Ao chegar para o café da manhã, eu havia passado os olhos por aquela sala e vislumbrado uma certa pasta cinza sobre a tampa fechada de um laptop que provavelmente já não tinha muita serventia para Wireman. Eu a abri e tirei uma das três radiografias lá de dentro

— Copo grande ou pequeno? — gritou Wireman da cozinha me dando um susto tão grande que a radiografia quase caiu da minha mão.

— Médio está ótimo! — Gritei de volta. Enfiei a chapa de raios X na minha bolsa e fechei o envelope novamente. Cinco minutos depois estava me arrastando de volta pela praia.

iv

Não gostava da ideia de roubar um amigo — mesmo que fosse uma simples radiografia. Também não gostava de manter silêncio sobre o que eu seguramente tinha feito com Candy Brown. Eu poderia ter lhe contado; depois do que aconteceu com Tom Riley, ele teria acreditado em mim. Mesmo sem aquele pequeno toque de percepção extrassensorial, teria acreditado. Esse era o problema, na verdade. Wireman não era burro. Se eu podia mandar Candy Brown para o Necrotério do Condado de Sarasota com uma pincelada, então talvez pudesse fazer por um certo ex-advogado com danos cerebrais o que os médicos não podiam. Mas e se eu não pudesse? Melhor não alimentar falsas esperanças... pelo menos além do meu próprio coração, onde elas já eram ridiculamente grandes.

Quando cheguei de volta ao Casarão Rosa, meu quadril estava aos berros. Atirei o paletó no armário, tomei dois comprimidos de oxicodona e vi que a luz de mensagens da secretária eletrônica estava piscando.

Era Nannuzzi. Estava encantado por ter recebido notícias minhas. Sem dúvida, falou ele, se o restante da minha produção estivesse à altura do que tinha visto, a Scoto teria orgulho em patrocinar uma exposição do meu trabalho, e antes da Páscoa, que era quando os turistas de inverno voltavam para casa. Será que ele e outro de seus sócios poderiam fazer uma visita ao meu estúdio para olhar algumas das minhas outras telas finalizadas? Eles também teriam o maior prazer em levar um modelo de contrato para eu dar uma olhada.

Era uma boa notícia — uma notícia excelente —, porém, de uma maneira parecia estar acontecendo em outro planeta, com algum outro Edgar Freemantle. Eu salvei a mensagem, comecei a subir para o andar de cima com a radiografia surrupiada, então me detive. A Casinha Rosa não servia, porque o cavalete não servia. Telas e tintas a óleo também não serviam. Não para aquilo.

Voltei mancando para a sala de estar. Havia uma pilha de blocos Artisan e várias caixas de lápis de cor na mesa de centro, porém eles também não serviam. Sentia uma coceira fraca e vaga no meu braço direito perdido e, pela primeira vez, achei que talvez conseguisse mesmo

fazer aquilo... Isto é, se conseguisse encontrar o *meio* adequado para a mensagem.

Ocorreu-me que eu estava dando uma de *médium,* isso sim, como se esperasse instruções do Além, o que me fez rir. Foi uma risada um pouco nervosa, admito.

Fui até o banheiro, a princípio sem saber o que estava procurando. Então, olhei para o armário e descobri. Na semana anterior, Jack tinha me levado às compras — não no shopping Crossroads, mas em uma das lojas masculinas no St. Armand's Circle — e eu comprara meia dúzia de camisas, do tipo social, com botões na frente. Quando era criança, Ilse costumava chamá-las de Camisa de Gente Grande. Ainda estavam em suas embalagens de celofane. Rasguei as embalagens, arranquei os alfinetes e joguei as camisas de volta no armário, onde elas se empilharam. Não eram elas que eu queria, mas sim as folhas de cartolina de dentro da embalagem.

Aqueles retângulos de cartolina branquíssimos.

Encontrei um marcador de textos Sharpie no estojo do meu PowerBook. Na minha vida antiga, eu odiava aquela marca por conta do cheiro da tinta e de como ela costumava manchar. Naquela vida, passara a adorar a grossura das linhas que eles criavam e que pareciam insistir em sua própria realidade absoluta. Levei as folhas de cartolina, o marcador e a radiografia do cérebro de Wireman para o solário, onde a luz era forte e bombástica.

A coceira no meu braço ficou mais intensa. Àquela altura, ela me parecia quase uma amiga.

Eu não tinha aquele tipo de quadro de luz que os médicos usam para afixar radiogafias e exames de ressonância magnética quando querem analisá-los, mas a parede de vidro do solário era um substituto bastante razoável. Nem precisei de fita adesiva. Consegui enfiar a chapa na fresta entre o vidro e a esquadria de cromo e, pronto, lá estava uma coisa que muitos diziam não existir: o cérebro de um advogado. Ele flutuava sobre o golfo. Fiquei olhando para ele por um tempo, não sei quanto — dois minutos? Quatro? —, fascinado pela maneira como a água azul ficava quando vista através daquelas fissuras acinzentadas, como aqueles sulcos transformavam a água em névoa.

A bala era uma pastilha negra, ligeiramente fragmentada. Parecia um pequeno navio. Como um barco a remo flutuando no *caldo.*

Comecei a desenhar. A princípio, minha intenção era desenhar apenas o cérebro dele intacto — sem a bala —, mas acabou sendo mais que isso. Eu resolvi acrescentar água, porque o desenho parecia exigir a presença dela. Ou meu braço perdido. Ou talvez eles fossem a mesma coisa. Era apenas uma sugestão do golfo, mas estava lá, e era o suficiente para dar certo, porque eu era *mesmo* um filho da puta talentoso. Levou apenas vinte minutos e, quando terminei, eu tinha desenhado um cérebro humano flutuando sobre o golfo do México. Era, de certa forma, muito maneiro.

Também era horripilante. Essa não é uma palavra que eu goste de usar sobre meu próprio trabalho, mas é inevitável. Quando tirei a radiografia da janela e a comparei com o meu desenho — bala na ciência, sem bala na arte — percebi algo que talvez devesse ter notado muito antes. Certamente depois que comecei a série *Garota e Navio.* O que eu estava fazendo não era bom porque mexia com os nervos das pessoas, era bom porque elas sabiam — em algum nível sabiam de fato — que o que tinham diante de seus olhos vinha de um lugar além do talento. A sensação que aquelas pinturas de Duma transmitiam era horror mal contido. Horror esperando para acontecer. Aproximando-se do litoral com velas apodrecidas.

v

Eu estava com fome de novo. Preparei um sanduíche e o comi diante do computador. Estava me atualizando em relação aos Hummingbirds — eles tinham se tornado uma obsessão e tanto para mim — quando o telefone tocou. Era Wireman.

— Minha dor de cabeça passou — disse ele.

— Você sempre diz alô assim? — perguntei. — Será que eu devo espe-ar que a próxima ligação comece com “”Acabei de esvaziar os intestinos”?

— Não faça pouco disso. Minha cabeça vem doendo desde que eu acordei no chão da sala de jantar depois de dar um tiro nela. Às vezes é só ruído de fundo, às vezes é como se fosse véspera de ano-novo no inferno, mas sempre dói. E então, meia hora atrás, simplesmente *passou.* Eu estava preparando uma xícara de café e *passou.* Não consegui acreditar. No começo, pensei que eu tinha morrido. Estava pisando em ovos, esperando que ela voltasse e me desse uma bordoada com o martelo de prata do Maxwell,[15] mas *não aconteceu.*

— Lennon-McCartney — falei. — Mil novecentos e sessenta e oito. E não me diga que eu errei desta vez.

Ele não falou nada. Por um bom tempo. Mas eu conseguia ouvir sua respiração. Então, disse finalmente:

— Você fez alguma coisa, Edgar? Diga para Wireman. Diga para o seu papai.

Cogitei falar para ele que não tinha feito droga nenhuma. Então, pensei nele conferindo a pasta com suas radiografias e descobrindo que faltava uma. Também pensei no meu sanduíche, ferido, mas longe de estar morto.

— E quanto à sua vista? Alguma mudança?

— Não. A lâmpada esquerda ainda está apagada. E, segundo Principe, não vai voltar. Não nesta vida.

Merda. No entanto, parte de mim já não sabia que o trabalho não estava terminado? A brincadeira daquela manhã com Marcador de Texto e Cartolina não tinha chegado nem perto do orgasmo completo da noite anterior. Eu estava cansado. Não queria fazer mais nada naquele dia além de ficar sentado olhando para o golfo. Observar o sol no *caldo largo* sem pintar aquela porra. Só que estávamos falando de Wireman. De *Wireman,* cacete.

— Você ainda está na linha, *muchacho?*

— Estou — falei. — Você tem como chamar Annmarie Whistler por algumas horas mais tarde?

— Por quê? Para quê?

— Para você posar para o seu retrato — falei. — Já que o seu olho ainda está apagado, acho que preciso do Wireman de verdade.

— Você *fez* alguma coisa. — A voz dele estava grave. — Você já me pintou? De memória?

— Dê uma olhada na pasta com as radiografias — falei. — Esteja aqui umas quatro da tarde. Quero tirar um cochilo antes. E traga algo para comer. Pintar me dá fome. — Pensei em corrigir aquilo para *pintar certas coisas,* mas desisti. Achei que já tinha dito o suficiente.

Não sabia bem se conseguiria dormir, mas consegui. O alarme me acordou às três. Subi até a Casinha Rosa e avaliei meu estoque de telas em branco. A maior tinha um metro e meio de altura e 90 centímetros de comprimento, e foi ela que eu escolhi. Estendi ao máximo o suporte do meu cavalete e encaixei a tela em pé. Aquela forma vazia, como um caixão branco na vertical, desencadeou uma pequena comoção no meu estômago, que também desceu pelo braço direito. Eu flexionei os dedos dele. Não conseguia vê-los, mas os sentia abrindo e fechando. Conseguia sentir as unhas se enfiando na palma da mão. Eram longas, aquelas unhas. Elas vinham crescendo desde o acidente e não havia como cortá-las.

vii

Eu estava limpando meus pincéis quando Wireman veio andando pela praia com seu passo gingado, de urso, afugentando os bisbilhoteiros no caminho. Estava de calça jeans e suéter, sem paletó. Tinha começado a refrescar.

Ele gritou um olá da porta da frente e eu gritei para ele vir até o andar de de cima. Quando já havia subido boa parte do caminho, ele viu a tela grande no cavalete.

— Puta merda, *amigo,* quando você disse retrato, pensei que estávamos falando de um

close.

— É mais ou menos nisso que eu estou pensando — falei —, mas acho que não vai ser tão realista assim. Já adiantei um pouco o trabalho. Dê uma olhada.

A radiografia roubada e o esboço com o marcador de textos estavam na gaveta debaixo da minha bancada de trabalho. Eu os entreguei para Wireman, então me sentei novamente diante do cavalete. A tela que esperava nele já não estava completamente branca e vazia. A três quartos do topo, havia um retângulo desenhado de leve. Eu o fizera segurando a cartolina da camisa contra a tela e contornando as beiradas com um lápis número 2.

Wireman ficou quase dois minutos calado. Ele não parava de olhar da radiografia para o desenho que eu tinha feito dela. Então, com uma voz quase baixa demais para ser ouvida:

— Do que nós estamos falando aqui, *muchacho?* O que estamos dizendo?

— Nada — falei. — Ainda não. Me dê a cartolina da camisa.

— É isso aqui?

— É, e tenha cuidado. Eu preciso dela. *Nós* precisamos. A radiografia não tem mais importância.

Ele me entregou a cartolina com a mão tremendo um pouco.

— Agora vá até a parede onde estão os quadros terminados. Olhe para o que está mais à esquerda. No canto.

Ele foi até lá, olhou e recuou.

— Puta merda! Quando você fez esse?

— Ontem à noite.

Ele o apanhou virando-o na direção da luz que jorrava da janela grande. Olhou para Tina, que olhava para o Candy Brown sem boca e sem nariz.

— Sem boca, sem nariz, Brown morre, o caso é encerrado — disse Wireman. Sua voz não passava de um sussurro. — Jesus Cristo, eu odiaria ser o *maricón de playa* que chutou areia na *sua* cara. — Ele colocou a pintura de volta no chão e se afastou dela... com cautela, como se ela pudesse explodir se fosse sacudida. — O que deu em você? O que te *possuiu*?

— Boa pergunta — falei. — Eu quase não mostrei esse para você. Mas... levando-se em conta o que estamos tramando aqui...

— O *que* nós estamos tramando aqui?

— Você sabe, Wireman.

Ele mancou um pouco, como se fosse a sua perna que estivess bichada. E, quando chegou perto, vi que estava transpirando. Seu rosto brilhava de suor. O olho esquerdo ainda estava vermelho, mas talvez nem *tão* vermelho quanto antes. E claro que isso pode ter sido culpa do Departamento de Esperanças Infundadas.

— Você consegue?

— Posso tentar — respondi. — Se você quiser.

Ele assentiu, então tirou o suéter.

— Vá em frente.

— Preciso que você fique do lado da janela, para a luz bater forte e em cheio no seu rosto quando o sol começar a se pôr. Você pode se sentar em um banquinho que tem na cozinha. Por quanto tempo chamou Annmarie?

— Ela disse que pode ficar até as oito e vai dar janta para a srta. Eastlake. Eu trouxe lasanha pra gente. Vou colocar no seu forno às cinco e meia.

— Ótimo. — Quando a lasanha ficasse pronta, no entanto, a luz já teria sumido. Eu poderia tirar algumas fotos digitais de Wireman, anexá-las ao cavalete e trabalhar a partir delas. Eu pintava rápido, mas sabia de antemão que aquele seria um processo mais longo... levaria no mínimo dias.

Quando Wireman voltou com o banquinho, ele parou de repente.

— O que você está *fazendo?*

— O que parece que eu estou fazendo?

— Cortando um buraco em uma tela nova em folha.

— Parabéns, nota dez. — Larguei o retângulo cortado de lado, então peguei a cartolina com o cérebro flutuante desenhado. Fui para trás da tela. — Me ajude a colar isso aqui.

— Quando você sacou isso tudo, *vato?*

— Eu não saquei.

— Não? — Ele me encarava através da tela, como os milhares de curiosos que eu tinha visto espreitando por milhares de buracos nos canteiros de obras na minha outra vida.

— Não. Algo me diz mais ou menos o que fazer à medida que eu vou fazendo. Venha para o lado de cá.

Com a ajuda de Wireman, o resto da preparação levou apenas mais alguns minutos. Ele fechou o retângulo com a cartolina. Eu fisguei um pequeno tubo de cola do meu bolso da frente e comecei a colá-lo no lugar. Quando voltei para a frente da tela, estava perfeito. Pelo menos era o que me parecia.

Apontei para a testa de Wireman.

— Este é o seu cérebro — falei. Então, apontei para o cavalete. — Este é o seu cérebro na tela.

Ele ficou impassível.

— É uma piada, Wireman.

— Não entendi — disse ele.

viii

Nós comemos como jogadores de futebol americano naquela noite. Perguntei a Wireman se ele estava enxergando melhor e ele balançou a cabeça com pesar.

— As coisas ainda estão consideravelmente negras no lado esquerdo do meu mundo, Edgar. Gostaria de poder lhe dizer o contrário, mas não posso.

Toquei a mensagem de Nannuzzi para ele. Wireman riu e balançou o punho fechado para

cima e para baixo. Era difícil não ser contagiado pelo seu prazer, que beirava a alegria infantil.

— Você está no caminho certo, *muchacho*... esta sem dúvida é sua outra vida. Mal posso esperar para vê-lo na capa da *Time*. — Ele ergueu as mãos, como se enquadrasse uma capa.

— Só tem uma coisa nesta história que me preocupa — falei... e então tive que rir. Na verdade, muitas coisas naquela história me preocupavam, incluindo o fato de que eu não fazia a menor ideia daquilo em que estava me metendo. — Talvez minha filha queira vir. A que me visitou aqui na ilha.

— E qual o problema? Qualquer homem ficaria encantado que suas filhas o vissem se tornar um profissional. Vai comer esse pedaço de lasanha?

Nós o dividimos. Graças ao meu temperamento de artista, eu peguei a metade maior.

— Eu adoraria que ela viesse. Mas sua patroa diz que Duma Key não é um lugar seguro para filhas, e eu meio que acredito nela.

— Minha patroa tem Alzheimer e ele está começando a ficar brabo. A má notícia é que ela não consegue mais diferenciar a bunda do cotovelo. A boa é que conhece gente nova todos os dias. Inclusive eu.

— Ela falou sobre esse negócio de filhas duas vezes e estava lúcida nas duas.

— E talvez tenha razão — disse ele. — Ou talvez seja apenas uma pulga atrás da orelha da srta. Eastlake, baseada no fato de que duas irmãs dela morreram aqui quando ela estava com 4 anos.

— Ilse vomitou pela janela do meu carro. Quando nós voltamos para cá, ainda estava passando tão mal que quase não conseguia andar.

— Ela provavelmente comeu alguma coisa estragada, misturada com sol demais. Olhe, você não quer se arriscar e eu respeito isso. Então, o que você vai fazer é colocar suas duas filhas em um bom hotel que tenha serviço de quarto 24 horas e uma recepcionista que puxe mais saco do que um aspirador de pó. Eu sugiro o Ritz-Carlton.

— As duas? Melinda não vai conseguir...

Ele deu uma última garfada na sua lasanha e a colocou de lado.

— Você não está pensando do jeito certo, *muchacho,* mas Wireman, que é um desgraçado cheio de gratidão...

— Você ainda não tem motivo nenhum para ficar grato...

— ...vai endireitar suas ideias. Porque não aguento ver um monte de preocupações desnecessárias roubarem sua felicidade. E, misericórdia, você *deveria* estar feliz. Sabe quanta gente aqui na costa oeste Flórida seria capaz de matar para expor na Palm Avenue?

— Wireman, você acabou de falar misericórdia?

— Não mude de assunto.

— Eles ainda não exatamente me ofereceram uma exposição.

— Mas vão oferecer. Eles não estão trazendo um modelo de contrato até este cu de judas só de sacanagem. Então, ouça bem. Está ouvindo?

— Claro.

— Assim que essa exposição for marcada, e ela vai ser, você vai fazer o que se espera que qualquer artista novo no pedaço faça: publicidade. Entrevistas, a começar por Mary Ire e daí para os jornais e o Canal 6 Se eles quiserem explorar o braço que você não tem, melhor ainda. — Ele fez aquele enquadramento com as mãos novamente. — Edgar Freemantle Irrompe na Cena Artística da Costa Oeste como uma Fênix das Cinzas Fumegantes da

Tragédia.

— Aqui pra você, *amigo* — falei, agarrando minha virilha. Mas não pude deixar de sorrir.

Wireman não deu atenção à minha vulgaridade. Ele estava empolgado.

— Esse seu *brazo* perdido vai valer ouro.

— Wireman, você é um cachorro cínico.

Ele tomou isso como o elogio que, de certa forma, era. Assentiu e o dispensou com um gesto magnânimo.

— Eu serei o seu advogado. Você escolhe os quadros; Nannuzzi se consulta com o advogado dele. Nannuzzi prepara o contrato da exposição; você se consulta comigo. Está bom para você?

— Acho que sim. Se for assim que se faz.

— É assim que a *gente* vai fazer. E, Edgar, por último, mas longe de menos importante, você vai ligar para todas as pessoas de que gosta convidando-as para a exposição.

— Mas...

— Isso mesmo — falou ele, assentindo. — Todo mundo. Seu analista, sua ex, suas duas filhas, o tal de Tom Riley, a mulher que fez sua fisioterapia...

— Kathi Green — falei, perplexo. — Wireman, Tom não viria. De jeito nenhum. E nem Pam. E Lin está na França. Com *estafilococos,* ainda por cima.

Wireman não deu ouvidos.

— Você mencionou um advogado...

— William Bozie III. Bozie.

— Convide-o. Ah, e sua mãe e seu pai, claro. Seus irmãos e suas irmãs.

— Meus pais morreram quando eu era criança. Bozie... — Eu assenti. — Bozie viria. Mas não o chame assim, Wireman. Não na cara dele.

— Chamar outro advogado de Bozie? Você acha que eu sou burro? — Ele pensou a respeito. — Eu dei um tiro na própria cabeça e não consegui me matar, então é melhor não responder a isso.

Eu não prestei muita atenção, pois estava pensando. Pela primeira vez compreendi que poderia dar uma festa de despedida para minha outra vida... *e as pessoas talvez aparecessem.* A ideia era ao mesmo tempo empolgante e intimidadora.

— Pode ser que *todos* eles venham, sabia? — disse ele. — Sua ex, sua filha viajante e seu contador suicida. Pense nisso: um bando de gente de Michigan.

— Minnesota.

Wireman deu de ombros e jogou as mãos para cima, indicando que dava no mesmo para ele. O que era muito presunçoso para um cara de Nebraska.

— Eu poderia fretar um avião — falei. — Um Gulfstream. Encher um andar inteiro do Ritz-Carlton. Torrar uma grana preta. Porra, por que não?

— É isso aí — disse ele, dando uma risadinha. — Dar uma de artista faminto total.

— Exatamente — falei. — Colocar um cartaz na janela. “TRABALHO EM TROCA DE TRUFAS.”

E então, nós dois rimos.

ix

Depois que os nossos pratos e copos já estavam no lava-louças, eu o conduzi de volta ao andar de cima, porém apenas por tempo o suficiente para bater meia dúzia de fotos digitais suas — closes grandes, sem charme algum. Eu tirei algumas boas fotografias na vida, mas sempre por acidente. Odeio câmeras e elas parecem saber disso. Quando terminei, disse a Wireman que ele poderia ir para casa e render Annmarie. Estava escuro lá fora, de modo que eu lhe ofereci meu Malibu.

— Vou caminhar. O ar me fará bem. — Então, ele apontou para a tela. — Posso dar uma olhada?

— Na verdade, preferiria que não.

Achei que ele fosse protestar, mas apenas assentiu e voltou para o andar de baixo, quase trotando. Havia um saltitar diferente na sua passada — isso certamente não era imaginação minha. Quando chegou à porta, ele disse:

— Ligue para Nannuzzi pela manhã. Nao deixe a grama crescer debaixo dos seus pés.

— Pode deixar. E você ligue para mim caso sinta alguma mudança no seu... — Eu gesticulei em direção ao rosto dele com minha mão salpicada de tinta.

Ele sorriu.

— Você será o primeiro a saber. Por enquanto, fico satisfeito por estar livre da dor de cabeça. — O sorriso se apagou. — Tem certeza de que ela não vai voltar?

— Não tenho certeza de nada.

— Pois é. Essa é a condição humana, não é mesmo? Mas obrigado por tentar. — E, antes

de eu me dar conta do que ele pretendia fazer, Wireman tinha pegado minha mão e beijado as costas dela. Um beijo suave, apesar dos pelos em cima do seu lábio superior. Então me disse *adios*, desaparecendo na escuridão, e os únicos sons que restaram foram o suspiro do golfo e a conversa sussurrada das conchas debaixo da casa. Então, ouviu-se um terceiro. O telefone estava tocando.

x

Era Ilse, ligando para bater papo. Sim, estava correndo tudo bem na faculdade, sim, estava tudo bem — ótimo, na verdade — com ela, sim, ela estava ligando para a mãe toda a semana e mantendo contato com Lin por e-mail. Na opinião de Ilse, a infecção de Lin era provavelmente uma conversa mole autodiagnosticada. Eu lhe disse que estava impressionado com a generosidade do seu sentimento e ela riu.

Contei a ela que havia uma possibilidade de eu expor meu trabalho em uma galeria de Sarasota e ela gritou tão alto que eu tive que afastar o fone do ouvido.

— Papai, isso é *maravilhoso*! Quando? Eu posso ir?

— Claro, se você quiser — falei. — Vou convidar todo mundo. — Essa era uma decisão que eu não tinha tomado por definitivo até me ouvir dando a informação a ela. — Deve ser em meados de abril.

— Merda! É na época em que eu estou pensando encontrar com os Hummingbirds. — Ela fez uma pausa. Pensou. E então: — Dá para encaixar os dois. Uma pequena turnê da minha parte.

— Você acha?

— Sim, claro. É só me dizer a data que eu estarei *aí*.

Lágrimas alfinetaram a parte de trás das minhas pálpebras. Não sei como é ter filhos homens, mas tenho certeza de que não pode ser tão recompensador — ou simplesmente tão bom — quanto ter filhas.

— Fico feliz, querida. Você acha... que existe alguma chance de a sua irmã vir?

— Quer saber, acho que sim — falou Ilse. — Ela vai ficar doida para ver o que o senhor está fazendo para deixar o pessoal do mundinho das artes tão empolgado. Vai sair alguma coisa na imprensa?

— Meu amigo Wireman acha que vai. O artista de um braço só, e tudo mais.

— Mas você é bom independente disso, papai!

Eu lhe agradeci e então mudei o assunto para Carson Jones. Perguntei quais eram as notícias dele.

— Ele está bem — disse ela.

— Sério?

— Claro... por quê?

— Nada. Achei que tinha ouvido um pouco de apreensão na sua voz.

Ela riu com pesar.

— Você me conhece bem demais. O fato é que os ingressos estão esgotando em todos os lugares que eles tocam agora; a notícia esta se palhando. A turnê iria terminar no dia 15 de

março porque quatro cantores têm outros compromissos, mas o agente deles encontrou três substitutos. E Bridget Andreisson, que se tornou *a* estrela, conseguiu que o início do curso de pastorado dela no Arizona fosse adiado. O que foi uma sorte. — Sua voz ficou grave quando ela disse isso, tornando-se a voz de uma adulta que eu não conhecia. — Então, em vez de terminar em meados de março, a turnê foi estendida até fim de junho, com datas no Meio-Oeste e um último show no Cow Palace, em São Francisco. Que bela gandaia, né? — Essa frase era minha, usada quando Illy e Lin eram garotinhas fazendo o que chamavam de "supershow de balé" na garagem, mas não me lembrava de tê-la dito alguma vez naquele tom triste e não exatamente sarcástico.

— Você está preocupada que aconteça algo entre seu namorado e essa tal de Bridget?

— Não! — falou ela imediatamente, rindo em seguida. — Ele diz que ela tem uma voz ótima e que tem sorte de estar cantando com ela, eles cantam duas músicas agora, em vez de uma, mas ela é superficial e convencida. Além do mais, ele falou que seria bom se ela chupasse algumas pastilhas de menta antes de eles terem que dividir um microfone.

Eu esperei.

— O.k. — disse ela finalmente.

— O.k. o quê?

— O.k., eu estou preocupada. — Uma pausa. — Um pouquinho, porque ele está com ela todos os dias dentro de um ônibus e no palco todas as noites, e eu estou aqui. — Outra pausa,

mais longa. E então: — E ele não parece o mesmo quando nos falamos por telefone. Está quase igual... mas não exatamente.

— Isso pode ser imaginação sua.

— É. Pode. E, de qualquer forma, se estiver acontecendo alguma coisa... não está acontecendo nada, tenho certeza que não... mas se *estiver* acontecendo alguma coisa, melhor agora do que depois... o senhor sabe, depois que nós...

— Sim — falei, pensando que aquilo era tão adulto que chegava a doer. Lembrei-me de quando encontrei a foto dos dois abraçados no quiosque de beira de estrada e toquei nela com a mão perdida. E de correr em seguida para a Casinha Rosa com Reba presa entre meu coto e o lado direito do corpo. Parecia ter sido há muito tempo. *Te amo, docinho!,* escrevera "Smiley", porém o desenho que eu havia feito com meu lápis de cor (que também pareciam de muito tempo atrás) de certa forma zombara da ideia de amor duradouro: a menininha com seu vestidinho de tenista, olhando para o golfo enorme. Várias bolas de tênis em volta dos seus pés. Mais delas flutuando nas ondas ondas que vinham do mar.

Aquela garota era Reba, mas também Ilse e... quem mais? Elizabeth Eastlake?

A ideia veio do nada, mas eu achei que sim.

A água está mais rápida agora, dissera Elizabeth. *Daqui a pouco a correnteza vai chegar. Você está sentindo?*

Eu sentia.

— Papai, o senhor está na linha?

— Sim — repeti. — Querida, não se torture, o.k.? E tente não ficar muito confusa. Meu amigo aqui diz que, no fim das contas, nós vencemos nossas preocupações pelo cansaço. Eu meio que acredito nisso.

— O senhor sempre faz com que eu me sinta melhor — disse ela. — É por isso que eu ligo. Eu te amo, papai.

— Eu também te amo.

— Quanto mesmo?

Há quantos anos ela não perguntava aquilo? Doze? Catorze? Não importava, eu me lembrava da resposta.

— Um milhão de vezes e mais uma para você guardar debaixo do travesseiro — falei.

Em seguida, me despedi, desliguei e pensei que, se Carson Jones magoasse minha filha, eu iria matá-lo. O pensamento me fez sorrir um pouco, pensando em quantos pais haviam pensado o mesmo e feito a mesma promessa. Contudo, de todos aqueles pais, eu talvez fosse o único que podia matar um pretendente insensível que magoava as filhas dos outros com algumas pinceladas.

xi

Dario Nannuzzi e um de seus sócios, Jimmy Yoshida, apareceram logo no dia seguinte. Yoshida era um Dorian Gray nipo-americano. Ao sair do Jaguar de Nannuzzi na minha entrada para carros, usando um jeans de corte reto desbotado e uma blusa Rhianna Pon De Replay mais desbotada ainda, com o cabelo preto esvoaçando na brisa que vinha do golfo, ele ainda parecia ter 28 anos. Ao chegar perto de mim para apertar minha mão, eu pude ver as linhas ao redor dos seus olhos e boca e posicioná-los em algum lugar por volta dos 40 e muitos.

— É um prazer conhecê-lo — disse ele. — A galeria ainda está em polvorosa por conta da sua visita. Mary Ire já voltou duas vezes para perguntar quando nós vamos contratá-lo.

— Entrem — falei. — Nosso amigo que mora do outro lado da praia, Wireman, já me

ligou duas vezes para se certificar de que eu não assine nada sem ele ver antes.

Nannuzzi sorriu.

— Nosso negócio não é enganar artistas, sr. Freemantle.

— Edgar, lembra? Vocês gostariam de um café?

— Primeiro a gente olha — disse Yoshida. — Depois toma café.

Eu respirei fundo.

— Perfeito. Subam comigo.

Eu tinha coberto o retrato de Wireman (que ainda não passava de um vulto com um cérebro flutuando na parte de cima) e minha pintura de Tina Garibaldi e Candy Brown tinha dado adeusinho e ido parar no armário do andar de baixo (junto com *Amizades Coloridas* e a figura com o manto vermelho), mas deixei o resto dos meus trabalhos à vista. Já havia telas o bastante para recostar em duas paredes inteiras e parte de uma terceira; 41 no total, incluindo cinco versões de *Garota e Navio.*

Quando o silêncio deles se tornou insuportável para mim, eu o quebrei:

— Obrigado pela dica sobre aquele Liquin. É ótimo. O que minhas filhas chamariam de "um estouro".

Nannuzzi não parecia ter escutado. Ele estava indo em uma direção e Yoshida em outra. Nenhum dos dois perguntou sobre a tela grande, coberta por um lençol, no cavalete; imaginei que fazê-lo talvez fosse considerado deselegante no mundo deles. Sob os nossos pés, as conchas murmuravam. Em algum lugar, muito ao longe, um jet ski rugiu. Meu braço direito coçou, porém de leve e bem lá no fundo. como se dissesse que queria pintar, mas não tinha pressa — sabia que sua hora iria chegar. Antes de o sol se pôr. Eu pintaria, consultando a princípio as fotos presas nos lados do cavalete, então alguma outra coisa assumiria o controle e as conchas rilhariam mais alto e o tom cromo do golfo mudaria — primeiro para cor de pêssego, depois rosa, depois laranja e finalmente *VERMELHO* — e ficaria tudo bem, tudo bem, absolutamente tudo ficaria bem.

Nannuzzi e Yoshida se reencontraram diante da escada que conduzia ao andar de baixo. Eles confabularam por um instante, então vieram na minha direção. Do bolso de trás do seu jeans, Yoshida retirou um envelope tamanho ofício com as palavras **MODELO DE**

CONTRATO/GALERIA SCOTO impressas com capricho na parte da frente.

— Tome — disse ele. — Diga ao sr. Wireman que nós faremos qualquer ajuste razoável para podermos representar seu trabalho.

— Sério? — perguntei. — Vocês têm certeza?

Yoshida não sorriu.

— Sim, Edgar. Nós temos certeza.

— Obrigado — falei. — Obrigado aos dois. — Olhei para além de Yoshida e vi Nannuzzi, que *estava* sorrindo. — Dario, eu fico muito agradecido.

Dario olhou ao seu redor para as pinturas, deu uma risadinha, então ergueu as mãos e as largou de volta.

— Acho que nós é que deveríamos lhe agradecer, Edgar.

— Estou impressionado com a objetividade deles — disse Yoshida. — E como são... não sei, mas... acho que... *lúcidos.* Essas imagens nos carregam junto com elas sem nos afogar. A outra coisa que me impressionou é a rapidez com que você trabalhou. Você está desarrolhando.

— Não sei o que isso quer dizer.

— Às vezes dizemos que artistas que começam tarde estão desarrolhando — disse Nannuzzi. — Como se estivessem tentando compensar o tempo perdido. Mesmo assim... quarenta quadros em uma questão meses... de *semanas,* na verdade...

E você nem viu o que matou aquele infanticida, pensei.

Dario riu sem muito humor.

— Tente não deixar um incêndio destruir esse lugar, sim?

— É... isso seria ruim. Considerando que nós façamos um acordo, eu poderia armazenar parte do meu trabalho na sua galeria?

— Claro — disse Nannuzzi.

— Maravilha. — Pensando que eu gostaria de assinar o mais rápido possível, independente do que Wireman achasse do contrato, só para tirar aquelas pinturas da ilha... e não era com fogo que eu estava preocupado. Desarrolhar pode ser algo bem comum entre artistas que começam tarde na vida, mas 41 quadros em Duma Key eram pelo menos três dúzias a mais do que o ideal. Eu conseguia sentir a presença deles naquele quarto, como eletricidade em uma campânula de vidro.

É claro que Dario e Jimmy sentiam o mesmo. Isso era parte do que tornava aquelas pinturas tão eficientes. Elas eram *cativantes*.

xiii

Eu me juntei a Wireman e Elizabeth para tomar café na beirada da passarela do *Palacio* na manhã seguinte. Àquela altura, eu estava tomando somente aspirina para a dor e minhas Grandes Caminhadas pela Praia haviam se tornado um prazer, em vez de um desafio. Especialmente depois que o tempo esquentou.

Elizabeth estava na sua cadeira de rodas com os restos de um bolo de café da manhã espalhados pela bandeja. Ao que parecia, Wireman também conseguira fazer com que ela

tomasse um pouco de suco e meia xícara de café. Ela olhava para o golfo com uma expressão grave de desaprovação, parecendo mais naquela manhã com o capitão Bligh do HMS *Bounty* do que com a filha de um chefão da Máfia.

— *Buenos dias*, *mi amigo,* disse Wireman. E para Elizabeth: — É o Edgar, srta. Eastlake. Ele veio jogar cartas. Não quer dizer um olá?

— Mijo merda cabeça rato — foi sua resposta. De qualquer forma, ela disse aquilo para o golfo, que ainda estava azul-escuro e praticamente adormecido.

— Ela ainda não está tão bem, pelo que vejo — disse eu.

— Não. Eu já a vi afundar e voltar à tona antes, mas ela nunca tinha decido tão fundo.

— Eu ainda não trouxe nenhuma das minhas pinturas para ela ver.

— Não faz sentido a essa altura. — Ele me deu uma xícara de café preto. — Tome. Dê uma provada nisto aqui.

Eu lhe entreguei o envelope com o modelo de contrato. Enquanto Wireman o tirava de dentro dele, voltei-me para Elizabeth.

— Gostaria que eu lesse alguns poemas mais tarde?— perguntei para ela.

Nada. Ela apenas olhava para o golfo com aquela carranca dura como pedra: o capitão Bligh prestes a ordenar que alguém fosse amarrado ao mastro de proa e açoitado nas costas nuas.

Sem motivo algum, perguntei:

— O seu pai era mergulhador, Elizabeth?

Ela virou um pouco a cabeça e voltou seus olhos ancestrais para mim. Seu lábio superior se ergueu em um sorriso de cachorro. Por um momento — ele foi breve, mas pareceu longo — tive a impressão de que outra pessoa me encarava. Ou algo que não fosse uma pessoa. Uma entidade que estivesse usando o corpo velho e esbranquiçado de Elizabeth Eastlake como uma meia. Minha mão direita se fechou brevemente em um punho e, mais uma vez, senti unhas inexistentes, longas demais, ferirem uma palma inexistente. Então, ela olhou de volta para o golfo, tateando ao mesmo tempo a bandeja até seus dedos encontrarem por acaso um pedaço de bolo, enquanto eu chamava a mim mesmo de um idiota que precisava parar de deixar seus nervos tomarem conta da situação. Sem dúvida havia forças estranhas agindo naquele lugar, porém nem toda sombra era um fantasma.

— Ele era — respondeu Wireman distraidamente, enquanto desdobrava o contrato. — John Eastlake costumava dar uma de Ricou Browning... aquele cara que interpretou o Monstro da Lagoa Negra nos anos 50.

— Wireman, você é um poço artesiano de cultura inútil.

— É, eu sou demais. O pai dela não comprou aquele lança-arpão numa loja, sabia? Segundo a srta. Eastlake, ele foi feito por encomenda. Deveria estar é num museu.

Mas eu não estava interessado no lança-arpão de John Eastlake, não naquele momento.

— Você está *lendo* o contrato?

Ele largou na bandeja e olhou para mim, perplexo.

— Estava tentando.

— E o seu olho esquerdo?

— Nada. Mas, veja bem, não tenho motivo para ficar desapontado. O médico *disse*...

— Faça-me um favor. Cubra o seu olho esquerdo.

Ele cobriu.

— O que está vendo?

— Você, Edgar. Um *hombre muy feo.*

— Sei, sei. Agora cubra o direito.

Ele cobriu.

— Agora eu vejo tudo preto. Só que... — Ele fez uma pausa. — Talvez nem *tão* preto quanto antes. — Ele baixou a mão de volta. — Não sei dizer ao certo. Atualmente, não consigo separar a verdade da esperança. — Ele balançou a cabeça com força o bastante para agitar seus cabelos, então bateu com a base da mão na testa.

— Calma.

— Para você é fácil falar. — Ele ficou calado por alguns momentos, então apanhou o pedaço de bolo da mão de Elizabeth e o deu para ela comer. Quando ele estava depositado com segurança na sua boca, Wireman se voltou para mim. — Será que você poderia cuidar dela enquanto eu vou pegar um negócio?

— Com prazer.

Ele subiu andando a passarela e eu fiquei com Elizabeth. Tentei lhe dar de comer os pedaços que restavam do bolo e ela os derrubou da minha mão ao tentar mordiscá-los, me trazendo à lembrança um coelho que eu havia tido aos 7 ou 8 anos. Sr. Hitchens era o seu nome, embora eu não soubesse mais por quê... a memória é uma coisa engraçada, não? Sua boca era desdentada e macia, porém não desagradável. Acariciei o lado da sua cabeça, onde o cabelo branco — crespo, um tanto áspero — se esticava para trás em direção a um coque. Ocorreu-me que Wireman devia pentear e prender aquele cabelo todas as manhãs. Que ele deve tê-la vestido naquele dia, incluindo as fraldas, pois sem dúvida ela ficava incontinente naquele estado. Perguntei-me se ele pensava em Esmeralda quando prendia os alfinetes ou apertava os laços. Se pensava em Julia quando fazia o coque.

Apanhei outro pedaço de bolo. Ela abriu a boca com obediência para recebê-lo... porém, eu hesitei.

— O que tem na cesta de piquenique vermelha, Elizabeth? A que está no sotão?

Ela pareceu pensar. E com força. Então:

— Um tubo de mergulho velho. — Ela hesitou. Então deu de ombros. — Um tubo de mergulho velho que Adie quer. Manda! — E deu uma gargalhada. Foi um som assustador, como uma risada de bruxa. Eu lhe dei de comer o resto do bolo, pedaço por pedaço, e não fiz mais perguntas.

xiv

Quando Wireman voltou, trazia um gravador portátil. Ele o entregou para mim.

— Odeio pedir para você gravar o contrato, mas não tenho escolha. Pelo menos o raio do negócio só tem duas páginas. Eu gostaria de tê-lo de volta esta tarde, se possível.

— Sem problemas. E se algum dos meus quadros chegar a ser vendido, você vai receber uma comissão, meu amigo. Isso deve cobrir tanto a assessoria legal quanto a artística.

Ele se recostou na sua cadeira, rindo e gemendo ao mesmo tempo.

— *Por Dios!* Logo quando eu pensei que não poderia descer mais fundo na minha vida, eu me torno uma porra de um agente artístico. Desculpe-me pelo linguajar, srta. Eastlake.

Ela não deu ouvidos, apenas continuou olhando com gravidade para o golfo, onde — na distância mais remota e azul que a visão alcançava — um petroleiro rumava para o Norte, em direção a Tampa. Ele me fascinou de imediato. Navios no golfo tinham o hábito de fazer isso comigo.

Então, eu me forcei a dar atenção novamente a Wireman.

— Você é o responsável por tudo isso, então...

— O *cacete* que sou!

— ...então tem que estar preparado para aceitar sua comissão como um homem.

— Fico com dez por cento, o que provavelmente já é demais. Aceite *muchacho,* ou começamos a falar em oito.

— Tudo bem. Fechamos em dez. — Eu estendi meu braço e nós trocamos um aperto de mãos sobre a bandeja cheia de migalhas de Elizabeth. Coloquei o gravador no bolso. — E você me avise se houver alguma mudança no seu... — Apontei para o seu olho vermelho. Que realmente já não estava tão vermelho quanto antes.

— Claro. — Ele pegou o contrato. Havia migalhas do bolo de Elizabeth nele. Ele as limpou com a mão e o entregou para mim, então se inclinou para a frente, as mãos unidas entre os joelhos, me encarando por sobre o vulto imponente do busto de Elizabeth. — Se eu fizesse outra radiografia, o que ela mostraria? Que a bala está menor? Que ela sumiu?

— Não sei.

— Você ainda está trabalhando no meu retrato?

— Estou.

— Não pare, *muchacho*. Por favor, não pare.

— Não pretendo parar. Mas não crie esperanças demais, O.K.?

— Pode deixar. — Então, outra ideia lhe veio à cabeça, estranhamente parecida com a preocupação externada por Dario. — O que você acha que aconteceria se um relâmpago

atingisse o Casarão Rosa e o queimasse até o chão com aquele quadro dentro? O que acha que aconteceria comigo?

Eu balancei a cabeça. Não queria pensar naquilo. Mas pensei, sim, em perguntar para Wireman se poderia ir até o sótão do *Palacio* para procurar uma certa cesta de piquenique (ela era *VERMELHA),* porém desisti. Tinha certeza de que ela estava lá, embora não tivesse tanta certeza se queria saber o que havia dentro dela. Coisas estranhas estavam acontecendo em Duma Key. Eu tinha motivos para crer que nem todas eram boas e não queria fazer nada a respeito da maioria delas. Se as deixasse em paz, talvez elas me deixassem em paz. Eu iria enviar a maior parte dos meus quadros para fora da ilha para que tudo continuasse bem e sossegado; os venderia, também, se as pessoas quisessem comprá-los. Enquanto as criava, sentia paixão por aquelas telas, porém, assim que ficavam prontas, eram tão importantes para mim quanto os calos nos dedos do pé que, às vezes, eu lixava para minhas botas não apertarem no fim de um dia quente de agosto em um canteiro de obras qualquer.

Guardaria para mim a série *Garota e Navio,* não por algum tipo de afeição especial, mas porque ela não estava pronta; aquelas pinturas ainda estavam em carne viva. Talvez as pudesse expor e vender mais tarde, mas, por ora, pretendia mantê-las bem onde estavam, na Casinha Rosa.

xv

Não havia barcos no horizonte quando eu cheguei em casa, e momentaneamente a necessidade de pintar havia passado. De modo que usei o gravador portátil de Wireman para gravar o modelo de contrato. Não que eu fosse advogado, mas tinha visto e assinado bastante papelada judicial na minha outra vida, e aquilo me pareceu bem simples.

Naquela noite, levei tanto o contrato quanto o gravador de volta para *El Palacio*. Wireman estava preparando o jantar. Elizabeth estava sentada no Salão das Porcelanas. A garça de olhar penetrante — que era uma espécie de bicho de estimação não oficial — estava parada na calçada da frente, olhando para dentro da casa com uma desaprovação soturna. O sol de fim do dia enchia o salão de luz. Porém, a atmosfera *não* estava leve. A Cidade de Porcelana estava em desordem, as pessoas e os animais caídos por todo lado, os prédios espalhados pelos quatro cantos da mesa de bambu. A casa de fazenda sustentada por pilares chegava a estar virada. Na cadeira ao lado da mesa, com sua expressão de capitão Bligh, Elizabeth parecia me desafiar a arrumar a bagunça.

Wireman veio falando por trás de mim, me fazendo pular de susto.

— Se você tenta reorganizar os bibelôs em qualquer arranjo que seja, ela desarruma tudo de novo. Já derrubou um monte deles no chão e os quebrou.

— Eles são valiosos?

— Alguns, mas a questão não é essa. Quando está sã, ela reconhece todos os bibelôs. Reconhece e ama cada um deles. Se acordar e perguntar onde está Bo Peep... ou o Carvoeiro... e eu lhe disser que e os quebrou, vai ficar triste o dia inteiro.

— Se ela acordar.

— É. Enfim.

— Acho que eu vou para casa, Wireman.

— Vai pintar?

— Essa é a ideia. — Eu me voltei para o caos sobre a mesa. — Wireman?

— Estou bem aqui, *vato.*

— Porque ela os bagunça desse jeito quando está assim?

— Porque não suporta olhar para algo que ela não é, imagino.

Comecei a dar meia-volta. Ele colocou a mão sobre o meu ombro.

— Eu preferia que você não me visse agora — falou ele, mal conseguindo controlar a voz. — Não sou eu mesmo neste momento. Saia pela porta da frente e então volte para os fundos pelo pátio, se quiser pegar a praia. Você faria isso?

Foi o que eu fiz. E, quando cheguei, comecei a trabalhar no seu retrato. Não estava ruim. Com isso, imagino que eu queira dizer que estava bom. Conseguia ver o rosto dele ali, querendo sair. Começando a aparecer. Não havia nada de especial, mas não tinha problema. Era sempre melhor quando não havia nada de especial. Eu estava feliz, disso eu me lembro. Estava em paz. As conchas murmuravam. Meu braço direito coçava, mas muito de leve e bem no fundo. A janela que dava para o golfo era um retângulo de escuridão. Em algum momento, eu fui para o andar de baixo e comi um sanduíche. Liguei o rádio e sintonizei a estação The Bone: J. Geils tocando "Hold Your Lovin". J. Geils nao era nada de especial, mas apenas ótimo — um presente dos deuses do rock-and-roll. Eu pintei e o rosto de Wireman surgiu um pouco mais. Era um fantasma àquela altura. Um fantasma assombrando a tela. Contudo, era uma assombração inofensiva. Se eu me virasse, Wireman não estaria parado no topo da escada onde Tom Riley havia aparecido e, do outro da praia, no *Palacio de Asesinos,* o lado esquerdo do mundo dele ainda estava escuro; de alguma forma, tinha certeza disso. Eu pintava. O rádio tocava. Por sob a música, as conchas murmuravam.

Em um determinado momento eu parei, tomei um banho e fui dormir. Não tive sonhos.

Quando penso no tempo que passei em Duma Key, aqueles dias de fevereiro e março, durante os quais trabalhei no retrato de Wireman me parecem os melhores de todos.

Wireman me telefonou no dia seguinte às dez. Eu já estava diante do cavalete.

— Estou interrompendo?

— Não tem importância — respondi. — Estava precisando de um descanso. — Era mentira.

— Sentimos sua falta hoje pela manhã. — Uma pausa. — Bem, você entendeu. Eu senti sua falta. *Ela*..

— Claro — falei.

— O contrato é sopa no mel. Muito pouca coisa para mexer. Ele diz que você e a galeria dividem a grana meio a meio, mas eu vou estabelecer um limite. A divisão de cinquenta por cento para a galeria e para o artista não se aplicará após a venda bruta superar 25 mil dólares. Assim que você passar dessa marca, a sua porcentagem passa a ser de sessenta e cinco por cento.

— Wireman, eu nunca vou vender 25 mil dólares em pinturas!

— Estou torcendo para eles terem a mesmíssima opinião, *muchacho,* e é por isso que também vou propor que a divisão passe a ser 70% contra 30% a partir de meio milhão.

— E mais uma punheta da Miss Flórida — falei, débilmente. — Anote isso.

— Anotado. A outra coisa é essa cláusula resolutiva de 180 dias. Deveriam ser noventa. Não prevejo problemas nesse caso, mas acho interessante. Eles estão com medo de que alguma galeria grande de Nova York vá fisgar você e levá-lo embora.

— Algo mais sobre o contrato que eu deva saber?

— Não, e sinto que você quer voltar ao trabalho. Entrarei em contato com o sr. Yoshida a respeito dessas mudanças.

— Alguma mudança na sua visão?

— Não, *amigo.* Queria poder dizer que sim. Mas continue pintando.

Eu estava afastando o fone do ouvido quando ele disse:

— Você por acaso assistiu ao noticiário hoje de manhã?

— Não, nem liguei a televisão. Por quê?

— Segundo o legista do condado, Candy Brown morreu de insuficiência cardíaca congestiva. Achei que você gostaria de saber.

xvii

Eu pintava. O progresso era lento, porém estava longe de ser inexistente. Wireman nadava em direção à existência ao redor da janela onde se cérebro flutuava no golfo. Era um Wireman mais jovem do que o presente nas fotos anexadas nos lados do meu cavalete, mas isso não era problema: eu as consultava cada vez menos e, no terceiro dia, as tirei de lá por completo. Não precisava mais delas. Contudo, eu pintava da maneira como imaginava que a maioria dos

outros artistas o fazia: como se fosse um emprego, em vez de um acesso de loucura viajante que ia e vinha em espasmos. Trabalhava com o rádio ligado, sempre sintonizado na estação The Bone.

No quarto dia, Wireman me trouxe um contrato revisado e disse que eu poderia assinar. Falou também que Nannuzzi queria tirar fotografias dos meus quadros e fazer slides para uma palestra na Biblioteca Selby, em Sarasota, em meados de março, um mês antes da abertura da minha exposição. A palestra, segundo Wireman, contaria com a presença de sessenta ou setenta patronos da arte da região de Tampa-Sarasota. Eu concordei e assinei o contrato.

Dario apareceu naquela tarde. Eu estava louco para ele tirar logo suas fotos e ir embora para eu poder voltar ao trabalho. Mais para jogar conversa fora, lhe perguntei quem daria a palestra na Biblioteca Selby.

Dario olhou para mim com uma sobrancelha torta, como se eu tivesse feito uma piada.

A única pessoa no mundo que é versada no seu trabalho atualmente — disse ele. — Você.

Eu o encarei boquiaberto.

— Não posso dar uma palestra! Não entendo nada de arte!

Ele agitou o braço na direção dos quadros, que Jack e dois funcionários da Scoto encaixotariam e transportariam para Sarasota na semana seguinte. Eles permaneceriam encaixotados, eu supunha, no depósito dos fundos da galeria até pouco antes da abertura da exposição.

— Eles desmentem isso, meu amigo.

— Deus, essa gente *sabe* das coisas! Eles estudaram! Pelo amor de Deus, aposto que a maioria é formada em arte! O que você quer que eu faça? Que suba lá na frente e fale *dã*?

— É basicamente isso que Jackson Pollock fazia quando falava sobre o seu trabalho. Geralmente bêbado. E isso fez dele um homem rico. — Dario se aproximou de mim e me pegou pelo coto. Aquilo me impressionou. Pouca gente é capaz de tocar o coto de um membro; é como se acreditassem, bem no fundo, que a amputação pudesse ser contagiosa. — Ouça, meu amigo, esse pessoal é importante. Não porque eles têm dinheiro, mas porque estão interessados em novos artistas e cada um conhece outros três que pensam a mesma coisa. Depois da palestra, da *sua* palestra, a conversa vai começar. O tipo de conversa que que quase sempre se transforma naquela coisa mágica chamada "burburinho".

Ele fez uma pausa, brincando com a alça da câmera e sorrindo um pouco.

— Tudo que você precisa fazer é falar sobre como começou e como desenvolveu seu talento...

— Dario, eu não *sei* como desenvolvi meu talento!

— Então diga isso. Diga qualquer coisa! Pelo amor de Deus, você é um *artista*!

Deixei o assunto morrer ali. A ameaça da palestra ainda me parecia distante e eu queria que ele fosse embora. Queria ligar o rádio na Bone, tirar o lençol de cima da tela no cavalete e voltar a trabalhar em *Wireman Olhando para o Oeste*. E quer saber a verdade nua e crua? O ato de pintar já não se limitava a algum truque de mágica hipotético. Passara a ser um truque de mágica em si mesmo. Eu me tornara muito egoísta em relação a ele, e qualquer coisa que viesse em seguida — uma promessa de entrevista com Mary Ire, a palestra, a própria exposição — não parecia estar à minha frente, mas, de alguma forma, muito acima de mim. Da maneira como a chuva na superfície do golfo deve parecer a um peixe.

Durante aquela primeira semana de março, tudo girava em torno da luz do dia. Não da luz do pôr do sol, mas da luz do dia. A maneira como ela enchia a Casinha Rosa e parecia suspendê-la. Naquela semana, a coisa girava em torno da música no rádio; qualquer coisa dos Allman Brothers, de Molly Hatchet, de Foghat que tocasse. Em torno de J.J.Cale apresentando "Call Me the Breeze" com as palavras: "Vamos ouvir mais uma das suas canções de rock das antigas favoritas; sebo nas canelas rumo à Broadway" e de como, quando desligava o rádio e limpava meus pincéis, eu conseguia ouvir as conchas debaixo da casa. Do rosto fantasmagórico que eu via, de um homem mais jovem que ainda não conhecia a vista de Duma. Existe uma canção — acho que é de Paul Simon — que tem o seguinte verso: *If I'd never loved, I never would have cried.*[16] Aquele rosto era assim. Não era um rosto real, não exatamente, porém, eu o estava tornando real. Ele estava crescendo em volta do cérebro que flutuava no golfo. Eu não precisava mais de fotografias, pois aquele era um rosto que eu conhecia. Ele era uma memória.

xviii

Em 4 de março fez calor o dia inteiro, mas eu não me dei o trabalho de ligar o ar-condicionado. Pintei usando somente um short de ginástica, com o suor descendo pelo rosto e pelos lados do corpo. O telefone tocou duas vezes. Na primeira, era Wireman.

— Não temos visto muito você pelas bandas de cá ultimamente, Edgar. Quer vir jantar aqui?

— Acho que vou recusar, Wireman. Obrigado.

— Está pintando, ou se encheu da nossa sociedade aqui no *Palacio!* Ou os dois?

— Só a parte de estar pintando. Estou quase terminando. Alguma mudança no departamento ocular?

— A lâmpada do olho esquerdo ainda está apagada, mas eu comprei um tapa-olho para ele e, quando estou usando, consigo ler com o direito por até 15 minutos seguidos. É um progresso e tanto e acho que devo isso a você.

— Não sei se deve ou não — falei. — Não é como a pintura que eu fiz de Candy Brown e Tina Garibaldi. Ou da minha mulher com seus... seus amigos, por sinal. Dessa vez, não tem nenhum *bam.* Entende o que eu quero dizer com *bam*?

— Sim, muchacho.

— Mas se algo for acontecer, imagino que vá ser logo. Se não, pelo menos você vai ter um retrato de como *talvez* fosse aos 25 anos.

— Tá de brincadeira, *amigo*?

— Não.

— Acho que nem me lembro de como eu era quando tinha 25 anos.

— Como está Elizabeth? Alguma mudança?

Ele suspirou.

— Ela parecia um pouco melhor ontem pela manhã, então levei para o salão dos fundos; tem uma mesa menor lá, que eu chamo de Subúrbios de Porcelana. Daí ela atirou um conjunto de bailarinas em porcelana Wallendorf no chão. Todas as oito quebraram. Insubstituíveis, é claro.

— Sinto muito.

— No outono passado, eu jamais imaginaria que a coisa poderia ficar tão ruim, e Deus nos pune pelo que não conseguimos imaginar

A segunda ligação veio 15 minutos depois e eu atirei o pincel na minha mesa de trabalho com irritação. Era Jimmy Yoshida. Era difícil continuar irritado depois de ser exposto à sua empolgação, que beirava a histeria. Ele tinha visto os slides e afirmou que eles "fariam todo mundo cair de rabo no chão".

— Maravilha — falei. — Na minha palestra, eu pretendo dizer a eles: "Levantem o rabo e parem de olhar para o próprio umbigo"... e depois ir embora.

Ele riu como se aquela fosse a coisa mais engraçada que tinha ouvido na vida, então disse:

— Na verdade, estou ligando para perguntar se você quer que a gente marque alguma

pintura como IPV; indisponível para venda.

Um barulho que parecia o de um caminhão grande, de carga pesada, atravessando uma ponte de madeira veio lá de fora. Olhei na direção do golfo — onde não havia pontes de madeira — e percebi que tinha ouvido um trovão vindo lá de longe, do oeste.

— Edgar, você ainda está na linha?

— Estou — falei. — Considerando que alguém vá querer comprar, você pode vender qualquer coisa, menos a série *Garota e Navio.*

— Ah.

— Esse "ah" me pareceu ser de decepção.

— Eu pretendia comprar um deles para a galeria. Estava de olho no *No. 2.* — E, de acordo com os termos do contrato, ele poderia comprá-lo com um desconto de cinquenta por cento. *Nada mal guri,* teria dito meu pai.

— A série ainda não está pronta. Talvez quando o resto dela estiver pintado.

— Quantos mais serão?

Eu vou continuar pintando até conseguir ler a porra do nome do navio-fantasma no espelho de popa.

Eu poderia ter dito isso em voz alta, se mais trovões não tivessem ribombado no oeste.

— Acho que saberei quando for a hora. Agora, se você me permite...

— Você está pintando. Desculpe-me. Vou deixá-lo voltar ao trabalho...

Ao desligar o telefone sem fio, me perguntei se queria ou não voltar a pintar. Mas... estava perto do fim. Se continuasse, talvez conseguisse terminar naquela noite. E meio que gostava da ideia de pintar enquanto uma tempestade vinha soprando do golfo.

Aquela ideia me pareceu — Deus me livre — romântica.

Então, liguei o rádio, que havia desligado para falar ao telefone, e lá estava Axl Rose, se esgoelando mais do que nunca em "Welcome to the Jungle". Apanhei um pincel e o coloquei

atrás da orelha. Então, apanhei outro e comecei a pintar.

xix

As nuvens carregadas se acumularam, embarcações negras no casco e roxas como hematomas no meio. Vez por outra, um relâmpago brilhava por dentro delas, deixando-as parecidas com cérebros repletos de ideias ruins. O golfo perdeu sua cor e morreu. O pôr do sol era uma faixa amarela que crepitou em tons fracos de laranja e se apagou. A Casinha Rosa foi invadida pelas trevas. O rádio começou a berrar estática a cada relâmpago que explodia. Eu parei tempo suficiente para desligá-lo, mas não acendi as luzes.

Não me recordo quando exatamente deixou de ser eu quem fazia a pintura... e até hoje, não se ao certo se isso chegou a acontecer de fato; talvez *sí*, talez *no*. Tudo que sei é que, em um determinado momento, olhei para baixo e vi meu braço direito sob a última luz enfraquecida do dia e sob os relâmpagos que balbuciavam ocasionalmente no céu. O coto estava bronzeado, o resto, branco como um lençol. Os músculos pendiam soltos e flácidos. Não havia cicatriz, somente a marca do bronzeado, porém, abaixo dela, o braço coçava como fogo seco. Então, o relâmpago brilhou novamente e não havia mais braço algum — jamais houvera, pelo menos não em Duma Key —, mas a coceira ainda estava lá, tão forte que minha vontade era arrancar um pedaço de alguma coisa com os dentes.

Eu me voltei para a tela e, no mesmo instante, a coceira se derramou naquela direção

como água de um vaso. Então, o frenesi tomou conta de mim. A tempestade desabou sobre a ilha assim que a noite caiu e eu pensei naqueles números de circo em que um cara vendado atira facas em uma garota bonita com as pernas abertas em um disco de madeira giratório. Acho que ri daquilo, pois eu estava *pintando* vendado, ou quase. Vez por outra, um relâmpago iluminava a tela e Wireman saltava para cima de mim, Wireman aos 25 anos de idade, Wireman antes de Julia, antes de Esmeralda, antes da *loteria.*

Eu ganho, você ganha.

Um relâmpago colossal encheu minha janela de uma luz violeta e branca e uma rajada de vento gritante trouxe consigo aquela eletricidade do golfo, jogando chuva contra o vidro com tanta força que eu pensei (com a parte da minha mente ainda capaz de pensar) que ele sem dúvida quebraria. Um bombardeio explodiu logo acima da minha cabeça. E, lá embaixo, o murmúrio das conchas se tornara a conversa de coisas mortas trocando segredos em vozes esqueléticas. Como eu não tinha conseguido ouvir aquilo antes? Coisas mortas, é claro! Um navio viera até ali, um navio dos mortos com velas apodrecidas, e descarregara cadáveres vivos. Eles estavam debaixo daquela casa e a tempestade os havia despertado. Eu conseguia vê-los brotando através da mortalha de conchas, formas gelatinosas e pálidas com cabelos verdes e olhos de gaivota, rastejando uns sobre os outros na escuridão e falando, falando, falando. Sim! Porque tinham muito assunto para colocar em dia, e quem poderia saber quando a próxima tempestade viria ressuscitá-los novamente?

E, ainda assim, eu continuava pintando. Pintava aterrorizado e no escuro, meu braço se movendo para cima e para baixo tão depressa que, por um instante, eu parecia estar *conduzindo* a tempestade, impossível parar. E, em algum momento, *Wireman Olhando para o Oeste* ficou pronto. Meu braço direito me disse que sim. Talhei minhas iniciais — EF — no canto inferior esquerdo e então quebrei o pincel em dois com as duas mãos. Os pedaços caíram no chão. Eu me afastei mancando do cavalete, gritando para que parasse seja lá o que estivesse acontecendo. E pararia, com certeza; o quadro estava pronto e sem dúvida aquilo pararia.

Cheguei ao topo da escada, olhei para baixo e, lá no fundo, havia dois pequenos vultos encharcados. Eu pensei: *maçã, laranja.* Eu pensei, *eu ganho, você ganha.* Então, outro relâmpago brilhou no céu e eu vi duas meninas de uns 6 anos de idade, certamente gêmeas e certamente as irmãs afogadas de Elizabeth Eastlake. Usavam vestidos que estavam colados aos seus corpos. Seus cabelos estavam emplastrados nas bochechas. Seus rostos eram horrores pálidos.

Eu sabia de onde elas tinham vindo. Haviam saído rastejando de debaixo das conchas.

Começaram a subir as escadas na minha direção de mãos dadas. Um trovão ribombou a mais de um quilômetro de distância. Tentei gritar. Não consegui. Pensei: *Não estou vendo isso.* Então pensei: *Estou, sim.*

— Vou conseguir — disse uma das meninas. Ela falou com a voz das conchas.

— Era vermelho — disse a outra. Ela falou com a voz das conchas. Já haviam subido metade das escadas. Suas cabeças eram pouco mais que caveiras com cabelo molhado escorrendo pelos lados.

— Senta na *chaleira* — disseram elas juntas, como meninas cantando uma música de pular corda... porém, falavam com a voz das conchas. — Senta na *brasa.*

Elas estenderam suas mãos para mim com dedos terríveis, que pareciam barrigas de peixe.

Eu desmaiei no topo da escada.

xx

O telefone estava tocando. Aquele era meu Inverno Telefônico.

Abri os olhos e tateei em busca do abajur, querendo luz, pois acabara de ter o pior pesadelo da minha vida. Em vez de encontrá-lo, meus dedos bateram contra a parede. No instante em que isso aconteceu, percebi que minha cabeça estava inclinada em um ângulo estranho e doloroso contra aquela mesma parede. Um trovão ressoou — porém, fraca e lentamente, como se estivesse se despedindo — e isso bastou para trazer tudo de volta com uma clareza dolorosa e assustadora. Eu não estava na cama. Estava na Casinha Rosa. Tinha desmaiado porque...

Meus olhos se arregalaram. Minha bunda estava no patamar, minhas pernas, estendidas pela escada abaixo. Pensei nas duas meninas afogadas — não, foi mais que isso, foi um instante de recordação total e reluzente — e saltei de pé sem nem ao menos sentir meu quadril bichado. Minha concentração estava completamente voltada para os três interruptores no topo da escada, porém, no instante em que meus dedos os encontraram eu pensei: *Eles não vão*

funcionar, a tempestade cortou a energia.

No entanto, eles *funcionaram,* banindo a escuridão do ateliê e do vão da escada. Tive um momento de pavor quando vi areia e água ao pé da escada, porém a luz se estendia o suficiente para eu ver que a porta da frente tinha sido aberta pelo vento.

Sem dúvida tinha sido apenas o vento.

Na sala, o telefone parou de tocar e a secretária eletrônica iniciou. Minha voz gravada convidou quem estivesse ligando a deixar uma mensagem ao som do bipe. Era Wireman.

— Edgar, cadê você? — Eu estava desorientado demais para saber se o que estava ouvindo era empolgação, desalento ou terror na sua voz. — Ligue para mim, você precisa me ligar *imediatamente*! E, então, um clique.

Desci as escadas com cautela, um degrau por vez, como um homem de 80 anos, e dei prioridade às luzes: sala de estar, cozinha, os dois quartos, o solário. Cheguei até a acender as luzes do banheiro, estendendo o braço para dentro da escuridão, me preparando para o caso de algo frio, molhado e coberto de algas fazer o mesmo. Não aconteceu. Com todas as luzes acesas, eu relaxei o suficiente para perceber que estava com fome novamente. Faminto. Era a primeira vez que eu me sentia daquele jeito após trabalhar no retrato de Wireman... mas, obviamente aquela última sessão tinha sido macabra.

Eu parei para examinar a bagunça que tinha entrado voando pela porta aberta. Só areia e água, a última já formando gotas sobre a cera que minha faxineira usava para deixar a madeira

brilhando. Os degraus mais baixos da escada, que eram acarpetados, estavam um pouco úmidos, porém não havia nada além de umidade.

Eu não queria admitir a mim mesmo que estava procurando pegadas.

Fui até a cozinha, preparei um sanduíche de frango e o devorei em pé, diante do balcão. Peguei uma cerveja na geladeira para empurrar a comida. Quando terminei o sanduíche, comi o resto da salada do dia anterior mais ou menos nadando em molho francês. Então, fui até a sala de estar para ligar para *El Palacio.* Wireman atendeu no primeiro toque. Eu estava preparado para lhe dizer que estava lá fora, tentando ver se a tempestade tinha feito algum estrago na minha casa, porém meu paradeiro na hora da sua ligação era a última coisa na mente de Wireman. Ele estava chorando e rindo ao mesmo tempo.

— Estou enxergando! Melhor do que nunca! A visão do olho esquerdo está cristalina. Não consigo acreditar, mas...

— Desacelere, Wireman, mal consigo entender o que você está dizendo.

Ele não desacelerou. Talvez não pudesse.

— Senti uma dor atravessar meu olho bichado no auge da tempestade... uma dor inacreditável... como uma corrente elétrica... achei que tinha sido atingido por um raio, então, Deus do céu... quando eu tirei o tapa-olho... estava enxergando! Entende o que eu digo? *Eu estou enxergando!*

— Sim — falei. — Entendo. Isso é maravilhoso.

— Foi você? Foi, não é mesmo?

Eu disse:

— Talvez. Provavelmente. Tenho um quadro para lhe dar. Levo amanhã para você. — Eu hesitei. — Eu cuidaria bem dele, *amigo*. Acho que não faz diferença o que aconteça com as pinturas depois de prontas, mas eu também achava que Kerry iria derrotar Bush.

Ele riu desbragadamente.

— Ah, *verdad,* entendido. Foi difícil?

Um pensamento me veio à cabeça antes que eu pudesse responder.

— A tempestade foi difícil para Elizabeth?

— Ah, meu caro, foi horrível. Elas sempre a assustam, mas dessa vez... ela ficou apavorada. Gritava sobre as irmãs. Tessie e Lo-Lo, as que se afogaram na década de 20. Ela chegou até a me convencer por alguns instantes... mas já acabou. *Você* está bem? Foi difícil para *você*?

Olhei para a areia espalhada no chão entre a porta da frente e as escadas. Certamente não havia pegadas ali. Se eu achasse que estava vendo algo além de areia, era só a porra da minha *imaginação de artista.*

— Um pouco. Mas agora já acabou.

Eu torcia para que aquilo fosse verdade.

xxi

Conversamos durante mais cinco minutos... ou melhor, Wireman falou. Tagarelou, na verdade. A última coisa que disse foi que estava com medo de dormir. Tinha medo de acordar e

descobrir que estava cego do olho esquerdo novamente. Eu disse que, na minha opinião, ele não precisava se preocupar com aquilo, lhe desejei boa-noite e desliguei. O *meu* medo era acordar no meio da noite e topar com Tessie e Laura — Lo-Lo, para Elizabeth — sentadas cada uma de um lado da minha cama.

Uma das duas talvez segurando Reba no seu colo molhado.

Tomei outra cerveja e voltei para o andar de cima. Aproximei-me do cavalete com a cabeça baixa, olhando para os pés, então ergui os olhos rapidamente, como se quisesse pegar o quadro de surpresa. Parte de mim — a parte racional — esperava vê-lo transfigurado por um monte de tinta espalhada pelo quadro inteiro, um retrato parcial de Wireman escondido pelos borrões e pelas manchas que eu fizera na tela durante a tempestade, quando minha única luz de verdade tinha sido a dos relâmpagos. O restante de mim sabia que não era bem assim, restante de mim sabia que eu pintara sob algum outro tipo de luz (assim como atiradores de facas vendados usam outro sentido para guiar suas mãos). Aquela parte sabia que *Wireman Olhando para o Oeste* tinha dado certo — e ela tinha razão.

De certa forma, foi o melhor trabalho que eu fiz em Duma Key, porque era o mais *racional* deles — lembre-se que, até o último momento, *Wireman Olhando para o Oeste* tinha sido pintado à luz do dia. E por um homem com a cabeça no lugar. O fantasma que assombrava a tela havia se tornado um rosto dócil, jovem, calmo e vulnerável. O cabelo era de um preto bonito e lustroso. Um pequeno sorriso rondava os cantos da boca e também os olhos verdes. As sobrancelhas eram grossas e formosas. A testa acima delas era larga, uma janela aberta na qual aquele homem debruçava seus pensamentos em direção ao golfo do México. Não havia bala alguma à vista naquele cérebro. Eu poderia muito bem ter tirado um aneurisma ou tumor maligno. O preço de ter concluído o trabalho tinha sido alto, mas a conta estava paga.

A tempestade se reduzira a algumas trovoadas distantes em algum lugar no "cabo de frigideira" da Flórida. Achei que poderia dormir; e com o abajur aceso, se quisesse. Reba jamais contaria a ninguém. Poderia até dormir com ela aninhada entre meu coto e o lado do corpo. Não seria a primeira vez. E Wireman tinha voltado a enxergar. Contudo, nem mesmo

isso parecia ser a questão naquele momento. A questão parecia ser que eu finalmente pintara algo excelente.

E era meu.

Achei que poderia dormir com aquilo.

Como fazer um desenho (VI)

Prenda-se ao seu foco. Essa é a diferença entre uma boa pintura e apenas mais uma imagem entulhando um mundo repleto delas.

Elizabeth Eastlake era imbatível no quesito foco; lembre-se que ela literalmente se desenhou de volta ao mundo. Ey quando a voz que habitava Noveen lhe contou sobre o tesouro, ela se concentrou naquilo e o desenhou espalhado no fundo coberto de areia do golfo. Assim que a tempestade o desenterrou, aquele conjunto fascinante estava tão próximo da superfície que o sol deve ter apanhado reflexos dele ao meio-dia — reflexos que encontrariam seu caminho até a tona.

Ela queria agradar seu Papai. A única coisa que pedia era a boneca de porcelana.

Papai diz Qualquer boneca é sua — butim justo, *e que Deus o proteja por isso.*

Ela entrou na água ao lado dele, até os joelhos gordinhos, apontando e dizendo Está bem ali. Vá nadando e batendo os pés até eu mandar parar.

Ele se afastou mais na água enquanto ela ficava parada ali e, quando as ondas o impulsionaram para a frente e ele entregou o corpo ao caldo, *suas nadadeiras lhe pareceram do tamanho de barquinhos a remo. Mais tarde, ela as desenharia exatamente dessa forma. Ele cuspiu na sua máscara, enxaguando-a e colocando-a em seguida. Colocou o bocal do* snorkel *atrás dos lábios. Seguiu batendo os pés em direção ao azul ensolarado com o rosto dentro d'água, seu corpo se fundindo aos reflexos de sol oscilantes que transformaram as ondas vidradas em ouro.*

Eu sei de tudo isso. Elizabeth desenhou um pouco e eu desenhei um pouco.

Eu ganho, você ganha.

Ela ficou parada ali com água até os joelhos e Noveen enfiada debaixo do braço, observando, até que Nan Melda, com medo da correnteza, gritou para ela voltar até a praia que eles chamavam de Shady Beach. Então, ficaram todos juntos. Elizabeth gritou para John parar. Em seguida, viu suas nadadeiras emergirem quando ele deu seu primeiro mergulho. Ele ficou submerso por cerca de quarenta segundos, então veio à tona em um jorro d'água, cuspindo o bocal do snorkel.

Ele diz Quero ir pro inferno se não tiver alguma coisa lá embaixo!

E, quando voltou para a pequena Libbit, ele a abraçou abraçou abraçou.

Eu já sabia. Tinha feito o desenho. Com a cesta de piquenique sobre uma toalha perto dali e o lança-arpão em cima da cesta.

Ele voltou para a água e, dessa vez, retornou com uma braçada de antiguidades apoiada desajeitadamente contra o peito. Depois, começaria a usar o cesto de compras de Nan Melda, com um peso de chumbo no fundo para poder puxá-lo para baixo com mais facilidade. Mais depois ainda, uma foto apareceu no jornal com boa parte das quinquilharias resgatadas — o tesouro — espalhada diante de um John Eastlake sorridente e sua filha talentosa e extremamente focada. Porém, não havia nenhuma boneca de porcelana naquela foto.

Porque a boneca de porcelana é especial. Ela pertencia a Libbit. Era o seu butim justo.

Terá sido a coisa em forma de boneca que levou Tessie e Lo-Lo à morte. Que criou o garotão? Quanto exatamente Elizabeth tinha a ver com isso àquela altura? Quem era o artista, quem era a tela em branco?

Para algumas perguntas, nunca consegui respostas satisfatórias, mas fiz meus próprios desenhos, e sei que quando o assunto é arte não há o menor problema em se parafrasear Nietzsche: se você se prender ao seu foco, um dia seu foco prenderá você. Às vezes, sem liberdade condicional.

11 - A vista de Duma

i

Na manhã seguinte, bem cedo, Wireman e eu entramos no golfo — estava frio o suficiente para fazer nossos olhos saltarem das órbitas — até as canelas. Wireman entrou andando na água e eu o segui sem fazer perguntas. Sem dizer palavra. Estávamos os dois com xícaras de café nas mãos. Ele estava de short; eu tive tempo apenas para enrolar minhas calças até os joelhos. Atrás de nós, na beirada da passarela, Elizabeth se esparramava na sua cadeira, olhando emburrada para o horizonte e resmungando. Boa parte do seu café da manhã ainda estava diante dela. Havia comido um pouco e espalhado o resto. Seu cabelo estava solto, esvoaçando em uma brisa quente vinda do Sul.

A água subiu à nossa volta. Depois que me acostumei, passei a adorar aquela sensação macia das ondas: primeiro, ser levantado por elas e ter a impressão de emagrecer 5 quilos em um passe de mágica e, então, sentir a corrente puxando a areia do meio dos meus dedos em pequenos redemoinhos que faziam cócegas. Setenta ou 80 metros à nossa frente, dois pelicanos gordos traçavam uma linha pela manhã. Então, eles dobraram suas asas e caíram como pedras. Um deles voltou com o bico vazio, mas o outro trazia seu café da manhã. O peixinho pareceu goela abaixo logo que o pelicano saiu da água. Era um balé ancestral, mas nem por isso menos agradável. Ao Sul e no interior da ilha, onde a vegetação espessa se erguia, outro pássaro gritava “Oh-oh! Oh-oh!” sem parar.

Wireman voltou-se na minha direção. Ele não parecia ter 25 anos, mas eu jamais o vira tão jovem. Não havia vermelhidão alguma no seu olho esquerdo, que tinha perdido aquele aspecto desconjuntado, como se olhasse para uma direção própria. Estava convencido de que ele estava me enxergando; de que estava me enxergando muito bem.

— Qualquer coisa que eu possa fazer por você — disse ele — Qualquer uma. Na minha vida. Você me liga, eu venho. Você me pede, eu faço. É um cheque em branco. Isso está claro para você?

— Sim — falei. Outra coisa também estava clara para mim: quando alguém lhe oferece um cheque em branco, você nunca, jamais, deve descontá-lo. Não que isso tenha sido uma conclusão racional minha. Às vezes, o entendimento passa por cima do cérebro e vai direto para o coração.

— Então está certo — disse ele. — É só isso que eu tenho a dizer

Escutei roncos. Olhei para trás e vi que o queixo de Elizabeth tinha se afundado no peito. Ela estava com uma das mãos fechada ao redor de um pedaço de torrada. Seu cabelo rodopiava em volta da cabeça.

— Ela parece mais magra — falei.

— Já perdeu quase 10 quilos do ano-novo para cá. Estou lhe dando um daqueles *shakes*

nutricionais Ensure uma vez por dia, mas não **é** sempre que ela quer tomar. E você? É só o excesso de trabalho que está deixando você desse jeito?

— Que jeito?

— Como se o Cão dos Baskerville tivesse acabado de morder o lado esquerdo da sua bunda. Se for excesso de trabalho, talvez seja melhor dar um tempo e descansar um pouco. — Ele deu de ombros. — "Essa **é** a nossa opinião, a sua é bem-vinda", como eles dizem no Canal 6.

Eu fiquei parado, sentindo o subir e descer das ondas e pensando no que eu poderia contar para Wireman. No *quanto* poderia contar para ele. A resposta me pareceu óbvia: tudo ou nada.

— Acho melhor atualizar você sobre o que aconteceu ontem à noite. Só me prometa que não vai chamar os homens de jaleco branco.

— Eu prometo.

Eu lhe contei sobre como concluí o quadro praticamente no escuro. Sobre ter visto meus braço e mão direitos. E depois ter visto duas garotas mortas ao pé da escada e desmaiado. Quando terminei, nós saímos da água e andamos até onde Elizabeth roncava. Wireman começou a limpar sua bandeja, arrastando os resíduos para dentro de uma sacola que tirou da bolsa pendurada em um dos braços da cadeira.

— Foi só isso? — perguntou ele.

— Você acha pouco?

— Estou só perguntando.

— Só isso. Dormi como um bebê até as seis da manhã. Então coloquei você, quero dizer, a *pintura* que fiz de você, na mala do carro e vim para cá. Aliás, quando estiver preparado para vê-la...

— Tudo a seu tempo. Pense em um número entre um e dez.

— O quê?

— Só para me agradar, *muchacho*.

Pensei em um número.

— O.k.

Ele ficou calado por um instante, olhando para o golfo. Então, disse:

— Nove?

— Não. Sete.

Ele assentiu.

— Sete. — Tamborilou os dedos contra o peito por alguns momentos, então os largou sobre o colo. — Ontem, eu poderia ter acertado. Hoje, não consigo. Minha telepatia, aquela pequena clarividência, desapareceu. É uma troca mais que justa. Wireman como Wireman era antes, e ele diz *muchas gracias*.

— O que você quer provar? Se é que quer provar alguma coisa.

— Quero, sim. Quero provar que você não está ficando maluco, se esse é o seu medo. Em Duma Key, se você está mal das pernas, é especial. Quando melhora, deixa de ser. Eu já

sarei. Você ainda está mal das pernas, então ainda é especial.

— Não sei bem aonde você quer chegar.

— Porque está tentando complicar uma coisa simples. O que você vê quando olha para a frente, *muchacho?*

— O golfo. O que você chama de *caldo largo.*

— E o que você passa a maior parte do tempo pintando?

— O golfo. Pores do sol no golfo.

— E o que é pintar?

— Pintar é ver, eu acho.

— Tire esse acho da conversa. E o que significa ver em Duma Key?

Sentindo-me como uma criança repetindo uma lição sem muita certeza, eu disse:

— Ver com olhos *especiais*?

— Isso. Então o que você acha, Edgar? Aquelas meninas mortas estavam lá na noite passada ou não?

Senti um calafrio subir pela minha espinha.

— Provavelmente estavam.

— Eu também acho. Acho que você viu os fantasmas das irmãs dela.

— Tenho medo delas — falei em voz baixa.

— Edgar... não acho que fantasmas possam machucar as pessoas.

— Talvez não pessoas normais em lugares normais.

Ele assentiu com alguma relutância.

— Certo. Então o que você quer fazer?

— O que eu *não* quero fazer é ir embora. Ainda não acabei por aqui.

Não estava pensando somente na exposição — na vã celebridade. Havia mais. Só não sabia quanto. Ainda não. Se tentasse colocar em palavras, soaria como uma idiotice, como algo escrito em um biscoito da sorte. Algo com a palavra *destino* no meio.

— Você quer vir para o *Palacio?* Morar com a gente?

— Não. — Achei que aquilo talvez pudesse piorar a situação de alguma forma. E, além do mais, o Casarão Rosa era o meu lugar. Tinha me apaixonado por ele. — Mas, Wireman, você poderia ver o quanto consegue descobrir sobre a família Eastlake em geral e sobre aquelas duas meninas em particular? Se puder ler novamente, então talvez possa fuçar na internet...

Ele agarrou meu braço.

— Vou fuçar como um condenado. Talvez você também possa fazer algo neste sentido. Não tem uma entrevista com Mary Ire?

— Tenho. Eles marcaram para a semana depois da minha suposta palestra.

— Pergunte a ela sobre a família Eastlake. Talvez tire a sorte grande. A srta. Eastlake era uma grande patrona das artes na sua época.

— O.k.

Ele agarrou os cabos da cadeira de rodas da senhora adormecida e a virou na direção dos telhados cor de laranja da mansão.

— Agora vamos dar uma olhada no meu retrato. Quero ver como eu era quando ainda achava que Jerry Garcia poderia salvar o mundo.

Estacionara meu carro no pátio, ao lado do Mercedes-Benz prateado da época da Guerra do Vietnã de Elizabeth Eastlake. Tirei o quadro do meu muito mais modesto Chevrolet e o coloquei de pé, segurando-o para Wireman poder vê-lo. Enquanto ele ficava parado ali, analisando-o em silêncio, um pensamento estranho me veio à cabeça: eu era como um alfaiate parado ao lado do espelho em uma loja de roupas masculinas. Logo, meu cliente falaria se gostou do terno que havia feito para ele ou balançaria a cabeça, arrependido, dizendo que não estava satisfeito.

Bem longe, ao Sul, no lugar que eu começara a chamar na minha cabeça de Selva Duma, aquele pássaro retomou seu grito de alerta: "Oh-Oh!"

Finalmente, não aguentei mais:

— Diga algo, Wireman. Qualquer coisa.

— Não consigo. Estou sem palavras.

No entanto, quando ele ergueu os olhos do retrato, percebi que era verdade. Era como se alguém tivesse lhe dado uma martelada na cabeça. Aquela altura, eu já entendera que o que estava fazendo afetava as pessoas, porém nenhuma das reações que havia testemunhado

chegava perto da que Wireman teve naquela manhã de março.

O que finalmente o acordou foi o som brusco de algo batendo. Era Elizabeth. Ela estava acordada e dando pancadas na bandeja.

— Cigarro! — gritou ela. — Cigarro! *Cigarro!* — Ao que parecia, algumas coisas sobreviviam até mesmo à névoa do Alzheimer. A parte do seu cérebro que clamava por nicotina jamais se deteriorou. Ela fumaria até o fim.

Wireman pegou um maço de American Spirits do bolso do short, tirou um cigarro, o colocou na boca e acendeu. Então, o estendeu para ela.

— Se eu lhe deixar cuidar disso sozinha, a senhorita vai atear fogo em si mesma, srta. Eastlake?

— Fumaça?[17]

— Isso não é muito encorajador, querida.

Ainda assim, ele lhe deu o cigarro e, com ou sem Alzheimer, ela o manejou como uma profissional, puxando uma longa tragada e soltando a fumaça pelas narinas. Então, recostou-se novamente na cadeira, esperando a hora chegar não como o capitão Bligh no tombadilho de

popa, mas como Roosevelt passando suas tropas em revista. Só faltava uma piteira para prender entre os dentes. E, é claro, alguns dentes.

Wireman voltou a olhar para o retrato.

— É sério que você pretende me dar esse quadro de presente? Não pode fazer isso. Ele é incrível.

— Ele é seu — falei. — Não tem conversa.

— Você precisa colocá-lo na sua exposição.

— Não acho que isso seja uma boa ideia...

— Você mesmo disse que depois de terminados qualquer efeito que eles tenham no retratado provavelmente acaba...

— É, provavelmente.

— Provavelmente está de bom tamanho para mim e a Scoto é mais segura do que esta casa. Edgar, isso merece ser visto. Que diabo, isso *precisa* ser visto.

— É você, Wireman? — Eu estava sinceramente curioso.

— Sim. Não. — Ele olhou por mais um instante para a tela. Então, se voltou para mim. — É como eu queria ser. Talvez seja como eu fui, nos poucos melhores dias do meu melhor ano. — Ele acrescentou, quase relutante: — Meu ano mais idealista.

Ficamos algum tempo calados, apenas olhando para o retrato enquanto Elizabeth soltava baforadas como uma maria-fumaça. Uma maria-fumaça *bem velha.*

Então, Wireman disse:

— Eu me questiono sobre muitas coisas, Edgar. Desde que vim para Duma Key, tenho mais perguntas do que um menino de 4 anos de idade na hora de dormir. Mas uma das coisas que eu não questiono é por que você quer continuar aqui. Se eu pudesse fazer uma coisa dessas, iria querer ficar aqui para sempre.

— Nessa época, no ano passado, eu só sabia rabiscar em blocos de anotação enquanto aguardava ao telefone — disse.

— É, você falou. Me diga uma coisa, *muchacho.* Olhando para esse quadro... e pensando em todos os outros que fez desde que começou a pintar... você mudaria o acidente que lhe custou o braço? Você o mudaria, mesmo que pudesse?

Eu pensei nas vezes em que pintei na Casinha Rosa enquanto o rádio tirava tijolos de rock pesado pelo ar. Pensei nas Grandes Caminhadas Pela Praia. Pensei até no filho mais velho dos Baumgarten gritando *Yo, sr. Freemantle, belo arremesso!* quando eu atirei o Frisbee de volta para ele. Então, pensei em estar acordando naquele leito de hospital, no *calor* terrível que eu senti, em como meus pensamentos ficaram embaralhados, em como, às vezes, não conseguia me lembrar do meu próprio nome. Pensei na raiva. Em quando comecei a entender (eu estava vendo *The Jerry Springer Show* na tevê) que parte do meu corpo estava AWOL. Em como aquilo me fez desatar em lágrimas que eu não consegui conter.

— Eu mudaria tudo — respondi. — Sem titubear.

— Ah — disse ele. — Eu estava só curioso. — E se virou para tirar o cigarro de Elizabeth.

Ela estendeu as mãos imediatamente, como uma criança privada de um brinquedo.

— Cigarro! Cigarro! CIGARRO!

Wireman o apagou com a sola do chinelo e, logo em seguida, ela se acalmou novamente, esquecida do cigarro uma vez aplacada sua gana por nicotina.

— Você ficaria com ela enquanto eu coloco o quadro no hall de entrada? — pediu Wireman.

— Claro — falei. — Wireman, o que eu quis dizer foi só...

— Eu sei. Seu braço. A dor. Sua mulher. Foi uma pergunta idiota. Obviamente. Deixe-me apenas colocar este quadro em um lugar seguro, o.k.? Então, da próxima vez que o Jack aparecer, peça para ele vir aqui. Nós o embalaremos direitinho e ele pode levá-lo para a Scoto. Mas vou rabiscar IPV nele inteiro antes de despachá-lo para Sarasota. Já que você está dando para mim, essa belezinha é *minha.* Nada de pisar na bola.

Na floresta ao Sul, o pássaro retomou seu grito de preocupação: “Oh-oh! Oh-oh! Oh-oh!”

Eu queria dizer algo mais para Wireman, explicar melhor, mas ele estava se afastando às pressas. Além do mais, foi ele quem fez a pergunta. Aquela pergunta idiota era dele.

iii

Jack Cantori levou *Wireman Olhando para o Oeste* para a Scoto no dia seguinte e Dario me telefonou assim que o retirou da embalagem de papelão. Ele afirmou nunca ter visto coisa parecida e disse que queria fazer dele e da série *Garota e Navio* os destaques da exposição. Ele e Jimmy acreditavam que o simples fato de essas obras não estarem à venda aumentaria o interesse por elas. Eu disse tudo bem. Ele me perguntou se eu estava me preparando para a palestra e eu lhe falei que estava pensando a respeito. Ele respondeu que isso era bom, pois o evento já estava gerando um "interesse incomum" e os convites ainda nem tinham sido enviados.

— Além disso, obviamente enviaremos imagens em JPEG para os participantes da nossa lista de e-mails — disse ele.

— Que ótimo — falei, mas não me sentia ótimo. Durante aqueles primeiros dias de março, uma estranha lassidão tomou conta de mim. Ela não se estendia ao meu trabalho; pintei outro pôr do sol e outro da série *Garota e Navio*. Todas as manhãs, eu caminhava na praia com minha bolsa pendurada no ombro, procurando conchas e outros detritos interessantes que pudessem ter dado na praia. Encontrei várias latas de cerveja e refrigerante (a maioria desgastada até ficar lisa e branca como uma amnésia), alguns preservativos, uma arma de raio laser de brinquedo e a parte de baixo de um biquíni. Nenhuma bola de tênis. Bebi chá-verde com Wireman debaixo do guarda-sol listrado. Persuadi Elizabeth a comer pasta de atum e salada de macarrão, com bastante maionese, importunei-a até ela beber "milk-shakes" Ensure através de um canudo. Um dia, me sentei na passarela ao lado da sua cadeira de rodas e lixei o calos amarelos em forma de anel dos seus pés grandes e velhos.

O que eu não queria fazer eram anotações para minha suposta "palestra sobre arte" e, quando Dario me ligou para falar que ela tinha sido transferida para o salão de conferências da Biblioteca Pública, que tinha duzentos lugares, eu posso me gabar de que minha resposta improvisada não deu o menor indício de como o sangue estava gelado nas minhas veias.

Duzentas pessoas significava quatrocentos olhos, todos apontados para mim.

O que eu também não queria era escrever convites, fazer qualquer menção de reservar quartos para as noites de 15 e 16 de abril no Ritz-Carlton em Sarasota, ou fretar um Gulfstream para me trazer um grupo barulhento de amigos e parentes de Minnesota.

A ideia de que qualquer um deles pudesse querer ver meus borrões começou a me parecer maluquice.

A ideia de que Edgar Freemantle — que no ano anterior estava brigando com o Comitê de Planejamento de St. Paul sobre perfurações-teste em um leito de rocha — fosse dar uma palestra para um bando de verdadeiros patronos da arte parecia uma loucura total.

As pinturas, no entanto, pareciam reais o suficiente, e trabalhar nelas era... meu Deus, trabalhar nelas era maravilhoso. Quando eu parava diante do meu cavalete na Casinha Rosa durante o pôr do sol, apenas com meu short de ginástica e escutando o rádio, observando *Garota e Navio No.* 7 emergir da brancura com uma velocidade sinistra (como algo deslizando de dentro de um nevoeiro), eu me sentia totalmente desperto e vivo, um homem no lugar e tempo exatamente certos, uma bola que cabia perfeitamente na sua caçapa. O navio-fantasma tinha virado um pouco mais; seu nome parecia ser *Perse.* Por impulso, busquei a palavra no Google e encontrei uma só entrada — provavelmente um recorde mundial. Perse era uma escola particular na Inglaterra, onde os ex-alunos eram chamados de Velhos Perseanos. Não havia menção a nenhum Navio Escolar, com ou sem tr~es mastros.

Na sua versão mais recente, a garota no barco a remo usava um vestido verde, com fitas que se cruzavam sobre suas costas nuas e, por todo o seu redor, flutuando na água sombria, havia rosas. Era uma tela perturbadora.

Andando na praia, almoçando e tomando uma cerveja, com Wireman ou sozinho, eu era feliz. Quando estava pintando meus quadros, era feliz. Mais que feliz. Quando estava pintando me sentia plenamente realizado de uma maneira fundamental que eu jamais entendera antes de vir para Duma Key. Porém, quando pensava sobre o evento na Scoto e em todas as coisas necessárias para que uma exposição de um novo trabalho desse certo, minha mente travava. Era mais do que medo de palco; aquilo me cheirava a pânico total.

Eu me esquecia das coisas — como abrir qualquer e-mail de Darios, Jimmy ou Alice Aucoin da Scoto. Quando Jack me perguntava se eu estava empolgado para "fazer aquela parada" no Auditório Geldbart da Biblioteca Selby, eu respondia "claro", e então lhe pedia para encher o tanque do Chevy em Osprey e esquecia o assunto. Quando Wireman me perguntava se eu já havia falado com Alice Aucoin sobre como os vários grupos de telas seriam organizados, eu sugeria que nós trocássemos alguns voleios, pois Elizabeth parecia gostar de assistir.

Então, cerca de uma semana antes do dia da palestra, Wireman falou que queria me mostrar algo que tinha feito. Um pequeno trabalho artesanal.

— Talvez você possa me dar a sua opinião de artista — disse ele.

Havia uma pasta preta sobre a mesa, debaixo da sombra do guarda-sol listrado (Jack havia consertado o rasgão com um pedaço de fita isolante). Eu a abri e tirei o que parecia ser um folder de papel-cuchê de dentro dela. Na frente, via-se uma das minhas primeiras telas, *Pôr do Sol com Feijão-de-Praia,* e eu fiquei surpreso com o profissionalismo do trabalho.

Debaixo da reprodução, havia o seguinte:

Querida Linnie: é isso que eu venho fazendo na Flórida,

e mesmo sabendo que você está ocupadíssima...

Debaixo de *ocupadíssima* havia uma seta. Eu ergui os olhos para Wireman, que me observava impassível. Atrás dele, Elizabeth olhava para o golfo. Eu não sabia se estava com raiva da sua audácia ou aliviado por ela. Na verdade, sentia as duas coisas. E não conseguia me lembrar de ter falado para ele que às vezes chamava minha filha mais velha de Linnie.

— Pode usar qualquer fonte que quiser — disse ele. — Essa é um pouco mulherzinha demais para o meu gosto, mas meu colaborador gosta dela. E você pode trocar o nome em cada saudação, é claro. É personalizável. Essa é a beleza de se fazer esse tipo de coisa no computador.

Não respondi nada, apenas virei a página. Na seguinte, havia o *Pôr do Sol com Grama do Campo* de um lado e o *Garota e Navio No. 1* do outro. Debaixo das telas, corria a seguinte

mensagem:

...espero que você possa vir para uma exposição do meu trabalho na noite de 15 de abril, na Galeria Scoto, em Sarasota, na Flórida, das 19 às 22 horas. Uma reserva de "Primeira Classe foi feita em seu nome em um voo Air France, número 22, partindo de Paris no dia 15 às 8h25 e chegando a Nova York às 10h15; também foi feita uma reserva em um voo Delta, número 456, partindo do aeroporto JFK de Nova York no dia 15 às 13h20 e chegando a Sarasota às 16h30. Uma limusine irá recebe-la e levá-la ao Ritz-Carlton, onde sua estadia já foi reservada, com meus cumprimentos, para as noites de 15 a 17 de abril.

Havia outra seta debaixo desse texto. Ergui os olhos para Wireman, perplexo. Ele ainda estava imperturbável, porém eu conseguia notar uma pulsação no lado direito da sua testa. Mais tarde, ele disse:

— Eu sabia que estava colocando nossa amizade em risco, mas alguém tinha que fazer alguma coisa, e, àquela altura, tinha ficado claro para mim que não seria você.

Eu virei até a página seguinte do folder. Mais duas daquelas reproduções impressionantes: *Pôr do Sol com Concha* à esquerda e um desenho sem título da minha caixa postal à direita. Aquele era bem antigo, tinha sido feito com lápis de cor, mas eu gostava da flor que crescia ao lado do poste de madeira — era um olho-de-boi amarelo e preto — e até o

desenho ficou bom na reprodução, como se a pessoa que a havia feito entendesse do riscado. Ou estivesse começando a entender.

O texto ali era curto.

Se você não puder vir, entenderei perfeitamente — Paris não é exatamente aqui do lado —, mas espero que venha.

Eu estava com raiva, mas não era burro. Alguém tinha que tomar as rédeas. Pelo jeito, Wireman decidira que aquilo era um trabalho para ele.

Ilse, pensei. Só pode ter sido Ilse que o ajudou a fazer isso.

Eu esperava encontrar outro quadro sobre o texto impresso na última página, mas não encontrei. O que vi ali cortou meu coração de surpresa e amor. Melinda sempre foi minha garota dura, meu projeto; no entanto, eu jamais a amei menos por conta disso, e o que eu sentia estava representado com clareza na foto em preto e branco, vincada no meio e com marcas de dobras em duas das quatro pontas. A fotografia tinha todo o direito de estar surrada, pois a

Melinda parada ao meu lado não poderia ter mais de 4 anos. Isso a fazia ter pelo menos 18 anos de idade. Ela usava calça jeans, botas de caubói, uma camisa estilo vaqueiro e um chapéu de palha. Tínhamos acabado de voltar da fazenda Pleasant Hill, onde ela às vezes cavalgava um pônei Shetland chamado... Sugar? Achava que sim. De qualquer forma, estávamos parados na calçada em frente à nossa primeira casinha em Brooklyn Park, eu usando um jeans desbotado e uma blusa branca com as mangas curtas enroladas uma volta para cima e meu cabelo penteado para trás como um chicano. Segurava uma lata de cerveja Grain Bear em uma das mãos e tinha um sorriso no rosto. Linnie estava com uma das mãos enganchada no bolso da minha calça e trazia uma expressão de amor — um amor tão grande — no seu rosto erguido para mim que fez minha garganta doer. Eu sorri daquele jeito que a gente sorri quando está prestes a explodir em lágrimas. Debaixo da fotografia, havia a seguinte mensagem:

Se você quiser saber quem mais está vindo, pode ligar para mim no telefone 941-555-6166, para Jerome Wireman no 941-555-8191, ou para sua mãe. A propósito, ela virá com o grupo de Minnesota e eu encontrarei vocês no hotel.

Espero que você possa vir — te amo de qualquer forma, Pony Girl.

Papai

Fechei a carta que também era um folder e um convite e me sentei, olhando calado para ela por alguns instantes. Não me sentia confiante o suficiente para falar.

— É só um primeiro rascunho, claro. — Wireman soava inseguro. Em outras palavras, parecia outra pessoa. — Se voce tiver odiado, jogo fora e começo do zero. Sem ofensa, sem rancor.

— Você não conseguiu essa foto com Ilse — falei.

— Não *muchacho*. Pam a encontrou em um de seus álbuns de fotografia antigos.

De repente, tudo fez sentido.

— Quantas vezes você falou com ela, *Jerome*?

Ele se retraiu.

— Essa doeu, mas talvez você esteja no seu direito. Provavelmente, uma meia dúzia de vezes. Comecei dizendo a ela que você estava começando a se meter numa enrascada aqui e que estava levando um monte de gente junto...

— Que *porra* é essa?! — exclamei, ofendido.

— Gente que investiu um monte de esperança e confiança em você, isso sem falar em dinheiro...

— Estou em perfeitas condições de reembolsar qualquer dinheiro que o pessoal da Scoto possa ter investido em...

— Cale a boca — disse ele com uma frieza que eu nunca tinha ouvido na sua voz. Ou visto em seus olhos. — Você não é um babaca, *muchacho,* então não aja como se fosse. Você pode reembolsar a confiança ou o prestígio deles se o grande novo artista que prometeram aos seus clientes não comparecer à palestra ou à exposição?

— Wireman, eu dou conta da exposição, o problema é só essa maldita *palestra...*

— *Eles* não sabem disso! — gritou Wireman. Ele tinha um vozeirão dos diabos, que realmente não faria feio em nenhum tribunal. Elizabeth não percebeu, mas os bisbilhoteiros saíram voando da beira da água como um lençol marrom. — Estão com essa ideia maluca de que talvez no dia 15 de abril você *não* apareça, ou pegue todos os seus trabalhos e dê o fora, deixando-os com um monte de salas vazias durante o filé mignon da temporada turística, quando eles costumam fazer um terço dos seus negócios no ano.

— Eles não têm motivo para achar isso — falei, mas meu rosto estava latejando como tijolo quente.

— Não? O que você acharia desse tipo de comportamento na sua outra vida, *amigo*? Que conclusões tiraria sobre um fornecedor ao qual você encomendou cimento e que não apareceu na hora marcada? Ou de um engenheiro que fechou o contrato para fazer a parte hidráulica de um banco novo e faltou o primeiro dia de trabalho? Você se sentiria, sei lá, plenamente confiante num cara desses? Acreditaria na desculpa dele?

Fiquei calado.

— Dario manda e-mails para você pedindo decisões e não recebe resposta. Ele e os outros ligam para a sua casa e ouvem respostas vagas como “Vou pensar no assunto”. Isso os deixaria nervosos se você Jamie Wyeth ou Dale Chihuly, o que você não é. Basicamente você é só um cara que do nada entrou na galeria. Então eles me ligam e eu faço o melhor possível, afinal, sou seu agente, mas não sou nenhum artista e eles também não, pelo menos não exatamente. Daí a gente fica parecendo um bando de taxistas tentando fazer um parto.

— Entendo — falei.

— Será que entende mesmo? — Ele deu um suspiro. Dos grandes — Você diz que é só medo de palco em relação à palestra e que vai dar conta da exposição. Tenho certeza de que parte de você acredita nisso, mas, *amigo,* tenho que lhe dizer que acho que outra parte não tem a menor *intenção* de aparecer na Galeria Scoto no dia 15 de abril.

— Wireman, isso é...

— Conversa fiada? É mesmo? Eu ligo para o Ritz-Carlton e pergunto se o sr. Freemantle reservou algum quarto para meados de abril e recebo um grande *non, non, Nannette.* Então respiro fundo e entro em contato com a sua ex. Ela não está mais na lista telefônica, mas o seu corretor me dá o número quando eu digo que é uma espécie de emergência. E descubro logo de cara que Pam ainda se importa com você. Na verdade, quer telefonar para lhe dizer isso, mas tem medo de levar um fora.

Eu o encarei, boquiaberto.

— A primeira coisa que descobrimos depois de nos apresentarmos é que Pam Freemantle não sabe bulhufas sobre a grande exposição seu ex-marido, que acontecerá dali a cinco semanas. A segunda coisa que descobrimos, pois ela faz uma ligação enquanto Wireman fica na espera completando palavras cruzadas com sua visão recém-recuperada, é que seu ex não fez *neca de pitibiriba* quanto a fretar um avião, pelo menos não com a companhia que ela conhece. O que nos leva a discutir se, no fundo, Edgar Freemantle não teria decidido que, quando chegar a hora, ele vai, nos termos que eu usava na minha juventude perdida, dizer "que se foda" e se esconder na sua toca.

— Não, você entendeu tudo errado — falei, porém essas palavras saíram em um tom apático que não soava muito convincente. — É só que a parte de organizar as coisas me deixa maluco e eu fico... sabe como é, adiando.

Wireman foi implacável. Se estivesse no banco de testemunhas, acho que eu estaria todo ensebado de suor ou reduzido a uma poça de lágrimas; o iuiz teria que pedir um recesso para o meirinho me enxugar ou me dar um polimento.

— Pam diz que se você tirar os prédios da Companhia Freemantle do horizonte de St. Paul, a cidade ficaria parecendo Des Moines em 1972.

— Ela está exagerando.

Ele não deu ouvidos.

— Então eu devo acreditar que um cara que deu conta dessa quantidade de trabalho não consegue dar conta de algumas passagens de avião e duas dúzias de quartos de hotel? Especialmente quando ele poderia recorrer a uma equipe de funcionários que simplesmente adoraria ter notícias dele?

— Eles não... eu não... eles não podem simplesmente...

— Você está ficando puto?

— Não. — Mas estava. A velha raiva estava de volta, querendo levantar a voz até estar gritando tão alto quanto Axl Rose na Bone. Levei meus dedos até um ponto logo acima do meu olho direito, onde uma dor de cabeça estava começando. Nada de pintar para mim naquele dia, e aquilo era culpa de Wireman. Wireman era o culpado. Por um instante, quis que ele estivesse cego. Não apenas meio-cego, mas cego *de verdade*, e concluí que poderia pintá-lo daquela forma. Foi então que a raiva passou.

Wireman viu que eu levei a mão à cabeça e deu uma pequena trégua.

— Olhe, a maioria das pessoas com as quais ela entrou em contato extraoficialmente já disse claro que sim, que adorariam vir. Angel Slobotnik, seu antigo contramestre, disse a Pam que levaria um vidro de picles para você. Segundo ela, ele pareceu empolgadíssimo.

— Não são picles, são ovos em conserva — falei e, por um instante, o rosto largo, achatado e sorridente de Ainge me parecia quase ao alcance da mão. Angel, que passara quase vinte anos trabalhando comigo, até um ataque cardíaco grave jogá-lo para escanteio. Angel, cuja resposta mais comum para qualquer pedido, por mais aparentemente estapafúrdio que fosse, era: *Deixa comigo, chefe.*

— Pam e eu cuidamos dos voos — disse Wireman. — Não só para o pessoal de Minneapolis-St. Paul, mas de outros lugares, também. — Ele deu um tapinha no folder. — Os voos Air France e Delta que estão aqui dentro são reais e estão mesmo reservados para sua filha. Melinda. Ela sabe o que está rolando. E Ilse também. Só estão esperando ser oficialmente convidadas. Ilse queria telefonar para você e Pam disse para ela aguardar. Segundo ela, é você quem tem que dar o pontapé inicial e, apesar de todas as vezes que possa ter se equivocado na época em que vocês eram casados, *muchacho,* dessa vez ela está certa.

— Tudo bem — falei. — Sou todo ouvidos.

— Ótimo. Agora, eu quero falar com você sobre a palestra.

Eu gemi.

— Se você vazar[18] na hora da palestra, vai ser duas vezes mais difícil ir à cerimônia de abertura da exposição...

Olhei para ele com incredulidade.

— O que foi? — perguntou ele. — Você discorda?

— Vazar? — perguntei. — Que porra é essa?

— Dar o fora — respondeu ele, soando um pouco na defensiva. — É uma gíria inglesa. Conferir, por exemplo, Evelyn Waugh, *Oficiais e Gentlemen,* 1952.

— Confira o meu rabo e o seu nariz — falei. — Edgar Freemantle, hoje mesmo.

Ele me mostrou o dedo do meio e, como num passe de magica, tínhamos praticamente feito as pazes de novo.

— Você enviou os quadros para Pam, não foi? Os arquivos JPEG.

— Enviei.

— E qual foi a reação dela?

— Ela ficou de queixo caído, *muchacho.*

Fiquei calado, tentando imaginar Pam de queixo caído. Conseguia fazê-lo, mas o rosto que eu via se iluminando de surpresa e espanto era mais jovem. Há anos que eu não conseguia gerar aquele tipo de reação.

Elizabeth estava cochilando, porém o vento lhe jogava os cabelos contra as bochechas e ela os afastava com as mãos como uma mulher atormentada por insetos. Eu me levantei, peguei um elástico da bolsa no braço da sua cadeira de rodas — sempre havia um belo estoque deles, de diversas cores vivas — e prendi seu cabelo em um rabo de cavalo. A lembrança de fazer aquilo com Melinda e Ilse era doce e terrível.

— Obrigado, Edgar. Obrigado, *mi amigo.*

— Então, como eu faço? — perguntei. Estava com as palmas das mãos detidas nos lados da cabeça de Elizabeth, sentindo a maciez dos seus cabelos como havia sentido tantas vezes a maciez dos cabelos das minhas filhas após lavá-los com xampu; quando a memória nos agarra com força total, nossos próprios corpos se tornam fantasmas, assombrando-nos com os gestos dos nossos eus mais jovens. — Como eu falo sobre um processo que é, ao menos em parte, sobrenatural?

Pronto. Tinha colocado para fora. A raiz do problema.

No entanto, Wireman parecia calmo.

— Edgar! — exclamou ele.

— Edgar *o quê*?

Eu juro que aquele filho da puta riu.

— Se disser isso para aquelas pessoas... *elas acreditarão em você.*

Abri minha boca para refutar aquilo. Pensei na obra de Dali. Pensei naquela tela maravilhosa de Van Gogh, *Noite Estrelada.* Pensei em certos quadros de Andrew Wyeth — não em *O Mundo de Cristina,* mas seus interiores: quartos de hóspedes nos quais a luz é ao

mesmo tempo sã e estranha, como se viesse simultaneamente de duas direções. Fechei minha boca de novo.

— Não posso lhe dizer exatamente o que falar — disse Wireman —, mas posso lhe dar algo parecido com isso. — Ele ergueu o folder/convite. — Posso lhe dar um modelo.

— Isso seria uma ajuda.

— É? Então escute.

Eu escutei.

iv

— Alô?

Eu estava sentado no sofá do solário. Meu coração batia forte. Aquele era o tipo de ligação — todo mundo já fez algumas — que você torce para ser atendida de primeira para acabar logo com ela e, ao mesmo tempo, torce que não, para poder adiar um pouco mais alguma conversa difícil e provavelmente dolorosa.

A minha foi a Opção Um; Pam atendeu no primeiro toque. Tudo o que eu poderia esperar era que aquela conversa fosse melhor do que a última. Do que as últimas duas, na verdade.

— Pam, é o Edgar.

— Olá, Edgar — disse ela com cautela. — Tudo bem?

— Tudo... indo. Bem. Andei conversando com meu amigo Wireman. Ele me mostrou o convite que vocês dois bolaram. — *Que vocês dois bolaram.* Aquilo parecia hostil. Conspiratório, até. Mas como dizer de outra forma?

— Sim? — Era impossível interpretar sua voz.

Respirei fundo e saltei. Deus odeia os covardes, como diz Wireman. Entre outras coisas.

— Estou ligando para agradecer. Eu estava sendo um babaca. Você ter aparecido desse jeito foi exatamente o que eu precisava.

O silêncio foi tão longo que eu cheguei a me perguntar se ela teria desligado silenciosamente em algum momento. Então, Pam falou:

— Ainda estou na linha, Eddie... estou só me recuperando do choque. Não me lembro qual foi a última vez em que você me pediu desculpas.

Eu *tinha* pedido desculpas? Bem... deixa pra lá. Devo ter chegado perto o suficiente de pedir.

— Então eu sinto muito por isso, também — falei.

— Também lhe devo um pedido de desculpas — disse ela —, então acho que estamos quites.

— Você? Pelo que você teria que se desculpar?

— Tom Riley me ligou. Faz apenas dois dias. Ele voltou a tornar seus remédios e disse que vai, abre aspas, "ver alguém" novamente. Suponho que esteja falando de um psiquiatra. Falou também que estava ligando para agradecer por eu ter salvado a vida dele. Alguém já lhe

telefonou para agradecer por uma coisa dessas?

— Não. — Embora eu tivesse recebido recentemente uma ligação de alguém me agradecendo por ter salvado a vista dele, então sabia mais ou menos do que ela estava talando.

— É uma experiência e tanto. “Se não fosse por você, eu estaria morto.” Ele usou exatamente essas palavras. E eu não pude lhe dizer que era você quem merecia aquele agradecimento, porque teria parecido loucura.

Foi como se um cinto apertado contra o meu abdome tivesse sido cortado. Às vezes, há males que vêm para o bem. Às vezes, isso é mesmo verdade.

— Que bom, Pam.

— Eu falei com Ilse sobre essa sua exposição.

— Sim, eu...

— Bem, tanto com Illy quanto com Lin, mas, quando falei com Ilse, eu mudei o assunto para Tom e percebi logo de cara que ela não sabia nada sobre o que se passou entre nós dois. Eu estava errada quanto a isso também. E mostrei um lado muito desagradável de mim mesma

no processo.

Eu percebi, alarmado, que ela estava chorando.

— Pam, ouça.

— Eu venho mostrando *vários* lados desagradáveis de mim mesma, para várias pessoas, desde que você me deixou.

Eu não deixei você! Quase gritei. Foi por pouco. Tão pouco que o suor brotou na minha testa. Eu não te deixei. Você pediu divórcio, sua picanha traidora.

O que eu disse foi:

— Pam, já chega.

— Só que era tão difícil de acreditar, mesmo depois que você me ligou e disse todas aquelas coisas. Você sabe, sobre a minha tevê nova. E sobre o Bola de Pelo.

Comecei a perguntar quem era Bola de Pelo, então me lembrei do gato.

— Mas estou melhor agora. Voltei a frequentar a igreja. Dá pra acreditar. E tenho uma terapeuta. Vou a ela uma vez por semana. — Ela fez uma pausa e então disparou a falar. — Ela é boa. Diz que uma pessoa não pode fechar a porta do passado, mas apenas consertar as coisas e seguir em frente. Isso eu entendi, mas não sabia como começar a consertar as coisas com você, Eddie.

— Pam, você não me deve na...

— Minha terapeuta diz que a questão não é o que *você* pensa, e sim o que *eu* penso.

— Entendo. — Aquilo parecia bastante a Pam de antigamente, então talvez ela tivesse encontrado a terapeuta certa.

— E então seu amigo Wireman me telefonou dizendo que você precisava de ajuda... e me enviou aquelas pinturas. Mal posso esperar para vê-las ao vivo. Quero dizer, eu sabia que você tinha *algum* talento por causa daqueles livrinhos que costumava desenhar para Lin quando ela ficou superdoente naquele ano...

— Eu fiz isso? — Lembrava-me do ano em que Melinda ficou doente; ela tivera uma infecção de ouvido depois da outra, culminando em uma grave crise de diarreia, provavelmente causada por excesso de antibióticos, que a deixou uma semana hospitalizada. Perdeu 10 quilos naquela primavera. Se não fossem as férias de verão — e a inteligência que lhe rendia as melhores notas —, ela teria precisado repetir a segunda série. No entanto, eu não

me lembrava de ter desenhado nenhum livrinho.

— Paulo, o Peixinho? Carla, a Carangueja? Timóteo, o Cervo Tímido?

De Timóteo, o Cervo Tímido, eu tinha uma vaga lembrança, muito vaga, mas...

— Não — falei.

— Angel achou que você deveria tentar publicá-los, esqueceu? Mas *esses quadros...* meu Deus. Você sabia que tinha essa capacidade?

— Não. Comecei a achar que talvez houvesse alguma coisa quando estava na casa de Lake Phalen, mas foi muito além do que eu esperava. — Pensei em *Wireman Olhando para o Oeste* e no Candy Brown sern boca e nariz e concluí que tinha acabado de dizer a maior meia verdade do século.

— Eddie, você me deixaria fazer o restante dos convites do mesmo jeito que eu fiz a amostra? Posso personalizá-los, deixá-los bonitos.

— Pa... — Quase a chamei de *Panda* novamente. — Pam, não posso lhe pedir isso.

— Eu quero fazer.

— Sério? Então, tudo bem.

— Vou escrevê-los e mandá-los para o sr. Wireman. Você pode dar uma olhada antes que ele os imprima. Ele é uma joia rara, esse seu amigo.

— Sim — falei. — Ele é. Vocês dois realmente tramaram para cima de mim.

— E não é que tramamos mesmo? — Ela parecia encantada. — Você estava precisando. Só que vai precisar fazer uma coisa para mim.

— O quê?

— Você precisa ligar para as meninas, porque elas estão ficando *malucas*. Ilse, principalmente. O.k.?

— O.k. E, Pam?

— O que foi, querido? — Tenho certeza de que ela falou sem pensar, sem saber como machucaria. Mas, tudo bem, ela provavelmente se sentiu da mesma forma quando ouviu o apelido que eu lhe dera vindo da Flórida e ficando cada vez mais gelado a cada quilômetro viajado para o Norte.

— Obrigado — falei.

— Não tem de quê.

Eram apenas quinze para as onze quando nos despedimos e desligamos. Naquele inverno, o tempo nunca passou tão rápido quanto durante minhas noites na Casinha Rosa — parado diante do cavalete, eu me perguntava como as cores no Oeste podiam sumir tão depressa — e nunca passou tão devagar quanto naquela manhã, quando fiz as ligações que vinha adiando. Eu as engoli uma atrás da outra, como um remédio.

Olhei para o telefone sem fio sobre o meu colo.

— Vá se foder, telefone — disse, e comecei a discar novamente.

v

— Galeria. Scoto, Alice falando.

Uma voz animada que eu passara a conhecer bem no decorrer dos últimos dez dias.

— Olá, Alice, aqui é Edgar Freemantle.

— Sim, Edgar? — A animação se tornou cautela. Aquele tom cauteloso já estivera ali antes? Será que eu o havia simplesmente ignorado?

Eu disse:

— Se você tiver alguns minutos, será que poderíamos falar sob a ordem dos slides na palestra?

— *Claro,* Edgar, sem dúvida. — O alívio dela era palpável. Aquilo fez com que eu me

sentisse um herói. E, é claro, também fez com que eu me sentisse um rato.

— Você tem um papel à mão?

— Pode apostar seus penachos!

— O.k. Basicamente, nós queremos colocá-los em ordem cronológica...

— Mas eu não *sei* qual é a cronologia, venho tentando lhe dizer is...

— Eu sei, e vou dá-la para você agora, mas preste atenção, Alice: o primeiro slide não vai respeitar a cronologia. O primeiro deve ser o da tela *Rosas Crescendo das Conchas*. Anotou isso?

— *Rosas Crescendo das Conchas*. Anotado. — Pela segunda vez desde que me conheceu, Alice soava verdadeiramente feliz por estarmos conversando.

— Agora, os desenhos a lápis — falei.

Passamos a meia hora seguinte ao telefone.

vi

— Oui, allô?

Por um instante, fiquei calado. O francês me intimidou um pouco. O fato de a voz ser de um rapaz me intimidou mais ainda.

— Allô, allô? — A voz ficou impaciente. — Qui est à l'appareil?

— Hum, talvez eu tenha discado o número errado — falei, me sentindo não só um babaca, como um babaca americano monoglota. — Estou tentando falar com Melinda Freemantle.

— *D'accord,* o senhor discou o número certo. — Então, um pouco afastado do fone. —

Melinda! *C'est ton papa, je crois, chérie.*

Escutei o baque do telefone sendo largado. Então, tive um vislumbre — muito claro, muito politicamente incorreto e muito provavelmente trazido pela menção de Pam sobre os livros infantis que eu desenhara certa vez para uma menininha doente — de um enorme gambá falante de boina, Monsieur Pepe Le Gambá, zanzando com afetação pela *pension* (se é que a palavra para um apartamento conjugado em Paris) com linhas sinuosas de aroma saindo da listra branca nas suas costas.

Melinda atendeu em seguida, parecendo especialmente agitada.

— Pai? Papai? Está tudo bem?

— Tudo bem — falei. — Esse é o seu colega de quarto? — Foi uma piada, mas eu percebi pelo seu silêncio atípico que tinha acertado na mosca sem querer. — Não tem nada de mais, Linnie. Eu estava só...

— ... tirando onda com a minha cara, eu sei. — Era impossível saber se ela estava achando graça ou irritada. A ligação estava boa, mas nem tanto. — Na verdade, ele é isso mesmo. — Captei alto e bom som o que ela realmente queria dizer: *Quer brigar por causa disso?*

E com toda a certeza eu não queria brigar por causa daquilo.

— Bem, fico feliz que você tenha feito um amigo. Ele usa boina?

Para meu imenso alívio, ela riu. Em se tratando de Lin, era impossível saber como uma piada iria terminar, porque seu senso de humor era tão imprevisível quanto uma tarde de abril. Então, ela exclamou:

— *Ric! Mon papa...* — Algo que não pesquei, e depois: — *...si tu portes un béret.*

Ouvi uma risada masculina ao longe. Ah, Edgar, pensei. Até do outro lado do oceano você mata a plateia de rir, seu père fou.

— Papai, o *senhor* está bem?

— Estou ótimo. Como está sua infecção?

— Já sarou, obrigada por perguntar.

— Acabei de falar com sua mãe ao telefone. Você vai receber um convite oficial para uma exposição que eu vou fazer, mas eu fiquei empolgado quando ela disse que você vem.

— O *senhor* está empolgado? A mamãe me mandou algumas fotos e eu mal posso esperar. Quando o senhor aprendeu a fazer *aquilo?*

Aquela parecia ser a pergunta da vez.

— Aqui.

— Eles são *fantásticos*. Os outros são tão bons assim?

— Você terá que vir para ver com seus próprios olhos.

— Posso levar Ric?

— Ele tem passaporte?

— Tem...

— E promete não ficar zacaneando o zeu papai?

— Ele respeita bastante os mais velhos.

— Então, desde que os voos não estejam esgotados e vocês não se importem em dormir no mesmo quarto, e eu imagino que isso não seja problema, então é claro que sim.

Ela deu um gritinho tão alto que meu ouvido doeu, mas eu não afastei o fone. Há muito tempo eu não dizia ou fazia algo que levasse Linnie Freemantle a dar um gritinho daqueles.

— Obrigada, papai... fico muito feliz!

— Vai ser ótimo conhecer o Ric. Talvez eu roube a boina dele. Afinal de contas, agora eu sou um artista.

— Vou avisá-lo. — Sua voz mudou de tom. — O senhor já falou com Ilse?

— Não, por quê?

— Quando falar, não diga nada sobre eu estar levando Ric, o.k.? Deixe isso comigo.

— Nem tinha passado pela minha cabeça.

— Porque ela e Carson... ela disse que contou sobre ele para o senhor...

— Contou, sim.

— Bem, tenho quase certeza de que tem algum problema ali. Illy disse que está "pensando no assunto". Foram as palavras dela. Ric não está surpreso. Ele diz que nunca se deve confiar em alguém que reze em público. Tudo o que sei é que minha irmã caçula está parecendo muito mais crescida do que antes.

O mesmo vale para você, Lin, pensei. Tive um vislumbre de como ela era aos 7 anos de idade, quando ficou tão doente que eu e Pam achamos que ela poderia morrer, embora nunca tivéssemos admitido isso em voz alta. Naquela época, Melinda não passava de dois olhos pretos grandes, bochechas pálidas e cabelo escorrido. Lembro-me de ter pensado *Caveira em um palito* certa vez e odiado a mim mesmo por isso. E de ter odiado a mim mesmo por saber, nas profundezas do meu coração, que, se uma delas tinha que ficar doente daquele jeito, eu estava por ter sido ela. Sempre tentei acreditar que amava minhas duas filhas da mesma medida e com a mesma intensidade, porém isso não era verdade Talvez seja para alguns pais — acho que era para Pam —, mas nunca foi para mim. E será que Melinda sabia disso?

É claro que sabia.

— Você está se cuidando? — perguntei.

— Sim, papai. — Eu quase consegui vê-la girando os olhos.

— Continue assim. E boa viagem para cá.

— Papai? — Uma pausa. — Eu te amo.

Eu sorri.

— Quanto mesmo?

— Um milhão de vezes e mais uma para você guardar debaixo do travesseiro — disse ela, como se estivesse agradando uma criança. Mas não tinha problema. Eu fiquei sentado ali por algum tempo, olhando para a água, esfregando meus olhos distraidamente, e então dei aquele que esperava ser o último telefonema do dia.

vii

Já era meio-dia e eu não tinha muitas esperanças de encontrá-la; achei que estaria almoçando fora com os amigos. Só que, assim como Pam, ela atendeu no primeiro toque. Seu alô foi estranhamente cauteloso e eu tive uma súbita e clara intuição: ela achou que fosse Carson Jones, ligando para implorar por uma segunda chance ou para se explicar. Para se explicar mais uma vez. Aquele foi um palpite que eu nunca confirmei, porém não foi preciso. Algumas coisas você simplesmente sabe que são verdade.

— Ei, Garotinha Crescida, qual é a boa?

Sua voz se animou imediatamente.

— Papai!

— Como você está, querida?

— Estou bem, papai, mas não tanto quanto o senhor. Eu não falei que eles eram bons? *Falei,* não falei?

— Falou, sim — Eu disse, sorrindo a contragosto. Ela poderia ter parecido mais velha para Lin, mas, depois daquele primeiro alô inseguro, também me soava como a boa e velha Illy, borbulhando até transbordar, como espuma de Coca-Cola.

— Mamãe disse que o senhor estava enrolando, mas que ela iria se juntar com um amigo que o senhor fez aí para colocá-lo nos trilhos. E eu *adorei*! Ela soava como nos velhos tempos! — Ilse fez uma pausa para recuperar o fôlego e, quando voltou a falar, não parecia tão eufórica. — Bem... não exatamente, mas já dá pro gasto.

— Entendo o que você quer dizer, meu bem.

— Papai, você é demais. Isso é *mais* que uma volta por cima!

— Quanto esse doce todo vai me custar?

— *Milhões* de dólares! — disse ela, gargalhando.

— Ainda está planejando dar um pulo na turnê dos Hummingbirds? — Tentei soar apenas interessado. Não exatamente preocupado com a vida amorosa da minha filha de quase 20 anos

de idade.

— Não — disse ela. — Acho que isso já era. — Apenas cinco palavras, e pequenas ainda por cima, mas nelas eu escutei uma Illy diferente, mais velha, que em um futuro não muito distante poderia estar confortável usando um terno de executiva, meia-calça e sandálias com saltos baixos e práticos, que talvez prendesse o cabelo na nuca durante o dia e carregasse uma maleta por saguões de aeroportos em vez de uma mochila Gap nas costas. Não mais uma Garotinha Crescida; você podia tirar qualquer *inha* dessa imagem. E *garota* também.

— Você diz tudo ou...

— Isso ainda veremos.

— Eu não quero me intrometer, querida. É só que a Comissão de Inquérito dos Pais...

— ...quer saber, claro que sim, mas dessa vez eu não posso ajudar. Tudo que sei agora é que ainda o amo, ou pelo menos acho que sim, e sinto falta dele, mas ele tem que fazer uma escolha.

Naquele momento, Pam teria perguntado *Entre você e aquela garota com quem ele está cantando?* O que eu perguntei foi:

— Você está comendo?

Ela explodiu em uma gargalhada alegre.

— Responda à pergunta, Illy.

— Como uma porca!

— Então por que não está na rua almoçando agora?

— Um pessoal da nossa turma vai fazer um piquenique no parque, é por isso. E aproveitar para estudar antropologia e jogar Frisbee. Eu vou kevar queijo e pão francês. E estou atrasada.

— O.k. Desde que você esteja comendo e não remoendo as ideias em casa

— Estou comendo bem e remoendo as ideias moderadamente. — Sua voz mudou mais uma vez, passando para a versão adulta. Aquelas trocas abruptas de uma para a outra eram desconcertantes. — Às vezes fico um pouco acordada na cama antes de dormir e então penso no senhor aí. Isso também acontece com o senhor?

— Às vezes. Agora, nem tanto.

— Papai, se casar com a mamãe foi um erro para você? Ou para ela? Ou foi só um acidente?

— Não foi um acidente e nem um erro. Tivemos 24 anos bons e duas filhas maravilhosas, e ainda estamos nos falando. Não foi um erro, Illy.

— O senhor não mudaria o que fez?

As pessoas não paravam de me fazer essa pergunta.

— Não.

— Se pudesse voltar... o senhor mudaria?

Eu fiz uma pausa, mas não muito longa. Às vezes não há tempo para decidir qual a melhor resposta. Às vezes, você só pode dar a verdadeira.

— Não.

— O.k. Mas eu sinto sua falta, papai.

— Eu também.

— Às vezes, sinto falta dos velhos tempos. Quando as coisas eram menos complicadas. — Ela fez uma pausa. Eu poderia ter falado algo, queria, na verdade, mas fiquei em silêncio. Às vezes, o silêncio é melhor. — Papai, as pessoas alguma vez merecem uma segunda chance?

Pensei na minha própria segunda chance. Em como tinha sobrevivido a um acidente que deveria ter me matado. E em como estava fazendo muito mais do que apenas segurar as pontas, ao que parecia.

— Elas sempre merecem.

— Obrigada, papai. Mal posso esperar para ver o senhor.

— Eu também. Você vai receber um convite oficial logo, logo.

— O.k. Eu tenho mesmo que ir. Te amo.

— Também te amo.

Fiquei sentado com o fone no ouvido por um instante depois que ela desligou, escutando o nada.

— Cuide do seu dia e deixe o seu dia cuidar de você — falei. Então, o sinal de discagem começou a tocar e eu decidi que tinha mais uma ligação para fazer, no fim das contas.

viii

Dessa vez, quando Alice Aucoin atendeu ao telefone, ela parecia muito mais animada e bem menos cautelosa. Achei que aquela era uma boa mudança.

— Alice, nós nunca conversamos sobre um nome para a exposição — falei.

— Eu estava mais ou menos supondo que você a chamaria de “Rosas Crescendo das Conchas” — disse ela. — É um bom nome. Bastante evocativo.

— É — disse eu, olhando em direção ao solário e para o golfo além dele. A água era uma lâmina azul e branca reluzente; era preciso apertar os olhos contra o brilho. — Mas ainda não é o ideal.

— Imagino que você tenha outro que ache melhor, então?

— Sim, acho que tenho. Quero chamá-la de “A Vista de Duma”. O que você acha?

Sua resposta foi imediata.

— Acho que soa muito bem.

Eu também achava.

ix

Eu tinha deixado minha camisa que dizia VÁ PERDÊ-LA NAS ILHAS VIRGENS suada, apesar do ar-condicionado potente do Casarão Rosa. E estava mais exausto do que uma caminhada de ida e volta para *El Palacio* em passo rápido me deixava àquela altura. Minha orelha estava quente e latejante de tanto falar ao telefone. Estava preocupado com Ilse — da maneira como os pais sempre se preocupam com os problemas dos filhos, imagino, uma vez que eles estão velhos demais para serem chamados para casa quando começa a escurecer e os banhos estão sendo preparados —, mas também me sentia satisfeito com o trabalho que havia feito, como costumava me sentir depois de um bom dia em uma difícil obra de construção.

Não estava com tanta fome, porém me obriguei a colocar algumas colheres de pasta de atum em uma folha de alface e empurrei a mistura para dentro com uma garrafa de leite. Leite integral — ruim para o coração, bom para os ossos. *Então, acho que estamos quites,* teria dito Pam. Liguei a tevê da cozinha e descobri que a mulher de Candy Brown estava processando o município de Sarasota pela morte do marido, alegando negligência. *Boa sorte nessa, querida,* pensei. O meteorologista local disse que a temporada dos furacões poderia começar mais cedo do que nunca. E os Devil Rays perderam de lavada para os Red Sox em um jogo de apresentação — bem-vindos à realidade do beisebol, rapazes.

Cheguei a pensar em comer sobremesa (eu tinha mousse Jell-O, às vezes chamado de O Último Recurso do Homem Solteiro), então simplesmente coloquei meu prato dentro da pia e manquei até o quarto para dar um cochilo. Pensei em ligar o alarme, mas não quis me dar o trabalho; provavelmente tiraria apenas uma soneca. Mesmo se dormisse de verdade, a luz me

acordaria dali a mais ou menos uma hora, quando atravessasse o lado oeste da casa e entrasse pela janela do quarto.

Com isso em mente, me deitei e dormi até as seis daquela tarde.

x

Jantar estava fora de cogitação; nem me passou pela cabeça. Debaixo dos meus pés, as conchas sussurravam *pinte, pinte.*

Subi até a Casinha Rosa como se estivesse em um sonho, apenas de cieca. Liguei o rádio na estação The Bone, apoiei o *Garota e Navio No. 7* contra a parede e coloquei uma tela nova — não tão grande quanto a que havia usado para pintar *Wireman Olhando para o Oeste,* mas grande — no meu cavalete. Meu braço perdido coçava, mas a coceira já não me incomodava tanto quanto no inicio; na verdade, àquela altura eu até a aguardava com certa ansiedade.

Shark Puppy tocava na rádio: “Dig”. Excelente canção. Excelente letra. *Há mais na vida do que amor e prazer.*

Lembro-me claramente como o mundo inteiro parecia estar esperando que eu começasse — para você ter uma ideia de quanta energia eu sentia correndo através do meu corpo enquanto as guitarras gritavam e as conchas sussurravam.

Eu vim aqui em busca de tesouros.

Tesouros, sim. Pilhagem.

Eu pintei até o sol desaparecer e a luz lançar sua película cruel de luz branca sobre a água e mesmo depois de ela desaparecer.

E na noite seguinte.

E na outra.

E na outra.

Garota e Navio Nº. 8.

Se você quiser jogar, precisa pagar.

Eu desarrolhei.

xi

A visão de Dario de terno e gravata, com sua cabeleira domada e penteada para trás desde a testa, me assustou mais do que a plateia murmurante que enchia o Auditório Geldbart, onde as luzes tinham acabado de ser reduzidas à metade... quer dizer, com exceção do foco que vinha de cima, apontando para o púlpito no centro do palco. O fato de o próprio Dario estar nervoso — ao se encaminhar para o pódio ele quase deixou cair suas fichas de anotações — me assustou mais ainda.

— Boa noite, meu nome é Dario Nannuzzi — disse ele. — Sou curador e chefe de compras da Galeria Scoto em Palm Avenue. E, o que é mais importante, há trinta anos faço parte da comunidade artista de Sarasota e espero que vocês me perdoem por resvalar brevemente que alguns podem chamar de "gozar com o pau dos outros" quando digo que não existe melhor comunidade artística na América.

Isso resultou em aplausos entusiasmados de uma plateia que — como disse Wireman mais tarde — poderia saber a diferença entre Monet e Manet, mas pelo jeito não fazia ideia do que significava "gozar com o pau dos outros". Nos bastidores — suportando a duras penas aquele purgatório que apenas palestrantes principais experimentam enquanto seus apresentadores concluem seu falatório lento e peristáltico —, eu mal notava aquilo.

Dario passou a primeira ficha de anotações para o final, quase deixou cair a pilha toda mais uma vez, se recompôs e olhou novamente para a plateia.

— Eu quase não sei por onde começar, porém, para meu alívio, preciso dizer muito pouco, pois o verdadeiro talento parece surgir do nada e dispensa apresentações.

Dito isso, ele me apresentou pelos dez minutos seguintes enquanto eu continuava nos bastidores, agarrando minha página de anotações fajuta com a mão que me restava. Nomes passaram como carros alegóricos em um desfile. Alguns, como Edward Hopper, Salvador Dali, eu conhecia. Outros, como Yves Tanguy e Kay Sage, não. Cada nome desconhecido me fazia sentir mais como um impostor. O medo que sentia não era mais mental; ele havia agarrado meus intestinos com mãos firmes e malcheirosas. Sentia vontade de peidar, mas tinha medo de acabar borrando as calças. E isso não era o pior. Cada palavra que eu preparara com antecedência havia sumido da minha cabeça, exceto pela primeira frase, que era terrivelmente apropriada: *Meu nome é Edgar Freemantle e eu não faço ideia de como vim parar aqui.* A intenção era que aquilo causasse risadinhas na plateia. Àquela altura, eu já sabia que não iria causar, mas pelo menos era a verdade.

Enquanto Dario continuava seu ramerrame — Juan Miró isso, Manifesto Surrealista de Breton aquilo — um ex-empreiteiro apavorado agarrava sua patética folha de anotações com a mão fria e cerrada. Minha língua era uma lesma morta que talvez pudesse coaxar, mas não pronunciar palavras coerentes, não para duzentos especialistas em arte, sendo que muitos

tinham grau superior e alguns eram, ainda por cima, *mestres*. O pior de tudo era o meu cérebro. Era como se ele fosse um buraco esperando ser preenchido por uma raiva descontrolada e sem sentido; as palavras não queriam vir, mas a raiva estava sempre a postos.

— Já chega! — exclamou Dario alegremente, infundindo novo terror no meu coração disparado e enviando uma cólica que desceu pelas minhas pobres regiões subterrâneas — terror em cima, merda malcontida embaixo. Que combinação adorável. — Há 15 anos que a Galeria Scoto não acrescenta um novo artista ao seu vultoso catálago de primavera e nenhum dos que apresentamos anteriormente suscitou tamanho interesse. Acredito que os slides que vocês estão prestes a ver e as palavras que estão prestes a ouvir conseguirão explicar nosso interesse e emoção.

Ele fez uma pausa dramática. Eu senti gotículas venenosas de suor brotarem na minha sobrancelha e as sequei com a mão. O braço que levantei parecia pesar mais de 20 quilos.

— Senhoras e senhores, apresento-lhes o sr. Edgar Freemantle, que veio de Minneapolis-St.Paul e vive atualmente em Duma Key.

Eles aplaudiram. Era como se uma artilharia tivesse começado a disparar. Ordenei a mim mesmo que saísse correndo dali. Ordenei a mim mesmo que desmaiasse. Não fiz nenhum dos dois. Como um homem em um sonho — mas não um sonho bom —, eu entrei andando no palco. Tudo parecia estar acontecendo lentamente. Vi que todos os assentos estavam ocupados, embora não houvesse *nenhum* ocupado, pois eles estavam de pé, me aplaudindo. Bem acima de mim, no teto em forma de cúpula, anjos voavam indiferentes aos assuntos mundanos lá debaixo — e como eu queria ser um deles. Dario estava parado ao lado do pódio, com a mão estendida. Era a mão errada; em seu próprio nervosismo, ele havia estendido a direita e meu aperto de mão saiu desajeitado e torto. Por um instante, minhas anotações ficaram esmagadas entre as palmas de nossas mãos, e então se rasgaram. *Olhe o que você fez, seu idiota,* pensei — e, por um terrível momento, senti medo de ter falado aquilo em voz alta para o microfone captar e transmitir por todo o auditório. Estava ciente da intensidade do foco de luz enquanto Dario me deixava ali no meu poleiro solitário. Estava

ciente do microfone sobre a haste de cromo flexível e pensei que ele parecia uma cobra saindo de dentro de uma cesta de encantador de serpentes. Estava ciente dos pontos de luz que reluziam naquele cromo, na borda do copo d'água e no gargalo da garrafa ao lado dele. Estava ciente de que os aplausos estavam começando a diminuir; que algumas pessoas voltavam aos seus lugares. Logo, um silêncio repleto de expectativa substituiria os aplausos. Eles aguardariam que eu começasse. Porém, eu não tinha nada a dizer. Até mesmo a frase de abertura desaparecera da minha cabeça. Eles esperariam e o silêncio iria se alongar. Primeiro viriam algumas tosses nervosas e, depois, os cochichos. Porque eles eram uns imbecis. Não passavam de um bando de bisbilhoteiros imbecis e curiosos. E se eu não conseguisse dizer algo, seria uma torrente furiosa de palavras que pareceria o ataque de um homem com síndrome de Tourette.

Eu simplesmente chamaria o primeiro slide. Talvez, se conseguisse fazer pelo menos isso, as fotos me desempacariam. Só podia torcer que sim. No entanto, quando olhei para minha página de anotações, vi que não só ela estava rasgada no meio, como meu suor borrara as letras de tal forma que eu já não conseguia decifrá-las. Ou isso ou o estresse tinha criado um curto-circuito entre os meus olhos e o meu cérebro. E *qual* era o primeiro slide, mesmo? A pintura da caixa de correio? *Pôr do Sol com Feijão-da-Praia?* Tinha quase certeza de que não era nenhum dos dois.

Àquela altura, todos estavam se sentando. Os aplausos haviam terminado. Estava na hora de o Americano Primitivo abrir a boca e urrar. A três fileiras do palco, sentada na beira do corredor, estava aquela picanha introfedida da Mary Ire, com o que parecia um notinho de abloquações aberto sobre o colo. Procurei por Wireman. Ele tinha me metido naquilo, mas eu não o despejava anal. Só queria me desculpar com meus olhos pelo que estava por vir.

Eu estarei na primeira fileira, dissera ele. Bem no meio.

E estava mesmo. Jack, minha faxineira Juanita, Jimmy Yoshida e Alice Aucoin estavam sentados à sua esquerda. E, à sua direita, no assento do corredor...

O homem na beirada do corredor tinha que ser uma alucinação. Eu pisquei, mas ele ainda estava lá. Um rosto grande, escuro e calmo. Uma figura apertada na cadeira de veludo do auditório que parecia ser preciso um pé de cabra para tirá-lo dali; Xander Kamen, olhando para mim através de seus óculos de armação de chifre e parecendo mais do que nunca, com um deus menor. A obesidade não lhe permitia ter coko, porém, equilibrado sobre a barriga proeminente, havia uma caixa de presente de cerca de um metro de comprimento enfeitada com uma fita. Ele notou minha surpresa — meu choque — e fez um gesto; não um aceno, mas uma saudação estranha, complacente, levando a ponta dos dedos primeiro até sua testa maciça e então até os lábios, estendendo em seguida a mão para mim com os dedos afastados. Eu conseguia ver a brancura daquela palma. Ele sorriu para mim, como se sua presença ali na primeira fileira do Auditório Geldbart ao lado do meu amigo Wireman fosse a coisa mais natural do mundo. Seus lábios enormes formaram três palavras, espaçadamente: *Você vai conseguir*.

E talvez conseguisse mesmo. Se afastasse meu pensamento daquele instante. Se pensasse transversalmente.

Pensei em Wireman — em Wireman olhando para o oeste, para ser exato — e a frase de abertura me veio à cabeça.

Assenti para Kamen. Ele assentiu de volta. Então, olhei para a plateia e vi que ela não passava de pessoas. Todos os anjos estavam acima das nossas cabeças e, naquele momento, eles voavam na escuridão. Quanto aos demônios, a maioria estava provavelmente só na minha cabeça.

— Olá — comecei a falar, e então recuei quando minha voz saiu estourada do microfone. A plateia riu, mas o som não me deixou com raiva, como teria deixado um minuto antes. Eram apenas risadas, e bem-intencionadas.

Eu vou conseguir.

— Olá — repeti. — Meu nome é Edgar Freemantle e provavelmente não vou me sair muito bem nisso. Na minha outra vida, eu era do ramo de construção civil. Sabia que era bom no que fazia, porque sempre arranjava trabalho. Na minha vida atual, pinto quadros. Mas ninguém me falou nada sobre falar em público.

Dessa vez, as risadas foram um pouco mais soltas e um pouco mais generalizadas.

— Eu pretendia começar falando que não faço ideia de como vim parar aqui, mas, na verdade, sei. E isso é bom, porque é tudo que tenho a dizer. O negócio é que não sei nada sobre história da arte, teoria da arte ou mesmo sobre apreciação da arte. Alguns de vocês devem conhecer Mary Ire.

Isso causou risadinhas, como se eu tivesse dito: *Alguns de vocês vez tenham ouvido falar de Andy Warhol.* A própria olhou em volta, envaidecendo-se um pouco, suas costas retas como um pedaço de pau.

— Quando trouxe minhas pinturas até a Galeria Scoto pela primeira vez, a sra. Ire as viu e me chamou de Americano Primitivo. Eu fiquei meio ressentido, pois troco minhas cuecas toda manhã e sempre escovo os dentes de dormir.

Outra explosão de gargalhadas. Minhas pernas tinham voltado a ser pernas novamente — e não blocos de cimento — e, agora que me sentia capaz de sair correndo, já não queria ou precisava fazê-lo. Era possível que eles odiassem minhas pinturas, mas isso não era problema, pois *eu* não as odiava. Eles que dessem suas risadinhas, vaiassem, engasgassem (ou bocejassem) de aversão, se quisessem; quando aquilo acabasse, eu poderia voltar e pintar mais.

E se eles adorassem meu trabalho? Dava na mesma.

— Mas se ela quis dizer alguém que está fazendo algo que não compreende, que não consegue colocar em palavras, pois ninguém jamais lhe ensinou os termos corretos, então está certa.

Kamen assentia e parecia satisfeito. E, juro por Deus, Mary Ire também.

— Então, tudo isso leva à história de como eu cheguei até aqui: a ponte que eu atravessei para vir da minha outra vida até a que estou vivendo atualmente.

Kamen bateu as palmas de suas mãos volumosas silenciosamente. Aquilo fez com que eu me sentisse bem. Sua presença fazia com que eu me sentisse bem. Não sei o que exatamente teria acontecido se ele não estivesse ali, mas acho que teria sido o que Wireman chama de *mucho feo.*

— Porém, tenho que simplificar as coisas, porque, segundo meu amigo Wireman, quando o assunto é passado, a gente nunca joga limpo. Se a gente contar demais, acaba se pegando...

humm... não sei... contando o passado como gostaria que ele fosse, talvez?

Olhei para baixo e vi que Wireman estava assentindo.

— É, acho que é isso, como a gente gostaria que ele fosse. Então, simplificando, o que aconteceu foi o seguinte: eu sofri um acidente em um canteiro de obras. Um acidente feio. Tinha um guindaste no local e ele esmagou minha picape comigo dentro, e eu acabei esmagado também. Perdi meu braço direito e quase perdi a vida. Eu era casado, mas lamento acabou. Estava a ponto de enlouquecer. Isso é algo que eu vejo com mais clareza agora; na época, só sabia que estava me sentindo muito, muito mal. Outro amigo, um homem chamado Xander Kamen, me perguntou um dia se tinha alguma coisa que me deixasse feliz. E havia algo...

Eu fiz uma pausa. Kamen me encarava com atenção da primeira fila com a caixa de presentes longa equilibrada sobre o seu não colo. Lembrei-me dele naquele dia em Lake Phalen — a maleta surrada, o sol frio de outono indo e vindo em linhas diagonais pelo chão da sala de estar. Lembrei-me de ter pensado em suicídio e na miríade de caminhos que conduziam à escuridão: estradas, rodovias secundárias e ruelas obscuras e esquecidas.

O silêncio se prolongava, porém eu já não o temia. E minha plateia não parecia se importar com ele. Era natural que minha mente devaneasse. Eu era um *artista.*

— O conceito de felicidade, aplicada a mim mesmo, pelo menos, era algo que há tempos não me passava pela cabeça — falei. — Eu pensava em sustentar minha família e, depois que abri meu próprio negócio, em não decepcionar as pessoas que trabalhavam para mim. Também pensava em me tornar bem-sucedido e trabalhava nesse sentido, principalmente porque muita gente esperava que eu fracassasse. Então, veio o acidente. Tudo mudou. Eu descobri que não tinha...

Estendi as duas mãos em busca da expressão que queria, embora eles vissem apenas uma. E, talvez, meu velho coto se contorcendo em sua manga presa com alfinete.

— Não tinha nada que me amparasse. Em termos de felicidade... — Eu dei de ombros. — Falei ao meu amigo Kamen que costumava desenhar, mas que estava parado há muito tempo. Ele sugeriu que eu voltasse a desenhar e, quando perguntei por que, ele disse que eu precisava de proteção contra a noite. Na hora não entendi o que ele quis dizer, pois estava perdido, confuso e sofrendo. Entendo melhor agora. Dizem que a noite cai, mas aqui ela sobe. Sobe do golfo, depois do pôr do sol. Ver isso acontecendo me impressionou.

Eu também estava impressionado com a minha própria eloquência improvisada. Meu braço direito ficou o tempo todo calado. Ele era apenas um coto dentro de uma manga presa com alfinete.

— Será que poderíamos baixar todas as luzes? Inclusive a minha?

Alice estava operando pessoalmente a mesa de iluminação e não perdeu tempo. O foco sob a qual eu estava parado diminuiu até se tornar um sussurro. O auditório foi engolido pela penumbra.

Eu disse:

— O que descobri, ao atravessar a ponte entre as minhas duas vidas, é que às vezes a beleza cresce contra todas as expectativas. Mas essa é uma ideia muito original, não é mesmo? Na verdade, é apenas platitude... mais ou menos como um pôr do sol na Flórida. Ainda assim calha de ser a verdade, e a verdade merece ser dita... *se* você consegue dizê-la de uma maneira nova. Eu tentei colocá-la na tela. Alice, você poderia mostrar o primeiro slide, por favor?

Ele reluzia na tela grande à minha direita, com uns 2,5 metros de largura e 2 de altura: um trio de rosas viçosas gigantescas crescendo em um leito de conchas de um cor-de-rosa escuro. As conchas eram escuras porque estavam debaixo da casa, sob as sombras dela. A plateia inspirou fundo, um som parecido com uma rajada de vento breve, porém forte. Ouvi aquilo e tive a certeza de que não era apenas Wireman e o pessoal da Scoto que entendiam. Que viam. Aquelas pessoas reagiram como se tivessem sido apanhadas totalmente de surpresa.

Então, começaram a aplaudir. Os aplausos duraram quase um minuto inteiro. Eu fiquei parado, agarrado ao lado esquerdo do pódio, escutando, estupefato.

O restante da apresentação durou uns 25 minutos, porém não me lembro de quase nada dela. Era como se eu fosse um homem conduzindo um slide-show em um sonho. Esperava o tempo todo acordar no meu leito de hospital, calorento e tomado pela dor, urrando por morfina.

A sensação onírica persistiu durante a recepção pós-palestra na Scoto. Eu mal terminara minha primeira taça de champanhe (um pouco maior que um dedal, mas não muito) e uma segunda foi empurrada para a minha mão. Brindei com pessoas que não conhecia. Houve gritos de “Discurso, discurso!” e alguém exclamou “Maestro!”. Olhei ao redor em busca dos meus novos amigos e não os encontrei em lugar algum.

Não que eu tivesse muito tempo para procurar. As congratulações pareciam intermináveis, tanto pela minha palestra quanto pelos slides. Pelo menos não tive que lidar com nenhuma crítica demorada sobre minha técnica, pois as pinturas de verdade (além de alguns desenhos a lápis de cor, para completar) estavam escondidas em duas salas de fundos grandes, trancadas a chave e cadeado. E o segredo para evitar ser esmagado em sua própria recepção se você tiver um braço só, eu descobria, era manter constantemente um camarão envolvido em bacon sua mão restante.

Mary Ire se aproximou e perguntou se a nossa entrevista ainda estava de pé.

— Claro — respondi. — Embora eu não saiba o que mais vou poder lhe contar. Acho que já falei tudo hoje à noite.

— Ah, nós vamos pensar em uma coisinha ou outra — disse ela, e quero ir para o inferno se não me deu uma piscadela por detrás dos seus óculos gatinha estilo anos 50 enquanto devolvia sua taça a um dos garçons que circulavam por ali. — Depois de amanhã. *À bientôt, monsieur.*

— Pode apostar — falei, reprimindo a vontade de lhe dizer que, se ela fosse falar francês, teria que esperar até eu estar usando minha boina à la Manet. Ela se afastou, beijou Dario em uma bochecha e depois foi embora, adentrando a noite perfumada de março.

Jack se aproximou, apanhando duas taças de champanhe no caminho. Juanita, minha faxineira, elegante e chique em um terninho rosa, o acompanhava. Ela pegou um espetinho de camarão, mas recusou o champanhe. Então, ele estendeu a taça para mim, esperando eu terminar de engolir o resto do meu *hors-d'oeuvre* para apanhá-la. Então, bateu sua taça contra a minha.

— Parabéns, chefe, você mandou brasa.

— Obrigado, Jack. Um crítico que eu consigo entender. — Eu engoli o champanhe (havia apenas um gole por taça) e me voltei para Juanita. — Você está simplesmente linda.

— *Gracias,* sr. Edgar — disse ela, olhando em volta. — Esses quadros são bons, mas os do senhor são muito melhores.

— Obrigado.

Jack deu outro camarão para Juanita.

— Você nos daria licença por alguns instantes?

— Claro.

Jack me arrastou para o lado de uma escultura espalhafatosa de Gerstein.

— O sr. Kamen perguntou a Wireman se eles não poderiam ficar um pouco mais na biblioteca depois que a casa esvaziasse.

— Ah, foi? — Senti uma ponta de preocupação. — Por quê?

— Bem, ele passou boa parte do dia vindo para cá e falou que não se dava bem com poltronas de avião. — Jack sorriu. — Ele disse a Wireman que ficou o dia inteiro com a bunda quadrada e queria dar um jeito nela em paz.

Eu disparei a rir. Porém, também fiquei comovido. Não podia ser fácil para um homem do tamanho de Kamen viajar em transportes públicos... e, pensando melhor no assunto, imaginei que ele não conseguiria sequer sentar em um daqueles banheiros de avião minúsculos. Ficar em pé e dar uma mijada? Talvez. Por pouco. Mas não se sentar. Ele simplesmente não caberia.

— Enfim, Wireman achou que o sr. Kamen merecia uma folga. Disse que você

entenderia.

— Entendo, sim — falei, chamando Juanita com um gesto. Ela parecia abandonada demais, parada sozinha ali no que provavelmente era sua melhor roupa enquanto os abutres culturais iam e vinham ao seu redor. Dei-lhe um abraço e ela sorriu para mim. E, quando eu estava finalmente convencendo-a a tomar uma taça de champanhe (quando usei a palavra *pequeño* ela riu, então imaginei que aquilo não estava muito certo), Wireman e Kamen — o último ainda carregando a caixa de presente — chegaram. Kamen abriu um sorriso quando me viu e aquilo me fez mais bem do que várias salvas de palmas, mesmo com uma ovação de pé para completar.

Apanhei uma taça de champanhe de uma bandeja que passava por ali, abri caminho pela multidão e a entreguei para ele. Então, passei meu braço pelo máximo que pude do seu corpanzil para lhe dar um abraço. Ele o devolveu com força o suficiente para fazer minhas costelas ainda sensíveis gritarem.

— Edgar, você está ótimo. Fico muito feliz. Deus é bom, meu Deus é bom.

— E você também — falei. — Como você veio parar em Sarasota? Foi Wireman? — Eu me voltei para o meu *compadre* do guarda-sol listrado. — Foi, não foi? Você telefonou para Kamen e perguntou se ele não poderia ser o Convidado Surpresa da minha palestra.

Wireman balançou a cabeça.

— Eu telefonei para *Pam.* Estava em pânico, *muchacho,* porque conseguia ver que você

estava pirando por conta do evento. Ela dsse que, depois do seu acidente, você ouviu o dr. Kamen quando não ouvia nenhuma outra pessoa. Então, liguei para ele. Nem imaginei que ele pudesse vir tão em cima da hora, mas... aqui está o homem.

— Não só estou aqui, como trago um presente das suas filhas — disse ele, entregando-me a caixa. — Embora você vá ter que se contentar com o que eu tinha no estoque, porque não tive tempo de fazer compras. Espero que não se decepcione.

Súbito, descobri qual era o presente e minha boca ficou seca. Ainda assim, acomodei a caixa debaixo do meu coto, desatei o laço e rasguei o papel. Mal percebi Juanita apanhando-o. Dentro do embrulho, havia uma caixa de papelão estreita que me parecia o caixão de uma criança. É claro. Com o que mais ela poderia se parecer? Carimbadas na tampa, havia as seguintes palavras: **PRODUZIDO NA REPÚBLICA DOMINICANA**

— Alto nível, doutor — falou Wireman.

— Infelizmente, não tive tempo de caprichar mais — respondeu Kamen.

As vozes deles pareciam vir de longe. Juanita tirou a tampa da caixa. Acho que Jack a segurou. E então Reba estava olhando para mim, dessa vez com um vestido vermelho em vez de azul, porém os pontinhos eram os mesmos; assim como os sapatinhos pretos, o cabelo vermelho sem vida e os olhos azuis que diziam: *Aaiiii9 seu malvado! Eu fiquei aqui dentro esse tempo todo!*

Ainda muito ao longe, Kamen dizia:

— Foi Ilse quem ligou e sugeriu uma boneca de presente. Isso foi depois de ela conversar com a irmã ao telefone.

É claro que foi Ilse, pensei. Eu estava ciente do murmúrio constante das conversas na galeria, como o som das conchas debaixo do Casarão Rosa. Ainda estava com meu sorriso “nossa, que legal” estampado na cara, mas se alguém tivesse me cutucado nas costas naquela hora, eu provavelmente teria gritado. *Foi Ilse quem esteve em Duma Key. Quem desceu a estrada que segue para além do* Palacio.

Por mais astuto que fosse, acho que Kamen não teve a menor ideia de que havia algo de errado — no entanto, é claro que ele tinha viajado o dia inteiro e estava longe da sua melhor forma. Wireman, por sua vez, me encarava com a cabeça um pouco inclinada para um lado e a sobrancelha franzida. E, àquela altura, eu imaginava que ele me conhecesse melhor do que Kamen jamais conhecera.

— Ela sabia que você já tinha uma — dizia Kamen. — Achou que um par o faria se lembrar das duas filhas, e Melinda concordou. Mas, obviamente, eu só tenho no estilo Lucy.

— Lucy? — perguntou Wireman, pegando a boneca. Suas pernas estofadas cor-de-rosa balançavam. Seus olhos rasos fitavam o nada.

— Elas se parecem com a Lucille Ball, você não acha? Eu costumo dá-las para alguns dos meus pacientes, mas é claro que eles lhes dão seus próprios nomes. Como você chamou a sua, Edgar?

Por um instante, meu cérebro congelou como antes e eu pensei Rhonda Robin Rachel, senta na amiga, senta na colega, senta na porra da CHALEIRA. Então pensei, Era VERMELHO.

— Reba — falei. — Como a cantora country.

— E você a guardou? — perguntou Kamen. — Ilse falou que sim.

— Ah, guardei — respondi, lembrando-me de quando Wireman me contou sobre aquele programa de tevê chamado Powerball. Sobre como você podia fechar os olhos e ouvir os números se encaixando: *clique, clique* e *clique.* Achei que conseguia ouvi-los naquele instante. Na noite em que terminei *Wireman Olhando para o Oeste,* recebi visitantes no Casarão Rosa, pequenas refugiadas buscando abrigo da tempestade. As irmãs afogadas de Elizabeth, Tessie e Laura Eastlake. E passaria a ter gêmeas no Casarão Rosa novamente; mas por quê?

Porque algo tinha se manifestado, esse era o porquê. Algo tinha se manifestado e plantado a ideia na cabeça da minha filha. Esse era o próximo estalo da engrenagem, a próxima bola de pingue-pongue a saltar de dentro do cesto.

— Edgar? — perguntou Wireman. — Você está bem, *muchacho*?

— Estou — falei, sorrindo. O mundo voltou, em toda sua luz e cor. Eu me obriguei a pegar a boneca das mãos de Juanita, que olhava intrigada para ela. Foi difícil, mas eu consegui. — Obrigado, dr. Kamen. Xander.

Ele deu de ombros e separou as mãos.

— Agradeça às suas filhas, especialmente a Ilse.

— Eu agradecerei. Quem está a fim de mais uma taça de champanhe?

Todos estavam. Eu recoloquei minha nova boneca na sua caixa prometendo duas coisas a mim mesmo. Uma foi que nenhuma das minhas filhas jamais saberia o quanto ver aquela coisa maldita tinha me assustado. A outra foi que eu conhecia duas irmãs — duas irmãs *vivas* — que nunca, jamais, colocariam os pés em Duma Key ao mesmo tempo. Ou de forma alguma, se eu pudesse evitar.

Essa foi uma promessa que eu mantive.

12 - Outra Flórida

i

— Certo, Edgar, acho que estamos quase acabando.

Talvez ela tenha visto algo em meu rosto, pois Mary riu.

— Foi tão horroroso assim?

— Não — respondi, e não tinha sido mesmo, embora suas perguntas sobre minha técnica tenham me deixado pouco à vontade. Resumindo, era o seguinte: eu olhava para as coisas e então espalhava tinta na tela. Essa era a minha técnica. E quanto às minhas influências? O que eu poderia dizer? A luz. A questão era sempre a luz, tanto nas pinturas que eu gostava de olhar quanto nas que gostava de pintar. O que ela fazia na superfície das coisas e o que parecia sugerir sobre o que estava dentro delas, buscando uma maneira de sair. Porém, aquilo não soava erudito; na verdade, me parecia uma tolice.

— O.k. — disse ela —, último assunto: quantas pinturas você ainda tem para mostrar?

Estávamos na cobertura de Mary Ire em Davis Islands, uma região aristocrática de Tampa que me parecia a capital *art déco* do mundo. A sala de estar era um espaço amplo, quase vazio, com um sofá em um canto e duas espreguiçadeiras no outro. Não havia livros, mas também não havia tevê. Um David Hockney estava pendurado na parede voltada para o leste, onde poderia pegar a luz da manhã. Mary e eu nossentávamos um em cada canto do sofá. Ela estava com seu bloquinho de anotações no colo. Tinha um cinzeiro empoleirado do seu lado no braço do sofá. Entre nós dois, um gravador Wollensak grande e prateado. Deveria ter no mínimo 50 anos, mas seus rolos giravam silenciosamente. Tecnologia alemã, baby.

Mary não usava maquiagem, porém seus lábios estavam cobertos por um líquido viscoso e transparente que os fazia brilhar. Seu estava preso em uma trança malfeita, quase se desfazendo, e com uma aparência ao mesmo tempo elegante e desleixada. Ela fumava English Ovals e bebericava o que me parecia uísque puro de um copo Waterford (ela me oferecera um drinque e pareceu desapontada quando optei por uma garrafa de água mineral). Usava calças de algodão feitas sob medida. Seu rosto era velho, gasto e sexy. Seu auge deve ter sido mais ou menos na época em que *Bonnie e Clyde* estava nos cinemas, porém seus olhos ainda eram de tirar o fôlego, mesmo com as rugas nos cantos rachaduras nas pálpebras e nenhuma maquiagem para realçá-los. Eram dignos de uma Sophia Loren.

— Você mostrou 22 slides na Selby. Nove eram desenhos a lápis. Muito interessantes, mas pequenos. E 11 pinturas, porque na verdade foram três slides de *Wireman Olhando para o Oeste,* dois closes e uma grande-angular. Então, quantas pinturas você tem mais? Quantas serão exibidas na Scoto no mês que vem?

— Bem — falei. — Não sei ao certo, porque estou pintando o tempo todo, mas acho que, no momento, são mais umas... vinte.

— Vinte — disse ela, baixinho e sem inflexão. — Mais vinte.

Algo na maneira como ela me encarava me deixou desconfortável e eu me mexi no assento. O sofá rangeu.

— Acho que o número exato é 21. — Claro que não estava contando algumas telas. *Amizades Coloridas,* por exemplo. A que às vezes eu chamava na minha cabeça de *Candy Brown Perde o Fôlego*. E o desenho da figura de manto vermelho.

— Então, são mais de trinta ao todo.

Fiz a soma de cabeça e me mexi mais um pouco.

— Acho que sim.

— E você não faz ideia de quanto isso é impressionante. Estou vendo pela sua cara que não. — Ela se levantou, esvaziou o cinzeiro em uma lata de lixo do lado do sofá e então ficou olhando para o Hockney com as mãos nos bolsos de sua calça cara. O quadro mostrava uma casa em forma de cubo e uma piscina azul. Ao lado da piscina, havia uma adolescente madura com um maio preto. Ela era toda seios, pernas longas e bronzeadas e cabelos pretos. Usava óculos escuros e um pequeno sol brilhava em ambas as lentes.

— Ele é original? — perguntei.

— Sem dúvida — falou ela, sem se virar. — A garota de maio também. Mary Ire, *circa 1962*. Gidget em Tampa.[19] — Ela se voltou para mim, com uma expressão feroz no rosto. — Desligue esse gravador. A entrevista acabou.

Eu o desliguei.

— Quero que me escute. Você faria isso?

— Claro.

— Existem artistas que passam meses trabalhando em uma só pintura que tem a metade da qualidade do seu trabalho. É claro que muitos deles passam as manhãs se recuperando dos excessos da noite anterior. Mas *você*... você está produzindo essas coisas como um homem em uma linha de montagem. Como um ilustrador de revista ou um... sei lá... um desenhista de quadrinhos.

— Eu cresci acreditando que as pessoas deveriam dar duro nos seus trabalhos... acho que a questão é só essa. Quando tinha meu próprio negócio, eu fiz muita hora extra, porque o chefe mais exigente que um homem pode ter é ele mesmo.

Ela assentiu.

— Isso não é verdade para todos, mas quando é, é *mesmo.* Eu sei.

— Eu simplesmente trouxe essa... bem, essa ética... para o que faço agora. E ela me cai bem. Que diabo, me cai melhor do que bem. Eu ligo o rádio... é como se entrasse em um transe... e então pinto. — Eu estava ruborizando. — Não estou tentando quebrar nenhum recorde mundial de velocidade, ou coisa do gênero.

— Eu *sei* disso — falou ela. — Diga-me, você bloqueia?

— Bloquear? — Eu sabia o que aquela expressão significava em um contexto de futebol americano, mas, fora isso, estava perdido.

— Esqueça. Em *Wireman Olhando para o Oeste,* que é incrível, por sinal, aquele *cérebro...* como você compôs as feições?

— Eu tirei algumas fotos — respondi.

— É claro que tirou, querido, mas quando você estava se preparando para pintar o retrato, como compôs as feições?

— Eu... bem, eu...

— Você usou a regra do terceiro olho?

— Regra do terceiro olho? Nunca ouvi falar dela.

Ela me abriu um sorriso amável.

— Para acertar a distância entre os olhos da figura, muitos pintores imaginam ou até mesmo bloqueiam um terceiro olho entre os outros dois. E quanto à boca? Você a centralizou usando as orelhas?

— Não... quero dizer, não sabia que era para fazer isso. — Àquela altura, me sentia como se estivesse ruborizando no corpo inteiro

— Relaxe — disse ela. — Não estou sugerindo que você comece a seguir um monte de regras fajutas de escola de arte depois de quebrá-las tão espetacularmente. É só que... — Ela balançou a cabeça. — Trinta quadros desde novembro passado? Não, é menos tempo ainda, porque você não começou a pintar logo de cara.

— Claro que não, tive que comprar alguns materiais artísticos antes — falei, e Mary riu até cair em um acesso de tosse que ela eliminou com um gole de uísque.

— Se trinta quadros em três meses é o que quase morrer esmagado faz com uma pessoa — disse ela quando conseguiu voltar a falar —, talvez eu devesse procurar um guindaste.

— Você não iria querer isso — falei. — Acredite em mim. — Eu me levantei, fui até a janela e olhei para a Adalia Street. — Esse aqui **é** um lugar e tanto.

Ela se juntou a mim e ficamos olhando juntos. O café bem do outro lado da rua e sete andares abaixo poderia ter sido trazido por avião de Nova Orleans. Ou de Paris. Uma mulher veio andando pela calçada comendo o que parecia uma baguete, a bainha de sua saia vermelha ondulando. Em algum lugar, alguém tocava um blues de 12 compassos, cada nota soando cristalina.

— Diga-me uma coisa, Edgar... quando você olha pela janela, o que vê lhe interessa como artista ou como o empreiteiro que era antes.

— Os dois — respondi.

Ela riu. .

— Entendo. Davis Islands é completamente artificial, fruto da imaginação de um homem chamado Dave Davis. Um Jay Gatsby estilo Flórida. Já ouviu falar dele?

Balancei a cabeça.

— Isso só serve para provar que a fama é algo fugaz. Durante os Loucos Anos 20, Davis era um Deus aqui na Costa Oeste da Flórida.

Ela gesticulou com o braço para o emaranhado de ruas lá embaixo; as pulseiras em seu pulso esquelético retiniram; em algum lugar não muito longe dali, um sino de igreja marcou as duas horas.

— Isso aqui era um pântano na foz do rio Hillsborough antes de ele dragar tudo. Então, convenceu os fundadores da cidade de Tampa a transferir tanto o hospital quanto a estação de rádio para cá, na época em que o rádio era um negócio mais rendoso do que o serviço de saúde. Construiu conjuntos de prédios de apartamentos estranhos e bonitos quando o conceito ainda era desconhecido. Ergueu hotéis e boates sofisticadas. Esbanjou grana, se casou com uma *Miss,* pediu o divórcio e se casou com ela de novo. Tinha um patrimônio de milhões de dólares quando um milhão era o mesmo que 20 milhões hoje em dia. E um de seus melhores amigos morava do outro lado da costa, em Duma Key. John Eastlake. Conhece o nome?

— Claro. Fui apresentado à filha dele. Meu amigo Wireman toma conta dela.

Mary acendeu um novo cigarro.

— Bem, tanto Dave quanto John eram tão ricos como Creso. Dave com seus terrenos e sua especulação imobiliária, John com suas fábricas. Mas Davis era um pavão, enquanto Eastlake estava mais para um pássaro comum. O que era bom para ele, porque você sabe o que acontece com pavões, não sabe?

— Eles acabam com as penas do rabo arrancadas?

Ela deu uma tragada no seu cigarro mais recente, então apontou os dedos que o seguravam para mim enquanto soltava fumaça pelas narinas.

— Resposta correta, senhor. Em 1925, a Crise Imobiliária da Flórida fez este estado explodir como uma bolha de sabão atingida por um tijolo. Dave Davis investira praticamente tudo o que tinha no que você está vendo aqui. — Ela gesticulou para as ruas ziguezagueantes e para os prédios cor-de-rosa. — Em 1926, Davis tinha 4 milhões de dólares aplicados em diversos empreendimentos de sucesso e recuperou cerca de 30 mil.

Fazia tempo que eu não montava nas costas do tigre — como dizia meu pai quando alguém excedia seus recursos a ponto de ter que começar a tapear os credores e ser criativo com a contabilidade — e nunca tinha me arriscado tanto, nem na época do desespero, quanda a Companhia Freemantle estava começando. Tive pena de Dave Davis, por mais morto que ele estivesse.

— Quanto das suas próprias dívidas ele conseguiu cobrir? Conguiu cobrir alguma coisa?

— No começo, sim. Na época, outras regiões do país estavam vivendo um boom.

— Você conhece bem o assunto.

— A arte da Costa Oeste é minha paixão, Edgar. A história da Costa Oeste é meu hobby.

— Entendo. Então, Davis sobreviveu à Crise Imobiliária.

— Por algum tempo. Imagino que tenha vendido suas ações com o mercado em alta para cobrir a primeira leva de perdas. E os amigos o ajudaram.

— Eastlake?

— John Eastlake era um verdadeiro anjo, se não levarmos em conta um ou outro contrabando de bebida falsificada que ele talvez tenha armazenado na ilha para Dave.

— Ele fez isso? — perguntei.

— Eu disse *talvez*. Estamos falando de outro tempo e de outra Flórida. Você acaba escutando todo tipo de história pitoresca sobre contrabando de álcool durante a Lei Seca se morar aqui por algum tempo. Com ou sem a bebida, Davis já teria ido à falência na Páscoa de 26 sem John Eastlake. John não era nenhum playboy e não frequentava casas noturnas e bordéis como Davis e alguns de seus amigos, mas era viúvo desde 1923, e imagino que o velho Dave poderia ter arranjado um rabo de saia para um camarada de vez em quando se o camarada em questão estivesse se sentindo sozinho. Porém, no verão de 26, as dívidas de Dave ficaram altas demais. Nem mesmo seus velhos companheiros puderam salvá-lo.

— Então ele desapareceu em uma noite escura.

— Ele desapareceu, mas não sob a luz do luar. Esse não era o estilo de Dave. Em outubro de 1926, menos de um mês depois de o furacão Esther ter mandado a obra de sua vida para o inferno, ele pegou um navio para a Europa com um guarda-costas e *seu* novo rabo de saia, que calhava de ser uma daquelas beldades de maio dos filmes de Mack Sennett. O rabo de saia e o guarda-costas chegaram a Gay Paree, mas Dave Davis, não. Ele desapareceu no mar, sem deixar vestígios.

— Essa história é verdade?

Ela ergueu a mão direita em uma saudação de escoteiro — a imagem ficou ligeiramente danificada por conta do cigarro que fumegava entre seus dois primeiros dedos.

— Verdade verdadeira. Em novembro de 26, houve um funeral bem ali. — Ela apontou para onde o golfo cintilava entre dois prédios *art déco* cor-de-rosa radiantes. — No mínimo quatrocentas pessoas compareceram, em sua maioria, o tipo de mulher que gostava de usar penas de avestruz. Um dos oradores foi John Eastlake. Ele atirou uma coroa de flores tropicais na água.

Ela suspirou e eu senti uma lufada do seu hálito. Não tinha dúvidas de que aquela dama era boa de copo; também não tinha dúvidas de que estava no caminho certo para ficar de pilequinho, isso se não completamente bêbada, naquela tarde.

— Com certeza, Eastlake ficou triste com a morte do amigo — disse ela —, mas aposto que estava dando os parabéns a si mesmo por ter sobrevivido ao Esther. Aposto que todos eles estavam fazendo o mesmo. Mal sabia ele que estaria jogando mais coroas de flores na água menos de seis meses depois. Não só uma filha se foi, mas duas. Três, pensando bem, se você contar a mais velha. Ela fugiu para Atlanta com o chefe de uma das fábricas do papai, se não me falha a memória. Embora isso não chegue nem perto de perder duas no golfo. Meu Deus, isso deve ter sido difícil.

— ELAS SE FORAM — falei, recordando a manchete que Wireman citara.

Ela me encarou com intensidade.

— Então você andou pesquisando por conta própria.

— Eu não, Wireman. Ele quis saber mais sobre a mulher para quem está trabalhando.

Acho que não sabe sobre a relação com este Dave Davis.

Ela assumiu um ar pensativo.

— Fico me perguntando de quanto a própria Elizabe deve se lembrar.

— A essa altura, ela não se lembra nem do próprio nome — falei.

Mary me lançou outro olhar, então se voltou para a janela, pegou o cinzeiro e apagou seu cigarro.

— Alzheimer? Ouvi boatos.

— É.

— Sinto pra cacete em saber. Sabia que foi dela que eu ouvi os detalhes mais chocantes da história de Dave Davis? Nos bons tempos, eu costumava encontrá-la o tempo todo, no circuito. E entrevistei a maioria dos artistas que ficou em Salmon Point. Só que você tem outro nome para ele, não tem?

— Casarão Rosa.

Ela sorriu.

— Sabia que era algo bonitinho.

— Quantos artistas se hospedaram nele?

— Muitos. Eles vinham dar palestras em Sarasota ou Venice e talvez pintar um pouco, embora os que ficaram em Salmon Point tenham feito muito pouco disso. Para a maior parte dos convidados de Elizabeth, o tempo que passaram em Duma Key foi pouco mais do que umas férias gratuitas.

— Ela cedia o lugar?

— Ah, sim — disse ela, com um sorriso um tanto irônico. — O Conselho de Arte de Sarasota pagava os honorários das palestras e Elizabeth geralmente fornecia o alojamento: o Casarão Rosa, *née* Salmon Point. Mas você não entrou nessa, entrou? Quem sabe na próxima. Especialmente já que você de fato *trabalha* lá. Eu poderia listar meia dúzia de artistas que ficaram na sua casa e não chegaram nem a molhar um pincel. — Ela marchou em direção ao sofá, ergueu o copo e deu um gole. Não, uma golada.

— Elizabeth tem um desenho que Dalí fez no Casarão Rosa — falei. — Esse eu vi com meus próprios olhos.

Os olhos de Mary brilharam.

— Ah, sim, bem. Dalí. Dalí *adorava* aquele lugar, mas nern ele ficou muito tempo... embora o filho da puta tenha passado a mão no meu traseiro antes de partir. Sabe o que Elizabeth me contou depois que ele foi embora.

Eu balancei a cabeça. Claro que não sabia, mas queria ouvir.

— Ele disse que era “chique demais” para o seu gosto. Isso lhe parece familiar, Edgar?

Eu sorri.

— Por que você acha que Elizabeth transformou o Casarão Rosa em um retiro para artistas? Ela sempre foi uma patrona das artes?

Mary pareceu surpresa.

— Seu amigo não lhe contou? Talvez ele não saiba. Segundo o folclore local, a própria Elizabeth já foi uma artista de renome.

— O que você quer dizer com segundo o folclore local?

— Dizem, e até onde sei não passa de mito, que ela foi uma criança prodígio. Que pintava maravilhosamente bem quando muito jovem, mas que depois apenas parou.

— Você chegou a perguntar a ela?

— Claro, seu bobo. Fazer perguntas às pessoas é meu trabalho. — Ela já estava cambaleando um pouco àquela altura, os olhos à la Sophia Loren claramente injetados.

— E o que ela disse?

— Que era mentira. Ela falou: "Quem sabe, faz. E quem não sabe, *apoia* quem sabe. Como nós, Mary."

— Me parece uma boa resposta — falei.

— É, me pareceu, também — disse Mary, dando outro gole do seu copo Waterford. — O único problema é que não acreditei nela.

— Por que não?

— Não sei, simplesmente não acreditei. Eu tinha uma velha amiga chamada Aggie Winterborn que costumava assinar a coluna de "conselhos para os apaixonados" no *Trib* de Tampa e uma vez acabei mencionando a história para ela. Isso foi mais ou menos na época em que Dalí estava agraciando a Costa Oeste com a sua presença, talvez em 1980. Nós estávamos em um bar qualquer, naquela época estávamos sempre em um bar qualquer, e começamos a falar sobre como se constroem as lendas. Eu mencionei a história de como Elizabeth tinha supostamente sido um Rembrandt quando bebê como exemplo e Aggie, que está morta há anos, Deus a tenha, disse que não achava que aquilo era uma lenda, e sim a verdade, ou uma versão dela. Disse que tinha visto uma matéria de jornal a respeito.

— Você chegou a conferir isso? — perguntei.

— Claro que sim. Eu não escrevo tudo que sei — ela me lançou uma piscadela —, mas gosto de *saber* tudo.

— E o que descobriu?

— Nada. Nem no *Tribune* e nem nos jornais de Sarasota e Venice. Então talvez *fosse* só uma história. Que diabo, talvez todo aquele negócio sobre o pai dela armazenar uísque para Dave Davis em Duma Key também fosse. Mas... eu apostaria dinheiro na memória de Aggie Winterborn. E Elizabeth fez uma cara estranha quando eu lhe perguntei a respeito.

— Que tipo de cara?

— O tipo que diz "não vou contar para *você"*. Mas tudo isso aconteceu há muito tempo, muita birita passou por debaixo da ponte desde então e não dá mais para perguntar a ela, não é mesmo? Não se ela estiver tão mal quanto você diz.

— Não, mas talvez ela melhore. Segundo Wireman, já aconteceu antes.

— Vamos torcer que sim — disse Mary. — Ela é uma raridade, sabia? A Flórida está cheia de gente velha, não é chamada de sala de espera de Deus à toa, mas são poucos e preciosos os que cresceram aqui. A Costa Oeste de que Elizabeth se lembra, ou se *lembrava,* era realmente outra Flórida. Não essa confusão toda de agora, com estádios cobertos e rodovias expressas indo para toda parte, e tampouco a Flórida em que eu cresci. A minha era a Flórida de John D. MacDonald, quando os moradores de Sarasota ainda conheciam seus vizinhos e Tamiami Trail era só cafonice. Naquela época, às vezes as pessoas voltavam para casa da igreja e encontravam jacarés nas suas piscinas e linces fuçando suas lixeiras.

Percebi que ela estava mesmo *muito* bêbada... mas isso não a tornava desinteressante.

— A Flórida em que Elizabeth e suas irmãs cresceram era a que existiu antes de os

índios irem embora, mas antes de o sr. Homem Branco ter conxol... consolidado totalmente seu poder. Sua ilhazinha lhe pareceria muito diferente. Eu vi as fotos. Açaizeiros cobertos de figueiras estranguladoras, paus-de-porco e pinheiros no interior da ilha; os poucos lugares em que o solo era molhado tinham carvalhos e mangue. Havia arbustos e plantas rasteiras pelo chão, mas nada daquela porra de selva que está crescendo lá agora. As praias são a única coisa que continuou igual, além das aveias-do-mar, claro... como a bainha de uma saia. A ponte levadiça já estava lá na região Norte, mas havia só uma casa.

— O que fez a vegetação crescer tanto? — perguntei. — Você faz alguma ideia? Ouero dizer, três quartos da ilha estão enterrados nela.

Ela provavelmente nem escutou o que eu disse.

— Apenas aquela única casa — repetiu ela. — Empoleirada naquela pequena elevação do terreno na direção da extremidade sul da ilha e parecendo algo que você veria em um tour imobiliário em Mobile ou Charleston. Colunas e uma entrada de cascalho para carros. Você poderia ter sua imponente vista do golfo a oeste; sua imponente vista da costa da Flórida a leste. Não que tivesse muita coisa para ver; só Venice. O vilarejo de Venice. Aquela vilazinha tranquila. — Ela percebeu como estava soando e se recompôs. — Desculpe-me, Edgar. Por favor. Eu não faço isso todos os dias. Sério, interprete meu... meu entusiasmo... como um elogio.

— Pode deixar.

— Vinte anos atrás, eu teria tentado levar você para a cama em vez de beber até ficar idiota. Até dez anos atrás, talvez. A essa altura, só posso torcer para não tê-lo assustado de vez.

— Não chegou a tanto.

Ela riu, um grasnido ao mesmo tempo frio e alegre.

— Então, espero que volte logo. Eu faço um *gumbo* picante delicioso. Mas agora... — Ela colocou um braço ao meu redor e me conduziu até a porta. Seu corpo era magro, quente e duro como pedra sob as roupas. Sua passada estava ligeiramente cambaleante. — Agora, acho que está na hora de você ir embora e de eu fazer minha sesta. Sinto dizer que preciso dela.

Eu saí para o corredor e então me virei:

— Mary, você já ouviu Elizabeth falar da morte das suas irmãs gêmeas? Ela devia ter uns 4 ou 5 anos. É idade suficiente para se lembrar de algo tão traumático.

— Nunca — disse Mary. — Nenhuma vez.

Havia umas 12 cadeiras enfileiradas do lado de fora do saguão do prédio, no que era uma faixa fina, porém confortável, de sombra às duas e quinze da tarde. Meia dúzia de velhinhos estava sentada ali, observando o tráfego na Adalia Street. Jack estava junto com eles, embora não observasse o tráfego e tampouco admirasse as moças que passavam. Em vez disso lia *Ciência Mortuária para Leigos,* sentado com as costas apoidas no estuque cor-de-rosa. Ele marcou a página em que havia parado e se levantou logo que me viu.

— Ótima escolha para este estado — falei, apontando com a cabeça o livro, que trazia o típico *nerd* de olhos esbugalhados na capa.

— Tenho que escolher uma carreira alguma hora — disse ele —, e do jeito que o senhor está indo ultimamente, não me parece que esse emprego vá durar muito.

— Não me apresse — falei, tateando o bolso para me certificar de que estava com meu frasquinho de aspirina. Estava.

— Na verdade — disse Jack —, é exatamente isso que eu vou fazer.

— Você tem algum compromisso? — perguntei, mancando pela calçada de cimento ao seu lado e adentrando a luz do sol. Estava calor. Existe primavera na costa oeste da Flórida,

mas ela só dá uma paradinha para tomar café antes de seguir rumo ao norte para fazer o trabalho pesado.

— Não, mas o senhor tem uma consulta às quatro com o dr. Hadlock em Sarasota. Acho que conseguimos chegar bem na hora, se o trânsito ajudar.

Eu o detive, colocando a mão no seu ombro.

— O médico de Elizabeth? Do que você está falando?

— Para fazer um exame físico. Estão dizendo por aí que o senhor está empurrando com a barriga, chefe.

— Wireman aprontou essa — murmurei, passando a mão pelos cabelos. — Logo Wireman, que odeia médicos. Vou falar no ouvido dele até dizer chega. Você é minha testemunha, Jack, eu *vou*...

— Não, ele disse que o senhor falaria isso — disse Jack. Ele me cutucou para eu voltar a andar. — Vem logo, a gente vai pegar a hora do rush se ficar enrolando.

— Quem? Se Wireman não marcou a consulta, então quem marcou?

— Seu outro amigo. O negrão. Cara, eu gostei daquele sujeito, ele era sinistro.

Nós havíamos chegado ao Malibu e Jack abriu a porta do carona para mim, mas por um instante eu fiquei simplesmente parado ali, olhando para ele, atônito.

— Kamen?

— Isso aí. Ele e o dr. Hadlock trocaram uma ideia na recepção depois da sua palestra e o dr. Kamen acabou mencionando que estava preocupado porque o senhor ainda não havia feito o checkup que tinha prometido fazer. Então o dr. Hadlock se ofereceu para fazer um.

— Se ofereceu — falei.

Jack assentiu, sorrindo sob o sol forte da Flórida. Impossivelmente jovem, com um exemplar amarelo-canário de *Ciência Mortuária para Leigos* enfiado debaixo do braço.

— Hadlock disse ao dr. Kamen que eles não poderiam deixar nada acontecer a um talento recém-descoberto tão importante. E, só para constar, eu concordo com ele.

— Fico agradecido pra cacilda, Jack.

Ele riu.

— O senhor é uma figura.

— Posso supor que também sou sinistro?

— Claro, o senhor é o mais sinistro de todos. Entre e vamos voltar para o outro lado da ponte enquanto ainda podemos.

iii

No fim das contas, chegamos ao consultório do dr. Hadlock na Beneva Road às quatro em ponto. O Teorema de Espera em Consultórios de Freemantle afirma que você deve acrescentar trinta minutos ao horário da consulta para chegar no momento de ser chamado, porém, dessa vez, eu tive uma surpresa agradável. A recepcionista chamou meu nome somente dez minutos

depois da hora marcada e me conduziu a uma sala de exames muito animadora, na qual um pôster à minha esquerda mostrava um coração se afogando em gordura, enquanto outro à minha direita mostrava um pulmão que parecia carbonizado. A tabela de exame de vista à minha frente era um alívio, embora eu não me saisse muito bem depois da sexta linha.

Uma enfermeira entrou, colocou um termômetro debaixo da minha língua, tomou meu pulso, prendeu um aparelho de pressão em volta do meu braço, o inflou e analisou o visor. Quando lhe perguntei como eu estava, ela abriu um sorriso indefinível e disse “Na média”. Então, colheu sangue. Depois disso, me recolhi ao banheiro com um copo de plástico, enviando más vibrações para Kamen à medida que abria o zíper. Um homem de um braço só pode fornecer uma amostra de urina, mas a possibilidade de acidentes aumenta consideravelmente.

Quando voltei para a sala de exames, a enfermeira tinha ido embora. Deixara uma pasta com meu nome nela. Ao lado da pasta, havia uma caneta vermelha. Senti uma pontada no meu coto. Sem pensar no que estava fazendo, peguei a caneta e a coloquei no bolso da calça. Eu estava com uma Bic azul presa no bolso da camisa. Tirei-a dali e a coloquei no lugar da caneta vermelha.

E o que você vai dizer quando ela voltar? Perguntei a mim mesmo. Que a Fada das Canetas apareceu e decidiu fazer uma troca?

Antes que eu pudesse responder àquela pergunta — ou refletir por que tinha roubado a caneta vermelha, para início de conversa — Gene Hadlock entrou e estendeu a mão. A mão esquerda... que, no meu caso, era a correta. Descobri que gostava bem mais de Hadlock quando ele estava separado de Principe, o neurologista de cavanhaque. Tinha uns 60 anos e era mais para gorducho, com um bigode branco estilo escova de dentes e modos agradáveis à mesa de exames. Ele me fez ficar so cueca e examinou minha perna direita e o lado direito do meu corpo por algum tempo. Cutucou-me em vários lugares, perguntando qual era o nível de dor. Perguntou também qual analgésico eu estava tomando e pareceu surpreso quando eu respondi que estava apenas na aspirina.

— Vou examinar seu coto — disse ele. — Tudo bem?

— Sim. Só tenha cuidado.

— Terei o máximo possível.

Fiquei sentado com a mão esquerda parada sobre a coxa direita, olhando para a tabela de exame de vista enquanto ele agarrava meu ombro com uma das mãos e aninhava meu coto com a outra. A sétima linha da tabela parecia dizer AGODSED. Um deus disse[20] o quê?, me perguntei.

De algum lugar, vinda de muito longe, senti uma leve pressão.

— Dói?

— Não.

— O.k. Não, não olhe para baixo, continue olhando direto para a frente. Está sentindo minha mão?

— Anrã. Muito de leve. Uma pressão. — Mas nenhuma pontada. Por que seria? O braço que não estava mais lá tinha pedido pela caneta, ela estava no meu bolso, então ele voltara a dormir.

— E agora, Edgar? Posso chamá-lo de Edgar?

— Como quiser. A mesma coisa. Uma pressão. De leve.

— Agora você pode olhar.

Eu olhei. Uma das mãos ainda estava sobre o meu ombro, mas a outra estava do lado do seu corpo. Bem longe do coto.

— Oops.

— Tudo bem, é normal ter sensações fantasmas no coto de um membro. Só estou surpreso com o grau de recuperação. E com a ausência de dor. No começo, eu apertei com bastante força. Não vejo problema algum. — Ele aninhou o coto novamente na palma da mão e o empurrou para cima. — Isso dói?

Doeu: uma faísca tênue e débil, um tanto quente.

— Um pouco — respondi.

— Se não doesse, eu ficaria preocupado. — Ele soltou. — Olhe para a tabela novamente, sim?

Fiz o que ele pediu e decidi que aquela importantíssima sétima linha dizia AGOSCEO. O que fazia mais sentido por não fazer sentido nenhum.

— Com quantos dedos eu estou tocando você, Edgar?

— Não sei. — Nem sentia que ele estava me tocando.

— Agora?

— Não sei.

— E agora?

— Três. — Ele estava quase na minha clavícula. E um pensamento maluco, porém muito intenso, me veio à cabeça: eu teria conseguido sentir seus dedos em qualquer parte do meu coto se estivesse pintando em um dos meus transes. Na verdade, teria conseguido sentir seus dedos no ar sob o coto. E acho que *ele* teria conseguido *me* sentir... o que sem dúvida teria feito o bom doutor sair correndo do recinto.

Ele prosseguiu — primeiro na minha perna, depois na minha cabeça. Auscultou meu coração, olhou dentro dos meus olhos e fez um monte de outras coisas de médico. Quando esgotou a maioria das possibilidades, pediu que eu me vestisse e o encontrasse no fim do corredor.

Sua sala acabou se mostrando um lugarzinho agradavelmente desarrumado. Sentando atrás de sua mesa, Hadlock se apoiou no encosto da cadeira. Havia fotografias em uma parede. Imaginei que algumas fossem da família do médico, mas havia também fotos dele apertando a mão de George Bush Primeiro e de Maury Povich (ambos no mesmo patamar intelectual, a meu ver) e uma dele com uma Elizabeth Eastlake de um vigor e uma beleza impressionantes. Seguravam raquetes de tênis e eu reconheci a quadra. Era a do *Palacio*.

— Imagino que você queira voltar para Duma e sair de cima desse quadril, não é? — perguntou Hadlock. — Deve doer nesta época do ano e aposto que a dor é pior que as três bruxas de *Macbeth* juntas quando o tempo está úmido. Se quiser uma receita de Percocet ou Vicodin...

— Não, estou bem com a aspirina — falei. Eu tinha ralado para abandonar os medicamentos pesados e não voltaria a tomá-los àquela altura, com ou sem dor.

— Sua recuperação é extraordinária — disse Hadlock. — Acho que nem preciso lhe dizer como você tem sorte de não estar em uma cadeira de rodas para o resto da vida, muito provavelmente soprando em um canudinho para se movimentar.

— Tenho sorte de simplesmente estar vivo — falei. — Então, posso supor que você não encontrou nada de terrível?

— Apesar de não ter visto os exames de sangue e urina, eu diria que você está muito bem. Estou mais que disposto a pedir radiografias dos ferimentos no lado direito da sua cabeça, se tiver algum sintoma que o preocupe, mas...

— Não tenho nenhum. — Eu tinha sintomas, e eles me preocupavam, mas não achava que radiografias pudessem apontar a causa. Ou causas.

Ele assentiu.

— O que me fez examinar seu coto com tanta atenção foi o fato de você não usar prótese. Achei que poderia estar com algum desconforto. Ou que houvesse sinais de infecção. Mas parece estar tudo bem.

— Acho que ainda não estou pronto.

— Não tem o menor problema. Levando-se em conta o trabalho que você está fazendo, eu diria que, nesse caso, a regra “não se mexe em time que está ganhando” se aplica. Mal posso esperar para ver seus quadros expostos na Scoto. Vou levar minha mulher. Ela está empolgadíssima.

— Que ótimo — falei. — Obrigado. — Aquilo soou chocho, pelo menos aos meus ouvidos, mas eu ainda não tinha descoberto como responder àquele tipo de elogio.

— O fato de você ter que pagar pela sua estadia em Salmon Point é lastimável e irônico — disse Hadlock. — Você deve saber que, durante anos, Elizabeth fez daquela casa um retiro para artistas. Então, quando ficou doente, permitiu que ela entrasse no rol das demais propriedades para locação, embora *tenha* insistido que o contrato de aluguel fosse de no mínimo três meses. Não queria nenhum turista dando festas ali durante o recesso universitário de primavera. Não onde Salvador Dalí e James Bama haviam deitado suas célebres cabeças.

— Dá para entender. É um lugar especial.

— É, mas poucos dos artistas famosos que ficaram ali fizeram algo de especial. Então, o segundo locatário “comum” aparece, um empreiteiro de Minneapolis se recuperando de um acidente, e... bem, Elizabeth deve estar se sentindo muito grata.

— No ramo de construção, a gente chama isso de exagerar na argamassa, dr. Hadlock.

— Gene — disse ele. — E quem foi à sua palestra não achou exagero. Você foi maravilhoso. Queria apenas que Elizabeth pudesse ter ido. Ela teria ficado tão *orgulhosa.*

— Talvez ela vá à inauguração.

Gene Hadlock balançou a cabeça muito devagar.

— Duvido. Ela lutou contra o Alzheimer com unhas e dentes, mas uma hora a doença simplesmente ganha. Não porque o paciente é fraco, mas porque é um mal físico, como esclerose múltipla. Ou câncer. Uma vez que os sintomas começam a se manifestar, geralmente na forma de perda de memória a curto prazo, um relógio começa a correr. Talvez o tempo de Elizabeth tenha acabado, e eu sinto muito por isso. Está claro para mim, e acho que ficou claro para todos na palestra, que você não fica à vontade com todo esse estardalhaço...

— Pode apostar que não.

— ...mas se ela tivesse estado lá, teria gostado *por* você. Eu a conheci por boa parte da minha vida e posso lhe dizer que ela teria supervisionado tudo, incluindo a disposição de cada quadro na galeria.

— Gostaria de tê-la conhecido nessa época — falei.

— Ela era maravilhosa. Quando tinha 45 anos de idade e eu 20 nós ganhamos o título de duplas mistas no torneio de tênis amador no Colony, em Longboat Key. Eu tinha vindo para casa de férias da faculdade. Ainda tenho a taça guardada. Imagino que ela ainda tenha a dela em algum lugar, também.

Aquilo me fez pensar em uma coisa — *Você vai encontrá-la, tenho certeza* —, porém, antes que eu pudesse seguir aquela memória até sua fonte, outra coisa me veio à cabeça. Algo muito mais recente.

— Dr. Hadlock, Gene, a própria Elizabeth já pintou algum dia? Ou desenhou?

— Elizabeth? Nunca. — Então, ele sorriu.

— Você tem certeza.

— Pode apostar. Eu perguntei a ela uma vez e me lembro muito bem da ocasião. Foi quando Norman Rockwell estava na cidade para dar uma palestra. Ele não ficou onde você está; se hospedou no Ritz. Norman Rockwell, com cachimbo e tudo! — Gene Hadlock balançou a cabeça, abrindo um sorriso mais largo. — Deus meu, que controvérsia *aquilo* gerou, que *alvoroço* quando o Conselho de Arte anunciou que o sr. *Saturday Evening Post* estava vindo. A ideia foi de Elizabeth e ela adorou o rebuliço que causou, disse que eles poderiam ter enchido o estádio Ben Hill Griffin... — Ele notou o vazio no meu olhar. — Na Universidade da Flórida. "O pântano de onde somente os Crocodilos saem vivos"?[21]

— Se você está falando de futebol americano, meu interesse começa com os Vikings e

termina com os Packers.

— A questão é: eu lhe perguntei sobre suas próprias habilidades artísticas durante o escândalo Rockwell, que teve mesmo os ingressos para sua palestra esgotados; e não no Auditório Geldbart, mas no City Center. Elizabeth riu e disse que mal sabia desenhar bonecos de pauzinhos. Na verdade, usou uma metáfora esportiva e, provavelmente, foi isso que me fez pensar nos Gators. Ela falou que era como um daqueles ricos ex-alunos de universidade, só que se interessava por arte em vez de futebol E então disse: “Se você não pode ser um atleta, seja um suporte atlético. E se não pode ser um artista, alimente-os, cuide deles, certifique-se de que tenham um lugar para se abrigar da chuva.” Mas talento artístico? Ela não tinha nenhum.

Pensei em lhe contar sobre Aggie Winterborn, a amiga de Mary Ire. Então toquei a caneta vermelha no meu bolso e decidi não fazê-lo. O que queria fazer, decidi, era voltar para Duma Key e pintar. *Garota e Navio No. 8* era o quadro mais ambicioso da série, e também o maior e mais complexo, e estava quase pronto.

Levantei-me e estendi a mão.

— Obrigado por tudo.

— Não tem de quê. E se você mudar de ideia e quiser algo um pouco mais forte para a dor...

iv

A ponte levadiça para Duma Key estava erguida para que o brinquedo de algum ricaço pudesse atravessar o canal para o lado do golfo. Jack estava atrás do volante do Malibu, admirando a garota de biquíni verde que tomava sol na proa. The Bone estava sintonizada no rádio. Um anúncio de uma concessionária de motocicletas terminou (a especialidade daquela emissora era venda de motos e agências de hipoteca) e The Who começou a tocar: “Magic Bus”. Meu coto começou a formigar e, depois a coçar. E a coceira se espalhou lentamente para baixo, vagarosa, porém intensa. Muito intensa. Aumentei o volume um traço, enfiando em seguida a mão no bolso para pegar a caneta roubada. Ela não era azul; não era preta; era *vermelha.* Eu a admirei por um instante sob o sol de fim de tarde. Então, abri o porta-luvas com o polegar e teteei seu interior.

— Posso ajudá-lo a encontrar alguma coisa, chefe?

— Não. Continue de olho no mel alheio. Está tudo bem.

Tirei lá de dentro um cupom que me dava direito a um Hambúrguer NASCAR no Checkers — *Você Precisa Comer!,* proclamava ele. Eu o virei do avesso. O lado de trás estava em branco. Desenhei depressa e sem pensar. Terminei antes do fim da canção. Debaixo da minha pequena ilustração, escrevi cinco letras. O desenho se parecia com os rabiscos que eu costumava fazer na minha outra vida enquanto pechinchava (geralmente com algum mão de vaca) ao telefone. As letras formavam *PERSE,* o nome do meu navio misterioso. Só que eu achava que não era assim que se pronunciava. Eu poderia ter acrescentado um acento em cima

do *E,* mas isso daria à palavra uma sonoridade parecida com *Persay*, o que também não me parecia o correto.

— O que é isso? — perguntou Jack, olhando para o desenho e, então, respondendo à própria pergunta: — Uma cestinha de piquenique vermelha. Que gracinha. Mas o que é Purse?

— Pronuncia-se *persie.*

— Se você diz, eu acredito. — A barreira do nosso lado da ponte levadiça subiu e Jack adentrou Duma Key.

Olhei para a cestinha de piquenique vermelha que eu desenhara e me perguntei por que ela me parecia tão familiar. Então, percebi que não era o caso, não exatamente. Era a *expressão* que me era familiar. *Procure pela cesta de piquenique de Nan Melda,* dissera Elizabeth na noite em que eu trouxe Wireman de volta do Sarasota Memorial. Percebi naquele instante que, na noite anterior, eu a havia visto *compos mentis*. *Ela está no sótão. É vermelha.* E: *Você vai encontrá-la, tenho certeza.* E: *Eles estão lá dentro.* No entanto, quando lhe perguntei sobre o que estava falando, ela não conseguia me dizer. Tinha derivado.

Está no sótão. É vermelha.

— Claro que é — falei. — Tudo é.

— O quê, Edgar?

— Nada — respondi, olhando para a caneta roubada. —- Só estou pensando alto.

v

Garota e Navio No. 8 — o último quadro da série, tinha quase certeza — *estava* pronto, mas, ainda assim, eu fiquei analisando-o sob a luz cada vez mais alongada, sem camisa e com “Copperhead Road” estourando na rádio. Havia trabalhado naquela tela por mais tempo de que em qualquer uma das outras — e percebera que, em vários aspectos, ela resumia as demais — e o resultado era perturbador. Era por isso que eu a cobria com um lençol no fim das minhas sessões. Ali, encarando-a com o que esperava ser um olhar isento, notei que perturbador era provavelmente a palavra errada; aquela belezinha era aterrorizante. Olhar para aquela pintura era como olhar para uma mente virada do avesso.

E ela talvez nunca ficasse totalmente *pronta.* Sem dúvida ainda havia espaço para uma cesta de piquenique vermelha. Eu poderia pendurá-la no gurupés do *Perse.* Que diabo, por que não? Aquele raio de quadro já estava entulhado de imagens e detalhes de qualquer jeito. Sempre cabe mais um.

Eu estava apanhando um pincel cheio do que poderia passar por sangue para fazer exatamente isso quando o telefone tocou. Quase deixei para lá — certamente não teria feito isso se estivesse em um dos meus transes, mas não estava. A cesta de piquenique era para ser apenas um toque a mais, e eu já havia acrescentado outros antes. Coloquei o pincel de volta no lugar e atendi ao telefone. Era Wireman, e ele parecia entusiasmado.

— Ela teve um momento de lucidez hoje à tarde, Edgar! Pode não significar nada, estou tentando evitar grandes esperanças, mas já vi isso acontecer antes. Primeiro, um instante de lucidez, depois outro, depois outro e então eles começam a se juntar e a srta. Eastlake volta a ser ela mesma pelo menos por algum tempo.

— Ela sabe quem é? Onde está?

— Agora não, mas cerca de meia hora atrás, começando por volta das cinco e meia, ela sabia isso tudo e também quem eu era. Escute só, *muchacho*: ela acendeu uma droga de cigarro sozinha!

— Não posso deixar de avisar o ministro da Saúde — falei, mas estava pensando. Cinco e meia. Mais ou menos na hora em que Jack e eu estávamos esperando que a ponte levadiça baixasse. Mais ou na hora em que senti a necessidade de desenhar.

— Ela quis algo mais além de um cigarro?

— Pediu comida. Mas, antes disso, pediu que eu a levasse até a Vila de Porcelana. Ela queria seus bibelôs, Edgar! Você sabe quanto tempo faz que ela não pedia isso?

Na verdade, eu sabia. E era bom ouvi-lo se entusiasmar por causa dela.

— Só que ela começou a apagar assim que chegamos lá. Olhou volta em volta e me perguntou onde estava Percy. Disse que queria Percy, que ele precisava ir para a lata de biscoitos.

Olhei para minha pintura. Para meu navio. Àquela altura, ele era meu, sem dúvida. O meu *Perse*. Passei a língua pelos lábios que, de repente, me pareciam ásperos. Do jeito que sempre ficavam no início quando acordava, depois do acidente. Quando às vezes eu não conseguia me lembrar de quem era. Sabe o que é esquisito? Esse lembrar-esquecer. É como olhar em um salão de espelhos.

— Qual deles é Percy?

— E eu sei lá? Quando ela quer que eu jogue a lata de biscoitos no lago de peixes dourados, sempre insiste que eu coloque um bibelô do sexo feminino nela. Geralmente a pastora com o rosto talhado.

— Ela falou mais alguma coisa?

— Queria comida, como eu disse. Sopa de tomate. E pêssegos. A essa altura, já havia parado de olhar para as porcelanas e estava ficando confusa de novo.

Teria ela ficado confusa porque Percy não estava lá? Ou o *Perse?* Talvez... mas se Elizabeth chegou a ter um barco de porcelana, eu nunca o havia visto. Pensei — não pela primeira vez — que *Perse* era uma palavra curiosa. Não dava para confiar nela. Ela mudava o tempo todo.

Wireman falou:

— Chegou uma hora que ela me disse que a mesa estava pingando.

— E estava?

Fez-se uma breve pausa. Então, ele disse, sem muito bom humor:

— Estamos tirando uma pequena onda da cara de Wireman, *mi amigo*?

— Não, estou curioso. O que ela falou? Exatamente?

— Só isso. “A mesa está pingando.” Mas a mesa em que os bibelôs dela estão não tem piscina, como você está careca de saber.

— Calma. Não perca sua boa índole.

— Estou tentando, mas me parece que você não está sabendo conversar direito hoje, Edster.

— Não me chame de Edster, parece nome de carro antigo. Você trouxe a sopa e ela estava... o quê? Nas nuvens de novo?

— Basicamente, sim. Tinha jogado dois bibelôs no chão e eles quebraram; um cavalo e uma vaqueira. — Ele suspirou.

— Ela falou “Está pingando” antes ou depois de você trazer a comida?

— Depois, antes, qual a diferença?

— Não sei — respondi. — Quando foi?

— Antes. Acho. Sim, foi antes. Depois, ela perdeu o interesse por tudo, inclusive atirar a lata de biscoitos no lago pela enésima vez. Eu lhe trouxe sopa na sua caneca favorita, mas ela a afastou com tanta força que derramou um pouco no seu pobre e velho braço. Nem pareceu sentir. Edgar, por que você está fazendo essas perguntas? Está sabendo de alguma coisa? — Ele estava andando com o celular na orelha. Conseguia vê-lo fazendo aquilo.

— Não sei de nada. Pelo amor de Deus, estou só tateando no escuro.

— Ah, é? E com qual braço?

Aquilo me calou por um instante, mas nós tínhamos chegado longe demais e dividido coisas demais para mentir, mesmo quando a verdade era loucura.

— Com o direito.

— Certo — falou ele. — Está certo, Edgar. Eu queria saber o que estava acontecendo, só isso. Porque tem *alguma coisa* acontecendo.

— *Talvez* tenha. Como ela está agora?

— Dormindo. E eu estou te interrompendo. Você está trabalhando.

— Não — falei, atirando o pincel de lado. — Acho que já acabei esse, e acho que eu também acabei por enquanto. Até a exposição, vou só andar e apanhar conchas na praia.

— São aspirações nobres, mas não acho que vá conseguir. Não um *workaholic* como você.

— Acho que você está enganado.

— O.k., estou enganado. Não vai ser a primeira vez. Você vem nos visitar amanhã? Quero que você veja se ela voltar à vida novamente.

— Conte comigo. E talvez a gente possa dar umas raquetadas.

— Por mim, tudo bem.

— Outra coisa, Wireman. A Elizabeth já pintou algum dia?

Ele riu.

— Quem sabe? Eu lhe perguntei uma vez e ela disse que mal seguia desenhar bonecos de pauzinhos. Falou que seu interesse artes não era diferente do interesse de algum rico ex-aluno de universidade em futebol americano e basquete. Ela chegou a brincar, dizendo que...

— Se você não pode ser atleta, seja um suporte atlético.

— Exatamente. Como você sabia?

— Essa piada é velha — falei. — Até amanhã.

Eu desliguei o telefone e fiquei onde estava, observando a luz alongada do fim de tarde incendiar um pôr do sol que eu não sentia vontade de pintar. Aquelas eram as mesmas palavras que ela havia usado com Gene Hadlock. E eu não tinha dúvidas de que, se perguntasse a outras pessoas, ouviria a mesma piada uma, duas ou 12 vezes: *Ela disse que mal conseguia desenhar bonecos de pauzinhos, ela disse que se você não pode ser atleta, seja um suporte atlético.* E por quê? Porque às vezes uma mulher honesta pode se atrapalhar com a verdade, mas um bom mentiroso nunca varia sua história.

Eu não perguntara a Wireman sobre a cesta de piquenique vermelha, mas disse a mim mesmo que não havia problema; se ela estivesse no sótão do *Palacio,* ainda estaria lá no dia seguinte. Disse a mim mesmo que havia tempo. Obviamente, é isso que sempre dizemos a nós mesmos, certo? Não conseguimos imaginar o tempo se esgotando, e Deus nos pune pelo que não conseguimos imaginar.

Olhei para *Garota e Navio No. 8* com algo próximo de repugnância e joguei o lençol por cima da tela. Jamais acrescentei a cesta de piquenique vermelha ao gurupés; jamais coloquei um pincel sobre aque quadro em especial novamente — o último descendente louco do meu primeiro desenho no Casarão Rosa, o que chamaria de *Olá No. 8,* talvez tenha sido a melhor coisa que já fiz, porém, estranhamente, eu quase me esqueci dele. Até a exposição, pelo menos. Depois disso, eu jamais pude esquecê-lo.

vi

A cesta de piquenique.

A maldita cesta de piquenique cheia dos desenhos dela.

Como isso me assombra.

Mesmo agora, quatro anos depois, eu me vejo entregue àquele velho jogo de "o que teria acontecido se...", me perguntando o quanto seria diferente se eu tivesse largado tudo de lado

para procurá-la. Ela *foi* encontrada — por Jack Canton —, mas, quando isso aconteceu, já era tarde demais.

E talvez — não posso dizer ao certo — nada teria sido diferente, pois alguma força estava em ação, tanto em Duma Key quanto dentro de Edgar Freemantle. Posso dizer que essa força me levou até ali? Não. Posso dizer que não? Não, também não posso dizer isso. Porém, quando março deu lugar a abril, ela havia começado a ganhar intensidade e, mais sorrateiramente do que nunca, estender seu alcance.

Aquela cesta.

A maldita cesta de piquenique de Elizabeth.

Ela era *vermelha.*

vii

A esperança de Wireman de que Elizabeth estivesse voltando a si começou a parecer infundada. Ela continuava sendo um monte de carne balbuciante em sua cadeira de rodas, vez por outra se animando o suficiente para pedir um cigarro na voz estridente de um papagaio envelhecido. Ele roubara Annmarie Whistler da clínica Bay Area Private Nursing para vir ajudá-lo quatro vezes por semana. A ajuda extra talvez tenha aliviado a carga de trabalho de Wireman, mas não lhe serviu de muito consolo; seu coração estava partido.

Porém. Isso foi algo que eu apenas vislumbrei com o rabo do olho à medida que o mês de abril começava, ensolarado e quente. Pois, por falar em quente... lá estava eu.

Assim que a entrevista de Mary Ire foi publicada, eu me tornei uma celebridade local. E por que não? Um Artista já era bom, especialmente na região de Sarasota. Um Artista que Costumava Construir Bancos e Então Deu as Costas para o Dinheiro era melhor ainda. Um Artista de Um Braço Só de Talento Extraordinário, porra, isso era Ouro Puro. Dario e Jimmy marcaram uma série de entrevistas em seguida, inclusive a com o Canal 6. Eu saí do estúdio deles em Sarasota com uma dor de cabeça de rachar e um adesivo de para-choque do canal de brinde, que acabei colando em um dos cavaletes que diziam **CÃES FEROZES**. Não me pergunte por quê.

Também fiquei responsável pelos preparativos de viagem e acomodação dos meus convidados da Flórida. Aquela altura, Wireman estava muito ocupado tentando fazer Elizabeth ingerir algo além de fumaça de cigarro. Eu me vi entrando em contato com Pam a cada dois ou três dias para me informar sobre a lista de convidados de Minnesota e os preparativos de viagem de outras partes do país. Ilse me telefonou duas vezes. Achei que ela estava se esforçando para soar animada, mas posso ter me enganado. Minhas tentativas de descobrir como andava sua vida amorosa eram rechaçadas de forma gentil, porém firme. Melinda me ligou — para perguntar que tamanho de chapéu eu usava, por incrível que pareça. Quando perguntei o motivo, ela não quis dizer. Quinze minutos depois de ela desligar, eu entendi: ela e seu *ami* francês iam mesmo comprar uma porra de uma *boina* para mim. Caí na gargalhada.

Um repórter da AP de Tampa veio até Sarasota — ele queria vir a Duma, mas eu não

gostava da ideia de um repórter zanzando pelo Casarão Rosa, escutando as conchas que eu tinha passado a considerar minhas. Em vez disso, ele me entrevistou na Scoto, enquanto um fotógrafo tirava fotos de três quadros escolhidos a dedo: *Rosas Crescendo das Conchas, Pôr do Sol com Feijão-da-Praia* e *Duma Road.* Eu usava uma camisa do restaurante Fish House, de Casey Key, e uma foto minha — com um boné de beisebol para trás e uma manga curta vazia com exceção de um pedaço do coto — correu o país inteiro. Depois disso, meu telefone não parava de tocar. Angel Slobotnik me ligou e ficou vinte minutos falando. Em um determinado momento, disse que sempre soube que eu tinha talento. “Como assim?”, perguntei. Ao que ele respondeu: “Tô de sacanagem, chefe”, e nós rimos como loucos. Kathi Green ligou: ouvi tudo sobre seu novo namorado (que era mais ou menos) e seu novo programa de autoajuda (que era maravilhoso). Contei-lhe sobre como Kamen tinha aparecido na palestra e salvado minha pele. Ao final do telefonema, ela estava chorando e dizendo que nunca havia tido um paciente tão corajoso e surpreendente. Então, falou que quando me visse iria me mandar deitar no chão e pagar cinquenta abdominais. Aquilo me pareceu a Kathi dos velhos tempos. Para completar, Todd Jamieson, o médico que provavelmente tinha me salvado de passar uma ou duas décadas como um nabo humano, me enviou uma garrafa de champanhe com um cartão que dizia: *Mal posso esperar para ver o seu trabalho.*

Se Wireman tivesse apostado que eu iria me entediar e pegar um pincel novamente antes da exposição, teria perdido. Quando eu não estava me preparando para o meu grande momento, estava caminhando, lendo ou dormindo. Mencionei isso para ele em uma das raras tardes que passamos juntos na beirada da passarela do *Palacio,* bebendo chá-verde debaixo do guarda-sol listrado. Isso foi menos de uma semana antes da exposição.

— Fico feliz — disse ele. — Você precisava descansar.

— E você, Wireman? Como está?

— Não estou ótimo, mas vou sobreviver.[22] Gloria Gaynor, 1978. É mais tristeza. — Ele suspirou. — Eu vou perdê-la. Não é como Julia e Esmeralda, graças a Deus, mas ainda é

difícil para mim.

— Sinto muito. — Coloquei minha mão sobre a dele. — Por ela *e* por você.

— Obrigado. — Ele olhou para as ondas. — Às vezes acho que ela não vai morrer.

— Não?

— Não. Em vez disso, fico achando que a Morsa e o Carpinteiro virão buscá-la. Que a levarão embora como fizeram com aquelas Ostras cheias de confiança. Que a levarão embora pela praia afora. Você se lembra do que a Morsa diz?

Eu balancei a cabeça.

— "É uma vergonha enganá-las no fim/ Depois de trazê-las de longe/ E fazê-las correr tanto assim." — Ele passou um braço pelo rosto. — Olhe só para mim, *muchacho,* chorando igual à Morsa. Sou um idiota, não é mesmo?

— Não — falei.

— Odeio encarar a ideia de que dessa vez ela partiu para sempre, de que a melhor parte dela foi embora pela praia afora com a Morsa e o Carpinteiro e não sobrou nada além de um pedaço gordo e velho de sebo que ainda não se esqueceu exatamente de como respirar.

Fiquei calado. Ele secou os olhos novamente com o antebraço e respirou fundo, puxando o ar longa e lacrimosamente. Então falou:

— Eu pesquisei sobre a história de John Eastlake, sobre como sua filhas se afogaram e sobre o que aconteceu depois... você se lembra que me pediu para fazer isso?

Eu tinha pedido, mas era como se tivesse sido há muito tempo e fosse desimportante. Agora, penso que algo *queria* que aquilo me parecesse assim.

— Naveguei pela internet e acabei encontrando muita coisa nos jornais locais e algumas memórias disponíveis para baixar. Uma delas, e não estou de sacanagem, *muchacho,* se chama *Viagens de Barco e Cera de Abelha, A Infância de uma Menina em Nokomis,* de Stephanie Weider Gravel-Miller.

— Me parece uma viagem e tanto pela estrada da memória.

— E é. Ela fala sobre "os negrinhos felizes, colhendo laranjas e entoando canções simples de louvor com suas vozes doces".

— Acho que isso foi antes de Jay-Z.

— Pode crer. Melhor ainda, eu falei com Chris Shannington, lá em Casey Key, sem dúvida você já o viu pela ilha. Um velhinho animado que anda por toda parte com sua bengala retorcida de urze-branca, quase do tamanho dele, e um chapelão de palha na cabeça. Seu pai, Ellis Shannington, era o jardineiro de John Eastlake. Segundo Chris, foi Ellis quem levou Maria e Hannah, as duas irmãs mais velhas de Elizabeth, de volta para a Escola Braden dez dias depois do afogamento. Ele disse: "Aquelas crianças tavam de coração partido por causa nenenzinhas."

A imitação de Wireman do sotaque sulista do velho era assustadoramente boa e eu me peguei pensando de novo, por algum motivo, na Morsa e no Carpinteiro subindo a praia com as pequenas Ostras. A única parte do poema de que eu conseguia me lembrar com clareza era quando o Carpinteiro lhes dizia que a corrida tinha sido agradável, mas que obviamente as Ostras não puderam responder, pois tinham sido comidas — uma a uma.

— Quer ouvir isso agora? — perguntou Wireman.

— Você tem tempo para me contar?

— Claro. Annmarie está de plantão até as sete, embora, na verdade a gente acabe dividindo o serviço quase todo dia. Por que a gente não vai andando para casa? Eu tenho um arquivo. Não é muita coisa, mas tem pelo menos uma foto que vale a pena olhar. Chris Shannington a havia guardado em uma caixa com as coisas do pai. Fomos até a Biblioteca

Pública de Casey Key e eu tirei uma cópia dela. — Ele fez uma pausa. — É uma foto do Heron’s Roost.

— Como era na época, você quer dizer?

Tínhamos começado a voltar pela passarela, mas então Wireman parou.

— Não, *amigo,* você não entendeu. Estou falando sobre o Heron’s Roost original. *El Palacio* é o *segundo* Roost, construído quase 25 anos depois de as garotinhas se afogarem. Àquela altura, os 10 ou 20 milhões de John Eastlake tinham virado mais ou menos 150 milhões. A Guerra é um Bom Negócio, Invista seu Filho.

— Movimento contra a Guerra do Vietnã, 1969 — falei. — Geralmente seguido de Uma Mulher Precisa de um Homem como Um Peixe Precisa de uma Bicicleta.

— Muito bem, *amigo* — disse Wireman. Ele gesticulou com uma das mãos para a vegetação revolta logo ao sul de onde estávamos. — O primeiro Heron’s Roost ficava lá, quando o mundo era jovem e as melindrosas diziam *poop-oopie-doop.*

Eu pensei em Mary Ire, não apenas alta ou de pilequinho, mas totalmente bêbada, dizendo: *Apenas aquela única casa. Empoleirada lá em cima e parecendo algo que você veria em um tour imobiliário em Mobile ou Charleston.*

— O que aconteceu com a casa? — perguntei.

— Até onde sei, somente o tempo e a decadência — disse ele. —Quando John Eastlake desistiu de recuperar os corpos das gêmeas, ele desistiu de Duma Key também. Acertou as contas com a maior parte das pessoas que ajudaram nas busca, fez as malas, pegou as três filhas que lhe restavam, entrou no seu Rolls-Royce, ele tinha mesmo um, e foi embora. Um romance que F. Scott Fitzgerald nunca escreveu, foi o que disse Chris Shannington. Ele falou que Eastlake não teve paz até Elizabeth trazê-lo de volta para cá.

— Você acha que isso é algo que Shannington sabe mesmo ou é só uma história que ele se acostumou a contar?

— *Quién sabe?* — disse Wireman. Ele parou novamente e gesticulou em direção à região sul de Duma Key. — Não havia esse excesso de vegetação naquela época. Dava para ver a casa original do continente e vice-versa. Até onde sei, *amigo,* a casa ainda está lá. Ou aquilo que sobrou dela. Apodrecendo no mesmo lugar. — Ele chegou à porta da cozinha e olhou para mim sem sorrir: — *Isso sim* seria algo digno de se pintar, não? Um navio-fantasma em terra firme.

— Talvez — falei. — Talvez sim.

Ele me levou até a biblioteca com a armadura no canto e as armas dignas de um museu na parede. Lá, na mesa ao lado do telefone, havia uma pasta marcada JOHN EASTLAKE/HERON'S ROOST I. Ele a abriu e tirou uma fotografia mostrando uma casa que guardava semelhança inconfundível com aquela em que estávamos — uma semelhança, digamos, de primos em primeiro grau. Porém, havia uma diferença básica entre as duas, e as semelhanças — as duas construções tinham basicamente o mesmo perímetro, pensei, e o mesmo telhado laranja-vivo — serviam apenas para acentuá-la.

O *Palacio* atual se escondia do mundo por trás de um muro alto interrompido apenas por um único portão — não havia nem mesmo uma entrada de serviço. Ele tinha um belo pátio interno que poucas pessoas além de Wireman, Annmarie, a menina que limpava a piscina o jardineiro que vinha duas vezes por semana já haviam visto; era como o corpo de uma bela mulher escondido sob uma peça de roupa sem forma.

O primeiro Heron's Roost era bem diferente. Como a mansão de Elizabeth na Cidade de Porcelana, ele tinha meia dúzia de pilares e uma varanda ampla e convidativa. Havia também uma extensa entrada para carros que o contornava audaciosamente, dividindo o que pareciam ser dois acres de gramado. E não era de cascalho, conforme Mary Ire me dissera, e sim de conchas cor-de-rosa trituradas. O original convidava o mundo a entrar. Seu sucessor — *El Palacio* — mandava o mundo ficar do lado de fora. Ilse percebera isso de imediato, e eu também, contudo, naquele dia, nossa perspectiva era a da estrada. Desde então, a minha havia mudado — e por um bom motivo: eu me acostumara a vê-lo da praia. A me aproximar dele por seu lado desprotegido.

O primeiro Heron's Roost também era mais alto, três andares na frente e quatro nos fundos, de modo que — se ele ficasse mesmo em uma elevação do terreno, como Mary havia dito — quem estivesse no último andar teria uma espetacular vista de 360 graus do golfo, do

continente, de Casey Key e da ilha Don Pedro. Nada mal. No entanto, o gramado parecia estar em péssimo estado — descuidado — e havia buracos na fileira de palmeiras ornamentais que oscilavam como dançarinas de hula-hula nos dois lados da casa. Olhei mais de perto e vi que algumas das janelas superiores tinham sido fechadas com tábuas. O telhado também parecia estranhamente assimétrico. Levei um segundo para entender por quê. Havia uma chaminé do lado direito. Deveria haver outra no direito, mas não havia.

— Essa foto foi tirada depois que eles foram embora? — perguntei.

Ele balançou a cabeça.

— De acordo com Shannington, ela foi tirada em março de 1927, antes de as meninas se afogarem, quando todos ainda estavam felizes e bem. O que você está vendo não é dilapidação, é estrago de tempestade. Culpa de um Alice.

— E o que é isso?

— A temporada dos furacões começa oficialmente em 15 de junho aqui e dura uns cinco meses. Tempestades fora de época com chuvas torrenciais e ventos fortes... na língua do pessoal da velha-guarda, são todas chamadas de Alice. Como o furacão Alice. É uma espécie de piada.

— Você está inventando.

— Não. Esther, a tempestade pesada de 26, passou batida por Duma, mas o Alice em março de 27 a atingiu em cheio. Então se alastrou para o interior da ilha e morreu nos Glades. Ele fez o estrago que você está vendo na foto; nada de mais, na verdade: derrubou umas palmeiras, quebrou alguns vidros, danificou o gramado. Mas em outro aspecto, seus efeitos ainda podem ser sentidos. Porque é quase certo que aquele Alice tenha levado à morte por afogamento de Tessie e Laura, que levou a todo o resto. Incluindo eu e você sentados aqui agora.

— Explique.

— Você se lembra disto?

Ele tirou outra foto da pasta e eu sem dúvida me lembrava dela. Uma versão ampliada ficava no patamar do segundo piso da escadaria principal. Aquela era uma cópia menor, mais nítida. Era a família Eastlake, com John Eastlake usando uma camisa regata preta e parecendo um ator hollywoodiano de classe B especializado em filmes de detetive e épicos na selva. Ele segurava Elizabeth. Uma das mãos aninhava sua bunda pequena. A outra segurava o lança-arpão e uma máscara de mergulho com um snorkel acoplado.

— A julgar apenas por Elizabeth, posso arriscar que ela tenha sido tirada por volta de 1925 — disse Wireman. — Ela parece ter de 2 para 3 anos. E Adriana — ele cutucou a mais velha — parece ter 17 com uma carinha de 34, você não acha?

Era mesmo. Dezessete anos e bem madura, mesmo com aquele maio que cobria quase tudo.

— E ela também já trazia no rosto aquela expressão ressentida e emburrada, do tipo "eu queria estar em algum outro lugar" — disse Wireman. — Eu me pergunto se o pai ficou tão surpreso assim quando ela decidiu fugir com um dos seus chefes de fábrica. E me pergunto se ele não ficou, no fundo do coração, feliz ao vê-la ir embora. — Ele fez seu sotaque à la Chris Shannington. — Fugiu de mala e cuia para Atlanta com um rapaz. — Então, parou. Imaginei que o assunto de garotinhas mortas, mesmo que tivessem morrido há oitenta anos, ainda fosse de licado para ele. — Ela e seu novo maridinho voltaram, mas, àquela altura, estavam apenas procurando os corpos.

Indiquei a babá negra de cara fechada.

— Quem é essa?

— Melda, ou Tilda, ou talvez até, Deus me livre, Hécuba, segundo Chris Shannington. O pai dele sabia, mas Chris não se lembra mais.

— Belos braceletes.

Wireman olhou para eles sem muito interesse.

— Se você diz.

— Talvez John Eastlake estivesse dormindo com ela — falei. — Talvez os braceletes tenham sido um presentinho.

— *Quién sabe?* Viúvo rico, mulher nova... dizem que já aconteceu antes.

Indiquei a cesta de piquenique, que a jovem negra segurava com as duas mãos, os músculos dos braços flexionados como se ela estivesse pesada. Mais pesada do que apenas alguns sanduíches poderiam deixá-la, você pensaria... mas talvez tivesse um frango inteiro lá dentro. E, talvez, algumas garrafas de cerveja para o sinhô patrão também — uma pequena recompensa depois que ele terminasse os mergulhos do dia.

— De que cor você acha que é essa cesta? Marrom-escuro? Ou vermelha?

Wireman me lançou um olhar estranho.

— É difícil saber em uma fotografia preto e branca.

— Me conte como a tempestade levou à morte das garotinhas.

Ele abriu a pasta novamente e me entregou uma velha matéria de jornal com uma fotografia junto.

— Essa matéria é do *Gondolier* de Venice, 28 de março de 1927. Peguei a informação original na internet. Jack Cantori telefonou para o jornal e pediu para alguém tirar uma cópia e mandar por fax. Jack é ótimo, por sinal.

— Isso nem se discute — falei, analisando a foto. — Quem são essas meninas? Não, não me diga. A que está à esquerda dele é Maria. A da direita é Hannah.

— Dez com louvor. Hannah é a que tem peitos. Ela estava com 14 anos em 1927.

Analisamos o fax em silêncio por alguns instantes. E-mail teria sido melhor. O fax era cortado por linhas pretas verticais irritantes, que borravam partes da impressão, mas a manchete estava clara o suficiente: **TEMPESTADE FAZ MERGULHADOR AMADOR TER SORTE NA CAÇA AO TESOURO**. E a fotografia estava clara o suficiente também. A testa de Eastlake tinha aumentado um pouco. Como se quisesse compensar, seu bigodinho fino de cantor de grupo musical estava próximo de um bigode de morsa. E, embora ainda usasse o mesmo traje de banho preto, ele estava muito apertado... chegava até a ceder debaixo de um braço, ao que parecia, embora a resolução da foto não fosse boa o suficiente para dar certeza. Papai Eastlake tinha ganhado uns quilinhos entre 1925 e 1927 — o ator de filme B teria problemas para conseguir trabalho se não começasse a evitar a sobremesa e se esforçar mais na academia. As meninas que o ladeavam não tinham a mesma sensualidade de olhos amendoados da irmã mais velha — você olhava para Adriana e pensava em tardes quentes em um monte de feno, olhava para as outras duas e se perguntava se estavam fazendo seus deveres de casa —, mas elas eram bonitas daquele jeito “não exatamente no ponto” e seu entusiasmo irradiava da fotografia. É claro que sim.

Pois, espalhado na areia diante deles, havia um tesouro.

— Não dá para ver tudo e a droga da legenda está borrada — reclamei.

— Tem uma lupa na gaveta, mas vou poupá-lo da dor de cabeça. — Wireman pegou uma caneta e indicou com a ponta. — Isso aqui é um frasco de remédio e aquilo ali é uma bala de mosquete, ou pelo menos é o que diz Eastlake na matéria. Maria está levando na mão o que parece ser uma bota... ou o resto de uma. Ao lado da bota...

— Um par de óculos — falei. — E... um cordão?

— Segundo a matéria, é um bracelete. Não sei dizer. Posso jurar apenas que é algum tipo de argola de metal, toda incrustada. Mas a outra garota está definitivamente estendendo um brinco para a câmera.

Passei os olhos pela matéria. Além do que estava à mostra, Eastlake encontrara vários talheres... quatro taças que ele disse ser "no estilo italiano"... um tripé... uma caixa de maquinismos (seja lá o que for isso)... e pregos não numerados. Também havia encontrado um bibelô de porcelana. Um bibelô do sexo masculino. Ele não estava na foto, pelo menos não que eu conseguisse ver. A matéria dizia que Eastlake mergulhava há 15 anos nos recifes erodidos a oeste de Duma Key, as vezes para pescar, outras apenas para relaxar. Durante todo esse tempo, ele afirmou ter encontrado todo tipo de porcaria, porém nada de valor. Falou também que o Alice (ele usou essa palavra) tinha gerado ondas extraordinariamente grandes e que elas devem ter agitado a areia dentro do recife o bastante para desenterrar o que ele chamou de "depósito entulhos".

— Ele não fala em destroços de naufrágio — falei.

— Porque não foi o caso — disse Wireman. — Não tinha barco nenhum ali. Ele não achou, e nem as dezenas de pessoas que o ajudaram a tentar recuperar os corpos das suas filhas. Só detritos. Eles teriam achado destroços de um naufrágio se tivesse algum para encontrar; a água no sudoeste da ilha não chega a 8 metros de profundidade até o que restou do Kitt Reef, e ela é bem clarinha hoje em dia. Na época, era azul-turquesa.

— Alguma teoria sobre como aquelas coisas possam ter parado ali?

— Claro. A melhor delas é que algum barco prestes a afundar foi arrastado pelo vento até o litoral cem, duzentos ou trezentos anos atrás, largando porcarias no mar pelo caminho. Ou talvez a tripulação estivesse jogando aquilo tudo fora para não naufragar. Eles teriam feito reparos depois que a tempestade passou e depois foram embora. Isso explicaria a quantidade de restos que Eastlake encontrou e, também, por que nenhum deles era especialmente valioso. Os tesouros teriam continuado no navio.

— E o recife não teria rasgado a quilha de um barco que fosse arrastado até ali nos idos do século XVIII? Ou XVII?

Wireman deu de ombros.

— Segundo Chris Shannington, ninguém sabe como era a geografia do Kitt Reef 150 anos

atrás.

Observei a pilhagem espalhada. As filhas do meio sorridentes. O Papai sorridente, que logo teria que comprar um novo traje de banho. E, de repente, cheguei à conclusão de que ele não estava dormindo com a babá. Não. Até mesmo uma amante teria lhe dito que ele não poderia sair em uma foto de jornal vestindo aquele trapo. Ela encontraria um motivo diplomático, porém o verdadeiro estava bem diante dos meus olhos, após todos aqueles anos; mesmo com meu olho direito não exatamente perfeito, eu conseguia vê-lo. Ele estava gordo demais. Só que não notava, e nem suas filhas. Olhos apaixonados jamais notariam.

Gordo demais. Havia algo ali, não havia? Um A que praticamente exigia um B.

— Fico surpreso que ele tenha falado sobre o que encontrou — comentei. — Se você topasse com algo do gênero hoje em dia e fosse tagarelar no ouvido do Canal 6, metade da Flórida apareceria com carrinhos de golfe, caçando dobrões e dólares espanhóis com detectores de metal.

— Ah, mas aquela era outra Flórida — disse Wireman, e eu lembrei de Mary Ire falando a mesma coisa. — John Eastlake era um homem rico e Duma Key era sua reserva particular. Além disso, não tinha dobrão ou dólar espanhol nenhum, só quinquilharias ligeiramente interessantes desenterradas por uma tempestade fora do normal. Ele passou semanas indo até lá e mergulhando onde os restos estavam espalhados no fundo do golfo. E, segundo Shannington, ele estava bem perto da areia: quando a maré estava baixa, você praticamente só precisava entrar andando na água. E, é claro, ele provavelmente estava procurando coisas de valor. Era um homem rico, mas não acho que isso vacine alguém contra o vírus do tesouro.

— Não — falei. — Tenho certeza que não.

— A babá costumava acompanhá-lo nessas expedições de caça ao tesouro. As três meninas que ainda estavam em casa, também: as gêmeas e Elizabeth. Maria e Hannah estavam de volta ao internato em Bradenton e a irmã mais velha tinha fugido para Atlanta. Eastlake e suas caçulas provavelmente faziam piqueniques por lá.

— Com que frequência? — Comecei a perceber o rumo que aquilo estava tomando.

— Bastante. Talvez todos os dias enquanto o depósito de detritos ainda estava no auge. Eles abriram uma trilha da casa até a praia que chamavam de Shade Beach. Tinha uns 800 metros, no máximo.

— Uma trilha que duas garotinhas aventureiras poderiam pegar sozinhas.

— E um dia foi o que elas fizeram. Para a tristeza de todos, guardou as fotografias de volta na pasta. — Tem uma história aqui, *muchacho,* e talvez seja ligeiramente mais interessante do que uma menininha engolindo uma bola de gude, mas uma tragédia é uma tragedia e, no fim das contas, todas são idiotas. Se eu puder escolher, fico com *Sonhos de uma Noite de Verão* em vez de *Hamlet* em qualquer ocasião. Qualquer idiota com mãos firmes e dois pulmões que funcionem direito pode construir um castelo de cartas e derrubá-lo com um sopro, mas é preciso ser um gênio para fazer as pessoas rirem.

Ele refletiu por um instante.

— O que provavelmente aconteceu foi que, num dia de abril de 1927 quando Tessie e Laura deveriam estar tirando um cochilo, elas decidiram se levantar e descer escondidas a trilha para caçar tesouros em Shade Beach. É bem capaz de que elas só quisessem entrar na água até os joelhos, o máximo que lhes era permitido; uma das matérias tem uma declaração em que John Eastlake diz isso, e Adriana confirmou.

— A filha casada que voltou.

— Exatamente. Ela e seu novo marido voltaram um ou dois dias antes de a busca pelos corpos ser oficialmente suspensa. Isso de acordo com Shannington. Seja como for, uma das garotinhas deve ter visto algo brilhando um pouco mais longe na água e começado a se afogar. Então...

— Então a irmã tentou salvá-la. — Sim, eu conseguia visualizar a cena. Só que via Lin e Ilse quando eram pequenas. Não eram gêmeas, mas, durante três ou quatro anos dourados, foram inseparáveis.

Wireman assentiu.

— E então, a contracorrente pegou as duas. Só pode ter sido assim, *amigo.* É por isso que os corpos nunca foram encontrados. E lá se foram elas, ia-ia-ô, *caldo largo* adentro.

Abri a boca para perguntar o que ele queria dizer com contracorrente, então me lembrei

de um quadro de Winslow Homer — romântico, porém inegavelmente poderoso — chamado *Ressaca.*

O interfone na parede tocou e nós dois levamos um susto. Wireman bateu com o braço na pasta quando se virou, derrubando fotos e faxes por todo lado.

— Sr. Wireman! — Era Annmarie Whistler. — Sr. Wireman, o senhor está aí?

— Sim — disse Wireman.

— Sr. Wireman? — Ela parecia agitada. Então, como se falasse consigo mesma: — Meu Deus, onde você *está*?

— A porra do botão — murmurou ele, andando até o aparelho na parede sem exatamente correr. Apertou o botão. — Estou aqui. Qual o problema? O que aconteceu? Ela caiu?

— Não! — exclamou Annmarie. — Ela está acordada! Acordada e *lúcida*! Está perguntando pelo senhor! Pode vir para cá?

— Imediatamente — disse ele, voltando-se para mim e sorrindo. — Está ouvindo, Edgar? Vamos! — Ele fez uma pausa. — O que você está olhando?

— Estas fotos — falei, estendendo as duas fotografias de Eastlake com seu traje de banho: a que o mostrava cercado por todas as suas filhas e a tirada dois anos depois, na qual apenas Maria e Hannah estavam ao seu lado.

— Esqueça isso agora, você não ouviu? A srta. Eastlake *voltou*! — Ele se encaminhou para a porta. Larguei a pasta e o segui. Eu tinha feito a relação, mas apenas porque passara os últimos meses cultivando a arte de ver. Cultivando-a incansavelmente.

— Wireman! — chamei. Ele já havia atravessado o passadiço e subido metade da escada. Eu mancava o mais rápido possível e ele ainda estava se afastando. — Quem falou para ele que o depósito de restos estava lá?

— Para Eastlake? Imagino que ele tenha topado com aquilo enquanto exercia seu hobby de mergulhador.

— Duvido, fazia tempo que ele não entrava naquele traje de banho. Mergulhar com snorkel pode ter sido um hobby para ele no começo dos anos 20, mas acho que, por volta de 1925, jantar era o seu maior passatempo. Então, quem lhe contou?

Annmarie saiu de uma porta na outra ponta do corredor. O sorriso abobalhado e incrédulo no seu rosto fazia com que ela rejuvenescesse metade dos seus 40 anos.

— Venha — disse ela. — Isso é maravilhoso.

— Ela está?...

— Está, sim — disse a voz quebrada, porém inconfundível, de Elizabeth. — Venha cá, Wireman, e deixe-me ver seu rosto enquanto consigo reconhecê-lo.

ix

Fiquei esperando no corredor com Annmarie, sem saber ao certo o que fazer, observando os objetos de decoração e um quadro grande de Frederic Remington do outro lado do corredor — índios a cavalo. Então, Wireman me chamou. Sua voz estava impaciente e rouca de lágrimas

O quarto estava na penumbra. As persianas tinham sido baixadas. O ar-condicionado sussurrava por uma abertura em algum lugar acima de nós. Havia uma mesa ao lado da cama de Elizabeth com um abajur. Sua redoma era de vidro verde. A cama era do tipo hospitalar, inclinada para cima para que ela pudesse ficar quase sentada. O abajur a deixava sob um tênue foco de luz, com os cabelos soltos sobre os ombros de uma camisola cor-de-rosa. Wireman

estava sentado do seu lado, segurando-lhe as mãos. Acima da cama, havia o único quadro do quarto, *Onze da Manhã,* de Edward Hopper, um arquétipo de solidão aguardando pacientemente à janela por alguma mudança, qualquer uma.

Em algum lugar, um relógio tiquetaqueava.

Ela olhou para mim e sorriu. Eu vi três coisas no seu rosto. Elas me atingiram sucessivamente, como pedras, cada uma mais pesada do que a anterior. A primeira era o quanto ela havia emagrecido. A segunda, que parecia muito cansada. A terceira, que não teria muito mais tempo de vida.

— Edward — disse ela.

— Não... — comecei a falar, porém, quando ela ergueu uma das mãos (a carne pendendo para baixo em um saco branco como neve sobre o cotovelo), eu me detive na mesma hora. Pois lá estava uma quarta coisa para se ver, e ela me atingiu com mais força do que todas as outras — não como uma pedra, mas como um rochedo. Eu estava olhando para mim mesmo. Era daquele jeito que as pessoas tinham me visto após o acidente, quando eu estava tentando juntar os pobres cacos da minha memória — todo aquele tesouro que parecia lixo quando espalhado de maneira tão feia e nua. Pensei em como me esquecera do nome da minha boneca e descobri o que viria em seguida.

— Eu vou conseguir — disse ela.

— Eu sei disso — falei.

Você trouxe Wireman de volta do hospital — disse ela.

— Foi.

— Eu estava com medo de que eles o internassem. E eu acabasse ficando sozinha.

Não respondi àquilo.

— Seu nome é Edmund? — perguntou ela timidamente.

— Srta. Eastlake, não se esforce demais — disse Wireman com brandura. — Istoé...

— Psiu, Wireman — falei. — Ela vai conseguir.

— Você pinta — prosseguiu ela.

— Sim.

— Já pintou algum navio?

Aconteceu algo estranho com o meu estômago. Ele não só afundou, como pareceu sumir e deixar um vácuo entre o coração e o resto das minhas entranhas. Meus joelhos tentaram se dobrar. O aço no meu quadril ficou quente. A minha nuca esfriou. E uma chama morna subiu formigando pelo meu braço que não estava lá.

— Já — respondi. — Várias vezes.

— Seu nome é Edgar — falou ela.

— Sim, Elizabeth. Meu nome é Edgar. Bom para você, querida.

Ela sorriu. Imagino que fazia muito tempo que ninguém a chamava de querida.

— Minha mente é como uma toalha de mesa com um buraco enorme queimado no meio. — Ela se voltou para Wireman. — *Muy divertido, sí?*

— A senhorita precisa descansar — disse ele. — Na verdade, precisa *dormir como um tronco*.

Ela abriu um sorriso fraco.

— Sim. E acho que, quando eu acordar, ainda estarei aqui. Por algum tempo. — Elizabeth levou as mãos dele ao rosto e as beijou. — Eu te amo, Wireman.

— Eu também te amo, srta. Eastlake — disse Wireman. Bom para ele.

— Edgar?... É Edgar mesmo?

— O que você acha, Elizabeth?

— Sim, é claro que é. Você vai expor suas telas? Foi aí que nós paramos na última vez em que eu... — Ela baixou as pálpebras, como se quisesse imitar alguém dormindo.

— Sim, na Galeria Scoto. Você precisa mesmo descansar.

— Vai ser em breve? Sua exposição?

— Daqui a menos de uma semana.

— Seus quadros... os quadros dos navios... eles estão no continente? Na galeria?

Wireman e eu trocamos um olhar. Ele deu de ombros.

— Estão — respondi.

— Ótimo. — Ela sorriu. — Então, posso descansar. Todo o resto pode esperar... até depois da sua exposição. O seu momento ao sol. Você pretende vendê-los? Os quadros dos navios?

Wireman e eu trocamos outro olhar e a mensagem nos olhos dele era muito clara: *Não a perturbe.*

— Eles estão todos marcados com a sigla IPV, Elizabeth. Isso significa...

— Eu sei o que significa, Edgar, não caí do pé de laranja ontem. — De dentro das suas bolsas profundas de rugas, presos em um rosto que recuava em direção à morte, seus olhos brilharam. — Venda-os. Independente de quantos forem, *você deve vendê-los*. E por mais duro que seja para você. Separe-os e os despache para os quatro cantos do mundo. Está me entendendo?

— Sim.

— Vai fazer o que eu disse?

Eu não sabia se faria ou não, porém reconheci seus sinais de irritação crescente do meu passado nem tão distante.

— Vou. — Àquela altura, teria lhe prometido saltar até a Lua com botas de sete léguas se isso servisse para acalmá-la.

— Mesmo assim, talvez eles não deixem de ser perigosos — refletiu ela em uma voz quase aterrorizada.

— Agora pare — falei, acariciando sua mão. — Pare de pensar nisso.

— Tudo bem. Podemos conversar mais depois da exposição. Nós três. Eu estarei mais

forte... mais lúcida... e você, Edgar, conseguirá prestar atenção. Você tem filhas? Tenho quase certeza que sim.

— Sim, e elas ficarão no continente com a mãe. No Ritz. Isso já está resolvido.

Ela sorriu, mas os cantos da sua boca despencaram quase imediatamente. Era como se sua boca estivesse derretendo.

— Abaixe minha cama, Wireman. Parece que eu passei... quarenta dias e quarenta noites... no pântano... e estou cansada.

Ele abaixou a cama e Annmarie entrou com algo em um copo sobre uma bandeja de vidro. Não havia a menor chance de Elizabeth beber nada daquilo; ela já havia apagado. Acima da sua cabeça, a garota mais solitária do mundo estava sentada em uma cadeira, olhando pela janela para sempre, o rosto escondido pelas mechas de cabelo nua com exceção de um par de sapatos.

x

Para mim, o sono tardou a vir naquela noite. Já passava da meia-noite quando finalmente adormeci. A maré se recolhera e a conversa sussurrada debaixo da casa havia cessado. No entanto, aquilo não fez as vozes sussurradas na minha cabeça pararem.

Outra Flórida — sussurrou Mary Ire. — *Aquela era outra Flórida.*

Venda-os. Independente de quantos forem, você deve vendê-los. — Essa era Elizabeth, claro.

A Elizabeth *adulta.* Porém, escutei outra versão dela e, como esta voz eu tive que inventar, a que ouvi foi a de Ilse quando criança.

Tem um tesouro, papai. Disse a voz infantil. *O senhor pode achar ele se colocar a máscara e o snorkel. Eu posso mostrar para o senhor onde procurar.*

Fiz um desenho.

Eu acordei ao amanhecer. Achei que conseguiria voltar a dormir, mas não antes de tomar um dos poucos comprimidos de oxicodona que ainda tinha guardados e dar um telefonema. Tomei o remédio e então disquei o número da Scoto e fui atendido pela secretária eletrônica — somente dali a várias horas haveria vivalma na galeria. O pessoal das artes não é de acordar cedo.

Disquei 11 para falar com o ramal de Dario e, depois do bipe, disse:

— Dario, aqui é Edgar. Eu mudei de ideia quanto aos quadros da série *Garota e Navio*. Decidi vendê-los no fim das contas, o.k.? A única condição é que eles devem ir para pessoas diferentes, se possível. Obrigado.

Desliguei o telefone e voltei para a cama. Fiquei 15 minutos deitado ali, observando o ventilador de teto girar preguiçosamente e escutando as conchas sussurrarem debaixo de mim. O remédio estava fazendo efeito, mas eu não pegava no sono. E sabia por quê.

Sabia exatamente por quê.

Levantei-me novamente, apertei o botão de rediscagem, ouvi a mensagem e então disquei o ramal de Dario mais uma vez. Sua voz gravada me convidou a deixar um recado após o

bipe.

— Com exceção do *No. 8* — falei. — Ele continua IPV.

E *por que* ele continuava IPV?

Não porque era genial, embora eu achasse que fosse. E nem mesmo porque — para mim — olhar para ele era como ouvir a parte mais sombria do meu coração contar sua história. Era porque eu sentia que algo havia me deixado viver apenas para pintá-lo, e que vendê-lo seria negar minha própria vida e toda a dor que sofri para resgatá-la.

É, era isso.

— Esse é meu, Dario — falei.

Então voltei para a cama e, dessa vez, dormi.

Como fazer um desenho (VII)

Lembre-se que "ver para crer" coloca o carro na frente dos bois. A arte é o produto concreto da fé e da esperança, a criação de um mundo que, de outra forma, não passaria de um véu de consciência sem sentido sobre um golfo de mistério. E, além do mais, se você não acreditar no que vê, quem acreditará na sua arte?

O problema que ocorreu depois do tesouro foi mera questão de crença. Elizabeth possuía um talento extraordinário, mas era apenas uma criança — e, nas crianças, a fé é algo natural. Já vem de fábrica. Além disso, as crianças — mesmo as talentosas (principalmente *as talentosas) — não têm pleno controle de suas habilidades. A razão delas ainda está adormecida, e o sono da razão produz monstros.*

Eis uma pintura que eu nunca fiz:

Duas gêmeas idênticas, usando macaquinhos idênticos, exceto por um ser vermelho com um **L** *na frente e outro ser azul, com um* **T.** *As meninas correm de mãos dadas pela trilha que leva a Shade Beach. Elas chamam a praia dessa maneira porque ela passa a maior parte do dia sob a sombra da Pedra da Bruxa. Lágrimas correm pelos seus rostos pálidos e redondos, mas elas logo secarão, pois, àquela altura, as duas estão aterrorizadas demais para chorar.*

Se você consegue acreditar nisso, conseguirá ver o resto.

Um corvo gigante passa voando lentamente pelas meninas, de cabeça para baixo, com as asas abertas. Ele se dirige a elas com a voz do Papai.

Lo-Lo cai e corta os joelhos nas conchas. Tessie a levanta do chão. Elas continuam correndo. Não é do corvo falante de cabeça para baixo que as gêmeas tem medo, e nem da maneira como o céu às vezes passa de azul para um vermelho de pôr do sol antes de voltar para o azul; é da coisa que está atrás delas.

Do garotão.

Mesmo com suas presas, ele ainda se parece com um daqueles sapos esquisitos que Libbit costumava desenhar, porém este é muito maior e real o suficiente para fazer sombra. Real o suficiente para feder e balançar o chão a cada pulo. Elas vêm sentindo medo de tudo quanto é tipo de coisa desde que Papai encontrou o tesouro e Libbit diz que elas num saem do quarto à noite, nem olham pela janela, mas é dia *e a coisa atrás delas é real demais para se duvidar dela e está se aproximando.*

Da segunda vez, é Tessie que cai e Lo-Lo a levanta do chão, lançando um olhar aterrorizado para trás, em direção à coisa que as persegue. Ela está cercada de insetos dançantes que às vezes pega com a língua do ar. Lo-Lo consegue enxergar Tessie dentro de um olho arregalado e idiota. E vê a si mesma no outro.

Elas irrompem na praia, arfando e sem fôlego, e não há outro lugar para ir que não

seja a água. Embora talvez haja, sim, pois o barco está de volta, o que elas tinham visto com cada vez mais frequência nas últimas semanas. Libbit diz que o barco não é o que parece, porém, naquele momento, ele é um sonho branco e flutuante de segurança e, além do mais, elas não têm escolha. O garotão está prestes a alcançá-las.

Ele saiu da piscina assim que elas acabaram de brincar de Casamento de Adie em Rampopo, a casa de bebê no jardim lateral (naquele dia, Lo-Lo ficou com o papel de Adie). Às vezes, Libbit consegue mandar aquelas coisas horríveis embora rabiscando em seu bloquinho, mas Libbit está dormindo — ela vinha tendo um monte de noites agitadas ultimamente.

O garotão salta da trilha para a praia, espalhando areia por todo lado e fitando com os olhos arregalados. Sua barriga branca e frágil, repleta de entranhas barulhentas, incha. Seu pescoço lateja.

As duas meninas, paradas com as mãos dadas e com os pés na corrente espumante que Papai chama de arrebentação, se encaram mutuamente. Então, olham para o navio, oscilando no ancoradouro com as velas recolhidas e brilhantes. Parece até ter se aproximado, como se estivesse vtndo resgatá-las.

Lo-lo diz A gente tem que fazer isso.

Tessie diz Mas eu não sei NADAR!

Você pode nadar de cachorrinho!

O garotão salta. Elas conseguem ouvir suas entranhas sacudirem quando ele aterrissa. Parecem lixo molhado em um barril d'água. 0 azul desaparece do céu que passa a sangrar vermelho. Então, ele fica azul de novo. Era um daqueles dias. E elas não sabiam que aquele tipo de dia estava para vir? Não tinham visto os olhos assombrados de Libbit? Nan Melda sabe; até e Papai sabe, e ele não está o tempo todo por lá. Naquele dia, estava em Tampa, e, quando as meninas olham para o horror branco-esverdeado que está quase em cima delas, percebem que Tampa poderia muito bem ser o lado negro da Lua. Elas estão sozinhas.

Tessie agarra o ombro de Lo-Lo com dedos gelados. E a correnteza?

Mas Lo-Lo balança a cabeça. A correnteza é boa! Ela vai levar a gente até o barco.

Não há mais tempo para conversa. A coisa-sapo está se preparando para saltar novamente. E elas entendem que, embora ela não possa ser real, de certa forma é. Pode matá-las. É melhor arriscar a água. Elas se viram, ainda de mãos dadas, e se jogam no caldo. *Fixam os olhos na andorinha delgada e branca que oscila no ancoradouro perto de onde estão. Certamente elas seriam içadas a bordo e alguém usaria o rádio da embarcação para se comunicar com o Roost. "Pegamos duas sereias", diriam eles. "Sabe de alguém interessado nelas?"*

A correnteza separa suas mãos. Ela é implacável e Lo-Lo acaba se afogando primeiro, pois luta com mais afinco. Tessie a escuta gritar duas vezes. Primeiro pedindo ajuda. Depois, já desistindo, o nome da irmã.

Enquanto isso, um capricho da maré leva Tessie direto para o navio, ao mesmo tempo que a mantém à tona. Por alguns instantes mágicos, é como se ela estivesse sobre uma prancha de surfe e nadasse lentamente de cachorrinho, como se impulsionada por um motor externo. Então, logo antes de uma corrente mais fria subir para se enroscar em volta dos seus tornozelos, ela vê o navio se transformar em...

Eis um quadro que eu de fato pintei, não só uma vez, mas muitas e muitas:

A brancura do casco não desaparece; ela é sugada para dentro como sangue fugido do rosto de um homem aterrorizado. As cordas cedem. As partes metálicas perdem o brilho. O vidro nas janelas da cabine de popa explode. Um monte de lixo surge no convés, espalhando-se em ondas da popa até a proa. No entanto, aquilo estava lá desde o início. Tessie apenas não tinha visto. Naquele instante, vê.

Naquele instante, acredita.

Uma criatura sai de baixo do convés. Rasteja até a amurada e olha para baixo em direção à menina. É um vulto curvado, usando um vermelho com capuz. Cabelos que poderiam não ser cabelos agitam-se molhados em volta de um rosto derretido. Mãos amarelas agarram madeira lascada e apodrecida. Então, uma delas se ergue lentamente.

E acena para a menina que logo estará MORTA.

Ela diz Venha a mim, criança.

E, enquanto se afoga, Tessie Eastlake pensa É uma MULHER!

Ela afunda. Será que Tessie consegue sentir aquelas mãos ainda quentes, as mãos da sua irmã recém-falecida, agarrando suas panturrilhas e puxando-a para baixo?

Sim, claro. É claro que consegue.

Acreditar também é sentir.

Qualquer artista pode lhe dizer isso.

13 - A exposição

i

Algum dia, se sua vida for longa e sua máquina de pensar continuar funcionando, você viverá para se lembrar da última coisa boa que lhe aconteceu. Isso não é uma questão de pessimismo, mas sim de lógica. Espero que as coisas boas ainda não tenham acabado para mim — não faria sentido viver se eu pensasse dessa forma —, porém já faz um bom tempo desde a última. Lembro-me dela com clareza. Aconteceu pouco mais de quatro anos atrás, na noite de 15 de abril, na Galeria Scoto. Foi entre as 19h45 e as 20h e as sombras na Palm Avenue começavam a assumir seus primeiros tons de azul. Sei a hora, porque não parava de consultar o relógio. A Scoto já estava lotada — até o limite permitido por lei e talvez acima dele —, mas minha família não havia chegado. Eu tinha visto Pam e Illy mais cedo e Wireman me garantira que o voo de Melinda estava no horário, mas até aquele momento da noite elas ainda não tinham dado sinal de vida. E nem telefonado.

Num canto à minha esquerda, onde tanto o bar quanto oito das minhas telas da série *Pôr do Sol com* haviam atraído uma multidão, um trio do conservatório de música local tocava uma versão fúnebre de “My Funny Valentine”. Mary Ire (segurando uma taça de champanhe, mas ayé então sóbria) discorria sobre algo artístico para um grupo atento. À direita, havia um salão maior, com um bufê. Em uma das paredes, estava a tela *Rosas Crescendo das Conchas* e uma que chamei de *Eu Vejo a Lua;* na outra, três vistas da Duma Road. Eu observara muitas pessoas tirando fotos com aqueles celulares com câmera, embora uma placa em um tripé logo na entrada anunciasse que fotografias eram proibidas.

Mencionei isso de passagem para Jimmy Yoshida e ele assentiu, não parecendo nerrvoso, ou mesmo irritado, mas apenas perplexo.

— Tem um monte de gente aqui que eu não consigo associar com a cena artística ou então nem reconheço — disse ele. — Nunca vi uma multidão deste tamanho.

— Isso é ruim?

— Por Deus, não! Mas depois de anos tentando não se afogar é estranho ser embalado pelas ondas assim.

A galeria central da Scoto era grande, o que era uma boa naquela noite. Apesar da comida, bebida e música nos salões menores, a maioria dos visitantes parecia acabar gravitando em torno do centro. A série *Garota e Navio* tinha sido montada ali, as telas suspensas por cordas quase invisíveis, bem no meio do salão. *Wireman Olhando para o Oeste* estava na parede mais afastada. Ele e *Garota e Navio No. 8* eram os únicos quadros em que eu havia colado o adesivo IPV; no caso de *Wireman,* porque ele era do próprio e, no caso do *No. 8,* porque eu simplesmente não podia vendê-lo.

— Estamos conseguindo manter o senhor acordado, chefe? — disse Angel Slobotnik à minha esquerda, ignorando, como de hábito, as cotoveladas da sua mulher.

— Não — falei. — Nunca estive mais desperto na vida, é só que eu...

Um homem vestindo um terno que deveria ter lhe custado 2 mil dólares estendeu a mão.

— Henry Vestick, sr. Freemantle, First Sarasota Bank and Trust. Contas Particulares. Essas telas são simplesmente maravilhosas. Estou *pasmo*. Estou *impressionado*.

— Obrigado — falei, pensando que ele tinha deixado o NEM PENSE EM PARAR de fora. — É muita gentileza sua.

Um cartão de visita apareceu entre seus dedos. Era como assistir a um artista de rua fazer um truque de mágica. Isto é, se artistas de rua usassem ternos Armani.

— Se eu puder ajudá-lo de alguma forma... meus números de telefone estão no verso. Casa, celular e trabalho.

— É muita gentileza sua — repeti. Não conseguia pensar em mais nada para falar e, francamente, o que o sr. Vestick achava que eu fosse fazer? Ligar para a casa dele e agradecer de novo? Pedir um empréstimo e oferecer um quadro como garantia?

— Posso trazer minha esposa mais tarde para apresentá-la ao senhor? — perguntou ele, e

eu notei uma expressão estranha nos seus olhos. Não era exatamente como a que surgira nos de Wireman quando ele percebeu que eu tinha acabado com Candy Brown, mas chegava perto. Como se Vestick estivesse com um pouco de medo de mim.

— Claro — respondi, e então ele fugiu.

— O senhor costumava construir filiais bancárias pra caras desse tipo e depois tinha que brigar para eles pagarem o excedente — disse Angel. Ele usava um terno azul comprado em loja e parecia prestes a explodir de dentro dele em nove direções diferentes, como o Incrível Hulk. — Naquela época, acharia que o senhor era só um mala querendo estragar o dia dele. Agora, olha pra sua cara como se o senhor pudesse cagar fivelas de ouro.

— Angel, pare com isso! — exclamou Helen Slobotnik, ao mesmo tempo dando outra cotovelada e tentando pegar sua taça de champanhe. Ele a estendeu com serenidade para longe de seu alcance.

— Diga pra ela que é verdade, chefe!

— Pior que acho que é mesmo — falei.

E não era só do banqueiro que eu estava recebendo aquele tipo de olhar. As mulheres... meu Deus. Quando meus olhos encontravam os seus, eu percebia um certo enternecimento, uma certa especulação, como se elas estivessem se perguntando como eu faria para abraçá-las com um braço só. Isso era provavelmente loucura, mas...

Eu fui agarrado por trás, quase levantado do chão. Teria derramado minha própria taça de champanhe, mas Angel a segurou com destreza. Eu me virei e lá estava Kathi Green, sorrindo para mim. Tinha abandonado completamente o estilo Centro Gestapo de Reabilitação, pelo menos por aquela noite; usava um vestido verde curto e cintilante colado a cada centímetro do seu corpo bem cuidado e, de salto alto, ela batia quase na minha testa. Agigantando-se ao seu lado, estava Kamen. Seus olhos enormes nadavam com benevolência por detrás dos óculos de armação de chifre.

— Meus Deus, Kathi! — exclamei. — O que você faria se tivesse me derrubado no chão?

— Teria feito você pagar cinquenta flexões — disse ela, abrindo um sorriso mais largo do que nunca. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. — Eu te disse quando liguei. Olhe só para o seu bronzeado, bonitão. — As lágrimas transbordaram e ela me abraçou.

Eu devolvi o abraço, então troquei um aperto de mãos com Kamen. A dele engoliu completamente a minha.

— O seu avião é feito para homens do meu tamanho —- disse ele, e todos se voltaram na sua direção. Ele tinha um daqueles vozeirões graves, estilo James Earl Jones, que podem fazer encartes de supermercado parecerem o Livro de Isaías. — Eu aproveitei ao *máximo,* Edgar.

— Ele não é exatamente meu, mas obrigado — falei. — Algum de vocês...

— Sr. Freemantle?

Era uma ruiva adorável cujos seios generosamente sardentos corriam o risco de saltar por cima de um frágil vestido cor-de-rosa. Seus olhos eram grandes e verdes. Ela parecia ser mais ou menos da idade da minha filha Melinda. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela estendeu o braço e agarrou com delicadeza meus dedos.

— Eu só queria tocar a mão que pintou esses quadros — disse ela. — Esses quadros maravilhosos e *bizarros*. Meu Deus, o senhor é *incrível*. — Ela ergueu minha mão e a beijou, pressionando-a em seguida contra um de seus seios. Eu conseguia sentir seu mamilo duro como um seixo através do tecido fino de chiffon. Então, ela havia retornado à multidão.

— Isso acontece com frequência? — perguntou Kamen, e na mesma hora Kathi perguntou:

— E então, como está indo o divórcio, Edgar? — Eles se encararam por um instante e depois caíram na gargalhada.

Compreendi do que eles estavam rindo — do momento Elvis de Edgar; entretanto, para mim, aquilo era simplesmente estranho. Os salões da Scoto começaram a me parecer pequenas câmaras em uma gruta submarina e eu notei que poderia pintá-los daquela maneira: salões submersos com quadros nas paredes, quadros observados por cardumes de gente-peixe enquanto o Trio de Netuno tocava “Octopuss Garden”.[23]

Estranho demais. Eu queria Wireman e Jack — que também ainda não haviam chegado —, mas, acima de tudo, queria minha gente. Illy principalmente. Se eles estivessem ali, talvez aquilo começasse a se parecer com a realidade. Olhei de relance para a porta.

— Se você estiver procurando por Pam e as meninas, imagino que elas já estão a caminho — disse Kamen. — Melinda teve um problema com o vestido e subiu para trocar de roupa no último minuto.

Melinda, pensei. *É claro, tinha que ser Mel...*

E foi então que eu os vi, abrindo caminho por entre a multidão de xeretas artísticos, parecendo muito nortistas e deslocados em meio aos bronzeados. Tom Riley e William Bozeman III — o imortal Bozie — vinham atrás deles com ternos escuros. Eles pararam para observar três dos meus primeiros desenhos, que Dario havia disposto perto da entrada em um tríptico. Foi Ilse quem me viu primeiro. Ela exclamou "PAPAI!" e então atravessou a multidão como uma lancha-torpedeira com a irmã logo atrás de si. Lin arrastava um rapaz alto pelo caminho. Pam acenou e também começou a vir na minha direção.

Eu deixei Kamen, Kathi e os Slobotnik, enquanto Angel ainda segurava minha bebida. Alguém começou a dizer "Com licença, sr. Freemantle, será que eu poderia perguntar...", mas eu não dei atenção. Naquele instante, tudo o que conseguia ver era o rosto radiante e os olhos jubilosos de Ilse.

Nós nos encontramos diante da placa que dizia **A GALERIA SCOTO APRESENTA "A VISTA DE DUMA", TELAS E DESENHOS DE EDGAR FREEMANTLE.** Eu notei que ela usava um vestido azul-claro que eu nunca tinha visto antes e que, com o cabelo preso

no alto da cabeça e o pescoço longo como o de um cisne a mostra, parecia espantosamente adulta. Notei que sentia um amor imenso, quase esmagador, por ela e que estava grato por ela sentir o mesmo por mim — estava em seus olhos. Então, eu a abracei.

Logo em seguida, Melinda estava ali com o namorado do seu lado (e acima dela — ele era um helicóptero comprido, bem alto). Eu não tinha braços para duas ao mesmo tempo, porém Melinda tinha um para mim; ela me abraçou e beijou um lado do meu rosto.

— *Bonsoir*, pai, parabéns!

Então, Pam estava diante de mim, a mulher que eu chamara de picanha traidora não muito tempo atrás. Ela usava um terninho azul-escuro, uma blusa de seda azul-clara e um colar de pérolas. Brincos discretos. Saltos baixos discretos, porém bonitos. Nunca a havia visto tão Minnesota assim. Ela estava obviamente morta de medo de toda gente e daquele ambiente estranho, mas, apesar de tudo, havia urn sorriso de esperança no seu rosto. Pam tinha sido muitas coisas no decorrer do nosso casamento; no entanto, desesperançosa jamais fora uma delas.

— Edgar? — perguntou Pam baixinho. — Ainda somos amigos?

— Pode apostar que sim — falei. O beijo que lhe dei foi breve, porém meu abraço foi o mais completo que um homem de um brsço só pode dar. Ilse se apoiava em um dos meus lados; Melinda se agarrava ao outro, apertando tão forte que minhas costelas doíam, mas eu não me importava. Ouvi o salão se encher de aplausos espontâneos, que pareciam vir de muito longe.

— Você está bem — sussurrou Pam no meu ouvido. — Não, está ótimo. Nem sei se reconheceria você se o visse na rua.

Eu recuei um pouco, olhando para ela.

— Você também está muito bonita.

Ela riu, ruborizando, uma estranha com a qual eu já passara muitas noites.

— A maquiagem cobre inúmeros pecados.

— Papai, esse é Ric Doussault — disse Melinda.

— *Bonsoir* e parabéns, monsieur Freemantle — disse Ric. Ele segurava uma caixa branca lisa. Então, estendeu-a para mim. — Meu e de Linnie. *Un cadeau.* O presente?

Eu sabia o que era *un cadeau, é* claro; a verdadeira revelação foi a sonoridade exótica que seu sotaque dava ao apelido da minha filha. Aquilo me fez entender mais do que qualquer outra coisa que Melinda passara a ser mais dele do que minha.

Era como se a maioria das pessoas na galeria houvesse se reunido a minha volta para me ver abrir o presente. Tom Riley tinha chegado quase ao ombro de Pam. Bozie vinha em seguida. Logo atrás deles, Margaret Bozeman soprou um beijo para mim da palma da sua mão. A seu lado estava Todd Jamieson, o médico que salvara minha vida... dois grupos de tias e tios... Rudy Rudnick, meu antigo secretário... Kamen, é claro, era impossível não vê-lo... e Kathi do seu lado. Todos estavam ali, menos Wireman e Jack, e eu estava começando a me perguntar se não teria acontecido alguma coisa. Porém, naquele instante, isso parecia secundário. Eu me lembrei de acordar em meu leito de hospital, confuso e destacado de tudo por conta da dor ininterrupta, e me perguntei como as coisas puderam mudar de forma tão drástica. Todas aquelas pessoas haviam voltado para a minha vida por uma noite. Eu não queria chorar, mas tinha quase certeza de que não conseguiria me conter; sentia que estava começando a me dissolver como um lenço de papel em um temporal.

— Abra, papai! — falou Ilse. Eu conseguia sentir seu perfume, algo doce e fresco.

Eu abri a caixa. Tirei algumas folhas de papel de seda lá de dentro e revelei o que já esperava... porém, tinha esperado algum tipo de brincadeira, e aquilo era muito sério. A boina que Melinda e Ric haviam trazido para mim da França era de veludo vermelho-escuro e macia ao toque como seda. Sem dúvida não tinha saído barata.

— Isso é chique demais — falei.

— Não, papai — disse Melinda. — Não é chique o suficiente. Só esperamos que sirva.

Tirei a boina de dentro da caixa e a ergui no ar. A plateia fez um *ohh* de aprovação. Melinda e Ric se entreolharam felizes e Pam — que achava que Lin de certa forma jamais recebera o afeto ou a aprovação que merecia de mim (no que provavelmente tinha razão) — me lançou um olhar absolutamente radiante. Então, eu coloquei a boina. Ficou perfeita. Melinda levantou o braço para fazer um pequeno ajuste, encarou a plateia que observava a cena, virou as palmas das mãos para mim e disse:

— *Voici mon père, ce magnifique artiste!*

A plateia explodiu em aplausos e gritos de *Bravo!*. Ilse me beijou. Ela chorava e ria ao mesmo tempo. Eu me lembro da vulnerabilidade do seu pescoço e da sensação dos seus lábios, logo acima do meu queixo.

Eu era a rainha do baile e estava cercado pela minha família. Havia luz, champanhe e música. Aconteceu quatro anos atrás, na noite de 15 de abril, entre as 19h45 e as 20h, enquanto as sombras na Palm Avenue mal começavam a assumir seus primeiros tons de azul. Essa é uma memória que eu preservo.

ii

Eu as levei em um tour, com Tom e Bozie e o restante do pessoal de Minnesota nos acompanhando. É bem provável que, para muitos dos presentes, aquela fosse a primeira visita a uma galeria de arte, mas eles foram educados o suficiente para nos dar algum espaço.

Melinda ficou um minuto inteiro parada diante do *Pôr do Sol Feijão-da-Praia,* então se voltou para mim e disse em um tom quase acusador:

— Se o senhor sempre conseguiu fazer isso, papai, por que foi perder trinta anos da sua vida levantando prédios para o Centro de Extensão Rural?

— Melinda Jean! — disse Pam, embora distraidamente. Ela estava olhando para o salão central, onde os quadros da série *Garota e Navio* estavam suspensos.

— Bem, é verdade — continuou Melinda. — Não é?

— Querida, eu não sabia.

— Como pode uma pessoa ter algo tão grande dentro dela e não saber? — perguntou ela.

Eu não tinha uma resposta para aquela pergunta, mas Alice Aucoin me salvou.

— Edgar, Dario me pediu para perguntar se você poderia dar um pulo no escritório de Jimmy. Eu terei o maior prazer em acompanhar sua família até o salão principal e depois você pode se juntar a eles lá.

— O.k. ... o que eles querem?

— Não se preocupe, eles estão todos sorrindo — disse ela, sorrindo também.

— Vá, Edgar — disse Pam. E para Alice: — Estou acostumada com gente o chamando. Quando éramos casados, era um estilo de vida.

— Pai, o que significa aquele círculo vermelho na parte de cima da moldura? — perguntou Ilse.

— Significa que está vendido, querida — respondeu Alice.

Eu parei para olhar o *Pôr do Sol com Feijão-da-Praia* quando comecei a me afastar e... sem dúvida, havia um pequeno círculo vermelho no canto superior direito da moldura. Aquilo era uma boa coisa — era bom saber que aquela multidão não era composta apenas de curiosos atraídos pela novidade de um pintor de um braço só —, mas eu ainda senti um baque e me perguntei se era normal me sentir daquela forma. Não tinha como saber. Não conhecia nenhum outro artista para perguntar.

iii

Dario e Jimmy Yoshida estavam no escritório; assim como um homem que eu nunca tinha visto antes. Dario o apresentou para mim como Jacob Rosenblatt, o contador que mantinha os livros-caixa da Scoto nos trinques. Meu coração se encolheu um pouco quando apertei sua mão, girando a minha para tanto, pois ele me oferecera a errada, como geralmente acontece. Ah, mas o mundo é dos destros.

— Algum problema, Dario? — perguntei.

Dario colocou um balde prateado de champanhe na mesa de Jimmy. Nela, reclinada em uma cama de gelo moído, havia uma garrafa de Perrier-Jouet. O que eles estavam servindo na galeria era bom, mas não tanto assim. A rolha havia sido tirada há pouco; um hálito fraco ainda saía da boca verde da garrafa.

— Isto está com cara de problema? — perguntou ele. — Eu teria pedido para a Alice chamar sua família também, mas a droga do escritório é pequeno demais. Duas pessoas que *deveriam* estar aqui agora são Wireman e Jack Cantori. Onde eles foram se meter? Achei que vinham juntos.

— Eu também. Você tentou ligar para a casa de Elizabeth Eastlake? Para o Heron's Roost?

— Claro — falou Dario. — Caiu na secretária eletrônica.

— Nem a enfermeira de Elizabeth? Annmarie?

Ele balançou a cabeça.

— Só a secretária eletrônica.

Comecei a vislumbrar o Sarasota Memorial.

— Não estou gostando disso.

— Talvez os três estejam a caminho daqui agora mesmo — disse Rosenblatt.

— Acho difícil. Ela está muito frágil e sem fôlego. Nem consegue mais usar o andador.

— Tenho certeza de que as coisas vão se resolver sozinhas — falou Jimmy. — Enquanto isso, deveríamos erguer nossas taças.

— *Temos* que erguê-las — acrescentou Dario.

— Obrigado, gente, é muita gentileza, e eu adoraria tomar um drinque com vocês, mas minha família está lá fora e eu quero acompanhá-los enquanto eles olham o restante dos quadros, se não for problema.

Jimmy falou:

— Compreensível, mas...

Dario o interrompeu.

— Edgar, nós vendemos tudo.

Eu o encarei.

— Como?

— Nós achamos mesmo que você não teria conseguido andar pele exposição inteira e ver todos os círculos vermelhos — disse Jimmy. Ele estava sorrindo, tão corado que poderia estar ruborizando. — Todas as pinturas e desenhos que *estavam* à venda foram *vendidos.*

Jacob Rosenblatt, o contador, disse:

— Trinta pinturas e 14 ilustrações. É algo sem precedente.

— Mas... — Meus lábios ficaram dormentes. Eu fiquei olhando enquanto Dario se virava e, dessa vez, tirava uma bandeja de taças da estante atrás da mesa. Elas tinham os mesmos detalhes florais da garrafa de Perrier-Jouët. — Mas vocês colocaram um preço de 40 mil dólares no *Garota e Navio No.* 7.

Do bolso do seu terno preto liso, Rosenblatt tirou um rolo de papel que só poderia ter saído de uma calculadora de mesa.

— As pinturas faturaram 487 mil dólares, os desenhos, mais 19 mil. O total ficou um pouco acima de meio milhão de dólares. É a maior soma que a Scoto já arrecadou durante a exposição de um artista solo. Uma proeza extraordinária. Meus parabéns.

— Todos eles? — falei, com uma voz tão minguada que eu próprio mal conseguia ouvi-la. Olhei para Dario enquanto ele colocava uma taça de champanhe na minha mão.

Ele assentiu.

— Se você tivesse optado por vender o *Garota e Navio No. 8,* creio que só ele teria faturado 100 mil dólares.

— O dobro disso — falou Jimmy.

— A Edgar Freemantle, que inicia uma carreira brilhante! — disse Rosenblatt, erguendo sua taça. Nós erguemos as nossas e bebemos, sem saber que minha carreira brilhante estava, na prática, prestes a acabar.

Dessa vez tivemos sorte, *muchacho.*

iv

Tom Riley se enfiou do meu lado enquanto eu voltava pela multidão em direção à minha família, sorrindo e desenrolando conversas o mais rápido possível...

— Chefe, esses quadros são incríveis — disse ele. — Mas são um pouco sinistros também.

— Imagino que isso seja um elogio — falei. A verdade era que conversar com Tom era sinistro, sabendo o que eu sabia a respeito dele.

—É certamente um elogio — disse ele. — Ouça, você está indo encontrar sua família, não está? Vou cair fora. — E começou a fazer exatamente isso, porém eu o agarrei pelo cotovelo.

— Fique comigo — falei. — Juntos, conseguimos repelir todos os oportunistas de plantão. Sozinho, eu vou acabar alcançando Pam e as meninas só depois das nove.

Ele riu. O velho Tommy estava bem. Tinha engordado alguns quilos desde aquele dia em

Lake Phalen, mas eu lera que antidepressivos às vezes fazem isso, especialmente com os homens. Nele, uns quilinhos a mais não eram problema. Seus olhos não estavam mais fundos.

— Como você está, Tom?

— Bem... na verdade... deprimido. — Ele ergueu uma das mãos no ar, como se quisesse afastar uma comiseração que eu não tinha oferecido. — É uma questão de desequilíbrio químico, e é foda se acostumar com os remédios. Eles embaralharam suas ideias no começo, pelo menos comigo foi assim. Fiquei um tempo sem tomá-los, agora voltei e a vida está me parecendo melhor. Ou são as falsas endorfinas começando a bater ou o efeito da primavera na Terra de Um Bilhão de Lagos.

— E a Companhia Freemantle?

— Não estamos no vermelho, mas não é a mesma coisa sem você. Vim para cá achando que talvez conseguisse convencê-lo a voltar. Então dei uma olhada no que está fazendo e percebi que seus dias no ramo de construção provavelmente acabaram.

— É, acho que sim.

Ele gesticulou em direção às telas no salão principal.

— O que são eles, na verdade? Quero dizer, sem enrolação. Porque, e eu não falaria isso na frente de muitas pessoas, eles me fazem lembrar de como era a vida dentro da minha cabeça quando eu não estava tomando meus remédios.

— Eles são apenas faz de conta — falei. — Sombras.

— Eu entendo de sombras — disse ele. — Você só precisa ter cuidado para elas não criarem dentes. Porque elas podem fazer isso. E então, às vezes, quando você estende a mão para acender o interruptor e mandá-las embora, descobre que está sem luz.

— Mas você está melhor agora.

— Estou — disse ele. — Pam tem bastante a ver com isso. Posso lhe contar uma coisa a respeito dela que você talvez já saiba?

— Claro — respondi, torcendo para que ele não fosse compartilhar comigo o fato de ela às vezes rir bem com o fundo da garganta quando gozava.

— Ela é muito perspicaz, mas tem pouco tato — disse Tom. — É uma mistura estranhamente cruel.

Fiquei calado... mas não necessariamente porque achasse que ele não tinha razão.

— Ela me deu um sermão brabo sobre como eu deveria me cuidar melhor há pouco tempo, e deu certo.

— Foi?

— Foi. E, pelo que eu estou vendo, me parece que você vai levar um sermão também, Edgar. Acho que vou procurar seu amigo Kamen e bater um papo com ele. Com licença.

As meninas e Ric observavam *Wireman Olhando para o Oeste* e conversavam com animação. Pam, no entanto, estava parada mais ou menos no meio da fileira de telas da série *Garota e Navio,* que pendiam do teto como cartazes de cinema, e parecia perturbada. Não exatamente nervosa, apenas perturbada. Confusa. Ela me chamou com um gesto e, assim que cheguei lá, não perdeu tempo.

— A garotinha nesses quadros é Ilse? — Ela apontou para o *No. 1*. — A princípio, achei que essa ruiva fosse a boneca que o dr. Kamen lhe deu depois do acidente, mas Ilse tinha um vestido de jogo da velha como esse quando era pequena. Eu o comprei na Rompers. E *esse* aqui... — Ela apontou para o *No. 3*. — Eu posso jurar que esse era o vestido que ela usou quando entrou para a primeira série... o que estava usando quando quebrou a droga do braço naquela noite depois da corrida de Stock Car.

E foi assim que aconteceu. Pelo que eu me lembrava, ela quebrara o braço quando estávamos voltando da igreja, mas isso era apenas um pequeno passo em falso na grande dança da memória. Havia coisas mais importantes. Uma era que Pam estava em uma posição

privilegiada para ver através de grande parte da fumaça e dos espelhos que críticos gostam de chamar de arte — pelo menos no meu caso. Nesse sentido, e provavelmente em muitos outros, ela ainda era minha mulher. Parecia que, no fim das contas, somente o tempo pode emitir uma certidão de divórcio. E que ele seria, na melhor das hipóteses, parcial.

Eu a virei para mim. Estávamos sendo observados por uma boa quantidade de pessoas e imagino que, para elas, parecíamos dois amantes E, de certa forma, éramos. Lancei um olhar breve para seus olhos arregalados e espantados e então sussurrei no seu ouvido.

— Sim, a garota no barco a remo é Ilse. Nunca esteve nos meus planos colocá-la ali, porque eu nunca planejei *nada.* Eu nem mesmo sabia que iria pintar esses quadros antes de começá-los. E, por ela estar de costas, ninguém jamais saberá disso a não ser que um de nós dois conte. E eu não vou contar. Mas... — Eu me afastei. Seus olhos ainda estavam arregalados, seus lábios abertos como se esperassem um beijo. — O que Ilse falou?

— A coisa mais estranha do mundo. — Ela me pegou pela manga, conduzindo-me até *o No. 7* e o *No. 8.* Nos dois, a Garota do Barco a Remo usava o vestido verde com fitas que se entrelaçavam nas suas costas nuas. — Ilse falou que você deve estar lendo a mente dela, pois ela encomendou um vestido assim à Newport News essa primavera.

Ela olhou de volta para as telas. Eu fiquei calado ao seu lado e deixei que ela as observasse.

— Não gosto dessas, Edgar. Não são como as outras, e eu não gosto delas.

Pensei em Tom Riley dizendo *A sua ex é muito perspicaz, mas tem pouco tato.*

Pam baixou a voz.

— Você não sabe algo sobre Ilse que não deveria saber, sabe? Do mesmo jeito que sabia...

— Não — falei, mas estava mais perturbado pelos quadros da série *Garota e Navio* do que nunca. Em parte, era por ver todos eles pendurados em fila; estranheza acumulada era como um soco.

Venda-os. Aquela era a opinião de Elizabeth. *Independente de quantos forem, você deve vendê-los.*

E eu conseguia entender por que ela achava aquilo. Não gostava de ver minha filha, nem mesmo sob o disfarce da criança que ela já não era há tempos, tão próxima daquele navio apodrecido. E, de certa forma, fiquei surpreso que Pam estivesse sentindo apenas perplexidade e inquietação. No entanto, é claro que as pinturas ainda não haviam tido a oportunidade de exercer sua influência sobre ela.

E não estavam mais em Duma Key.

Os mais jovens se juntaram a nós, Ric e Melinda com os braços em volta um do outro.

— Papai, o senhor é um gênio — disse Melinda. — Ric também acha, não é, Ric?

— Para dizer a verdade — disse Ric —, acho mesmo. Eu vim preparado para ser... educado. Em vez disso, estou tentando encontrar palavras para dizer como estou pasmo.

— É muita gentileza sua — falei. — *Merci.*

— Estou tão orgulhosa do senhor, pai — disse Ilse, me abraçando.

Pam girou os olhos e, naquele instante, eu teria lhe dado um tabefe com o maior prazer. Em vez disso, envolvi Ilse nos meus braços e beijei o topo da sua cabeça. Enquanto fazia isso, a voz de Mary Ire se ergueu da entrada da Scoto em um grito enrouquecido pelo cigarro e cheio de incredulidade e surpresa.

— *Libby Eastlake! Não acredito nos meus malditos olhos!*

Foi nos meus ouvidos que eu não acreditei, porém, quando uma chuva espontânea de aplausos irrompeu da entrada, onde os verdadeiros aficionados tinham se reunido para bater papo e tomar um pouco de ar noturno fresco, compreendi por que Jack e Wireman haviam se atrasado.

v

— O quê? — perguntou Pam. — *O quê?* — Eu estava com ela de um lado e Illy do outro enquanto seguia em direção à porta; Linnie e Ric vinham em nosso encalço. Os aplausos ficaram mais altos. As pessoas se viravam em direção à porta e esticavam os pescoços para ver. — Quem chegou, Edgar?

— Meus melhores amigos na ilha. — Então, para Ilse: — Uma delas é aquela senhora que a gente viu na estrada, lembra? Ela acabou se mostrando a Filha do Poderoso Chefão, em vez de a Noiva. Seu nome é Elizabeth Eastlake e ela é um amor.

Os olhos de Ilse brilhavam de entusiasmo.

— A velhinha dos tênis azuis enormes!

A multidão — muitos ainda estavam aplaudindo — abriu passagem para nós e eu vi os três na área de recepção, onde duas mesas com uma tigela de ponche tinham sido montadas. Comecei a sentir alfinetadas nos olhos e um nó surgiu na minha garganta. Jack usava um terno cinza-escuro. Com sua juba geralmente desgrenhada de surfista domada, ele parecia ou um jovem executivo do Bank of America ou um aluno da sétima série excepcionalmente alto em uma apresentação do tipo "O que você vai ser quando crescer?". Wireman, que empurrava a cadeira de Elizabeth, usava um jeans desbotado sem cinto e uma camisa de linho branco de gola redonda que enfatizava seu bronzeado forte. Estava com o cabelo penteado para trás e eu percebi pela primeira vez que ele era bonitão, estilo Harrison Ford no final dos 40.

No entanto, foi Elizabeth quem roubou a cena; foi Elizabeth quem causou os aplausos, mesmo de novatos que não faziam a menor ideia de quem ela era. Ela usava um terninho preto de algodão cru folgado, porém elegante. Seu cabelo estava armado e preso por uma rede transparente que reluzia como diamantes sob os focos de luz da galeria. Um pingente de marfim enfeitava-lhe o pescoço em uma corrente de ouro e, nos seus pés, não se viam tênis azuis estilo Frankenstein, mas sandálias elegantes do mais escuro escarlate. Entre o segundo e o terceiro dedo da sua mão esquerda retorcida, havia um cigarro não aceso em uma piteira de ouro.

Ela olhava de um lado para outro, sorrindo. Quando Mary foi até a cadeira, Wireman parou de empurrá-la por tempo o suficiente para a mulher mais jovem beijar o rosto de Elizabeth e sussurrar em seu ouvido. Elizabeth escutou, assentiu e então sussurrou de volta. Mary grasniu uma risada, então acariciou o braço dela.

Alguém passou roçando em mim. Era Jacob Rosenblatt, o contador, com os olhos molhados e o nariz vermelho. Dario e Jimmy vinham atrás dele. Rosenblatt se ajoelhou diante da cadeira, seus joelhos ossudos estalando como uma pistola, e exclamou:

— Srta. Eastlake! Oh, srta. Eastlake, estamos há tanto tempo sem vê-la e agora... oh, que surpresa maravilhosa!

— E você, Jake — disse ela, aninhando sua cabeça careca no colo dela. Deitada ali, ela parecia um enorme ovo. — Está tão bonito quanto Bogart! — Ela me viu... e piscou. Eu pisquei de volta, mas não foi fácil manter minha expressão de felicidade. Apesar do sorriso, ela parecia abatida, terrivelmente cansada.

Olhei para Wireman e ele deu de ombros da forma mais discreta possível. *Ela insistiu,* aquilo dizia. Olhei então para Jack e recebi praticamente a mesma resposta.

Enquanto isso, Rosenblatt remexia seus bolsos. Por fim, tirou uma caixa de fósforos de papel tão surrada que parecia ter entrado nos Estados Unidos sem passaporte pela Ellis Island. Ele a abriu e rasgou um fósforo.

— Achei que fumar fosse contra as regras em todo tipo de espaço público hoje em dia — falou Elizabeth.

Rosenblatt deu de ombros. Uma vermelhidão subiu pelo seu pescoço. Quase esperei que sua cabeça explodisse. Finalmente, ele exclamou:

— As regras que se *fodam,* srta. Eastlake!

— *BRAVÍSSIMO!* — gritou Mary, rindo e jogando as mãos para o teto, e, depois disso, houve outra salva de palmas. Uma terceira maior ainda veio quando Rosenblatt finalmente

conseguiu acender o fósforo velho e o estendeu para Elizabeth, que colocou sua piteira entre os lábios.

— Quem é ela, papai? — perguntou Ilse baixinho. —- Além da senhorinha que mora lá em cima, quero dizer.

Eu disse:

— Segundo minhas informações, houve uma época em que ela *era* cena artística de Sarasota.

— Não entendo por que isso lhe dá o direito de entupir os *nossos* pulmões com a fumaça do cigarro *dela* — disse Linnie. A linha vertical estava reaparecendo entre as suas sobrancelhas.

Ric sorriu.

— Oh, *chérie,* depois de todos os bares em que nós...

— *Não* estamos *lá* — disse ela, a linha vertical se aprofundando, e eu pensei: *Ric, você pode ser francês, mas ainda tem muito que aprender sobre esta americana.*

Alice Aucoin murmurou algo para Dario e, do seu bolso, ele tirou uma latinha de pastilhas de menta Altoids. Então, despejou as pastilhas na palma da mão e entregou a latinha para Alice. Alice a entregou para Elizabeth, que lhe agradeceu e bateu a cinza do cigarro dentro dela.

Pam ficou observando, fascinada, e então se voltou para mim.

— O que *ela* acha dos seus quadros?

— Não sei — respondi. — Ela ainda não os viu.

Elizabeth estava acenando para mim.

— Você não vai me apresentar para a sua família, Edgar?

Então, eu a apresentei, começando por Pam e terminando com Ric. Jack e Wireman também apertaram as mãos de Pam e das meninas.

— Depois de todos aqueles telefonemas, fico feliz em conhecê-la ao vivo — disse

Wireman a Pam.

— Eu digo o mesmo — falou Pam, olhando-o de cima a baixo. Deve ter gostado do que viu, pois deu um sorriso, e foi dos verdadeiros, do tipo que ilumina todo o seu rosto. — Conseguimos, não foi? Ele não facilitou as coisas, mas nós conseguimos.

— A arte nunca é fácil, minha jovem — disse Elizabeth.

Pam baixou os olhos para ela, ainda com seu sorriso genuíno no rosto — aquele pelo qual eu me apaixonara.

— Sabe há quanto tempo ninguém me chama de jovem?

— Ah, mas você me parece muito jovem e bonita — disse Elizabeth... e poderia aquela mulher ser a mesma que mal passava de um pedaço murmurante de queijo em sua cadeira de rodas apenas uma semana atrás? Naquela noite, era difícil acreditar nisso. Por mais cansada que ela parecesse, era inacreditável. — Porém, não tão jovem e bonita quanto suas filhas. Meninas, o pai de vocês é, em todos os aspectos, um homem muito talentoso.

— Temos muito orgulho dele — disse Melinda, torcendo seu colar.

Elizabeth sorriu para ela, então se voltou para mim.

— Eu gostaria de ver o trabalho e tirar minhas próprias conclusões. Você me faria essa gentileza, Edgar?

— Com prazer. — Fui sincero, mas também estava nervoso pra cacete. Esta parte estava com medo de que ela balançasse a cabeça e desse seu veredicto com a franqueza que a idade lhe conferia: *Fluente... cores vivas... sem dúvida cheio de energia... mas talvez não seja nada de mais. No fim das contas.*

Wireman fez menção de pegar os cabos da sua cadeira, porém ela balançou a cabeça.

— Não... deixe que Edgar me empurre, Wireman. Deixe-o conduzir o meu tour. — Ela arrancou o cigarro fumado pela metade da piteira, seus dedos retorcidos fazendo aquilo com uma destreza surpreendente, e o apagou, amassando-o no fundo da latinha. — E a jovem está certa, acho que já aguentamos bastante *este* fedor.

Melinda fez a gentileza de ruborizar. Elizabeth estendeu a latinha para Rosenblatt, que a pegou, abrindo um sorriso e meneando a cabeça. Desde então, eu venho me perguntando — sei que é mórbido, mas venho me perguntando — se ela o teria fumado mais se soubesse que seria o seu último.

Mesmo os que não saberiam diferenciar a filha sobrevivente de John Eastlake de um buraco na parede compreenderam que uma Personalidade estava entre eles, e a maré de gente que tinha ido até a área de recepção ao som do grito exuberante de Mary Ire começou a voltar enquanto eu empurrava a cadeira de rodas até o canto em que a maioria das telas da série *Pôr do Sol com* havia sido pendurada. Wireman e Pam andavam à minha esquerda; Ilse e Jack, à minha direita, com Ilse dando tapinhas no cabo da cadeira deste lado para garantir que ela continuaria no caminho certo. Melinda e Ric estavam atrás de nós, Kamen, Tom Riley e Bozie, atrás deles. Às costas deste trio, vinha aparentemente todo o resto da galeria.

Não sabia ao certo se haveria espaço suficiente para a cadeira passar entre o balcão improvisado do bar e a parede, mas ela passou, por pouco. Comecei a empurrá-la pelo corredor estreito, grato por estarmos pelo menos deixando o restante do séquito para trás, quando Elizabeth exclamou:

— *Pare!*

Eu parei imediatamente.

— Elizabeth, você está bem?

— Só um instante, querido; silêncio.

Ficamos parados ali, observando os quadros nas paredes. Depois de alguns segundos, ela suspirou e disse:

— Wireman, você tem um lenço?

Ele tinha um lenço, que desdobrou e estendeu para ela.

— Dê a volta, Edgar — disse ela. — Venha para onde eu consiga vê-lo.

Eu consegui dar a volta entre a cadeira e o balcão, com o barman segurando a mesa para garantir que ela não virasse.

— Você consegue se ajoelhar para que eu possa encará-lo de frente?

Eu conseguia. Minhas Grandes Caminhadas pela Praia estavam dando lucro. Ela agarrou sua piteira — de forma ao mesmo tempo tola e magnífica — em uma das mãos e o lenço de Wireman em outra. Seus olhos estavam úmidos.

— Você leu poemas para mim porque Wireman não conseguia. Lembra-se disso?

— Sim, senhora. — Claro que eu me lembrava. Aqueles tinham sido doces interlúdios.

— Se eu lhe dissesse "Fala, memória", você pensaria no homem, não me lembro o nome dele, que escreveu *Lolita,* não pensaria?

Não fazia ideia do que ela estava falando, mas assenti.

— Mas tem um poema, também. Não consigo me lembrar quem o escreveu, mas começa assim: "Fala, memória, que eu não esquecerei o gosto das rosas, ou o som das cinzas no vento; Que eu voltarei a sentir o gosto do cálice verde do mar." Ele mexe com você? Sim, estou vendo que mexe.

A mão que segurava a piteira estava aberta. Então, ela se estendeu e acariciou meus cabelos. Ocorreu-me (e ocorre-me desde então) que toda minha luta para viver e reconquistar algo parecido comigo mesmo talvez tenha sido recompensada pelo simples toque da mão daquela senhora. A maciez erodida da sua palma. A força vergada daqueles dedos.

— Arte é memória, Edgar. Não há maneira mais simples de explicar. Quanto mais clara a memória, melhor a arte. Mais pura ela é. Essas pinturas... elas partem meu coração e então o renovam. Como fico feliz em saber que elas foram feitas em Salmon Point. Independente de

qualquer coisa. — Ela ergueu a mão com a qual acariciara minha cabeça. — Como você chama esse?

— *Pôr do Sol com Feijão-da-Praia.*

— E esses aqui são... o quê? *Pôr do Sol com Concha, Números 1* ao *4?*

Eu sorri.

— Bem, são 16, na verdade, começando com os desenhos a lápis de cor. Tem alguns deles na entrada. Separei as melhores pinturas a óleo para cá. Elas são surrealistas, eu sei, mas...

— Elas não são surrealistas, são clássicos. Qualquer idiota consegue ver isso. Contêm todos os elementos: terra... ar... água... fogo.

Vi Wireman fazer com a boca: *Não vá cansá-la.*

— Por que não fazemos um pequeno tour pelo restante das telas e depois eu lhe trago uma bebida gelada? — perguntei a ela, ao que Wireman assentiu e fez um círculo com o polegar e o indicador para mim. — Está quente aqui, mesmo com o ar-condicionado.

— Está bem — disse ela. — Estou *mesmo* um pouco cansada. Mas Edgar?

— Sim?

— Deixe os quadros dos navios por último. Depois deles, eu vou *precisar* de uma bebida. Talvez no escritório. Só uma, mas algo mais forte do que Co'-Cola.

— Pode deixar — falei, retornando para trás da cadeira.

— Dez minutos — sussurrou Wireman no meu ouvido. — Não mais que isso. Quero tirá-la daqui antes que Gene Hadlock a veja, se possível. Se a vir aqui, ele vai ficar puto dentro das calças. E você sabe quem vai levar a pior.

— Dez — concordei, empurrando Elizabeth até o salão do bufê para que ela visse as telas que estavam ali. A multidão continuava vindo. Mary Ire começara a fazer anotações. Ilse passou uma das mãos pela dobra do meu cotovelo e sorriu para mim. Eu sorri de volta, mas estava tendo aquela sensação de estar em um sonho novamente. Do tipo que pode se transformar em um pesadelo a qualquer momento.

Elizabeth exclamou diante de *Eu Vejo a Lua* e da série intitulada *Duma Road*; no entanto, foi a maneira como ela estendeu as mãos para *Rosas Crescendo das Conchas,* como se

quisesse abraçar a tela, que me deu arrepios. Ela baixou os braços novamente e olhou por sobre o ombro para mim.

— Essa é a essência de lá — disse ela. — A essência de Duma. O motivo pelo qual aqueles que viveram lá por algum tempo nunca vão embora de verdade. — Ela olhou para o quadro novamente e assentiu. — *Rosas Crescendo das Conchas*. É exatamente isso.

— Obrigado, Elizabeth.

— Não, Edgar, *eu* que agradeço.

Olhei para trás em busca de Wireman e o vi conversando com aquele outro advogado da minha outra vida. Eles pareciam estar se dando muito bem. Só esperava que Wireman não pisasse na bola e o chamasse de Bozie. Então, me voltei para Elizabeth novamente. Ela ainda observava a tela, secando os olhos.

— Adorei isso — disse ela —, mas é melhor continuarmos.

Após ter visto as demais pinturas e desenhos no salão de bufê, ela disse, como se falasse consigo mesma:

— É claro que eu sabia que alguém viria. Mas jamais poderia imaginar que essa pessoa

conseguiria produzir obras tão poderosas e tão cheias de ternura.

Jack cutucou meu ombro, então se inclinou para sussurrar no meu ouvido.

— O dr. Hadlock entrou no recinto. Wireman quer que você dê uma acelerada, se possível.

A galeria principal — onde a série *Garota e Navio* estava pendurada — ficava a caminho do escritório, e Elizabeth poderia sair pela entrada de serviço dos fundos depois de tomar seu drinque; na verdade, seria até mais conveniente para sua cadeira de rodas. Hadlock poderia acompanhá-la, se quisesse. Contudo, eu estava com medo de conduzi-la por aquela série, e já não era com sua avaliação crítica que eu estava preocupado.

— Ande — disse ela, retinindo seu anel de ametista contra o braço da cadeira de rodas. — Vamos ver logo esses quadros.

— Está certo — falei, começando a empurrá-la em direção à galeria principal.

— Tudo bem, Eddie? — perguntou Pam baixinho.

— Tudo — respondi.

— Não está, não. O que houve?

Apenas balancei a cabeça. Entramos no salão principal. As telas estavam suspensas a cerca de um metro e oitenta de altura; nada além delas obstruía a sala. As paredes, cobertas com um material áspero e marrom que parecia aniagem, estavam nuas exceto por *Wireman Olhando para o Oeste.* As rodas da cadeira não faziam barulho no carpete azul-claro. O murmúrio da multidão às nossas costas parara, ou então meus ouvidos o haviam bloqueado. Era como se eu visse as telas pela primeira vez e elas pareciam estranhamente *stills* separados de um rolo de película. Estavam todas um pouco mais claras, um pouco mais em foco, porém, no fundo, continuavam as mesmas: sempre o mesmo navio que eu vislumbrara pela primeira vez em um sonho. Era sempre o mesmo pôr do sol e a luz que preenchia o oeste era sempre uma bigorna vermelha titânica que espalhava sangue pela água e infectava o céu. O navio era um cadáver de três mastros, algo que viera navegando de um leprosario dos mortos. Suas velas eram trapos. Seu convés estava deserto. Havia algo de terrível em cada ângulo e, embora fosse impossível dizer o que era exatamente, você temia pela menina sozinha em seu barco a remo, a garotinha que aparecia primeiro com um vestido de jogo da velha, a garotinha boiando no golfo escuro como vinho.

Naquela primeira versão, o ângulo do navio da morte não permitia ver nada do seu nome. No *Garota e Navio No. 2*, o ângulo era mais favorável, porém a garotinha (ainda com os cabelos ruivos falsos e usando o vestido de bolinhas de Reba) tapava todas as letras, menos o *P*. No terceiro, o *P* se tornara *PER* e Reba se tornara claramente Ilse, mesmo de costas. O lança-arpão de John Eastlake estava sobre o barco a remo.

Se Elizabeth o reconheceu, não quis demonstrar. Eu a empurrei lentamente pela fileira de telas à medida que o navio ficava maior e mais próximo, seus mastros negros erguendo-se como dedos, suas velas frouxas como carne morta. O céu brilhava como uma fornalha pelos buracos na lona. Àquela altura, o nome no espelho de popa já era *PERSE.* Poderia haver mais letras, havia espaço para tanto, mas, se houvesse, estavam encobertas pelas sombras. Na tela intitulada *Garota e Navio No. 6* (em que o navio assomava diante do barco a remo), a

garotinha usava o que parecia ser um maio estilo regata com uma listra amarela em volta da gola. Nesta, seu cabelo estava alaranjado; era a única Garota do Barco a Remo cuja identidade não me parecia clara. Talvez fosse Ilse, uma vez que nas outras era ela... no entanto, eu não estava totalmente convencido. Naquela sexta tela, as primeiras pétalas de rosa tinham começado a aparecer na água (além de uma solitária bola de tênis com as letras DUNL gravadas) e uma estranha coleção de quinquilharias estava empilhada no convés: um espelho alto (que, ao refletir o sol, parecia repleto de sangue), um cavalo de balanço de brinquedo, um baú de viagem, uma pilha de sapatos. Os mesmos objetos apareciam no *No. 7* e no *No. 8,* nos quais vários outros se juntaram a eles — uma bicicleta de menina recostada no mastro de proa, um monte de pneus empilhados na popa, uma ampulheta enorme no meio da embarcação. Esta última também refletia o sol e parecia cheia de sangue, em vez de areia. No *Garota e Navio No. 8,* havia mais pétalas de rosa flutuando entre o barco a remo e o *Perse.* Havia mais bolas de tênis, também, no mínimo meia dúzia. E uma coroa de flores em decomposição estava pendurada no pescoço do cavalo de balanço. Quase dava para sentir seu perfume forte e desagradável no ar parado.

— *Deus* do céu — sussurrou Elizabeth. — Ela ficou tão forte. — A cor que antes havia no seu rosto desapareceu completamente. Ela não parecia ter 85 anos, mas sim 200.

Quem? Tentei perguntar, porém nada saiu da minha boca.

— Senhora... srta. Eastlake... tente não se cansar demais — disse Pam.

Eu pigarreei. Então disse:

— Quer que eu lhe traga um copo d’água?

— Eu pego, pai — falou Illy.

Elizabeth ainda olhava para o *Garota e Navio No. 8*.

— Quantos desses... desses suvenires... você reconhece? — perguntou ela.

— Nenhum... minha imaginação... — Caí em silêncio. A garota no barco a remo no *No. 8* não era nenhum suvenir, mas *era* Ilse. O vestido verde, com as costas nuas e as fitas entrelaçadas, parecera-me destoante, sexy demais para uma garotinha, e então eu soube por quê: era um vestido que Ilse comprara há pouco, através de um catálogo enviado por correio, e ela já não era mais uma garotinha. Não obstante as bolas de tênis ainda eram um mistério para mim, o espelho não significava nada e tampouco o monte de pneus. E eu não sabia ao certo se a bicicleta recostada no mastro de popa era a de Tina Garibaldi, embora temesse que sim... e, de alguma maneira, meu coração tivesse certeza.

A mão de Elizabeth, terrivelmente fria, pousou sobre o meu punho.

— Não tem nenhum selo na armação deste aqui.

— Não sei do que você está...

Ela apertou mais forte.

— Sabe, *sim.* Sabe *exatamente* do que eu estou falando. O objetivo da exposição é *vender,* Edgar, você acha que eu sou cega? Havia um selo em cada um dos quadros que olhamos, até no *No. 6,* com a minha irmã Adie no barco a remo, mas neste aqui, não.

Olhei de volta para o *No. 6,* no qual a Garota do Barco a Remo tinha cabelos cor de laranja.

— Essa é sua irmã?

Ela não deu ouvidos. Acho que nem chegou a me escutar. Toda sua atenção estava voltada para o *Garota e Navio No. 8.*

— O que você pretende fazer? Levá-lo de volta? *Você pretende levá-la de volta para Duma?* — Sua voz ressoou no silêncio da galeria.

— Senhora... srta. Eastlake... a senhorita realmente não deveria se agitar tanto — disse Pam.

Os olhos de Elizabeth se incendiaram em meio à pele flácida do seu rosto. Ela enterrou as unhas na pouca carne do meu punho.

— E vai fazer o quê com ele? Colocá-lo do lado de algum outro quadro que já tenha começado?

— Eu não comecei nenhum outro... — Ou será que começara? Minha memória estava brincando comigo novamente, como geralmente fazia em momentos de estresse. Se alguém tivesse me pedido para falar o nome do namorado francês da minha filha mais velha naquele momento, eu provavelmente teria dito René. Como o de Magritte. O sonho tinha mudado, sem dúvida; lá estava o pesadelo, chegando bem na hora marcada.

— *Daquele em que o barco a remo está vazio?*

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Gene Hadlock veio abrindo caminho aos empurrões pela multidão, acompanhado por Wireman, a quem Ilse seguia com um copo d'água nas mãos.

— Elizabeth, é melhor irmos andando — disse Hadlock.

Ele esticou a mão para pegar seu braço. Elizabeth a afastou para longe. Com o mesmo gesto, bateu no copo que Ilse estava começando a lhe oferecer e o mandou pelos ares, fazendo-o se estilhaçar contra uma das paredes nuas. Alguém gritou e, por incrível que pareça, uma mulher riu.

— Você está vendo o cavalo de balanço, Edgar? — Ela estendeu uma das mãos, que tremia muito. Suas unhas tinham sido pintadas de rosa-coral, provavelmente por Annmarie. — Ele era das minhas irmãs, Tessie e Laura. Elas o adoravam. Arrastavam aquela porcaria para todo canto. Ele ficava perto de Rampopo, a casinha do gramado lateral, depois que elas se afogaram. Meu pai não aguentava olhar para ele. Mandou que o jogassem ao mar durante o funeral. Junto com a coroa de flores, é claro. A que está em volta do pescoço do cavalo.

Silêncio, exceto pelo chiado dilacerante da sua respiração. Mary Ire observava com os olhos arregalados, sua obsessão por tomar notas interrompida, o bloco pendendo esquecido de uma das mãos ao longo do corpo. Sua outra mão erguida até a boca. Então, Wireman apontou uma porta escondida com bastante astúcia em meio àquele material marrom parecido com aniagem e foi Jack quem acabou assumindo o comando.

— Vou tirá-la daqui num instante, srta. Eastlake — disse ele. — Sem grilo. — Ele agarrou os cabos da cadeira de rodas.

— *Olhe para o rastro do navio!* — gritou Elizabeth para mim, enquanto era conduzida para além dos olhos do público pela última vez. — *Pelo amor de Deus, não está vendo o que você pintou?*

Eu olhei. E minha família também.

— Não tem nada ali — disse Melinda. Ela olhou desconfiada em direção à porta do escritório, que estava acabando de se fechar atrás de Eizabeth. — Ela é biruta ou o quê?

Illy estava na ponta dos pés, esticando o pescoço para olhar mais de perto.

— Papai — disse ela, hesitante. — Aquilo são rostos? Rostos na água?

— Não — falei, surpreso com a firmeza da minha própria — Tudo que você está vendo é uma ideia que ela colocou na sua cabeça. Vocês podem me dar licença um instante?

— Claro — disse Pam.

— Posso ajudá-lo, Edgar? — perguntou Kamen com sua voz retumbante.

Eu abri um sorriso. Também fiquei surpreso com a facilidade que tive em sorrir. Parece que estar em choque tem lá suas utilidades.

— Não, obrigado. O médico dela está lá dentro.

Andei depressa em direção à porta, resistindo a um impulso de olhar para trás. Melinda não tinha visto; Ilse, sim. Meu palpite era que poucas pessoas conseguiriam ver, mesmo se alguém apontasse para elas... e, ainda assim, a maior parte acharia que não passava de

coincidência ou de uma pequena firula artística.

Aqueles rostos.

Aqueles rostos afogados gritando no rastro do navio sob o pôr do sol.

Tessie e Laura estavam ali, isso era quase certo, mas havia outros também, logo abaixo delas, onde o vermelho se tornava verde e o verde, preto.

Uma talvez fosse uma garota ruiva usando um antigo maio estilo regata: Adriana, a irmã mais velha de Elizabeth.

vii

Wireman estava lhe dando goles do que parecia água Perrier enquanto Rosenblatt se inquietava ao lado dela, literalmente torcendo as mãos. O escritório parecia lotado de gente.

Estava mais quente do que a galeria, e esquentando.

— Quero todos fora daqui! — disse Hadlock. — Todos menos Wireman! Agora! Agora mesmo!

Elizabeth afastou a taça com as costas da mão.

— Edgar — disse ela com uma voz rouca. — Edgar fica.

— Não, Edgar vai embora — disse Hadlock. — A senhorita já se agitou dema...

A mão dele estava na sua frente. Ela a agarrou e começou a apertá-la. Com alguma força, ao que parecia, pois Hadlock arregalou os olhos.

— *Fica* — Foi apenas um sussurro, mas bastante poderoso.

As pessoas começaram a sair. Ouvi Dario informando à multidão que se reunia diante do escritório que estava tudo bem, a srta. Eastlake tinha se sentido um pouco indisposta, mas seu médico estava lá e ela estava se recuperando. Jack estava saindo pela porta quando Elizabeth o chamou:

— Meu jovem!

Ele se virou.

— Não se esqueça — disse-lhe ela.

Ele abriu um breve sorriso e bateu continência.

— Não, senhora, pode deixar.

— Eu deveria ter pedido para você desde o início — falou ela, e Jack saiu. Então, com uma voz mais baixa, como se suas forças se esvaíssem. — Ele é um bom menino.

— Pedido o quê? — perguntou-lhe Wireman.

— Para ele procurar por uma determinada cesta de piquenique no sótão — disse ela. — Na foto do patamar da escada, Nan Melda a está segurando. — Ela me lançou um olhar de reprovação.

— Me desculpe — falei. — Eu lembro que você me disse, mas então... comecei a pintar e...

— Não posso culpá-lo — disse ela. Seus olhos recuaram até o fundo das órbitas. — Eu deveria ter adivinhado. É o poder dela. O mesmo poder que o atraiu até aqui, para começo de conversa. — Ela olhou para Wireman. — E você, também.

— Elizabeth, já chega — disse Hadlock. — Quero levá-la para o hospital e fazer alguns exames. E aproveitar para colocá-la um pouco no soro. Botar a senhorita para descansar.

— Muito em breve eu terei todo o descanso do mundo — disse-lhe ela, sorrindo. O sorriso expunha uma arcada grande e um tanto pavorosa de dentes postiços. Seu olhar se voltou para mim. — Um, dois, feijão com arroz — falou Elizabeth. — Para ela, tudo não passa de uma brincadeira. Toda a nossa tristeza. E ela despertou novamente. Sua mão fria, pousada sobre o meu antebraço. — Edgar, *ela despertou novamente!*

— Quem? Quem, Elizabeth? Perse?

Ela estremeceu para trás em sua cadeira. Foi como se uma corrente elétrica estivesse atravessando seu corpo. A mão no meu braço apertou mais forte. Suas unhas pintadas de rosa-coral se enfiaram na minha pele, deixando nela um quarteto de meias-luas vermelhas. Sua boca se abriu, revelando os dentes em um rosnado, em vez de um sorriso. Sua cabeça se jogou para trás e eu ouvi algo estalar dentro dela.

— Segure a cadeira antes que ela vire! — rugiu Wireman, porém não havia como. Eu tinha só um braço, e Elizabeth o agarrava. Estava atracada nele.

Hadlock agarrou um dos cabos e a cadeira girou para o lado em vez de cair para trás. Ela bateu na mesa de Jimmy Yoshida. Àquela altura, Elizabeth estava totalmente convulsionada, agitando-se para a frente e para trás em sua cadeira como um fantoche. Seu pé teve um espasmo e uma de suas sandálias escarlates saiu voando. *Os anjos querem usar meus sapatos vermelhos,*[24] pensei, e, como se evocado pelos versos, sangue jorrou de seu nariz e boca.

— *Segure-a!* — gritou Hadlock, e Wireman se jogou sobre os braços da cadeira.

Ela fez isso, pensei com frieza. *Perse. Quem quer que ela seja.*

— Peguei ela! — disse Wireman. — Ligue para a emergência, doutor, pelo amor de Deus.

Hadlock deu a volta correndo na mesa, pegou o telefone, discou e ficou ouvindo.

— Merda! Só consigo sinal de chamada!

Agarrei o fone da mão dele.

— Você tem que discar 9 para linha externa — falei, discando com o fone preso entre a orelha e o ombro. E quando uma mulher de voz calma do outro lado da linha me perguntou qual era a natureza da emergência, consegui dizer a ela. Foi o endereço que não fui capaz lembrar. Até o nome da galeria tinha me fugido à cabeça.

Entreguei o telefone para Hadlock e voltei para o outro lado da até Wireman.

— Deus do céu — falou ele. — Eu *sabia* que não deveríamos tê-la trazido, eu *sabia*... mas ela insistiu *tanto*.

— Ela apagou? — Olhei para ela, esparramada na cadeira. Seus olhos estavam abertos, mas fitavam inexpressivos algum ponto do outro lado da sala. — Elizabeth? — Não houve resposta.

— Foi um derrame? — perguntou Wireman. — Nunca imaginei que eles pudessem ser tão violentos.

— Não foi derrame nenhum. Alguma coisa a calou. Vá para o hospital com ela...

— É claro que eu...

— E se ela disser alguma coisa, *preste atenção*.

Hadlock voltou.

— Eles estão esperando por ela no hospital. Uma ambulância chegará a qualquer momento. — Ele olhou feio para Wireman, então sua expressão se suavizou. — Ah, tudo bem — disse ele.

— Ah, tudo bem? — perguntou Wireman. — O que significa esse ah, tudo bem?

— Significa que se algo dessa espécie tinha que acontecer — disse Hadlock —, onde você acha que ela *gostaria* que acontecesse? Em casa na cama ou em uma das galerias em que ela passou tantos dias e tantas noites felizes?

Wireman inspirou fundo, trêmulo, soltou o ar, assentiu e então se ajoelhou ao lado dela, começando a acariciar seus cabelos. O rosto de Elizabeth estava vermelho em alguns pedaços e inchado, como se ela estivesse sofrendo uma forte reação alérgica.

Hadlock se curvou e inclinou a cabeça dela para trás, tentando diminuir seu ronco terrível. Pouco depois, ouvimos as sirenes da ambulância se aproximando.

A exposição continuou e eu segurei as pontas, em parte por conta de todo o esforço que Dario, Jimmy e Alice haviam depositado nela, mas, principalmente, por Elizabeth. Achei que ela teria desejado aquilo. Meu momento sob o sol, como ela diria.

Não fui para o jantar de comemoração que veio em seguida, no entanto. Dei minhas desculpas, então mandei Pam e as meninas, juntamente com Kamen, Kathi e outros convidados de Minneapolis no meu lugar. Ao vê-los indo embora com seus carros, percebi que não tinha arranjado carona para o hospital. Enquanto estava parado diante da galeria, me perguntando se Alice Aucoin já havia partido, um Mercedes caindo aos pedaços de velho parou do meu lado e a janela do carona deslizou para baixo.

— Entre — disse Mary Ire. — Se estiver indo para o Sarasota Memorial, eu deixo você lá. — Ela viu que eu hesitei e abriu um sorriso torto para mim. — Mary bebeu muito pouco esta noite, eu garanto, e, de qualquer forma, o tráfego em Sarasota passa de engarrafado para quase zero depois das dez, horário em que os velhinhos tomam seus uísques com Prozac e então se enrolam nas cobertas para assistir a Bill O'Reilly na TiVo.

Eu entrei. A porta fez um som metálico ao fechar e, por um momento apavorante, achei

que minha bunda só pararia de descer quando chegasse à própria Palm Avenue. Por fim, parei de me mover para baixo.

— Ouça, Edgar — disse ela. — Ainda posso chamá-lo de Edgar?

— É claro.

Ela assentiu.

— Maravilha. Não consigo me lembrar com tanta clareza em que termos estávamos quando nos despedimos. Às vezes, quando eu bebo demais... — Ela encolheu seus ombros ossudos.

— Estamos bem.

— Que bom. Quanto a Elizabeth... nem tanto. Não é?

Balancei a cabeça, sem confiança o suficiente para falar. As ruas estavam quase desertas, conforme prometido. Nas calçadas, não havia vivalma.

— Ela e Jack Rosenblatt tiveram alguma coisa por um tempo. Era bem sério.

— O que aconteceu?

Mary deu de ombros.

— Não sei dizer ao certo. Se você me forçasse a dar palpite, eu diria que no fim das contas, ela estava acostumada demais a ser sua própria amante para ser amante de outra pessoa. Quero dizer, a menos que fosse por meio expediente. Mas Jake nunca conseguiu esquecê-la.

Lembrei-me dele falando *As regras que se fodamy srta. Eastlake!* e me perguntei como costumava chamá-la na cama. Certamente não de srta. Eastlake. Aquela era uma especulação triste e inútil.

— Talvez seja melhor assim — disse Mary. — Ela estava decadente Se você a tivesse conhecido no auge, Edgar, saberia que não era o tipo de mulher que gostaria de terminar dessa forma.

— Eu gostaria de tê-la conhecido nessa época.

— Posso fazer alguma coisa pela sua família?

— Não — falei. — Eles vão jantar com Dario e Jimmy e o estado inteiro de Minnesota. Eu me juntarei a eles mais tarde, se puder, talvez para a sobremesa, e estamos todos hospedados no Ritz. Na pior das hipóteses, eu os vejo pela manhã.

— Está ótimo. *Eles* parecem ótimos. E compreensivos.

Pam, na verdade, parecia mais compreensiva naquele momento do que antes do divórcio. É claro que eu estava na Flórida pintando e não gritando com ela em Minnesota. Ou tentando esfafeá-la com uma fafa de plástico.

— Eu vou elogiar a sua exposição até dizer chega, Edgar. Duvido que isso signifique alguma coisa para você hoje à noite, mas talvez signifique mais tarde. As pinturas são simplesmente extraordinárias.

— Obrigado.

Mais adiante, as luzes do hospital brilhavam na escuridão. Havia um restaurante Waffle House bem ao lado dele. Provavelmente um bom negócio para a unidade cardíaca.

— *Você* pode transmitir meu amor a Libby, se ela estiver em condições de registrar esse

tipo de coisa?

— Claro.

— E tenho uma coisa para você. Está no porta-luvas. Na pasta de documentos. Eu iria usá-la como isca para uma segunda entrevista, mas que se dane.

Tive alguns problemas com o botão do porta-luvas do carro velho, mas a portinha finalmente se abriu como a boca de um cadáver. Havia muito mais do que uma pasta de documentos lá dentro — um geólogo poderia ter colhido amostras que provavelmente remontariam a 1965 —, porém a pasta estava na frente e trazia meu nome impresso.

Enquanto parava diante do hospital, em uma vaga marcada 5 MINUTOS DESPACHO E ENTREGA, Mary disse:

— Prepare-se para ficar surpreso. Uma ex-copidesque amiga minha caçou isso para mim. Ela é mais velha do que Libby, mas ainda está lúcida.

Dobrei as presilhas para trás e tirei duas páginas xerocadas de uma matéria de jornal antiquíssima.

— Isso — disse Mary — é do *Weekly Echo* de Port Charlotte. Junho de 1925. Só pode

ser a matéria que minha amiga Aggie leu, e eu nunca consegui encontrá-la porque nunca procurei tão ao sul quanto em Port Charlotte. Além disso, o *Weekly Echo* bateu as botas em 1931.

A luz do poste diante do qual ela estacionara não era forte o suficiente para as letras miúdas, mas consegui ler a manchete e ver a fotografia. Fiquei olhando por um bom tempo.

— Isso significa alguma coisa para você, não é? — perguntou ela.

— Significa. Só não sei o quê.

— Se descobrir, você conta para mim?

— Conto — falei. — E talvez você até acredite. Mas, Mary... essa é uma história que jamais poderá ser publicada. Obrigado pela carona. E obrigado por vir à minha exposição.

— Os dois foram um prazer. Não se esqueça de transmitir meu amor a Libby.

— Deixe comigo.

No entanto, não pude fazê-lo. Tinha visto Elizabeth Eastlake pela última vez.

ix

A enfermeira de plantão na UTI me informou que Elizabeth estava na sala de cirurgias. Quando eu lhe perguntei o motivo, ela respondeu que não sabia ao certo. Olhei em volta da sala de espera.

— Se estiver procurando pelo sr. Wireman, acho que ele foi pegar café na lanchonete — disse a enfermeira. — Ela fica no quarto andar.

— Obrigado. — Comecei a me afastar, então girei o corpo de volta. — O dr. Hadlock faz parte da equipe cirúrgica?

— Creio que não — disse ela —, mas ele está observando.

Agradeci novamente e fui procurar Wireman. Encontrei-o em um canto afastado da lanchonete, sentado diante de um copo de papel de café mais ou menos do tamanho de um projétil de morteiro da Segunda Guerra. Com exceção de um punhado de enfermeiras e serventes e uma família que parecia tensa na outra ponta do salão, estávamos sozinhos. A maioria das cadeiras estava virada em cima das mesas e uma senhora de aparência cansada, usando um uniforme de Tergal, trabalhava com um esfregão. Um iPod estava pendurado entre os seus seios.

— *Hola, mi vato* — disse Wireman, abrindo-me um sorriso. Seu cabelo, penteado com capricho para trás quando ele fez sua entrada com Elizabeth e Jack, caíra em volta das orelhas e havia círculos escuros em volta dos seus olhos. — Por que você não pega um café? Tem gosto dessas porcarias industrializadas, mas segura as pálpebras da gente em pé.

— Não, obrigado. Quero só um gole do seu. — Estava com três aspirinas no bolso da calça. Eu as fisguei e engoli com um pouco do café de Wireman.

Ele franziu o nariz.

— E dá-lhe germes para dentro. Que nojo.

— Eu tenho um sistema imunológico forte. Como ela está?

— Nada bem — Ele me encarou desoladamente.

— Chegou a recuperar os sentidos na ambulância? Falou mais alguma coisa?

— Falou.

— O quê?

Do bolso de sua camisa de linho, Wireman tirou um convite para a minha exposição, com **A VISTA DE DUMA** impresso de um lado. No outro, havia feito três anotações. Elas subiam e desciam no papel — por conta do chacoalhar da ambulância, imaginei —, mas consegui lê-las.

“A mesa está pingando.”

“Você vai querer, mas deve resistir.”

“Afogue-a para ela voltar a dormir.”

Eram todas sinistras, porém aquela última arrepiou a pele dos meus braços.

— Só isso? — perguntei, devolvendo-lhe o convite.

— Ela falou meu nome algumas vezes. Me reconheceu. E falou o seu também, Edgar.

— Dê uma olhada nisto — falei, deslizando a pasta de documentos pela mesa.

Wireman me perguntou onde eu tinha conseguido a matéria e eu respondi. Ele disse que aquilo tudo parecia bastante conveniente e eu dei de ombros. Estava me lembrando de algo que Elizabeth me dissera: *A água está mais rápida agora. Daqui a pouco a correnteza vai chegar*. Bem, a correnteza tinha chegado. E tinha a sensação de que aquilo era apenas o começo.

Meu quadril estava começando a melhorar um pouco, seus soluços da madrugada reduzidos a meras fungadelas. De acordo com a sabedoria popular, o cachorro é o melhor amigo do homem, mas eu votaria na aspirina. Puxei minha cadeira para o outro lado da mesa e me sentei ao lado de Wireman, onde pude ler a manchete: **BEBÊ DE DUMA KEY DESABROCHA APÓS QUEDA — SERÁ ELA UMA CRIANÇA PRODÍGIO?** Logo abaixo, uma foto. Nela, havia um homem que eu conhecia muito bem em um traje de banho que eu também conhecia muito bem: John Eastlake em sua encarnação mais magra e em melhor forma. Ele sorria e segurava nos braços uma garotinha sorridente. Era Elizabeth, parecendo ter a mesma idade que no retrato de família de Papai com Suas Filhinhas, mas, dessa vez, estendendo um desenho para a câmera com as duas mãos e com uma atadura de gaze em volta da cabeça. Havia outra garota, bem mais velha, na foto — Adriana, a irmã mais velha, que poderia, sim, ter sido ruiva —, contudo, a princípio, Wireman e eu mal prestamos atenção nela. Ou e John Eastlake. Ou mesmo no bebê com a cabeça enfaixada.

— Minha nossa — disse Wireman.

O desenho era de um cavalo olhando por cima de uma cerca. Ele trazia um sorriso estranho (e nada equino) nos lábios. Em primeiro plano, de costas, havia uma garotinha com um monte de cachinhos dourados, estendendo uma cenoura do tamanho de uma espingarda para o cavalo sorridente comer. Em ambos os lados, palmeiras emolduravam o desenho quase como cortinas de teatro. No céu, nuvens brancas fofas e um sol enorme, que emitia raios alegres de luz.

Era um desenho infantil, porém não havia dúvidas quanto ao talento que o havia criado. O cavalo tinha uma *joie de vivre* que tornava seu sorriso o clímax de uma piada muito engraçada. Você poderia colocar 12 estudantes de arte em uma sala, pedir-lhes para fazer um cavalo feliz e eu apostaria que nenhum deles conseguiria igualar o sucesso daquele desenho. Até mesmo a cenoura de tamanho exagerado não parecia um erro, mas sim parte da brincadeira, um intensificador, um esteroide artístico.

— *Não é* uma piada — murmurei, inclinando-me mais para perto... só que fazer isso não ajudou. Eu estava vendo aquele desenho através de quatro graus enervantes de desgaste: o da fotografia, o da reprodução dela no jornal, o da Xerox desta reprodução... e o provocado pelo próprio tempo. Mais de oitenta anos, neste último caso, se fiz as contas direito.

— O que não é uma piada? — perguntou Wireman.

— O jeito como o tamanho deste cavalo está exagerado. E a cenoura. Ou até mesmo os raios de sol. É o grito de alegria de uma criança, Wireman!

— É uma fraude, isso sim. Só pode ser. Ela teria *2 anos* nessa época. Uma criança de 2 anos não consegue fazer nem bonecos de pauzinhos e chamá-los de mamãe e papai, consegue?

— O que aconteceu com Candy Brown foi uma fraude? Ou o que aconteceu com a bala alojada no seu cérebro? A que não está mais lá?

Ele ficou calado.

Eu indiquei as palavras **CRIANÇA PRODÍGIO.**

— Olhe, eles até usaram o termo extravagante correto. Você não acha que se ela tivesse nascido pobre e negra eles a teriam chamado de **ABERRAÇÃO NEGRA** e a enfiado em um show de horrores qualquer? Porque eu acho que sim.

— Se ela tivesse nascido pobre e negra, jamais teria parado nos jornais. Ou caído de uma carrocinha puxada por um pônei, para começo de conversa.

— Foi isso que acon... — Eu me interrompi, meu olhar capturado novamente pela fotografia. Era para a irmã mais velha que eu estava olhando. Adriana.

— O que foi? — perguntou Wireman em um tom de *O que foi agora?*

— O maio dela. Ele lhe parece familiar?

— Não consigo enxergar muito, só a parte de cima. Elizabeth segurando o desenho na frente do resto.

— E quanto à parte que você consegue ver?

Ele olhou por um bom tempo.

— Bem que eu queria uma lupa.

— Provavelmente atrapalharia em vez de ajudar.

— Está bem, *muchacho,* ele me *parece* vagamente familiar... mas pode ser apenas uma ideia que você colocou na minha cabeça.

— Em todos os quadros da série *Garota e Navio,* só teve uma Garota do Barco a Remo

que eu nunca soube ao certo quem era: a do *No. 6*. A de cabelo alaranjado, com um maio estilo regata com a listra amarela na gola. — Indiquei a imagem borrada de Adriana na fotocópia que Mary Ire me dera. — É esta a garota. Este é o maio. Tenho certeza. E Elizabeth também tinha.

— Aonde queremos chegar com isso? — perguntou Wireman. Ele passava os olhos pela matéria, esfregando as têmporas. Perguntei se seu olho o incomodava.

— Não. É que... essa porra é tão... — Ele levantou a cabeça para mim, os olhos arregalados, ainda esfregando as têmporas. — Ela caiu da porra da carrocinha e bateu com a cabeça em uma pedra, ou pelo menos é o que diz aqui. Acordou na enfermaria quando eles estavam prestes transferi-la para o hospital de St. Pete. A partir daí, passou a ter crises convulsivas. "A Pequena Elizabeth continua tendo convulsões, embora elas estejam diminuindo e não lhe causem danos permanentes." E então ela começou a fazer desenhos!

Eu falei:

— O acidente deve ter acontecido logo depois que o retrato da família toda reunida foi tirado, porque ela está idêntica e bebês mudam rápido nessa idade.

Wireman não pareceu dar ouvidos.

— Estamos todos no mesmo barco — disse ele.

Comecei a lhe perguntar o que ele queria dizer, então percebi que não havia necessidade.

— *Sí, señor*.

— Ela caiu e bateu de cabeça. Eu dei um tiro na minha. A *sua* foi esmagada por uma escavadeira.

— Guindaste.

Ele fez um gesto com a mão para indicar que dava na mesma. Então, utilizou-a para agarrar meu punho sobrevivente. Seus dedos estavam gelados.

— Eu tenho perguntas, *muchacho*. Como ela parou de pintar? E como eu nunca comecei?

— Não sei dizer ao certo por que ela parou. Talvez tenha se esquecido como, bloqueado essa capacidade, ou talvez tenha mentido e negado deliberadamente. Quanto a você, seu talento é empatia. E, em Duma Key, empatia evoluiu para telepatia.

— Isso é conversa fia... — Ele se interrompeu no meio da frase.

Eu aguardei.

— Não — disse ele. — Não. Não é. E a verdade é que ela sumiu completamente. Quer saber de uma coisa, *amigo?*

— Claro.

Ele entortou um polegar em direção à família tensa do outro lado da lanchonete. Eles haviam retomado sua discussão. Papai estava balançando o dedo para Mamãe. Ou talvez fosse a Irmã.

— Alguns meses atrás, eu poderia lhe dizer do que se tratava todo aquele rebuliço. Agora, só posso dar um palpite razoável.

— E provavelmente acabar na mesma — falei. — Mesmo assim, você trocaria um pelo outro? Sua visão por uma ou outra transmissão de pensamento?

— De jeito nenhum! — disse ele, entortando a cabeça com um sorriso irônico, desesperador, enquanto corria os olhos pela lanchonete. — Não acredito que estamos tendo essa conversa, sabia? Fico pensando que vou acordar e será tudo como antes, tipo, à vontade, soldado Wireman, prepare-se para tomar ferro.

Eu o olhei nos olhos.

— Isso não vai acontecer.

x

Segundo o *Weekly Echo,* a Pequena Elizabeth (conforme o jornal a chamava em quase todas as ocasiões) iniciou seus esforços artísticos logo no primeiro dia de sua convalescença em casa. Pouco depois estava “ganhando habilidade e destreza a cada hora que passava, para o espanto de seu pai”. Ela começou com lápis de cor (“Isso lhe parece familiar?”, perguntou Wireman), antes de evoluir para uma caixa de aquarela que o perplexo John Eastlake trouxe de Veneza.

Durante os três meses que se seguiram ao acidente, a maior parte deles passada na cama, ela fizera literalmente centenas de aquarelas, pintando-as a uma velocidade tão grande que John Eastlake e as outras meninas acharam um pouco assustadora. (Se “Nan Melda” tinha alguma opinião a respeito, ela não foi publicada.) Eastlake tentou fazê-la diminuir o ritmo — ordens médicas —, porém isso se mostrou improdutivo. O resultado era irritação, crises de choro, insônia, acessos de febre. A Pequena Elizabeth dizia que quando não estava em condições de desenhar ou pintar, “sua cabeça doía”. Seu pai afirmou que, quando pintava, “ela

comia como um daqueles cavalos que ela gosta de desenhar". O autor da matéria, um certo M. Rickert, parecia achar aquilo adorável. Recordando minhas próprias comilanças, eu achava familiar até demais.

Eu estava lendo a impressão borrada pela terceira vez, com Wireman onde meu braço direito estaria se eu ainda o tivesse, quando a porta se abriu e Gene Hadlock entrou. Ele ainda estava com a gravata preta e a camisa rosa-shocking que usara na exposição, embora a gravata tivesse sido puxada para baixo e o colarinho, afrouxado. Ainda usava calça verde e os protetores de sapato também verdes da sala de cirurgia. Sua cabeça estava abaixada. Quando ergueu os olhos, eu vi um rosto longo e triste como o de um velho cão de caça.

— Foi às 23hl9 — disse ele. — Na verdade, nunca houve a menor chance.

Wireman colocou o rosto entre as mãos.

xi

Eu cheguei ao Ritz às quinze para a uma da manhã, mancando de cansaço e se vontade de estar lá. Queria estar na minha cama, no Casarão Rosa. Queria me deitar no meio dela, empurrar a

nova boneca estranha para o chão como o fizera com os travesseiros ornamentais e abraçar Reba. Queria me deitar ali e ficar olhando para o ventilador de teto. Acima de tudo, queria ouvir a conversa sussurrada das conchas debaixo da casa enquanto pegava no sono.

Em vez disso, tinha que lidar com aquele saguão de hotel: enfeitado demais, cheio demais de pessoas e música (piano-bar mesmo àquela hora da noite) e, principalmente, claro demais. Contudo, minha família estava ali. Havia perdido o jantar de comemoração. Não queria perder o café da manhã de comemoração.

Pedi minha chave ao atendente. Ele a entregou para mim, juntamente com uma pilha de mensagens. Abri uma por uma. A maioria me parabenizava. A de Ilse era diferente. Ela dizia: *O senhor está bem? Se não aparecer até as oito da manhã, vou sair para procurá-lo. Não diga que eu não avisei.*

Bem no fundo da pilha, havia uma mensagem de Pam. O bilhete em si tinha apenas quatro palavras: *Sei que ela morreu.* Tudo mais que precisava ser dito era expresso pelo objeto anexo. Era a chave do seu quarto.

Cinco minutos depois, estava parado diante do quarto 874 com a chave na mão. Eu a movia no sentido do buraco da fechadura, depois levava o dedo até a campainha e então olhava para trás, em direção aos elevadores. Devo ter ficado cinco minutos ou mais daquele jeito, cansado demais para me decidir, e poderia ter ficado mais tempo ainda, se não tivesse ouvido o barulho das portas do elevador se abrindo, seguido do som de risadas alegres e embriagadas. Tive medo de que pudesse ser alguém que eu conhecia — Tom e Bozie, ou Big Ainge e sua mulher. Talvez até Lin e Ric. No fim das contas, não tinha reservado o andar inteiro, mas ocupara a maior parte dele.

Enfiei a chave na fechadura. Era do tipo eletrônico, que você nem precisa girar. Uma luz verde se acendeu e, à medida que as risadas se aproximavam pelo corredor, eu entrei sorrateiramente no quarto.

Eu reservara uma suíte para ela, e a sala de estar era grande. Pelo jeito, uma festa pós-exposição tinha acontecido ali, pois havia duas mesas de serviço de quarto e vários pratos com restos de canapés. Eu divisei dois, não, três baldes de champanhe. Duas das garrafas estavam de cabeça para baixo, mortas em combate. A terceira ainda parecia estar viva, embora respirando por aparelhos.

Aquilo me fez pensar em Elizabeth novamente. Eu a via sentada ao lado da sua Vila de Porcelana, parecendo Katharine Hepburn em *A Mulher do Dia,* falando *Estão vendo como eu coloquei as crianças do lado de fora da escola! Venham ver!*

O sofrimento é o maior poder do amor. É o que diz Wireman.

Caminhei por entre as cadeiras nas quais meus entes mais próximos e queridos haviam se sentado, conversando, rindo e — não tinha dúvidas — brindando ao meu trabalho duro e ao sucesso. Peguei a última garrafa de champanhe da sua piscina, ergui-a na direção da janela de

parede inteira que revelava a baía de Sarasota e disse:

— A você, Elizabeth. *Hasta la vista, mi amada.*

— O que quer dizer *amada?*.

Eu me virei. Pam estava parada no batente da porta do quarto. Usava uma camisola azul da qual eu não me lembrava. Seu cabelo estava solto. Não o via tão longo desde que Ilse estava terminando o ensino fundamental. Batia-lhe nos ombros.

— Significa querida — falei. — Aprendi com Wireman. Ele foi casado com uma mexicana.

— Foi?

— Ela morreu. Quem lhe contou sobre Elizabeth?

— O rapaz que trabalha para você. Pedi para ele me ligar se tivesse alguma notícia. Sinto muito.

Eu sorri. Tentei pôr a garrafa de champanhe de volta no lugar e errei o balde. Ora essa, errei foi a mesa. A garrafa bateu no carpete e saiu rolando. A Filha do Poderoso Chefão tinha sido uma criança um dia, estendendo seu desenho de um cavalo sorridente para a câmera de um fotógrafo, que provavelmente era um sujeito espalhafatoso, com chapéu de palha e braçadeiras. Então, se tornou uma senhora de idade que passou os últimos momentos de sua vida sofrendo convulsões em ua cadeira de rodas, enquanto sua rede de cabelo, presa por um último grampo, se agitava sob as luzes fluorescentes do escritório de uma galeria de arte. E o tempo entre as duas coisas? Ele provavelmente não pareceu mais do que um gesto com a cabeça ou um aceno para o céu azul e límpido. No fim, acabamos todos nos espatifando no chão.

Pam estendeu os braços. Uma lua cheia brilhava pela janela grande sua luz me permitia ver a rosa tatuada no volume do seu seio. Outra coisa nova e diferente... porém, o seio me era familiar. Eu o conhecia bem.

— Venha cá — disse ela.

Eu fui. Bati com meu quadril bichado em uma das mesas de serviço de quarto, soltei um resmungo de dor e segui tropeçando os dois últimos passos que me separavam dos seus braços, pensando que aquela seria uma bela reunião: nós dois caindo no carpete, eu por cima. Talvez conseguisse até quebrar uma ou duas costelas dela. Era sem dúvida possível: tinha engordado 8 quilos desde que chegara a Duma Key.

Mas ela era forte. Havia me esquecido disso. Ela suportou meu peso, primeiro se apoiando contra a lateral da porta do quarto e depois se empertigando comigo nos braços. Coloquei meu braço em volta dela e descansei minha bochecha no seu ombro, apenas sentindo seu perfume.

Wireman! Eu acordei cedo e estou me divertindo horrores com meus bibelôs!

— Venha, Eddie, você está cansado. Venha para a cama.

Ela me conduziu para o quarto. Lá dentro, a janela era menor, o luar mais fraco, mas os vidros estavam abertos e eu conseguia ouvir o suspiro constante da água.

— Tem certeza...

— Shh.

Tenho certeza de que já me disseram o seu nome, mas não me lembro, ando tão esquecida ultimamente.

— Nunca quis machucar você. Eu sinto tanto...

Ela colocou dois dedos contra os meus lábios.

— Não quero suas desculpas.

Ficamos sentados lado a lado na cama, em meio à penumbra.

— Então *o que* você quer?

Ela me mostrou com um beijo. Seu hálito era quente e tinha gosto de champanhe. Por um tempo, me esqueci de Elizabeth e Wireman, das cestas de piquenique e de Duma Key. Por um tempo, não havia nada além de ela e eu, como antigamente. Na época dos dois braços. Depois, eu adormeci por alguns instantes — até a primeira luz do dia se insinuar pela janela. A perda de memória nem sempre é problema; às vezes — talvez até com frequência — é a solução.

Como fazer um desenho (VIII)

Seja corajoso. Não tenha medo de desenhar as coisas secretas. Quem disse a arte é sempre um vento suave? Às vezes, ela é um furacão. Mesmo assim, você não deve hesitar ou mudar de sentido. Porque, se contar a si mesmo a grande mentira da má arte — que você está no comando —, terá perdido a chance de capturar a verdade. A verdade nem sempre é bela. Às vezes, a verdade é o garotão.

As pequeninas dizem É o sapo de Libbit. Um sapo com dente.

E, às vezes, é algo ainda pior. Algo como Charley com seus calções azul-claro.

Ou ELA.

Eis um desenho da pequena Libbit com o dedo sobre os lábios. Ela diz Shhhh. *Ela diz* Se você falar ela vai ouvir, então shhhh. *Ela diz* Coisas ruins podem acontecer e pássaros voando de cabeça para baixo são apenas as primeiras e menos graves delas, então shhhh. Se tentar correr, algo terrível pode sair do meio dos ciprestes e paus-de-porco e pegá-lo na estrada. Existem coisas piores ainda na água lá de Shady Beach — piores que o garotão, piores do que Charley, que se move tão depressa. Elas estão na água, esperando para afogar você. E nem mesmo se afogar é o fim, não, nem mesmo se afogar. Então shhhh.

No entanto, para o verdadeiro artista, a verdade insiste em falar. Libbit Ea stlake pode calar sua boca, mas não suas tintas e seus lápis de cor.

Existe apenas uma pessoa com a qual ela se atreve a falar e apenas um lugar em que pode fazê-lo — apenas um lugar no Heron's Roost onde o controle DELA *parece falhar. Ela obriga Nan Melda a acompanhá-la até lá. E tenta explicar como aquilo aconteceu, como o talento exigia a verdade e a verdade lhe escapava das mãos. Ela tenta explicar como os desenhos haviam tomado conta da sua vida e como passara a odiar a bonequinha de porcelana que Papai encontrara junto com o restante do tesouro — a mulherzinha de porcelana que era o* butim *de Libbit. Tenta explicar seu medo mais profundo: se eles não fizerem nada, talvez as gêmeas não sejam as únicas a morrer, mas somente as primeiras. E talvez as mortes não sejam em Duma Key.*

Ela reúne toda a sua coragem (e, para uma criança que era pouco mais que um bebê, isso deveria ser bastante coisa) e conta toda a verdade, por mais louca que seja. Primeiro, sobre como ela provocou o furacão, embora a ideia não tenha sido sua, e sim DELA.

Acho que Nan Melda acredita. Por já ter visto o garotão? Por já ter visto Charley?

Acho que ela já viu os dois.

É preciso expressar a verdade, essa é a base da arte. No entanto, isso não quer dizer que o mundo precise vê-la.

Nan Melda diz Cadê sua boneca nova agora? A boneca de porcelana?

Libbit diz Na minha caixa de tesouros especial. Minha caixa em forma de coração.

Nan Melda diz E como ela se chama?

Libbit diz Ela se chama Perse.

Nan Melda diz Percy é nome de menino.

E Libbit diz Não posso fazer nada. O nome dela é Perse. Essa é a verdade. *E diz* Perse tem um navio. Ele parece bom, mas não é. Ele é mau. O que nós vamos fazer, Nanny?

Nan Melda pensa a respeito enquanto elas ficam ali, no único lugar seguro. E acredito que ela soubesse o que precisava ser feito. Poderia não ser nenhuma crítica de arte — nenhuma Mary Ire —, mas acho que sabia. A coragem está em fazer, *não em* exibir. *A verdade pode ser escondida novamente, se for terrível demais para que o mundo a veja. E isso acontece. Não tenho dúvidas de que acontece o tempo todo.*

Acho que toda artista que se preze tem uma cesta de piquenique vermelha.

14 - A cesta vermelha

i

— Podemos dividir a piscina, senhor?

Era Ilse, usando um short verde e um corpete da mesma cor. Seus pés estavam descalços, seu rosto sem maquiagem e inchado por conta do sono. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo, do jeito que costumava usá-lo quando tinha 11 anos, e — não fosse o volume dos seus seios — ela poderia passar por uma menina dessa idade.

— Fique à vontade — respondi.

Ela se sentou ao meu lado na borda azulejada da piscina. Estávamos mais ou menos com metade do corpo na água, minha bunda no número 1,5 e a dela no M, de metros.

— Você levantou cedo — falei, mas aquilo não me surpreendia. Illy sempre fora a mais irrequieta.

— Fiquei preocupada com o senhor. Principalmente depois que o sr. Wireman ligou para Jack dizendo que aquela senhora adorável tinha morrido. Foi Jack quem nos deu a notícia. Ainda estávamos no jantar.

— Eu sei.

— Sinto muito. — Ela colocou a mão sobre o meu ombro. — E na sua noite especial, ainda por cima.

Passei o braço ao seu redor.

— Enfim, eu só dormi algumas horas, então me levantei porque já estava claro. E, quando olho para fora, quem eu vejo sentado na piscina senão meu pai, totalmente sozinho.

— Não estava conseguindo mais dormir. Só espero não ter acordado sua m... — Eu me interrompi, percebendo os olhos grandes e arregalados de Ilse. — Não comece a imaginar coisas, srta. Cookie. Ela só quis me consolar.

Não tinha sido só isso, mas eu não estava preparado para analisar o que tinha sido com

minha filha. Ou comigo mesmo, por sinal.

Ela se encurvou um pouco, então endireitou as costas e me encarou com a cabeça torta e um início de sorriso nos cantos da boca.

— Se você tem esperanças, o problema é seu — falei. — Mas meu conselho é não alimentá-las demais. Sempre vou gostar dela, mas às vezes as pessoas vão longe demais para voltar... Tenho quase certeza de que esse é o nosso caso.

Ela voltou a olhar para a superfície parada da piscina, o pequeno sorriso nos cantos da boca morrendo. Odiei vê-lo partir, mas talvez fosse melhor assim.

— Então está bem.

Aquilo me liberou para entrar em outros assuntos. Não queria fazer isso, mas eu ainda era seu pai e ela ainda era, em muitos aspectos, uma criança. O que significava que, por pior que eu me sentisse quanto a Elizabeth Eastlake naquela manhã, ou por mais confuso que estivesse a respeito da minha própria situação, ainda tinha certas obrigações a cumprir.

— Preciso perguntar uma coisa, Illy.

— O.k., diga.

— Você não está usando seu anel porque não quer que sua mãe o veja e rode a baiana... o que eu entenderia plenamente... ou porque você e Carson...

— Eu o mandei de volta — disse ela com uma voz inexpressiva, sem entonação. Então, deu uma risadinha e uma pedra saiu rolando de dentro do meu coração. — Mas por correio expresso, e com seguro.

— Então... acabou?

— Bem... nunca diga nunca. — Seus pés estavam na água e ela os balançou devagarzinho para trás e para a frente. — Carson não *quer* que acabe, ou pelo menos é o que ele diz. Não tenho certeza se eu quero também. Pelo menos não até ver como nos saímos cara a cara. Não dá para conversar sobre essas coisas por telefone ou e-mail. Além do mais, quero ver se a atração ainda existe e, se existir, qual a intensidade dela. — Ela olhou para o lado, um pouco ansiosa. — Isso não é demais para o senhor, é?

— Não, querida.

— Posso fazer uma pergunta?

— Pode.

— Quantas segundas chances o senhor deu à mamãe?

Eu sorri.

— Durante todo o nosso casamento? Eu diria umas duzentas.

— E quantas ela deu ao senhor?

— Mais ou menos a mesma coisa.

— O senhor já... — Ela se deteve. — Não posso lhe perguntar isso.

Eu olhei para a piscina, sentindo minhas faces se encherem de um rubor bastante classe média.

— Já que estamos tendo essa conversa às seis da manhã e nem mesmo o garoto que limpa a piscina está aqui, e já que acho que sei qual o seu problema com Carson Jones, pode perguntar, sim. A resposta é não. Nenhuma vez. Mas, se for para ser totalmente sincero, eu devo dizer que talvez tenha sido mais sorte do que retidão pura e simples. Algumas vezes eu

cheguei perto e, numa delas, foi provavelmente a sorte, o destino, ou a Providência que evitou que acontecesse. Não acho que nosso casamento teria acabado se... se o acidente tivesse acontecido, acho que existem formas piores de se ofender um parceiro, mas eles não chamam isso de traição à toa. Podemos jogar a culpa por um deslize na falibilidade humana. Quando são dois, podemos dizer que a carne é fraca. Depois disso... — Eu dei de ombros.

— Ele diz que foi só uma vez. — Sua voz era pouco mais que um sussurro. O balançar dos seus pés diminuíra até se tornar um vaga oscilação debaixo d'água. — Disse que ela começou a dar em cima dele. E um dia... o senhor sabe.

Claro. Isso acontece o tempo todo. Nos livros e nos filmes, pelo menos. Talvez na vida real, também. Só porque parecia uma mentira egoísta não significava que fosse.

— A garota que canta com ele?

Ilse assentiu.

— Bridget Andreisson.

— A do mau hálito.

Sorriso fraco.

— Acho que me lembro de você me dizendo pouco tempo atrás que ele teria que fazer uma escolha.

Um longo silêncio. Então:

— É complicado.

Sempre é. Pergunte a qualquer bêbado em um bar que tenha levado um pé na bunda da esposa. Fiquei calado.

— Ele disse a ela que não quer mais vê-la. E os duetos foram cancelados. Disso eu tenho certeza, porque conferi algumas das últimas resenhas na internet. — Ela ruborizou um pouco ao dizer isso, embora eu não a culpasse. Teria feito o mesmo. — Quando o sr. Fredericks, o diretor da turnê, ameaçou mandá-lo para casa, Carson disse que ele poderia fazer isso se quisesse, mas que não iria cantar mais com aquela beata loira piranhuda.

— Ele usou essas palavras?

Ela abriu um sorriso animado.

— Ele é *batista,* papai, eu estou adaptando. Enfim, Carson pisou firme e o sr. Fredericks cedeu. Para mim, isso é um ponto a favor dele.

Sim, pensei, *mas ele ainda é um traidor que chama a si mesmo de Smiley.*

Eu peguei sua mão.

— Qual o seu próximo passo?

Ela suspirou. Parecia ter 11 anos com aquele rabo de cavalo; o suspiro fazia com que soasse como uma mulher de 40.

— Não sei. Estou perdida.

— Então me deixe ajudá-la. Você faria isso?

— Tudo bem.

— Por enquanto, mantenha distância dele — falei, descobrindo que queria aquilo de todo

o coração. No entanto, havia mais. Quando pensei nas telas da série *Garota e Navio,* principalmente na garota no barco a remo, quis lhe dizer para não falar com estranhos, manter secador de cabelos longe da banheira e não correr fora da pista da faculdade. *Nunca* pelo Roger Williams Park ao anoitecer.

Ela me lançou um olhar intrigado e eu consegui engrenar novamente.

— Volte direto para a faculdade...

— Eu queria conversar com o senhor a respeito disso...

Eu assenti, mas apertei seu braço para mostrar que ainda não tinha terminado.

— Termine o seu semestre. Faça suas provas. Deixe Carson terminar a turnê. Primeiro, coloque as coisas em perspectiva, *depois* encontre com ele entende o que eu estou dizendo?

— Sim... — Ela entendia, mas não me soava convencida.

— Quando forem se encontrar, que seja em território neutro. E não quero constrangê-la, mas, já que ainda estamos sozinhos aqui, eu vou falar. A cama não é um território neutro.

Ela olhou para os seus pés balançantes. Eu estendi a mão e virei seu rosto em direção ao meu.

— Quando há questões não resolvidas, a cama é um campo de batalha. Se eu fosse você, nem jantaria com o sujeito antes de saber em que pé as coisas estão com ele. Marquem em... sei lá... Boston. Sentem-se em um banco de praça e resolvam a situação. Deixe tudo bem claro na sua cabeça e certifique-se de que está claro na dele. *Depois,* saiam para jantar. Assistam a um jogo dos Red Sox. Ou transem, se você achar que for a coisa certa. Só porque não quero pensar na sua vida sexual, não significa que eu não ache que você não deva ter uma.

Ela me aliviou consideravelmente ao rir. Ao som daquilo, um garçom que ainda parecia meio adormecido se aproximou para perguntar se queríamos café. Respondemos que sim. Quando ele foi pegá-lo, Ilse falou:

— Está certo, papai. Ponto para o senhor. Eu iria dizer que estou voltando hoje à tarde, de qualquer maneira. Tenho uma prova preliminar de antropologia no fim da semana e a gente juntou um pessoal para fazer um pequeno grupo de estudos. Nosso nome é O Clube dos Sobreviventes. — Ela me encarou com ansiedade. — Tem algum problema? Sei que o senhor tinha planejado alguns dias com a gente, mas agora que aconteceu esse negócio com a sua amiga...

— Não, querida, está tudo bem. — Eu beijei a ponta do seu nariz, pensando que, se chegasse bem perto, ela não perceberia como eu estava satisfeito. Satisfeito por ela ter vindo para a exposição, satisfeito por termos tido um tempinho juntos naquela manhã e, mais que tudo, satisfeito porque ela estaria mais de 1.500 quilômetros ao norte de Duma Key quando o sol se pusesse naquele dia. Isto é, levando-se em conta que ela conseguisse reservar um voo. — E quanto a Carson?

Ela ficou calada pelo que foi, talvez, um minuto inteiro balançando os pés descalços para a frente e para trás na água. Então, se levantou e pegou meu braço, ajudando-me a me levantar.

— Acho que o senhor tem razão. Eu diria que, se ele leva a nossa relação a sério, vai ter que deixar tudo em compasso de espera até o dia 4 de julho.

Uma vez que sua decisão estava tomada, seus olhos brilharam novamente.

— Isso vai me permitir terminar o semestre e ainda curtir um mês de férias de verão. E ele poderá fazer seu último show no Cow Palace e ainda ter tempo o suficiente para descobrir se está tão terminado com a Loiraça quanto pensa. Está bom para o senhor, papai querido?

— Bom até demais.

— Aí vem o café — disse ela. — Agora, a questão é: quando vai sair o café da manhã?

Wireman não compareceu ao café da manhã do dia seguinte, mas havia reservado o salão Bay Island das oito às dez. Eu presidi uma reunião de duas dúzias de amigos e familiares, a maioria de Minnesota. Foi um daqueles eventos dos quais as pessoas se lembram e comentam por décadas, em parte por encontrarem tantos rostos familiares em um cenário exótico e, em parte, por conta da atmosfera emotiva ser tão volátil.

Por um lado, havia uma sensação muito palpável de O Nosso Garoto Foi Pra Frente. Eles tinham sentido aquilo durante a exposição e o palpite foi confirmado pelos jornais matutinos. As resenhas no *Herald Tribune* de Sarasota e no *Gondolier* de Venice foram ótimas, porém curtas. O artigo de Mary Ire no *Trib* de Tampa, em contrapartida, ocupou quase uma página inteira e foi lírico. Ela deve ter escrito a maior parte dele com antecedência. Mary me chamou de “um grande novo talento americano”. Minha mãe — sempre um pouco rabugenta — teria dito, *Pegue isso e mais dez centavos e você pode limpar sua bunda com conforto.* Claro que ela dizia isso quarenta anos atrás, quando 10 centavos valiam mais do que hoje em dia.

Por outro lado, é claro, havia Elizabeth. Não foi publicado um obituário, mas uma caixa de texto fora acrescentada à página do jornal de Tampa que trazia a resenha de Mary: **FAMOSA PATRONA DAS ARTES PASSA MAL DURANTE A EXPOSIÇÃO DE FREEMANTLE.** A notícia, de apenas dois parágrafos, afirmava que Elizabeth Eastlake, uma presença de longa data na cena artística de Sarasota e moradora de Duma Key, havia sofrido uma aparente crise de epilepsia pouco depois de chegar à Galeria Scoto e fora levada por uma ambulância para o Sarasota Memorial Hospital. Não se tinha notícias sobre seu estado de saúde até o fechamento da edição.

Meus convidados de Minnesota sabiam que, durante minha noite de triunfo, eu tinha perdido uma boa amiga. Haveria explosões de risadas e um ou outro gracejo, seguidos de olhares na minha direção para ver se eu me importava. Às nove e meia, os ovos mexidos que

eu comera pesavam como chumbo no meu estômago e eu estava começando a ter uma das minhas dores de cabeça — a primeira em quase um mês.

Pedi licença e subi para o meu quarto. Eu tinha deixado uma pequena mochila nele. O kit de barbear continha várias cartelas de Zomig, um remédio para enxaqueca. Ele não daria conta de uma dor de cabeça Nível 5, porém geralmente funcionava se eu tomasse uma dose cedo o bastante. Engoli um comprimido com uma Coca-Cola do frigobar, comecei a sair do quarto e vi uma luz piscando no telefone. Quase deixei para lá, então me dei conta de que a mensagem poderia ser de Wireman.

No fim das contas, eram meia dúzia de mensagens. As primeiras quatro eram mais parabéns, que caíram sobre a minha cabeça como pedaços de granizo em um teto de zinco. Quando cheguei à mensagem de Jimmy — a dele foi a quarta — eu já começara a apertar o botão seis do teclado, que avançava para a mensagem seguinte. Não estava a fim de ser paparicado.

A quinta mensagem era de fato de Jerome Wireman. Ele soava cansado e aturdido.

— Edgar, sei que você reservou alguns dias para sua família e amigos e odeio ter que lhe pedir isso, mas podemos nos encontrar na sua casa hoje á tarde? Precisamos conversar, e estou falando sério. Jack não queria que eu ficasse sozinho, esse garoto é mesmo demais da conta, entã passou a noite aqui no *Palacio* comigo. Nós acordamos cedo, fomos procurar a tal cesta de que ela havia falado e... bem, a encontramos. Antes tarde do que nunca, certo? Ela queria que você ficasse com a cesta, então Jack a levou para o Casarão Rosa. A casa estava destrancada e, Edgar... alguém tinha entrado nela.

Silêncio na linha, mas eu conseguia ouvi-lo respirar. Então:

— Jack está extremamente perturbado e é melhor você se preparar para um choque, *muchacho*. Embora talvez já possa ter uma ideia...

Ouviu-se um bipe e, em seguida, a sexta mensagem começou. Ainda era Wireman, porém bastante irritado dessa vez, o que o fazia soar mais como ele mesmo.

— Porra de fita curta de merda! *Chinche pedorra! Ay!* Edgar, Jack e eu vamos até a Abbot-Wexler. É a... — Uma breve pausa enquanto ele lutava para não perder o controle — ...funerária que ela queria. Volto às 13 horas. Você deveria esperar a gente antes de ir para a sua casa, estou falando sério. Ela não foi destruída nem nada, mas quero estar do seu lado quando você abrir aquela cesta e quando vir o que deixaram no seu ateliê. Não gosto de ser misterioso, mas Wireman não vai colocar uma merda dessas numa fita que qualquer um pode escutar. Um dos advogados dela telefonou. Deixou uma mensagem na secretária enquanto eu e Jack ainda estávamos na porra do sótão. Segundo ele, eu sou o único beneficiário. — Uma pausa. — *La lotería.* — Uma pausa. — Eu fiquei com tudo. — Uma pausa. — Puta *merda*.

Isso foi tudo.

iii

Disquei zero para a telefonista do hotel. Após uma curta espera, ela me deu o número da Funerária Abbot-Wexler. Eu o disquei. Uma máquina atendeu, me oferecendo uma série verdadeiramente impressionante de serviços relacionados à morte (“Para o Catálogo de Caixões, aperte 5”). Eu esperei a gravação acabar — eles sempre demoram a oferecer um ser humano hoje em dia; é uma espécie de prêmio de consolação para idiotas que não sabem lidar com o século XXI — e, enquanto aguardava, pensei na mensagem de Wireman. A casa estava destrancada? Sério? Minha memória não era mais confiável após o acidente, óbvio, mas meus hábitos ainda eram. O Casarão Rosa não era meu e, desde a mais tenra infância, eu fora ensinado a tomar um cuidado especial com o que era dos outros Tinha quase certeza de que trancara a casa. Então, se alguém havia entrado nela, por que a porta não tinha sido forçada?

Pensei apenas por um instante nas duas garotinhas com os vestidos molhados — garotinhas com rostos decompostos que falavam na voz áspera das conchas sob a casa — e então afastei a imagem com um tremor. Elas tinham sido apenas minha imaginação, sem dúvida, a visão de uma mente sobrecarregada. E, mesmo que tivessem sido algo mais... fantasmas não precisavam destrancar portas, precisavam? Eles simplesmente as atravessavam, ou subiam voando pelas tábuas do assoalho.

— ...zero, se precisar de ajuda.

Deus do céu, quase perdi minha deixa. Pressionei zero e, depois de alguns compassos de algo que soava vagamente como “Abide with Me”, uma voz profissionalmente tranquilizadora perguntou se poderia me ajudar. Contive uma vontade irracional e muito forte de dizer: *É o meu braço! Ele nunca teve um enterro decente!* e desligar. Em vez disso, aninhando o fone e

coçando um ponto sobre a minha sobrancelha direita, perguntei se Jerome Wireman estava lá.

— Que falecido ele representa, por gentileza?

Uma imagem digna de um pesadelo surgiu diante de mim: um tribunal silencioso dos mortos e Wireman dizendo: *Protesto, Excelência.*

— Elizabeth Eastlake — falei.

— Ah, claro. — A voz se enterneceu, tornando-se provisoriamente humana. — Ele e seu jovem amigo saíram, imagino que tenham ido cuidar do obituário da srta. Eastlake. Talvez tenha uma mensagem para o senhor. O senhor aguarda na linha?

Eu aguardei. “Abide with Me” voltou a tocar. Algum tempo depois, o Coveiro Boa Morte retornou.

— O sr. Wireman pergunta se o senhor poderia encontrá-lo juntamente com o... hã... sr. Candoori na sua casa em Duma Key às 14 horas, se possível. Ele diz também: “Se chegar primeiro, por favor, espere do lado de fora.” Isso faz sentido para o senhor?

— Faz. Você não sabe quando ele estará de volta?

— Não[5] ele não disse.

Eu agradeci e desliguei. Se Wireman tinha um celular eu nunca o havia visto com ele e, de qualquer forma, não sabia o número, mas Jack tinha. Desencavei o número da minha carteira e o disquei. Ele caiu na caixa de mensagens no primeiro toque, o que me dizia que o aparelho estava desligado ou sem bateria, ou porque Jack se esquecera de carregá-lo ou porque não pagara a conta. Qualquer um dos dois era possível.

Jack está extremamente perturbado e é melhor você se preparar para um choque.

Quero estar do seu lado quando você abrir aquela cesta.

No entanto, eu tinha uma boa ideia do que estava na cesta e duvidava que o próprio Wireman tivesse ficado surpreso.

Não exatamente.

iv

A Máfia de Minnesota estava silenciosa ao redor da mesa longa no salão Bay Island e, mesmo antes de Pam se levantar, eu percebi que eles não tinham apenas conversado a meu respeito na minha ausência. Tinham feito uma reunião.

— Nós vamos para casa — disse Pam. — Ou melhor, a maioria de nós vai. Os Slobotnik tinham planejado visitar a Disneylândia quando vieram para cá, os Jamieson seguirão para Miami...

— E nós vamos com eles, papai — disse Melinda. Ela segurava o braço de Ric. — Podemos pegar um avião de volta para Orly de lá, que na verdade é mais barato do que o que o senhor reservou para a gente.

— Achei que pudéssemos arcar com a despesa — falei, mas com um sorriso. Senti uma estranha mistura de alívio, decepção e medo. Ao mesmo tempo, conseguia sentir as faixas que estavam apertando minha cabeça se desatarem e começarem a cair. A dor de cabeça incipiente havia passado de uma hora para outra. Poderia ter sido o Zomig, embora o efeito dele geralmente não fosse tão rápido, mesmo com uma bebida cheia de cafeína para dar uma mãozinha.

— Você teve notícias de seu amigo Wireman hoje de manhã? — perguntou Kamen com sua voz retumbante.

— Tive — falei. — Ele deixou uma mensagem na minha secretária eletrônica.

— E como ele esta?

Bem. Essa era uma longa história, não é mesmo?

— Está segurando as pontas, cuidando do serviço funerário... e Jack o está ajudando... mas ele é forte.

— Vá ajudá-lo — disse Tom Riley. — É a sua tarefa do dia.

— Sem dúvida — acrescentou Bozie. — Você mesmo está de luto, Edgar. Não precisa dar uma de anfitrião a essa altura.

— Eu telefonei para o aeroporto — disse Pam, como se eu tivesse protestado, coisa que não tinha feito. — O Gulfstream está nos esperando. E a recepcionista está ajudando com as outras providências de viagem. Enquanto isso, ainda temos esta manhã. A questão é: o que vamos fazer com ela?

Acabamos fazendo o que eu havia planejado: visitamos o Museu de Arte John e Mable Ringling.

E eu usei minha boina.

v

No começo daquela tarde, eu me vi parado na seção de embarque do aeroporto Dolphin Aviation, dando beijos de despedida nos meus amigos e parentes, ou apertando suas mãos, abraçando-os, ou então os três. Melinda, Ric e os Jamieson já haviam partido.

Kathi Green, a Rainha da Reabilitação, me beijou com sua ferocidade habitual.

— Cuide-se bem, Edgar — disse ela. — Adoro suas pinturas, mas estou muito mais orgulhosa do jeito como você está andando. Você fez progresso fantástico. Eu gostaria de exibi-lo para minha mais nova geração de bebês chorões.

— Você é durona, Kathi.

— Nem tão durona assim — disse ela, secando os olhos.

Kamen apareceu, na sua enormidade.

— Se precisar de ajuda, entre em contato comigo imediatamente.

— Pode deixar — falei. — Você é o KamenDoc.

Kamen sorriu. Era como se Deus estivesse sorrindo para você.

— Não acho que esteja tudo certo com você ainda, Edgar. Só posso torcer para que um dia esteja de fato. Ninguém merece aterrissar com o lado brilhante para cima e o lado de borracha para baixo mais do que você.

Eu o abracei. Com um braço só, mas ele compensou.

Fui andando até o avião com Pam do meu lado. Ficamos parados ao pé da escada de

embarque enquanto os outros entravam. Ela segurava minha mão nas suas, com os olhos erguidos para mim.

— Vou beijá-lo só na bochecha, Edgar. Illy está olhando e não quero que ela tenha a impressão errada.

Ela fez isso, e então disse:

— Estou preocupada com você. Não gosto dessa expressão vazia em torno dos seus olhos.

— Elizabeth...

Ela balançou um pouquinho a cabeça.

— Já estava lá na noite passada, mesmo antes de ela chegar à galeria. Mesmo quando você estava no auge da felicidade. Uma expressão vazia. Não sei explicar melhor do que isso. Eu só a vi uma vez antes, em 1992, quando pareceu por um tempo que você poderia não receber aquele pagamento balão e perder o negócio.

Os motores do avião zumbiam e uma brisa quente soprava seu cabelo pelo rosto, desfazendo seus esmerados cachinhos de salão de beleza em algo mais jovem e natural.

— Posso lhe fazer uma pergunta, Edgar?

— Claro.

— Você poderia pintar em qualquer lugar? Ou tem que ser aqui.

— Em qualquer lugar, eu acho. Mas seria diferente.

Ela me olhava fixamente. Quase suplicante.

— De qualquer forma, talvez uma mudança de ares lhe fizesse bem. Você precisa perder esse olhar vazio. Não estou falando necessariamente em voltar para Minnesota, só em ir... para algum outro lugar. Você vai pensar no assunto?

— Vou. — Mas não antes de ver o que estava na cesta de piquenique vermelha. E não antes de fazer pelo menos uma viagem até a região sul da ilha. E eu achava que poderia fazer aquilo. Porque era *Ilse* quem havia passado mal, não eu. Eu só tivera um dos meus flashbacks tingidos de vermelho do acidente. E sentido aquela coceira fantasma.

— Fique bem, Edgar. Não sei exatamente o que aconteceu com você, mas ainda existe bastante do seu antigo eu para amar. — Ela ficou na ponta dos pés calçados com sandálias brancas, compradas especialmente para aquela viagem, sem dúvida, e plantou outro beijo suave sobte a barba por fazer da minha bochecha.

— Obrigado — falei. — Obrigado pela noite passada.

— Não precisa agradecer — disse ela. — Foi gostoso.

Ela apertou minha mão. Em seguida, subiu as escadas e desapareceu de vista.

vi

Em frente à plataforma de embarque da viação Delta novamente, dessa vez sem Jack.

— Só eu e você, srta. Cookie — falei. — Parece que fechamos o bar.

Então, vi que ela estava chorando e passei meu braço ao seu redor.

— Papai, eu queria poder ficar aqui com o senhor.

— Volte, querida. Estude e tire aquela sua prova de letra. A gente se vê em breve.

Ela se afastou, encarando-me com apreensão.

— O senhor vai ficar bem?

— Vou. E você também.

Eu a abracei de novo.

— Vá andando. Faça o *check-in.* Compre revistas. Assista à CNN. Boa viagem.

— Obrigada, papai. Foi maravilhoso.

— *Você é* maravilhosa.

Ela me deu um beijo afetuoso na boca — para compensar o que sua mãe reprimira, talvez — e atravessou as portas deslizantes. Quando se virou e acenou para mim, era pouco mais que um vulto de menina atrás do vidro fumê. Lamento de todo o coração não tê-la visto melhor, pois jamais a vi novamente.

vii

Havia deixado mensagens para Wireman do Museu de Arte Ringling — uma na funerária e outra na secretária eletrônica do *Palacio* — dizendo que voltaria para casa por volta das três e pedindo para ele me encontrar lá. Pedi também que dissesse a Jack que se ele tinha idade o suficiente para votar e cair na gandaia com as aluninhas da Universidade Estadual da Flórida, também tinha idade o suficiente para cuidar da sua droga de celular.

Na verdade, quando cheguei à ilha já eram quase três e meia, porém tanto o carro de Jack quanto o Benz prateado antigo de Elizabeth estavam estacionados no quadrado de cimento rachado à esquerda do Casarão Rosa, e os dois estavam sentados na minha varanda dos

fundos, bebendo chá gelado. Jack ainda usava o terno cinza, mas seu cabelo voltara ao desalinho habitual e ele vestia uma camiseta dos Devil Rays sob o paletó. Wireman usava um jeans preto e uma camisa de botão branca, com o colarinho aberto, e um boné de beisebol dos Nebraska Cornhuskers virado para trás na cabeça.

Eu estacionei, saí e me alonguei, tentando fazer minha perna ruim pegar no tranco. Eles se levantaram e vieram ao meu encontro, nenhum dos dois sorrindo.

— Todo mundo já foi, *amigo?* — perguntou Wireman.

— Todos menos minha tia Jean e meu tio Ben — falei. — Eles são aproveitadores veteranos, sempre dispostos a espremer uma coisa boa até a última gota.

Jack sorriu sem muita alegria.

— Toda família tem os seus — disse ele.

— Como você está? — perguntei a Wireman.

— Quanto a Elizabeth, estou bem. Hadlock disse que provávelmente foi melhor assim, e acho que ele tem razão. Quanto ao fato de ela ter me deixado o que talvez seja um milhão e seiscentos mil dólares em dinheiro, ações e propriedades... — Ele balançou a cabeça. — É

outra história. Talvez algum dia eu me dê ao luxo de tentar entender, mas agora...

— Agora tem alguma coisa acontecendo.

— *Síy señor*. E é muito estranho.

— Quanto você contou para Jack?

Wireman pareceu ficar um pouco desconfortável.

— Bem, posso lhe dizer o seguinte, *amigo*. Depois que eu comecei, foi difícil pra cacete achar um lugar racional para parar.

— Ele me contou tudo — disse Jack. — Ou pelo menos é o que diz. Inclusive o que acha que o senhor fez para restaurar a visão dele, e o que acha que fez com Candy Brown. — Ele fez uma pausa. — E sobre as duas garotinhas que o senhor viu.

— Você tem algum problema no que diz respeito a Candy Brown? — perguntei.

— Por mim, o senhor ganharia uma medalha. E o povo de Sarasota provavelmente lhe daria seu próprio carro alegórico no desfile do Memorial Day. — Jack enfiou a mão nos bolsos. — Mas se o senhor me falasse no outono passado que esse tipo de coisa poderia acontecer fora de um filme do M. Night Shyamalan, eu teria dado uma gargalhada na sua cara.

— E se eu tivesse contado na semana passada? — perguntei.

Jack pensou a respeito. Do outro lado do Casarão Rosa, as ondas vinham de forma constante. Debaixo da minha sala de estar e do quarto, as conchas deveriam estar conversando.

— Não — disse ele. — Provavelmente não teria dado risada àquela altura. Notei desde o início que o senhor tinha algo de especial, Edgar. O senhor chegou aqui e... — Ele juntou os dedos das duas mãos, entrelaçando-os. E eu pensei que ele estava correto. Tinha sido assim mesmo. Como os dedos de duas mãos se entrelaçando. E o fato de eu ter apenas uma não importava.

Não ali.

— Do que você está falando, *hermano?* — perguntou Wireman.

Jack deu de ombros.

— Edgar e Duma. Duma e Edgar. Era como se um estivesse esperando o outro. — Ele pareceu encabulado, mas não inseguro.

Eu entortei meu polegar na direção da casa.

— Vamos entrar.

— Conte para ele antes como achamos a cesta — disse Wireman a Jack.

Jack deu de ombros.

— Não foi nada de mais; não levou nem vinte minutos. Estava em cima de uma escrivaninha velha no fundo do sótão. A luz de um dos respiradouros estava batendo nela. Como se *quisesse* ser encontrada. — Ele olhou para Wireman, que concordou com a cabeça. — Enfim, nós a levamos até a cozinha e olhamos dentro. Estava pesada pra diabo.

Jack falando sobre o peso da cesta me fez pensar em como Melda, a governanta, a segurava no retrato de família: com os braços colados um ao outro. Aparentemente, ela também estivera pesada na época.

— Wireman me disse para trazer a cesta para cá e deixá-la dentro da casa para o senhor, já que eu tinha a chave... mas não precisei dela. A porta estava destrancada.

— Ela estava aberta?

— Não. O que eu fiz primeiro foi girar minha chave e trancá-la de volta. Levei um susto danado.

— Vamos — disse Wireman. — Está na hora do Ver para Crer.

Havia uma quantidade considerável da costa do golfo da Flórida espalhada no chão de madeira de lei da entrada: areia, conchinhas, algumas cascas de feijão-da-praia e capins-navalha secos. E também pegadas. As de tênis eram de Jack. Foram as outras que encheram minha pele de arrepios. Identifiquei três grupos, um de pegadas grandes e outros dois de pequenas. Todos aqueles pés tinham estado descalços.

— Está vendo como elas sobem as escadas, desaparecendo pelo caminho? — perguntou Jack.

— Estou — falei. Minha voz soou fraca e distante aos meus próprios ouvidos.

— Andei do lado delas, porque não queria desfazê-las — disse Jack. — Se soubesse na hora daquilo que Wireman me contou enquanto estávamos esperando pelo senhor, acho que nem teria subido.

— Pois é — falei.

— Mas não tinha ninguém lá em cima — prosseguiu Jack. — Só... bem, o senhor vai ver. E olhe aqui. — Ele me conduziu até o lado da escada. O nono degrau estava na altura dos nossos olhos e, com a luz batendo ao longo dele, eu conseguia ver, de forma muito indistinta, as pegadas menores apontando na direção oposta.

Jack falou:

— Isto me parece bem claro. As crianças subiram até o ateliê, então desceram de volta. O adulto ficou parado diante da porta da frente. provavelmente vigiando... embora se tiver sido no meio da noite, provavelmente não tinha muita coisa para *vigiar*. O senhor tem ligado o alarme?

— Não — sem exatamente encará-lo. — Não me lembro dos números. Estão anotados em um papelzinho que eu guardo na carteira, mas toda vez que eu passava pela porta virava uma corrida contra o tempo, eu versus aquela porra de campainha na parede...

— Não tem problema. — Wireman agarrou meu ombro. — Esses ladroes não levaram nada; eles deixaram.

— O senhor não acredita que as irmãs mortas da srta. Eastlake fizeram outra visita,

acredita? — perguntou Jack.

— Na verdade — falei —, acho que fizeram, sim. — Pensei que aquilo soaria ridículo sob o brilho forte de uma tarde de abril, com uma tonelada de luz do sol se derramando do céu e refletindo do golfo, mas não soou.

— Em um desenho do *Scooby Doo,* a gente descobriria que foi o bibliotecário maluco — disse Jack. — Sabe como é, tentando botar o senhor para correr da ilha para ficar com o tesouro só para ele.

— Quem me dera — falei.

— Partindo do princípio de que essas pegadas *foram* feitas por Tessie e Laura Eastlake — disse Wireman. — Quem fez as maiores?

Nenhum de nós respondeu.

— Vamos subir — disse eu, finalmente. — Quero abrir a cesta.

Nós subimos (evitando as pegadas — não para preservá-las, mas simplesmente porque nenhum de nós queria pisar nelas) até a Casinha Rosa. A cesta de piquenique, parecidíssima com a que eu desenhara com a caneta vermelha que havia surrupiado da sala de exames de

Gene Hadlock, estava em cima do carpete, porém meus olhos foram atraídos em primeiro lugar para o cavalete.

— Pode acreditar que eu meti sebo nas canelas depois que vi *aquilo* — falou Jack.

Eu acreditava, mas não tive vontade de fugir. Muito pelo contrário. Fui atraído em direção ao cavalete, como um parafuso de ferro por um ímã. Uma tela nova tinha sido colocada nele e, então, em algum momento da calada da noite — talvez enquanto Elizabeth morria, talvez enquanto eu transava com Pam pela última vez, talvez enquanto dormia ao seu lado — alguém enfiara um dedo na minha tinta. Quem? Não sei. Qual era a cor? Isso era óbvio: vermelho. As letras que ondulavam, se arrastavam e escorriam pela tela eram *vermelhas*. E acusatórias. Elas pareciam quase gritar.

onde nossa
irmã

viii

— *Ready-made* — falei com uma voz seca e trepidante que mal parecia a minha.

— É isso que é? — perguntou Wireman.

— Sem dúvida. — As letras pareciam oscilar diante de mim e eu esfreguei os olhos. — Grafite. Eles adoram isso na Scoto.

— Pode ser, mas é sinistro — disse Jack. — Odiei esse negócio.

Eu também. E era o meu ateliê, cacete, meu. Eu tinha um contrato de aluguel. Arranquei a tela do cavalete, esperando por um instante que ela fosse queimar meus dedos. Não queimou. Era só uma tela, no fim das contas, uma que eu mesmo havia esticado. Eu a recostei na parede, virada de costas.

— Melhor?

— Para falar a verdade, sim — disse Jack, e Wireman assentiu. — Edgar... se aquelas garotinhas estiveram aqui... fantasmas podem escrever em telas?

— Se eles podem mover o ponteiro de um tabuleiro Ouija e escrever em janelas cobertas de geada, imagino que possam escrever em telas. — falei, acrescentando com relutância em seguida: — Mas não entendo fantasmas destrancando minha porta da frente. Ou colocando uma tela no meu cavalete, para começo de conversa.

— Não tinha tela nenhuma ali? — perguntou Wireman.

— Tenho quase certeza de que não. As telas em branco estão todas empilhadas no canto da sala.

— Quem é a irmã? — quis saber Jack. — Por qual irmã elas estão perguntando?

— Deve ser Elizabeth — falei. — Ela é a única irmã que sobrou.

— Conversa fiada — disse Wireman. — Se Tessie e Laura estivessem no famoso outro lado do véu, não teriam o menor problema em localizar Elizabeth; ela passou 55 anos bem aqui em Duma e *elas* não conheceram nenhum outro lugar além desta ilha.

— E quanto às outras? — perguntei.

— Maria e Hannah já morreram as duas — disse Wireman. — Hannah em Nova York nos anos 70, em Ossining, se não me engano, e Maria no começo da década de 80, em algum lugar do Oeste. As duas se casaram, Maria duas vezes. Fiquei sabendo disso através de Chris Shannington, não da srta. Eastlake. Ela falava às vezes sobre o pai, mas nunca sobre as irmãs. Ela cortou os laços com o restante da família depois que voltou com John para Duma em 1951.

onde nossa irmã

— E Adriana? O que aconteceu com ela?

Ele deu de ombros.

— *Quién sabe?* Foi engolida pela história. Shannington acha que ela e seu novo marido provavelmente voltaram para Atlanta depois que a busca pelas caçulas foi suspensa; eles não vieram para o funeral.

— Talvez ela tenha culpado o pai pelo ocorrido — disse Jack.

Wireman assentiu.

— Ou talvez simplesmente não aguentasse ficar por aqui.

Lembrei-me da expressão emburrada do tipo “eu queria estar em algum outro lugar” de Adriana no retrato de família e pensei que Wireman podia ter alguma razão.

— De qualquer forma — prosseguiu ele —, ela só pode estar morta, também. Se estivesse viva, teria quase 100 anos. As chances disso são muito pequenas.

onde nossa irmã

Wireman agarrou meu braço e me virou na direção dele. Seu rosto parecia esgotado e velho.

— *Muchacho*, se alguma coisa sobrenatural matou a srta. Eastlake para calar sua boca, talvez devêssemos aproveitar a deixa e cair fora de Duma Key.

— Acho que pode ser tarde demais para isso.

— Por quê?

— Porque ela despertou novamente. Foi o que Elizabeth disse antes de morrer.

— Quem despertou?

— Perse — respondi.

— Quem é Perse?

— Não sei — disse eu. — Mas acho que precisamos afogá-la para ela voltar a dormir.

ix

A cesta de piquenique tinha sido escarlate quando nova e desbotara só um pouco no decorrer de sua longa vida, talvez por ter passado grande parte dela escondida no sótão. Comecei levantando-a por uma das alças. Aquela droga era bem pesada mesmo; imaginei que deveria ter uns 9 quilos. O vime do fundo, embora bem entrelaçado, tinha afundado um pouco. Eu a larguei de volta no carpete, abaixei as duas alças de madeira fina e empurrei para trás a tampa, cujas dobradiças rangeram baixinho.

Dentro dela, havia um conjunto de lápis de cor, quase todos apontados até virarem cotocos. E desenhos feitos por uma certa criança prodígio há bem mais de oitenta anos. Uma garotinha que aos 2 anos de idade caíra de uma carrocinha puxada por um pônei, batera com a cabeça e acordara epilética e com uma habilidade especial para desenhar. Eu sabia disso,

embora o desenho na primeira folha nem chegasse a ser um desenho — não exatamente —, e sim isto:

Eu o ergui. Debaixo dele, havia o seguinte:

Depois disso, os desenhos *se tornaram* desenhos, evoluindo tecnicamente e ganhando sofisticação a uma velocidade inacreditável. Isto é, a não ser que você fosse um cara como Edgar Freemantle, que nunca tinha feito mais que rabiscos antes de um acidente em um canteiro de obras arrancar seu braço, esmagar seu crânio e quase matá-lo.

Ela desenhara campos. Palmeiras. A praia. Um rosto negro gigante, redondo como uma bola de basquete, com uma boca vermelha sorridente — provavelmente Melda, a governanta, embora aquela Melda parecesse uma criança grande demais em um close bem fechado. Então, outros bichos — guaxinins, uma tartaruga, um cervo, um lince —; eles eram de tamanho natural, mas andavam sobre o golfo ou voavam pelo ar Encontrei uma garça, retratada nos mínimos detalhes, empoleirada sobre a balaustrada da varanda da casa em que ela crescera. Logo depois dela, havia outra aquarela do mesmo pássaro, só que, dessa vez, ele pairava de cabeça para baixo sobre a piscina. Os olhos penetrantes que fitavam de dentro da ilustração eram do mesmo tom que a própria piscina. *Ela estava fazendo o mesmo que eu,* pensei, e minha pele começou a se arrepiar novamente. *Tentando reinventar o comum, transformando-o em sonho para renová-lo.*

Será que Dario, Jimmy e Alice melariam as calças ao verem aquelas ilustrações? Sem dúvida, pensei.

Lá estavam duas garotinhas — Tessie e Laura, sem dúvida — com grandes sorrisos de

abóbora de Dia das Bruxas que atravessavam deliberadamente os cantos dos seus rostos.

Lá estava um Papai maior do que a casa a seu lado — que só poderia ser o primeiro Heron's Roost — fumando um charuto do tamanho de um foguete. Um anel de fumaça contornava a Lua no céu.

Lá estavam duas meninas usando macaquinhos verde-escuros em uma estrada de terra, com livros escolares equilibrados na cabeça do jeito que algumas garotas africanas equilibram seus potes: Maria e Hannah, com certeza. Uma fileira de sapos as acompanhava. Desafiando a perspectiva, os sapos iam crescendo em vez de diminuir.

Em seguida, vinha a fase dos *Cavalos Sorridentes* de Elizabeth. Havia uma dúzia, ou mais. Eu os folheei, então retornei para um deles e o cutuquei com os dedos.

— É este que saiu na matéria do jornal.

Wireman falou:

— Vá um pouco mais fundo. Você ainda não viu nada.

Mais cavalos... mais parentes, retratados a lápis, carvão ou em aquarelas alegres, os membros da família quase sempre com as mãos dadas como bonecos de papel... depois, uma

tempestade, o vento fazendo ondas na água da piscina, a folhagem das palmeiras transformada em bandeiras esfarrapadas pelo vendaval.

Havia bem mais de cem ilustrações no total. Ela pode ter sido apenas uma criança, mas também tinha desarrolhado. Mais duas ou três tempestades... talvez o Alice que desenterrara o tesouro de Eastlake talvez apenas um temporal forte, era impossível saber ao certo... depois o golfo... o golfo novamente, desta vez com peixes-voadores do tamanho de golfinhos... o golfo com pelicanos que pareciam trazer arco-íris em suas bocas... o golfo ao pôr do sol... e...

Eu me detive, minha respiração presa na garganta.

Em comparação a muitas das outras que eu tinha visto, aquela era simplória: apenas a silhueta de um navio contra a luz mortiça, capturada no limite entre o dia e a noite; contudo, era a simplicidade que lhe conferia seu poder. Sem dúvida, essa tinha sido minha opinião quando desenhei a mesma coisa na minha primeira noite no Casarão Rosa. Lá estava o mesmo cabo, retesado entre a popa e o que talvez fosse chamado na época de Elizabeth de uma torre Marconi, criando um triângulo laranja brilhante. Havia até a mesma camada de cor rabiscada, feita não exatamente com desleixo, que tornava o navio — mais franzino do que o meu — um fantasma no horizonte a se arrastar para o Norte.

— Eu desenhei isto — falei com a voz fraca.

— Eu sei — falou Wireman. — Já vi. Você o chamou de *Olá.*

Cavei mais fundo, folheando rapidamente por maços grossos de aquarelas e desenhos a

lápis de cor, sabendo o que acabaria encontrando. E, sim, quase no final, topei com a primeira pintura que Elizabeth fizera do *Perse.* No entanto, ela o desenhara quando novo, uma beldade delgada de três mastros com as velas recolhidas, parado sobre as águas azul-esverdeadas do golfo sob um sol patenteado de Elizabeth Eastlake, do tipo que emite longos raios alegres de luz. Era uma obra espetacular, que quase implorava por uma trilha sonora de calipso.

No entanto, ao contrário de suas outras pinturas, ela também parecia falsa.

— Prossiga, *muchacho.*

O navio... o navio... a família, quatro membros dela, pelo menos, parados na praia com as mãos atadas como bonecos de papel e aqueles sorrisos de felicidade grandes estilo Elizabeth... o navio... a casa, com o que parecia um negrinho de jardim de cabeça para baixo... o navio, aquela gaivota branca deslumbrante... John Eastlake...

John Eastlake *gritando...* sangue escorrendo do seu nariz e de um olho.

Fiquei olhando para ele, hipnotizado. Era uma aquarela infantil, porém havia sido pintada com uma habilidade infernal. Ela retratava um homem que parecia louco de terror, sofrimento, ou ambos.

— Meu *Deus* — falei.

— Falta um, *muchacho* — disse Wireman. — Falta um para acabar.

Virei a pintura do homem gritando. Aquarelas antigas estalaram como ossos. Sob o pai que gritava, estava o navio novamente; porém, dessa vez, era de fato o meu navio, o meu *Perse*. Elizabeth o pintara à noite e não com um pincel — ainda conseguia ver suas impressões digitais de criança antiquíssimas nos redemoinhos de cor cinza e preta. Daquela vez, era como se ela finalmente tivesse desmascarado o *Perse*. Suas tábuas estavam lascadas, suas velas frouxas e cheias de buracos. Ao redor dele, azul sob a luz de uma lua que não sorria ou emitia raios alegres, centenas de braços de esqueletos se erguiam da água em uma saudação gotejante. E, parada na coberta de proa, havia uma coisa inchada, vagamente feminina, usando uma peça de roupa decomposta que poderia ser uma túnica, uma mortalha esvoaçante... ou um manto. Era o manto vermelho, o *meu* manto vermelho, só que visto de frente. Três órbitas vazias fitavam da sua cabeça e seu sorriso varava os cantos do seu rosto em um emaranhado louco de lábios e dentes. Era muito mais horrível do que as telas da minha série *Garota e Navio,* pois ia direto ao xis da gestão sem nenhuma pausa para a mente se adaptar. *Isto é tudo que há de terrível,* ele dizia. *Isto é tudo que você já temeu encontrar aguardando no escuro. Veja como o sorriso dela transpassa seu rosto sob o luar. Veja como os afogados a saúdam.*

— Cristo — falei, erguendo os olhos para Wireman. — Quando você acha que foi? Depois que as irmãs dela...?

— Provavelmente. Deve ter sido o jeito dela de lidar com o ocorrido, você não acha?

— Não sei — disse eu. Parte de mim tentava pensar nas minhas próprias filhas, e outra parte tentava não pensar nelas. — Não sei como uma criança, qualquer criança, pode me sair com uma coisa dessas.

— Inconsciente coletivo — disse Wireman. — É o que diriam os junguianos.

— E como eu fui pintar a mesma porra de navio? Talvez essa mesma porra de *criatura,* só que de costas? Os junguianos têm alguma teoria a respeito disso?

— Não diz *Perse* no de Elizabeth — apontou Jack.

— Ela era uma criança de 4 anos — falei. — Duvido que o nome possa ter chamado muito sua atenção. — Pensei nas ilustrações anteriores, nas quais aquele navio tinha sido uma mentira bonita em que ela acreditara por algum tempo. — Principalmente depois que viu o que ele era de verdade.

— Você fala como se ele fosse real — disse Wireman.

Minha boca estava muito seca. Fui até o banheiro, enchi um copo d'água e o bebi.

— Não sei o que acreditar quanto a isso — falei —, mas tenho uma regra prática geral na vida, Wireman. Se uma pessoa vê uma coisa, ela pode ser uma alucinação. Se duas pessoas a veem, as chances de ela ser realidade aumentam exponencialmente. Tanto Elizabeth quanto eu vimos o *Perse.*

— Na *imaginação* de vocês — disse Wireman. — Vocês o viram cada um na sua *imaginação.*

Apontei para o rosto de Wireman e disse:

— Você já viu o que minha imaginação é capaz de fazer.

Ele não respondeu, mas assentiu. Estava muito pálido.

— Você disse "depois que ela viu o que ele era de verdade" — disse Jack. — Se o navio naquela pintura é real, o que ele é exatamente?

— Eu acho que sei — falou Wireman. — Acho que todos nós sabemos; é difícil pra cacete se confundir. Só estamos com medo de dizer em voz alta. Vá em frente, Jack, Deus odeia os covardes.

— O k., é um navio dos mortos — disse Jack. Sua voz soou clara no meu ateliê limpo e bem iluminado. Ele levou as mãos à cabeça e arrastou os dedos lentamente pelo cabelo, deixando-o mais desgrenhado do que nunca. — Mas vou dizer uma coisa para vocês: se é isso que está me esperando no fim, eu meio que queria nunca ter nascido, para começo de conversa.

x

Coloquei a pilha grossa de desenhos e aquarelas de lado no carpete, feliz em tirar as duas últimas do alcance da minha vista. Então, olhei para o que estava debaixo das ilustrações, deixando a cesta de piquenique pesada.

Eram projéteis para o lança-arpão. Tirei um dos arpões grossos lá de dentro. Ele tinha uns 40 centímetros de comprimento e era bastante pesado. A haste era de aço, não de alumínio — não sabia ao certo se já existia alumínio na década de 1920. A ponta contava com três lâminas que, embora cheias de ferrugem, pareciam afiadas. Encostei a almofada do meu dedo em uma delas e uma gotícula de sangue apareceu sobre a pele no mesmo instante.

— É melhor desinfetar isso — disse Jack.

— Sem dúvida — falei. Girei aquele negócio sob o sol da tarde, emitindo reflexos que ricochetearam pelas paredes. O arpão curto tinha sua própria beleza feia, um paradoxo que talvez fosse exclusivo de certas armas eficientes.

— Isso não iria muito longe na água — falei. — Não com esse peso todo.

— Você ficaria surpreso — disse Wireman. — A arma dispara uma mola *e* um cartucho de $C0_2$. É um estouro e tanto. E, naquela época, curto alcance era suficiente. O golfo era apinhado de peixes. Se Eastlake quisesse atirar em alguma coisa, geralmente poderia fazê-lo à queima-roupa.

— Não entendo essas pontas — falei.

Wireman disse:

— Nem eu. Ela tinha pelo menos uma dúzia de arpões, incluindo os que estão pendurados na parede da biblioteca, e nenhum deles é assim.

Jack tinha ido ao banheiro e voltado com uma garrafa de água oxigenada. Então, pegou o arpão que eu estava segurando e examinou a ponta de três lâminas.

— O que é isso? Prata?

Wireman transformou o polegar e o indicador em uma arma e apontou para ele.

— Segurem as cartelas, mas Wireman acha que você ganhou o bingo.

— E você não *entende*? — perguntou Jack.

Wireman e eu olhamos um para o outro e depois para Jack novamente.

— Vocês não estão assistindo aos filmes certos — disse ele. — Balas de prata são usadas para matar lobisomens. Não sei se prata funciona com vampiros, mas obviamente *alguém* achou que sim. Ou que talvez funcionasse.

— Se você está sugerindo que Tessie e Laura Eastlake são vampiras — disse Wireman —, elas devem estar passando uma sede dos diabos desde 1927. — Ele olhou para mim, esperando corroboração.

— Acho que Jack pode ter alguma razão — falei. Peguei o frasco de água oxigenada, mergulhei o dedo que tinha espetado nele e então o sacudi para cima e para baixo algumas vezes.

— É a lei dos machões — disse Jack, fazendo uma careta.

— Só se você estivesse planejando beber depois — falei e, após de um instante de reflexão, Jack e eu caímos na gargalhada.

— Hã? — perguntou Wireman. — Não entendi.

— Deixa pra lá — disse Jack, ainda sorrindo. Então, ficou sério novamente. — Mas vampiros não existem, Edgar. Pode haver fantasmas, até aí tudo bem, acho que quase todo mundo acredita que possa haver fantasmas, mas vampiros não existem. — Ele sorriu quando uma ideia lhe veio à cabeça. — Além do mais, só um vampiro pode criar outro vampiro. As gêmeas Eastlake *se afogaram.*

Peguei novamente o arpão curto, virando-o de um lado para outro, fazendo o reflexo da sua ponta enferrujada saltar pela parede.

— Ainda assim, isso é sugestivo.

— É mesmo — concordou Jack.

— Da mesma forma que a porta destrancada que você encontrou quando trouxe a cesta de piquenique — falei. — As pegadas. A tela que foi tirada da pilha e colocada no cavalete.

— Você está dizendo que, no fim das contas, foi o bibliotecário maluco, *amigo*?

— Não. Só estou dizendo que... — Minha voz falhou e sumiu. Tive que tomar outro gole d'água para poder falar o que queria. — Só dizendo que talvez vampiros não sejam as únicas coisas que voltam da morte.

— Do que o senhor está falando? — perguntou Jack. — De zumbis?

Pensei no *Perse* com suas velas apodrecidas.

— Que tal desertores?

xi

— Tem certeza de que quer ficar sozinho aqui esta noite, Edgar? — perguntou Wireman. — Porque eu não estou seguro de que seja uma boa ideia. Principalmente com aquela pilha de desenhos velhos como companhia. — Ele suspirou. — Você conseguiu dar a Wireman um susto e tanto.

Estávamos sentados no solário, observando o sol começar seu mergulho longo e vagaroso em direção ao horizonte. Eu havia trazido queijo e biscoitos.

— Não acho que isso vá dar certo de outra forma — falei. — Pense em mim como um pistoleiro do mundo da arte. Eu pinto sozinho, parceiro.

Jack olhou para mim por sobre um copo de chá gelado.

— O senhor está pensando em *pintar*?

— Bem... desenhar. É o que eu sei fazer. — E, quando recordei-me de um certo par de luvas de jardinagem, com TIRE escrito na parte de trás de uma e AS MÃO S na parte de trás da outra, pensei que desenhar seria o suficiente, especialmente se eu o fizesse com os lápis de cor da pequena Elisabeth Eastlake.

Eu me virei na direção de Wireman.

— Você tem que velar o corpo na funerária hoje, certo?

Wireman conferiu seu relógio e suspirou.

— Certo. Das seis às oito. Haverá outra visitação amanhã de meio-dia às duas. Parentes distantes virão arreganhar os dentes para intruso usurpador. Que seria eu. Em seguida vem o ato final, depois de amanhã. Funeral na Igreja Universalista Unitária em Osprey. Isso será às dez. Seguido de cremação na Abbot-Wexler. Pode vir quente que eu estou fervendo.

Jack fez uma careta.

— Que *nojo*.

Wireman assentiu.

— A morte é nojenta, filho. Lembra daquela música que a gente cantava quando era criança? "Os vermes rastejam para dentro, os vermes rastejam para fora e o pus sai escorrendo igual creme de barbear."

— Alto nível — falei.

— Também acho — concordou Wireman. — Ele escolheu outro biscoito, olhou para ele e então o atirou de volta com violência na bandeja. Ele quicou e caiu no chão. — Isso é loucura. Tudo isso.

Jack apanhou o biscoito, pareceu pensar em comê-lo e então o largou de lado. Talvez tivesse decidido que comer biscoitos do chão de um solário violava outra lei dos machões. Provavelmente sim. Elas eram tantas.

Falei para Wireman:

— Quando voltar da funerária hoje à noite, você passa aqui para ver se eu estou bem, o.k.?

— O.k.

— Se eu disser que estou e que você pode ir para casa, você vai.

— Não se deve interromper o artista quando ele está comungando com sua musa. Ou com os espíritos.

Eu assenti, pois ele não estava tão distante da verdade assim. Então, me voltei para Jack.

— E você vai ficar no *Palacio* enquanto Wireman estiver na funerária, certo?

— Claro, se é o que vocês querem. — Ele parecia um pouco desconfortável com aquilo e eu entendia por quê. Era uma casa grande, Elizabeth tinha vivido um bom tempo nela e era lá que sua memória estava mais fresca. Eu teria ficado desconfortável também, se não tivesse a certeza de que as assombrações de Duma Key estavam em outro lugar.

— Se eu telefonar, você vem correndo.

— Venho. Pode me ligar no telefone da casa ou no celular.

— Tem certeza de que o seu celular está funcionando?

Ele me pareceu um pouco envergonhado.

— A bateria estava um pouco caída, só isso. Tenho um carregador no carro.

Wireman falou:

— Eu queria entender melhor por que você acha que precisa continuar me enganando, Edgar.

— Porque ainda não está acabado. Esteve durante anos. Durante anos, Elizabeth gozou de uma vida muito sossegada aqui, primeiro com o pai e depois sozinha. Tinha suas caridades, seus amigos, jogava tênis, bridge, pelo que me disse Mary Ire, e acima de tudo tinha a cena artística da costa da Flórida. Era a vida tranquila e recompensadora de uma idosa com muito dinheiro e poucos maus hábitos além dos cigarros. Então, as coisas começaram a mudar. *La loteria*. Foi você mesmo quem disse, Wireman.

— Você acha mesmo que alguém está fazendo tudo isso acontecer — disse ele. Não com incredulidade, mas com assombro.

— É no que *você* acredita — falei.

— Às vezes, sim. Não é no que eu *quero* acreditar. Que exista algo com um alcance tão grande... uma visão apurada o bastante para ver você... a mim... e só Deus sabe quem ou o que mais.

— Eu também não gosto disso — falei, mas aquilo estava longe de ser a verdade. A verdade era que eu odiava. — Não me agrada a ideia de que algo possa ter saído de onde estava para matar Elizabeth, talvez de medo, só para silenciá-la.

— E você acha que pode descobrir o que está acontecendo através destes desenhos.

— Em parte, sim. O quanto eu só saberei se tentar.

— E depois?

— Depende. Quase certamente uma viagem até a região sul da ilha. Tem algum negócio pendente por lá.

Jack largou seu copo.

— Que negócio pendente?

Balancei a cabeça.

— Não sei. Talvez os desenhos dela me digam.

— Desde que você não se afaste demais na água e descubra que não tem como voltar para o litoral — falou Wireman. — Foi o que aconteceu com aquelas duas garotinhas.

— Eu sei — disse eu.

Jack apontou o dedo para mim.

— Cuide-se. Lei dos machões.

Eu assenti e apontei de volta.

— Lei dos machões.

15 - Intruso

i

Vinte minutos depois, eu estava sentando na Casinha Rosa com meu bloco de desenhos no colo e a cesta de piquenique do meu lado. Logo em frente, enchendo de luz a janela que dava para o oeste, estava o golfo. Bem abaixo de mim, havia o murmúrio das conchas. Eu pusera meu cavalete de lado e cobrira minha mesa de trabalho manchada de tinta com um pedaço de pano. Dispus os restos dos seus lápis de cor recém-apontados em cima dela. Aqueles lápis, grossos e de certa forma arcaicos, estavam quase no fim, porém eu achava que eles seriam suficientes. Estava pronto.

— Estou é o cacete — falei. Jamais estaria pronto para aquilo, e parte de mim torcia para que nada acontecesse. No entanto, achava que aconteceria. Achava que era por isso que Elizabeth quisera que eu encontrasse seus desenhos. Porém, de quanto do que havia dentro da cesta ela se lembrava de fato? Meu palpite era que Elizabeth se esquecera da maior parte do que aconteceu na sua infância mesmo antes de o Alzheimer chegar para complicar as coisas. Porque o esquecimento nem sempre é involuntário. Às vezes, ele é *provocado.*

Quem gostaria de se lembrar de algo tão terrível que fez seu pai gritar até sangrar? Era melhor largar os desenhos de vez. Simplesmente parar na marra. Dizer às pessoas que mal

consegue desenhar bonecos de pauzinhos e que, quando o assunto é arte, você era como um daqueles ex-alunos ricos que patrocinam seus times universitários: se não pode ser um atleta, seja um suporte atlético. Melhor tirar aquilo da sua cabeça completamente, e quando você ficasse velho a senilidade sorrateira daria conta do resto.

Ah, mas pode ser que ainda reste um pouco daquele velho talento — como a cicatriz de uma lesão antiga na dura-máter do cérebro (resultado, digamos, da queda de uma carrocinha) — e você talvez tenha que encontrar maneiras de dar vazão a ele de vez em quando, espremê-lo como o acúmulo de pus de uma infecção que nunca vai sarar de verdade. Daí, você se interessa pela arte de outras pessoas. Torna-se, na verdade, uma *patrona* das artes. E se isso não bastar? Ora, você pode começar a colecionar bibelôs e maquetes de porcelana; a construir uma Cidade de Porcelana. Ninguém chamaria de arte um quadro vivo desses; contudo, envolve sem dúvida um processo criativo, e o exercício constante de imaginação — no seu aspecto visual, principalmente — basta para fazê-la parar.

Fazer parar o quê?

A coceira, é claro.

A maldita coceira.

Fui coçar meu braço direito, o atravessei e, pela décima milionésima vez, encontrei apenas minhas costelas. Virei a capa do meu bloco para trás, revelando a primeira página.

Comece com uma superfície em branco.

Ela me chamava, como tive certeza de que folhas em branco como aquelas a haviam chamado um dia.

Preencha-me. Porque o branco é a ausência de memória, a cor da não lembrança. Faça. Mostre. Desenhe. E, assim que você o fizer, a coceira irá embora. Por um instante, a confusão cessará.

Por favor, fique na ilha — dissera ela. — *Aconteça o que acontecer. Nós precisamos de você.*

Eu achava que aquilo poderia ser verdade.

Desenhei rápido. Bastaram uns poucos traços. Algo que poderia ser uma carreta. Ou, talvez, uma carrocinha parada, esperando pelo pônei que a puxaria.

— Eles foram bastante felizes aqui — falei para o ateliê vazio. — O pai e as filhas. Então, Elizabeth caiu da carrocinha e começou a desenhar, o furacão fora de época desvendou o depósito de detritos, as garotinhas se afogaram. Então, os sobreviventes foram para Miami e o problema acabou. E quando voltaram, quase 25 anos depois...

Debaixo da carrocinha, escrevi BEM. Então, me detive. Acrescentei: NOVAMENTE.

BEM NOVAMENTE.

Bem, sussurraram as conchas nas profundezas da casa. *Bem novamente.*

Sim, eles tinham ficado bem. John e Elizabeth tinham ficado bem. E, depois que John morreu, Elizabeth continuara assim. Bem com suas esposições. Bem com seus bibelôs. Então, por algum motivo, as coisas começaram a mudar novamente. Não sei se as mortes da mulher e da filha de Wireman tinham feito parte daquela mudança, porém achava que talvez fosse possível. E, quanto à chegada de nós dois em Duma Key não me parecia haver dúvida. Não tinha nenhum motivo racional para acreditar nisso, mas acreditava.

As coisas tinham estado bem em Duma Key... depois, estranhas... e então, por um bom tempo, tinham ficado bem novamente. E naquele momento...

Ela despertou.

A mesa está pingando.

Se eu quisesse saber o que estava acontecendo naquele momento, teria que saber o que acontecera antes. Perigoso ou não, era *preciso.*

Apanhei seu primeiro desenho, que nem chegava a ser um desenho, mas apenas uma linha trêmula atravessando o meio do papel. Eu o segurei com a mão esquerda, fechei os olhos e então fingi tocá-lo com a direita, exatamente como havia feito com as luvas de jardinagem TIRE AS MÃOS de Pam. Tentei visualizar meus dedos direitos correndo sobre aquela linha vacilante. Deu certo — mais ou menos —, mas eu senti um certo desespero. Pretendia mesmo fazer isso com todos os desenhos? Deveria haver umas 12 dúzias, no mínimo. Além do mais, eu não estava sendo exatamente soterrado por informações mediúnicas.

Vá com calma. Roma não foi construída em uma hora.

Decidi que um pouco de rádio The Bone não faria mal e talvez até ajudasse. Levantei-me, apanhando o pedaço de papel velho com a direita, e, obviamente, ele esvoaçou até o chão, pois não *havia* mão direita. Eu me abaixei para pegá-lo, pensando que tinha me confundido quanto ao ditado, ele era *Roma não foi construída em um dia.*

Mas Nan Melda diz numa hora.

Eu parei, segurando a folha de papel com a mão esquerda. A mão que o guindaste não conseguira pegar. Aquilo era uma memória de verdade, algo que tinha vindo flutuando de

dentro do desenho, ou apenas invenção minha? Apenas minha mente tentando ser prestativa?

— Isso não é um desenho — falei, olhando para a linha vacilante.

Não, mas tentou ser um.

Minha bunda desabou de volta na cadeira. Não me sentei volutariamente; foi mais como se meus joelhos tivessem perdido a força e cedido. Olhei para a linha e, em seguida, para a janela. Do golfo para a linha. Da linha para o golfo.

Ela havia tentado desenhar o horizonte. Aquela fora sua primeira tentativa.

Sim.

Peguei meu bloco e agarrei um de seus lápis. Não importava qual, desde que fosse dela. Ele parecia grande, grosso demais, na minha mão. Também parecia se encaixar perfeitamente. Comecei a desenhar.

Em Duma Key, era o que eu fazia melhor.

iii

Desenhei uma criança sentada em um troninho. Sua cabeça estava enfaixada. Ela segurava um copo em uma das mãos. Seu outro braço estava em volta do pescoço do pai. Ele usava uma camiseta de baixo e tinha espuma de barbear no rosto. Ao fundo estava a governanta, que não passava de uma sombra. Nada de braceletes naquele desenho, pois ela não os usava sempre; no entanto, o lenço estava amarrado em volta da sua cabeça, com o nó na frente. Nan Melda, a coisa mais próxima uma mãe que Libbit jamais conhecera.

Libbit?

Sim, era assim que eles a chamavam. Que ela chamava a si mesma Libbit, pequena Libbit.

— A menor de todas — murmurei, virando para trás a primeira página do bloco de desenho. O lápis, curto demais, grosso demais, não usado por três quartos de século, era a ferramenta perfeita, o *veículo* perfeito. Ele começou a se mover novamente.

Desenhei uma garotinha em um quarto. Livros apareciam na parede atrás dela e o lugar

era um escritório. O escritório de Papai. Sua cabeça estava enfaixada. Ela estava diante de uma mesa. Usava o que parecia ser um roupão. Tinha um

(ná-pis)

lápis na mão. Um dos lápis de cor? Provavelmente não — não naquele momento, ainda não —, mas não importava. Ela havia encontrado sua vocação, seu foco, seu *métier*. E como aquilo a deixava com fome! Como a deixava faminta!

Ela pensa Eu quero mais papel, por favor.

Ela pensa Eu sou ELIZABETH.

— Ela literalmente se desenhou de volta ao mundo — falei, e um arrepio tomou meu corpo da cabeça aos pés, afinal, eu não tinha feito o mesmo? Eu não tinha feito *exatamente* o mesmo, ali em Duma Key?

Havia mais trabalho a fazer. Pensei que aquela seria uma noite longa e cansativa, no entanto eu parecia estar prestes a fazer grandes descobertas, e o que sentia não era terror — não naquele instante —, mas sim uma espécie de excitação apreensiva.

Eu me abaixei e peguei o terceiro desenho de Elizabeth. O quarto. O quinto. O sexto.

Fazia aquilo em uma velocidade cada vez maior. Às vezes, parava para desenhar, mas, na maioria delas, não era preciso. Os desenhos passaram a se formar na minha cabeça e o motivo pelo qual eu não precisava colocá-los no papel me parecia claro: Elizabeth já havia feito aquele trabalho, tempos atrás, quando estava se recuperando do acidente que quase a matou.

Nos dias felizes antes de Noveen começar a falar.

iv

Em um determinado momento da minha entrevista com Mary Ire, ela disse que descobrir na meia-idade estar em pé de igualdade com os melhores pintores do mundo deve ter sido como ganhar as chaves de um carrão envenenado — um Roadrunner ou um GTO. Outra hora, ela disse que deveria ter sido como ganhar as chaves de uma casa totalmente mobiliada. Uma mansão, na verdade. Eu disse que sim, aquilo também. E se ela tivesse prosseguido? Se tivesse dito que deveria ser como herdar um milhão em ações da Microsoft, ou ser eleito governante vitalício de algum emirado cheio de petróleo (e pacífico) no Oriente Médio? Eu teria respondido sim, claro, pode apostar. Para acalmá-la. Pois aquelas perguntas eram *sobre* ela. Elas eram os olhos de uma criança ciente de que o mais próximo que vai chegar do seu sonho de ser trapezista é se sentar na arquibancada na matinê de sábado do circo. Ela era uma crítica, e muitos críticos que não conseguem fazer aquilo que avaliam se tornam invejosos, cruéis e mesquinhos por conta da frustração. Mary não era assim. Mary ainda amava tudo aquilo. Ela bebia uísque em um copo d’água e queria saber como era quando a Sininho aparecia voando do nada, cutucava seu ombro e você descobria que, embora estivesse naquela metade dos cinquenta em que já tem rugas no pescoço, recebeu de repente a habilidade de voar para além da face da Lua. Então, mesmo que não fosse como ter um carro veloz ou ganhar

as chaves de uma casa totalmente mobiliada, eu lhe disse que era. Porque é *impossível* contar a alguém como é. Tudo o que você pode fazer é tagarelar até todos ficarem exaustos e chegar a hora de dormir.

Elizabeth, no entanto, soube como era.

Estava nos seus desenhos e, depois, nas suas pinturas.

Era como receber uma língua quando se estava mudo. E mais. Melhor. Era como receber de volta sua memória, e a memória de uma pessoa é tudo, na verdade. Memória é identidade. Ela é *você.* Já naquela primeira linha — aquela primeira linha de extraordinária *bravura* que pretendia mostrar onde o golfo se encontrava com o céu —, ela compreendera que o ato de ver e a memória eram intercambiáveis, e começara a se curar.

Perse não estava naquele horizonte. Não no começo.

Eu tinha certeza disso.

v

Durante as quatro horas seguintes, eu entrei e saí do mundo de Libbit. Era um lugar ao mesmo tempo maravilhoso e assustador. De vez em quando eu rabiscava palavras — *O dom estava faminto, comece com o que você conhece* —, porém, na maioria das vezes eram desenhos. Eles eram nossa verdadeira língua em comum.

Compreendi a passagem rápida da sua família do assombro para a aceitação, que se transformou, por sua vez, em fastio. Aquilo acontecera, em parte, por a menina ser tão prolífica, mas, talvez, principalmente por ela ser parte *deles* — sua pequena Libbit, e sempre há a sensação de que nada de bom pode sair de Nazaré, não é mesmo? Porém, o fastio deles serviu apenas para aumentar sua fome. Ela procurou novas maneiras de impressioná-los, buscou novas formas de ver.

E, Deus tenha piedade dela, as encontrou.

Eu desenhei pássaros voando de cabeça para baixo e animais andando sobre a água da piscina.

Desenhei um cavalo com um sorriso tão grande que varava os cantos do seu rosto. Achei que tinha sido por volta daquele momento que Perse entrara em cena. Só que...

— Só que Libbit não *sabia* que era Perse — falei. — Ela achou que...

Peguei seus desenhos e os folheei de volta, quase até o começo. Até o rosto negro redondo com a boca sorridente. À primeira vista, eu o descartara como um retrato que Elizabeth tinha feito de Nan Melda, porém deveria ter percebido que não — era o rosto de uma criança, não de uma mulher. Um rosto de *boneca.* De repente, minha mão estava escrevendo NOVEEN ao lado dele com tanta força que o lápis amarelo-canário velho de Elizabeth se partiu na segunda perna do último N. Eu o atirei no chão e peguei outro.

Era através de Noveen que Perse havia falado primeiro, de modo a não assustar seu pequeno prodígio. O que poderia ser menos ameaçador do que uma bonequinha negra que sorria e usava um lenço vermelho na cabeça, assim como a adorada Nan Melda?

E terá Elizabeth se chocado ou sentido medo quando a boneca começou a falar sozinha? Achei que não. Ela poderia ser extremamente talentosa naquele aspecto restrito, no entanto ainda era uma criança de 3 anos.

Noveen lhe dizia o que desenhar e Elizabeth...

Agarrei meu bloco novamente. Desenhei um bolo caído no chão. *Esparramado* no chão. A pequena Libbit achou que a travessura havia sido ideia de Noveen, mas a culpada era Perse, para testar o poder de Elizabeth. Perse estava fazendo uma experiência, como eu o fizera, tentando descobrir quão poderosa era aquela nova ferramenta.

O Alice veio em seguida.

Porque, conforme sussurrou sua boneca, havia um tesouro e uma tempestade o desenterraria.

De modo que não se tratou de um Alice, não exatamente. E nem de uma Elizabeth, pois, àquela altura, ela ainda *não era* Elizabeth — não para sua família e tampouco para si mesma. O grande ciclone de 1927 tinha sido o furacão Libbit.

Porque Papai gostaria de encontrar um tesouro. E porque Papai precisava pensar em alguma outra coisa além de...

— Ela fez sua cama — falei com uma voz rouca que não parecia a minha. — Que deite nela.

...além de como estava bravo com Adie por ela ter fugido com Emery, aquele zé-povinho.

Sim. Era isso que tinha acontecido na região sul de Duma Key, nos idos de 1927.

Eu desenhei John Eastlake — porém, apenas suas nadadeiras contra o céu, a ponta do seu snorkel e uma sombra debaixo d’água. John Eastlake mergulhando em busca de tesouros.

Mergulhando em busca da nova boneca de sua filha, embora ele provavelmente não acreditasse nisso.

Ao lado de uma das nadadeiras, eu escrevi a palavra BUTIM.

As imagens surgiam na minha mente, cada vez mais claras, como se tivessem esperado todos aqueles anos para serem libertadas, e eu me perguntei por um instante se cada pintura (e utensílio usado para fazê-las), desde aquelas nas paredes de cavernas na Ásia Central até a Mona Lisa, abrigava memórias tão escondidas de seus processos de criação dos seus criadores, codificadas em seus traços como um DNA.

Vá batendo os pés e nadando até eu mandar parar.

Acrescentei Elizabeth ao desenho do Papai Mergulhador, parada na água até seus joelhos gordinhos, com Noveen enfiada debaixo do braço. Libbit poderia ter sido a boneca-garota do desenho com o qual Ilse exigira ficar — o que eu havia intitulado de *O Fim do Jogo*.

E, depois que viu todas aquelas coisas, ele me abraçou me abraço abraçou.

Esbocei um desenho apressado de John Eastlake fazendo exatamente aquilo, com a máscara de mergulho no topo da cabeça. A cesta de piquenique estava próxima dali, sobre um cobertor, com o lança-arpão pousado em cima dela.

Ele me abraçou me abraçou me abraçou.

Desenhe-me, sussurrou uma voz. *Desenhe o butim de Elizabeth. Desenhe Perse.*

Mas eu não queria. Tinha medo do que poderia ver. E do que ela poderia fazer comigo.

E quanto ao Papai. E quanto a John? Quanto *ele* sabia?

Folheei os desenhos de Elizabeth até a ilustração de John Eastlake gritando, com sangue escorrendo do nariz e de um olho. Ele sabia bastante. Talvez tivesse descoberto tarde demais, mas sabia.

O que exatamente *acontecera* com Tessie e Lo-Lo?

E com Perse, para silenciá-la por todos aqueles anos?

O que ela era afinal? Não uma boneca, até aí não parecia haver dúvidas.

Eu poderia ter continuado — um desenho de Tessie e Lo-Lo correndo por uma trilha,

alguma trilha, de mãos dadas, já estava pedindo para ser feito —, mas estava começando a sair do meu semitranse e quase morrendo de medo. Além do mais, pensei que já sabia o suficiente para prosseguir e tinha quase certeza de que Wireman poderia me ajudar a desvendar o resto. Fechei meu bloco. Larguei o lápis marrom aquela altura, apenas um cotoco — daquela garotinha desaparecida há tanto tempo e notei que estava com fome. Faminto, na verdade. Porém, aquele tipo de ressaca não era novidade para mim, e havia muita coisa para comer na geladeira.

vi

Desci lentamente a escada, minha cabeça um turbilhão de imagens — uma garça de cabeça para baixo com olhos azuis penetrantes, os cavalos sorridentes, as nadadeiras do tamanho de um barco nos pés do Papai —, e não me dei o trabalho de acender as luzes da sala de estar. Não havia necessidade; quando o mês de abril chegou, eu já conseguia navegar a rota do pé da escada até a cozinha na escuridão total. Àquela altura, eu considerava minha aquela casa solitária, com seu queixo projetado sobre a beira d'água e, apesar de tudo, não conseguia me imaginar longe dela. Parei no meio da sala, olhando para o golfo através do solário.

Nele, ancorado a no máximo 100 metros da praia, claro e inconfundível sob a luz de uma lua crescente e de um milhão de estrelas, estava o *Perse.* Suas velas estavam recolhidas, porém cordas entrelaçadas pendiam de seus mastros arcaicos como teias de aranha. *As mortalhas,* pensei. *Aquelas são as suas mortalhas.* Ele balançava para cima e para baixo como o brinquedo podre de uma criança morta há tempos Os conveses estavam vazios, até onde eu podia ver — tanto de vida quanto de suvenires —, mas como saber o que poderia haver nas cobertas?

Eu estava quase desmaiando. No mesmo instante em que percebi isso, percebi também o motivo: minha respiração tinha parado. Disse a mim mesmo para inspirar, no entanto, por um momento aterrador, nada aconteceu. Meu peito continuou tão plano quanto a página de um livro fechado. Quando ele finalmente se ergueu, ouvi um som ofegante. Fui eu quem o fez, lutando para continuar vivo em um estado consciente. Expeli o ar que tinha acabado de sorver e inalei mais dele, fazendo um pouco menos de barulho. Pontos pretos se juntaram diante dos meus olhos na penumbra, então desapareceram. Esperei que o navio lá fora fizesse o mesmo — sem dúvida só poderia ser uma alucinação —, porém ele continuou no mesmo lugar, com seus cerca de 110 metros de comprimento e pouco mais da metade dessa extensão de largura. Balançando nas ondas. Jogando um pouco de um lado para outro também. O gurupés oscilava como um dedo, parecendo dizer *Aiii, seu malvado, agora você se ferr...*

Estapeei meu próprio rosto com tanta força que meu olho se encheu d'água, mas o navio continuou lá fora. Ocorreu-me que se ele *estivesse* ali — de verdade —, então Jack conseguiria vê-lo da passarela do *Palacio*. Havia um telefone do outro lado da sala de estar, mas, de onde eu estava, o do balcão da cozinha ficava mais perto. E tinha a vantagem de estar bem debaixo dos interruptores. Eu queria luzes acesas, principalmente as da cozinha, aquelas lâmpadas fluorescentes boas e fortes. Atravessei de volta a sala de estar andando de costas, sem desgrudar os olhos do navio, e acendi todos os três interruptores com as costas da mão. As luzes se acenderam e eu perdi o *Perse* de vista — e tudo o que estava além do solário — em meio ao seu brilho intenso e sensato. Estendi a mão para o telefone, então me detive.

Havia um homem na minha cozinha. Ele estava do lado da minha geladeira. Usava trapos encharcados que talvez um dia tivessem sido uma calça *jeans* azul e o tipo de camisa que a gente chama de gola canoa. Algo parecido com limo crescia no seu pescoço, nas suas faces, na testa e nos antebraços. O lado direito da sua cabeça estava esmagado. Pétalas de ossos projetavam-se através da folhagem escorrida do seu cabelo preto. Faltava-lhe um olho, o direito. No seu lugar, havia apenas uma órbita esponjosa. O outro era de um prateado alienígena, desalentador, que não tinha nada de humano. Seus pés estavam descalços, inchados, roxos e carcomidos até o osso nos tornozelos.

Ele sorriu para mim, os lábios rachando ao se retraírem, revelando duas fileiras de dentes amarelos presos a gengivas pretas e antigas. Ergueu o braço direito e então eu vi o que deveria ter sido outra relíquia do *Perse.* Era uma algema. Uma de suas argolas velhas e enferrujadas estava fechada em volta do punho da coisa. A outra pendia aberta como uma mandíbula solta.

A outra era para mim.

Ele emitiu um som trêmulo e sibilante, talvez o máximo que suas cordas vocais decompostas eram capazes de produzir, e começou a andar na minha direção sob as luzes fluorescentes sensatas. Deixou pegadas no piso de madeira de lei. Projetava uma sombra. Eu conseguia ouvir um leve rangido e ver que ele usava um cinto de couro encharcado — apodrecido, mas, por ora, ainda firme.

Uma paralisia mole e estranha tomou conta de mim. Eu estava eonsciente, mas não conseguia correr, embora soubesse o que significava aquela algema aberta e o que era aquela coisa: um pelotão de recrutamento forçado de um homem só. Ele me algemaria e me levaria a bordo daquela fragata, ou galera, ou veleiro, ou sabe-se lá que diabo era aquilo. Eu me tornaria parte da tripulação. E, embora talvez não houvesse camareiros no *Perse,* eu achava que havia pelo menos duas *camareiras,* uma chamada Tessie e outra chamada Lo-Lo.

Você precisa correr. Ou pelo menos dar uma porrada nele com o telefone, pelo amor de Deus!

Mas eu não conseguia. Era como um pássaro hipnotizado por uma cobra. O melhor que pude fazer foi dar um passo entorpecido para trás, em direção à sala de estar... depois outro... um terceiro. Então, estava de volta às sombras. Ele ficou parado sob o batente da porta da cozinha, com a luz branca das lâmpadas fluorescentes incidindo ao longo rosto úmido e

apodrecido e projetando sua sombra através do carpete da sala. Ainda sorrindo. Pensei em fechar os olhos e desejar que ele fosse embora, porém aquilo não daria certo; eu conseguia sentir seu *cheiro*, como uma caçamba de lixo nos fundos de um restaurante especializado em peixes. E...

— Está na hora de ir, Edgar.

...ele conseguia falar, afinal de contas. As palavras saíram arrastadas, porém compreensíveis.

Adentrei mais um passo a sala de estar. Dei outra daquelas minhas passadas entorpecidas para trás, sabendo no meu íntimo que não adiantaria nada, que não bastava mentir para mim mesmo, que assim que se cansasse daquele jogo ele apenas se lançaria para a frente, prenderia aquela algema de ferro no meu punho e me arrastaria, aos gritos, para dentro d'água — para dentro do *caldo largo* —, e o último som que eu ouviria do mundo dos vivos seria o rangido da conversa das conchas debaixo da casa. Então, a água encheria meus ouvidos.

Dei outro passo para trás assim mesmo, sem saber ao certo se estava me encaminhando para a porta, apenas torcendo que sim, depois outro... e a mão de alguém caiu sobre o meu ombro.

Eu gritei.

vii

— Que *porra é* aquela? — sussurrou Wireman no meu ouvido.

— Não sei — respondi, e estava soluçando. Soluçando de medo. — Na verdade, sei sim. Eu *sei*. Olhe para o golfo, Wireman.

— Não consigo. Não tenho coragem de desgrudar os olhos daquilo.

No entanto, àquela altura a coisa no batente da porta já havia visto Wireman — Wireman, que entrara pela porta aberta assim como aquela coisa; Wireman, que chegara como a cavalaria em um faroeste de John Wayne — e parado depois de dar três passos para dentro da sala de estar, sua cabeça ligeiramente abaixada, a algema balançando para a frente e para trás em seu braço estendido.

— Cristo — disse Wireman. — Aquele navio! O das pinturas.

— Vá embora — disse a coisa. — Não temos interesse algum em você. Vá embora e nós

o deixaremos viver.

— Ele está mentindo — falei.

— Me conte algo que eu não sei — disse Wireman, erguendo a voz em seguida. Ele estava logo atrás de mim e quase estourou meu tímpanos — *Saia daqui! Você está invadindo esta propriedade!*

O rapaz afogado não respondeu, mas se deslocou exatamente com a rapidez que eu havia temido. Em um instante, estava a três passos da porta da cozinha. No seguinte, estava bem na minha frente, e eu tivera apenas a mais vaga e fugaz impressão de vê-lo atravessar aquela distância. Seu cheiro — podridão, alga marinha e peixe morto virando um caldo sob o sol — desabrochou, tornando-se insuportável. Senti suas mãos, frias como gelo, se fecharem sobre meu antebraço e gritei de surpresa e horror. Não por elas serem frias, mas por serem tão *moles*. Tão *flácidas*. O olho prateado solitário me fitava, como uma broca perfurando meu cérebro, e, por um momento, tive a sensação de ser preenchido pela mais pura escuridão. Então, a algema se fechou sobre o meu punho com um estalo claro e palpável.

— *Wireman!* — gritei, porém Wireman não estava mais lá. Eu o vi frigindo de mim, atravessando a sala o mais rápido que podia.

A coisa afogada e eu estávamos presos um ao outro. Ela me arrastou em direção à porta.

Wireman voltou logo antes de o morto conseguir me puxar até a soleira. Ele trazia algo parecido com um punhal rombudo em uma das mãos. Por um instante, achei que poderia ser um dos arpões de prata, mas isso foi apenas um poderoso exemplo de desejo infundado; os arpões de prata estavam no andar de cima, junto com a cesta de piquenique.

— Ei! — disse ele. — Ei, você! É, estou falando contigo! *Cojudo de puta madre.*

Sua cabeça girou para trás tão rapidamente quanto a de uma cobra prestes a dar o bote. Wireman foi quase tão veloz quanto. Segurando o objeto rombudo com as duas mãos, ele o enterrou no rosto da coisa, atingindo logo acima da órbita direita. A coisa berrou, um som que atravessou minha cabeça como estilhaços de vidro. Vi Wireman se encolher e mancar para trás; o vi lutando para se agarrar a sua arma e largá-la no chão coberto de areia da entrada. Não tinha importância. O homem-coisa que antes parecera tão sólido se desmaterializou, com roupas e tudo. Senti a algema em volta do meu punho também perder a solidez. Ainda consegui vê-lo por um instante, então restou apenas água, pingando nos meus tênis e no carpete. Havia uma grande mancha úmida onde o marinheiro demoníaco estivera apenas um segundo antes.

Senti uma quentura mais espessa no rosto e limpei sangue do nariz e do lábio superior. Wireman tinha caído sobre uma almofada. Eu o ajudei a se levantar e notei que seu nariz também sangrava. Um filete de sangue descia da sua orelha esquerda pelo lado do pescoço. Ele subia e descia com as batidas rápidas do seu coração.

— Meu Deus, o que foi aquele *grito?* — disse ele. — Meus olhos estão lacrimejando e meus ouvidos não param de retinir. Você está me ouvindo, Edgar?

— Estou — respondi. — Você está bem?

— Descontando o fato de achar que acabei de ver um morto desaparecer diante da porra dos meus olhos? Acho que sim. — Ele se abaixou, apanhou o cilindro rombudo do chão e o beijou. Glória a Deus pelas coisas malhadas[25] — disse ele, gargalhando em seguida. — Mesmo quando elas não são malhadas.

Era um castiçal. A ponta, onde você deveria encaixar a vela, estava escura, como se tivesse tocado algo muito quente em vez de frio e molhado.

— Todas as casas para locação da srta. Eastlake têm velas, porque aqui falta luz o tempo todo — disse Wireman. — Temos um gerador na mansão, mas as outras casas não têm, nem mesmo esta aqui. Mas, ao contrário das casas menores, esta tem alguns castiçais da mansão e, por acaso elas são de prata.

— E você se lembrou disso — falei. Maravilhado, na verdade.

Ele deu de ombros, então olhou para o golfo. Eu também. Não havia nada nele além do luar e da luz das estrelas sobre as águas. Ao menos por hora.

Wireman agarrou meu punho. Seus dedos se fecharam ao redor dele bem onde a algema estivera antes e meu coração saltou no peito.

— O que foi? — falei, não gostando do novo medo que via no seu rosto.

— Jack — disse ele. — Jack está sozinho no *Palacio.*

Pegamos o carro de Wireman. No meu pavor, nem tinha percebido seus faróis ou o escutado parar ao lado do meu.

ix

Jack estava bem. Alguns velhos amigos de Elizabeth haviam telefonado, porém a última ligação tinha sido às 21hl5, uma hora e meia antes de irrompermos na casa, sangrando e com os olhos arregalados, Wireman ainda brandindo o candelabro. Não houvera intrusos no *Palacio* e Jack não tinha visto o navio que passara algum tempo ancorado no golfo, em frente

ao Casarão Rosa. Ele ficara comendo pipoca e assistindo a *Um Tira da Pesada* em uma fita de vídeo antiga.

À medida que contávamos nossa história, ele foi ficando cada vez mais assombrado, embora não exatamente incrédulo; eu precisei recordar a mim mesmo que ele era um jovem, criado à base de programas de tevê como *Arquivo X e Lost*. Além do mais, a história se encaixava com o que ele ouvira antes. Quando terminamos, Jack pegou o candelabro de Wireman e examinou a ponta, que parecia o filamento de uma lâmpada queimada.

— Por que ele não veio atrás de mim? — perguntou ele. — Eu estava sozinho e totalmente desprevenido.

— Não quero abalar sua autoestima — falei —, mas não acho que você seja exatamente uma prioridade para quem quer que esteja comandando este espetáculo.

Jack olhava para a marca vermelha fina em volta do meu punho.

— Edgar, foi ai que...

Eu assenti.

— Caralho — falou Jack baixinho.

— Você já descobriu o que está acontecendo? — Wireman me perguntou. — Se ela mandou aquela coisa atrás de você, deve achar que sim, ou que está bem perto de descobrir.

— Acho que ninguém jamais saberá tudo — falei —, mas eu sei quem era aquela coisa quando estava viva.

— Quem? — Jack me encarava com os olhos arregalados. Estávamos na cozinha e ele ainda segurava o castiçal. Então, o largou de lado sobre o balcão.

— Emery Paulson. O marido de Adriana Eastlake. Eles voltaram de Atlanta para ajudar na busca depois que Tessie e Laura desapareceram, até aí é verdade, mas os dois jamais saíram de Duma Key novamente. Perse se certificou disso.

x

Nós fomos até o salão em que eu havia conhecido Elizabeth Eastlake. A mesa longa e baixa

ainda estava lá, mas dessa vez encontrava-se vazia. Sua superfície envernizada me parecia uma paródia impecável da vida.

— Onde estão eles? — perguntei a Wireman. — Onde estão os bibelôs? Onde está a vila?

— Eu encaixotei tudo e guardei na cozinha externa — disse ele, apontando vagamente. — Não foi por nenhum motivo em especial... eu só... só não conseguia... *muchacho,* você quer um pouco de chá gelado? Ou uma cerveja?

Pedi água. Jack disse que tomaria uma cerveja, se não fosse problema.

Wireman foi buscá-las. Ele conseguiu chegar até o corredor antes de começar a chorar. Eram soluços fortes e barulhentos, do tipo que você não consegue conter por mais que tente.

Jack e eu nos encaramos, então desviamos o olhar. Não dissemos uma palavra.

xi

Ele levou muito mais tempo do que o normal para apanhar duas latas de cerveja e um copo d’água, porém, quando voltou, já havia se recompostos.

— Me desculpem — disse ele. — Não tenho o costume de perder um ente querido e enfiar um castiçal na cara de um vampiro em uma semana só. Geralmente acontece ou um, ou outro. — Ele encolheu os ombros numa tentativa de mostrar tranquilidade. Não conseguiu, mas eu tive que lhe dar alguns pontos pela tentativa.

— Eles não são vampiros — falei.

— São o quê, então? — perguntou ele. — Explique.

— Tudo o que posso lhe dizer é o que os desenhos me contaram. Você precisa se lembrar que, por mais talentosa que tenha sido, ela ainda era apenas uma criança. — Eu hesitei, então balancei a cabeça. — Nem isso. Ela era pouco mais que um bebê. Perse era... acho que podemos dizer que Perse era seu guia espiritual.

Wireman abriu sua cerveja, deu um gole e então se inclinou para a frente.

— E quanto a você? Perse também é seu guia espiritual? Ela vem intensificando o que

você faz?

— Claro que sim — falei. — Ela vem testando os limites do meu talento e ampliando-o. Tenho certeza de que foi esse o caso no que diz respeito a Candy Brown. E ela vem escolhendo meus temas. Foi isso que aconteceu com a série *Garota e Navio.*

— E quanto ao resto das suas obras? — perguntou Jack.

— O mérito é em grande parte meu. Mas parte dele... — Eu parei de falar, invadido de repente por uma ideia terrível. Larguei meu copo de lado e quase o derrubei. — Minha Nossa Senhora.

— O que foi? — perguntou Wireman. — Pelo amor de Deus, o que foi?

— Você precisa pegar o seu caderninho de telefones vermelho. Imediatamente.

Ele o apanhou e então me deu o telefone sem fio. Fiquei um instante sentado com ele no colo, sem saber para quem deveria ligar primeiro. Então, descobri. No entanto, existe uma regra da vida moderna ainda mais inflexível do que aquela que afirma nunca haver um policial por perto quando você precisa: quando você necessita de verdade de um ser humano, sempre é atendido pela secretária eletrônica.

Foi o que aconteceu quando liguei para a casa de Dario Nannuzzi, de Jimmy Yoshida e de Alice Aucoin.

— *Porra!* — exclamei, batendo com o polegar contra o botão de desligar quando a voz gravada de Alice começou a falar “Sinto muito por não estar em casa para atender sua ligação agora, mas...”

— Eles provavelmente ainda estão comemorando — disse Wireman. — Dê tempo ao tempo, *amigo,* e tudo vai se acalmar.

— Eu não *tenho* tempo! — falei. — Porra! Merda! *Porra!*

Ele colocou uma das mãos sobre a minha e falou em um tom tranquilizador.

— O que foi, Edgar? Qual o problema?

— Os quadros são perigosos! Talvez não todos, mas alguns, com certeza!

Ele pensou naquilo, então assentiu.

— O.k. Vamos refletir sobre isso. Os mais perigosos provavelmente são os da série *Garota e Navio,* certo?

— Sim. Tenho certeza de que é isso mesmo.

— É quase certo que eles ainda estejam na galeria, esperando para ser emoldurados e despachados.

Despachados. Deus do céu, *despachados*.[26] Até a palavra era assustadora.

— *Muchacho,* o que você não pode fazer é perder o fio da meada.

Ele não entendeu que aquilo não era perder o fio da meada. Perse poderia invocar um vendaval a qualquer hora que quisesse.

Mas ela precisava de ajuda.

Encontrei o número da Scoto e o disquei. Achava possível que alguém ainda estivesse lá, mesmo às quinze para as onze da noite após a grande festa. No entanto, a regra inflexível continuou de pé e eu cai na secretária eletrônica. Aguardei com impaciência, então pressionei para deixar uma mensagem geral.

— Preste atenção, gente — falei —, aqui é Edgar Freemantle. Não quero que vocês despachem nenhuma das pinturas ou desenhos antes de eu mandar, o.k.? *Nenhum deles.* Deem uma segurada neles por alguns dias. Usem qualquer desculpa que for necessária, mas façam isso. Por favor. É muito importante.

Desliguei o telefone e olhei para Wireman.

— Será que eles vão fazer isso?

— Levando-se em conta a sua capacidade comprovada de fazer dinheiro? Pode apostar. E você acabou de ser poupado de uma conversa longa e complexa. Agora, podemos voltar para...?

— Ainda não. — Minha família e meus amigos seriam os mais vulneráveis, e o fato de cada um deles ter pegado um caminho diferente não me confortava. Perse já havia demonstrado que seu alcance era longo. E eu tinha começado a me meter onde não era chamado. Achei que ela estava com raiva de mim, ou com medo, ou ambos.

Meu primeiro impulso foi ligar para Pam, mas então me lembrei do que Wireman tinha dito sobre me poupar de uma conversa longa e complexa. Consultei minha própria memória indigna de confiança em vez do caderninho de Wireman... e, pela primeira vez, ela funcionou sob pressão.

Mas a ligação vai cair na secretária eletrônica dele, pensei. E caiu, mas a princípio eu não percebi.

— Olá, Edgar — disse Tom Riley, mas aquela não era sua voz. Ela estava desprovida de emoção. *São os remédios que ele está tomando,* pensei... embora aquela frieza não tivesse surgido na Scoto.

— Tom, ouça e não diga na...

No entanto, a voz prosseguiu. Aquela voz morta.

— Ela vai matar você, sabia? Você e seus amigos. Do mesmo jeito que me matou. Só que eu continuo vivo.

Eu cambaleei.

— *Edgar!* — falou Wireman com rispidez. — Edgar, qual o problema?

— Cale a boca — disse eu. — Preciso escutar isto.

A mensagem parecia ter acabado, porém eu ainda conseguia ouvi-lo respirar. Uma respiração lenta e curta vindo de Minnesota. Então, ele voltou a falar.

— Estar morto é melhor — disse ele. — Agora, tenho que ir matar Pam.

— Tom! — gritei para a mensagem. — Tom, *acorde!*

— Depois que morrermos, nós vamos nos casar. A cerimônia ser em um navio. *Ela* prometeu.

— *Tom!* — Wireman e Jack se juntaram ao meu redor um agarrando meu braço e o outro, meu coto. Mal percebi aquilo.

E por fim:

— Deixe sua mensagem após o bipe.

O bipe soou e, em seguida, a linha ficou muda.

Não desliguei o telefone; eu o deixei cair. Voltei-me para Wireman

— Tom Riley vai matar minha mulher — falei. E então prossegui embora as palavras não parecessem minhas. — Talvez já tenha matado.

xii

Wireman não pediu explicações, disse apenas para eu telefonar para ela. Coloquei o telefone de volta na orelha, mas não conseguia me lembrar do número. Wireman o leu para mim, porém eu não conseguia discá-lo; o lado ruim da minha vista havia — pela primeira vez em semanas — ficado todo vermelho.

Jack discou para mim.

Fiquei ouvindo o telefone tocar em Mendota Heights, aguardando a voz animada e impessoal de Pam na secretária eletrônica — uma mensagem dizendo que ela estava na Flórida, mas que retornaria as ligações em breve. Pam, que não estava mais na Flórida, mas que poderia estar morta no chão da sua cozinha, com Tom Riley a seu lado tão morto quanto ela. Essa imagem era tão clara que eu conseguia ver sangue nos armários e na faca na mão

enrijecida de Tom.

Um toque... dois... três... o próximo despertaria a secretaria eletrônica.

— Alô? — Era Pam. Ela parecia ofegante.

— Pam! — exclamei. — Deus do céu é você mesma? Me responda!

—Edgar? Quem contou para você? — Ela soava totalmente perplexa. E ainda ofegante. Ou talvez não. Aquela era uma voz de Pam que eu conhecia: um pouco fanhosa, como ela soava quando estava resfriada ou quando estava...

— Pam, você está chorando? — E então, atrasado: — Me contou o quê?

— Sobre Tom Riley — disse ela. — Achei que fosse o irmão dele. Ou, Deus me livre, a mãe dele.

— O que houve com Tom?

— Ele estava bem na viagem de volta — disse ela —, rindo e exibindo seu novo desenho, jogando cartas na parte de trás do avião com Kamen e alguns dos outros. — Então, ela começou a chorar de fato, soluços fortes como estática, suas palavras surgindo entre eles. Era um som feio, mas, ao mesmo tempo, bonito. Porque estava vivo. — Ele estava *bem*. E então, ontem à noite, se matou. Os jornais provavelmente chamarão de acidente, mas foi suicídio. É o que diz Bozie. Bozie tem um amigo na polícia que telefonou para lhe contar, daí ele me ligou. Tom bateu com o carro em um muro de contenção a 112 quilômetros por hora ou mais. Não tem nenhuma marca de pneu no asfalto. Foi na Rota 23, o que significa que ele provavelmente estava vindo para cá.

Eu entendi tudo, e não precisei de braço fantasma algum para me explicar. Perse queria algo, pois estava com raiva de mim. Com raiva? *Furiosa*. No entanto, Tom tivera um momento de sanidade — um momento de *coragem* — e decidira fazer um pequeno desvio rumo a um penhasco de concreto.

Wireman fazia gestos enlouquecidos de “o que está acontecendo” diante do meu rosto. Eu afastei o olhar dele.

— Panda, ele salvou sua vida.

— O *quê?*

— Eu sei o que sei — disse eu. — O desenho que ele estava exibindo no avião... era um dos meus, certo?

— Era... ele estava tão orgulhoso... Edgar, *o que você...*

— Ele tinha um nome? — falei. — O desenho tinha um nome? Você sabe dizer?

— O nome era *Olá*. Ele ficava dizendo “Não parece muito Minnesota, não... fazendo aquele sotaque idiota do norte de Minnesota... — Uma pausa. Eu não quebrei o silêncio porque estava tentando pensar. Então: — Você está usando aquele seu jeito especial de saber coisas, não está?

Olá, eu estava pensando. Sim, é claro. O primeiro desenho que eu fizera no Casarão Rosa também havia sido um dos mais poderosos. E Tom o comprara.

O maldito *Olá*.

Wireman tirou o telefone de mim, de forma gentil, porém firme.

— Pam? Aqui é Wireman. Tom Riley está...? — Ele parou para escutar, assentindo. Sua voz estava muito calma, muito tranquilizadora. Era uma voz que eu o escutara usar com Elizabeth. — Certo... sim sim, Edgar está bem, eu estou bem, estamos todos bem por aqui. Sinto muito pelo sr. Riley, é claro. Mas você precisa fazer algo por nós, e é muito importante. Vou passar para o viva-voz. — Ele apertou um botão que eu nem havia notado antes. — Ainda está na linha?

— Sim... — Sua voz soou metálica, porém clara. E ela estava recuperando o controle.

— Quantos dos parentes e amigos de Edgar compraram quadros?

Ela pensou a respeito.

— Ninguém da família comprou nenhuma *pintura,* disso eu tenho certeza.

Eu suspirei de alívio.

— Acho que eles estavam meio que torcendo, ou talvez esperando seja a palavra correta, que, mais tarde... quando fizessem aniversário, ou talvez no Natal...

— Entendo. Então eles não levaram nada?

— Não foi isso que eu disse. O namorado de Melinda também comprou um dos desenhos. O que está acontecendo? *O que há de errado com os quadros?*

Ric. Meu coração saltou no peito.

— Pam, aqui é Edgar. Melinda e Ric levaram o desenho com eles?

— Com todos aqueles voos, incluindo um transatlântico? Ele pediu que o emoldurassem e enviassem por correio. Acho que ela nem sabe. Eram flores desenhadas com lápis de cor.

— Então ele ainda está na Scoto.

— Sim.

— E você tem certeza de que ninguém mais na família comprou nada.

Ela ficou uns dez segundos pensando. Foi uma agonia. Por fim, disse:

— Não. Estou certa disso. — *É melhor estar mesmo, Panda,* pensei. — Mas Angel e Helen Slobotnik compraram um desenho. Ele se chamava *Caixa de Correio com Flores,* se não me engano.

Sabia de qual ela estava falando. O nome dele era *Caixa de Correio com Olhos-de-Boi,* na verdade. E eu achava que aquele era inofensivo, que provavelmente tinha sido feito só por mim, porém, de qualquer forma...

— Eles não o levaram, levaram?

— Não, porque estavam indo para Orlando antes e voltariam para casa de lá. Também pediram que ele fosse emoldurado e enviado por correio. — Nada de perguntas daquela vez, apenas respostas. Ela soava mais jovem, como a Pam com quem eu me casara, a que costumava fazer minha contabilidade na época anterior a Tom. — Seu cirurgião, esqueci o nome dele...

— Todd Jamieson — falei automaticamente. Se tivesse parado para pensar, teria me esquecido também.

— Isso mesmo. Ele também comprou um quadro e pediu que mandassem por correio. Queria um daqueles *Garota e Navio* sinistros, mas eles já estavam reservados. Acabou levando um com uma concha flutuando na água.

Esse poderia ser um problema. Todos os surreais poderiam ser um problema.

— Bozie comprou dois desenhos e Kamen comprou um. Kathi Green queria um também, mas disse que não tinha dinheiro. — Uma pausa. — Achei aquele marido dela meio babaca.

Eu teria lhe dado um se ela tivesse pedido, pensei.

Wireman falou novamente.

— Preste atenção agora, Pam. Você tem trabalho a fazer.

— Certo — Sua voz estava um pouco fanhosa, porém soava bastante atenta. Bastante concentrada.

— Você precisa ligar para Bozie e Kamen. Imediatamente.

— O.k.

— Diga-lhes para queimar aqueles desenhos.

Uma pequena pausa, então:

— Queimar os desenhos, o.k., entendi.

— Assim que sairmos do telefone — acrescentei.

Uma leve irritação:

— Eu falei que entendi, Eddie.

— Diga que eu irei lhes reembolsar o dobro do que gastaram, ou que darei outros desenhos para eles, o que você achar melhor, mas que aqueles são perigosos. Eles *são perigosos*. Entendeu?

— Entendi, vou fazer isso agora mesmo. — E então, finalmente, ela fez uma pergunta. *A* pergunta. — Eddie, aquele desenho que você chama de *Olá* matou Tom?

— Sim. Preciso que você me ligue de volta.

Eu lhe dei o número do telefone. Pam parecia ter voltado a chorar, porém o repetiu perfeitamente assim mesmo.

— Pam, obrigado — disse Wireman.

— É — acrescentou Jack. — Obrigado, sra. Freemantle.

Achei que ela fosse perguntar quem era aquele, mas não perguntou.

— Edgar, você me garante que as meninas estão seguras?

— Se não levaram nenhum dos meus quadros, elas estão seguras.

— Sim — falou ela. — Os seus malditos quadros. Eu ligo de volta.

E ela desligou, sem se despedir.

— Melhor agora? — perguntou Wireman assim que eu coloquei o fone no gancho.

— Não sei — respondi. — Queira Deus que sim. — Eu pressionei a base da minha mão primeiro contra o olho esquerdo e, depois, contra o direito. — Mas não me *parece* melhor. Não me parece *consertado.*

xiii

Ficamos um minuto em silêncio. Então, Wireman perguntou.

— Elizabeth ter caído da carrocinha foi mesmo um acidente? O que você acha?

Tentei clarear minha mente. Aquilo também era importante.

— Acho que foi. Quando ela acordou, sofria de amnésia, afasia e só Deus sabe mais o quê por conta de danos cerebrais que ainda não tinham diagnóstico em 1925. Pintar foi mais do que sua terapia; Elizabeth era um verdadeiro prodígio, sua primeira grande obra de arte foi ela mesma. A governanta, Nan Melda, também ficou impressionada. Aquela matéria saiu no jornal e podemos supor que todos que a leram durante o café da manhã ficaram também... mas você sabe como são as pessoas...

— O que é impressionante no café da manhã já está esquecido na hora do almoço —

disse Wireman.

— Jesus — disse Jack —, se quando envelhecer eu ficar tão cínico quanto vocês, acho que vou pendurar as chuteiras.

— É misericórdia para você, filho — disse Wireman, rindo. Era uma risada aturdida, mas *autêntica.* E aquilo era bom.

— Todos começaram a perder o interesse — falei. — E isso provavelmente aconteceu com Elizabeth, também. Quero dizer, quem se entedia com mais facilidade do que uma criança de 3 anos?

— Só filhotes de cachorro e periquitos — disse Wireman.

— Um colapso criativo aos 3 anos — falou Jack, pasmo. — Que porra de conceito é esse?

— Então ela começou a... a... — Eu me detive, incapaz de prosseguir por um instante.

— Edgar — perguntou Wireman baixinho. — Você está bem?

Não estava, mas precisava estar. Se não estivesse, Tom seria apenas o começo.

— É só que ele parecia bem na galeria. *Bem,* entende? Como se tivesse dado a volta por cima. Se *ela* não tivesse se intrometido...

— Eu sei — disse Wireman. — Beba um pouco d'água, *nuchacho.*

Eu bebi um pouco da minha água e me forcei a retornar ao assunto em questão.

— Ela começou a fazer experiências. Passou dos lápis de cor para pintura a dedo e daí para aquarelas em *semanas,* ao que parece. Além disso, alguns dos desenhos na cesta foram feitos com caneta-tinteiro e tenho quase certeza de que em outros ela usou tinta acrílica, que eu mesmo venho pensando em experimentar. Quando seca ela fica com uma aparência...

— Deixe isso para a sua aula de arte, *muchacho* — disse Wireman.

— Está bem, está bem. — Bebi um pouco mais de água. Eu estava começando a voltar aos trilhos. — Ela começou a fazer experiências com mídias diferentes, também. Se é que é essa a palavra; acho que sim. Giz sobre tijolo. Desenhos na areia da praia. Um dia, pintou o rosto de Tessie no balcão da cozinha com sorvete derretido.

Jack se inclinou para a frente, as mãos entrelaçadas entre suas coxas musculosas, as sobrancelhas franzidas.

— Edgar... isso não é só teoria, é? Você *viu* essas coisas?

— De certa forma, sim. Às vezes, eu via *de verdade.* Outras, era mais como... uma onda que vinha dos desenhos e quando usava os lápis dela.

— Mas você sabe que é verdade.

— Sei.

— Ela não se importava se seus desenhos duravam ou não? — perguntou Wireman.

— Não. *Fazê-los* era mais importante. Ela experimentou outras mídias e então começou a fazer experiências com a realidade. A modificá-la. E acho que foi *aí* que Perse a ouviu, quando ela começou a se meter com a realidade. Ouviu Elizabeth e despertou. Despertou e começou a chamar.

— Perse estava no meio daquelas quinquilharias que Eastlake encontrou, não estava? —

perguntou Wireman.

— Elizabeth pensou que fosse uma boneca. A melhor boneca do mundo. Mas as duas não poderiam ficar juntas até ela estar forte o bastante.

— *Ela* quem? — perguntou Jack. — Perse ou a garotinha?

— Provavelmente as duas. Elizabeth era apenas uma criança. E Perse... Perse tinha passado muito tempo dormindo. Repousando sob a areia, a trinta pés de profundidade.

— Muito poético — disse Jack —, mas não sei o que exatamente o senhor quer dizer.

— Nem eu — falei. — Porque *ela* eu não vejo. Se Elizabeth chegou a fazer desenhos de Perse, ela os destruiu. Acho sugestivo que tenha passado a colecionar bibelôs de porcelana na velhice, mas talvez seja apenas coincidência. O que sei é que Perse estabeleceu uma linha de comunicação com a criança, primeiro através de seus desenhos, depois através de sua boneca preferida até então, Noveen. E Perse instituiu uma espécie de... bem, de programa de exercícios. Não sei de que outra forma poderia chamá-lo. Ela persuadiu Elizabeth a desenhar coisas, e essas coisas aconteceriam no mundo real.

— Ela vem fazendo o mesmo jogo com o senhor, então — disse Jack. — Candy Brown.

— E meu olho — acrescentou Wireman. — Não se esqueça de que ele curou meu olho.

— Bem que eu gostaria de achar que o mérito foi todo meu — falei... mas terá sido mesmo? — *Aconteceram* outras coisas, no entanto. Pequenas em sua maioria... usar minhas obras como uma bola de cristal, por exemplo... — Eu me calei. Não queria ir por aquele caminho, pois ele me conduziria de volta a Tom. Tom, que deveria ter sido “consertado”.

— Conte para a gente o que mais você descobriu através dos desenhos dela — disse Wireman.

— Certo. Em primeiro lugar, aquele furacão fora de época. Elizabeth o invocou, provavelmente com a ajuda de Perse.

— Você *só pode* estar de sacanagem — disse Jack.

— Perse contou a Elizabeth onde estavam as coisas, e Elizabeth contou para o pai. Entre os objetos, havia uma... digamos que havia um bibelô de porcelana, com uns 30 centímetros de altura, de uma mulher bonita. — Sim, eu conseguia ver aquilo. Não os detalhes, mas a figura. E as pérolas vazias, sem pupilas, que eram seus olhos. — Ela era o prêmio de Elizabeth, seu butim. E, logo que saiu da água, ela começou a trabalhar *de verdade*.

Jack falou muito baixinho:

— De onde uma coisa dessas pode ter saído, para começo de converrsa, Edgar?

Uma frase veio aos meus lábios, não faço ideia de onde. Sei apenas que não era minhas. *Havia deuses antigos naquela época; reis e rainhas eles eram*. Não pronunciei aquelas palavras. Não queria ouvi-las, nem mesmo naquele salão bem-iluminado, de modo que apenas balancei a cabeça.

— Não sei. E não sei de que país era a bandeira içada naquele navio quando ele chegou até aqui, talvez rasgando o casco nas rochas do Kitt Reef e deixando para trás um pouco da sua carga. Não tenho certeza de quase nada... mas acho que Perse tem um navio só dela, e quando se viu livre das águas e completamente interligada à poderosa mente infantil de Elizabeth Eastlake, ela pôde chamá-lo.

— Um navio dos mortos — disse Wireman. Seu rosto estava amedrontado e embevecido como o de uma criança. Lá fora, um vento balançou a folhagem espessa no pátio; os rododendros menearam suas cabeças e eu conseguia ouvir o barulho constante e sonolento das ondas açoitando a praia. Eu havia adorado aquele som desde meu primeiro dia em Duma Key, e ainda o adorava, mas ele também passara a me dar medo. — Um navio chamado... o quê? *Persephone?*

— Se você preferir — falei. — Sem dúvida me passou pela cabeça que Perse fosse uma tentativa de Elizabeth falar isso. Mas não importa, não estamos falando de mitologia grega aqui. Estamos falando de algo muito mais antigo e monstruoso. E faminto, também. Ao menos isso ele tem em comum com vampiros. Mas sua fome é de almas, não de sangue. Pelo menos é o que eu acho. Elizabeth ficou no máximo um mês com sua nova “boneca”, e só Deus sabe como foi a vida no primeiro Heron’s Roost durante esse período, mas não pode ter sido boa.

— Foi nessa época que Eastlake mandou fazer os arpões? — perguntou Wireman.

— Não saberia dizer. Tem muita coisa que eu não sei, pois o que sei de fato vem de Elizabeth, que mal passava de um bebê. Não faço ideia do que aconteceu na outra vida *dela,* pois àquela altura ela já havia parado de desenhar. E mesmo que se lembrasse de quando desenhava...

— Ela estava se esforçando ao máximo para esquecer — concluiu Jack.

Eu falei:

— Vocês se lembram daqueles desenhos em que todos parecem estar com aqueles sorrisos grandes e enlouquecidos de viciado? Aquelo era Elizabeth tentando reconstruir o mundo do qual se lembrava. O mundo anterior a Perse. Um mundo mais feliz. No dias anteriores ao afogamento das gêmeas, ela era uma criança assustada, mas tinha medo de sequer abrir a boca, pois achava que era a culpada pelas coisas que estavam dando errado.

— Que coisas? — Foi Jack quem perguntou.

— Não sei ao certo, mas existe um desenho de um daqueles negrinhos de jardim de antigamente de cabeça para baixo, e acho que ele resume toda a questão. Imagino que, para Elizabeth, *tudo* parecesse estar de cabeça para baixo naquela época. — Eu tinha quase certeza de que aquele anão de jardim vestido de jóquei queria dizer mais do que isso mas não sabia o quê. De qualquer forma, aquela não era a hora certa para tentar descobrir. — Acredito que nos dias anteriores ao afogamento de Tessie e Laura e nos dias logo depois dele, a família tenha se tornado quase prisioneira do Heron’s Roost.

— E apenas Elizabeth sabia o motivo? — perguntou Wireman.

— Não sei. — Eu encolhi os ombros. — Nan Melda talvez soubesse de alguma coisa. *Provavelmente* sabia.

— Quem estava na casa no período entre a descoberta do tesouro e os afogamentos? — perguntou Jack.

Pensei a respeito.

— Imagino que Maria e Hanna tenham vindo da escola para passar um ou outro fim de semana, e Eastlake poderia estar viajando a negócios durante parte de março e abril. As que *certamente* passaram todo aquele tempo lá foram Elizabeth, Tessie, Laura e Nan Melda. E Elizabeth tentou acabar com a raça da sua nova "amiga" através dos desenhos. — Passei a língua pelos lábios, eles estavam muito secos. — Ela o fez com seus lápis de cor, os que estão na cesta. Isso foi logo antes de Tessie e Laura se afogarem. Talvez na noite anterior. Porque o afogamento delas foi um castigo, entendem? Do mesmo jeito que Tom matar Pam seria o *meu* castigo por bisbilhotar. Vocês estão compreendendo?

— Meu Deus do céu — sussurrou Jack. Wireman ficou muito pálido.

— Até ali, não acho que Elizabeth tenha entendido. — Eu pensei naquilo, então dei de ombros. — Ora, *eu* não consigo me lembrar do quanto entendia aos 4 anos de idade. Mas, até aquele momento, provavelmente a pior coisa que havia acontecido na sua vida, além de cair daquela carrocinha, e aposto que ela nem se lembrava do acidente, era ser colocada de bruços nos joelhos do pai e levar umas palmadas no bumbum, ou receber um tapa na mão por tentar pegar uma das tortas de geleia de Nan Melda antes de elas esfriarem. O que ela poderia saber sobre a natureza do mal? Tudo o que sabia era que Perse era levada, que Perse era uma boneca má em vez de uma boneca boa, que estava cada vez mais fora de controle e precisava sumir do mapa. Então, Libbit se sentou com seus lápis de cor e disse a si mesma: "Eu vou conseguir. Se for devagarzinho e fizer meu melhor desenho, eu vou conseguir." — Eu me interropi e passei a mão sobre os olhos. — Acho que foi isso, mas vocês precisam me dar um desconto. Posso estar me confundindo com lembranças da minha própria vida. Minha mente brincando comigo novamente. Como se eu fosse uma porra de bichinho de estimação para ela.

— Calma, *muchacho* — disse Wireman. — Vá devagar. Ela tentou acabar com a raça de Perse através dos desenhos. Como é que se faz uma coisa dessas?

— Você desenha e depois apaga.

— Perse não a deixava fazer isso?

— Tenho quase certeza de que Perse não sabia. Porque Elizabeth conseguia esconder seus planos. Se você me perguntasse como, eu não saberia responder. Se me perguntasse se a ideia foi dela mesma, algo que ela articulou sozinha aos 4 anos de idade...

— Não chega a ser inacreditável — disse Wireman. — De certa forma, parece o raciocínio de uma criança de 4 anos.

— Não entendo como ela pode ter escondido de Perse — falou Jack. — Tipo... uma criancinha?

— Eu também não sei — disse eu.

— Seja como for, não deu certo — disse Wireman.

— Não. Não deu certo. Acho que Elizabeth fez o desenho, tenho certeza de que o fez a lápis, e acho que ela apagou tudo depois de terminado. Isso provavelmente teria matado um ser humano, da mesma forma que eu matei Candy Brown, mas Perse não era humana. Aquilo só serviu para deixá-la com raiva. Ela deu o troco matando as gêmeas, que Elizabeth idolatrava. Tessie e Laura não desceram aquela trilha até Shady Beach para procurar por mais tesouros. Elas foram atraídas. Acabaram entrando na água e sumiram.

— Embora não para sempre — disse Wireman, e eu percebi que ele estava pensando em certas pequenas pegadas. Isso sem falar na que havia aparecido na minha cozinha.

— Não — concordei. — Não para sempre.

O vento soprou novamente, dessa vez com força o suficiente para fazer algo bater contra o lado da casa que dava para o golfo. Todos nós pulamos de susto.

— Como ela pegou esse tal de Emery Paulson? — perguntou Jack.

— Não sei — respondi.

— E Adriana — disse Wireman. — Perse também conseguiu pegá-la?

— Não sei — disse eu. — Talvez. — E acrescentei, relutante: — Provavelmente.

— Nós não vimos Adriana — disse Wireman. — Tem isso, também.

— Ainda não — falei.

— Mas as garotinhas se afogaram — disse Jack. Como se estivesse tentando entender aquilo direito. — Essa tal de Perse as atraiu até a água. Ou algo do gênero.

— Isso — falei. — Ou algo do gênero. Mas então houve uma busca. Com gente de fora. Como não haveria, Jack? — disse Wireman. — As pessoas sabiam que elas estavam desaparecidas. Shannington, por exemplo.

— Eu sei disso — falou Jack. — E o que eu estou dizendo. Então Elizabeth, seu pai e a governanta simplesmente fizeram boca de siri?

— Que escolha eles tinham? — perguntei. — O que John Eastlake poderia dizer aos quarenta ou cinquenta voluntários? “A cuca pegou minhas filhas, procurem a cuca?” Talvez ele nem soubesse de nada. Embora deva ter descoberto em algum momento. — Eu estava pensando no desenho dele gritando. Gritando e sangrando.

— *Que escolha eles tinham* me parece uma explicação razoável — disse Wireman. — Quero saber é o que aconteceu depois que a busca acabou. Logo antes de morrer, a srta. Eastlake disse algo sobre afogá-la para ela voltar a dormir. Ela estava falando de Perse? E, se estava, como é que se faz uma coisa dessas?

Eu balancei a cabeça.

— *Por que* você não sabe?

— Porque as respostas que faltam estão na região sul da ilha — falei. — No que quer que tenha restado do Heron’s Roost original. E acho que é lá que está Perse, também.

— Então está certo — disse Wireman. — A não ser que estejamos preparados para ir

embora de Duma imediatamente, me parece que devemos ir lá.

— Levando-se em conta o que aconteceu com Tom, nem temos essa escolha — falei. — Eu vendi um monte de quadros, e o pessoal da Scoto não vai segurá-los para sempre.

— Compre-os de volta — sugeriu Jack. Não que eu mesmo tivesse pensado nisso antes.

Wireman balançou a cabeça.

— Um monte de gente não vai querer vendê-los, nem pelo dobro do preço. E uma história dessas não vai convencer ninguém.

Quanto a isso, ninguém disse nada.

— Mas ela não é tão forte à luz do dia — falei. — Eu sugiro nove da manhã.

— Por mim, tudo bem — disse Jack, levantando-se. — Estarei aqui às quinze para as nove. Agora, eu vou atravessar a ponte de volta para Sarasota. — *A ponte.* Aquilo fez uma ideia começar a repercutir na minha cabeça.

— Você pode dormir aqui — disse Wireman.

— Depois *dessa* conversa? — Jack ergueu as sobrancelhas. — Com todo o respeito, cara, nem pensar. Mas estarei aqui amanhã.

— Calças e botas estão na ordem do dia — disse Wireman. — Vai ser vegetação cerrada por aquelas bandas, e pode haver cobras. — Ele arrastou uma das mãos pelo lado do rosto. — Parece que eu vou ter que faltar ao velório de amanhã na Abbot-Wexler. Os parentes da srta. Eastlake vão ter que arreganhar os dentes uns para os outros. Que pena... ei, Jack.

Jack já estava andando em direção à porta. Então, deu meia-volta.

— Você não teria nenhuma obra de Edgar, teria?

— Hmmm... bem...

— Admita. Confessar faz bem para a alma, *compañero.*

— Um desenho — disse Jack. Ele arrastou os pés e tive a impressão de que estava ruborizando. — A caneta-tinteiro. No verso de um envelope. É uma palmeira. Eu... ééé...

peguei do cesto de lixo um dia desses. Desculpe, Edgar. Foi mal.

— Sem problema, mas queime-o — falei. — Talvez eu possa lhe dar outro quando isso tudo tiver fim. — *Se é que um dia vai ter,* pensei, sem acrescentar.

Jack assentiu.

— O.k. Quer uma carona até o Casarão Rosa?

— Vou ficar aqui com Wireman — disse eu —, mas *quero* voltar para o Casarão Rosa antes.

— Não me diga — falou Jack. — Pijamas e uma escova de dentes.

— Não — respondi. — Cesta de piquenique e aqueles arpões de pra...

O telefone tocou e nos nos encaramos mutuamente. Acho que soube de imediato que era má notícia; senti meu estômago despencar como se fosse um elevador. Ele tocou novamente. Olhei para Wireman, mas Wireman ficou apenas olhando para mim. Ele também sabia. Eu atendi.

— Sou eu. — Pam, com a voz pesada. — Prepare-se, Edgar.

Quando alguém diz uma coisa dessas, você sempre tenta apertar uma espécie de cinto de segurança mental. Porém, quase nunca dá certo. A maioria das pessoas não tem cinto de segurança algum.

— Pode falar.

— Eu liguei para a casa de Bozie e lhe contei o que você me falou. Ele começou a fazer perguntas, o que não é de surpreender, mas eu disse que estava com pressa e que, de qualquer forma, não tinha nenhuma resposta. Então, resumindo, ele concordou em fazer o que você pediu. “Pelos velhos tempos”, nas palavras dele.

A sensação no meu estômago estava piorando.

— Depois, tentei falar com Ilse. Não tinha certeza se a encontraria em casa, mas ela havia acabado de chegar. Ela me pareceu cansada, mas está de volta e bem. Vou falar com Linnie amanhã, quando...

— *Pam...*

— Já estou chegando lá. Depois de Illy, telefonei para Kamen. Alguém atendeu no segundo ou no terceiro toque e eu comecei minha ladainha. Achei que estava falando com ele. — Ela fez uma pausa. — Era seu irmão. Ele disse que Kamen tinha parado para tomar um *latte* na Starbucks na volta do aeroporto. Teve um ataque cardíaco enquanto esperava na fila. Os paramédicos o transportaram para o hospital, mas só por uma questão de formalidade. O irmão dele disse que Kamen estava morto no local. Ele me perguntou por que eu estava ligando e eu falei que não tinha mais importância. Tudo bem?

— Sim. — Não achei que o desenho de Kamen fosse ter efeito algum sobre o seu irmão, ou sobre qualquer outra pessoa. Achei que ele já havia feito o seu trabalho. — Obrigado.

— Se isso serve de consolo, *pode* ter sido coincidência. Ele era um cara sensacional, mas também tinha uma bela quantidade de quilinhos a mais. Qualquer um que olhasse para ele poderia ver.

— Talvez você tenha razão. — Embora eu soubesse que não era o caso. — A gente se fala em breve.

— Certo. — Ela hesitou. — Cuide-se, Eddie.

— Você também. Tranque as portas hoje à noite. E ligue o alarme.

— Sempre faço isso.

Ela desligou. Do outro lado da casa, as ondas disputavam com a noite. Meu braço direito coçava. Eu pensei: *Se eu pudesse pegá-lo, acredito que o cortaria fora de novo. Em parte para impedir o estrago que você pode fazer, mas principalmente para calar sua boca.*

No entanto, é claro que não era meu braço perdido, ou a mão que existira um dia na extremidade dele, que era o problema; o problema era a coisa-mulher com o manto vermelho, usando-me como algum tipo de tabuleiro Ouija pervertido.

— O que foi? — perguntou Wireman. — Não faça suspense, *muchacho,* o que foi?

— Kamen — falei. — Ataque cardíaco. Morto.

Pensei em todos os quadros armazenados na Scoto, quadros que tinham sido vendidos. Por pouco tempo, eles não fariam mal a ninguém onde estavam, mas, no fim das contas, o dinheiro fala mais alto. Isso não era nem a lei dos machões, era a porra do estilo americano.

— Vamos, Edgar — falou Jack. — Eu te levo até a sua casa e depois voltamos para cá.

Não vou dizer que nossa pequena excursão escada acima até a Casinha Rosa foi exatamente serena (eu estava com o candelabro de prata e o carreguei na diagonal diante do corpo o tempo todo que passamos ali), porém não aconteceu nada de mais. Os únicos espíritos no local eram as vozes agitadas das conchas. Eu guardei os desenhos de volta na cesta de piquenique. Jack agarrou as alças e a carregou até o andar de baixo. Eu vigiei sua retaguarda o tempo todo e tranquei a porta do Casarão Rosa às nossas costas. Como se *aquilo* fosse adiantar alguma coisa.

Enquanto voltávamos de carro até *El Palacio,* um pensamento me veio à cabeça... ou voltou a ela. Eu tinha deixado minha Nikon digital para trás e não queria voltar para apanhá-la, mas...

— Jack, você tem uma câmera Polaroid?

— Claro — disse ele. — Uma One-Shot. É o que meu pai chama de “velha, mas aproveitável”. Por quê?

— Quando você vier amanhã, quero que pare um pouco no lado de Casey Key da ponte levadiça. Tire algumas Polaroids dos pássaros e dos barcos, o.k.?

— O.k.

— E dê um jeito de tirar algumas da ponte levadiça também, especialmente do mecanismo de elevação.

— Por quê? O que o senhor vai fazer com elas?

— Vou desenhar a ponte levadiça sem o mecanismo — falei. — E vou fazer isso quando ouvir a sirene que significa que ela está levantada para deixar algum barco passar. Duvido que o motor e as peças hidráulicas desapareçam de verdade, mas com sorte eu consigo ferrar com eles o bastante para deixar todos fora da ilha por algum tempo. O tráfego, pelo menos.

— Está falando sério? O senhor acha mesmo que consegue sabotar a ponte?

— Levando-se em conta a frequência com que ela quebra sozinha, deve ser moleza. — Olhei novamente para a água escura e pensei em Tom Riley, que deveria ter sido “consertado”. Que tinha sido é *danificado.* — Eu só queria poder desenhar uma boa noite de sono para mim.

Como fazer um desenho (IX)

Procure pela imagem dentro da imagem. Nem sempre é fácil de encontrar, mas está sempre lá. E, se você deixar de vê-la, pode deixar de ver o mundo. Eu sei disso melhor do que ninguém, pois, quando olhei para a foto de Carson Jones com a minha filha — de Smiley com seu Docinho —, achei que sabia o que estava procurando e deixei de ver a verdade. Porque eu não confiava nele? Sim, mas isso chega a ser quase engraçado. A verdade era que eu não teria confiado em nenhum *homem que pretendesse reivindicar minha queridinha, minha favorita, minha Ilse.*

Eu encontrei uma foto dele sozinho antes de encontrar a deles dois juntos, porém disse a mim mesmo que não queria a primeira, que aquela não serviria para mim; se eu quisesse saber suas intenções em relação à minha filha, teria que tocar os dois como um casal com minha mão mágica.

Eu já estava fazendo suposições, está vendo? Suposições equivocadas.

Se eu tivesse tocado a primeira, examinado pra valer a fotografia — Carson Jones com sua camisa dos Twins, Carson sozinho —, as coisas poderiam ter sido diferentes. Eu poderia ter notado que ele era essencialmente inofensivo. Tenho quase certeza de que sim. Porém, eu a ignorei. E nunca me perguntei por que eu a havia desenhado sozinha, *olhando para todas aquelas bolas de tênis flutuantes, se Carson representava perigo para ela.*

Porque a garotinha com vestido de tenista era ela, sem dúvida. Quase todas as garotas que eu desenhei e pintei durante meu período em Duma Key eram, até mesmo as disfarçadas de Reba, Libbit ou — em um caso Adriana.

Havia apenas uma exceção feminina: a de manto vermelho.

Ela.

Quando toquei a fotografia de Ilse com seu namorado, eu pressentira morte — não quis admitir a mim mesmo naquele momento, mas era verdade. A mão que eu tinha perdido pressentiu morte, iminente como chuva nas nuvens.

Eu supus que Carson Jones pretendia fazer mal à minha filha e isso, quis afastá-lo dela. No entanto, ele nunca foi o problema. Perse queria me impedir — estava, creio eu, desesperada para me impedir depois eu encontrei os desenhos e lápis antigos de Libbit —, porém Carson Jones nunca foi a arma de Perse. Mesmo o pobre Tom foi apenas um tapa-buraco um quebra-galho.

A imagem estava lá, mas eu fiz uma suposição equivocada e deixei de ver a verdade: a morte que eu pressenti não vinha dele. Estava pairando sobre ela.

Eparte de mim deve ter notado que eu deixei aquilo passar.

Por que outro motivo eu teria desenhado aquelas malditas bolas de tênis?

16 - O Fim do Jogo

i

Wireman me ofereceu um Lunesta para me ajudar a dormir. Eu fiquei extremamente tentado a aceitar, mas recusei. Recorri, no entanto, a um dos arpões de prata, e Wireman fez o mesmo. Com sua barriga cabeluda pendendo um pouco sobre a cueca samba-canção azul e um dos itens exclusivos de John Eastlake na mão direita, ele parecia uma divertida versão realista do Cupido. A ventania tinha aumentado ainda mais; ela rugia ao longo dos lados da casa e assobiava pelos cantos.

— Portas dos quartos abertas, o.k.?

— Certo.

— E se alguma coisa acontecer no meio da noite, grite como o diabo.

— Entendido, Houston. Você faça o mesmo.

— Jack vai ficar bem, Edgar?

— Se ele queimar o desenho, sim.

— Você está bem quanto ao que aconteceu com seus amigos?

Kamen, que me ensinara a pensar transversalmente. Tom, que me dissera para não desistir do mando de campo. Se eu estava bem quanto ao que acontecera com meus amigos?

Sim e não. Estava triste e chocado, porém estaria mentindo se não dissesse que também sentia uma espécie de alívio mesquinho e covarde; o ser humano é, em certos aspectos, um merda completo. Porque Kamen e Tom, embora fossem próximos, estavam um passo fora do círculo encantado dos que eram realmente importantes para mim. *Esses,* não tinha conseguido tocar. E, se eu me apressasse, Kamen e Tom seriam nossas únicas baixas.

— *Muchacho.*

— Sim — falei, sentindo-me como se tivesse sido chamado de muito longe. — Sim,

estou bem. Chame se precisar de mim, Wireman, e sem titubear. Duvido que consiga dormir muito.

ii

Fiquei deitado olhando para o teto com o arpão de prata do meu lado no criado-mudo. Escutava o fluxo constante do vento e o quebrar constante das ondas. Lembro-me de ter pensado: *Essa vai ser uma longa noite.* Então, fui tomado pelo sono.

Sonhei com as irmãs da pequena Libbit. Não as Malvadonas; as gêmeas.

As gêmeas estavam correndo.

O garotão as perseguia.

Ele tinha *DENTE.*

iii

Acordei com o corpo quase inteiro no chão, exceto por uma perna — a esquerda —, que ainda estava apoiada na cama e ferrada no sono. Lá fora, o vento e a maré continuavam a rugir. Dentro, meu coração batia quase tão forte quanto as ondas que quebravam na praia. Eu ainda conseguia ver Tessie afundando na água — se afogando enquanto aquelas mãos macias e implacáveis agarravam suas pernas. Aquilo estava perfeitamente claro, uma pintura infernal dentro da minha cabeça.

No entanto, não era o sonho das garotinhas fugindo da coisa-sapo que estava fazendo meu coração esmurrar o peito; não foi o sonho que me fez acordar no chão com um gosto de cobre na boca e com cada nervo do meu corpo parecendo estar em chamas. Foi, na verdade, aquela sensação de despertar de um pesadelo percebendo que se esqueceu de algo importante: de que não desligou o forno, por exemplom e a casa toda está cheirando a gás.

Arrastei meu pé de cima da cama e ele bateu no chão em uma explosão de alfinetes e agulhas. Eu o esfreguei, fazendo careta. A princípio, era como se eu estivesse esfregando um pedaço de madeira, mas logo em seguida aquela sensação de dormência começou a passar. A sensação de que eu me esquecera de algo de vital importância, não.

Mas o quê? Eu tinha alguma esperança de que nossa expedição para a região sul da ilha pudesse dar um fim a toda aquela confusão repugnante e doentia. O maior obstáculo, afinal de contas, era acreditar e a não ser que ficássemos céticos sob o sol forte da Flórida no dia seguinte, já havíamos passado dessa etapa. Havia a possibilidade de vermos pássaros voando de cabeça para baixo, ou de que um sapo saltitante monstruoso e gigantesco como o do meu sonho tentasse impedir nossa passagem, porém eu tinha a impressão de que eles eram essencialmente assombrações — excelentes quando se trata de meninas de 6 anos de idade, não tão boas contra homens adultos, especialmente quando eles estão armados com arpões de prata.

E, é claro, eu estaria com o meu bloco de desenho e os lápis.

Achava que, àquela altura, Perse estava com medo de mim e do meu talento recém-descoberto. Sozinho, ainda não recuperado da minha experiência de quase morte (ainda suicida, na verdade), eu talvez fosse uma vantagem em vez de um problema. Pois apesar de toda aquela conversa arrogante, Edgar Freemantle não havia conseguido outra vida nenhuma; ele apenas passara a ter palmeiras em vez de pinheiros como cenário de sua existência inválida. Contudo, assim que tive amigos novamente... vi o que estava à minha volta e estendi a mão para pegá-lo...

Então, eu passei a ser perigoso. Não sei o que exatamente Perse estava planejando — quero dizer, além de reconquistar seu lugar no mundo —, mas ela deve ter pensado que, quando o assunto era travessuras, o potencial de um talentoso artista de um braço só era enorme. Por Deus, eu poderia ter espalhado pinturas nocivas pelo mundo inteiro! No entanto, eu tinha frustrado seus planos, assim como Libbit o fizera. Agora era preciso primeiro me impedir para depois se livrar de mim.

— Um pouco tarde para isso, sua piranha — sussurrei.

Então por que eu ainda sentia cheiro de gás?

Os quadros — especialmente os mais perigosos, os da série *Garota e Navio* — estavam guardados em segurança a cadeado e chave e fora da ilha, exatamente como queria Elizabeth. Segundo Pam, ninguém no nosso círculo familiar e de amizades tinha levado desenhos, com exceção de Bozie, Tom e Xander Kamen. Era tarde demais para Tom e Kamen, e eu daria muita coisa para mudar aquilo, porém Bozie prometera queimar o dele, então quanto a *isso* estava tudo bem. Até mesmo Jack estava seguro, pois ele confessara sua pequena ladroagem. Foi esperteza de Wireman perguntar aquilo a ele, pensei. Fiquei apenas surpreso por ele não ter perguntado se eu mesmo não tinha dado algum trabalho meu para Já...

Minha respiração se transformou em vidro na minha garganta. Foi *então* que descobri o que tinha esquecido, naquela cavidade profunda da noite, com o vento rugindo lá fora. Eu fiquei tão concentrado na maldita exposição que nem cheguei a pensar muito sobre quem teria presenteado com alguma obra *antes* dela.

Posso ficar com ele?

Minha memória, ainda capaz de ser tão teimosa, às vezes me surpreendia com explosões de clareza digna de um filme em Technicolor. Foi o que aconteceu naquele instante. Eu vi Ilse descalça na Casinha Rosa, de short e camiseta. Ela estava diante do meu cavalete. Tive que lhe pedir para sair da frente para eu poder ver a pintura que tanto a impressionara. A pintura que eu nem me lembrava de ter feito.

Posso ficar com ele?

Quando ela se afastou, vi uma garotinha com um vestido de tenista. Estava de costas, porém era o centro da pintura. O cabelo ruivo não deixava dúvidas de que era Reba, meu pequeno amor, aquela namorada da minha outra vida. Porém, ela também era Ilse — Ilse do Barco a Remo — e também Adriana, a irmã mais velha de Elizabeth, pois aquele era o vestido de tenista de Adie, o que tinha lacinhos azuis finos ao longo da bainha. (Eu não tinha como saber disso, mas sabia; era o que me sussurravam os desenhos de Elizabeth — feitos quando ela ainda era conhecida como Libbit.)

Posso ficar com ele? É este que eu quero.

Ou o que algo *queria* que ela quisesse.

Tentei falar com Ilse, dissera Pam. *Não tinha certeza se a encontraria em casa, mas ela havia acabado de chegar.*

Bolas de tênis se espalhavam em volta dos pés da boneca-garota. Outras flutuavam em direção à praia nas ondas suaves. *Ela me pareceu cansada, mas está bem.*

Estava? Estava mesmo? Eu lhe dera o maldito desenho. Ela era minha Cookie, eu nunca conseguia lhe dizer não. Tinha até lhe dado um nome por sua causa, pois ela falou que artistas devem batizar suas criações. *O Fim do Jogo,* foi o que eu disse, e aquilo ressoava na minha cabeça como um sino.

iv

Não havia extensão telefônica no quarto de hóspedes, então eu segui na ponta dos pés até o corredor, empunhando meu arpão de prata. Apesar da necessidade de entrar em contato com Ilse o mais rápido possível, me detive por um instante para espreitar pela porta aberta do outro lado do corredor. Wireman estava deitado de costas como uma baleia encalhada, roncando pacificamente. Seu próprio arpão de prata estava do seu lado, junto com um copo d'água.

Passei pelo retrato de família, desci as escadas e cheguei à cozinha. Lá, o barulho do vento e o rugido da maré estavam mais altos do que nunca. Eu tirei o fone do gancho e... não ouvi nada.

É claro. Você acha que Perse se esqueceria dos telefones?

Então, olhei para o aparelho e vi botões para duas linhas. Na cozinha, pelo menos, tirar o fone do gancho não bastava. Fiz baixinho uma pequena oração, apertei o botão que dizia LINHA 1 e recebi um sinal de discagem como recompensa. Tirei o polegar de cima do botão e, logo em seguida, percebi que não me lembrava do número de Ilse. Minha caderneta de endereços tinha ficado no Casarão Rosa e seu telefone desaparecera completamente da minha cabeça.

v

O telefone começou a apitar como uma sirene. Era um som baixo — eu tinha largado o aparelho no balcão —, mas parecia alto na penumbra da cozinha e me fez pensar em coisas ruins. Viaturas policiais respondendo a atos de violência. Ambulâncias correndo em direção a locais de acidentes.

Apertei o botão que encerrava a ligação, então apoiei a cabeça contra o aço frio da geladeira grande do *Palacio.* À minha frente, havia um ímã dizendo GORDO É O NOVO MAGRO. Certo, e morto é o novo vivo. Ao lado do ímã, um porta-bloquinho e um cotoco de lápis preso por um barbante.

Eu pressionei o botão LINHA 1 novamente e disquei 411. O atendente virtual me deu as boas-vindas ao Auxílio à Lista Verizin e me perguntou com qual cidade e estado eu gostaria de falar. Eu disse: “Providence, Rhode Island”, falando como se eu estivesse em um palco. Até ali, tudo bem, mas o robô da telefonia travava em Ilse por mais cuidadosamente que eu pronunciasse seu nome. Ele me passou para um atendente humano, que foi conferir e me disse o que eu já suspeitava: o número de Ilse não constava na lista. Eu disse ao atendente que estava tentando telefonar para minha filha e que a ligação era importante Ele disse que eu poderia falar com um supervisor, que provavelmente poderia estar fazendo uma consulta por telefone em meu nome, mas somente depois das oito da manhã, horário da Costa Leste. Olhei para o relógio do microondas. Eram 2h04.

Desliguei e fechei os olhos. Eu poderia acordar Wireman, ver se ele tinha o número de Ilse no seu caderninho vermelho, mas tinha um pressentimento torturante que até aquilo poderia demorar demais.

— Eu vou conseguir — falei, mas sem grandes esperanças.

É claro que vai, disse Kamen. *Quanto você pesa?*

Eu pesava 79 quilos — algo em torno de 174 libras —, depois de uma vida adulta inteira com 68, o que dava aproximadamente 150 libras. Vi aqueles números na minha cabeça: 174150. Os números eram vermelhos. Então, cinco deles ficaram verdes, um depois do outro. Sem abrir os olhos, eu peguei o cotoco de lápis e os escrevi no bloquinho: 40175.

E qual o seu número de Seguro Social?, continuou perguntando Kamen.

Eles surgiram no escuro, números vermelhos brilhantes. Quatro deles ficaram verdes e eu os acrescentei aos que já havia rabiscado. Quando abri os olhos, vi que tinha escrito 401759082 em um garrancho de bêbado que descia a página do bloquinho.

Estava certo, eu o reconheci, mas ainda faltava um numero.

Não tem importância, falou o Kamen na minha cabeça. *Telefones com teclas são uma dádiva para quem tem problemas de memória. Se você limpar sua mente e discar o que já tem, vai apertar o último número sem problernas. É uma questão de memória motora.*

Torcendo para ele estar certo, abri a LINHA 1 novamente, disquei o código de área para Rhode Island e depois 759-082. Meu dedo nem chegou a hesitar. Ele pressionou o último número e, em algum lugar em Providence, um telefone começou a tocar.

vi

— Alô... quenhé...

Por um instante, tive certeza de que tinha errado o número no fim das contas. A voz era feminina, mas parecia mais velha do que a da minha filha. Muito mais. E medicada. Porém, resisti ao impulso inicial de dizer “Foi engano” e desligar. *Ela me pareceu cansada,* dissera Pam, mas se aquela era Ilse ela soava mais que cansada; soava totalmente exausta.

— Ilse?

Nenhuma resposta por um bom tempo. Comecei a achar que a voz sem corpo em Providence tinha desligado. Notei que estava suando tanto que conseguia sentir meu próprio cheiro, como um macaco em um galho. Então, o mesmo pequeno refrão:

— A-lô?... quenhé?

— Ilse!

Nada. Percebi que ela estava prestes a desligar. Lá fora, o vento rugia e as ondas esmurravam o litoral.

— Srta. Cookie! — gritei. — Srta. Cookie, não ouse desligar esse telefone!

Aquilo fez efeito.

— Pa... paii? — Havia um mundo de espanto naquela palavra quebrada.

— Sim, querida, é o papai.

— Se o senhor é mesmo papai... — Uma longa pausa. Eu conseguia vê-la na sua cozinha, descalça (como estivera naquele dia na Casinha Rosa, olhando para a pintura da boneca e das bolas de tênis flutuantes), a cabeça abaixada, o cabelo caído em volta do rosto. Distraída, talvez quase no ponto da loucura. E, pela primeira vez, comecei a odiar Perse além de temê-la.

— Ilse... Srta. Cookie... Quero que você preste atenção...

— Diga o meu apelido na internet. — Uma astúcia chocada surgira na sua voz. — Se o senhor é mesmo meu papai, diga meu apelido na internet.

E percebi que, se eu não dissesse, Ilse desligaria. Porque algo chegara até ela. Algo a havia enganado, passado a perna na minha filha, a enredado em suas teias. Só que não era algo. Era *ela.*

O apelido de Ilse na internet.

Por um instante, também não consegui me lembrar daquilo.

Você vai conseguir, disse Kamen, mas Kamen estava morto.

— Você não é... eu papai — falou a garota distraída do outro lado da linha e, novamente, estava prestes a desligar.

Pense transversalmente, aconselhou Kamen com tranquilidade.

Madura, pensei, sem saber por quê. *Grande, esticada, comprida...*

— Você não é meu papai, você é *ela* — disse Ilse. Aquela voz dopada e arrastada, tão diferente da sua. — Meu papai está morto. Eu vi em um sonho. Adeu...

— *Crescida!* — gritei, sem me importar se tinha acordado Wireman ou não. Sem nem pensar em Wireman. — *Seu apelido é Garotinha Crescida!*

Uma longa pausa do outro lado da linha. Então:

— E o resto?

Tive outro branco terrível, então pensei: *Teclado do telefone, o número de teclas de um piano...*

— Oitenta e oito — falei. — Seu apelido é Garotinha Crescida 88.

Houve uma longa, longa pausa. Pareceu uma eternidade. Então ela começou a chorar.

vii

Papai, ela disse que o senhor estava morto. Eu não acreditava em outra coisa. Não só porque sonhei com isso, mas porque mamãe me telefonou para dizer que Tom morreu. Eu sonhei que o senhor estava triste e saía andando para dentro do golfo. Então a corrente pegava o senhor e o afogava.

— Eu não me afoguei, Ilse. Estou bem, prometo que sim.

A história foi contada em fragmentos e rompantes, interrompida por lágrimas e digressões. Ficou claro para mim que ouvir minha voz a deixara mais calma, mas não curada. Ela digressionava, estranhamente solta no tempo; referiu-se à exposição na Scoto como se ela

tivesse acontecido no mínimo uma semana antes e se interrompeu uma vez para me contar que um amigo dela tinha sido preso por “cultivar”. Isso a fez rir alucinadamente, como se estivesse bêbada ou chapada. Quando lhe perguntei o que significava “cultivar”, ela falou que não tinha importância. Disse que talvez tenha até sido parte do seu sonho. Ela voltara a parecer sóbria. Sóbria... mas não *normal*. Ilse falou que *ela* era uma voz na sua cabeça, mas que também saía dos ralos e da privada.

Wireman apareceu em algum momento da nossa conversa, acendeu as lâmpadas fluorescentes da cozinha e se sentou à mesa com o arpão diante de si. Não disse nada, apenas escutou a minha parte do diálogo.

Ilse disse que tinha começado a se sentir estranha — “com um medinho esquisito”, foram suas palavras — assim que voltou para o seu apartamento. A princípio, ela se sentiu apenas desorientada, mas logo ficou enjoada também — como no dia em que tentamos explorar o sul da ilha através da única estrada de Duma Key. Então, foi ficando cada vez pior. Uma mulher falou com ela de dentro da pia, dizendo que seu pai estava morto. Ilse falou que, depois disso, foi dar uma volta para espairecer, mas então decidiu voltar imediatamente.

— Devem ter sido aqueles contos do Lovecraft que eu li para aquele projeto de inglês do último período — disse ela. — Fico achando que alguém está me seguindo. Aquela mulher.

Quando voltou para casa, foi preparar um mingau de aveia, achando, que talvez ele melhorasse seu estômago, porém o simples fato de vê-lo engrossar a deixou enjoada — cada vez que o mexia, ela parecia *ver* coisas nele. Caveiras. Rostos de crianças gritando. E então, a face de uma mulher. A mulher tinha olhos demais, falou Ilse. A mulher no mingau de aveia disse que seu pai estava morto e que sua mãe ainda não sabia, mas que, quando ficasse sabendo, daria uma festa.

— Daí eu fui e me deitei — falou ela, retrocedendo inconcientemente à dicção infantil —, e foi então que eu sonhei que a mulher estava certa e o senhor estava morto, papai.

Pensei em lhe perguntar quando sua mãe havia ligado, mas duvido que ela fosse se lembrar e, de qualquer forma, não tinha importância. Mas, meu Deus, como Pam tinha conseguido entender tudo errado com exceção do cansaço, principalmente depois do meu telefonema? Ela era surda? Certamente eu não podia ser o único capaz de detectar aquela desorientação na voz de Ilse, aquele *esgotamento.* Por outro lad talvez ela não estivesse tão mal quando Pam telefonou. Perse era poderosa, mas isso não significava que ela ainda não precisava de tempo para trabalhar. Especialmente a distância.

— Ilse, você ainda tem o desenho que eu lhe dei? O da garotinha e das bolas de tênis? O que eu chamei de *O Fim do Jogo.*

— Essa foi outra coisa estranha — disse ela. Tive a impressão de que ela estava *tentando* soar coerente, como um bêbado parado por um guarda de trânsito tenta parecer sóbrio. — Eu pretendia emoldurá-lo, mas não tive tempo de fazer isso, então o prendi na parede do salão com uma tachinha. O senhor sabe, a sala de estar/cozinha. Servi chá para o senhor ali.

— Sei. — Eu nunca tinha entrado no apartamento de Providence.

— Onde eu poderia olhar... olhar para ele... mas quando eu voltei... hãã...

— Você está pegando no sono? Não vá dormir falando comigo, srta. Cookie.

— Não estou dormindo... — Mas sua voz sumia.

— Ilse! Acorde! *Acorde, porra!*

— Papai! — Soando chocada. Mas também completamente desperta de novo.

— O que aconteceu com o desenho? O que mudou nele depois que você voltou?

— Ele estava no quarto. Acho que o mudei de lugar eu mesma... está até preso com a mesma tachinha vermelha... mas não me lembro de ter feito isso. Acho que eu queria que ele ficasse mais perto Não é engraçado?

Não, eu não achava aquilo engraçado.

— Eu não iria querer viver se o senhor estivesse morto, papai — falou ela. — Eu preferiria estar morta também. Tão morta quanto... quanto... tão morta quanto uma bolinha de gude! — E então ela riu. Eu pensei na filha de Wireman e não fiz o mesmo.

— Preste bastante atenção, Ilse. É importante que você faça o que eu mandar. Você vai fazer isso?

— Sim, papai. Desde que não demore muito. Estou... — O som de um bocejo. — ...cansada. Talvez consiga dormir, agora que sei que o senhor está bem.

Sim, ela conseguiria dormir. Bem debaixo de *O Fim do Jogo,* preso com sua tachinha vermelha. E acordaria pensando que a conversa tinha sido o sonho e a realidade o suicídio do seu pai em Duma Key.

Perse fizera aquilo. Aquela bruxa. Aquela *piranha.*

A raiva estava de volta, como num passe de mágica. Como se nunca tivesse partido. Não podia deixá-la ferrar com meu raciocínio; não podia nem deixar que transparecesse na minha voz, ou Ilse poderia achar que era direcionada a ela. Prendi o fone entre a orelha e o ombro. Em seguida, estendi a mão e agarrei o pescoço de cromo fino da torneira da pia. Fechei o punho em volta dela.

— Não vai demorar, querida. Mas você precisa fazer isso. Depois, pode ir para a cama.

Wireman estava sentado à mesa, totalmente imóvel, me observando. Lá fora, as ondas martelavam.

— Que tipo de fogão você tem aí, srta. Cookie?

— Gás. Fogão a gás. — Ela riu novamente.

— Ótimo. Pegue o desenho e jogue dentro dele. Então feche a porta e ligue o forno. O mais alto que puder. Queime aquele negócio.

— Não, papai! — Completamente desperta mais uma vez, tão chocada quanto na hora em que eu disse *porra,* talvez mais. — Eu *adoro* aquele desenho.

— Eu sei, querida, mas é ele que está fazendo você ficar desse jeito. — Comecei a falar outra coisa, mas então parei. Se fosse mesmo o desenho, e era, é claro que sim, então eu não precisava me esforçar tanto para fazê-la entender. Ela saberia tão bem quanto eu. Em vez de falar, eu estrangulei a torneira, empurrando a mão para a frente e para trás, desejando com todo o meu coração que fosse o pescoço daquela bruxa-piranha.

— Papai! O senhor acha mesmo...

— Eu não acho, eu sei. Pegue o desenho, Ilse. Vou esperar na linha. Pegue aquele negócio, enfie no forno e *queime.* Faça isso agora mesmo.

— Eu... está bem. Espere.

Ouviu-se um baque depois que o telefone foi largado.

Wireman perguntou:

— Ela obedeceu?

Antes que eu pudesse responder, ouvi um estalo. Ele foi seguido por um esguicho de água gelada que me encharcou até o ombro. Olhei para a torneira na minha mão e, em seguida, para a parte dentada em que ela havia se partido. Larguei a torneira na pia. Água jorrava do toco na parede.

— Acho que sim — falei. E então: — Sinto muito.

— *De nada.* — Ele se ajoelhou, abriu o armário debaixo da pia, estendeu a mão para além da lixeira e da pilha de sacos de lixo. Girou alguma coisa e a água começou a parar de jorrar da torneira aberta. — Você não sabe a força que tem, *muchacho.* Ou talvez saiba.

— Sinto muito — repeti. Mas não sentia. A palma da minha mão sangrava por conta de um corte superficial, mas eu estava me sentindo melhor. Mais lúcido. Ocorreu-me que, tempos atrás, a torneira teria sido o pescoço da minha mulher. Não foi à toa que ela pediu o divórcio.

Ficamos sentados na cozinha, esperando. O segundo ponteiro do relógio em cima do fogão deu uma volta muito lenta e começou outra. A água que saía da torneira quebrada se reduzira a um mero filete. Então, muito baixinho, escutei Ilse chamando:

— Voltei... já fiz... eu... — Então, ela gritou. Não sabia dizer se era um grito de surpresa, dor, ou ambos.

— Ilse! — exclamei. — *Ilse!*

Wireman se levantou depressa, batendo com o quadril em um dos lados da pia. Levantou as mãos espalmadas para mim. Eu balancei a cabeça: *Não sei.* Conseguia sentir o suor escorrendo pela minha face, embora não fizesse muito calor na cozinha.

Eu me perguntava o que fazer em seguida — para quem ligar — quando Ilse voltou ao telefone. Ela parecia exausta. Também parecia ela mesma. Finalmente, parecia ela mesma.

— Meu Deus do céu — disse ela.

— O que aconteceu? — Tive que me conter para não gritar. — Illy, *o que aconteceu?*

— Pronto. Ele pegou fogo e queimou. Fiquei olhando pela janela do fogão. Só restaram as cinzas. Preciso colocar um Band-Aid nas costas da minha mão, papai. O senhor estava certo. Tinha alguma coisa muito, muito errada com ele. — Ela soltou uma risada trêmula. — O desgraçado não queria entrar lá. Ele se dobrou e... — Aquela risada trêmula novamente. — Eu deveria chamar de corte de papel, mas não *parece* ser isso, e a sensação foi diferente também. Pareceu uma mordida. Acho que ele me mordeu.

viii

O importante para mim era que ela estava bem. O importante para ela era que eu estava. Estávamos os dois bem. Ou pelo menos foi o que o artista tolo pensou. Falei que ligaria para ela no dia seguinte.

— Illy? Tem mais uma coisa.

— Sim, papai. — Ela me pareceu completamente desperta e no controle novamente.

— Vá até o fogão. O forno tem luz?

— Tem.

— Acenda. Diga-me o que você está vendo.

— O senhor vai ter que esperar... o telefone sem fio está no quarto.

Fez-se outra pausa, mais curta. Então, ela voltou e disse:

— Cinzas.

— Ótimo — falei.

— Papai, e quanto ao resto dos seus quadros? São todos como este?

— Estou cuidando disso, querida. Outro dia eu conto.

— Certo. Obrigado, papai. O senhor ainda é meu herói. Eu te amo.

—Eu também te amo.

Aquela foi a última vez em que nos falamos, e nenhum dos dois sabia disso. Nunca sabemos, não é mesmo? Pelo menos, terminamos dizendo um para o outro que nos amávamos. Tenho isso. Não é muito, mas é alguma coisa. Para alguns é pior. Digo isso a mim mesmo nas longas noites em que não consigo dormir.

Para alguns é pior.

ix

Eu inclinei o corpo para baixo diante de Wireman e apoiei a cabeça na mão.

— Estou suando como um porco.

— Arrebentar a torneira da srta. Eastlake talvez tenha alguma coisa a ver com isso.

— Sinto mui...

— Fale isso de novo e eu te dou uma porrada — disse ele. — Você se saiu bem. Não é qualquer um que consegue salvar a vida da filha. Acredite quando eu digo que estou com inveja. Quer uma cerveja?

— Eu acabaria vomitando tudo em cima da mesa. Tem leite?

Ele conferiu dentro da geladeira.

— Não, mas creme com leite está *operante.*

— Me dê um trago disso.

— Você é nojento, Edgar. — Porém, ele me deu um trago de creme com leite em um copo de suco assim mesmo e eu mandei para dentro. Então, voltamos para o andar de cima, andando devagar, empunhando nossas flechas com pontas de prata como velhos guerreiros selvagens.

Retornei para meu quarto de hóspedes, me deitei e olhei novamente para o teto. Minha mão doía, mas aquilo não era problema. Ela cortara a sua; eu cortara a minha. Estávamos quites, de certa forma.

A mesa está pingando, pensei.

Afogá-la para ela voltar a dormir.

E alguma outra coisa — Elizabeth também dissera alguma outra coisa. Antes que eu pudesse recordar o que era, me lembrei de algo muito mais importante: Ilse tinha queimado *O Fim do Jogo* em seu forno a gás e sofrera apenas um corte — ou talvez uma mordida — nas costas da mão.

Eu deveria ter falado para ela desinfetar aquilo — pensei. *E desinfetar o meu, também.*

Peguei no sono. E, dessa vez, nenhum sapo onírico gigante me avisou de nada.

x

Um baque me acordou ao nascer do sol. O vento ainda estava soprando mais forte do que nunca — e jogara uma das cadeiras de praia de Wireman contra um dos lados da casa. Ou, talvez, o guarda-sol espalhafatoso sob o qual dividimos nossa primeira bebida — chá-verde gelado, muito refrescante.

Vesti minha calça jeans e deixei todo o resto largado no chão, inclusive o arpão com a ponta de prata. Não achava que Emery Paulson fosse me fazer outra visita, não à luz do dia. Fui ver se Wireman estava bem, mas apenas por uma questão de formalidade; conseguia ouvi-lo roncando e assobiando à vontade. Ele estava novamente deitado de costas, com os braços abertos.

Desci até a cozinha e balancei a cabeça ao ver a torneira quebrada e o copinho com a espuma seca do creme com leite dos lados. Encontrei um copo maior em um armário e o enchi de suco de laranja. Saí com ele para a varanda dos fundos. O vento que soprava do golfo era forte, mas estava quente e empurrava meu cabelo suado para trás, tirando-o de cima das minhas sobrancelhas e têmporas. A sensação era boa. Tranquilizadora. Decidi andar até a praia e tomar meu suco ali.

Parei a três quartos do fim da passarela, prestes a tomar um gole do meu suco de laranja. O copo estava torto e um pouco de suco caiu em cima do meu pé descalço. Mal notei aquilo.

Lá no golfo, vindo em direção à praia sobre uma das ondas grandes e impulsionadas pelo vento, havia um bola de tênis verde-clara.

Isso não significa nada, disse a mim mesmo, porém não consegui me convencer. Aquilo significava tudo, e eu soube disso desde o primeiro momento. Atirei o copo sobre as aveias-do-mar e saí mancando depressa — o mais perto de correr que Edgar Freemantle conseguia chegar naquele ano.

Levei 15 segundos para chegar ao final da passarela — talvez menos —, porém, naquele meio-tempo, vi outras três bolas de tênis flutuando na maré. Depois seis, e então oito. A maioria delas estava à minha direita — ao norte.

Não estava olhando onde pisava e caí da beira da passarela no vazio, balançando os braços. Aterrissei ainda correndo na areia e talvez pudesse ter continuado de pé se tivesse aterrissado sobre minha perna boa, mas não foi o caso. Uma dor subiu em zigue-zague pela minha perna bichada, da canela para o joelho e finalmente até o quadril, e eu me estatelei na areia. Uma daquelas malditas bolas de tênis estava a 15 centímetros do meu nariz, sua penugem achatada pela água.

DUNLOP estava impresso na lateral dela, as letras tão negras quanto a morte.

Esforcei-me para me levantar, olhando alucinadamente para o golfo. Ali, em frente ao

Palacio, a maré trazia apenas algumas bolas; no entanto, mais ao norte, perto do Casarão Rosa, eu via uma flotilha verde — cem delas no mínimo, talvez muito mais.

Isso não significa nada. Ela está bem. Queimou o desenho e está dormindo em seu apartamento a mais de 1.500 quilômetros daqui, sã e salva.

— Isso não significa *nada* — falei, porém o vento que soprava meu cabelo para trás me pareceu frio em vez de quente. Comecei a mancar rumo ao Casarão Rosa, para onde a areia estava molhada, compacta e reluzente. Os bisbilhoteiros levantaram voo diante de mim em forma de nuvens. Vez por outra, uma onda largava uma bola de tênis sobre meus pés. Havia um monte delas àquela altura, espalhadas sobre a areia dura e molhada. Então, cheguei a um caixote arrebentado que dizia *Bolas de Tênis Dunlop* e DESCARTES DE FÁBRICA NÃO CONTÉM LATAS. Ele estava cercado de bolas de tênis flutuantes.

Disparei a correr.

xi

Destranquei a porta e deixei minhas chaves penduradas na fechadura. Lancei-me na direção do

telefone e vi a luz de mensagens piscando. Apertei o botão PLAY. A voz masculina e inexpressiva de robô me disse que a mensagem tinha sido recebida às 6h48 da manhã, o que significava que eu a perdera por menos de meia hora. Então, a voz de Pam irrompeu do alto-falante. Eu baixei a cabeça, do jeito que você a baixaria para tentar evitar que uma explosão de vidro estilhaçado voasse para cima do seu rosto.

— Edgar, a polícia ligou e disse que Illy está morta! Eles disseram que uma mulher chamada Mary Ire foi até o apartamento dela e a matou! Um de seus *amigos*! Um de seus *amigos artistas* da *Flórida* matou nossa *filha!* — Ela explodiu em uma tempestade de soluços roucos e feios... então riu. Era horrível, aquele riso. Foi como se um daqueles estilhaços de vidro tivesse cortado meu rosto. — Ligue para mim, seu desgraçado. Ligue e explique-se. *Você disse que ela estaria SEGURA!*

Então, mais choro. Ele foi cortado por um clique. Em seguida, veio o zumbido da linha telefônica.

Eu estendi o braço e apertei o botão DESLIGA, silenciando-o.

Andei até o solário e olhei para as bolas de tênis, ainda flutuando nas ondas em direção à praia. Eu me senti duplicado, como um homem observando a si mesmo.

As gêmeas mortas tinham deixado uma mensagem no meu ateliê: *Onde nossa irmã?* Será que elas queriam dizer Illy?

Eu quase conseguia ouvir a bruxa rindo e vê-la assentir com a cabeça.

— Você está aqui, Perse? — perguntei.

O vento soprou forte pelas telas do solário. As ondas se chocavam contra o litoral com uma precisão cronométrica. Pássaros voavam sobre agua, grasnindo. Na praia, eu conseguia ver outro caixote de bolas de tênis arrebentado, já enterrado pela metade na areia. Tesouro do mar; butim do *caldo.* Ela estava observando, sem dúvida. Esperando que eu desmoronasse. Tinha quase certeza. Os seus — o quê, guardiões? — poderiam dormir durante o dia, mas não ela.

— Eu ganho, você ganha — falei. — Mas você acha que riu por último, não acha? Se acha esperta, não é, Perse?

É claro que ela era esperta. Vinha praticando aquele jogo há muito tempo. Tinha a impressão de que ela já era velha quando os Filhos de Israel ainda lavravam os jardins do Egito. Às vezes ela dormia, mas naquele instante estava acordada.

E conseguia chegar longe.

Meu telefone começou a tocar. Eu voltei para dentro da casa me sentindo como dois Edgars — um preso à Terra, outro pairando sobre a cabeça do primeiro —, e o atendi. Era Dario. Ele parecia irritado.

— Edgar? Que porra é essa de não liberar os quadros para...

— Agora não, Dario — falei. — Quieto. — Cortei a ligação e telefonei para Pam. Uma vez que não pensei no que estava fazendo, os números surgiram sem o menor problema; a extraordinária memória motora assumindo totalmente o controle. Ocorreu-me que a vida dos seres humanos talvez fosse melhor se esse fosse seu único tipo de memória.

Pam estava mais calma. Não sei o que ela havia tomado, mas já estava fazendo efeito. Ficamos vinte minutos ao telefone. Ela chorou durante a maior parte da conversa e me acusou esporadicamente; porém, quando não fiz menção alguma de me defender, sua raiva se transformou em tristeza e perplexidade. Consegui pescar os pontos mais importantes, ou pelo menos foi o que pensei na hora. Havia outro muito importante que nós dois deixamos passar, mas um sábio disse certa vez: “não dá para acertá-los se você não consegue vê-los.” E, além disso, o funcionário da polícia que ligou para Pam não pensou em lhe dizer o que Mary Ire trouxera consigo para o apartamento de Providence da nossa filha.

Além da arma. Da Beretta.

— Segundo a polícia, ela deve ter vindo de carro, quase sem paradas — disse Pam com uma voz sem vida. — Jamais teria entrado em um avião com uma arma daquelas. Por que ela fez isso? Foi outra porra de *quadro?*

— É claro que foi — falei. — Ela comprou um. Nunca pensei nisso. Nunca pensei *nela.* Nem uma vez. Era com a porra do *namor* de Illy que eu estava preocupado.

Falando com muita calma, minha ex-mulher — sem dúvida e isso que ela era àquela altura — disse:

— A culpa é *sua.*

Sim. A culpa era minha. Deveria ter me tocado que Mary Ire compraria pelo menos um quadro e que ele provavelmente seria uma tela da série *Garota e Navio* — as mais nocivas de todas. Ela tampouco iria querer que a Scoto a guardasse, não morando tão perto dali, em Tampa. Pensado bem, o quadro poderia muito bem ter estado no porta-malas do seu Mercedes velho quando ela me deixou no hospital. De lá, Mary poderia ter ido direto para sua casa em Davis Islands, para colocar seu alarme contra roubos no automático. É óbvio, aquilo estaria no seu caminho para o norte.

Aquela parte eu poderia ter pelo menos adivinhado. Afinal de contas, eu a conhecia e sabia qual era sua opinião sobre o meu trabalho.

— Pam, algo muito ruim está acontecendo nesta ilha. Eu...

— Você acha que eu me importo com isso, Edgar? Ou em saber por que aquela mulher fez o que fez? Nossa filha está morta por sua causa. Eu nunca mais quero falar com você novamente, eu nunca mais quero *vê-lo* novamente e prefiro arrancar meus olhos a ver outra pintura sua na vida. Você deveria ter morrido naquele acidente com o guindaste. — Havia um tom terrivelmente reflexivo na sua voz. — Esse, sim, teria sido um final feliz.

Houve um instante de silêncio, então o zumbido da linha telefônica retornou. Pensei em

atirar o aparelho inteiro pela sala e contra a parede, porém o Edgar que pairava sobre a minha cabeça disse que não. O Edgar que pairava sobre a minha cabeça disse que aquilo talvez fosse dar prazer demais para Perse. De modo que, em vez disso, desliguei com tranquilidade e fiquei um minuto apenas parado ali, balançando nos meus próprios pés, vivo enquanto minha filha de 19 anos estava morta, não a tiro, no fim das contas, mas afogada na banheira da sua casa por uma crítica de arte louca.

Então, lentamente, saí andando pela porta da frente. Eu a deixei aberta. Não parecia haver motivo para trancá-la àquela altura. Uma vassoura que eu usava para limpar a areia da calçada estava encostada na parede lateral da casa. Eu olhei para ela e meu braço direito começou coçar. Ergui minha mão direita e a sustentei diante dos olhos. Ela não estava lá, porém, quando eu a abria e fechava, conseguia senti-la se flexionar. Também sentia duas unhas longas mordiscarem a palma dela. As demais pareciam curtas e irregulares. Provavelmente tinham se quebrado. Em algum lugar — talvez no carpete da Casinha Rosa — havia duas unhas fantasmas.

— Vá embora — disse a ela. — Não quero mais você, vá embora e fique morta.

Ela não foi. Não queria ir. Como o braço ao qual já estivera presa, a mão coçava, latejava, doía e se recusava a me abandonar.

— Então encontré mina filha — falei, e as lágrimas começaram a cair. — Traga ela de volta, sim? Traga ela para mim. Eu pintarei qualquer coisa que você quiser, mas traga ela para mim.

Nada. Eu era apenas um homem de um braço só com uma coceira fantasma. O único fantasma era o desse homem, pairando sobre a sua cabeça, observando tudo aquilo.

O formigamento na minha carne ficou mais forte. Eu apanhei a vassoura, chorando não só de tristeza, mas também por conta do desconforto terrível daquela coceira inalcançável, então percebi que não poderia fazer o que precisava — um homem de um braço só não pode quebrar o cabo de uma vassoura no joelho. Encostei-a na casa novamente e pisei nela com minha perna boa. Houve um estalo e a ponta das cerdas saiu voando. Eu segurei a parte dentada diante dos meus olhos lacrimejantes e assenti. Aquilo serviria.

Dobrei a quina da casa em direção à praia, uma parte distante da minha mente registrando a conversa alta das conchas sob o Casarão Rosa enquanto as ondas disparavam até a escuridão lá embaixo, recuando em seguida.

Tive um pensamento fugaz quando cheguei à areia compacta molhada e reluzente, salpicada aqui e ali de bolas de tênis: a terceira coisa que Elizabeth dissera a Wireman foi: *você vai querer, mas deve resistir.*

— Tarde demais — falei, e então a corda que prendia o Edgar acima da minha cabeça se partiu. Ele saiu flutuando e, por alguns instantes, perdi a consciência de tudo.

17 - A região sul da ilha

i

Minha recordação seguinte é a de Wireman se aproximando e me erguendo do chão. Lembro-me de andar alguns passos, então de recordar que Ilse estava morta e cair de joelhos. E a coisa mais vergonhosa era que, embora estivesse inconsolável, também estava com fome. Faminto.

Lembro-me de Wireman me ajudando a entrar pela porta aberta e dizendo que tudo não passara de um pesadelo, que eu estava alucinando, e de que, quando eu lhe disse que não, era verdade, Mary Ire era a culpada, Mary Ire tinha afogado Ilse na sua própria banheira, ele riu e falou "agora você me convenceu". Por um instante terrível, eu acreditei naquilo.

Apontei para a secretária eletrônica.

— Toque a mensagem — falei, indo até a cozinha. Mancando até a cozinha. Quando Pam começou a falar novamente — *Edgar, a polícia ligou e disse que Illy está morta!* — eu

estava comendo cereais com açúcar cristalizado direto da caixa. Tinha uma sensação estranha de estar em uma lâmina de vidro. Logo seria colocado debaixo de um microscópio e analisado. No outro cômodo, a mensagem terminou. Wireman praguejou, tocando-a novamente. Eu continuei comendo o cereal. O tempo que eu passara na praia antes de Wireman chegar havia desaparecido, aquela parte da minha memória estava tão em branco quanto minha primeira estadia no hospital depois do acidente.

Peguei um último punhado de cereal, o enfiei na boca e engoli. Ele grudou na minha garganta e eu achei isso bom. Não tinha problema. Torci para aquilo me sufocar. Eu *merecia* sufocar. Então, a comida desceu. Voltei meio arrastando os pés, meio mancando para a sala de estar. Wireman estava parado do lado da secretária eletrônica, com os olhos arregalados.

— Edgar... *muchacho*... por Deus, o que...?

— Um dos quadros — falei, continuando a arrastar os pés. Uma vez com o estômago forrado, queria um pouco mais de esquecimento. Nem que fosse por um instante. Só que era mais do que querer, na verdade; era uma necessidade. Eu tinha quebrado o cabo da vassoura... então Wireman chegou. O que aconteceu nesse ínterim? Eu não sabia.

Decidi que não *queria* saber.

— Os quadros...?

— Mary Ire comprou um. Tenho certeza de que foi uma tela da série *Garota e Navio*. E a levou para casa. Nós deveríamos ter adivinhado. *Eu* deveria ter adivinhado. Wireman, preciso

me deitar. Preciso dormir. Duas horas, o.k.? Então me acorde e nós vamos para o sul da ilha.

— Edgar, você não pode... não acredito que depois disso você vá...

Eu parei para encará-lo. Minha cabeça parecia pesar uns 50 quilos, mas consegui.

— *Ela* também não acredita, mas isso vai acabar hoje. Duas horas.

A porta aberta do Casarão Rosa dava para o leste, e o sol da manhã incidiu brilhante pelo rosto de Wireman, iluminando uma compaixão tão intensa que eu mal conseguia olhar para ela.

— O.k., *muchacho*. Duas horas.

— Enquanto isso, tente manter todo mundo longe daqui. — Não sei se ele ouviu essa última parte ou não. Àquela altura, eu já estava entrando no meu quarto e as palavras saíram fracas. Desabei na cama e lá estava Reba. Por um instante, pensei em atirá-la pelo quarto, como havia pensado em atirar o telefone. Em vez disso, trouxe-a para junto de mim, pressionei o rosto contra o seu corpo desossado e comecei a chorar. Ainda estava chorando quando adormeci.

ii

— Acorde. — Alguém me sacudia. — Acorde, Edgar. Se vamos isso, temos que ir andando.

— Não sei, não... acho que ele não vai acordar. —- Essa voz era de Jack.

— Edgar! — Wireman estapeou primeiro um lado do meu rosto, depois o outro. E sem delicadeza. Uma luz forte atingiu meus olhos fechados, enchendo meu mundo de vermelho. Tentei fugir de todos aqueles estímulos, afinal, coisas ruins me esperavam do outro lado das minhas pálpebras, mas Wireman não deixava. — *Muchacho!* Acorde! São 11h10!

Aquilo funcionou. Eu me sentei e olhei para Wireman. Ele segurava a luminária diante do meu rosto, tão perto que eu conseguia sentir o calor da lâmpada. Jack estava do seu lado. A compreensão de que Ilse estava morta — a minha Illy — golpeou meu coração, porém eu a mandei embora.

— *Onze!* Wireman, eu falei duas horas! E se algum dos parentes de Elizabeth decidir...

— Calma, *muchacho*. Eu telefonei para a funerária e pedi para eles manterem todos longe de Duma. Falei que estávamos os três com rubéola. Muito contagioso. Também liguei para Dario e contei a ele sobre sua filha. Tudo relacionado aos quadros está em compasso de espera, pelo menos por enquanto. Duvido que isso seja uma prioridade para você, mas...

— Claro que é. — Eu me levantei e esfreguei a mão no rosto. — Assim, Perse não consegue fazer mais estrago do que já fez.

— Sinto muito, Edgar — disse Jack. — Sinto muito mesmo pela sua perda. Sei que isso não vale muita coisa, mas...

— Vale, sim — falei, e talvez com o tempo passasse a valer. Se eu continuasse dizendo que sim, se eu continuasse estendendo a mão. Na verdade, meu acidente só me ensinou uma coisa: a única maneira de seguir em frente é seguindo em frente. Falar *eu vou conseguir* mesmo quando você sabe que não vai.

Notei que um dos dois havia trazido de volta o resto das minhas roupas, mas, para aquele dia de trabalho, eu queria as botas que estavam no armário em vez dos tênis ao pé da cama. Jack usava uma bota Geórgia Giants e uma camisa de manga longa; aquilo estava de bom tamanho.

— Wireman, você faria um café? — perguntei.

— Temos tempo para isso?

— Vamos ter que inventar tempo. Preciso de algumas coisas, mas antes preciso acordar. Talvez um pouco de combustível não faça mal a vocês, também. Jack, me ajude a calçar minhas botas, sim?

Wireman foi para a cozinha. Jack se ajoelhou, calçou as botas meus pés e amarrou os cadarços para mim.

— Quanto você sabe? — perguntei a ele.

— Mais do que gostaria de saber. Mas não estou entendendo nada. Quando estava na sua exposição, eu conversei com aquela mulher Mary Ire, não é? *Gostei* dela.

— Eu também.

— Wireman telefonou para a sua esposa enquanto o senhor estava dormindo. Ela não quis muita conversa, então ele ligou para um cara que conheceu na sua exposição... sr. Bozeman?

— Conte para mim.

— Edgar, tem certeza...

— Conte para mim. — A versão de Pam tinha sido imprecisa e fragmentada e nem mesmo ela estava clara na minha cabeça. Os detalhes eram ofuscados por uma imagem do cabelo de Ilse boiando na superfície de uma banheira transbordante. Aquilo poderia ou não ser exato, mas era de uma clareza infernal, de um *detalhismo* infernal, e encobrira quase todo o resto.

— O sr. Bozeman disse que a polícia não encontrou sinais de arrombamento, então acham que sua filha a deixou entrar, embora tenha sido no meio da noite...

— Ou Mary simplesmente ficou apertando o interfone até algum outro morador abrir o portão. — Meu braço perdido coçou. Era uma coceira profunda. Sonolenta. Quase onírica. — Então ela subiu até o apartamento de Illy e tocou a campainha. Vamos supor que tenha fingido ser outra pessoa.

— Edgar, você está adivinhando ou...

— Vamos supor que tenha fingido ser de um grupo gospel chamado The Hummingbirds, e vamos supor que tenha falado através da porta que algo de ruim tinha acontecido com Carson Jones.

— Quem é...

— Só que ela o chama de Smiley, e foi isso que a convenceu.

Wireman estava de volta. O Edgar flutuante também. O Edgarg preso à Terra via todas as coisas mundanas de uma manhã ensolarada da Flórida em Duma Key. O Edgar acima da minha cabeça via além. Não tudo; apenas o suficiente para ser demais.

— O que aconteceu em seguida, Edgar? — perguntou Wireman. Ele falou com muita brandura. — O que você acha?

— Vamos supor que Illy abre a porta e, quando faz isso, encontra uma mulher apontando uma arma para ela. Ela conhece a mulher de algum lugar, mas já passou por um susto dos brabos naquela noite, está desorientada e não consegue localizá-la; sua memória engasga. Talvez seja até melhor assim. Mary lhe pede para dar meia-volta e, quando ela obedece... quando ela obedece... — Eu comecei a chorar novamente.

— Edgar, cara, não... — disse Jack. Ele próprio estava quase chorando. — Isso é uma suposição...

— Não é suposição nenhuma — disse Wireman. — Deixe-o falar.

— Mas por que a gente precisa saber...

— Jack... *muchacho*... a gente não *sabe* do que precisa saber. Então deixe o homem falar.

Eu ouvia suas vozes, porém elas vinham de muito longe.

— Vamos supor que Mary tenha batido nela com a arma. — Eu sequei minhas faces com a base da mão. — Vamos supor que tenha batido nela várias vezes, umas quatro ou cinco. Nos filmes, você leva uma coronhada e apaga como uma lâmpada. Duvido que seja assim na vida real.

— Não é — murmurou Wireman e, obviamente, aquele jogo de "vamos supor" acabou se mostrando preciso até demais. O crânio da minha Garotinha Crescida tinha sofrido fraturas em três pontos diferentes por uma sucessão de golpes verticais, e ela sangrara bastante.

Mary a arrastou. O rastro de sangue passava pela sala de estar/cozinha (o cheiro do desenho queimado muito provavelmente ainda pairando no ar) e ao longo do pequeno corredor entre o quarto e o cantinho que servia de escritório para Ilse. No banheiro no final do corredor, Mary encheu a banheira e afogou minha filha inconsciente nela como um gatinho órfão. Quando terminou, Mary foi até a sala de estar, sentou no sofá e deu um tiro na própria boca. A bala saiu pelo topo do seu crânio, esparramando suas ideias sobre arte, juntamente com boa parte dos seus cabelos, na parede atrás dela. Eram pouco mais de quatro da manhã. O vizinho do apartamento de baixo era um insone que soube identificar o tiro e chamou a polícia.

— Por que afogá-la? — perguntou Wireman. — Não entendo.

Porque é assim que Perse faz, pensei.

— Não vamos pensar nisso agora — falei. — Certo?

Ele estendeu o braço e apertou a mão que me restava.

— Certo, Edgar.

E se a gente acabar com essa história, talvez nunca precise, pensei No entanto, eu *tinha* desenhado minha filha. Estava certo disso. Eu a desenhara na praia.

Minha filha morta. Minha filha afogada. Desenhada na areia para ser levada pelas ondas.

Você vai querer, dissera Elizabeth. *Mas deve resistir.*

Ah, mas Elizabeth.

Às vezes não temos escolha.

iii

Engolimos café forte na cozinha ensolarada do Casarão Rosa até o suor brotar nas nossas faces. Tomei três aspirinas, acrescentando mais uma dose de cafeína, então mandei Jack apanhar dois blocos de desenho Artisan. E lhe pedi para apontar todos os lápis de cor que visse pela frente enquanto estivesse no andar de cima.

Wireman encheu uma sacola de plástico com mantimentos da geladeira: pedaços de cenoura, pepino fatiado, uma embalagem de seis latinhas de Pepsi, três garrafas grandes de água mineral Evian, um pouco de rosbife e uma das Galinhas Astronautas de Jack, ainda em sua cápsula transparente.

— Estou surpreso que você ainda consiga pensar em comida — disse ele, com o mais discreto toque de reprovação.

— A comida em si não me interessa nem um pouco — falei —, mas talvez eu precise desenhar. Na verdade, tenho certeza de que precisarei desenhar. E isso parece queimar

calorias pra caramba.

Jack retornou com os blocos e os lápis. Eu passei a mão por eles e pedi que Jack subisse de volta para me trazer borrachas. Suspeitava que estivesse faltando alguma coisa — sempre está, não é? —, mas não conseguia pensar no que poderia ser. Olhei para o relógio. Eram dez para meio-dia.

— Você tirou as Polaroids da ponte? — perguntei para Jack. — Por favor, diga que sim

— Sim, mas achei que... a tal historia da rubéola...

— Deixe-me ver as fotos — falei.

Jack enfiou a mão no bolso de trás da calça e tirou algumas Polaroids Depois de folheá-las, ele me entregou quatro, que eu distribuí sobre mesa como a mão de um pequeno jogo de paciência. Peguei um dos blocos Artisan e comecei a desenhar rapidamente a foto que mostrava as engrenagens e correntes sob a ponte levadiça — era apenas uma coisinha insignificante que corria em uma direção só — com mais clareza. Meu braço direito continuava coçando: um formigamento leve e sonolento.

— A história da rubéola foi genial — falei. — Vai manter quase todo mundo longe. Mas quase não é o suficiente. Mary não teria continuado longe da minha filha se alguém tivesse lhe dito que Illy estava com catapo... *merda!* — Minha vista ficou embaçada e uma linha que deveria ter saído verdadeira resvalou para a falsidade.

— Calma, Edgar — disse Wireman.

Eu consultei o relógio. Já eram 11h58. A ponte levadiça seria erguida ao meio-dia; sempre era. Pisquei para limpar as lágrimas e voltei ao desenho. Um mecanismo surgiu da ponta do lápis preto e, mesmo com Ilse morta, a fascinação de ver algo real vir à tona do nada — como um vulto saindo de dentro de um nevoeiro espesso — tomou conta de mim. E por que não? Era o momento ideal. Aquilo era um refúgio.

— Se ela tiver enviado alguém para nos atacar e a ponte levadiça não estiver funcionando, vai simplesmente mandar a pessoa até a ponte para pedestres na ilha Don Pedro.

Sem erguer os olhos do desenho, eu disse:

— Talvez não. Muita gente não sabe da Sunshine Walkway e tenho certeza de que Perse é uma delas.

— Por quê?

— Porque ela foi construída na década de 50, foi você quem me disse, e Perse estava dormindo nessa época.

Ele refletiu sobre aquilo por um instante, então falou:

— Você acha que ela pode ser derrotada, não acha?

— Sim, acho. Talvez não possa ser morta, mas podemos colocá-la para dormir novamente.

— Você sabe como?

É só encontrar o vazamento na mesa e consertá-lo, eu quase falei... mas aquilo não fazia sentido.

— Ainda não. A outra casa tem mais desenhos de Libbit A que fica na região sul de Duma Key. Eles nos dirão onde está Perse e me dirão o que fazer.

— Como você sabe que existem mais deles?

Porque só pode haver, eu teria dito, porém naquele instante a sirene do meio-dia tocou. A cerca de meio quilômetro dali, a ponte levadiça entre Duma Key e Casey Key — a única

ligação entre a ilha e o litoral que havia no norte — se erguia. Eu contei até vinte, dizendo *Mississippi* entre os números como o fazia quando criança. Então apaguei a maior engrenagem no desenho. Quando fiz isso, tive a sensação — no meu braço perdido, sim, mas também localizada bem no meio ou logo acima dos olhos — de estar realizando um trabalho de precisão impecável.

— O.k. — disse eu.

— Podemos ir agora? — perguntou Wireman.

— Ainda não — respondi.

Ele lançou um olhar para o relógio, então olhou de volta para mim.

— Achei que você estivesse com pressa, *amigo*. E, levando-se em conta o que nós vimos aqui dentro na noite passada, eu com certeza estou. Então, o que falta?

— Preciso desenhar vocês dois.

iv

— Adoraria que você me desenhasse, Edgar — disse Jack —, e tenho certeza de que minha mãe ficaria totalmente encantada... mas acho que Wireman tem razão. É melhor a gente ir andando.

— Você já esteve na região sul da ilha, Jack?

— Hã, não.

Disso eu quase já não tinha dúvidas. Porém, enquanto rasgava da frente do meu bloco o desenho do mecanismo da ponte levadiça, olhei para Wireman. Apesar da camada de chumbo que parecia cobrir meu coração e minhas emoções, descobri que havia algo que eu real queria saber:

— E quanto a você? Já esteve no Heron's Roost original para dar uma bisbilhotada?

— Na verdade, não. — Wireman foi até a janela e olhou para fora. — A ponte levadiça ainda está levantada. Consigo ver a metade esquerda contra o céu daqui. Até agora, tudo bem.

Eu não pretendia ser distraído com tanta facilidade.

— Por que não?

— A srta. Eastlake me aconselhou a não ir — disse ele, ainda olhando pela janela. — Disse que o meio ambiente era ruim. O lençol freático, a flora, até o ar. Ela falou que a Força Aérea americana fez testes na região sul de Duma durante a Segunda Guerra Mundial e conseguiu envenenar aquela ponta da ilha, o que talvez explique por que a vegetação cresce tão desordenadamente na maior parte dela. Ela disse que o arbusto venenoso é a pior coisa da América, pior do que sífilis antes da penicilina, nas suas palavras. Se você esfregar a pele nele, demora anos para se livrar da alergia. Quando parece que acabou, ela volta. E se espalha pelo corpo todo. Pelo que ela dizia.

Aquilo era ligeiramente interessante, mas Wireman ainda não tinha respondido a minha pergunta. Então, perguntei de novo.

— Ela também falou que havia cobras — disse ele, finalmente virando na minha direção. — Tenho pavor de cobras. Sou assim desde pequeno, quando fui acampar com meus pais e acordei uma manhã dividindo meu saco de dormir com uma falsa-coral. O bicho tinha conseguido entrar na minha camisa de baixo. Porra, eu achei que estava envenenado. Está satisfeito?

— Sim — falei. — Você contou essa história para Elizabeth antes ou depois de ela lhe falar sobre a praga de cobras na região sul?

Tenso, ele disse:

— Não me lembro — Então, suspirou. — Provavelmente antes. Entendo o que você está falando, que ela queria me manter longe dali.

Foi você quem falou, não eu, pensei. O que disse foi:

— Estou mais preocupado com Jack. Mas é melhor prevenir do que remediar.

— *Eu?* — Jack pareceu surpreso. — Não tenho nada contra cobras. E sei a diferença entre um arbusto venenoso e uma hera venenosa. Eu fui escoteiro.

— Confie em mim — falei, começando a desenhá-lo. Trabalhei rápido, resistindo à vontade de ser detalhista... como parte de mim parecia querer. Enquanto trabalhava, a primeira buzina irritada começou a soar no lado da costa da ponte.

— Parece que a ponte levadiça emperrou de novo — disse Jack

— Pois é — concordei, sem erguer os olhos do desenho.

v

Fiz mais rápido ainda o desenho de Wireman; no entanto, me vi novamente tendo que lutar contra a vontade de mergulhar no trabalho... pois, quando estava trabalhando, a dor e a tristeza se mantinham afastadas. Porém, a luz do dia não duraria muito e, assim como Wireman, eu não queria nem um pouco reencontrar Emery. O que queria era que aquilo acabasse e que nós três estivéssemos fora da ilha — *longe* dela — quando as cores do pôr do sol começassem a surgir de dentro do golfo.

— Certo — falei. Eu tinha desenhado um Jack azul e um Wireman laranja incandescente. Nenhum dos dois estava perfeito, mas achei que ambos os desenhos capturavam o essencial. — Falta só mais uma coisa.

Wireman grunhiu:

— *Edgar!*

— Não é nada que eu precise desenhar — falei, fechando a capa do bloco sobre os dois desenhos. — Apenas sorria para o artista, Wireman. Mas, antes de fazer isso, pense em algo que faz você se sentir especialmente bem.

— Você está falando sério?

— Tão sério quanto um ataque cardíaco.

Wireman franziu as sobrancelhas... então, amansou o olhar. Abriu um sorriso. Como sempre, ele iluminou seu rosto e o transformou em um novo homem.

Eu me voltei para Jack.

— Agora, você.

E, porque de fato sentia que Jack era o mais importante dos dois, o observei com muita atenção quando ele obedeceu.

vi

Não tínhamos tração nas quatro rodas, mas o velho Mercedes sedã de Elizabeth parecia ser um substituto razoável; ele era um verdadeiro tanque. Fomos até *El Palacio* no carro de Jack e paramos logo em frente ao portão. Jack e eu transferimos nossos mantimentos para o SEL 500. Wireman ficou encarregado da cesta de piquenique.

— Pegue mais umas coisas enquanto estiver lá dentro, se puder — falei. — Repelente de insetos e uma lanterna boa de verdade. Você tem alguma?

Ele assentiu.

— Tem uma com bateria de oito células na cabana de jardinagem. É um holofote.

— Ótimo. E Wireman?

Ele me lançou um olhar que dizia *o que foi agora?* — do tipo que você faz praticamente só com as sobrancelhas —, mas não falou nada.

— O lança-arpão?

Ele sorriu.

— *Sí, senor. Para fijaciono.*

Enquanto ele estava lá dentro, fiquei recostado no Mercedes, olhando para a quadra de tênis. A entrada na outra extremidade dela tinha sido deixada aberta. A garça semidomesticada de Elizabeth estava lá dentro, parada do lado da rede. Ela me olhava com seus olhos azuis acusatórios.

— Edgar? — Jack tocou meu ombro. — Tudo bem?

Eu não estava bem, e não voltaria a estar por um bom tempo. Mas...

Eu vou conseguir, pensei. *Tenho que conseguir. Ela não pode vencer.*

— Tudo — respondi.

— Não gosto de ver o senhor tão pálido. Está parecendo até a época em que chegou aqui. — A voz de Jack falhou nas duas últimas palavras.

— Eu estou bem — repeti, colocando minha mão em forma de concha sobre a sua nuca. Percebi que, fora as vezes em que apertei sua mão, aquela foi provavelmente a única vez que eu o havia tocado.

Wireman saiu segurando as alças da cesta de piquenique com as duas mãos. Ele estava com três bonés de pala longa empilhados na cabeça. O lança-arpão de John Eastlake estava enfiado debaixo do seu braço.

— A lanterna está na cesta — disse ele. — O repelente também, além de três pares de luvas de jardinagem que achei na cabana.

— Maravilha — falei.

— *Sí.* Mas é uma e quinze, Edgar. Se vamos mesmo, podemos ir logo, por favor?

Olhei para a garça na quadra de tênis. Ela continuou parada do lado da rede, tão imóvel quanto o ponteiro de um relógio quebrado, e devolveu meu olhar impiedosamente. Aquilo não me incomodava; o mundo é, na maioria das vezes, impiedoso.

— Sim — falei. — Vamos.

vii

Agora eu contava com a memória. Ela já não estava funcionando perfeitamente e, até hoje, às vezes misturo nomes e a ordem em que certas coisas aconteceram, porém cada momento da nossa expedição até a casa na região sul de Duma Key permanece claro na minha mente — como o primeiro filme que me impressionou na vida ou o primeiro quadro que tirou meu fôlego (*A Tempestade,* de Thomas Hart Benton). No entanto, a princípio eu me senti frio, dissociado de tudo, como um patrono das artes ligeiramente enfastiado olhando para uma pintura em um museu de segunda categoria. Somente depois que Jack encontrou a boneca na escadaria que subia rumo a lugar nenhum foi que eu comecei a perceber que estava *dentro* da pintura em vez de apenas olhando para ela. E que não havia volta para nenhum de nós a não ser que conseguíssemos detê-la. Eu sabia que ela era poderosa, se podia chegar até Omaha e Minneapolis para conseguir o que queria, e depois até Providence para conservá-lo, não havia dúvidas quanto a isso. E, ainda assim, eu a subestimei. Até botarmos os pés naquela casa na região de Duma Key, eu não sabia o quanto Perse era poderosa.

Eu quis que Jack dirigisse e Wireman se sentasse no banco de trás. Quando Wireman perguntou por que, eu disse que tinha minhas razões e achava que elas ficariam claras em breve.

—E se eu estiver enganado — acrescentei —, ninguém ficará mais feliz do que eu.

Jack voltou de ré para a estrada e virou na direção sul. Mais por curiosidade do que por qualquer outra coisa, eu liguei o rádio e fui agraciado com Billy Ray Cyrus, berrando sobre seu coração partido.[27] Jack suspirou e estendeu a mão para o dial, provavelmente no intuito de procurar a Bone. Antes que ele pudesse fazê-lo, Billy Ray foi engolido por uma explosão ensurdecedora de estática.

— *Meu Deus, desligue isso!* — gritou Wireman.

No entanto, primeiro eu abaixei o volume. Aquilo não adiantou nada, serviu apenas para deixar a estática mais alta. Eu conseguia senti-la chacoalhar as obturações dos meus dentes e apertei o botão DESLIGA antes que meus tímpanos começassem a sangrar.

— O que foi *isso?* — perguntou Jack. Ele tinha parado o carro. Seus olhos estavam

arregalados.

— Ora, acho que podemos chamar de meio ambiente ruim — falei. — Um presentinho deixado por aqueles testes da Força Aérea americana de sessenta anos atrás.

— Muito engraçado — disse Wireman.

Jack estava olhando para o rádio.

— Quero tentar de novo.

— Fique à vontade — disse a ele, colocando a mão sobre a orelha esquerda.

Jack apertou o botão liga e desliga. Dessa vez, a estática que saiu rosnando dos quatro alto-falantes do Mercedes pareceu tão alta quanto o motor de um jato de guerra. Mesmo com a palma da mão sobre um dos ouvidos, ela atravessou rasgando minha cabeça. Achei ter ouvido Wireman gritar, mas não tinha certeza.

Jack apertou o botão liga e desliga novamente e a nevasca sonora infernal foi interrompida.

— Acho melhor ficarmos sem música — disse ele.

— Wireman? Tudo bem? — Minha voz parecia vir de longe, através de um retinir constante e grave.

— Detonando — disse ele.

ix

Jack talvez tenha ido um pouco mais além do ponto em que Ilse mal; talvez não. Era difícil saber depois que a vegetação ficava alta. A estrada estreitou até virar uma faixa de terra, sua superfície encalombada e deformada pelas raízes que corriam por debaixo dela. A folhagem se entrelaçara sobre as nossas cabeças, encobrindo a maior parte do céu. Era como estar em um túnel vivo. As janelas estavam fechadas, mas ainda assim o carro estava repleto de um cheiro de selva verde e fecundo

Jack testou os amortecedores do velho Mercedes em um buraco especialmente ruim,

subiu aos trancos uma falha no asfalto do lado esquerdo da estrada e então parou de supetão e colocou a alavanca de câmbio em ESTACIONAR.

— Desculpem — disse ele. Sua boca tremia e seus olhos estavam arregalados demais. — Eu estou me sentindo...

Eu sabia muito bem como ele estava se sentindo.

Jack abriu desajeitadamente a porta, se inclinou para fora e vomitou. O cheiro da selva (pois era isso que aquele lugar virava um quilômetro e meio depois do *Palacio*) já me parecera forte dentro do carro, mas, quando ele veio ondulando pela porta aberta, estava dez vezes mais inebriante, espesso, verde e agressivamente vivo. Entretanto, não escutei um só pássaro cantando naquela massa de vegetação inútil. O único som era o de Jack botando seu café da manhã para fora.

E depois seu almoço. Por fim, ele se jogou novamente contra o banco do motorista. Ele achava que *eu* estava parecendo um boneco de neve de novo? Aquilo era meio engraçado, pois, naquele começo de tarde de meados de abril, Jack Cantori estava tão branco quanto o mês de março em Minnesota. Em vez de um jovem de 21, ele parecia um quarentão mal de saúde. *Só pode ter sido a salada de atum,* dissera Ilse, mas não tinha sido o atum. Tinha sido algo do mar, sim, mas não o atum.

— Desculpe — disse ele. — Não sei qual o problema comigo. Acho que é o cheiro... esse cheiro podre de selva... — Seu peito saltou, ele fez um som de golfada com o fundo da garganta e se inclinou para fora novamente. Dessa vez, não conseguiu pegar o volante e, se e não o tivesse agarrado pela gola da camisa, ele teria se estatelado de cara próprio vômito.

Ele se recostou no banco, os olhos fechados, o rosto molhado de suor, a respiração rápida e ofegante.

— É melhor levá-lo de volta ao *Palacio* — disse Wireman. — Não gosto da ideia de perder tempo, que diabo, não gosto da ideia de perder *Jack*, mas tem alguma coisa errada nesta merda.

— No que diz respeito a Perse, está tudo *exatamente* certo — falei. Àquela altura, minha perna bichada coçava quase tanto quanto o meu braço. Parecia uma corrente elétrica. — Estamos no seu pequeno cinturão venenoso. E quanto a você, Wireman? Como está sua barriga?

— Bem, mas meu olho ruim, o que costumava ser ruim, está coçando pra cacete e estou com uma espécie de zumbido na cabeça. Provavelmente por causa desse rádio maldito.

— Não é o rádio. E Jack está sendo afetado e nós não porque fomos... bem... digamos que imunizados. É meio irônico, você não acha?

Atrás do volante, Jack gemeu.

— O que você pode fazer por ele, *muchacho?* Pode fazer alguma coisa?

— Acho que sim. Espero.

Estava com meus blocos no colo e com os lápis e borrachas em uma pochete. Folheei até o desenho de Jack e peguei uma das borrachas. Apaguei sua boca e os arcos debaixo dos seus olhos, até os respectivos cantos. A coceira no meu braço direito estava mais feroz do que nunca e não tive a menor dúvida de que meu plano daria certo. Evoquei a lembrança do sorriso de Jack na minha cozinha — o que eu lhe pedira para dar pensando em algo especialmente bom — e o desenhei rapidamente com meu lápis azul-escuro. Demorei no máximo trinta segundos (na verdade, os olhos eram o mais importante, quando estamos falando de sorrisos, eles sempre são), mas aquelas poucas linhas mudaram toda a *ideia* do rosto de Jack Cantori.

E ganhei algo inesperado. Enquanto desenhava, eu o vi beijando uma garota de biquíni. Não, mais que vi. Eu senti sua pele macia, até mesmo os poucos grãozinhos de areia alojados na concavidade da sua região lombar. Senti o cheiro do seu xampu e o mais leve sabor de sal nos seus lábios. Sabia que seu nome era Caitlin e que ele a chamava de Kate.

Coloquei meu lápis de volta na pochete e fechei o zíper.

— Jack? — falei baixinho. Seus olhos estavam fechados e o suor ainda pendia das suas bochechas e da testa, mas achei que sua respiração tinha desacelerado. — Como você está agora? Melhor?

— Sim — disse ele sem abrir os olhos. — O que o senhor fez?

— Bem, desde que fique só entre nós três, acho que podemos chamar pelo seu nome verdadeiro: mágica. Um pequeno contrafeitiço que eu lancei em você.

Wireman estendeu o braço por cima do meu ombro, apanhou bloco, analisou o desenho e assentiu.

— Estou começando a achar que ela deveria ter deixado você em paz, *muchacho.*

Eu falei:

— É minha filha que ela deveria ter deixado em paz.

x

Ficamos parados onde estávamos por cinco minutos, esperando Jack recuperar as energias. Finalmente, ele disse que se sentia pronto para prosseguir. A cor voltara ao seu rosto. Eu me perguntei se teríamos passado pelo mesmo problema se tivéssemos ido pelo mar.

— Wireman, você já viu algum barco pesqueiro ancorado no litoral da região sul da ilha?

Ele refletiu.

— Pensando bem, não. Eles geralmente ficam no lado da ilha Don Pedro do estreito. Estranho, você não acha?

— Não é estranho, é sinistro — disse Jack. — Como esta estrada. — Àquela altura, ela não passava de uma faixa de terra. O Mercedes rodava devagar, com uvas-da-praia e galhos de figueira-de-bengala raspando dos dois lados, produzindo um rangido infernal. A estrada, encalombada por raízes que faziam túneis sob o asfalto e reduzida a cascalhos e buracos em algumas partes, continuava a dobrar para o inter da ilha e começara também a ficar íngreme.

Avançamos lentamente, vencendo cada quilômetro penoso com folhas e galhos fustigando o carro. Eu pensava que a estrada acabasse em algum momento por completo, porém o emaranhado compacto de folhas sobre nossas cabeças a protegera das intempéries até certo ponto, de modo que isso nunca chegou a acontecer. As figueiras-de-bengala deram lugar a uma floresta opressiva de aroeiras, e foi nela que vimos nosso primeiro animal selvagem: um lince enorme que ficou parado por um instante sobre os destroços da estrada, rosnando para nós com orelhas abaixadas e fugindo em seguida para o matagal. Um pouco mais adiante, uma dúzia de lagartas pretas e gordas caiu sobre o vidro da frente e explodiu, espalhando entranhas pegajosas que os limpadores de para-brisa e o líquido de limpeza não conseguiram tirar; eles apenas espalharam os restos de tal forma que olhar pelo para-brisa era como ver o mundo

através de um olho com catarata.

Pedi para Jack parar. Saí, abri o porta-malas e encontrei um pequeno estoque de panos limpos. Usei um deles para limpar o para-brisa, tomando o cuidado de colocar uma das luvas que Wireman encontrara — eu já estava usando um boné. No entanto, até onde eu via, elas eram apenas lagartas; nojentas, mas não sobrenaturais.

— Bom trabalho — disse Jack da janela aberta do lado do motorista. — Agora eu vou abrir o capo para o senhor poder dar uma olhada no... — Ele parou de falar, olhando para trás de mim.

Eu me virei. A estrada se reduzira a pouco mais que uma trilha, entulhada de blocos velhos de asfalto e coberta de margaridões. Cruzando-a cerca de 30 metros dali, havia uma fileira de cinco sapos do tamanho de filhotes de Cocker Spaniel. Os primeiros três eram de um verde uniforme e brilhante raro de se ver na natureza; o quarto era azul; o quinto possuía um tom apagado de laranja que talvez um dia tivesse sido vermelho. Eles estavam sorrindo, porém havia uma certa dureza e cansaço naqueles sorrisos. Eles saltavam lentamente, como se suas pernas es tivessem quase quebradas. Como o lince, foram em direção ao matagal e desapareceram dentro dele.

— Que porra era *aquilo*? — perguntou Jack.

— Fantasmas — respondi. — Restos da imaginação poderosa de uma garotinha. E não vão durar muito, pelo visto. — Entrei de volta no carro. — Prossiga, Jack. Vamos andando enquanto podemos.

Devagar, ele começou a levar o carro adiante novamente. Perguntei as horas a Wireman.

— Duas e pouco.

Conseguimos chegar até o portão do primeiro Heron's Roost. Jamais teria apostado naquilo, mas conseguimos. A vegetação ficou cerrada por uma última vez — figueiras-de-bengala e pinheiros sufocados pelos fios grisalhos de barbas-de-velho —, porém Jack forçou o Mercedes a atravessá-la e, de repente, o matagal ficou para trás. Ali, as intempéries haviam destruído completamente o asfalto e o fim da estrada não passava de uma memória repleta de sulcos; no entanto, aquilo era suficiente para o Mercedes, que subiu aos trancos e barrancos uma longa colina até duas colunas de pedra. Uma cerca viva grande e rebelde sem dúvida com mais de 5 metros de altura e só Deus sabe quanto de largura, corria para os dois lados a partir das colunas; ela também começara a estender dedos verdes e gordos colina abaixo, rumo à vegetação da floresta. Havia portões, mas eles estavam enferrujados e entreabertos. Não achava que o Mercedes conseguisse passar por eles.

O último trecho da estrada era flanqueado dos dois lados por ca-suarinas antigas de altura imponente. Procurei por pássaros voando de cabeça para baixo e não encontrei nenhum. Também não vi nenhum voando do jeito certo, por sinal, embora conseguisse ouvir um leve zumbido de insetos.

Jack parou em frente ao portão e olhou para nós como se quisesse se desculpar.

— Esta velhinha não vai conseguir passar por ali.

Nós descemos. Wireman parou para olhar as placas arcaicas e cobertas de liquens presas às colunas. A da esquerda dizia HERON’S ROOST. A da direita dizia EASTLAKE, mas havia outra coisa entalhada debaixo dela, como se tivesse sido escrita com a ponta de uma faca. Talvez tivesse sido difícil de ler algum dia, porém o líquen que crescia dos pequenos cortes talhados no metal destacava as palavras: **Abyssus abyssum invocat**.

— Faz alguma ideia do que isso significa? — perguntei a Wireman.

— Faço, sim. É um aviso geralmente dado aos novos advogados depois que eles passam pelo exame da Ordem. Uma tradução livre seria: “Um passo em falso leva ao outro.” A tradução *literal* seria: “Inferno invoca inferno.” — Ele me encarou com frieza, então olhou de volta para a rnensagem sob o nome da família. — Imagino que esse tenha sido o verdicto final de John Eastlake antes de deixar esta versão do Heron’s Roost para sempre.

Jack estendeu a mão para tocar o provérbio entalhado, então pareceu achar melhor não.

Wireman o tocou no seu lugar.

— O veredicto, senhores... e expressado na linguagem da lei. Vamos. O sol se põe por volta das 19h15 e a luz do dia é fugaz. A gente se reveza com a cesta de piquenique. Essa *hija de puta é* pesada.

xi

No entanto, antes de irmos para qualquer parte, paramos do outro lado do portão para dar uma boa olhada no primeiro lar de Elizabeth em Duma Key. Minha primeira reação foi de desalento. Em algum lugar no fundo da minha mente, uma linha narrativa surgiu com clareza: nós entraríamos na casa, iríamos até o segundo andar e encontraríamos aquele que fora o quarto de Elizabeth na época longínqua em que ela era conhecida como Libbit. Nele, meu braço perdido, às vezes chamado de Varinha Psíquica Divina de Edgar Freemantle, me conduziria até um baú de viagem (ou talvez apenas um humilde caixote) deixado para trás. Dentro dele, haveria mais desenhos, os desenhos *perdidos,* os que me diriam onde estava Perse e solucionariam o enigma da mesa gotejante. Tudo isso antes do anoitecer.

Uma bela história, mas que tinha apenas um problema: a metade de cima do Heron's Roost não existia mais. A casa ficava em uma colina exposta às intempéries e seus pisos superiores tinham sido completamente devastados há tempos por uma tempestade. O primeiro andar ainda estava de pé; no entanto, fora engolido por trepadeiras cinza-esverdeadas que também haviam tomado as colunas da frente. Barbas-de-velho pendiam dos beirais, transformando a varanda em uma caverna, casa estava cercada de telhas cor de laranja despedaçadas, que eram tudo o que restava do telhado. Elas apontavam para cima como dentes gigantes da planície de ervas daninhas que substituíra o gramado. Os últimos vinte e poucos metros da entrada para carros haviam sido tomados pelas figueiras estranguladoras. Assim como a quadra de tênis e o que talvez um dia tivesse sido uma casinha de brincadeira. Mais trepadeiras subiam pelas laterais do longo anexo estilo celeiro depois do pátio e arrastavam-se ao longo das telhas da casinha.

— O que é *aquilo?* — Jack estava apontando para o meio do caminho entre a quadra de tênis e a casa principal. Ali, um longo retângulo de um caldo negro maligno fervia sob o sol da tarde. A maior parte do zumbido de insetos parecia vir daquele lugar.

— Agora? Eu chamaria de um poço de piche — disse Wireman — Nos Loucos Anos 20, imagino que a família Eastlake chamasse de piscina.

— Imagine só dar um mergulho *naquilo* — falou Jack, tremendo. A piscina estava cercada de salgueiros. Atrás dela, havia outro grupo de aroeiras e...

— Wireman, aquilo são *bananeiras?* — perguntei.

— São — disse ele. — E provavelmente estão cheias de cobras Olhe para o oeste, Edgar.

No lado do Heron's Roost que dava para o golfo, o emaranhado de ervas daninhas e trepadeiras que um dia fora o gramado de John Eastlake dava lugar a aveias-do-mar. A brisa era boa e a vista era melhor ainda, fazendo-me perceber que se tinha uma coisa rara na Flórida era altitude. Ali, ela era o suficiente para dar a impressão de que o golfo do México estava aos nossos pés. A ilha Don Pedro ficava à nossa esquerda, Casey Key estava envolta em uma onírica neblina azul-acinzentada à nossa direita.

— A ponte levadiça ainda está erguida — disse Jack, parecendo achar graça. — Eles estão com um problema sério dessa vez.

— Wireman — falei. — Olhe aqui embaixo, ao longo daquela trilha antiga. Está vendo?

Ele seguiu meu dedo apontado.

— Aquela rocha alta? Claro, estou vendo. Acho que não e coral, embora eu precisasse chegar um pouco mais perto para ter certeza., que tem ela?

— Pare de bancar o geólogo por um minuto e simplesmente *olhe*. O que está vendo?

Ele olhou. Os dois olharam. Foi Jack quem viu primeiro.

— Um perfil? — Então, falou de novo, sem hesitação. — Um perfil.

Eu assenti.

— Daqui, dá para ver apenas a testa, a reentrância da órbita direita e o do nariz, mas aposto que, se estivéssemos na praia, veríamos uma boca também. Ou o que poderia passar por uma boca. Aquela é a Pedra da Bruxa. E aposto o que vocês quiserem que Shade Beach está logo abaixo dela. Onde John Eastlake costumava fazer suas expedições de caça ao tesouro.

— E onde as gêmeas se afogaram — acrescentou Wireman. — Aquela é a trilha que elas pegaram para chegar lá. Só que...

Ele se calou. A brisa puxou nossos cabelos. Nós olhamos ao longo da trilha, ainda visível depois de todos aqueles anos. Aquilo não poderia ter sido feito por pezinhos indo nadar na praia. Uma trilha daquelas entre o Heron’s Roost e Shade Beach teria desaparecido em questão de cinco anos, talvez dois.

— Não é uma trilha — disse Jack, lendo minha mente. — Isto costumava ser uma estrada. Não asfaltada, mas uma estrada de qualquer maneira. Por que alguém iria querer uma estrada entre a casa e a praia, quando a distância entre as duas não pode ser maior do que uma caminhada de dez minutos?

Wireman balançou a cabeça.

— Não sei.

— Edgar?

— Não faço ideia.

— Talvez ele tenha encontrado mais coisas no fundo do golfo do que apenas algumas

quinquilharias — disse Jack.

— Talvez, mas... — Percebi um movimento com o rabo do olho, alguma coisa escura, e me virei na direção da casa. Não vi nada.

— O que foi? — perguntou Wireman.

— Provavelmente meus nervos — respondi.

A brisa, que vinha do golfo até onde estávamos, mudou um pouco de direção e passou a soprar do sul. Ela trouxe um fedor de podridão consigo.

Jack se encolheu, fazendo careta.

— Que porra é *essa*?

— O cheirinho da piscina, seria o meu palpite — disse Wireman. — Jack, eu adoro o cheiro de lodo pela manhã.

— Tá, mas já estamos de tarde.

Wireman lançou um olhar para ele que dizia *dã* e então se voltou para mim.

— O que você acha, *muchacho*? Seguimos em frente?

Conferi rapidamente o inventário. Wireman estava com a cesta vermelha; Jack estava com a sacola de comida; eu estava com meu material artístico. Não sabia bem o que faríamos se o resto dos desenhos de Elizabeth tivesse sido levado embora pela tempestade que arrancara o telhado da ruína à nossa frente (ou se *não houvesse* mais desenhos) porém tínhamos chegado até ali e precisávamos fazer alguma coisa. Ilse insistia que sim, nos meus ossos e no meu coração.

— Sim — falei. — Seguimos em frente.

Tínhamos chegado ao ponto em que a entrada para carros começava a ser invadida pelas figueiras estranguladoras quando vi aquela coisa escura piscar entre o emaranhado alto de ervas daninhas à direita da casa. Dessa vez, Jack viu também.

— Tem alguém aqui — disse ele.

— Não estou vendo ninguém — falou Wireman. Ele largou a cesta de piquenique no chão e secou o suor da testa com o braço. Troque um pouco comigo, Jack. Você leva a cesta e eu levo a comida. Você é jovem e forte. Wireman é velho e gasto. Ele vai morrer lo... *puta merda, o que é aquilo?!*

Ele se afastou da cesta cambaleando para trás e teria caído se eu não o tivesse agarrado pela cintura. Jack gritou de surpresa e horror.

O homem irrompeu de dentro do matagal logo à nossa esquerda. Era impossível que ele estivesse lá — Jack e eu o havíamos vislubrado a menos de 50 metros um segundo atrás —, mas estava. Ele era negro, mas não era humano. Nunca chegamos a confundi-lo com um ser humano. Para começar, suas pernas, curvadas e vestidas de calção azul, não se moviam quando ele passou diante de nós. Ele tampouco movimentou o tapete grosso de figueira estranguladora que brotava à sua volta. Ele usava um boné com um botão no topo e, de certa forma, aquilo era o pior.

Pensei que, se tivesse que olhar por muito tempo para aquele boné, ele me enlouqueceria.

A coisa desapareceu no mato à nossa direita, um negro de calção azul de cerca de um

metro e setenta de altura. O mato não tinha mais de um metro e meio e a matemática elementar dizia que ele não tinha nada que desaparecer nele, mas desapareceu.

No instante seguinte, ele — a coisa — estava na varanda como O Velho Criado da Família e, então, sem intervalo, ele — a coisa — estava ao pé da escada e disparando novamente para o meio do mato, sorrindo para nós o tempo todo.

Sorrindo para nós debaixo do seu boné.

O boné era *VERMELHO*.

Jack se virou para fugir. Não havia nada no seu rosto além de um pânico estúpido e balbuciante. Larguei Wireman para agarrá-lo e, se Wireman também tivesse decidido fugir, acho que aquele teria sido o fim da nossa expedição; afinal de contas, eu tinha apenas um braço, e não poderia segurar os dois. Não conseguiria segurar nenhum deles, se ambos quisessem dar no pé de verdade.

Por mais aterrorizado que eu estivesse, não cheguei nem perto de sair correndo. E Wireman, Deus o abençoe, fincou o pé, observando boquiaberto o negro surgir em seguida de dentro do pomar de bananeiras entre a piscina e o anexo.

Agarrei Jack pelo cinto e o puxei de volta. Não podia lhe dar um tapa não tinha mão para isso —, então me contentei em gritar:

— *Não é real! É o pesadelo dela!*

— O pesadelo... dela? — Algo parecido com compreensão despontou nos olhos de Jack. Ou talvez apenas uma pequena consciência. Aquilo já bastava para mim.

— Pesadelo, bicho-papão, qualquer coisa que metesse medo nela quando as luzes se apagavam — falei. — É apenas outro fantasma, Jack.

— Como o senhor sabe?

— Para começar, ele está piscando como um filme antigo — falou Wireman. — Vejam só.

O negro sumiu, então apareceu de novo, dessa vez diante da escada incrustada de ferrugem que subia até o trampolim da piscina. Ele sorriu para nós debaixo de seu boné vermelho. Notei que sua camisa era azul como o calção. Ele deslizava de um lugar para outro com suas pernas imóveis sempre dobradas na mesma direção, como uma figura em uma barraca de tiro ao alvo. Ele sumiu mais uma vez, então apareceu na varanda. Logo em seguida, estava na entrada para carros, quase na nossa frente. Olhar para ele fazia minha cabeça doer, e ainda me dava medo... mas apenas porque ela tinha sentido medo. Libbit.

Quando reapareceu, ele estava na trilha que seguia para Shade Beach em dois sulcos paralelos e dessa vez conseguimos ver o brilho do golfo através da sua blusa e dos seus

calções. Ele piscou até sumir de vista e Wireman começou a rir histericamente.

— O que foi? — Jack se voltou para Wireman. Quase *trombou* com ele. — *O que foi?*

— É uma porra de um *anão de jardim!* — falou Wireman, rindo mais do que nunca. — Um daqueles anões de jardim pretos que hoje em dia são politicamente incorretos, com o triplo ou o quádruplo do seu tamanho normal! O bicho-papão de Elizabeth era o anão de jardim da casa!

Wireman tentou continuar falando, mas não conseguia. Ele se inclinou para a frente, rindo tanto que teve que apoiar as mãos nos joelhos. Eu entendi a piada, mas não conseguia achar graça... e não só porque minha filha estava morta em Rhode Island. Wireman estava rindo porque, a princípio, ele sentira tanto medo quanto Jack e eu, tanto quanto Libbit deve ter sentido. E por que ela havia sentido medo? Porque alguém, muito provavelmente sem querer, tinha colocado a ideia errada na sua cabecinha imaginativa. Eu apostei em Nan Melda e, talvez, em uma história de ninar cuja intenção fosse somente acalmar uma criança que ainda estava irritadiça por conta de sua lesão na cabeça. Talvez até mesmo insone. Porém, aquela história de ninar tinha ido para o lugar errado e criado *DENTE.*

O sr. Calção Azul também não era como os sapos que havíamo visto na estrada. Aqueles tinham sido criação *apenas* de Elizabeth, e não havia maldade neles. O anão de jardim, no entanto... ele poderia ter saído originalmente da cabeça avariada da pequena Libbit, mas eu tinha a impressão de que Perse se apropriara dele há tempos para servir a seus propósitos. Se alguém se aproximasse tanto quanto nós do primeiro lar de Elizabeth, lá estava ele, pronto para assustar o intruso e mandá-lo embora.

O que significava que deveria haver algo escondido ali, afinal.

Jack lançou um olhar nervoso para onde a trilha — que parecia mesmo ter sido grande o suficiente algum dia para acomodar uma carroça ou até mesmo um caminhão — descia e sumia de vista.

— Ele vai voltar?

— Não tem importância, *muchacho* — disse Wireman. — Ele não é real. Esta cesta de piquenique aqui, por sua vez, precisa ser carregada. Então vamos. Corram, seus *huskies*.

— Só de olhar para ele tive a sensação de estar enlouquecendo disse Jack. — Entende o que eu digo, Edgar?

— Claro. Libbit tinha uma imaginação muito poderosa, naquela época.

— Então o que *aconteceu* com ela?

— Ela se esqueceu de como usá-la.

— Meu Deus — disse Jack. — Isso é terrível.

— É. E acho que esse tipo de esquecimento é fácil. O que é mais terrível ainda.

Jack se abaixou, pegou a cesta e então olhou para Wireman.

— O que *tem* aqui dentro? Barras de ouro?

Wireman apanhou a sacola de comida e abriu um sorriso sereno.

— Eu coloquei umas coisinhas extras.

Subimos com alguma dificuldade a entrada para carros coberta de vegetação, atentos ao anão de jardim. Ele não voltou. No topo da escada da varanda, Jack largou a cesta de piquenique com um pequeno suspiro de alívio. De trás de nós, veio uma agitação e um bater de asas.

Quando nos viramos, vimos uma garça pousando na entrada para carros. Poderia ter sido a mesma que me lançara aquele olhar frio da quadra de tênis do *Palacio.* Sem dúvida o olhar era o mesmo: azul, penetrante e sem uma gota de piedade.

— Isso é real? — perguntou Wireman. — O que você acha, Edgar?

— É real — respondi.

— Como você sabe?

Poderia ter ressaltado que a garça estava projetando uma sombra, porém, até onde eu me lembrava, o anão de jardim também projetara a sua; eu somente não tinha reparado de tanto medo.

— Apenas sei. Venha, vamos entrar. E não se preocupe em bater. Essa não é uma visita social.

xiii

— Hã, acho que temos um problema — disse Jack.

As cortinas de barba-de-velho que pendiam sobre a varanda cobriam-na de sombras; no entanto, assim que nossos olhos se ajustaram à penumbra, conseguimos ver uma corrente grossa e enferrujada circundando as portas duplas. Não um, mas sim dois cadeados pendiam dela. A corrente passava por um gancho em cada batente.

Wireman deu um passo à frente para ver mais de perto.

— Quer saber — disse ele —, acho que Jack e eu conseguimos arrebentar um desses ganchos, ou até os dois. Eles já viram dias melhores.

— *Anos* melhores — disse Jack.

— Talvez — falei —, mas as próprias portas quase certamente estão trancadas e, se você sair arrastando correntes e arrebentando ganchos, vai incomodar os vizinhos.

— Vizinhos? — perguntou Wireman.

Eu apontei bem para cima. Wireman e Jack seguiram meu dedo e viram o que eu já havia visto: uma grande colônia de morcegos marrons dormindo no que parecia ser uma vasta nuvem de teia de aranha. Olhei para baixo e notei que a varanda estava não só coberta, mas incrustada de guano. Fiquei feliz por estar usando boné.

Quando olhei de novo, Jack Cantori estava ao pé da escada.

— De jeito nenhum, meus caros — disse ele. — Podem me chamar de covarde, de frutinha, ou do que bem entenderem, mas não vou entrar aí. O problema de Wireman é com as cobras, o meu é com morcegos. Uma vez... — Ele parecia ter mais a dizer, talvez bastante, mas não sabia como. Em vez disso, deu outro passo para trás. Refleti por um instante sobre a excentricidade do medo: o que aquele estranho anão de jardim fora incapaz de fazer (tinha chegado perto, mas perto e nada dá na mesma), uma colônia de morcegos adormecidos conseguira. Para Jack, pelo menos.

Wireman falou:

— Eles podem transmitir raiva, *muchacho*... sabia disso?

Eu assenti:

— Acho melhor procurarmos a entrada de serviço.

Contornamos lentamente a casa, Jack na dianteira e carregando a cesta de piquenique. Sua camisa estava escura de suor, mas ele já não mostrava o menor sinal de enjoo. Porém, deveria; talvez todos nós devêssemos. O fedor da piscina era quase insuportável. O mato batia nas nossas coxas e raspava contra nossas calças; caules duros de pau-de-viola cutucavam nossos tornozelos. Havia janelas, mas, a não ser que Jack quisesse tentar subir nos ombros de Wireman, elas eram altas demais.

— Que horas são? — perguntou Jack, ofegante.

— Hora de você andar um pouco mais rápido, *mi amigo* — disse Wireman. — Quer que eu me encarregue dessa cesta?

— Claro — disse Jack, soando irritado de verdade pela primeira vez desde que eu o conhecera. — Aí o senhor pode ter um ataque cardíaco e eu e o chefe poderemos testar nossa técnica de ressuscitação cardiopulmonar.

— Você está sugerindo que eu estou fora de forma?

— Não, mas ainda está uns 20 quilos dentro da faixa de risco cardíaco.

— Parem — falei. — Vocês dois.

— Largue esse negócio, filho — disse Wireman. — Largue esse *cesta de puta madre* no chão e deixe-me carregá-lo pelo resto do caminho.

— Não. Esqueça.

Vi alguma coisa negra se rnover com o canto do olho. Quase não olhei. Pensei que fosse o anão de jardim novamente, dessa vez correndo ao longo da piscina. Ou deslizando pela sua superfície fedorenta e infestada de insetos. Graças a Deus decidi conferir.

Enquanto isso, Wireman lançava um olhar furioso para Jack. Sua masculinidade havia sido contestada.

— Quero trocar com você.

Um pedaço daquela nojeira túrgida da piscina tinha criado vida. Ele se separou do negrume e caiu pesadamente na borda de concreto rachada e coberta de ervas daninhas, espalhando lodo ao seu redor numa supernova de sujeira.

— Não, Wireman, deixe comigo.

Um pedaço de imundície com olhos.

— Jack, vou falar pela última vez.

Então, eu enxerguei o rabo e compreendi o que estava vendo.

— Wireman — falei, agarrando o seu ombro.

— *Não,* Edgar, eu vou conseguir.

Eu vou conseguir. Como aquelas palavras retiniram na minha cabeça. Eu me forcei a falar devagar, alto e enfaticamente.

— Wireman, cale a boca. Estou vendo um crocodilo. Ele acabou de sair da piscina.

Wireman tinha medo de cobras, Jack tinha medo de morcegos. Eu não fazia ideia de que tinha medo de crocodilos até ver aquele pedaço de escuridão pré-histórica se separar do caldo em decomposição na antiga piscina e vir para cima da gente, primeiro através do concreto coberto de mato (empurrando de lado a última cadeira de jardim sobrevivente, que estava virada no caminho) e então deslizando para dentro das ervas daninhas e trepadeiras que vinham das aroeiras mais próximas dali. Vi de relance seu focinho se contrair, um olho preto se fechar no que poderia ter sido uma piscadela e, então, havia apenas suas costas encharcadas projetando-se aqui e ali em meio ao verde tremulante, como um submarino com três quartos do casco debaixo d'água. Ele estava vindo na nossa direção e, depois de avisar Wireman, não pude fazer mais nada. Um véu cinza caiu sobre meus olhos. Eu recostei nas tábuas velhas e retorcidas do Heron's Roost. Elas estavam quentes. Recostei ali e esperei ser comido pelo horror de três metros e meio que vivia na antiga piscina de John Eastlake.

Wireman não hesitou. Ele arrancou a cesta vermelha das mãos de Jack, largou-a no chão e se ajoelhou ao lado dela, abrindo ao mesmo tempo uma de suas pontas. Enfiou a mão lá dentro e tirou o maior revolver que eu já vira fora do cinema. Ajoelhado ali no mato alto, com a cesta de piquenique aberta diante de si, Wireman o agarrou com as duas mãos. Eu via seu rosto de um bom ângulo e achei naquele momento, como ainda acho agora, que ele parecia perfeitamente sereno... especialmente para um homem face a face com o que poderia ser considerado uma cobra tamanho família. Ele aguardou.

— Atire! — gritou Jack.

Wireman aguardou. E, atrás dele, eu vi a garça. Ela estava pairando no ar sobre o anexo longo e coberto de mato do outro lado da quadra de tênis. Ela pairava de cabeça para baixo.

— Wireman? — falei. — Trava de segurança?

— *Caray* — murmurou ele, deslocando algo com o polegar. Um pontinho vermelho no topo do cabo do revólver piscou e sumiu. Jamais tirou os olhos do mato alto, que começara a sacudir. Então, ele se abriu e o crocodilo surgiu na sua frente. Eu já havia visto alguns deles nos programas especiais do Discovery Channel e da National Geographic, porém nada me preparou para a rapidez com que aquela coisa podia se mover naquelas pernas atarracadas. O mato havia limpado a maior parte da lama do seu rosto rudimentar e eu conseguia ver seu sorriso enorme.

— *Agora!* — gritou Jack.

Wireman atirou. O estrondo foi tremendo — ele saiu rolando como algo sólido, algo feito de pedra — e o resultado foi igualmente tremendo. A metade de cima da cabeça do crocodilo se desprendeu em uma nuvem de lama, sangue e carne. Aquilo não o retardou; muito pelo contrário, aquelas pernas atarracadas pareceram acelerar à medida que ele atravessava os últimos 10 metros de distância. Eu conseguia ouvir a grama raspar como uma lixa os lados encouraçados do seu corpo.

O coice ergueu o cano da arma. Wireman deixou. Nunca o havia visto tão calmo, e isso me impressiona até hoje. Quando a arma voltou a ficar reta, o crocodilo estava a menos de 5 metros de distância. Ele disparou novamente, e a segunda bala levantou a metade da frente da coisa para o céu, revelando uma barriga branco-esverdeada. Por um instante, ele pareceu estar dançando sobre o próprio rabo, como um jacaré feliz em um desenho da Disney.

— *Urrú*, *seu desgraçado feio!* — gritou Jack. — *Toma essa, seu merda! Toma essa, seu filho da PUTA!*

O coice ergueu a arma mais uma vez. Novamente, Wireman deixou. O crocodilo desabou de lado, a barriga exposta, suas pernas atarracadas se debatendo, seu rabo chicoteando e arrancando pedaços de mato e terra. Quando o cano voltou a ficar reto, Wireman puxou o gatilho outra vez e o meio da barriga da coisa pareceu se desintegrar. De repente, o círculo irregular e desbastado no qual ele caíra ficou mais vermelho do que verde.

Eu procurei pela garça. Ela havia sumido.

Wireman se levantou e eu vi que ele estava tremendo. Foi até o crocodilo — embora não exatamente dentro do alcance do seu rabo que ainda chicoteava — e disparou mais dois tiros nele. O rabo desferiu um último golpe convulsivo no chão, o corpo sofreu um último espasmo e então a coisa ficou imóvel.

Ele se voltou para Jack e ergueu a pistola automática em uma de suas mãos trêmulas.

— Desert Eagle, calibre 375 — disse ele. — Um revólver do cacete, feito por hebreus duros na queda.[28] James McMurtry, 2006. Foi basicamente a munição que deixou a cesta mais pesada. Joguei todos os pentes que tinha dentro dela. Eram uns 12.

Jack andou até ele, o abraçou e beijou nas duas bochechas.

— Eu carrego essa cesta até Cleveland sem dar um pio se o senhor quiser.

— Pelo menos você não vai ter que carregar a arma — disse Wireman. — De agora em diante, a boa e velha Betsy McCall vai presa no meu cinto. — E ele a colocou lá, depois de carregá-la com um novo pente e travá-la novamente com cuidado. Precisou de duas tentativas, por conta das mãos trêmulas.

Andei até ele e também dei um beijo em cada uma de suas bochechas.

— Minha nossa — disse ele. — Wireman não está se sentindo mais hispânico. Wireman está começando a se sentir definitivamente francês.

— Como você tem uma arma, para começo de conversa? — perguntei.

— Foi ideia da srta. Eastlake, depois do último conflito envolvendo cocaína em Tampa-St. Pete. — Ele se voltou para Jack. — Você se lembra, não lembra?

Lembro. Quatro mortos.

— Enfim, a srta. Eastlake sugeriu que eu comprasse uma arma para proteger a casa. Comprei uma das grandes. Chegamos até a praticar um pouco de tiro ao alvo juntos. — Ele sorriu. — Ela era boa, e não ligava para o barulho, mas odiava os coices. — Ele olhou para o crocodilo destroçado. — Acho que deu para o gasto. E agora, *muchacho?*

— Vamos dar a volta até os fundos, mas... algum de vocês viu aquela garça?

Jack balançou a cabeça. Wireman também, parecendo confuso.

— *Eu* vi. — falei para ele. — E, se a vir de novo... se algum de vocês vê-la... quero que você atire nela, Jerome.

Wireman ergueu as sobrancelhas, mas não falou nada. Retomamos nossa caminhada pelo lado direito da propriedade abandonada.

xv

Encontrar uma entrada pelos fundos acabou não sendo um problema: não *havia* fundos. Tudo menos a quina mais ao leste da mansão tinha sido destruído, provavelmente pela mesma tempestade que derrubara os andares de cima. Parado ali, olhando para as ruínas cobertas de mato do que um dia fora a cozinha e a despensa, percebi que o Heron's Roost era pouco mais que uma fachada decorada de musgo.

— Podemos entrar por aqui — disse Jack —, mas não tenho certeza se confio nesse chão. O que você acha, Edgar?

— Não sei — respondi. Sentia um cansaço muito grande. Talvez fosse apenas a adrenalina gasta durante nosso embate com o crocodilo, mas me parecia ser mais que isso. Era uma sensação de derrota. Muitos anos tinham se passado, muitas tempestades. E os desenhos de uma garotinha eram coisas efêmeras desde o início. — Que horas *são,* Wireman? Sem gracinhas, por gentileza.

Ele olhou para o relógio.

— Duas e meia. O que você diz, *muchacho?* Vamos entrar?

— Não sei — repeti.

— Bem, eu sei — disse ele. — Eu matei uma porra de um crocodilo para chegar até aqui; não vou embora sem pelo menos dar uma olhada nesta velha propriedade. O chão da despensa parece firme, e é o mais próximo do solo. Venham, vamos empilhar algumas porcarias para a gente poder subir. Dois pedaços de madeira daqueles devem servir. Jack, você vai primeiro, depois me ajuda. Então, nós puxamos Edgar juntos.

E foi assim que conseguimos entrar, sujos, desgrenhados e sem fôlego, escalando

primeiro até a despensa e, de lá, até a casa em si, olhando maravilhados à nossa volta, nos sentindo como viajantes no tempo turistas em um mundo que havia acabado há mais de oitenta anos.

18 - Noveen

i

A casa fedia a madeira em decomposição, reboco velho e tecido mofado. Havia também um odor esverdeado subjacente. Parte da mobília ainda estava lá — arruinada pelo tempo e empenada pela umidade —, porém o belo papel de parede antigo da sala de estar pendia em tiras e havia um enorme ninho de vespas, antigo e silencioso, preso ao teto do hall de entrada. Debaixo dele, um monte de 30 centímetros de altura de vespas mortas jazia sobre as retorcidas tábuas do assoalho. Em algum lugar, no que restava do andar de cima, água pingava uma gota isolada por vez.

— A madeira de cipreste e sequoia canadense deste lugar valeria uma fortuna se alguém tivesse vindo pegá-la antes de ela ir para o inferno — disse Jack. Ele se abaixou, apanhou a ponta saliente de uma das tábuas e a puxou. Ela subiu, dobrou-se quase como um caramelo e então se partiu — não com um estalo, mas com um som lânguido de esfacelamento. Alguns tatuzinhos saíram andando de dentro do buraco retangular debaixo dela. O cheiro que subiu em uma lufada era úmido e escuro.

— Ninguém veio catar ou resgatar nada por aqui, ou mesmo dar uma festa de arromba — disse Wireman. — Não vejo camisinhas ou calcinhas usadas, nem um JOE AMA DEBBIE que

seja pichado nas paredes. Acho que ninguém esteve neste lugar desde que John passou a corrente na porta e foi embora pela última vez. Sei que é difícil de acreditar...

— Não — falei. — Não é. O Heron's Roost desta região da ilha pertence a Perse desde 1927. John sabia disso e quis garantir que continuasse sendo assim quando escreveu seu testamento. Elizabeth fez o mesmo. Mas não é um templo. — Eu olhei para o cômodo oposto à sala de visitas. Talvez tivesse sido um escritório algum dia. Sobre uma poça de água malcheirosa, via-se uma escrivaninha antiga de tampo corrediço. Havia estantes de livros, mas elas estavam vazias. — É uma tumba.

— Então, onde devemos procurar pelos desenhos? — perguntou Jack.

— Não faço ideia — falei. — Nem acho... — Havia um pedaço de reboco no umbral e eu o chutei. Queria atirá-lo longe, mas ele estava velho e molhado demais e apenas se desintegrou. — Nem acho que *existam* mais desenhos. Não agora que estou vendo este lugar .

Eu olhei ao meu redor novamente, sentindo aquele fedor úmido.

— Pode ser que sim, mas eu não confio em você — disse Wireman. — Porque, *muchacho,* você está de luto. E isso deixa um homem cansado. Ouça a voz da experiência.

Jack entrou no escritório, atravessando ruidosamente tábuas molhadas para chegar até a velha escrivaninha. Uma gota d'água pingou sobre o visor do seu boné e ele olhou para cima.

— O teto está cedendo — disse ele. — Deve ter pelo menos um banheiro no andar de cima, talvez dois, e provavelmente uma cisterna no telhado para apanhar a água da chuva na época. Dá pra ver um cano pendurado. Daqui a alguns anos, vai desabar tudo e essa mesa vai dar tchauzinho.

— Só tome cuidado para você não dar tchauzinho, Jack — disse Wireman.

— Agora, estou mais preocupado é com o chão — disse ele. — Ele está parecendo mole pra diabo.

— Volte, então — falei.

— Já vou. Deixe-me dar uma olhada nisso aqui antes.

Ele abriu as gavetas, uma por uma.

— Nada — falou ele. — Nada... mais nada... nada. — Ele se deteve. — Tem alguma coisa aqui. Um bilhete. Escrito à mão.

— Mostre pra gente — disse Wireman.

Jack o trouxe consigo, dando passos grandes e cautelosos até ultrapassar a parte molhada do chão. Eu o li por sobre o ombro de Wireman. O bilhete tinha sido escrito em um papel branco liso em uma caligrafia masculina grande e achatada:

19 de agosto de 1926

Johnny, seu pedido é uma ordem. Esse é meu último estoque dos bons, & vai todo para você, Meu Garoto. Os "champers" não são os melhores do mundo, mas "Fazer o quê?" Os single malt estão O.K. CC para o "povão" (rá-rá). Cinco barris de Ken. E, conforme você pediu, Mesa X2, e em cera. O mérito não é meu, só tirei a sorte grande, mas é a última de verdade. Obrigado por tudo, meu velho. Nos vemos quando eu voltar para este lado da poça.

DD

Wireman tocou onde estava escrito *Mesa X 2* e disse:

— A mesa está pingando. O restante faz algum sentido para você, Edgar?

Fazia, mas, por um instante, minha maldita memória avariada recusou a cooperar. *Eu vou conseguir,* disse a mim mesmo... e então pensei transversalmente. Primeiro em Ilse dizendo *Podemos dividir a piscina, senhor?* Aquilo doeu, mas eu deixei que doesse, pois era a porta de entrada. O que veio em seguida foi a lembrança de outra garota vestida para outra piscina. A garota era toda seios e pernas longas em um maio preto, Mary Ire conforme Hockney a havia pintado — *Gidget em Tampa,* como ela chamara seu eu mais jovem —, e então me veio. Soltei uma respiração que eu não sabia estar prendendo.

— DD era Dave Davis — falei. — Nos Loucos Anos 20 ele era um magnata da costa oeste da Flórida.

— Como você sabe disso?

— Mary Ire me contou — falei, e uma parte fria de mim que provavelmente jamais se aqueceria de novo pôde apreciar a ironia daquilo; a vida é uma roda e, se você esperar o suficiente, ela sempre volta ao ponto de partida. — Davis era amigo de John Eastlake e, pelo jeito, fornecia uma grande quantidade de bebida boa para ele.

— *Champers* — disse Jack. — Isso é champanhe, não é?

Wireman falou:

— Muito bem, Jack, mas eu quero saber o que quer dizer Mesa. E *cera.*

— É espanhol — disse Jack. — O senhor deveria saber disso.

Wireman entortou uma sobrancelha para ele.

— Você está pensando em *sera,* com *s.* Como em *que será, será.*

— Dóris Day, 1956 — disse eu. — Não cabe a nós ver o futuro.[29] — *O que é bom,* pensei. — De uma coisa eu tenho certeza, Davis estava certo quando disse que essa seria a última entrega. — Indiquei a data: 19 de agosto. — Esse sujeito zarpou para a Europa em 1926 e nunca mais voltou. Ele desapareceu no mar; ou pelo menos foi o que Mary Ire me contou.

— E *cera*? — perguntou Wireman.

— Deixe isso para lá, por enquanto — falei. — Mas é estranho... só esse pedaço de

papel.

— Um pouco esquisito, talvez, mas não totalmente estranho — disse Wireman. — Se fosse um viúvo com filhas pequenas, você gostaria de levar o último recibo do seu contrabandista de bebidas para sua outra vida?

Pensei naquilo e decidi que ele tinha razão.

— Não... mas provavelmente o destruiria, junto com minha coleção de cartões-postais franceses.

Wireman deu de ombros.

— Jamais saberemos quanta papelada incriminatória ele destruiu de fato... ou se tinha muita coisa para destruir. Exceto por tomar um drinquezinho com os amigos aqui e ali, as mãos dele podem ter estado relativamente limpas. Mas, *muchacho...* — Ele colocou uma das mãos no meu ombro. — Esse papel *é* real. Nós *estamos* com ele. E, se algo está a fim de nos pegar, talvez algo também esteja nos protegendo... só um pouco. Você não acha possível?

— Seria bom pensar assim, de qualquer maneira. Vamos ver se tem mais alguma coisa por aqui.

ii

A princípio, não parecia ter. Nós vasculhamos todos os cômodos do primeiro andar e não topamos com nada a não ser com um quase desastre quando meu pé varou o piso do que um dia poderia ter sido a sala de jantar. Wireman e Jack foram rápidos, no entanto, e pelo menos foi minha bichada que afundou; eu pude me apoiar na minha perna boa.

Não havia a menor chance de examinarmos os pisos superiores. A escada subia até o fim, mas, para além do patamar e do pedaço de corrimão lascado que acompanhava um de seus lados, havia apenas o céu azuk e a folhagem oscilante de uma palmeira alta. O segundo andar era ruína, o terceiro não existia mais. Começamos a voltar em direção à cozinha e à nossa rampa de acesso ao mundo externo improvisada sem nada para mostrar além de um bilhete antigo anunciando uma entrega de bebidas. Eu tinha um palpite sobre o que poderia significar *cera,* porém, sem saber o paradeiro de Perse, ele não servia de nada.

E ela estava ali.

Estava perto.

Por que mais ela tornaria tão difícil *chegar* ali?

Wireman estava na dianteira e parou tão de repente que eu trombei com ele. Jack trombou comigo, batendo com a cesta de piquenique na minha bunda.

— Precisamos conferir a escada — disse Wireman. Ele falou no tom de voz de um homem que não conseguia acreditar ter sido tão burro.

— Como é que é? — perguntei.

— Precisamos conferir se a escada tem um arrá. Eu deveria ter pensando nisso logo de cara. Devo estar ficando maluco.

— O que é um arrá? — perguntei.

Wireman estava dando meia-volta.

— O do *Palacio* fica a quatro degraus do fim da escadaria principal. A ideia, que ela disse ter sido do seu pai, era manter o conteúdo perto da porta da frente em caso de incêndio. Tem uma caixa blindada lá dentro. Agora tem pouco mais que uma ou outra lembrança antiga e algumas fotografias, mas houve uma época em que ela guardava seu testamento e suas melhores jóias lá dentro. Então, ela contou isso para o seu advogado. Grande erro. Ele insistiu

que tudo fosse transferido para um cofre em um banco de Sarasota.

Àquela altura, já estávamos de volta ao pé da escada, próximos do monte de vespas mortas. O fedor da casa parecia espesso ao nosso redor.

— *Muchacho,* ela também mantinha alguns poucos bibelôs de porcelana muito valiosos naquela caixa. — Ele analisou as ruína da escada que levava apenas a destroços sem sentido e ao céu azul mais além. — Você não acha... se Perse *é* algo parecido com um bibelô de porcelana que John pescou do fundo do golfo... você não acha que ela está escondida bem aqui, na escada, acha?

— Acho que tudo é possível. Tenha cuidado. *Muito.*

— Aposto qualquer coisa que tem um arrá aqui — disse ele. — Nós repetimos o que aprendemos quando crianças.

Ele afastou as vespas mortas com a bota — elas fizeram um barulho sussurrante, como se fossem de papel — e então se ajoelhou ao pé da escada. Examinou o primeiro degrau, depois o segundo e então o terceiro. Quando chegou ao quarto, disse:

— Jack, me dê a lanterna.

iii

Era fácil perceber que Perse não estava escondida em um compartimento secreto debaixo da escada — aquilo seria simples demais —, porém eu me lembrei das porcelanas que Elizabeth gostava de esconder em sua caixa de biscoitos Sweet Owen e senti meu pulso disparar quando Jack remexeu a cesta de piquenique e retirou lá de dentro a lanterna monstruosa, com seu cilindro de aço inoxidável. Ele a passou com força para a mão de Wireman como uma enfermeira entregando um instrumento a um médico em uma mesa de operações.

Quando Wireman apontou a luz para a escada, eu vi o brilho instantâneo de ouro: dobradiças minúsculas no fundo do degrau.

— O.k. — disse ele, entregando a lanterna de volta. — Aponte o facho de luz para lá.

Jack obedeceu. Wireman estendeu a mão para a beirada do degrau, que deveria se levantar sobre aquelas dobradiças minúsculas.

— Wireman, espere um instante — falei.

Ele se voltou para mim.

— Cheire antes — falei.

— O *quê?*

— Cheire. Me diga se tem cheiro de molhado.

Ele cheirou o degrau com as dobradiças no fundo, então se voltou para mim novamente.

— Um pouco úmido, talvez, mas *tudo* aqui tem esse cheiro. Você deria ser um pouco mais específico?

— Só abra bem devagar, sim? Jack, aponte a luz bem para dentro, procurem umidade, vocês dois.

— Por quê, Edgar? — perguntou Jack.

— Porque ela disse que a Mesa está pingando. Se vocês virem um recipiente de cerâmica — uma garrafa, um jarro, um barril —, é ela. Tenho quase certeza de que estará rachado, talvez até partido no meio.

Wireman inspirou fundo, então soltou o ar.

— O.k. Como disse o matemático depois de dividir o número por zero, até agora, nada.

Ele tentou levantar o degrau, sem sucesso.

— Está trancado. Estou vendo uma fresta miudinha... deve ter sido uma chave pequena pra cacete.

— Eu tenho um canivete suíço — ofereceu Jack.

— Só um minuto — disse Wireman, e eu vi seus lábios se contraírem para baixo enquanto ele aplicava pressão para cima com a ponta dos dedos. Uma veia saltou na cavidade da sua têmpora.

— Wireman — comecei a falar —, tenha cuida...

Antes que eu pudesse concluir, a tranca — velha, pequena e sem dúvida apodrecida pela ferrugem — se partiu. O degrau voou para cima e se desprendeu das dobradiças. Wireman caiu para trás. Jack o agarrou e então eu agarrei Jack, abraçando-o desajeitadamente com um braço só. A lanterna grande bateu no chão, mas não se quebrou; seu facho brilhante rolou, incidindo sobre o monte terrível de vespas mortas.

— Puta merda — disse Wireman, recuperando o equilíbrio. — Larry, Curly e Moe.

Jack apanhou a lanterna e a apontou para o buraco na escada.

— O quê? — perguntei. — Alguma coisa? Nada? Falem!

— Tem alguma coisa, mas não é uma garrafa de cerâmica — disse ele. — É uma caixa de metal. Parece uma caixa de bombom, só que maior. — Ele se agachou.

— Talvez seja melhor não — disse Wireman.

Porém, era tarde demais. Jack tinha enfiado o braço até o cotovelo lá dentro e, por um instante, tive a certeza de que seu rosto se alongaria em um grito quando algo se fechasse sobre o seu braço e o puxasse para baixo até o ombro. Então, ele se empertigou novamente. Trazia na mão uma caixa de lata em formato de coração. Ele a estendeu para nós. Na tampa, quase invisível sob manchas de poeira, havia um anjo de bochechas rosadas. Debaixo dele,

em uma caligrafia antiquada, as seguinte palavras pintadas:

ELIZABETH
MINHAS COISAS

Jack nos encarou interrogativamente.

— Vá em frente — falei. Não era Perse, estava convencido disso àquela altura. Senti-me ao mesmo tempo desapontado e aliviado. — Você encontrou; agora abra.

— São os desenhos — disse Wireman. — Só podem ser eles.

Eu também achava que sim. Mas não eram. O que Jack tirou de dentro da caixa em formato de coração, velha e enferrujada, foi a bonequinha de Libbit, e ver Noveen era como uma volta ao lar.

Aiiii, seus olhos pretos e sua boca escarlate sorridente pareciam dizer. *Aiii, seu malvado, eu fiquei aqui dentro esse tempo todo.*

iv

Quando eu a vi sair daquela caixa como um cadáver desenterrado de uma cripta, senti um horror terrível e impotente tomar conta de mim, começando no meu coração e, em seguida, irradiando para fora, ameaçando primeiro afrouxar todos os meus músculos e então desatá-los por completo.

— Edgar? — perguntou Wireman com rispidez. — Tudo bem?

Esforcei-me ao máximo para manter o controle. Estava pensando principalmente no sorriso desdentado daquela coisa. Como o boné do anão de jardim, aquele sorriso era *vermelho.* E, assim como o ocorrera com o boné, eu sentia que, se olhasse para ele por muito tempo, ficaria louco. Aquele sorriso parecia insistir em que tudo o que acontecera na minha nova vida era um sonho que eu estava tendo em alguma UTI, enquanto máquinas mantinham meu corpo retorcido vivo por algum tempo a mais... e talvez aquilo fosse bom, talvez fosse até melhor, pois significava que não teria acontecido nada com Ilse.

— Edgar? — Quando Jack se aproximou um passo de mim, a boneca que ele carregava se agitou em uma paródia grotesca de preocupação. — O senhor não vai desmaiar, vai?

— Não — falei. — Deixe-me dar uma olhada nisso. — E quando ele tentou entregá-la para mim: — Não quero pegar nela. Só levante-a para eu ver.

Ele atendeu ao meu pedido e eu compreendi no mesmo instante por que tive aquela sensação de reconhecimento imediato, de estar voltando para casa. Não era por causa de Reba ou de sua mais recente companheira — embora as três fossem bonecas de pano e existisse uma semelhança. Não, era porque eu já a havia visto antes, em vários dos desenhos de Elizabeth. A princípio, imaginei que fosse Nan Melda. Eu estava enganado, mas...

— Nan Melda deu essa boneca para ela — falei.

— Claro — concordou Wireman. — E deve ter sido sua favorita, pois foi a única que desenhou. A questão é, por que ela a deixou para trás quando a família foi embora do Heron's Roost? Por que a prendeu aqui?

— Às vezes, bonecas deixam de ser favoritas — falei. Eu estava olhando para aquela boca vermelha e sorridente. Ainda vermelha depois de todos aqueles anos. Vermelha como o lugar em que as memórias se escondem quando você está ferido e não consegue pensar direito. — Às vezes, bonecas se tornam assustadoras.

— Os desenhos dela falaram com você, Edgar — disse Wireman. Ele sacudiu a boneca, então a entregou para Jack. — E quanto a ela? A boneca vai lhe contar o que queremos saber?

— Noveen — falei. — O nome dela é Noveen. E eu gostaria de po°der dizer que sim, mas só os lápis e desenhos de Elizabeth falam comigo.

— Como você sabe?

Boa pergunta. *Como* eu sabia?

— Eu simplesmente sei. Aposto que ela poderia ter falado *contigo,* Wireman. Antes de eu resolver o seu problema. Quando você tinha aquela pequena clarividência.

— Tarde demais — disse Wireman. Ele revirou a sacola de comida, encontrou as fatias de pepino e comeu algumas. — Então o que a gente vai fazer? Voltar? Porque eu tenho a impressão de que, se voltarmos, *'chacho,* nunca mais reuniremos a força testicular de aparecermo aqui novamente.

Eu achei que ele tinha razão. E, enquanto isso, a tarde passava à nossa volta.

Jack estava sentado nas escadas, com a bunda dois ou três degraus acima do arrá. Ele segurava a boneca no joelho. O sol entrava pelo telhado destroçado da casa e os banhava em luz e poeira. Eles pareciam estranhamente evocativos e teriam dado uma pintura maravilhosa: *jovem e Boneca.* A maneira como ele segurava Noveen me trazia algo à memória, mas eu não

conseguia recordar o quê. Os olhos pretos de botão de sapato de Noveen pareciam me fitar de um jeito quase presunçoso. *Eu já vi muita coisa, seu malvado. Eu já vi tudo. Eu* sei *tudo. Que pena eu não ser uma pintura que você possa tocar com sua mão fantasma, não é mesmo?*

Sim. Era uma pena.

— Teve uma época em que *eu* poderia fazê-la falar — disse Jack.

Wireman pareceu intrigado, mas eu senti aquele pequeno *clique* de quando uma ligação que você estava tentando estabelecer finalmente faz sentido. Aquilo explicava por que a maneira como ele estava segurando a boneca me parecia tão familiar.

— Você gostava de ventriloquia, não é? — Eu esperava ter soado casual, mas meu coração estava começando a esmurrar minhas costelas novamente. Tinha a impressão de que ali, na região sul de Duma Key, muitas coisas eram possíveis. Mesmo em plena luz do dia.

— Gostava — disse Jack com um sorriso meio envergonhado e meio nostálgico. — Eu comprei um livro sobre o assunto quando tinha apenas 8 anos de idade e insisti principalmente porque meu pai disse que era jogar dinheiro fora, já que eu sempre desistia de tudo. — Ele deu de ombros, e Noveen se agitou um pouco na sua perna. Como se estivesse tentando fazer o mesmo. — Nunca fui *ótimo,* mas me tornei o suficiente para ganhar a Gincana de Talentos da sexta série. Meu pai pendurou a medalha na parede do escritorio dele. Aquilo significou muito para mim.

— É — disse Wireman. — Nada como um “ah, garoto” de um pai desconfiado.

Jack abriu um sorriso e, como sempre, ele iluminou todo o seu rosto Então se mexeu um pouco, e Noveen se mexeu com ele.

— Mas sabem qual foi a melhor parte? Eu era um menino tímido e a ventriloquia me soltou um pouco. Ficou mais fácil falar com as pessoas. Eu meio que fingia ser Morton, o meu boneco. Morton era um espertinho que dizia qualquer coisa para qualquer um.

— Todos são — falei. — Acho que é uma regra.

— Daí eu entrei para o secundário e ventriloquia começou a parecer um talento de *nerd* se comparado a praticar *skateboarding,* então eu parei. Não sei o que aconteceu com o livro. *Projete sua Voz,* era o nome dele.

Ficamos calados. Ouvíamos a respiração úmida da casa à nossa volta. Pouco antes, Wireman tinha matado um crocodilo. Eu já mal conseguia acreditar naquilo, embora meus ouvidos ainda estivessem retinindo por conta dos tiros.

Então, Wireman disse:

— Quero ouvir você fazendo. Faça a boneca falar: "*Buenos dias, amigos, mi nombre es Noveen* e *la mesa* está pingando."

Jack riu.

— Tá, sei.

— Não... estou falando sério.

— Não consigo. Se você fica um tempo sem praticar, esquece como se faz.

E, graças às minhas próprias pesquisas, eu sabia que ele podia ter razão. Quando o assunto são habilidades adquiridas, a memória se depara com uma bifurcação na estrada. De um lado, ficam as habilidades do tipo "é como andar de bicicleta": coisas que, uma vez aprendidas, você não esquece jamais. Porém, as habilidades criativas e em constante mutação do cérebro anterior precisam ser praticadas quase diariamente, e são danificadas ou destruídas com facilidade. Jack estava dizendo que a ventriloquia pertencia ao segundo grupo. E, embora não tivesse motivo para duvidar dele — afinal de contas, aquilo envolvia criar uma nova personalidade, além de projetar a voz —, eu disse:

— Por que você não tenta?

— O quê? — Ele olhou para mim. Sorridente. Intrigado.

— Vá em frente, arrisque.

— Eu já falei, não consigo...

— Tente assim mesmo.

— Edgar, não faço ideia de como ela soaria mesmo que eu ainda *pudesse* projetar minha voz.

— Certo, mas você está com ela no joelho e estamos sozinhos aqui então manda ver.

— Bem, que se dane. — Ele soprou o cabelo de cima da testa — O que vocês querem que ela diga?

Wireman falou, muito baixinho mesmo:

— Por que a gente simplesmente não vê o que vai sair?

V

Jack ficou sentado com Noveen no joelho por mais um instante, suas cabeças sob o sol, partículas de poeira agitada da escada e do carpete antiquíssimo do hall flutuando em volta dos seus rostos. Então, ele a pegou de modo que seus dedos ficassem sobre o pescoço rudimentar da boneca e de seus ombros de pano. A cabeça dela se ergueu.

— Oi, meninos — disse Jack, porém, como ele estava tentando não mover os lábios, o que saiu foi *Oi, ininos.*

Ele balançou a cabeça; a poeira agitada voou no ar.

— Esperem um minuto — disse ele. — Ficou horrível.

— Temos todo o tempo do mundo — falei para ele. Imagino que tenha soado calmo, mas meu coração martelava mais forte do que nunca. Parte do que eu sentia era medo por Jack. Se aquilo funcionasse, poderia ser perigoso para ele.

Jack esticou o pescoço e usou a mão livre para massagear seu pomo de adão. Parecia um tenor se preparando para cantar. Ou um pássaro, pensei. Um Beija-Flor Evangélico, talvez. Então, ele disse:

Oi, meninos. — Estava melhor, mas...

— Não — falou ele. — Que merda. Está parecendo aquela loira das antigas, a Mae West. Esperem.

Jack massageou a garganta novamente. Ele fez aquilo olhando para a luz que se derramava do céu, e não sei ao certo se percebeu que sua outra mão — a que estava na boneca — estava se mexendo. Noveen olhou primeiro para mim, depois para Wireman, e então de volta para mim. Olhos de botão de sapato. Cabelo preto decorado com laços caindo como uma cascata em volta de um rosto de biscoito de chocolate. Um **O** vermelho como boca. Uma perfeita boca de *Aiii, seu malvado.*

A mão de Wireman agarrou a minha. Ela estava gelada.

— Oi, meninos — disse Noveen e, embora o pomo de adão de Jack tenha subido e descido, seus lábios quase não se moveram ao fazerem o *m.*

— Ei! Que tal isso?

— Ótimo — disse Wireman, parecendo tão calmo quanto eu não me sentia. — Faça ela dizer outra coisa.

— Vou ganhar um extra por isso, certo, chefe?

— Claro — falei. — Cinquenta por cento a ma...

— Ocê num vai desenha nada? — perguntou Noveen, olhando para mim com aqueles olhos negros redondos. Eles eram mesmo botões de sapato, eu tinha quase certeza.

— Não tenho nada para desenhar — falei. — Noveen.

— Vou te contá um negoço que ocê pode desenhá. Cadê teu bloco? — Àquela altura, Jack olhava para o lado, em direção às sombras que conduziam à sala de estar em ruínas, distraído, com o olhar distante. Ele não parecia consciente ou inconsciente, mas sim em algum lugar no meio do caminho.

Wireman me soltou e enfiou a mão na sacola de comida, onde eu havia guardado meus dois blocos Artisan. Ele me entregou um. Jack flexionou um pouco a mão e Noveen pareceu inclinar ligeiramente a cabeça enquanto eu primeiro virava a capa para trás e depois abria o ziper da pochete que continha meus lápis. Apanhei um deles.

— Não, não. Use um dos dela.

Vasculhei a pochete novamente e retirei um lápis verde-claro de Libbit. Era o único ainda longo o suficiente a ponto de eu poder segurá-lo direito. Não deve ter sido sua cor favorita. Ou talvez os verdes de Duma Key fossem apenas mais escuros.

— Certo, e agora?

— Me desenha na cozinha. Me coloca recostada no porta-pão, que tá bom assim.

— Em cima do balcão, você diz?

— No chão que num pode ser, né?

— Cristo — murmurou Wireman. A voz mudava em ritmo constante a cada troca de palavras; àquela altura, já não era mais a de Jack E de quem era, então, considerando que, em um primeiro momento, o único ventríloquo disponível para fazer a boneca falar tenha sido a imaginação de uma garotinha? Achei que, na época, a voz havia sido a de Nan Melda e que estávamos ouvindo naquele instante uma versão dela

Assim que comecei a trabalhar, a coceira tomou meu braço perdido definindo-o, tornando-o *presente*. Eu a esbocei sentada contra o porta-pão antiquado, então desenhei suas pernas balançando na beirada do balcão. Sem pausa e sem titubear — algo no meu íntimo, de onde saíam os desenhos, disse que, se eu titubeasse, quebraria o feitiço enquanto ele ainda estava se formando, enquanto ainda estava frágil —, eu prossegui, desenhando a garotinha do lado do balcão. Parada ali, olhando para cima. Uma garotinha de 4 anos, usando uma salopete. Não saberia dizer o que era uma salopete antes de desenhá-la sobre o vestido da pequena Libbit enquanto ela ficava ali na cozinha do lado da sua boneca, enquanto ficava ali olhando para cima, enquanto ficava ali...

Shhhhh...

... com um dedo sobre os lábios.

Então, desenhando mais rápido do que nunca, o lápis a toda a velocidade, eu acrescentei Nan Melda, vendo-a pela primeira vez fora da foto em que ela segurava a cesta de piquenique vermelha aninhada nos seus braços. Nan Melda estava inclinada em direção à garotinha, seu rosto amarrado e enfurecido.

Não, não enfurecido...

Assustada.

É assim que Nan Melda está, assustada quase até a morte. Ela sabe que algo está acontecendo, Libbit sabe que algo está acontecendo e as gêmeas também — Tessie e Lo-Lo estão tão assustadas quanto ela. Até aquele idiota do Shannington sabe que algo está errado. É por isso que vem se mantendo o mais longe possível, preferindo trabalhar na fazenda no litoral a vir até a ilha.

E o Patrão? Quando está aqui, o Patrão está irritado demais com Aidie que fugiu para Atlanta, para ver o que está diante do seu nariz.

A princípio, Nan Melda achou que o que estava diante do nariz dela era apenas sua própria imaginação, influenciada pelas brincadeiras das nenenzinhas; certamente ela nunca viu de fato *nenhum pelicano ou garça voando de cabeça para baixo, ou os cavalos sorrindo para ela quando Shannington trouxe aqueles dois de Nokomis para as meninas darem uma volta. E ela achava que sabia por que as pequeninas tinham medo de Charley; pode haver mistérios em Duma agora, mas esse não é um deles. Aquilo foi culpa dela, embora sua intenção tenha sido boa...*

— Charley! — falei — O nome dele é Charley!

Noveen crocitou uma gargalhada de assentimento.

Eu apanhei o outro bloco da sacola de comida — quase o *arranquei* lá de dentro — e joguei a capa para trás com tanta violência que quase a rasguei no meio. Corri os dedos pelos lápis e encontrei o cotoco do lápis preto de Libbit. Queria o preto para aquele desenho à parte e o que restava dele era apenas o suficiente para eu prender entre o polegar e o indicador.

— Edgar — disse Wireman. — Por um instante, eu achei ter visto... ele parecia...

— Cala a boca! — exclamou Noveen. — Esquece o braço de magia negra! Ocê vai querer ver isso, aposto que vai!

Eu desenhei depressa, e o anão de jardim surgiu da página em branco como um vulto de uma neblina espessa. Foi rápido, os traços descuidados e apressados, porém a essência estava ali: os olhos astutos e os lábios grossos que poderiam estar sorrindo tanto de alegria quanto de maledicência. Não tive tempo de colorir a camisa e o calção, mas tateei em busca do lápis que

trazia Vermelho Puro (um dos meus) escrito no seu cilindro e acrescentei o boné horroroso, desenhando-o aos rabiscos. E, uma vez que o boné estava ali, era possível saber o que era de fato aquele sorriso: um pesadelo.

— Mostra pra mim! — exclamou Noveen. — Quero ver se ocê fez direito!

Eu estendi o desenho para a boneca, que estava ereta na perna de Jack enquanto ele se curvava contra a parede do lado da escada, lançando um olhar distante em direção à sala de estar.

— É — disse Noveen. — Esse é o safado que assustou as garotas de Melda. Num tem dúvida.

— O quê? — começou a falar Wireman, balançando a cabeça — Estou perdido.

— Melda também viu o sapo — disse Noveen. — O que as mini-ninhas chamam de garotão. O que tem *dente*. Foi aí que Melda finalmente encurralô Libbit na cozinha. Pra fazê ela falar.

— A princípio, Melda achou que esse negócio de Charley era apenas as crianças assustando umas às outras, não foi?

Noveen crocitou novamente, porém seus olhos de botões de sapato me encararam com o que poderia ter sido horror. Mas é claro que olhos como aqueles podem dar qualquer impressão que você quiser, não é mesmo?

— É isso aí, docinho. Mas quando ela viu o velho Garotão lá na beirada do gramado, atravessano a entrada pra carros e se infiano nas árvores...

Jack flexionou sua mão, a cabeça de Noveen balançou lentamente para trás e para a frente, indicando o colapso das defesas de Nan Melda.

Passei para baixo o bloco com o desenho de Charley, o anão de jardim, e voltei ao desenho da cozinha: Nan Melda baixando o olhar, a garotinha olhando para cima com o dedo sobre os lábios — *Shhhh!* e a boneca servindo de testemunha muda, recostada contra o porta-pão.

— Você está vendo? — perguntei para Wireman. — Consegue entender?

— Mais ou menos...

— Depois que *ela* apareceu, acabou-se o que era doce — disse Noveen. — Num tem outra explicação.

— No começo, talvez Melda tivesse achado que Shannington estava trocando o anão de jardim de lugar como uma espécie de piada, porque sabia que as três garotinhas tinham medo dele.

— E posso saber por que elas teriam? — perguntou Wireman.

Noveen ficou calada, então eu passei minha mão perdida sobre a boneca do desenho — a Noveen que estava recostada contra o porta-pão — e, então, a que estava no joelho de Jack começou a falar. Como eu mais ou menos sabia que ela faria.

— Nanny num fez por mal. Ela sabia que elas tinha medo de Charley — isso foi antes de as coisa ruim começar — e então conto pra elas uma história de ninar pra tentar melhorá a situação. Em vez disso só piorô, como acontece de vez em quando com criancinha pequena. Aí a mulher ruim apareceu, a branquela malvada do mar, e aquela piranha piorô mais ainda as coisa. Ela fez Libbit desenhá Charley vivo, de brincadeira. Ela tinha outras brincadeiras também.

Eu atirei para trás a folha que mostrava Libbit fazendo *Shhh,* apanhei meu lápis marrom-ferrugem da *pochette* — já não parecia fazer muita diferença qual eu usava — e desenhei a cozinha novamente. Lá estava a mesa, com Noveen deitada de lado, um braço jogado sobre a cabeça, como se estivesse suplicando. Lá estava Libbit, dessa vez usando um vestido de verão e com uma expressão de pavor que eu alcançara em no máximo meia dúzia de traços. E lá estava Nan Melda, afastando-se do porta-pão aberto e gritando, pois dentro dele...

— Isso é um rato? — perguntou Wireman.

— Uma marmota cega das grandes — disse Noveen. — Foi a mesma coisa que Charley, na verdade. Ela fez Libbit desenhá ele no porta-pão e ele *apareceu* no porta-pão. Uma brincadeira. Libbit se arrependeu, mas a mulher ruim da água? De jeito *ninhum*. Ela *nunca* se arrependia.

— E Elizabeth, Libbit, *tinha* que desenhar — disse eu. — Não tinha?

— Ocê *sabe* disso — falou Noveen. — Num sabe?

Eu sabia. Porque o dom estava faminto.

viii

Era uma vez uma garotinha que caiu e machucou a cabeça exatamente como devia. E isso permitiu que algo — algo feminino — viesse em sua direção e fizesse contato com ela. Os desenhos extraordinários que se seguiram tinham sido a isca, a cenoura balançando da ponta de vara. Houve cavalos sorridentes e tropas de sapos multicoloridos. No entanto, depois que Perse apareceu — o que Noveen tinha dito mesmo? —, acabou-se o que era doce. O talento de

Libbit se voltara contra ela como uma faca em sua mão. Porém, a mão não era mais *sua*. O dela não sabia disso. Adie tinha ido embora. Maria e Hannah estavam de volta à Escola Braden. As gêmeas não conseguiam entender. Mas Nan Melda começara a suspeitar e...

Eu voltei para a página anterior e olhei para a garotinha com o dedo sobre os lábios.

Ela está escutando, então shhhh, ela vai ouvir, então shhhh. Coisas ruins podem acontecer, e coisas piores ainda estão à espreita. Coisas terríveis no golfo, esperando para afogá-lo e levá-lo para um navio onde você vai viver algo que não é vida. E se eu tentar contar para alguém? Então as coisas ruins podem acontecer com todos nós, e de uma vez só.

Wireman estava perfeitamente imóvel do meu lado. Apenas seus olhos se mexiam, às vezes olhando para Noveen, outras olhando para o braço pálido que piscava, aparecendo e sumindo de vista, no lado direito do meu corpo.

— Mas havia um lugar seguro, não havia? — perguntei. — Um lugar onde ela podia falar. Onde era?

— Ocê sabe — disse Noveen.

— Não, eu...

— Sim sinhô, sabe sim. Devia saber. Só esqueceu um pouquinho. Desenhe e ocê vai ver.

Sim, ela estava certa. Foi desenhando que eu havia me reinventado. Nesse sentido, Libbit

(*onde nossa irmã*)

era minha parente. Para nós dois, desenhar era como nos lembrávamos de lembrar.

Virei as páginas até uma folha em branco.

— Preciso usar um dos lápis dela? — perguntei.

— Num precisa mais. Qualquer um serve.

Então, remexi na minha pochete, encontrei meu lápis azul-anil e comecei a desenhar. Esbocei sem titubear a piscina de John Eastlake — foi como abrir mão do pensamento e permitir que a memória motora discasse um número de telefone. Eu a desenhei como ela havia sido quando nova em folha e cheia de água limpa. A piscina, onde, por algum motivo, o poder de Perse se enfraquecia e sua audição falhava.

Eu desenhei Nan Melda dentro dela até as canelas, e Libbit com a água batendo na cintura, Noveen enfiada debaixo do braço e a salopete flutuando ao seu redor. Palavras saíram flutuando dos meus traços.

Cadê sua boneca nova agora? A boneca de porcelana?

Na minha caixa de tesouros especial. Minha caixa em formato de coração.

Então ela *estivera* ali, pelo menos por algum tempo.

E como ela se chama?

Ela se chama Perse.

Percy é nome de menino.

E Libbit, firme e segura de si: *Não posso fazer nada. O nome dela é Perse.*

Então, tá. E você diz que ela não consegue ouvir a gente aqui.

Acho que não.

Isso é bom. Ocê diz que consegue fazê as coisas aparecerem. Mas preste atenção, criança...

ix

— Oh, meu Deus — falei. — Não foi ideia de Elizabeth. *Nunca* foi ideia dela. Deveríamos ter percebido.

Ergui os olhos do desenho que havia feito de Nan Melda e Libbit na piscina. Notei, de um modo distante, que estava faminto.

— Do que você está falando, Edgar? — perguntou Wireman.

— Se livrar de Perse foi ideia de Nan Melda. — Eu me voltei para Noveen, que ainda estava sobre o joelho de Jack. — Estou certo, não é?

Noveen ficou calada, então eu passei a mão direita sobre as figuras no meu desenho da piscina. Por um instante, vi aquela mão, com suas unhas longas e tudo.

— Nanny num tinha como saber — falou Noveen um segundo depois de cima da perna de Jack. — E Libbit confiava em Nanny.

— É claro que confiava — disse Wireman. — Melda era como se fosse a mãe dela.

Eu visualizara Elizabeth fazendo o desenho e apagando-o no seu quarto, mas então descobri que estava enganado. Aquilo havia acontecido à beira da piscina. Talvez, até mesmo *dentro* da piscina. Porque ela tinha sido, por algum motivo, um lugar seguro. Ou pelo menos a pequena Libbit acreditara que sim.

Noveen falou:

— Isso num fez Perse ir embora, mas com certeza chamo a atenção dela. Acho que *machucô* aquela piranha. — A voz soou cansada, gutural, e eu conseguia ver o pomo de adão de Jack deslizando para cima e para baixo em seu pescoço novamente. — *Espero* que sim!

— Sim — falei. — Provavelmente a machucou. Então... o que aconteceu em seguida? — Porém, eu sabia. Não os detalhes, mas sabia. A lógica era amarga e irrefutável. — Perse se vingou através das gêmeas. E Elizabeth e Nan Melda sabiam disso. Sabiam o que fizeram. Nan Melda sabia o que *ela* fez.

— Ela sabia — disse Noveen. Ainda era uma voz feminina, mas se aproximava cada vez mais da de Jack. O que quer que fosse aquele feitiço, ele não resistiria por muito mais tempo. — Manteve segredo até o Patrão descobrir as pegadas delas até Shade Beach... pegadas que iam em direção à água... mas, depois disso, não conseguiu esconder mais. Ela se sentia como se tivesse matado suas nenenzinhas.

— Ela viu o navio? — perguntei.

— Naquela noite mesmo. Num dá pra ver aquele barco e não acreditar nele.

Eu pensei nas minhas telas da série *Garota e Navio* e tive certeza de que aquilo era verdade.

— Mas mesmo depois que o Patrão telefonô pro xerife pra dizer que as gêmeas tinham desaparecido e provavelmente se afogado, Perse falô com Libbit. Contô pra ela como foi. E Libbit contô pra Nanny.

A boneca se curvou, seu rosto redondo de biscoito parecendo analisar a caixa em

formato de coração da qual havia sido exumada.

— Contou o quê, Noveen? — perguntou Wireman. — Não entendo.

Noveen ficou calada. Jack, pensei, parecia exausto, embora não tivesse movido um músculo.

Eu respondi por ela.

— Perse falou: “Tente se livrar de mim outra vez e as gêmeas serão apenas o começo. Tente outra vez e eu levarei a sua família inteira, um por um, e deixarei você por último.” Não foi isso?

Jack flexionou os dedos. A cabeça de pano de Noveen meneou lentamente para cima e para baixo.

Wireman passou a língua nos lábios.

— Aquela boneca — disse ele. — Ela é o fantasma de quem exatamente?

— Não existem fantasmas aqui, Wireman — falei.

Jack gemeu.

— Não sei o que Jack estava fazendo até agora, *amigo,* mas ele já acabou — disse Wireman.

— Sim, mas nós não. — Estendi a mão para apanhar a boneca a que havia ido para toda parte com a criança artista. E, quando fiz isso, Noveen falou comigo pela última vez em uma voz que era metade dela e metade de Jack, como se os dois estivessem lutando para se expressar ao mesmo tempo.

— De jeito ninhum, não com *essa* mão. Ocê precisa dela pra desenhá.

Então, eu estendi o braço que usei para levantar o cachorro moribundo de Monica Goldstein da rua seis meses antes, em outra vida e universo. Usei aquela mão para agarrar a boneca de Elizabeth Eastlake e tirá-la do joelho de Jack.

— Edgar — disse ele, se empertigando. — Edgar, como *diabos* você conseguiu seu...

...braço de volta, imagino que ele tenha dito, mas não sei ao certo; não escutei o resto. O que vi foram aqueles olhos negros e aquela bocarra preta circulada de vermelho. Noveen. Ela

passara todos aqueles anos lá embaixo, sob duas camadas de escuridão — debaixo da escada e dentro da caixa de lata —, esperando para revelar seus segredos, e seu batom não havia desbotado durante todo aquele tempo.

Você está pronto?, sussurrou ela dentro da minha cabeça, e aquela voz não era de Noveen, de Nan Melda (eu tinha certeza de que não) e nem mesmo de Elizabeth; ela era totalmente de Reba. *Você está pronto e disposto a sacar sua arma, seu malvado? Está preparado para ver o resto? Está preparado para ver tudo?*

Eu não estava... mas precisava estar.

Por Ilse.

— Mostre-me seus desenhos — sussurrei, e aquela boca vermelha me engoliu por completo.

Como fazer um desenho (X)

Esteja preparado para ver tudo. Se você quiser criar — e Deus o ajude se quiser. Deus o ajude se puder fazê-lo —, não ouse cometer a imoralidade de parar na superfície. Mergulhe fundo e apanhe seu butim. Faça isso independente de quanto doa.

Você pode desenhar duas garotinhas — gêmeas —, mas qualquer um pode fazer isso. Não pare por aí apenas porque o resto é um pesadelo. Não deixe de acrescentar o fato de que a água está batendo nas suas coxas, quando deveria estar acima de suas cabeças. Uma testemunha — Emery Paulson, por exemplo — poderia ver isso se tivesse prestado atenção, mas a maioria das pessoas não está preparada para ver o que está bem diante dos seus olhos.

Apenas, obviamente, quando já é tarde demais.

Ele foi até a praia fumar um charuto. Poderia fazer isso na varanda dos fundos, ou no terraço, porém uma compulsão forte o arrastou pela estrada sulcada que Adie chama de Bulevar dos Beberrões e, em seguida, pelo caminho mais íngreme e arenoso que dava na praia. A voz havia sugerido que o gosto do seu charuto seria melhor ali. Ele poderia se sentar em um tronco trazido pelas ondas e observar as cinzas-restos do pôr do sol, quando o laranja assume um tom de tangerina e as estrelas ficam azuis. O golfo ficará agradável sob aquela luz, sugere a voz, mesmo que ele tenha tido o mau gosto de marcar o início do casamento deles engolindo duas irmãzinhas de sua amada.

No entanto, há mais coisas para se observar do que apenas um pôr do sol, ao que parece. Há um navio no litoral. Ele parece antigo, uma coisa bonita, de casco fino, com três mastros e as velas recolhidas. Em vez de ficar sentado no tronco, ele anda em direção à praia, onde a areia seca fica folhada, firme e compacta, maravilhado com aquele vulto em forma de andorinha recortado contra o pôr do sol mortiço. Uma ilusão atmosférica faz parecer que a última luz vermelha do dia está brilhando através do seu casco.

Ele está pensando nisso quando ouve o primeiro grito, retinindo sua cabeça como um sino de prata: Emery!

E então, outro: Emery, socorro! A contracorrente! A correnteza!

É nesse instante que ele vê as meninas, e seu coração salta dentro do peito. Ele parece subir até sua garganta antes de cair de volta no lugar, onde dispara com o dobro da velocidade. O charuto apagado cai dos seus dedos

Duas garotinhas, e elas são iguais. Parecem estar usando macaquinhos idênticos, e embora Emery não devesse ser capaz de distinguir as cores naquela luz agonizante, ele consegue: um deles é vermelho, com um **L** *na frente; o outro é azul, com um* **T**.

A correnteza!, *grita a garota com o* **T** *no macaquinho, estendendo os braços em um gesto suplicante.*

A contracorrente!, *grita a garotinha com o* **L**.

E, embora nenhuma das duas pareça estar correndo o menor risco de se afogar, Emery não hesita. Sua alegria não lhe permite hesitar, tampouco sua certeza absoluta de que esta é uma oportunidade milagrosa: quando ele retornar com as gêmeas, seu sogro, que sempre fora distante, mudará de tom imediatamente. E os sinos de prata que aquelas vozes repicavam em sua cabeça, eles também o instavam a seguir em frente. Ele corre para resgatar as irmãs de Adie, para puxar as meninas perdidas para junto de si e chapinhar com elas até a praia.

Emery! *Essa é Tessie, os olhos negros em seu rosto lívido como porcelana... contudo, seus lábios estão vermelhos.*

Emery, depressa! *Essa é Laura, com suas mãos brancas gotejantes estendidas para ele e seus cachinhos encharcados colados contra as faces pálidas.*

Ele grita Estou chegando, meninas. Aguentem firme!

Chapinhando na direção delas, afundando primeiro até as canelas na água e, em seguida, até os joelhos.

Ele grita Resistam!, *como se elas não estivessem fazendo nada além de ficarem paradas na água, que lhes chega apenas até as coxas, embora ele mesmo já esteja afundado até as suas e tenha 1,89 metro de altura.*

A água do golfo — ainda gelada em meados de abril — está batendo no seu peito quando ele as alcança, estende os braços na direção delas e elas o agarram com mãos mais fortes do que as de qualquer garotinha deveriam ser; quando chega perto o suficiente para ver o brilho cor de prata em seus olhos vidrados e sentir o aroma salgado, de peixe morto, dos seus cabelos apodrecidos, é tarde demais. Ele se debate e seus brados de alegria e tentativas de resistir à contracorrente tornam-se primeiro protestos e então gritos de horror, porém a essa altura já não há volta. De qualquer forma, os gritos não duram muito. As mãos pequenas se tornaram garras frias que se enterram fundo em sua carne e o empurram para as profundezas, e a água enche sua boca, afogando seus berros. Ele vê o navio contra as últimas cinzas gélidas do pôr do sol e — como não viu antes? Como não percebeu? — percebe que é uma carcaça, uma embarcação pestilenta, um navio da morte. Algo o espera dentro dele, algo envolvido em uma mortalha. Ele gritaria se pudesse, mas a água enche seus olhos e ele sente outras mãos, que não parecem ser mais que extensões de ossos descarnados, se fechando em volta dos seus tornozelos. Uma garra puxa um sapato e então belisca um dedo do seu pé... como se quisesse brincar de "este porquinho foi ao mercado" enquanto ele se afoga.

Enquanto Emery Paulson se afoga.

19 - Abril de 1927

i

Alguém estava gritando no escuro. Parecia algo como *Faça-o parar de gritar.* Então, ouvi um som de pancada surdo e forte e a escuridão se acendeu em um vermelho-escuro, primeiro em um dos lados, depois no fundo. A vermelhidão deslizou para a frente das trevas como uma nuvem de sangue na água.

— Você bateu forte demais nele — disse alguém. Era Jack?

— Chefe? Ei, chefe! — Alguém me sacudia, então eu ainda tinha um corpo. Isso provavelmente era bom. Jack estava me sacudindo. Jack *quem?* Para saber aquilo, eu teria que pensar transversalmente. O nome dele era parecido com o de alguém do Weather Channel.

Sacudido de novo. Com mais força.

— *Muchacho!* Está me ouvindo?

Minha cabeça bateu em alguma coisa e eu abri os olhos. Jack Cantori estava ajoelhado à minha esquerda, seu rosto tenso e assustado. Era Wireman que estava na minha frente, de pé, mas com o corpo inclinado, me sacudindo como se eu fosse um daiquiri. A boneca estava caída de bruços no meu colo. Eu a atirei longe com um tapa e um rosnado de aversão — ai, seu malvado, sem dúvida. Noveen aterrissou sobre a pilha de vespas mortas, produzindo um som farfalhante de papel.

De repente, os lugares para os quais ela me levara começaram a voltar à minha memória: um verdadeiro tour pelo inferno. A trilha até Shade Beach, que Adriana Eastlake chamara (para desgosto do pai) de Bulevar dos Beberrões. A própria praia e as coisas horríveis que tinham acontecido nela. A piscina. A cisterna.

— Ele abriu os olhos — disse Jack. — Graças a Deus. Edgar, está me ouvindo:

— Sim — falei. Minha voz estava rouca de tanto gritar. Eu queria comida, mas antes precisava derramar alguma coisa na minha garganta em chamas. — Sede... vocês podem ajudar um irmão?

Wireman me entregou uma das garrafas grandes de água. Eu balancei a cabeça.

— Pepsi.

— Tem certeza, *muchacho?* Água pode ser...

— Pepsi. Cafeína. — Aquele não era o único motivo, mas daria pro gasto.

Wireman guardou a água e me deu uma Pepsi. Estava quente, mas eu entornei metade dela de uma vez, arrotei e bebi mais. Olhei à minha volta e vi somente meus amigos e parte de um corredor sujo. Aquilo não era bom. Na verdade, era péssimo. Minha mão — definitivamente voltara a ter apenas uma — estava rígida e latejante, como se eu a tivesse utilizado sem parar por no mínimo duas horas, então onde estavam os desenhos? Fiquei apavorado, achando que sem os desenhos tudo desapareceria da mesma forma como os sonhos desaparecem ao acordar. E eu arriscara mais que minha vida por aquelas informações. Arriscara minha sanidade.

Fiz um esforço para me levantar. Um raio de dor atravessou a parte da minha cabeça que havia batido contra a parede.

— Onde estão os desenhos? Por favor, me digam que eu fiz desenhos!

— Relaxe, *muchacho,* estão bem aqui. — Wireman saiu da frente e me mostrou uma pilha quase impecável de folhas de bloco. — Você desenhou feito um louco.

— Certo. Ótimo. Eu preciso comer. Estou morrendo de fome. — E isso pareceu

literalmente verdade.

Jack olhou em volta com ansiedade. O corredor da frente, repleto de luz da tarde quando eu tirei Noveen de Jack e dei tchauzinho buraco negro abaixo, estava menos iluminado. Não escuro — ainda não, e quando olhei para cima pude ver que o céu ainda estava azul , mas era óbvio que a tarde já havia acabado ou estava quase acabando.

— Que horas são? — perguntei.

— Cinco e quinze — disse Wireman. Não precisou conferir o relógio, o que me dizia que ele estava contando os minutos. — Faltam duas horas para o pôr do sol. Mais ou menos. E se eles só saem à noite...

— Acho que sim. Temos tempo o suficiente. E eu ainda preciso comer. Podemos sair dessas ruínas. Não temos mais nada para fazer na casa. Mas talvez a gente precise de uma escada.

Wireman ergueu as sobrancelhas, mas não fez perguntas; apenas disse:

— Se tiver alguma aqui, deve estar no celeiro. Que parece ter resistido muito bem ao Pai Tempo, por sinal.

— E quanto à boneca? — perguntou Jack. — Noveen?

— Pode guardá-la na caixa de Elizabeth e trazê-la junto — falei. — Ela merece um lugar no *Palacio,* junto com o restante das coisas de Elizabeth.

— Qual é nossa próxima parada, Edgar? — perguntou Wireman.

— Já vou mostrar, mas tem outra coisa. — Eu apontei para a arma no seu cinto. — Esse negócio ainda está carregado, certo?

— Sem dúvida. Com um pente novo.

— Se a garça voltar, ainda quero que você atire nela. Faça disso sua prioridade.

— Por quê?

— Porque é ela — falei. — Perse a está usando para nos vigiar.

ii

Nós saímos das ruínas pelo caminho que havíamos entrado e nos deparamos com um fim de tarde da Flórida repleto de claridade. O céu estava sem nuvens. O sol lançava uma camada de luz prateada e radiante sobre o golfo. Dali a mais ou menos uma hora, aquela trilha na água começaria a se ofuscar, assumindo um tom dourado, mas ainda não.

Seguimos com dificuldade pelo que restava do Bulevar dos Beberrões, Jack carregando a cesta de piquenique, Wireman a sacola de comida e os blocos Artisan. Eu levava meus desenhos. Aveias-do-mar sussurravam contra as pernas de nossas calças. Nossas sombras se estendiam às nossas costas em direção aos escombros da mansão. Bem mais adiante, um pelicano viu um peixe, dobrou suas asas e despencou um bombardeiro de mergulho. Não vimos a garça e tampouco fomos visitados por Charley, o Anão de Jardim. Porém, quando chegamos ao topo da ladeira, onde a trilha antes descia por entre dunas que haviarn sido erodidas e inclinadas pelo tempo, vimos outra coisa.

Vimos o *Perse.*

O navio estava ancorado a cerca de 300 metros da praia. Suas velas imaculadas, recolhidas. Ele oscilava de um lado para outro nas ondas tiquetaqueando como um relógio. Àquela distância, conseguíamos ler o nome inteiro pintado a estibordo: *Persephone.* Ele parecia abandonado, e eu tinha certeza de que, de fato, estava — durante o dia, os mortos continuavam mortos. Contudo, Perse não estava morta. Para nosso azar.

— Meu Deus, ele poderia ter saído direto de um dos seus quadros — sussurrou Jack. Havia um banco de pedra no lado direito da trilha, quase encoberto pelos arbustos que cresciam à sua volta e pelas trepadeiras que se entrelaçavam sobre seu assento plano. Jack sentou-se nele, olhando boquiaberto para o navio.

— Não — falei. — Eu pintei a verdade. Você está vendo a máscara que ele usa durante o dia.

Wireman parou do lado de Jack, protegendo os olhos do sol. Então, voltou-se para mim:

— As pessoas conseguem vê-lo de Don Pedro? Não conseguem, certo?

— Talvez algumas, sim — respondi. — Os doentes em estado terminal, os esquizofrênicos que deixaram de tomar seus remédios... — Aquilo me fez pensar em Tom. — Mas ele está aqui para nós, não para elas. Estamos destinados a partir de Duma Key nele esta noite. A estrada estará fechada para nós depois que o sol se pôr. Os mortos-vivos podem estar todos lá no *Persephone,* mas existem *coisas* na floresta. Algumas, como o anão de jardim, foram criadas por Elizabeth quando criança. Outras surgiram a partir do momento em que Perse despertou novamente. — Eu fiz uma pausa. Não gostava da ideia de falar o resto, mas falei. Era preciso. — Imagino que eu seja responsável por algumas delas. Todo homem tem seus pesadelos.

Pensei nos braços de esqueletos se erguendo sob o luar.

— Então — disse Wireman com rispidez —, o plano é a gente partir de barco.

— Sim.

— Recrutamento forçado? Como na boa e velha Inglaterra?

— Por aí.

— Não vai dar pra mim — disse Jack. — Eu fico enjoado no mar.

Eu sorri e me sentei do seu lado.

— Viagens marítimas não estão nos nossos planos, Jack.

— Ótimo.

— Você pode abrir um desses frangos para mim e me dar uma coxa?

Jack fez o que eu pedi e eles ficaram observando, fascinados, enquanto eu devorava primeiro uma coxa, depois a outra. Perguntei se alguém queria o peito e, quando os dois responderam que não, eu o comi também. Quando cheguei à metade dele, pensei na minha filha, pálida e morta em Rhode Island. Continuei comendo, metodicamente, limpando as mãos engorduradas no meu jeans entre as mordidas. Ilse teria entendido. Não Pam e provavelmente não Lin, mas Illy? Sim. Eu temia o que nos aguardava mais adiante, contudo sabia que Perse também estava com medo. Se não estivesse, não teria se esforçado tanto para nos manter longe. Pelo contrário, teria nos dado as boas-vindas.

— O tempo está passando, *muchacho* — disse Wireman. — A luz do dia se esvai.

— Eu sei. E minha filha está morta para sempre. Mas ainda estou faminto. Tem alguma coisa doce? Bolo? Biscoitos? Um rolinho de chocolate que seja?

Não havia nada. Contentei-me com outra Pepsi e algumas tiras de pepino banhadas em molho para salada *ranch,* que para mim sempre teve aparência e gosto de ranho ligeiramente adocicado. Pelo menos minha dor de cabeça estava passando. As imagens que haviam surgido para mim na escuridão — depois de aguardarem todos aqueles anos dentro da cabeça estofada de trapos de Noveen — também estavam sumindo; no entanto, eu tinha meus próprios desenhos para refrescar minha memória. Limpei as mãos uma última vez e acomodei a pilha de folhas arrancadas e amassadas no colo: o álbum de família do inferno.

— Fique de olho naquela garça — falei para Wireman.

Ele olhou em volta, fitou o navio abandonado que tiquetaqueava de um lado para outro nas ondas suaves e então me encarou novamente.

— O lança-arpão não seria melhor para o Pássaro Grande? Carregado com um daqueles arpões de prata?

— Não. A garça serve apenas de montaria para ela, do mesmo jeito que um homem monta a cavalo. Ela provavelmente ficaria feliz se nós desperdiçássemos um dos arpões de prata desse jeito, mas Perse não vai mais conseguir o que quer. — Eu sorri sem alegria. — Essa etapa da carreira dela já acabou.

iii

Wireman fez Jack se levantar para poder arrancar as trepadeiras do banco. Então, nós nos sentamos ali, três guerreiros inverossímeis, dois na casa dos cinquenta e um recém-saído da adolescência, com o golfo do México de um lado e uma mansão em ruínas do outro. A cesta vermelha e a sacola de comidas quase vazia estavam aos nossos pés. Pensei que tinha vinte minutos para lhes contar o que eu sabia, talvez meia hora, e que isso ainda nos deixaria com tempo suficiente.

Esperava que sim.

— A ligação de Elizabeth com Perse é mais íntima do que a minha — falei. — Muito mais *intensa* do que a minha. Não sei como ela conseguiu suportar. Depois que encontrou o bibelô de porcelana, ela passou a ver tudo, quer estivesse presente ou não. E desenhou tudo. Mas os piores desenhos ela queimou antes de sair daqui.

— Como o desenho do furacão? — perguntou Wireman.

— Sim. Acho que ela sentia medo do poder deles, e tinha razão quanto a isso. Porém, ela viu tudo. E a boneca armazenou tudo. Como uma câmera psíquica. Na maioria das vezes, eu apenas vi o que Elizabeth viu e desenhei o que Elizabeth desenhou. Vocês entendem isso.

Os dois assentiram.

— Vamos começar com esta trilha, que já foi uma estrada. Ela ia de Shade Beach até o celeiro. — Eu apontei para o anexo longo e coberto de trepadeiras onde esperava que conseguíssemos encontrar uma escada. — Não acredito que o contrabandista que a escavou no coral tenha sido Dave Davis, mas estou convencido de que foi um de seus sócios e que uma quantidade considerável de bebida entrou na costa da Flórida através de Duma Key. De Shade Beach até o celeiro de John Eastlake, e dali para o continente. A maioria coisa da melhor qualidade, destinada a um ou outro clube de jazz em Sarasota e Venice e armazenada aqui como favor para Davis.

Wireman olhou para o sol poente e, em seguida, para o relógio.

— Isso afeta de alguma forma nossa situação, *muchacho?* Suponho que sim.

— Pode apostar. — Peguei um desenho de um barril com uma tampa de rosca grossa em cima. A palavra MESA estava escrita em um semicírculo na lateral dele, com ESCÓCIA embaixo, em outro semicírculo. Era um garrancho, eu desenhava muito melhor do que escrevia. — Uísque, meus amigos.

Jack indicou uma figura indistinta, humanoide, no barril entre MESA e ESCÓCIA. A figura tinha sido desenhada em laranja e estava com um dos pés levantados atrás de si.

— Quem é a garota de vestido?

— Não é um vestido, é um *kilt.* Era para ser um escocês.

Wireman ergueu suas sobrancelhas desgrenhadas.

— Você não vai ganhar prêmio nenhum por esse aí, *muchacho.*

— Elizabeth colocou Perse em alguma espécie de barril de uísque em miniatura — refletiu Jack. — Ou talvez tenham sido Elizabeth e Nan Melda...

Eu balancei a cabeça.

— Foi só Elizabeth.

— Qual era o tamanho desse negócio?

Eu separei as mãos uns 60 centímetros, pensei melhor e então as afastei um pouco mais.

Jack assentiu, mas também franziu as sobrancelhas.

— Ela colocou o bibelô de porcelana lá dentro e enroscou a tampa de volta. Ou enfiou a rolha no barril. E afogou Perse para ela voltar a dormir. O que me parece muito estranho, chefe. Fala sério, ela estava debaixo d'água quando começou a chamar Elizabeth. No fundo do golfo!

— Esqueça isso por enquanto. — Eu passei o desenho do barril de uísque para o fundo da pilha e lhes mostrei o próximo.

Era Nan Melda, usando o telefone da sala de estar. Havia algo de furtivo na maneira como sua cabeça estava inclinada e seus ombros curvados; eram apenas um ou dois traços apressados, mas eles diziam tudo o que precisava ser dito sobre qual era a opinião dos sulistas sobre governantas negras usando o telefone da sala de estar nos idos de 1927 mesmo em caso de emergência.

— Nós achamos que Adie e Emery tinham lido a notícia no jornal e voltado, mas os jornais de Atlanta provavelmente nem cobriram o afogamento de duas garotinhas na Flórida. Quando Nan Melda teve certeza de que as meninas estavam desaparecidas, ela telefonou para Eastlake, o Patrão, no continente para lhe dar a má notícia. Então, ligou para onde Adie estava com seu novo marido.

Wireman deu um soco na própria perna.

— Adie contou para sua babá onde ela estava! É claro!

Eu assenti.

— Os recém-casados só podem ter pegado um trem naquela mesma noite, pois estavam em casa antes do anoitecer do dia seguinte.

— A essa altura, as duas filhas do meio também já deveriam estar de volta — disse Jack.

— Sim, a família inteira — falei. — E a água lá no golfo... — Eu gesticulei para onde o navio branco e fino estava ancorado, esperando a noite cair. — Estava coberta de embarcações pequenas. A busca pelos corpos durou pelo menos três dias, embora todos eles soubessem que as garotas sem dúvida estavam mortas. Imagino que descobrir como sua filha mais velha e seu marido ficaram sabendo tenha sido a última coisa na cabeça de John Eastlake. Durante aqueles dias, ele só conseguia pensar nas suas gêmeas perdidas.

— ELAS SE FORAM — murmurou Wireman. — *Pobre hombre.*

Eu mostrei o desenho seguinte. Nele, havia três pessoas paradas na varanda do Heron's Roost, enquanto um carro de passeio grande descia a entrada para carros de conchas em direção às colunas de pedra e ao mundo sadio que ficava além delas. Eu esboçara palmeiras dispersas algumas bananeiras, mas não a cerca viva; ela não existia em 1927.

Na janela traseira do carro, dois pequenos vultos ovais olhavam para trás. Eu toquei um e depois o outro.

— Maria e Hannah — falei. — Voltando para a Escola Braden.

Jack falou:

— É um desenho um pouco frio, o senhor não acha?

Eu balancei a cabeça.

— Para dizer a verdade, não. Crianças não ficam de luto como os adultos.

Jack assentiu.

— É. Acho que não. Mas estou surpreso... — Ele se calou.

— Por quê? — perguntei. — O que lhe causa surpresa?

— Que Perse tenha deixado as duas irem embora — respondeu Jack.

— Ela não deixou, não exatamente. Elas estavam indo apenas para Bradenton.

Wireman cutucou o desenho.

— Onde está Elizabeth aqui?

— Em toda parte — falei. — Estamos vendo através de seus olhos.

iv

— Não falta muito, mas o resto é bem ruim.

Eu lhes mostrei o desenho seguinte. Tinha sido feito às pressas, como os demais, e o vulto masculino nele estava retratado de costas, porém eu não tinha dúvidas de que era a versão viva da coisa que prendera uma algema no meu punho na cozinha do Casarão Rosa. Estávamos com os olhos baixados para ele. Jack lançou um olhar do desenho para Shade Beach, que a erosão transformara em uma mera faixa de areia, então olhou de volta para o desenho. Por fim, me encarou.

— Aqui? — perguntou ele em voz baixa. — O ponto de vista deste é o mesmo daqui?

— É.

— Este é Emery — disse Wireman, tocando a figura. Sua voz estava ainda mais baixa do que a de Jack. Suor brotara da sua testa.

— Sim.

— A coisa que estava na sua casa.

— Sim.

Ele moveu o dedo.

— E essas são Tessie e Laura?

— Tessie e Lo-Lo. Isso.

— Elas... o quê? Atraíram Emery? Como sereias em um daqueles contos de fadas gregos antigos?

— Exatamente.

— Isso aconteceu mesmo — disse Jack. Como se quisesse enten der mesmo.

— Aconteceu, sim — concordei. — Jamais duvide da força dela.

Wireman olhou em direção ao sol, que estava mais próximo do horizonte do que nunca. Sua trilha na água finalmente começara a escurecer.

— Então conclua, *muchacho,* o mais rápido que puder. Para a gente fazer o nosso trabalho e dar o fora daqui.

— Não tenho muito mais o que contar, de qualquer maneira — falei. Corri os dedos por uma série de desenhos que não passavam de rabiscos vagos. — A verdadeira heroína foi Nan Melda, e nós nem sabemos o sobrenome dela.

Eu lhes mostrei um dos desenhos incompletos: Nan Melda, reconhecível por conta do lenço amarrado na cabeça e de um traço colorido e descuidado ao longo da testa e de uma bochecha, conversando com uma jovem no corredor da frente. Noveen estava recostada perto das duas, em cima de uma mesa que não passava de seis ou oito linhas com uma forma oval feita às pressas para uni-las.

— Aqui está ela, contando a Adriana alguma mentira sobre Emery depois que ele desapareceu. Que ele foi chamado de volta a Atlanta de repente? Que ele foi para Tampa comprar um presente de casamento surpresa? Não sei. Qualquer coisa que mantivesse Adie dentro de casa, ou pelo menos nos arredores dela.

— Nan Melda estava ganhando tempo — disse Jack.

— Era o máximo que ela podia fazer. — Eu apontei para a selva espessa entre nós e a região norte da ilha; uma selva que não tinha nada que crescer ali, pelo menos não sem uma equipe de agrônomos fazendo hora extra para conservá-la. — Tudo aquilo não estava ali em 1927, mas *Elizabeth* estava, e no auge do seu talento. Duvido que qualquer um que tentasse usar a estrada para sair da ilha tivesse a menor chance. Só Deus abe o que Perse fez Elizabeth criar com seus desenhos entre este lugar aqui e a ponte levadiça.

— Adriana seria a próxima? — perguntou Wireman.

— E depois John. Maria e Hannah viriam em seguida. Porque Perse queria pegar todos eles, exceto, talvez, a própria Elizabeth. Nan Melda deve ter entendido que só conseguiria prender Adie por um dia. Mas ela não precisava de mais que isso.

Eu lhes mostrei outro desenho. Embora tivesse sido feito muito mais às pressas, ele mostrava novamente Nan Melda e Libbit paradas na parte rasa da piscina. Noveen estava na beirada, um de seus braços de pano se arrastando na água. E, do lado dela, um barril de cerâmica com a boca larga e MESA impresso na lateral em um semicírculo.

Nan Melda disse a Libbit o que fazer. E disse também que ela precisava fazer aquilo independente do que visse na sua cabeça e do quão alto Perse gritasse para ela parar... porque ela *gritaria,* falou Nan Melda, se descobrisse. Falou que elas teriam que torcer para Perse só descobrir tarde demais. E então, Nan Melda disse... — Eu me interrompi. A trilha do sol poente na água estava ficando cada vez mais brilhante. Precisava continuar, mas era difícil. Era muito, muito difícil.

— O quê, *muchacho?* — disse Wireman com brandura. — O que ela disse?

— Disse que *ela* talvez gritasse também. E Adie. E seu Papai. Mas não podia parar. "Num pare, criança", falou ela. "Num pare ou num vai adiantar nada." — E, como se tivesse vontade própria, minha mão tirou o lápis preto do bolso e escreveu duas palavras debaixo do desenho primitivo da garota e da mulher na piscina:

num pare

Lágrimas embaçaram meus olhos. Eu larguei o lápis sobre as aveias-do-mar e as sequei com a mão. Até onde sei, ele ainda está onde eu o deixei cair.

— Edgar, e quanto aos arpões com ponta de prata? — perguntou Jack. — O senhor nunca falou nada sobre eles.

— Nunca existiram arpões mágicos porra nenhuma — falei, cansado. — Eles devem ter aparecido anos depois, quando Eastlake e Elizabeth voltaram a Duma Key. Só Deus sabe qual deles teve a ideia, e quem quer que tenha sido talvez nem soubesse ao certo por que eles parecia importantes.

— Mas... — Jack estava franzindo o cenho novamente — Se eles não tinham os arpões de prata em 1927... então como...

— Não tinha arpão de prata nenhum, Jack, mas havia muita água.

— Ainda não consigo entender isso. Perse *veio* da água. É o *elemento* dela. — Ele olhou para o navio como se quisesse se certificar de que ele ainda estava lá. Estava.

— Certo. Mas, na piscina, *o controle dela falhava.* Elizabeth sabia disso, mas não entendia as implicações. Como entenderia? Era apenas uma criança.

— Ah, caralho — disse Wireman. Ele deu um tapa na própria testa. — A piscina. Agua doce. Era uma piscina de água doce. Doce, em vez de salgada.

Eu apontei um dedo para ele.

Wireman tocou o desenho que eu fizera do barril de cerâmica do lado da boneca.

— Este barril estava *vazio?* Elas o encheram com água da piscina?

— Não tenho dúvidas. — Coloquei o desenho da piscina de lado e lhes mostrei o seguinte. A perspectiva era novamente quase idêntica à do lugar em que estávamos sentados. Acima do horizonte, uma lua recém-surgida em formato de foice brilhava entre os mastros de um navio apodrecido que eu esperava jamais ter que desenhar outra vez. E, na praia, à beira do mar...

— Meu Deus, isso é horrível — disse Wireman. — Mal consigo ver direito e mesmo assim é horrível.

Meu braço direito estava coçando, latejando. *Em chamas.* Eu o estiquei para baixo e toquei o desenho com a mão que esperava jamais precisar ver outra vez... embora, para o meu medo, talvez precisasse.

— Eu consigo ver por todos nós — falei.

Como fazer um desenho (XI)

Não desista até que o desenho esteja pronto. Não sei lhe dizer se essa é a regra fundamental da arte ou não — não sou professor —, porém acredito que essas oito palavras resumem tudo o que eu venho tentando falar para você. O talento é uma coisa maravilhosa, mas não adianta nada para quem desiste fácil. E sempre chega um momento — se o trabalho é sincero, se ele vem daquele lugar mágico em que pensamento, memória e emoção se mesclam — em que você quer desistir, em que você pensa que, se largar o lápis, sua vista ficará embotada, sua memória falhará e a dor irá embora. Sei de tudo isso por conta do último desenho que fiz naquele dia — o da reunião na praia. Era apenas um esboço, mas imagino que, quando você está mapeando o inferno, não precisa de mais que isso. Eu comecei com Adriana.

Ela passara o dia inteiro histérica por conta de Em, suas emoções variando entre uma raiva enlouquecida dele e medo de que algo tivesse lhe acontecido. Chegara a lhe passar pela cabeça que Papai poderia ter Tomado uma Atitude Drástica, embora aquilo parecesse improvável; o sofrimento o deixara apático e indiferente desde o fim da busca.

Quando o sol se põe sem que haja sinal de Em, talvez você ache que ela tenha ficado mais nervosa do que nunca, mas, em vez disso, Adriana fica calma, quase alegre. Ela diz para Nan Melda que Em voltará logo, sem dúvida. Sente que sim no seu íntimo e ouve o mesmo na sua cabeça, retinindo como um pequeno sino. Imagina que aquele sino seja o que eles chamam de "intuição feminina", da qual você não tem plena consciência até se casar. Ela também diz isso para Nanny.

Nan Melda assente e sorri, porém observa Adie com atenção. Ela a observara o dia inteiro. O homem daquela garota partiu para sempre, Libbit lhe contara isso, e Melda acredita nela. Contudo, Melda também acredita que o resto da família pode ser salvo... que ela mesma pode ser salva.

Muito, no entanto, depende da própria Libbit.

Nan Melda sobe para dar uma olhada na sua nenezinha restante, tocando os braceletes no seu braço esquerdo ao subir a escada. Os braceletes de prata são da sua mãe, e Melda costuma usá-los todos os domingos para ir à igreja. Talvez seja por isso que ela os tirou da sua caixa de coisas especiais para colocá-los naquele dia, empurrando-os para cima até eles ficarem presos no volume do seu antebraço, em vez de deixá-los soltos em cima do punho. Talvez quisesse se sentir um pouco mais perto da mãe, pegar emprestado um pouco da força silenciosa dela, ou talvez quisesse apenas se sentir ligada a algo sagrado

Libbit está no seu quarto, desenhando. Ela está desenhando sua família, Tessie e Lo-Lo muitíssimo incluídas. Os oito (Nan Melda também faz parte da família, na opinião de Libbit) estão na praia onde haviam passado tantos momentos felizes nadando, fazendo piqueniques e construindo castelos de areia, suas mãos unidas como se fossem bonecos de papel e sorrisos enormes varando os cantos dos seus rostos. E como se ela achasse que poderia desenhá-los de volta à vida e à alegria através de pura força de vontade.

Nan Melda quase acredita que isso é possível. A criança é poderosa. Recriar vida, no entanto, está além dos seus poderes. Recriar vida está além dos poderes até da coisa do golfo. Os olhos de Nan Melda derivam para a caixa de coisas especiais de Libbit antes de voltarem para a própria menina. Ela vira apenas uma vez a estatueta que tinha saído do golfo, uma mulherzinha com uma capa rosa que talvez um dia tivesse sido escarlate e um capuz do qual seu cabelo escorria, escondendo sua testa.

Ela pergunta a Libbit se está tudo bem. É tudo que ousa dizer, o mais longe que ousa ir. Se existe mesmo um terceiro olho escondido sob os cachinhos da coisa na caixa — um olho de magia negra que enxerga longe — todo cuidado é pouco.

Libbit diz Tudo. Estou só desenhando, Nan Melda.

Esqueceu o que precisa fazer? Nan Melda espera que não. Ela tem que voltar lá para baixo agora, e ficar de olho na Adie. O homem dela vai vir buscá-la logo mais.

Parte dela não consegue acreditar que aquilo está acontecendo, parte dela se sente como se toda sua vida tivesse sido uma preparação para aquele momento.

Melda diz Talvez ocê me ouça chamando seu Papai. Se ouvir, é melhó ir pega aquelas coisas que ocê deixou na beira da piscina.Num deixa elas lá fora a noite inteira no sereno.

Ainda desenhando, sem erguer os olhos. Mas, então, ela diz algo que alegra o coração assustado de Melda.

Não, senhora. Eu vou levar Perse. Aí não vou ter medo se ficar escuro.

Melda diz Pode levá quem ocê quiser, só traz Noveen pra cá, ela ainda está lá fora.

Isso é tudo que ela tem tempo para fazer, tudo que ousa fazer quando pensa naquele olho especial e penetrante de magia negra, e em como ele pode estar tentando enxergar dentro da sua cabeça.

Melda toca os braceletes novamente ao descer para o andar de baixo. Está muito feliz por tê-los usado enquanto estava no quarto de Libbit, mesmo que aquela mulher de porcelana estivesse guardada na caixa de lata.

Ela chega bem a tempo de ver o vestido de Adie esvoaçar no final do corredor dos fundos quando ela vira para entrar na cozinha.

Está na hora. Isso vai chegar ao fim.

Em vez de seguir Adie até a cozinha, Melda dispara pelo corredor da frente até o escritório do Patrão, entrando nele sem bater pela primeira vez nos sete anos em que havia trabalhado para a família. O Patrão está sentado atrás da sua mesa sem gravata, com o colarinho desabotoado e os suspensórios pendendo soltos. Está com a moldura dobrável dourada com as fotografias de Tessie e Lo-Lo nas mãos. Ergue o olhar para ela, seus olhos vermelhos em um rosto que já está mais magro. Não parece surpreso ao ver sua governanta irromper no escritório sem aviso; sua aparência é a de um homem incapaz de se surpreender, incapaz de se chocar, porém, obviamente, isso se mostrará uma mentira.

Ele diz O que foi, Melda Lou?

Ela diz O senhor precisa vir agora mesmo.

Ele a encara a partir de seus olhos lacrimejantes com uma estupidez calma e enervante. Para onde?

Ela diz Para a praia. E leve aquele negoço.

Ela aponta para o lança-arpão, que está pendurado na parede, juntamente com vários arpões curtos. As pontas são de aço, não de prata, e as hastes são pesadas. Ela sabe; já não os havia carregado tantas vezes na cesta?

Ele diz Do que você está falando?

Ela diz Num tenho tempo de explica. O senhor tem que ir para a praia agora mesmo, a num ser que queira perdê outra.

Ele vai. Não pergunta qual filha, ou para que precisaria do lança-arpão; simplesmente o arranca da parede, agarra dois arpões com a outra mão e atravessa a passos largos a porta aberta do escritório, primeiro atrás de Melda, e depois na sua frente. Quando chega à cozinha, onde Melda vira Adie pela última vez, já está correndo e ela está ficando para trás, embora corresse também, segurando a saia diante do corpo com as duas mãos. E ela

por acaso fica surpresa com essa quebra repentina no seu torpor, com esta súbita atitude enérgica? Não. Porque, apesar da manta de sofrimento sobre seus ombros, o Patrão também sabe que algo está errado e ficando mais errado ainda a cada minuto.

A porta dos fundos está aberta. Uma brisa de fim de tarde entra soprando e a empurra mais para trás em suas dobradiças... porém, àquela altura, já é uma brisa noturna. O sol está acabando de se pôr. Ainda haveria luz em Shade Beach, mas ali no Heron's Roost a escuridão já havia chegado. Melda atravessa correndo a varanda dos fundos e vê o Patrão já na trilha para a praia. Ele é apenas uma sombra. Ela olha à sua volta em busca de Libbit, mas obviamente não consegue vê-la; se Libbit estiver fazendo o que deveria, então já está a caminho da piscina com sua caixa em formato de coração debaixo do braço.

A caixa em formato de coração com o monstro dentro dela.

Ela corre atrás do Patrão e o alcança no banco, onde a trilha começa a descer em direção à praia. Ele está parado ali, paralisado. A oeste, o que resta do pôr do sol é uma linha cor de laranja-escura que logo terá desaparecido, porém ainda há luz o suficiente para ela ver Adie à beira do mar e o homem que está chapinhando na água para recebê-la.

Adriana grita Emery! *Ela parece enlouquecida de alegria, como se ele tivesse partido por um ano, em vez de um dia.*

Melda grita Não, Adie, fique longe dele! *do lado do homem paralisado, boquiaberto, mesmo sabendo que Adie não prestará atenção, como de fato não presta; ela corre em direção ao marido.*

John Eastlake diz O que... *e nada mais.*

Apesar de ter se libertado do seu torpor por tempo suficiente para correr até ali, ele voltara à paralisia de antes. Terá sido por conta dos outros vultos mais longínquos, mas que também chapinhavam em direção à praia pela água que deveria estar acima das suas cabeças? Melda acha que não. Acha que ele ainda está olhando para sua filha mais velha quando o vulto opaco do homem saindo da água estende os braços gotejantes em sua direção e agarra seu pescoço com as mãos encharcadas, primeiro sufocando seus gritos de alegria e então a arrastando para as ondas.

Mais ao longe no golfo, aguardando, tiquetaqueando de um lado para outro na oscilação suave das águas como um relógio que conta as horas em anos e séculos, em vez de minutos e horas, está o casco negro do navio de Perse.

Melda agarra o braço do Patrão, afundando a mão nos seus bíceps, e fala com ele como jamais havia falado com um homem branco na vida.

Ela diz Ajuda ela, seu filho da puta! Antes que ele afogue a tua fia!

Ela o arrasta para a frente. Ele vem. Ela não espera para ver se ele vai continuar andando ou se paralisar de novo, e se esquece completamente de Libbit; só consegue pensar em Adie. Precisa impedir que a coisa-Emery a arraste para a água, e antes que as nenenzinhas mortas cheguem para ajudá-lo.

Ela grita Solta! Solta ela!

Correndo em direção à praia com a saia esvoaçando às suas costas. Emery já arrastou Adie quase até a cintura. Ela resiste, mas também está sufocando. Melda avança aos tropeços para cima deles e se joga sobre o cadáver pálido que agarra sua mulher pelo pescoço. Ele grita quando o braço esquerdo de Melda, o que está com os braceletes, encosta no seu corpo. É um som borbulhante, como se sua garganta estivesse cheia d'água. Ele se contorce nas mãos da governanta como um peixe e ela o arranha com as unhas. Carne se desprende debaixo delas com uma facilidade repugnante, porém nenhum sangue corre dos ferimentos sem cor. Seus olhos giram nas órbitas e eles parecem os de uma carpa morta sob o luar.

Ele afasta Adriana com um empurrão para poder lutar com a harpia que o atacou, a harpia com o fogo frio e repulsivo no braço.

Adie exclama Não, Nanny, pare, você está machucando ele!

Adie patinha para a frente para tirar Melda de cima dele — ou pelo menos separar os dois —, e é então que John Eastlake, que havia entrado até as canelas no golfo, dispara o lança-arpão. A ponta de três lâminas atinge sua filha no alto do pescoço e ela fica perfeitamente ereta, com cinco centímetros de aço brotando na sua frente e outros dez projetando-se atrás de si, logo abaixo da base do crânio.

John Eastlake grita Adie, não! Adie, FOI SEM QUERER!

Adie volta-se para a voz do pai e, por incrível que pareça, começa andar na direção dele, e isso é tudo que Nan Melda tem tempo de ver. O marido morto de Adie está tentando se libertar das suas mãos, porém ela não quer soltá-lo; quer acabar com sua terrível meia-vida, pois, se fizer isso talvez consiga dissuadir os dois horrores em forma de bebê antes que eles se aproximem demais. E ela pensa (até onde é capaz *de pensar) que talvez possa conseguir, pois havia notado uma marca de queimadura fumegante na bochecha pálida e molhada da coisa e entendido que o seu bracelete a fizera.*

Seu bracelete de prata.

A coisa estende os braços para ela, sua boca enrugada escancarando-se no que poderia ser tanto medo quanto fúria. Atrás dela, John Eastlake grita o nome de sua filha sem parar.

Melda rosna Ocê fez isso! *e, quando a coisa-Emery a agarra, ela deixa.*

Ocê e a piranha que está te controlando, *Melda teria acrescentado, mas as mãos brancas da coisa se fecham sobre o seu pescoço, como se fecharam sobre o da pobre Adie, e ela consegue apenas gorgolejar. No entanto, seu braço esquerdo está livre — o que está com os braceletes — e ele lhe parece muito poderoso. Ela o retrai, girando-o em seguida para a frente em um grande arco e atingindo o lado direito da cabeça da coisa-Emery.*

O resultado é espetacular. O crânio da criatura se afunda sob o impacto do golpe, como se um pouco de imersão tivesse transformado aquela gaiola dura em caramelo. Porém, ele ainda é duro, sem dúvida; uma das lascas que se projeta através do emaranhado de cabelos de Emery faz um corte fundo no seu antebraço, e sangue tamborila na água que oscila ao redor dos dois.

Duas sombras passam por ela, uma à sua esquerda, outra a sua direita.

Lo-Lo grita Papai! *com sua nova voz prateada.*

Tessie grita Papai, socorro!

Então, a coisa-Emery tenta fugir de Nan Melda, tropeçando e chapinhando na água, não querendo mais saber dela. Melda enfia o polegar da sua mão esquerda poderosa no seu olho direito, sentindo algo frio, como tripas de sapo debaixo de uma pedra, esguichar de dentro dele. Então gira o corpo, cambaleando, à medida que a correnteza tenta lhe dar uma rasteira.

Ela estende a mão esquerda e agarra Lo-Lo pelo cangote, puxando-a para trás.

De jeito ninhum! — *grunhe ela, e Lo-Lo se debate com um grito de surpresa e agonia... e nenhuma garotinha jamais tinha dado um grito daqueles, Melda tem certeza.*

John urra Melda, pare!

Ele está ajoelhado sobre a última espuma das ondas com Adie à sua frente. A haste do arpão projetando-se para cima da garganta dela. Melda, deixe minhas filhas em paz.

Ela não tem tempo de ouvir, embora se permita pensar em Libbit — por que Libbit não afogou o bibelô de porcelana? Ou será que não deu certo? A coisa que Libbit chama de Perse a impediu de alguma forma? Melda sabe que a possibilidade é grande; Libbit é poderosa, mas ainda é apenas uma criança.

Não há tempo para pensar nisso. Ela estende o braço para a outra morta-viva, para Tessie, mas sua mão direita não é como a esquerda, não tem prata para protegê-la, e Tessie se vira com um rosnado e morde. *Melda sente uma dor fraca e aguda, mas não percebe que dois dedos e parte de um terceiro foram arrancados a dentadas e flutuam na água ao lado da criança pálida. Ela está sendo atravessada por adrenalina demais para tanto.*

Sobre o topo da colina, através da qual os contrabandistas às vezes transportam paletas carregadas de bebida, ergue-se uma pequena lua em forma de foice, lançando um pouco mais de brilho tênue sobre aquele pesadelo. Sob aquela luz, Melda vê Tessie se voltar em direção ao pai; vê Tessie estender os braços novamente.

Papai! Papai, por favor, nos ajude! Nan Melda ficou doida!

Melda não pensa. Ela estende o braço esquerdo ao longo do próprio corpo e agarra a criança pelo cabelo que havia lavado e trançado mil vezes.

John Eastlake grita MELDA, NÃO!

Então, enquanto ele apanha o lança-arpão que havia largado e corre os dedos pela areia próxima ao corpo da filha morta em busca do projétil restante, outra voz é ouvida. Ela vem de trás de Melda, do navio ancorado mais adiante no caldo.

Ela diz Você nunca deveria ter se metido comigo.

Melda, ainda segurando a coisa-Tessie pelo cabelo (ela resiste e se debate, porém Melda mal dá atenção a isso), gira o corpo desajeitadamente na água e vê que ela *está ali, parada na amurada do seu navio com seu manto vermelho. O capuz está baixado, e Melda percebe que ela está longe de ser humana, ela é* outra *coisa, algo que foge à compreensão dos homens Sob luar, seu rosto é medonho e cheio de sabedoria.*

Erguendo-se das águas, braços finos de esqueletos a saúdam.

A brisa agita as serpentes que lhe servem de cabelos; Melda vê um terceiro olho na testa de Perse; o vê olhando para ela, *e toda a vontade de resistir se extingue em um instante.*

Neste exato momento, contudo, a cabeça da piranha-deusa chicoteia para trás como se ela tivesse ouvido algo ou alguém se aproximando na ponta dos pés pelas suas costas.

Ela grita O quê?

E então: Não! Largue isso! Largue isso! VOCÊ NÃO PODE FAZER ISSO!

No entanto, aparentemente Libbit podia — e fez —, pois o vulto da coisa na amurada do navio tremula, se liquefaz... e então some, confundindose com o próprio luar. Os braços de esqueleto deslizam para dentro d'água novamente e desaparecem.

A coisa-Emery também não está mais lá — ela desapareceu —, mas as gêmeas gritam em uníssono de dor e desolação ao se verem abandonadas.

Melda grita para o Patrão Vai ficá tudo bem!

Ela solta a que havia agarrado pelo cabelo. Não acha que aquela coisa vá querer conversa com os vivos, não agora, não por um bom tempo.

Ela grita Libbit conseguiu! Ela...

John Eastlake berra TIRE AS MÃOS DAS MINHAS FILHAS SUA CRIOULA MALDITA!

E dispara o lança-arpão pela segunda vez.

Você consegue vê-lo atingir seu alvo, atravessando o corpo de Nan Melda? Se conseguir, o desenho está pronto.

Oh, meu Deus... o desenho está pronto.

20 - Perse

i

O desenho — não a última obra de arte já feita por Edgar Freemantle, mas a penúltima — mostrava John Eastlake ajoelhado em Shade Beach com a filha morta do seu lado e a lua em formato de foice, recém-aparecida sobre o horizonte, atrás dele. Nan Melda estava na água até as coxas, com uma garotinha de cada lado; seus rostos molhados e voltados para cima estavam repuxados em expressões de terror e fúria. A haste de um daqueles arpões curtos projetava-se do meio dos seios da mulher. Ela a agarrava com as duas mãos enquanto olhava com incredulidade para o homem cujas filhas havia tentado proteger com tanto afinco, o homem que a chamara de crioula maldita antes de tirar sua vida.

— Ele gritou — falei. — Gritou até o nariz sangrar. Até sangue escorrer de um olho. É impressionante que não tenha tido uma hemorragia cerebral de tanto gritar.

— Não tem ninguém no navio — disse Jack. — Pelo menos não neste desenho.

— Não. Perse tinha desaparecido. O que Nan Melda esperava aconteceu de fato. A confusão na praia distraiu a piranha o suficiente para Libbit ter tempo de acabar com ela. De afogá-la para ela voltar a dormir. — Eu cutuquei o braço esquerdo de Nan Melda, onde havia desenhado dois arcos apressados e feito um pequeno xis para indicar o reflexo de um luar fraco. — E principalmente porque algo lhe disse para colocar os braceletes de prata da mãe. De prata, como um certo castiçal. — Eu olhei para Wireman. — Então talvez *exista* algo de positivo nesta equação, cuidando um pouco de nós.

Ele assentiu, então apontou para o sol. Dali a alguns instantes ele tocaria o horizonte e a trilha de luz que incidia na nossa direção — já amarela àquela altura — escureceria até virar ouro puro.

— Mas é de noite que as coisas ruins saem para brincar. Onde está a Perse de porcelana agora? Você faz alguma ideia de onde ela foi parar depois desse incidente na praia?

— Não sei *exatamente* o que aconteceu depois que Eastlake matou Nan Melda, mas tenho uma ideia geral. Elizabeth... — Eu encolhi os ombros. — Tinha esgotado suas energias, pelo menos por algum tempo. Ficado sobrecarregada. O pai deve ter ouvido seus gritos, e provavelmente isso era a única coisa ainda capaz de fazê-lo voltar a si. Ele deve ter se lembrado de que, por mais terrível que fosse a situação, ainda tinha uma filha viva no Heron's Roost. Talvez tenha até se lembrado que havia outras duas a uns 40 ou 50 quilômetros dali. O que o deixava com uma bagunça para arrumar.

Jack apontou silenciosamente para o horizonte, que o sol já estava tocando.

— Eu sei, Jack, mas nós estamos mais perto do que você pensa. — Passei a última folha de papel para o topo da pilha. Era o desenho mais tosco de todos, porém aquele sorriso astuto

era inconfundível. Era Charley, o Anão de Jardim. Eu me levantei e virei na direção oposta do golfo e do navio que nos aguardava. Ele passara a ser uma silhueta, preto contra dourado. — Vocês estão vendo? — perguntei. — *Eu* o vi, quando estávamos vindo da casa. Quero dizer, o anão de jardim *de verdade,* não a projeção que vimos quando estávamos chegando.

Eles olharam.

— Não — disse Wireman. — E acho que conseguiria vê-lo se ele estivesse ali, *muchacho.* Sei que a grama está alta, mas aquele boné vermelho deveria sobressair mesmo assim. A não ser que esteja em um dos pomares de bananeira.

— Achei! — exclamou Jack, chegando a rir em seguida.

— Achou é o *cacete* — disse Wireman, melindrado. E então: — Onde?

— Atrás da quadra de tênis.

Wireman olhou para lá, começou a falar que ainda não estava vendo e depois parou.

— Macacos me mordam — disse ele. — O desgraçado está de cabeça para baixo, não está?

— Está. E, já que ele não tem pés de verdade para botar para cima, aquela é a base quadrada de ferro que vocês estão vendo. Charley está marcando o local, *amigos*. Mas, antes, precisamos ir até o celeiro.

ii

Eu não tive premonição alguma do que nos aguardava no interior escuro e abafado daquele anexo longo e coberto de trepadeiras, e não fazia a menor ideia de que Wireman havia sacado a Desert Eagle automática até ela disparar.

As portas eram do tipo que abrem deslizando sobre trilhos, no entanto elas jamais deslizariam novamente; fazia décadas que estavam grudadas pela ferrugem a dois metros e meio de distância uma da outra. Barbas-de-velho cinza-esverdeadas pendiam como uma cortina, obscurecendo a parte de cima do vão entre as portas.

— O que estamos pro... — comecei a falar, e foi então que a garça saiu batendo asas lá de dentro, com seus olhos azuis em chamas, o pescoço longo esticado para a frente e o bico amarelo abrindo e fechando. Ela já estava alçando voo quando atravessou as portas e eu não tive dúvidas de que seu alvo eram os meus olhos. Então, ouviu-se o estampido da Desert

Eagle e o olhar azul furioso do pássaro desapareceu, juntamente com o resto da sua cabeça, em um jato fino de sangue. Ela bateu em mim, tão leve quanto um rolo de fios em um carretel, caindo no chão em seguida. No mesmo instante, escutei um grito alto e prateado de fúria na minha cabeça.

E não fui o único a ouvir. Wireman se encolheu. Jack largou as alças da cesta de piquenique e apertou as mãos contra as orelhas. Então, o grito parou.

— Menos uma garça no mundo — disse Wireman, sua voz não exatamente firme. Ele cutucou o monte de penas, então o tirou de cima das minhas botas. — Pelo amor de Deus, não contem para a sociedade protetora dos animais. Matar uma dessas provavelmente me custaria 50 mil pratas e cinco anos na cadeia.

— Como você sabe? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Que diferença faz? Você disse que era para eu atirar quando ela aparecesse. Você Cavaleiro Solitário, eu Tonto.

— Mas você estava com a arma em punho.

— Eu tive o que Nan Melda deve ter chamado de “uma intuição” quando estava colocando os braceletes de prata da mãe — disse Wireman, sem sorrir. — Digamos apenas que alguma coisa está olhando por nós, sem dúvida. E, depois do que aconteceu com a sua filha, acho que merecemos um pouco de ajuda. Mas precisamos fazer a nossa parte.

— Só peço para você manter o seu pau de fogo à mão durante o processo — falei.

— Ah, pode contar com isso.

— E Jack? Você consegue descobrir como carregar um lança-arpão?

Aquilo não era problema. O lança-arpão estava operante.

iii

O interior do celeiro era escuro, e não só porque a elevação de terreno entre onde estávamos e

o golfo bloqueava a luz direta do sol poente. O céu ainda estava bem claro e havia muitas rachaduras e fendas no telhado de ardósia, porém elas estavam cobertas pelas trepadeiras. A luz que conseguia entrar lá de cima era verde, opaca e pouco confiável.

O centro do anexo estava vazio, com exceção de um trator arcaico e sem rodas que se apoiava sobre os cotocos maciços dos seus eixos; no entanto, em uma das baias de equipamento, a luz da nossa lanterna poderosa revelou algumas ferramentas enferrujadas e abandonadas e uma escada de madeira encostada na parede dos fundos. Ela estava suja e era desanimadoramente baixa. Jack tentou subir nela enquanto Wireman apontava a luz na sua direção. Ele pulou para cima e para baixo no segundo degrau e nós ouvimos um rangido de advertência.

— Pare de pular em cima dela e coloque-a lá fora do lado da porta — falei. — É uma escada, não um trampolim.

— Não sei, não — disse ele. — O clima da Flórida não é o ideal para preservar escadas de madeira.

— Não estamos em condições de escolher — disse Wireman.

Jack a apanhou, fazendo careta para a poeira e os insetos mortos que caíram dos seis degraus imundos.

— Falar é fácil. Não vai ser você que vai subir nela, não com o seu peso.

— Eu sou o atirador do grupo, *niño* — disse Wireman. — Cada um com a sua função. — Ele quis aparentar despreocupação, porém soava tenso e parecia cansado. — Cadê os outros barrizinhos de cerâmica, Edgar? Porque eu não estou vendo eles.

— Talvez estejam nos fundos — falei.

Eu tinha razão. Havia algo em torno de dez “barrizinhos” de cerâmica de Uísque de Mesa bem nos fundos do anexo. Eu digo “algo em torno de” porque era difícil saber ao certo. Eles tinham sido esmigalhados.

iv

Em volta dos pedaços maiores de cerâmica branca, e misturados a eles, havia pilhas cintilantes e cacos dispersos de vidro. À direita desse amontoado, encontramos dois carrinhos de mão de madeira antigos, ambos virados. A esquerda, recostada contra a parede, havia uma marreta com a cabeça enferrujada e pedaços de musgo crescendo no cabo.

— Alguém se divertiu à beça quebrando esses barris — disse Wireman. — Quem você acha que foi? Em?

— Talvez — falei. — Provavelmente.

Pela primeira vez, comecei a me questionar se conseguiríamos mesmo derrotá-la. Ainda nos restava um pouco de luz do dia, porém menos do que eu havia esperado e bem menos do que precisava para ficar confortável. E depois dessa... onde iríamos afogar a sua imagem de porcelana? Em uma porra de uma garrafa de água mineral Evian? De certa forma, não era má ideia — elas eram de plástico e, de acordo com os ambientalistas, essas porcarias irão durar para sempre —, mas um bibelô de porcelana jamais passaria pelo gargalo dela.

— Então, qual é o plano B? — perguntou Wireman. — O tanque de gasolina daquele velho John Deere? Será que ele serve?

A ideia de tentar afogar Perse no tanque de gasolina do trator velho me gelou da cabeça aos pés. Ele provavelmente estava todo esburacado de ferrugem.

— Não. Acho que não vai dar certo.

Ele deve ter ouvido algo parecido com pânico na minha voz pois agarrou meu braço.

— Fique tranquilo. A gente vai achar uma saída.

— Claro, mas qual?

—Podemos simplesmente levá-la de volta para o Heron's Roost. Lá vai ter alguma coisa.

Porém, eu não parava de ver na minha cabeça o que as tempestades tinham feito com a mansão que havia dominado aquela parte de Duma Key um dia, transformando-a em pouco mais que uma fachada. Então me perguntei quantos recipientes *poderíamos* encontrar lá, especialmente faltando apenas cerca de quarenta minutos para a noite cair e o *Perse* enviar uma tropa terrestre para acabar com a nossa bisbilhotice. Meu Deus, como eu pude ter esquecido algo tão elementar quanto um recipiente hermeticamente fechado!

— Merda! — falei, chutando uma pilha de cacos de cerâmica para longe. — *Merda!*

— Calma, *vato.* Isso não vai ajudar em nada.

Não, não ajudaria. E ela gostaria de me ver nervoso, não é mesmo? O velho Edgar enfurecido seria fácil de manipular. Tentei recuperar o controle, mas o mantra *eu vou conseguir* não estava funcionando. Ainda assim, era tudo o que eu tinha. E o que você faz quando não pode usar a raiva a seu favor? Você admite a verdade.

— Tudo bem — falei. — Mas não tenho a menor ideia do que fazer.

— Relaxe, Edgar — disse Jack, e ele estava sorrindo. — Essa parte não vai ser problema.

— Por quê? Do que você está falando?

— Confie em mim — respondeu ele.

V

Enquanto procurávamos por Charley, o Anão de Jardim, sob uma luz que começava a assumir um tom definitivamente violeta, um para de versos sem sentido de um blues antigo de Dave Van Ronk me veio à cabeça: "*Mamãe comprou uma galinha, achei que fosse um pato; colocou-a na mesa com as pernas apontando para cima.*"[30] Charley não era uma galinha e nem um pato, mas suas pernas — que terminavam não em um par de sapatos, mas em um pedestal de ferro escuro — estavam de fato apontando para cima. Sua cabeça, no entanto, não estava ali. Tinha varado um quadrado de tábuas antigas e cobertas de musgo e trepadeiras.

— O que é isso, *muchacho?* — perguntou Wireman. — Você sabe?

— Tenho quase certeza de que é uma cisterna — falei. — Espero que não seja uma fossa.

Wireman balançou a cabeça.

— Por pior que fosse seu estado mental, ele não teria colocado as duas em um monte de merda. De forma alguma.

Jack olhou de Wireman para mim, seu rosto jovem repleto de horror.

— Adriana está lá embaixo? E a babá?

— Sim — falei. — Achei que você já havia entendido isso. Porém, o mais importante é que *Perse* está lá embaixo. E o que me leva a pensar que é uma cisterna é porque...

— Elizabeth deve ter feito questão de garantir que a piranha ficasse em um túmulo de água — disse Wireman com gravidade. — Um túmulo de água *doce.*

vi

Charley era pesado e as tábuas que cobriam o buraco na grama alta estavam mais podres do que os degraus da escada. O que era óbvio; ao contrário da escada, a tampa de madeira ficara diretamente exposta às intempéries. Trabalhamos com cuidado, apesar das sombras cada vez mais espessas, sem saber a profundidade do buraco. Pelo menos, consegui empurrar o anão de jardim inoportuno para um dos lados a ponto de Wireman e Jack poderem segurar suas pernas azuis ligeiramente arqueadas. Para tanto, pisei na tampa de madeira podre; alguém precisava fazer isso, e eu era o mais leve. Ela entortou sob o meu peso, soltou um longo gemido de advertência e soprou um ar azedo para cima.

— Saia de cima dela, Edgar! — exclamou Wireman, e, no mesmo instante, Jack gritou:

— Segure o anão, ah, merda, ele vai cair no buraco!

Eles agarraram Charley enquanto eu saía de cima da tampa empenada, Wireman pelos joelhos dobrados e Jack pela cintura. Por um momento, achei que ele fosse despencar de qualquer jeito, arrastando-os para baixo consigo. Então, eles soltaram um grito conjunto de esforço e caíram para trás com o anão de jardim em cima. Seu rosto sorridente e o boné vermelho estavam cobertos de besouros enormes. Vários caíram sobre o rosto contorcido de

Jack e um deles bem dentro da boca de Wireman. Ele gritou, o cuspiu e saltou de pé, ainda cuspindo e esfregando os lábios. Logo em seguida, Jack surgiu do seu lado, dançando em círculos à sua volta e tirando os insetos de cima da sua camisa com as mãos.

— Água! — esgoelou-se Wireman. — Me dê água, um deles caiu na minha *boca,* eu senti aquele bicho andando na porra da minha *língua*!

— Água, não — falei, revirando a sacola consideravelmente esvaziada. Uma vez de joelhos, eu conseguia sentir o cheiro do ar que subia pelo buraco dentado na tampa muito melhor do que queria. Era como o ar de uma sepultura recém-violada. E, obviamente, era isso que ela era. — Pepsi.

— Cheeseburger, cheeseburger, Pepsi — disse Jack. — Coca, não.[31] — Ele riu, atordoado.

Eu entreguei uma lata de refrigerante para Wireman. Ele a encarou com incredulidade por um instante, então puxou para trás o anel. Deu um gole, o cuspiu em um jato marrom e espumante, deu outro e então o cuspiu também. O resto, ele bebeu em quatro goladas longas.

— *Ay caramba* — disse ele. — Você é um homem cruel, Van Gogh.

Eu estava olhando para Jack.

— O que você acha? Dá pra tirar?

Jack analisou a tampa, então se ajoelhou e começou a arrancar as trepadeiras que se agarravam aos lados dela.

— Dá — falou ele. — Mas temos que nos livrar dessas porcarias.

— A gente devia ter trazido um pé de cabra — disse Wireman.

Ele ainda estava cuspindo. Não pude culpá-lo.

— Acho que não adiantaria nada — falou Jack. — A madeira está podre demais. Me ajude aqui, Wireman. — E quando me ajoelhei do seu lado: — Não precisa, chefe. Isso aqui é trabalho para quem tem dois braços.

Aquilo me fez sentir outro lampejo de raiva — a velha raiva estava muito próxima àquela altura —, e eu a sufoquei o melhor que pude. Fiquei observando os dois trabalharem em volta da tampa circular, arrancando as trepadeiras e ervas daninhas enquanto a luz desaparecia do céu. Um pássaro solitário passou com as asas dobradas. Ele estava de cabeça para baixo. Quando você vê uma coisa dessas, tem vontade de se internar no hospício mais próximo. De preferência para uma longa estadia.

Eles estavam trabalhando um de frente para o outro e, quando Wireman se aproximou do lugar em que Jack tinha começado e Jack se aproximou do lugar em que Wireman tinha começado, eu falei:

— O lança-arpão está carregado, Jack?

Ele ergueu os olhos.

— Está. Por quê?

— Porque essa vai acabar sendo uma vitória apertada.

vii

Jack e Wireman se ajoelharam em um dos lados da tampa. Eu me ajoelhei no outro. Acima de

nós, o céu escurecera até um azul-anil que logo se tornaria violeta.

—Quando eu falar três — disse Wireman. — *Uno... dos... TRES!* — Eles puxaram a tampa para cima e eu a puxei também com o braço que me restava. Isso não foi problema, pois meu braço sobrevivente tinha se fortalecido durante aqueles meses em Duma Key. Por um momento, a tampa resistiu. Então, deslizou na direção de Wireman e Jack, revelando um arco de escuridão; um sorriso negro e convidativo. Ele alargou até virar uma meia-lua e, finalmente, uma lua cheia.

Jack se levantou. Wireman fez o mesmo. Ele estava conferindo as mãos em busca de mais insetos.

— Sei como você está se sentindo — falei —, mas acho que não temos tempo para você catar todos os seus piolhos.

— Concordo, mas a não ser que tenha mastigado um daqueles *maricones,* você *não* sabe como eu estou me sentindo.

— O que a gente faz agora, chefe? — perguntou Jack. Ele estava olhando com ansiedade para o fosso, que ainda expelia aquele fedor insalubre.

— Wireman, você já disparou o lança-arpão, certo?

— Sim, em alvos. Com a srta. Eastlake. Eu não falei que era o atirador do grupo?

— Então você fica de guarda. Jack, ilumine o buraco.

Eu notei pela expressão no seu rosto que ele não queria fazer aquilo, porém não tinha escolha — até aquilo acabar, não haveria volta. E, se não acabasse, ninguém voltaria para lugar nenhum.

Não por terra, pelo menos.

Ele apanhou a lanterna de cilindro longo, acendeu-a e apontou o facho de luz forte para dentro do buraco.

— Ah, meu Deus — sussurrou ele.

Era mesmo uma cisterna forrada de corais, no entanto, em algum momento no decorrer dos últimos oitenta anos, uma rachadura se abrira — provavelmente bem no fundo — e a água havia vazado. O que vimos sob o facho de luz da lanterna foi um canal de dois metros e meio ou três de profundidade e cerca de um metro e meio de diâmetro. No fundo, envolvidos em um abraço que durara oitenta anos, havia dois esqueletos vestidos com trapos apodrecidos. Besouros caminhavam diligentes ao redor deles. Sapos esbranquiçados — filhotes — saltavam sobre os ossos. Um arpão jazia ao lado de um dos esqueletos. A ponta do segundo arpão ainda estava enterrada na espinha amarelada de Nan Melda.

A luz começou a tremer. Porque o rapaz que a segurava estava tremendo.

— Não me vá desmaiar agora, Jack! — falei com rispidez. — Isso é uma ordem!

— Eu estou bem, chefe. — Porém, seus olhos estavam enormes, vidrados, e atrás da luz da lanterna, ainda não muito firme na sua mão, seu rosto estava branco como papel. — Sério.

— Ótimo. Aponte a luz lá para baixo de novo. Não, para a esquerda. Um pouco mais... *aí*.

Era um dos barris de Uísque de Mesa; àquela altura, pouco mais que uma corcova sob um tapete grosso de musgo. Um dos sapos brancos estava agachado em cima dele. Ele ergueu os olhos para mim, as pálpebras piscando com malevolência.

Wireman conferiu o relógio.

— Nós temos... acho que 15 minutos até o pôr do sol. Talvez um pouco mais, talvez um pouco menos. Então...?

— Então, Jack coloca a escada no buraco e lá vou eu.

— Edgar... *mi amigo...* você só tem um braço.

— Ela levou minha filha. Ela matou Ilse. Você sabe que a obrigação é minha.

— Certo. — Wireman olhou para Jack. — O que ainda deixa em aberto a questão do recipiente hermeticamente fechado.

— Não se preocupe — disse ele, apanhando em seguida a escada e me entregando a lanterna. — Ilumine lá embaixo, Edgar. Preciso das duas mãos para fazer isso.

Ele pareceu levar uma eternidade para encaixar a escada no lugar que queria, porém, finalmente, os pés dela estavam no fundo, entre os ossos do braço estendido de Nan Melda (eu ainda conseguia ver os braceletes de prata, embora estivessem cobertos de musgo) e de uma das pernas de Adie. A escada era de fato muito baixa e o último degrau estava a 60 centímetros do nível do solo. Aquilo não era problema, Jack poderia me segurar no começo. Pensei em lhe perguntar novamente sobre o recipiente para o bibelô de porcelana, mas então desisti. Ele não Parecia nada preocupado quanto àquilo e eu decidi confiar nele até o fim. Era realmente tarde demais para qualquer outra coisa.

Uma voz muito baixa, quase meditativa, falou na minha cabeça.

Pare agora e eu os deixarei livres para partir.

— Nunca — falei.

Wireman olhou para mim sem surpresa.

— Você também ouviu, não foi?

viii

Eu me deitei de bruços e entrei de costas no buraco. Jack agarrou meus ombros. Wireman ficou do seu lado com o lança-arpão carregado nas mãos e três arpões com ponta de prata extras enfiados no cinto. A lanterna estava largada no chão entre os dois, espalhando uma luz forte por um emaranhado de ervas daninhas e trepadeiras desencavadas.

O fedor da cisterna era muito forte e eu senti um formigamento na canela quando algo

subiu correndo pela minha perna. Deveria ter enfiado as bainhas da calça dentro das botas, mas era tarde demais para voltar atrás e recomeçar.

— Está sentindo a escada? — perguntou Jack. — Já chegou nela?

— Não, eu... — Então, meu pé tocou o último degrau. — Pronto. Segure firme.

— Estou segurando, não se preocupe.

Desça aqui e eu mato você.

— Pode tentar — falei. — Estou indo pegar você, sua picanha, então faça o seu melhor.

Eu senti as mãos de Jack se apertarem convulsivamente sobre os meus ombros.

— Meu Deus, chefe, o senhor tem certe...

— Tenho. Apenas segure firme.

A escada tinha meia dúzia de degraus. Jack conseguiu segurar meus ombros até o terceiro, e àquela altura eu já estava no buraco até o peito. Ele me ofereceu a lanterna. Eu balancei a cabeça.

— Use para me iluminar.

— O senhor não entendeu. Não vai precisar da lanterna para isso, mas sim para *ela.*

Por um instante, eu continuei sem entender.

— Desenrosque a tampa da lente. Tire as pilhas. Coloque-a lá dentro. Eu descerei a água para o senhor.

Wireman nu sem alegria.

— Wireman gostou da ideia, *niño.* — Então, se inclinou para mim. — Agora vá. Piranha ou picanha, afogue essa boneca e vamos acabar logo com ela.

ix

O quarto degrau cedeu. A escada se inclinou para trás e eu caí com a lanterna ainda presa entre o meu coto e o lado do corpo, primeiro iluminando o céu que escurecia e, em seguida, pedaços de coral cobertos de limo. Minha cabeça bateu contra um deles e eu vi estrelas. Um segundo depois, estava deitado sobre uma cama irregular de ossos e encarando o sorriso eterno de Adriana Eastlake Paulson. Um daqueles sapos brancos saltou para cima de mim, vindo do meio dos seus dentes cheios de musgo e eu bati nele com o cilindro da lanterna.

— *Muchacho!* — gritou Wireman, e Jack acrescentou:

— Chefe, o senhor está bem?!

Sangue brotava do meu couro cabeludo — conseguia senti-lo escorrendo pelo meu rosto em filetes quentes —, mas eu achei que estava bem; certamente tinha passado por coisa pior na Terra dos Mil Lagos. E a escada, embora torta, ainda estava de pé. Olhei para a minha direita e lá estava o barril de Uísque de Mesa coberto de limo que eu viera de tão longe para encontrar. Àquela altura, não apenas um, mas dois sapos estavam em cima dele. Eles viram que eu estava olhando e saltaram na minha cara com os olhos esbugalhados e as bocas abertas. Não tive dúvidas que Perse quis que eles tivessem dentes, como o garotão de Elizabeth. Ah, os bons e velhos tempos.

— Estou bem — falei, batendo nos sapos para afastá-los e lutando para me sentar. Ossos quebraram debaixo de mim e ao meu redor. Só que... não. Eles não quebraram. Estavam velhos e molhados demais para quebrar. Primeiro entortaram, rebentando em seguida. — Desça a água para mim. Pode jogar a sacola com ela dentro, só tome cuidado para não acertar minha cabeça.

Eu olhei para Nan Melda.

Vou pegar seus braceletes de prata, falei para ela, *mas não é roubar. Se estiver por perto e conseguir ver o que eu estou fazendo, espero que pense nisso como se os tivesse compartilhando comigo. Passando-os adiante, por assim dizer.*

Eu os tirei dos seus restos mortais e coloquei-os no meu punho esquerdo, erguendo o braço e deixando a gravidade deslizá-los até o ponto em que ficariam presos. Lá em cima, Jack estava pendurado com a cabeça enfiada na cisterna.

— Cuidado, Edgar!

A sacola caiu. Um dos ossos que eu tinha quebrado na queda atravessou o plástico e água começou a pingar de dentro dele. Eu gritei de pavor e raiva e abri a sacola para conferir. Apenas uma garrafa tinha sido perfurada. As outras duas ainda estavam inteiras. Eu me virei para o barril de cerâmica coberto de musgo, enfiei a mão na crosta de limo que havia debaixo dele e tentei soltá-lo. Estava preso, porém a coisa que estava lá dentro tinha matado minha filha e eu não estava disposto a desistir. Finalmente, ele rolou na minha direção e, quando isso aconteceu, um pedaço de coral de tamanho considerável se soltou do outro lado do barril e caiu com um baque no fundo lamacento da cisterna.

Eu iluminei o barril com a lanterna. Havia apenas uma membrana fina de limo no lado que havia ficado contra a parede e eu conseguia ver o escocês com seu *kilt* e um pé erguido às suas costas enquanto ele dava seu pinote. Também conseguia ver uma rachadura irregular descendo pela lateral curvada do barril. O pedaço de coral que se soltara da parede tinha feito aquilo. O recipiente que Libbit havia enchido com água da piscina em 1927 estava vazando desde que aquela lasca de coral o atingira, e já estava quase vazio.

Dava para ouvir algo chacoalhando lá dentro.

Vou matá-lo se você não parar, mas, se parar, eu o deixarei ir. Você e seus amigos.

Senti meus lábios se esticarem para trás em um sorriso. E será que Pam tinha visto um sorriso como aquele quando minha mão se fechou em volta do seu pescoço? É claro que sim.

— Você não devia ter matado minha filha.

Pare agora, ou eu vou matar a outra também.

Ouvi Wireman chamar lá de cima e o desespero na sua voz era inconfundível.

— Vênus acabou de surgir, *amigo.* Para mim, isso é um mau sinal.

Eu estava sentado contra a parede úmida, com os corais pressionando minhas costas e ossos cutucando o lado do meu corpo. Tinha pouca mobilidade e, em algum outro país, meu quadril latejava forte — ainda não estava gritando, mas provavelmente começaria logo. Não fazia ideia de como iria subir a escada de volta naquelas condições, mas estava com raiva demais para me preocupar com aquilo.

— Perdão, srta. Cookie — murmurei para Adie, encaixando a parte de trás da lanterna na sua boca esquelética. Então, peguei o barril de cerâmica com as duas mãos... pois as duas estavam ali. Dobrei minha perna boa, empurrando ossos e lama para os dois lados com o salto da bota, levantei o barril até o facho de luz empoeirado e trouxe-o ao encontro de meu joelho erguido. Ele rachou novamente, derramando um pequeno dilúvio de água lamacenta, porém não quebrou.

Perse gritou dentro dele e eu senti meu nariz começar a sangrar. E a luz da lanterna mudou. Ela ficou *vermelha.* Sob aquele brilho escarlate, as caveiras de Adie Paulson e Nan Melda me encararam boquiabertas e sorriram. Eu olhei para as paredes cobertas de limo daquela garganta imunda para a qual eu descera por livre e espontânea vontade e vi outros rostos: o de Pam... o de Mary Ire, contorcido de fúria enquanto golpeava a cabeça de Ilse com a coronha de sua arma... o de Kamen, repleto de surpresa fatal enquanto ele caía no chão ao sofrer um ataque cardíaco fulminante... Tom, girando o volante do carro para arremessá-lo contra o concreto a mais de 100 quilômetros por hora.

E, o que era pior, eu vi Monica Goldstein gritando *O senhor matou meu cachorrinho!*

— Edgar, o que está acontecendo? — Era Jack, a mais de mil quilômetros de distância.

Eu pensei em Shark Puppy tocando na Bone, cantando “Dig”. Pensei na vez em que disse para Tom: *Aquele homem morreu na picape dele.*

Então me coloque no seu bolso e nós vamos juntos, disse ela. *Vamos navegar juntos rumo à sua* verdadeira *outra vida e todas as cidades do mundo ficarão aos seus pés. Você terá uma vida longa... posso garantir isso... e será o artista da sua era. Eles o colocarão no mesmo patamar que Goya. Que Leonardo.*

— Edgar? — Havia pânico na voz de Wireman. — Tem gente vindo da praia. Acho que consigo ouvi-los se aproximando. A coisa está feia, *muchacho.*

Você não precisa deles. Nós *não precisamos deles. Eles não passam de... não passam de* tripulação.

Não passam de tripulação. Quando ouvi aquilo, a raiva vermelha tomou conta da minha mente no mesmo instante em que minha mão direita começou a desaparecer novamente. No entanto, antes que ela pudesse sumir por completo... antes que eu pudesse largar de mão minha fúria e o maldito barril rachado...

— Enfia isso na sua amiga, sua piranha zurra — falei, voltando a erguer o barril sobre meu joelho dobrado e latejante. — Enfia na colega. — Eu o atirei para baixo o mais forte que pude sobre aquela articulação ossuda. Doeu, porém eu tinha me preparado para uma dor pior... e, no fim das contas, é geralmente assim que acontece, você não acha? — Enfia na porra da *chaleira.*

O barril não quebrou; como já estava rachado, ele simplesmente explodiu, enlameando meu jeans com os poucos centímetros de água que ainda havia lá dentro. Um pequeno bibelô de porcelana caiu: uma mulher envolvida em um manto com capuz. A mão que mantinha as duas pontas do manto juntas na altura do pescoço era, na verdade, uma garra. Eu ergui a estatueta. Não tinha tempo para analisá-la — eles já estavam vindo, eu não tinha dúvidas, para pegar Wireman e Jack mas aquilo foi o suficiente para eu ver que Perse era de uma beleza extraordinária. Isto é, se você conseguisse ignorar a mão em forma de garra e o indício perturbador de um terceiro olho debaixo do cabelo que caia de trás do capuz e sobre sua testa. A coisa também era extremamente delicada, quase translúcida. Só que, quando tentei parti-la em dois com as duas mãos, era como tentar quebrar aço.

— *Edgar!* — exclamou Jack.

— Mantenha-os longe daqui! — gritei com rispidez. — Vocês precisam mantê-los longe daqui!

Eu a enfiei no bolso da frente da minha camisa e senti imediatamente uma quentura nauseante começar a se espalhar pela minha pele. E ela *tamborilava.* Meu braço de magia negra, indigno de confiança, tinha sumido outra vez, de modo que eu enfiei a garrafa de água mineral entre o lado do corpo e o coto, desenroscando a tampa em seguida. Repeti esse processo desajeitado e lento com a outra garrafa.

Lá de cima, Wireman gritou com uma voz quase firme:

— Não se aproximem! A ponta deste arpão aqui é de prata! E eu vou usá-lo!

A resposta deles soou clara, mesmo do fundo da cisterna.

Você acha que vai conseguir recarregar com rapidez o suficiente para atirar em nós três?

— Não, Emery — retrucou Wireman. Ele falou como se estivesse se dirigindo a uma criança, sua voz totalmente firme dessa vez. Nunca o amei tanto quanto naquele momento. — Vou me contentar só com você.

Então, chegou a hora da parte difícil, da parte terrível.

Comecei a desenroscar a tampa da lanterna. Na segunda volta, a luz se apagou e eu fiquei na escuridão total. Deixei as pilhas caírem de dentro do cilindro de aço, então tateei em busca da primeira garrafa d'água. Meus dedos se fecharam ao redor dela e eu despejei seu conteúdo dentro do cilindro, contando apenas com o tato. Não fazia ideia de quanto caberia na lanterna, e achei que uma garrafa a encheria até a borda. Estava enganado. Eu estava estendendo a mão para apanhar a segunda quando a noite deve ter caído por completo sobre Duma Key. Digo isso porque foi nesse momento que o bibelô de porcelana no meu bolso ganhou vida.

x

Sempre que duvido dos últimos acontecimentos insanos na cisterna, tudo que preciso fazer é olhar para o engarrafamento de cicatrizes brancas no lado esquerdo do meu peito. Quem me visse nu, não conseguiria discerni-las; por conta do acidente, eu sou um mapa rodoviário de cicatrizes, de modo que aquele pequeno emaranhado branco tende a se perder entre as mais berrantes. Porém, elas foram feitas pelos dentes de uma boneca viva. Uma boneca que rasgou a dentadas minha camisa e pele até o músculo.

Que pretendia abrir caminho com os dentes até o meu coração.

xi

Eu quase derrubei a segunda garrafa d'água antes de conseguir pegá-la. Isso aconteceu em grande parte por surpresa, mas havia bastante dor envolvida também, e ela me fez gritar. Senti sangue fresco começar a correr, dessa vez descendo por dentro da minha camisa até a dobra entre o torso e a barriga. Ela se contorcia no meu bolso, se *debatia* nele enfiando os dentes em mim, mordendo, *dilacerando* e cavando cada vez mais fundo. Tive que arrancá-la, rasgando

um bom pedaço de camisa manchada de sangue e pele junto com ela. A estatueta tinha perdido sua textura macia e fria. Estava quente e retorcia-se na minha mão.

— *Venha!* — gritou Wireman lá de cima. — *Pode vir, se quiser um gostinho disso!*

Ela afundou seus dentes de porcelana minúsculos, afiados como agulhas, na carne fibrosa entre meu polegar e o indicador. Eu urrei. Ela poderia ter escapado naquele momento, apesar de toda minha fúria e determinação, porém os braceletes de Nan Melda deslizaram para baixo e eu consegui senti-la se encolher para longe deles, descendo mais pela palma da minha mão. Uma de suas pernas chegou a escorregar por entre meu dedo médio e o anular. Eu fechei a mão para que o bibelô ficasse preso entre meus dedos. Para que *ela* ficasse presa. Seus movimentos ficaram vagarosos. Não posso jurar que ela tenha sido tocada por um dos braceletes — a escuridão era total —, mas tenho quase certeza de que sim.

Lá de cima, veio o estampido surdo de ar comprimido do lança-arpão e, em seguida, um grito que pareceu atravessar meu cérebro como uma navalha. Debaixo daquele som — *atrás* dele —, pude ouvir Wireman gritando:

— Vá para trás de mim, Jack! Pegue um dos... — E então, mais nada, apenas o som dos gritos inarticulados dos meus amigos e a risada furiosa e sobrenatural de duas crianças mortas há tempos.

O cilindro da lanterna estava preso entre meus joelhos e eu sabia muito bem que qualquer coisa podia dar errado no escuro, especialmente para um homem de um braço só. Eu teria apenas uma chance. Neste tipo de condição, é melhor não hesitar.

Não! Pare! Não faça is...

Eu a joguei lá dentro e houve pelo menos um resultado imediato: acima de mim, as risadas furiosas das crianças se transformaram em gritos surpresos de horror. Então, eu ouvi Jack. Ele parecia histérico e a meio caminho da loucura, porém nunca fiquei tão feliz em ouvir a voz de alguém na vida.

— *É isso aí, é melhor correr mesmo! Antes que a porra do navio de vocês vá embora e deixe vocês para trás.*

No entanto, ainda me restava um problema delicado. Eu havia conseguido segurar a lanterna na mão que me restava, e ela estava lá dentro... mas a tampa estava comigo ali, em algum lugar, e eu não conseguia vê-la. E tampouco tinha outra mão para procurá-la.

— Wireman! — gritei. — Wireman, você está aí?

Depois de um instante longo o suficiente para primeiro semear quatro tipos diferentes de medo e então começar a cultivá-los, ele respondeu:

— Sim, *muchacho.* Ainda estou aqui.

— Está bem?

— Um deles me arranhou e é melhor eu desinfetar este corte, mas, fora isso, estou sim. Basicamente, acho que nós dois estamos.

— Jack, você pode descer aqui? Preciso de uma mãozinha. — E, então, sentado torto entre os ossos com um cilindro de lanterna cheio d'água erguido como a tocha da Estátua da Liberdade, eu comecei a rir.

Algumas coisas são tão verdadeiras que não tem outro jeito.

xii

Meus olhos tinham se ajustado o suficiente à escuridão a ponto de eu ver um vulto que parecia flutuar pela lateral da cisterna abaixo — Jack, descendo a escada. O cilindro da lanterna tamborilava na minha mão um tamborilar leve, porém inegável. Eu visualizei uma mulher se afogando em um tanque de aço estreito e afastei a imagem da minha mente. Aquilo era parecido demais com o que acontecera a Ilse e o monstro que eu havia aprisionado não tinha nada a ver com ela.

— Está faltando um degrau — falei. — Se não quiser morrer aqui abaixo, é melhor tomar bastante cuidado.

— Não posso morrer esta noite — disse Jack com uma voz fraca e trêmula que eu jamais teria identificado como sendo dele. — Tenho um encontro amanhã.

— Meus parabéns.

— Obriga...

Jack errou o degrau. A escada se inclinou. Por um momento, tive certeza de que ele iria cair em cima de mim, em cima da lanterna que eu segurava. A água seria derramada, *ela* seria derramada junto e teria sido tudo em vão.

— O que está acontecendo? — Wireman gritou acima de nós — *O que está acontecendo, porra?*

Jack se apoiou contra a parede, agarrando com uma das mãos um pedaço de coral que, por sorte, conseguiu achar no último segundo. Consegui ver suas pernas mergulharem até o próximo degrau intacto como um êmbolo e escutei um barulho saudável de tecido rasgando.

— *O que está acontecendo?* — quase rugiu Wireman.

— Jack Cantori rasgou as calças na bunda — falei. — Agora cale a boca por um minuto. Jack, você está quase chegando. Ela está na lanterna, mas eu não consigo pegar a tampa sem a outra mão. Você tem que descer e procurá-la. Pode pisar em mim, mas só não derrube a lanterna. Certo?

— Ce-certo. Meu Deus, Edgar, achei que eu fosse cair de bunda.

— Eu também. Desça agora. Mas devagar.

Ele desceu, primeiro pisando na minha coxa — o que doeu — e depois pousando o pé sobre uma das garrafas-d'água vazias. Ela estalou. Então, ele pisou em cima de algo que se quebrou com um estalo úmido, como uma matraca com defeito.

— Edgar, o que foi *isso?* — Ele parecia à beira das lágrimas. O que...

— Nada. — Eu estava quase certo de que havia sido a caveira de Adie. Ele bateu com o quadril na lanterna. Água gelada se derramou sobre o meu punho. Dentro do cilindro de metal, algo deu um solavanco e girou. Dentro da minha cabeça, um olho preto-esverdeado, da cor que a água assume logo antes de a profundidade sugar toda a luz, também girou. Ele fitou meus pensamentos mais secretos, aquele lugar em que a raiva supera a fúria e se torna homicídio.

Ele viu... e então *cravou os* dentes. Como uma mulher mordendo uma ameixa. Jamais me esquecerei da sensação.

— Olhe por onde anda, Jack; o espaço é pouco. Como em um submarino em miniatura. Tome o máximo de cuidado possível.

— Estou surtando, chefe. Sentindo um pouco de claustrofobia.

— Respire fundo. Você vai conseguir. Já vamos sair daqui. Você tem fósforos?

Ele não tinha. Nem um isqueiro. Jack poderia não ser contra seis cervejas em uma noite de sábado, porém seus pulmões eram livres de tabaco. Portanto, seguiram-se alguns minutos dignos de um pesadelo segundo Wireman, não mais do que quatro, embora tenham me parecido no mínimo trinta —, durante os quais Jack se ajoelhou, tateou em meio aos ossos, levantou-se, se ajoelhou novamente e tateou uma segunda vez. Meu braço estava ficando cansado. Minha mão estava ficando dormente. Sangue continuava a escorrer das feridas no meu peito, ou porque elas estavam demorando a cicatrizar, ou porque não estavam nem mesmo cicatrizando. No entanto, minha mão era o pior. Ela estava ficando totalmente insensível e logo eu começaria a achar que não estava mais segurando lanterna alguma, pois não conseguia vê-la e estava perdendo a sensação dela contra minha pele. O peso que ela exercia na minha mão fora engolido pelo latejar cansado dos meus músculos. Eu tive que lutar contra a vontade de raspar o cilindro de metal contra um dos lados da cisterna para me certificar de que ela ainda estava na minha mão, mesmo sabendo que, se fizesse aquilo, poderia deixá-la cair. Comecei a pensar que a tampa deveria ter se perdido no labirinto de ossos e fragmentos de ossos e que Jack jamais a encontraria sem a ajuda de uma luz.

— O que está acontecendo? — gritou Wireman.

— Estamos quase lá! — gritei de volta. Sangue pingou no meu olho esquerdo, ardeu e eu pisquei para tirá-lo de dentro dele. Tentei pensar em Illy, na minha Garotinha Crescida, e percebi, apavorado, que não conseguia me lembrar do seu rosto. — Um pequeno impreciso, um pequeno contrassenso, estamos resolvendo.

— O quê?

— *Imprevisto!* Um pequeno imprevisto, um pequeno contratempo! Porra, Wearman , você é surdo?

A lanterna estava se inclinando? Eu temia que sim. Água poderia estar escorrendo pela minha mão e ela talvez já estivesse dormente demais para eu sentir. Por outro lado, se o cilindro *não* estivesse se inclinando, tentar endireitá-lo poderia piorar a situação.

Se a água estiver transbordando, a cabeça dela emergirá novamente em uma questão de segundos. E então, tudo estará acabado. Você sabe disso não sabe?

Eu sabia. Fiquei sentado no escuro com o braço erguido, com medo de fazer qualquer coisa. Sangrando e esperando. A noção de tempo tinha sido suspensa e a memória não passava de um fantasma.

— Achei — disse Jack finalmente. — Ela está presa nas costelas de alguém. Espere...

pronto.

— Graças a Deus — falei. — Graças a Cristo. — Eu conseguia vê-lo diante de mim, um vulto opaco com um joelho entre minhas pernas dobradas de qualquer jeito, plantado sobre o emaranhado de ossos desconjuntados que algum dia fizera parte da filha mais velha de John Eastlake. Eu estendi o cilindro da lanterna. — Enrosque a tampa. Com cuidado, porque eu não vou conseguir segurá-la direito por muito tempo.

— Por sorte — disse ele —, eu tenho duas mãos. — Então, colocou uma delas sobre a minha, firmando a lanterna cheia d'água enquanto começava a enroscar a tampa de volta. Ele parou apenas uma vez, para me perguntar por que eu estava chorando.

— De alívio — falei. — Vamos. Termine. Rápido.

Quando ele acabou, eu peguei a lanterna tampada das suas mãos. Ela parecia menos pesada do que com as pilhas grandes, mas isso não me importava. Para mim, o importante era me certificar de que a tampa estava bem fechada. Parecia estar. Mandei Jack pedir para Wireman conferir novamente quando ele voltasse lá para cima.

— Deixe comigo — disse ele. E tente não quebrar mais nenhum degrau. Vou precisar de todos eles.

— Passe pelo quebrado, Edgar, que nós puxamos o senhor pelo resto do caminho.

— O.k., eu não vou contar pra ninguém que você rasgou sua calça na bunda.

Ele riu ao ouvir aquilo. Fiquei observando seu vulto subir a escada, dando um passo largo para saltar o degrau quebrado. Tive um momento de dúvida acompanhado por uma visão terrível de mãozinhas de porcelana desenroscando a tampa da lanterna por dentro — sim, mesmo tendo certeza de que a água doce a imobilizara —, mas Jack não gritou ou despencou de volta e o momento passou. Havia um círculo de escuridão menos profunda acima da minha cabeça e, algum tempo depois, ele o alcançou.

Quando já estava fora do buraco, Wireman gritou:

— Agora é a sua vez, *muchacho.*

— Só um minuto — falei. — Suas namoradas já foram embora?

— Fugiram. Acho que acabou a folga em terra firme. Suba.

Eu repeti:

— Só um minuto.

Recostei a cabeça nos corais cobertos de limo, fechei os olhos e estendi a mão. Continuei estendendo-a até tocar algo macio e redondo. Então, meus dois primeiros dedos penetraram em uma reentrância que era quase sem dúvida uma órbita ocular. E, uma vez que eu tinha certeza de que Jack esmagara a caveira de Adriana...

Está tudo terminando da melhor forma que esta ilha permite, falei para Nan Melda. *E esta sepultura não é grande coisa, mas talvez você não fique muito mais tempo nela, minha querida.*

— Posso ficar com os seus braceletes? Pode haver mais coisas a fazer.

Sim. Eu temia que algo mais estivesse me aguardando.

— Edgar? — Wireman soava preocupado. — Com quem você está falando?

— Com a pessoa que a derrotou de verdade — respondi.

E, uma vez que a pessoa que a derrotou de verdade não me disse que gostaria de ter seus braceletes de volta, eu continuei com eles e comecei a tarefa lenta e dolorosa de me levantar. Fragmentos de ossos deslocados e pedaços de cerâmica incrustada de musgo caíram em volta

dos meus pés. Meu joelho esquerdo — o que ainda era bom — me pareceu inchado e tenso contra o tecido rasgado da calça. Minha cabeça latejava e meu peito estava em chamas. A escada parecia ter mais de um quilômetro de altura, porém eu conseguia ver os vultos de Jack e Wireman pendendo sobre a borda da cisterna, esperando para me agarrar quando e *se* eu conseguisse içar a mim mesmo a ponto de eles me alcançarem.

Eu pensei: *Hoje à noite, a lua está em quarto crescente e eu não vou conseguir vê-la enquanto não sair deste buraco.* Então, comecei a subir.

xiii

A lua surgira gorda e amarela sobre o horizonte oriental, irradiando seu brilho sobre a selva vicejante que subjugava a região sul da ilha e iluminando a ala leste da mansão arruinada de John Eastlake, na qual ele um dia vivera com sua governanta e seis filhas. E onde imagino que tenha sido feliz o bastante, até Libbit cair da carrocinha e as coisas mudarem.

Ela também iluminava o esqueleto velho e incrustado de corais sobre o colchão de trepadeiras pisoteadas que Jack e Wireman haviam desenraizado para liberar a tampa da cisterna. Ao olhar para os restos mortais de Emery Paulson, um trecho de Shakespeare dos meus tempos de escola me veio à cabeça, e eu o recitei em voz alta: “Teu pai repousa a trinta pés... são pérolas o que vês no lugar de seus olhos.”

Jack estremeceu bruscamente, como se tivesse sido atingido por uma rajada de vento úmido. Ele chegou a abraçar o próprio corpo. Dessa vez, tinha entendido.

Wireman se abaixou e pegou um braço fino. Ele se quebrou em três silenciosamente. Emery Paulson tinha passado muito, muito tempo no *caldo.* Um arpão se projetava das suas costelas, que formavam uma harpa incrustada de conchas. Wireman o apanhou, tendo que arrancar a ponta do chão para tanto.

— Como você conseguiu manter as Gêmeas do Inferno longe com o lança-arpão descarregado? — perguntei.

Wireman brandiu o arpão que empunhava como uma adaga.

Jack assentiu.

— Isso aí. Eu apanhei um do cinto dele e fiz o mesmo. Mas não sei quanto teria adiantado no longo prazo... elas pareciam cachorros loucos.

Wireman colocou o arpão com ponta de prata que havia usado em Emery de volta no seu cinto.

— Por falar em longo prazo, talvez devêssemos pensar em outro recipiente para armazenar sua nova boneca. O que você acha, Edgar?

Ele tinha razão. De certa forma, não conseguia imaginar Perse passando os próximos oitenta anos no cilindro de uma lanterna Garrity. Eu já me perguntava qual a finura da divisória entre o compartimento das pilhas e o suporte da lente. E quanto à pedra que havia caído da parede da cisterna e rachado o barril de Uísque de Mesa? Teria sido aquilo um acidente... ou a vitória final do espírito sobre a matéria após anos de esforço paciente? A versão de Perse de abrir um túnel na parede da sua cela com um cabo de colher afiado.

Ainda assim, a lanterna tinha servido ao seu propósito. Deus abençoe a mente prática de Jack Cantori. Não, isso era mesquinho demais. Deus abençoe *Jack.*

— Tem um cara que trabalha com prata sob encomenda em Sarasota — disse Wireman. — *Mexicano muy talentoso.* A srta. Eastlake tem, quero dizer, tinha algumas peças dele. Aposto que eu poderia pedir para ele fazer um tubo hermeticamente fechado grande o bastante para colocar a lanterna dentro. Isso nos daria o que as companhias de seguro chamam de dupla garantia. Vai sair caro, mas e daí? Salvo problemas com a validação do testamento, eu serei um homem extremamente rico. Dessa vez, eu dei sorte, *muchacho.*

— *La loteria* — falei sem pensar.

— *Sí* — disse ele. — *La maldita loteria.* Vamos, Jack. Me ajude a jogar Emery na cisterna.

Jack fez uma careta.

— O.k., mas... não quero encostar nele.

— Eu ajudo — falei. — Você segura a lanterna. Wireman? Vamos nessa.

Nós dois rolamos Emery até o buraco, então atiramos os pedaços do seu esqueleto, que se partiram lá dentro — ou o máximo que conseguimos encontrar deles. Ainda me lembro do seu sorriso pétreo de coral enquanto ele caía na escuridão para se juntar à sua noiva. E, as vezes, ainda sonho com ele, é claro. Nesses sonhos, eu ouço Adie e Em me chamando de dentro das trevas, perguntando se eu não gostaria de descer e me juntar a eles. E, às vezes, é o que faço. Às vezes, eu me atiro naquela garganta escura e fedorenta só para dar um fim às minhas lembranças.

São esses os sonhos dos quais eu acordo aos gritos, esmurrando as trevas com minha mão que não está mais ali.

Wireman e Jack colocaram a tampa de volta e então nós retornamos para o Mercedes de Elizabeth. Foi uma caminhada longa e penosa, e ao final dela eu já não estava mais andando, mas sim cambaleando para a frente. Era como se o relógio tivesse recuado para outubro do ano anterior. Eu já estava pensando nos poucos comprimidos de oxicodona que esperavam por mim no Casarão Rosa. Decidi que iria tomar três deles. Três fariam mais do que acabar com a dor; com sorte, também me colocariam para dormir pelo menos por algumas horas.

Meus dois amigos perguntaram se eu não queria me apoiar neles com o braço. Eu me recusei. Aquela não seria minha última caminhada naquela noite; já havia me decidido quanto àquilo. Ainda me faltava a última peça do quebra-cabeça, porém eu tinha um palpite. O que Elizabeth dissera a Wireman? *Você vai querer, mas deve resistir.*

Tarde demais, tarde demais, tarde demais.

A ideia não estava clara. O que estava claro era o som das conchas. Dava para ouvi-lo de qualquer lugar dentro do Casarão Rosa, porém, para conseguir o efeito completo, você precisava se aproximar de onde elas estavam pelo lado de fora. Era ali que ele se parecia mais com vozes. Eu desperdiçara tantas noites pintando, quando deveria ter ficado ouvindo.

Naquela noite, eu ficaria ouvindo.

Wireman parou diante das colunas.

— “Abyssus abyssum invocat” — disse ele.

— Inferno invoca inferno — falou Jack, dando um suspiro.

Wireman olhou para mim.

— Você acha que teremos algum problema na viagem de volta para casa?

— Agora? Não.

— E já terminamos por aqui?

— Já.

— Voltaremos para cá algum dia?

— Não — falei, olhando para a casa arruinada, que sonhava sob o luar. Seus segredos

estavam à mostra. Eu notei que tínhamos deixado a caixa em formato de coração de Libbit para trás, mas talvez fosse melhor assim. Deixe-a ficar ali. — Ninguém jamais virá aqui novamente.

Jack olhou para mim, curioso e um pouco assustado.

— Como o senhor pode saber disso?

— Eu sei — respondi.

21 - As conchas sob o luar

i

Não tivemos problemas na viagem de volta para casa. O cheiro ainda estava lá, mas já não parecia tão ruim — em parte porque o vento estava ficando mais forte, soprando da direção do golfo, e em parte porque simplesmente... já não parecia tão ruim.

As luzes do pátio do *Palacio* estavam programadas para acender sozinhas e nos pareceram maravilhosas, cintilando em meio à escuridão. Dentro da casa, Wireman percorreu metodicamente todos os cômodos, acendendo mais luzes. Acendendo *todas* as luzes, até a casa na qual Elizabeth passara a maior parte da sua vida brilhar como um transatlântico ancorando à meia-noite.

Quando *El Palacio* estava iluminado ao máximo, nos revezamos no chuveiro, passando a lanterna cheia d'água de mão em mão durante o processo. Havia alguém a segurando o tempo todo. Wireman foi primeiro, depois Jack e, finalmente, eu. Depois de tomarmos banho, cada um de nós foi inspecionado pelos outros dois, que passavam água oxigenada em qualquer ferida que o outro tivesse. Eu era o pior dos três, e quando, finalmente, vesti minhas roupas de novo estava ardendo da cabeça aos pés.

Estava terminando de calçar minhas botas, brigando para amarrar os cadarços com uma mão só, quando Wireman entrou no quarto de hóspedes com uma expressão grave.

— Tem uma mensagem que você precisa ouvir na secretária eletrônica lá de baixo. Da polícia de Tampa. Espere, deixe-me ajudá-lo.

Ele se apoiou em um joelho só na minha frente e começou a apertar os cadarços. Eu notei, sem surpresa alguma, que havia mais fios brancos no seu cabelo... e, de repente, um susto me atravessou como um raio. Eu estendi a mão e agarrei seu ombro musculoso. — A lanterna! Jack está...

— Relaxe. Ele está sentado no antigo Salão de Porcelanas da srta. Eastlake com ela no colo.

Eu saí correndo de qualquer maneira. Não sabia o que esperava encontrar — o salão vazio, a lanterna desenroscada caída sobre o tapete em cima de uma poça de umidade, talvez, ou Jack travestido na piranha de três olhos com garras que caíra de dentro do velho barril rachado —, porém ele estava apenas sentado ali com a lanterna, com uma aparência perturbada. Perguntei se ele estava bem. Então dei uma boa olhada nos seus olhos. Se Jack estivesse ficando... ruim... achei que conseguiria ver neles.

— Estou. Mas aquela mensagem do policial... — Ele balançou a cabeça.

— Bem, vamos ouvi-la.

Um homem que se identificou como detetive Samson disse que estava tentando entrar em contato tanto com Edgar Freemantle quanto com Jerome Wireman para fazer perguntas sobre Mary Ire. Ele queria falar especialmente com o sr. Freemantle, se ele não tivesse partido para Rhode Island ou Minnesota — para onde, Samson fora informado, o corpo de sua filha estava sendo transportado para o funeral.

— Tenho certeza de que o sr. Freemantle está de luto — disse Samson — e sei também que, na verdade, é o Departamento de Polícia de Providence que deve fazer essas perguntas, mas sabemos que o sr. Freemantle deu uma entrevista para Ire recentemente e eu me ofereci a falar com ele e com o senhor, sr. Wireman, se possível. Posso lhe contar por telefone qual a maior curiosidade da polícia de Providence, se essa fita não acabar antes... — Ela não acabou. E a última peça do quebra-cabeça se encaixou.

ii

— Edgar, isso é uma loucura — disse Jack. Era a terceira vez que ele falava aquilo e estava começando a soar desesperado. — Uma loucura total. — Ele se voltou para Wireman. — Fale para ele!

— *Un poco loco* — concordou Wireman, porém eu sabia a diferença entre *poco* e *muy,* mesmo que Jack não soubesse.

Estávamos parados no pátio, entre o sedã de Jack e o Mercedes antigo de Elizabeth. A lua subira mais alto no céu; o vento estava mais forte. As ondas golpeavam o litoral e, a mais de um quilômetro de distância, as conchas sob o Casarão Rosa estariam discutindo toda sorte de coisas estranhas: *muy asustador.*

— Mas acho que eu poderia falar a noite inteira sem conseguir fazer você mudar de ideia.

— Porque sabe que eu estou certo — falei.

— *Tu perdón, amigo,* você *talvez* esteja certo — disse ele. — Mas vou lhe falar uma coisa: Wireman está disposto a pôr seus joelhos gordos e velhos no chão e rezar para que esteja mesmo.

Jack olhou para a lanterna na minha mão.

— Pelo menos não leve *isso* — disse ele. — Perdoe o meu linguajar, chefe, mas o senhor está com merda na cabeça se pretende levar esse negócio.

— Eu sei o que estou fazendo — falei, rezando para que aquilo fosse verdade. — E fiquem aqui, vocês dois. Não tentem me seguir. — Eu ergui a lanterna e a apontei para Wireman. — Me dê sua palavra de honra.

— Está certo, Edgar. Minha honra está em frangalhos, mas eu posso jurar. Uma pergunta prática: tem certeza de que dois Tylenol bastam para você conseguir chegar até a sua casa em pé, ou vai terminar o percurso na base do passo de crocodilo?

— Eu vou chegar lá em pé.

— E me ligue quando isso acontecer.

— Pode deixar.

Então, Wireman abriu os braços e eu andei na direção deles. Ele me beijou nas duas bochechas.

— Eu te amo, Edgar — disse ele. — Você é um homem e tanto. *Sano como una manzana.*

— O que significa essa?

Ele deu de ombros.

— Continue saudável. Eu acho.

Jack me ofereceu sua mão — a esquerda, o garoto aprendia rápido e então decidiu que a situação pedia um abraço, no fim das contas. No meu ouvido, ele sussurrou:

— Me dê a lanterna, chefe.

No dele, eu sussurrei de volta:

— Não posso, desculpe.

Comecei a descer o caminho até os fundos da casa, o que me levaria à passarela de madeira. No final daquela passarela, mais ou menos uns mil anos atrás, eu conhecera o homem que estava deixando para trás. Ele estava sentado sob um guarda-sol listrado. Ofereceu-me chá-verde gelado, muito refrescante. E disse: *Então, eis que finalmente chega o estranho manquejante.*

E agora, eis que ele se vai, pensei.

Eu me virei para trás. Eles estavam me observando.

Achei que ele fosse me chamar de volta para que eu pudesse pensar um pouco mais no assunto, discuti-lo um pouco mais. No entanto, eu o havia subestimado.

— *Vaya con Dios, mi hombre.*

Eu lhe dei um último aceno e contornei a quina da casa.

iii

Então, eu fiz minha última Grande Caminhada pela Praia, mancando tanto e sentindo tanta dor

quanto durante as primeiras que fizera naquele litoral repleto de conchas. Contudo, aquelas tinham sido sob a luz rosada do começo da manhã, quando o mundo estava o mais inerte possível e os únicos movimentos eram o marulho suave das ondas e as nuvens marrons de bisbilhoteiros que fugiam diante de mim. Esta era diferente. Naquela noite, o vento rugia e as ondas estavam enfurecidas: não pousavam sobre o litoral, cometiam suicídio nele. Os vagalhões mais distantes estavam pintados de cromo e pensei diversas vezes ter visto o *Perse* com o canto do olho, mas, sempre que me virava para olhar, não encontrava nada. Naquela noite, não havia nada na minha parte do golfo além do luar.

Eu segui em frente, cambaleante, com a mão fechada em volta da lanterna, pensando no dia em que caminhara ali com Ilse. Ela me perguntara se aquele era o lugar mais bonito do mundo e eu lhe garantira que não, que havia pelo menos outros três mais bonitos... mas não me lembrava quais tinha lhe dado como exemplo, apenas que seus nomes eram complicados. Minha lembrança mais clara era a dela falando que eu merecia um lugar bonito e tempo para descansar. Para curar minhas feridas.

Foi neste instante que lágrimas começaram a escorrer dos meus olhos, e eu não as impedi. Estava com a lanterna na mão que poderia ter usado para secá-las, então simplesmente deixei que escorressem.

iv

Eu escutei o Casarão Rosa antes de vê-lo de fato. O barulho das conchas sob a casa nunca havia soado tão alto. Andei um pouco mais para a frente, então me detive. Ela estava bem na minha frente, um vulto negro que encobria as estrelas. Depois de mais quarenta ou cinquenta passos lentos e claudicantes, o brilho da lua começou a revelar seus detalhes. Todas as luzes estavam apagadas, mesmo as que eu quase sempre deixava acesas na cozinha e no solário. Poderia ter sido uma queda de luz causada pelo vento, mas eu duvidava que fosse isso

Percebi que as conchas falavam com uma voz que me era familiar. Não poderia ser de outra forma; era a minha. Terei eu sabido disso desde o início? Imagino que sim. Em algum nível de consciência, a não ser que estejamos loucos, acho que a maioria de nós conhece as diversas vozes da nossa própria imaginação.

E das nossas memórias, é claro. Elas também possuem vozes. Pergunte a qualquer pessoa que tenha perdido um membro, um filho ou um sonho longamente cultivado. Pergunte a qualquer pessoa que culpe a si mesma por uma decisão errada, muitas vezes tomada em um momento de dor (um momento que é, com grande frequência, *vermelho)*. Nossas memórias também possuem vozes. Normalmente, elas são tristes e clamam como mãos erguidas no escuro.

Eu continuei andando, deixando um rastro às minhas costas que incluíam as marcas de um pé arrastado. O vulto escurecido do Casarão Rosa se aproximou mais. Ele não estava em ruínas como o Heron’s Roost, porém, naquela noite, estava assombrado. Naquela noite, um fantasma me esperava. Ou talvez algo um pouco mais sólido.

Senti uma rajada de vento e olhei para a esquerda, de onde ele soprava com força. O navio estava lá, sem dúvida, escuro e silencioso, suas velas apenas farrapos esvoaçantes, aguardando.

Talvez seja melhor ir, disseram as conchas enquanto eu ficava parado sob o luar, a menos de 20 metros da minha casa. *Apagar o quadro-negro — o que é bem possível, ninguém sabe disso melhor do que você — e simplesmente sair navegando. Deixar a tristeza para trás. Se você quiser jogar, precisa pagar. E a melhor parte?*

— A melhor parte é que não preciso ir sozinho — falei.

O vento soprou forte novamente. As conchas murmuraram. E, da escuridão sob a casa, onde aquela cama de ossos jazia a 2 metros de profundidade, uma sombra mais escura se libertou, adentrando o luar. Ficou agachada por um instante, como se refletisse, e então começou a vir na minha direção.

Ela começou a vir na minha direção. Mas não Perse. Perse tinha sido afogada e estava dormindo.

Ilse.

v

Ela não andou; eu não esperava que fosse capaz disso. Ela cambaleou para a frente. Era um milagre — um milagre sombrio — que conseguisse ao menos se mover.

Depois daquele último telefonema de Pam (não dava para chamar aquilo de conversa exatamente), eu tinha saído pela porta dos fundos do Casarão Rosa e quebrado o cabo da vassoura que usava para varrer areia da passarela que conduzia à caixa de correio. Então, dera a volta até a praia, lá onde a areia ficava molhada e reluzente. Não me lembrava do que aconteceu depois disso, porque não queria me lembrar. Obviamente. Porém, naquele instante, eu me lembrava, precisava me lembrar, pois minha obra estava diante de mim. Ela era e não era Ilse. Seu rosto estava lá, então ficava embaçado e desaparecia. Sua forma estava lá, então perdia a consistência para depois ganhar corpo novamente. Pedacinhos de aveias-do-mar mortas e fragmentos de conchas caíam das suas faces, do seu peito, quadril e pernas à medida que ela andava. O brilho da lua revelou um olho desoladoramente claro, desoladoramente *dela.* Ele desapareceu em seguida, apenas para reaparecer novamente, cintilando sob o luar.

A Ilse que cambaleava na minha direção era feita de areia.

— Papai — disse ela. Sua voz era seca e algo áspera, como se em algum lugar houvesse conchas agarradas dentro dela. Eu imaginei que houvesse, de fato.

Você vai querer, mas deve resistir, dissera Elizabeth... porém, às vezes não conseguimos evitar.

A garota de areia estendeu o braço. O vento soprou forte, embaçando os dedos na ponta da sua mão à medida que grãos finos de areia se soltavam deles, afinando -os ate os ossos.

Mais areia veio subindo com um som agudo ao seu redor e a mão ganhou corpo novamente. Seus traços oscilavam como uma paisagem sob nuvens ligeiras de verão. Era fascinante... hipnótico.

— Me dê a lanterna — disse ela. — Então nós poderemos embarcar juntos. No navio, eu posso ser como o senhor se lembra de mim. Ou... o senhor pode não se lembrar de nada, se quiser.

As ondas continuavam sua marcha. Sob as estrelas, elas chegavam rugindo ao litoral, uma depois da outra. Sob o luar. Debaixo do Casarão Rosa, as conchas falavam alto: minha voz, discutindo comigo mesmo. Traz a amiga. Eu ganho. Senta na colega. Você ganha. À minha frente, uma Ilse feita de areia, uma huri sob o brilho de uma lua em quarto crescente, seus traços se modificando a cada segundo. Em um instante, era Illy aos 9 anos de idade; no seguinte, era Illy aos 15, saindo de casa para o seu primeiro encontro de verdade; em um terceiro, era Illy da maneira como estava ao sair do avião em dezembro, a Illy universitária com um anel de noivado no dedo. Lá estava a filha que eu sempre amara mais — e não tinha sido por isso que Perse a havia matado? —- corn a mão estendida, pedindo a lanterna. Ela era meu bilhete de embarque para um longo cruzeiro por mares de esquecimento. É claro que essa parte poderia ser mentira... mas, às vezes, temos que arriscar. E é o que geralmente fazemos. Como diz Wireman, nós nos enganamos tanto, que poderíamos viver disso.

— Mary trouxe sal junto com ela — falei. — Sacos e sacos de sal. Ela o despejou na banheira. A polícia quer saber por quê. Só que eles nunca acreditarão na verdade, não é mesmo?

Ela ficou parada diante de mim, com as ondas trovejantes às suas costas. Parada, enquanto o vento desfazia seu corpo e a areia ao seu redor e sob seus pés o reconstruía. E ali permaneceu sem dizer nada, apenas com a braço estendido na direção do que tinha vindo buscar.

— Desenhar você na areia não foi o suficiente. Até Mary afogar você não foi o suficiente. Ela teve que afogar você em água salgada. — Olhei para a lanterna. — Perse falou para ela como fazer. Do meu desenho.

— Me dê a lanterna, papai — disse a garota de areia em constante mutação. Sua mão ainda estava estendida. Embora, à medida que o vento soprava, ela às vezes se tornasse uma garra. Mesmo com a areia da praia subindo para alimentá-la e mantê-la roliça, ela às vezes se tornava uma garra. — Me dê a lanterna para nós podermos ir.

Eu suspirei. Algumas coisas são inevitáveis, afinal.

— Tudo bem. — Dei um passo na sua direção. Outro dos ditados de Wireman me veio à cabeça: *no fim das contas, nós vencemos nossas preocupações pelo cansaço.* — Tudo bem, srta. Cookie, mas com uma condição.

— Qual condição? — Sua voz era como areia batendo contra uma janela. Como o raspar das conchas. No entanto, também era o som da voz de Ilse. Da minha Garotinha Crescida.

— Apenas um beijo — falei —, enquanto ainda estou vivo para senti-lo. — Eu sorri. Meus lábios estavam dormentes e eu não conseguia senti-los, porém senti os músculos ao redor deles se esticando. Só um pouco. — Imagino que ele terá gosto de areia, mas vou fingir que você estava brincando na praia. Fazendo castelos.

— Tudo bem, papai.

Ela se aproximou — não andando, mas movendo-se com um gingado cambaleante e estranho — e, de perto, a ilusão desmoronou por completo. Era como colar uma pintura aos olhos e observar a cena — retratos, paisagem ou natureza-morta — se desfazer em meras pinceladas de tinta, a maioria com a marca do pincel ainda incrustada. Os traços de Ilse desapareceram. O que eu vi no lugar *deles* foi apenas um ciclone de areia furioso e pedacinhos de conchas. O cheiro que senti não foi o de pele e cabelos, mas apenas o de água salgada.

Braços pálidos se estenderam para me agarrar. Membranas de areia eram sopradas deles como fumaça pelo vento. O luar os atravessava. Eu ergui a lanterna. Ela era curta. E seu cilindro era de plástico em vez de aço inoxidável.

— Mas é melhor você dar uma olhada nisto aqui antes de sair dando beijos — falei. — Ela saiu do porta-luvas do carro de Jack Cantori. A que tinha Perse dentro está trancada no cofre de Elizabeth.

A coisa ficou paralisada e, logo em seguida, o vento do golfo arrancou seu último vestígio de humanidade. Naquele instante, o que eu enfrentava era apenas um demônio de areia rodopiante. Ainda assim, eu não me arrisquei; tinha sido um longo dia e eu não pretendia correr riscos, especialmente se minha filha estivesse em algum... bem, em algum outro lugar... esperando a hora de descansar para sempre. Girei o braço o mais forte possível, com a lanterna presa no meu punho cerrado e os braceletes de prata de Nan Melda deslizando até o pulso. Eu os limpara com esmero na pia da cozinha do *Palacio* e eles tilintaram.

Estava com um dos arpões com ponta de prata preso no cinto, atrás do lado esquerdo do

meu quadril — só para garantir —, mas não precisei dele. O demônio de areia explodiu para fora e para cima. Um grito de fúria e dor atravessou minha cabeça. Graças a Deus ele foi breve, ou acho que teria me rasgado em dois. Então, restou apenas o som das conchas sob o Casarão Rosa e o brilho um pouco menos intenso das estrelas sobre as dunas à minha direita, à medida que o resto da areia era soprado em um turbilhão desordenado. O golfo estava vazio novamente, exceto pelos vagalhões iluminados pelo luar, marchando em direção ao litoral. O *Perse* sumira, como se nunca tivesse estado ali.

Toda força abandonou minhas pernas e eu caí sentado no chão. Talvez acabasse fazendo o passo do crocodilo pelo resto do caminho, no fim das contas. Se chegasse a tanto, o Casarão Rosa não estava distante. Naquele momento, achei melhor ficar apenas sentado ali, escutando as conchas. Descansando um pouco. Depois, talvez conseguisse me levantar, caminhar aqueles cerca de 20 metros, entrar na casa e telefonar pata Wireman. Dizer a ele que estava tudo bem. Dizer que estava acabado e que Jack poderia vir me buscar.

No entanto, por ora eu ficaria apenas ali, escutando as conchas, que já não pareciam estar falando com a minha voz ou com a de nenhuma outra pessoa. Por ora, eu ficaria apenas sentado ali, sozinho na areia, olhando para o golfo e pensando na minha filha, Ilse Marie Freemantle, que pesava 2 quilos e 90 gramas quando nasceu; cuja primeira palavra foi *au-au;* que certa vez trouxe para casa um balão marrom enorme desenhado a lápis de cera em um pedaço de cartolina, gritando empolgada: “Eu fiz um retraço seu, papai!”

Ilse Marie Freemantle.

Eu me lembro bem dela.

22 – Junho

i

Eu pilotei o esquife até o meio do lago Phalen e desliguei o motor. O vento nos levou até a pequena bandeira laranja que eu havia deixado ali. Alguns barcos de passeio zuniam de um lado para outro na superfície do lago lisa como vidro, mas nenhum veleiro; o dia estava perfeitamente tranquilo. Havia algumas crianças no parquinho, algumas pessoas na área para piqueniques e poucas outras na trilha mais próxima que contornava a água. No geral, para um lago que ficava dentro dos limites da cidade, ele estava quase vazio.

Wireman — parecendo estranhamente o avesso da Flórida com um chapéu de pescador e um suéter dos Vikings — comentou aquilo.

— As férias escolares ainda não começaram — falei. — Daqui a algumas semanas vão ter barcos zunindo por toda parte.

Ele pareceu receoso.

— Então você tem certeza de que esse é o lugar certo para ela, *mu-chacho?* Quero dizer, e se um pescador jogar uma rede e a trouxer...

— Redes são proibidas no lago Phalen — falei. — E quase ninguém pesca aqui. Este lago é mais para barcos de passeio. E banhistas, que não saem de perto das margens.

Eu me abaixei para pegar o cilindro que o prateiro de Sarasota havia feito. Ele tinha 90 centímetros de comprimento com uma tampa de rosca em uma das pontas. Estava cheio de água doce, e a lanterna cheia d'água estava dentro dele. Perse estava aprisionada por uma camada dupla de escuridão e adormecida sob dois cobertores de água doce. Em breve, estaria dormindo em uma profundeza ainda maior.

— É uma peça bonita — falei.

— É, sim — concordou Wireman, observando o sol da tarde se refletir no cilindro quando eu o girei na minha mão. — E não tem nada nele em que um gancho possa ficar preso. Embora eu ainda fosse ficar mais tranquilo se nós o jogássemos em um lago perto da fronteira com o Canadá.

— Onde alguém poderia *mesmo* aparecer com uma rede de pescar falei. — Escondido a olhos vistos; essa é uma boa tática. Três moças em um barco de passeio passaram zunindo por nós. Elas acenaram. Nós acenamos de volta. Uma delas gritou "*Agente adora homens bonitos!",* e as três riram.

Wireman as cumprimentou com o chapéu, sorrindo, então olhou de volta para mim.

— Qual é a profundidade aqui? Você sabe? Aquela bandeirinha laranja indica que sim.

— Bem, já vou lhe dizer. Eu fiz uma pequena pesquisa sobre o lago Phalen, provavelmente atrasada, uma vez que Pam e eu temos a casa da Aster Lane há uns 25 anos. A profundidade média é de 27,7 metros... exceto aqui, onde existe uma fissura.

Wireman relaxou e puxou um pouco seu boné de cima da testa.

— Ah, Edgar. Wireman acha que você ainda é *el zorro*... a raposa.

— Talvez *sí,* talvez *no,* mas nós temos 115 metros de água debaixo daquela bandeirinha laranja. No mínimo. O que é bem melhor do que uma cisterna de 3,5 metros cavada em um banco de corais às margens do golfo do México.

— Amém.

— Você parece bem, Wireman. Descansado.

Ele encolheu os ombros.

— O Gulfstream é a melhor maneira de voar. Nada de pegar fila na área de segurança, ninguém revistando sua bagagem de mão para ver se você não transformou sua lata de espuma de barbear em uma bomba. E, pela primeira vez na vida, eu consegui vir de avião para o Norte sem ter que parar naquela merda que é Atlanta. Obrigado... embora eu também pudesse arcar com os custos, ao que parece.

— Você se acertou com os parentes de Elizabeth, imagino.

— Foi. Eu segui seu conselho. Ofereci a casa e a região norte da ilha para eles em troca do dinheiro e das ações. Eles acharam um negócio da China e eu conseguia ver seus advogados pensando: "Wireman é advogado e hoje o cliente é um trouxa."

— Acho que não sou o único *zorro* neste barco.

— Vou ficar com mais de 80 milhões em bens líquidos. Além de várias lembranças da casa. Incluindo a caixa de biscoitos Sweet Owen da srta. Eastlake. Você acha que ela estava tentando me dizer alguma coisa com isso, '*chacho?*

Pensei em Elizabeth jogando vários bibelôs de porcelana na lata e então insistindo em que Wireman a atirasse no lago de peixes dourados. É claro que ela estava tentando lhe dizer

alguma coisa.

— Os parentes ficaram com a região norte de Duma Key, que, se desenvolvida, pode render... bem, o céu é o limite. Noventa milhões?

— Isso é o que eles pensam.

— É — concordou ele, assumindo uma expressão lúgubre. — Isso é o que eles pensam. — Ficamos algum tempo calados. Ele pegou o cilindro da minha mão. Eu conseguia ver meu rosto na lateral dele, embora distorcido pela curvatura. Não me importava de ver meu reflexo daquela forma, porém eu quase não me olhava mais no espelho. Não que tivesse envelhecido; apenas perdi o interesse nos olhos desse tal de Freemantle ultimamente. Eles tinham visto demais.

— Como estão sua mulher e sua filha?

— Pam está na Califórnia com a mãe. Melinda voltou para a França. Ela ficou um tempo com a mãe depois do funeral de Illy, mas voltou para lá. Acho que foi a coisa certa a fazer. Ela está superando.

— E quanto a você, Edgar? Você está superando?

— Não sei. Não foi Scott Fitzgerald que disse que não existe segundo ato na vida americana?

— Foi, mas ele estava bêbado como um gambá quando falou isso. — Wireman colocou o cilindro entre os pés e se inclinou para a frente. — Ouça o que eu vou dizer, Edgar, e preste bastante atenção. Na verdade, existem cinco atos, e não só nas vidas americanas, mas em cada uma que seja vivida plenamente. É a mesma coisa numa peça shakespeariana, tanto nas tragédias quanto nas comédias. Porque é disso que nossas vidas são feitas: comédia e tragédia.

— Para mim, o estoque de risadas anda baixo ultimamente — falei.

— Eu sei — concordou ele —, mas o Terceiro Ato promete. Eu estou no México agora. Contei pra você, não contei? Uma bela cidadezinha nas montanhas chamada Tamazunchale.

Tentei falar aquilo.

—Você gosta do jeito como ela sai da sua boca. Wireman está vendo que sim.

Eu sorri.

— Até que soa bem mesmo.

— Tem um hotel caindo aos pedaços à venda lá e eu estou pensando em comprá-lo. Seriam três anos de prejuízo para um negócio daqueles começar a pagar dividendos, mas minha poupança anda gorda ultimamente. Mas seria *bom* ter um sócio que entendesse alguma coisa de obras e manutenção. Claro que se você ainda estiver concentrado em questões artísticas...

— Você sabe muito bem que não...

— Então, o que você me diz? Vamos unir nossas fortunas em matrimônio.[32]

— Simon & Garfunkel, 1969 — falei. — Ou por aí. Não sei não, Wireman. Não posso decidir agora. Na verdade, tenho mais um quadro para pintar.

— Tem mesmo. E qual vai ser o tamanho dessa tempestade?

— Não sei. Mas o Canal 6 vai adorar.

— Mas vão ter avisos de sobra, certo? Danos a propriedades não tem problema, mas ninguém vai morrer.

— Ninguém vai morrer — concordei, esperando que fosse verdade, mas, uma vez que aquele membro fantasma assumia o controle, todas as apostas eram canceladas. É por isso que minha segunda carreira teve que terminar. No entanto, eu *pintaria* aquele último quadro, pois pretendia me vingar por completo. E não só por Illy; pelas outras vítimas de Perse também.

— Você tem notícias de Jack? — perguntou Wireman.

— Quase toda semana. Ele vai entrar para a Universidade Estadual da Flórida no outono. Foi meu presente. Enquanto isso, ele e a mãe estão de mudança para a costa, vão morar em Port Charlotte.

— Isso também foi presente seu?

— Na verdade... sim. — Desde que o seu pai morrera de doença de Crohn, a situação tinha ficado um pouco difícil para ele e a mãe.

— A ideia foi sua também?

— Acertou de novo.

— Então você acha que Port Charlotte é longe o bastante ao sul, que eles estarão seguros lá?

— Acho que sim.

— E quanto ao norte? Como vai ser em Tampa?

— Pancadas de chuva, no máximo. Vai ser uma tempestade pequena. Pequena, porém poderosa.

— Um Alice em miniatura. Como o de 1927.

— Exato.

Ficamos olhando um para o outro, e as garotas passaram novamente em seu barco de passeio, rindo mais alto e acenando com mais entusiasmo que antes. O doce pássaro da juventude, voando sob o efeito de drinques à tarde. Nós as cumprimentamos. Depois que elas foram embora, Wireman disse:

— Os parentes vivos da srta. Eastlake nunca precisarão se preocupar em conseguir alvarás de construção para seus novos terrenos, não é?

— Não, eu acho que não.

Ele refletiu sobre aquilo, então assentiu.

— Ótimo. Mande a ilha inteira para o fundo do mar. Por mim, tudo bem. — Ele apanhou o cilindro de prata, voltou sua atenção para a bandeirinha laranja que marca a metade do lago Phalen, então me encarou novamente. — Quer dizer algumas últimas palavras, *muchacho?*

— Quero — falei —, mas não muitas.

— Prepare-se, então. — Wireman se ajoelhou e estendeu o cilindro de prata para fora. O sol brilhou nele pelo que eu esperava ser a última vez em pelo menos mil anos... porém, algo me dizia que Perse era boa em descobrir como voltar para a superfície. Que já havia feito aquilo antes e ainda o faria novamente. Mesmo de Minnesota, ela encontraria uma maneira de voltar para o *caldo.*

Eu disse as palavras que vinha guardando na mente.

— *Durma para sempre.*

Wireman abriu os dedos. Houve um pequeno barulho de água espirrando. Nós nos debruçamos na lateral do barco e observamos o cilindro de prata deslizar suavemente até sumir de vista, com um último reflexo de luz do Sol para marcar sua descida.

ii

Wireman ficou na minha casa naquela noite, e na seguinte. Comemos bifes malpassados, bebemos chá-verde à tarde e conversamos sobre tudo, menos sobre os velhos tempos. Então, eu o levei até o aeroporto, onde ele pegaria um avião para Houston. Lá, ele planejava alugar um carro e ir para o Sul. Ver um pouco do país, ele me disse.

Ofereci-me a ir com ele até a barreira de segurança, ao que ele balançou a cabeça.

— Você não precisa ver Wireman tirar os sapatos para um aluno da faculdade de administração — disse ele. — Aqui é onde nós dizemos *adíos,* Edgar.

— Wireman... — falei, e não consegui ir além disso. Minha garganta estava cheia de lágrimas.

Ele me puxou para os seus braços e me beijou com força nas duas bochechas.

— Preste atenção, Edgar. Está na hora do Terceiro Ato. Está me entendendo?

— Sim — respondi.

— Venha para o México quando estiver preparado. E se quiser.

— Vou pensar no assunto.

— Faça isso. *Con Dios, mi amigo; siempre con Dios.*

— E você também, Wireman. Você também.

Fiquei observando-o ir embora com sua bolsa de viagem pendurada em um dos ombros. Tive uma lembrança clara e repentina da sua voz na noite em que Emery me atacara no Casarão Rosa, de Wireman gritando *cojudo de puta madre* logo antes de enfiar o castiçal no rosto daquela coisa morta. Ele foi magnífico. Torci para ele se virar novamente... e ele se

virou. Deve ter captado um pensamento, minha mãe teria dito. Ou tido uma intuição. Era isso que Nan Melda teria dito.

Ele me viu ainda parado ali e seu rosto se iluminou em um sorriso.

— Cuide do seu dia, Edgar! — gritou ele. As pessoas se viraram para olhar, assustadas.

— E deixe seu dia cuidar de você! — gritei de volta.

Ele me cumprimentou, rindo, e então entrou na área de embarque. E é claro que eu acabei *indo* para sua cidadezinha no sul, porém, embora ele esteja sempre vivo para mim nos seus ditados — sempre penso neles no presente —, eu nunca mais vi o homem em si novamente. Ele morreu de ataque cardíaco dois meses depois, na feira ao ar livre de Tamazunchale, enquanto pechinchava por tomates frescos. Achei que teria tempo, mas a gente sempre pensa esse tipo de coisa, não é mesmo? Nós nos enganamos tanto, que poderíamos viver disso.

iii

De volta à casa da Aster Lane, meu cavalete estava na sala de estar, onde a luz era boa. A tela nele estava coberta por um pedaço de pano. Do seu lado, em uma mesa com minhas tintas a óleo, havia várias fotos aéreas de Duma Key, porém, eu mal olhava para elas; via Duma Key nos meus sonhos, e ainda vejo.

Atirei o pano no sofá. No primeiro plano do meu quadro — do meu último quadro — estava o Casarão Rosa, retratado de forma tão realista que eu quase conseguia ouvir as conchas rilhando debaixo dele a cada onda que chegava.

Recostadas contra uma das palafitas — o toque surreal perfeito —, havia duas bonecas ruivas, sentadas lado a lado. À esquerda, estava Reba. À direita, estava Fancy, a que Kamen trouxera de Minnesota. A que tinha sido ideia de Illy. O golfo, geralmente tão azul durante minha estadia em Duma Key, eu pintara de um verde opaco e sinistro. Acima dele, o céu estava repleto de nuvens negras; elas se acumulavam no topo da tela e para além do alcance da visão.

Meu braço direito começou a coçar, e aquela sensação relembrada começou a fluir primeiro para dentro do meu corpo e, em seguida, através dele. Eu conseguia ver minha pintura quase através dos olhos de um deus... ou de uma deusa. Eu poderia desistir daquilo, mas não seria fácil.

Quando pintava, eu me apaixonava pelo mundo.

Quando pintava, eu me sentia completo.

Pintei mais um pouco, então coloquei o pincel de lado. Misturei marrom e amarelo com a almofada do polegar, então espalhei o resultado sobre a praia pintada... muito de leve... e uma névoa de areia se ergueu, como sob uma primeira e hesitante lufada de ar.

Em Duma Key, sob o céu negro de uma tempestade de junho iminente, um vento começou a soprar mais forte.

Como fazer um desenho (XII)

Saiba quando você acabou e, uma vez terminado, largue seu lápis ou pincel. Todo o resto é apenas vida.

Fevereiro de 2006 — Junho de 2007

Considerações finais

Eu tomei liberdades com a geografia da costa oeste da Flórida e também com sua história. Embora Dave Davis seja um personagem real — e tenha de fato desaparecido —, ele é usado aqui de forma fictícia.

E ninguém além de mim chama tempestades fora de época de “Alices” na Flórida.

Gostaria de agradecer à minha esposa, a romancista Tabitha King, que leu uma primeira versão deste livro e sugeriu modificações valiosas; a lata de biscoitos Sweet Owen foi apenas uma delas.

Gostaria de agradecer a Russ Dorr, meu velho amigo médico, que me explicou pacientemente tanto a questão da área de Broca quanto a física das lesões de contragolpe.

Também gostaria de agradecer a Chuck Verrill, que editou este livro com sua combinação habitual de gentileza e impiedade.

Teddy Rosenbaum, meu amigo e copidesque: *muchas gracias*.

E a você, meu velho amigo Leitor Constante; sempre a você.

Stephen King

Bangor, Maine

[1] WPA: Works Progress Administration, programa de geração de empregos implementado pelo governo Roosevelt para tirar os EUA da Depressão. (*N. do T.*)

[2] No original: "The Baptist Hummingbird", em referência ao nome da banda gospel de Carson Jones. (*N. do T.*)

[3] No original: "Honey, live like you got to live." (*N. do T.*)

[4] Numa tradução literal, "Fuga de Alabama". (*N. do T.*)

[5] "O sol não é bonito, mamãe, brilhando através das árvores" (*N. do T.*)

[6] NAACP: National Association for the Advancement of Colored People (Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor), instituição americana fundada em 1909 para combater o racismo nos EUA. (*N. do T.*)

[7] Os Bobbsey Twins são os protagonistas da série de livros infantis homônima, que narra as aventuras de dois casais de gêmeos: Bert e Nan, de 12 anos de idade, e Flossie e Freddie, de 6. A série compreende 72 livros, lançados nos EUA entre 1904 e 1979. (*N. do T.*)

[8] No original, "*that's where the fun is",* em referência ao último verso da música "Blinded by the Light" (Cegado pela luz), de Bruce Springsteen. (*N. do T.*)

[9] No original, "All Apologies", nome de uma música da banda Nirvana, composta por Kurt Cobain. (*N. do T.*)

[10] No original: "You can lead a whore to culture, but you can't make her think", trocadilho atribuído à escritora Dorothy Parker com a expressão idiomática inglesa "you can lead a horse to water, but you can't make it drink", literalmente, "você pode levar um cavalo até a água, mas não pode obrigá-lo a bebê-la". (*N. do T.*)

[11] No original: "In Adam's Fall, sinned we all", em referência ao primeiro verso da *New England Primer,* cartilha religiosa publicada pela primeira vez no século XVII. (*N. do T.*)

[12] No original: "*A Dandy in Aspic*", filme de espionagem de 1968, baseado em romance homônimo, chamado no Brasil de *O Espião de Dois Mundos*. (*N. do T.*)

[13] No original: "Murder on Music Row", dueto gravado em 2000 pelos cantores country Alan Jackson e George Strait. (*N. do T.*)

[14] *Absent Without Leave,* termo militar que significa, literalmente, "Ausente Sem Permissão". (*N. do T.*)

[15] No original, "Maxwell's Silver Hammer", terceira faixa do álbum Abbey Road, dos Beatles. (*N do T.*)

[16] "Se eu nunca tivesse amado, jamais teria chorado." (*N. do T.*)

[17] No original: "Smoke!" Em i nglês, a palavra "smoke" pode significar tanto o verbo "fumar" quanto "fumaça". (*N. do T.*)

[18] No original: "*Do a bunk*."(*N. do T.*)

[19] Gidget faz referência ao seriado de televisão norte-americano *Gidget,* com Sally Field estrelando no papel principal, de uma adolescente surfista na Califórnia órfã de mãe. (*N. do T.*)

[20] No original, "A god said", brincadeira fonética intraduzível com a pronúncia da sucessão de letras AGODSED. (*N. do T.*)

[21] O estádio dos *Gators* ("Crocodilos"), time de futebol americano da Universidade da Flórida, é apelidado *The Swamp,* "O Pântano". (*N. do T.*)

[22] No original, "I will survive", nome da famosa canção de Gloria Gaynor. (*N. do T.*)

[23] Canção dos Beatles, também do álbum Abbey Road. Literalmente: "Jardim do Polvo". (*N. do T.*)

[24] No original: "*The angels want to wear my red shoes*", verso da canção homônima de Elvis Costello. (N do T.)

[25] No original: "Glory be to God for dappled things", em referência ao primeiro poema "Peid Beauty", de Gerard Manley Hopkins. (*N. do T.*)

[26] No original, "*shipped",* trocadilho com a palavra inglesa "ship", que pode significar tanto os verbos "despachar", "enviar", quanto o substantivo "navio". (*N. do T.*)

[27] No original, “Achy Breaky Heart”, primeiro sucesso do cantor country Billy Ray Cyrus. (*N. do T.*)

[28] No original: “*One big old handgun, made by badass Hebrews”,* verso da música “Choctaw Bingo”, de James McMurtry. (*N. do T.*)

[29] No original: “The future is not ours to see”, verso da canção “Que será, será , Livingstone e Ray Evans, popularizada por Doris Day. (*N. do T.*)

[30] No original: “*Mama bought a chicken, thought it was a duck; Sat it on the table with the stickin up?* (*N. do T.*)

[31] Referência a um esquete clássico do programa humorístico americano *Saturday ght Live.* Nele, John Belushi interpretava um grego dono de um restaurante no qual os clientes só conseguiam pedir Pepsi, pois sempre que tentavam pedir Coca-Cola, Belushi respondia: “Coca, não! Pepsi!” (*N. do T.*)

[32] No original: “*Let us marry our fortunes together”,* corruptela do primeiro verso da música “America”, de Paul Simon, “*Let us be lovers we’ll marry our fortunes together”*. (*N. do T.*)